



**LUÍS CARLOS  
S. BRANCO**

**ANTÓNIO ANTES DE VARIAÇÕES:  
O PERCURSO INICIAL DO CANTOR**



**Universidade de Aveiro** Departamento de Línguas e Culturas  
2018

**LUÍS CARLOS  
S. BRANCO**

**ANTÓNIO ANTES DE VARIAÇÕES:  
O PERCURSO INICIAL DO CANTOR**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, na variante de Estudos Portugueses, realizada sob a orientação científica do Prof. Doutor António Nuno Rosmaninho Rolo, Professor Associado com Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Esta dissertação é dedicada ao António Variações e ao meu Anjo da Guarda.

## **o júri**

Presidente

Prof. Doutor Paulo Alexandre Cardoso Pereira  
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro (Presidente)

## **Vogais**

Prof. Doutor Osvaldo Manuel Alves Pereira Silvestre  
Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Arguente)

Prof. Doutor António Nuno Rosmaninho Rolo  
Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro (Orientador).

**agradecimentos**

## palavras-chave

António Variações, pós 25 de Abril, *movida* lisboeta dos anos 80, *boom* do *rock* português, performismo, artista multimédia, *prog-rock*, *pós-punk*, preconceito, força de vontade

## resumo

António Variações é uma figura maior da História da Música Moderna Portuguesa e da nossa cultura. Embora a maioria de nós tenha a sensação de que foi mais tempo, a sua fulgurante carreira durou somente dois anos, de 1982 a 1984. Provavelmente, foi o artista português mais marcante do pós 25 de Abril. A sua obra lírico-musical continua hoje a ser celebrada das mais diversas formas. No cinema e no teatro, nos inúmeros artigos que continuam a ser escritos sobre ele, e nas homenagens feitas pelos músicos das novíssimas gerações, como Samuel Úria, Linda Martini, Deolinda, Gisela João e Janeiro. Todos eles têm ido beber à sua obra, e, num ou noutro momento, assumiram-se como devedores do seu trabalho. Mas também as ideias de Variações sobre a identidade nacional e o seu pensamento crítico continuam hoje a ser pertinentes. António Variações não perdeu atualidade: continua a ser relevante na contemporaneidade.

Um das razões para isso é, sem dúvida, o facto de continuarmos a não o compreender. Ontem como hoje, ele permanece, em grande medida, um mistério para nós. Ainda para mais, se tivermos em conta que, passados quase quarenta anos do seu desaparecimento, não surgiu, entre nós, nenhum outro criador que se lhe assemelhe. Artistas como Pedro Abrunhosa, Paulo Bragança e B-Fachada partilham com ele muitos traços, mas Variações continua a ser um caso único, e, pelos vistos, irrepetível.

Porque é que ele é, afinal, um caso singular na história da nossa cultura? Uma das razões para isso prende-se com o facto de ter aparecido já como um artista maduro, com uma obra inteira, estruturalmente forte, duma grande coerência estética, o que é algo muito pouco usual para quem está a começar. Note-se que ele começou a gravar relativamente tarde; tinha trinta e sete anos quando lançou o seu primeiro trabalho.

Portanto, donde é que veio essa inteireza, como é que ele chegou àquele universo multimédia com que se apresentou logo no primeiro trabalho? Parece-me que só há um modo de esclarecer esta questão: estudando o seu percurso para trás, observando as experiências musicais e artísticas que encetou antes, percebendo os seus passos em falso e as correntes estéticas que foi abraçando, delimitando bem as que descartou e as que desenvolveu. Ele só adotou o epíteto “Variações” quando editou a sua obra debutante, o *maxi-single* “Estou Além/Povo que Lavas no Rio”, antes disso, apresentava-se simplesmente como “António Autor-Intérprete” – é este que esta dissertação se propõe estudar, dilucidando esse seu percurso artístico antecedente. Antes de sabermos quem foi António Variações, precisamos de saber quem foi ele antes de o ser.

**keywords**

António Variações, post 1974 Portuguese Revolution, 1980's Lisbon artistic and intellectual movida, Portuguese rock boom, multimedial artist, performer, prog rock, post-punk, prejudice, willpower

**abstract**

António Variações is a major figure in the history of modern Portuguese music and culture. Although most of us have the feeling that it was longer, his brilliant career lasted only two years, from 1982 to 1984. He was probably the most striking artist of the post-April 25. His literary and musical work continues to be celebrated in many different ways today. In movies and theater, in the numerous articles that continues to be written about him and in the tributes paid by the musicians of the new generations, such as Samuel Úria, Linda Martini, Deolinda, Gisela João and Janeiro. All of them refer his work as a source of continuous inspiration, at one time or the other, they have assumed themselves as debtors of Variações's work. But also his ideas about national identity and his critical thinking are still being referred to nowadays. Therefore António Variações continues to be quite relevant in contemporary times.

Undoubtedly, one of the main reasons for this scenario is the fact that we still do not understand him nor his work. To a large extent, he remains a mystery to us. Moreover, if we take into account that, almost forty years after his disappearance, no other creator of his kind has emerged in Portugal. Although artists such as Pedro Abrunhosa, Paulo Bragança and B-Fachada share aesthetic traits with him, António Variações remains quite unique and irrepeatable.

Why is he such a singular case among us? One of the reasons is that, from the beginning, he had appeared to us already as a mature artista, with a whole, structured strong body of work, with great aesthetic coherence, which is something unusual for a beginner. Note he began to record when he was already 37 years old.

So, where did this artistic maturity come from, how did he come to create the multimedial universe with which he presented himself in his first piece of work? It seems to me there is only one way of perceiving these issues: by studying his course backwards, observing the musical and artistic experiences he had before becoming a public persona. He adopted the epithet "Variações" when his debut work, the maxi-single "Estou Além/Povo que Lavas no Rio", was released. Before that he presented himself as "António, Author and Singer" – and this is exactly what this dissertation proposes to study: his background. Before we know who António Variações was, we need to acknowledge who he was earlier in his aesthetic course.

## SUMÁRIO

<b>Introdução: Em busca do António Variações que não conhecemos</b> -----	13
<b>Cap.1. Biografia Sumária</b> -----	25
<b>Cap.2. Preconceitos e Mitificação</b> -----	72
<b>Cap. 3. Personalidade Artística</b> -----	115
<b>Cap.4. Aprendiz de Cantautor <i>Pop-Rock</i></b> -----	133
<b>Cap. 5. A Evolução Performativa</b> -----	212
<b>Cap. 6. Variações e a Problemática da Identidade Nacional</b> -----	232
<b>Cap. 7. Considerações Finais</b> -----	244
<b>Cronologia</b> -----	255
<b>Bibliografia</b> -----	276
<b>Discografia</b> -----	287
<b>Videocinematografia</b> -----	288
<b>Redegrafia</b> -----	290
<b>Anexo I. Coletânea Lírica de António Variações</b> -----	291
<b>Anexo II. Antologia de Entrevistas a António Variações</b> -----	390
<b>Anexo III. Entrevistas a Pessoas Próximas de António Variações</b> -----	464



## Índice da Dissertação

O júri

Agradecimentos e dedicatória

Resumo e palavras-chave

*Keywords and abstract*

Índice da dissertação

**Introdução: Em busca do António Variações que não conhecemos** -----13

**Epígrafe inicial** -----24

**Cap.1. Biografia Sumária** -----25

1.1.A infância -----26

    1.1.1. Os pais -----26

    1.1.2. Vivências infantis -----26

    1.1.3. A presença da música em ambiente familiar -----27

1.2. Mudança para Lisboa -----28

1.3. Na Guerra Colonial -----29

1.4. Estadia em Londres -----30

1.5. Fernando Ataíde, o seu primeiro grande amor -----30

1.6. Amizade com o ator e encenador Fernando Heitor -----31

1.7. Amesterdão: um ponto de viragem -----33

1.8. Ascensão no elitista meio barbeiro lisboeta -----35

    1.8.1. No Salão cabeleireiro unissexo Isabel Queiroz do Vale -----35

    1.8.2. Do Baeta até à sua própria barbearia: É Pró Menino e Prá Menina -----36

1.8.3. Barbeiro- <i>Happenings</i> no Frágil e nos Alunos de Apolo -----	36
1.9. Assinatura do Contrato com a editora Emi-Valentim de Carvalho -----	37
1.10. Estreia ao vivo num espaço próprio para concertos: o Scarlatty Club -----	39
1.11. Participação cinematográfica no filme <i>O Bobo</i> , de José Álvaro Morais -----	40
1.12. Fotografias e audição para os Corpo Diplomático -----	41
1.13. Atuações ao vivo: do Trumps ao Rock Rendez Vous -----	42
1.14. O percurso até chegar à atuação no marcante <i>Passeio dos Alegres</i> -----	45
1.14.1. O papel mediador de Luís Filipe Barros -----	45
1.14.2. Atuação no célebre programa de rádio <i>A Febre de Sábado de Manhã</i> -----	46
1.14.3. Atuação performática no <i>Passeio dos Alegres</i> -----	46
1.15. O <i>Meia de Rock</i> e os músicos da futura A Jovem Guarda -----	47
1.15.1. Final dos António & Variações e aproximação de António a músicos mais jovens -----	47
1.15.2. Participação no programa radiofónico <i>Meia de Rock</i> -----	50
1.16. Finalmente a tão desejada edição do seu primeiro trabalho -----	52
1.16.1. Início das sessões de gravação do seu disco debutante: o papel desbloqueador de Nuno Rodrigues -----	52
1.16.2. O contexto real duma frase que veio a tornar-se famosa, “Entre Braga e Nova Iorque”, e a ação preponderante de Ricardo Camacho -----	52
1.16.3. Lançamento do <i>maxi</i> estreante com as canções “Estou Além/Povo que Lavas no Rio” -----	53
1.17. Algumas reações de desagrado do público face a Variações -----	54
1.17.1. Participação inglória na Grande Noite do Fado -----	54

1.17.2. Apupos e pedras na Feira Popular -----	56
1.17.3. Reação áspera, pouco cordial, de Amália Rodrigues perante Variações ---	58
1.17.4. Um exemplo contrastante: a elogiada presença do cantor na exposição <i>Depois do Modernismo</i> -----	62
1.18. Lançamento do seu primeiro LP e respetivo sucesso massivo junto do público ----	63
1.18.1. <i>Anjo da Guarda</i> : um disco repleto de <i>hits</i> -----	63
1.18.2. Os seus agentes, José Ferreira de Melo e Teresa Couto Pinto, e o seu papel em fases distintas na carreira do cantor -----	64
1.19. Feitura da sua derradeira obra: <i>Dar &amp; Receber</i> -----	65
1.20. Doença devastadora e inusitada: a morte na flor da idade -----	66
1.20.1. Última aparição televisiva, cancelamento de espetáculos e hospitalização	66
1.20.2. O Canto do Cisne -----	67
1.21. Exéquias e especulação -----	68
<b>Cap.2 Preconceitos e Mitificação</b> -----	72
2.1. Alguns mitos e preconceitos em torno de António Variações -----	73
2.2. Mitos pessoais -----	74
2.2.1. O mito de que Variações era uma figura consensual, adorada por todos ----	74
2.2.2. O mito de que Variações era inculto e um quase analfabeto -----	80
2.3. Mitos identitários -----	84
2.3.1. O mito de que o lugar mais importante para Variações era o seu Minho natal -----	84
2.3.2. Prospeção à célebre frase que Variações não proferiu: “Entre Braga e Nova Iorque” -----	87

2.3.3. O rasurar de “Nova Iorque” e o enaltecer de “Braga”	
<i>(o carregar nas tintas da portugalidade e fingir que o internacionalismo não existe nele)</i> -----	92
2.4. Mitos musicais -----	99
2.4.1. O mito de que Variações desafinava e era um desenquadrado musical ----	99
2.4.2. O mito de que Variações tinha uma voz fraca e o mito oposto -----	103
2.4.3. O mito de que a forma de compor de Variações era demasiado estranha, o que impediu ter sido gravado mais cedo -----	106
2.4.4. O mito de que Variações não poderia ter sido gravado antes -----	109
<b>Cap. 3. Personalidade Artística</b> -----	115
3.1. Uma identidade artística múltipla: experimentar todos os estilos musicais -----	116
3.2. Vocação precoce para a vida artística e para a criação musical -----	117
3.3. Irrefreável Vontade de vencer -----	120
3.4. Um artista multimédia e um ator <i>pop</i> -----	123
3.5. Exigente e rigoroso -----	126
3.6. Uma entrega total à sua obra -----	129
3.7. Discreto e bondoso -----	130
3.8. Uma breve palavra sobre o fogo e António Variações -----	132
<b>Cap.4. Aprendiz de Cantautor <i>Pop-Rock</i></b> -----	133
4.1. António Variações <i>deleter</i> e a sua insaciável curiosidade -----	134
4.2. O consumo cultural de Variações: livros de poesia, teatro, cinema, colecionismo, jornais e revistas -----	140
4.3. Os passos em volta de António Variações: os Lugares -----	145

4.3.1. A terra natal: romarias e folclore -----	145
4.3.2. Variações, um trota-mundos na geração do <i>interrail</i> e das viagens frequentes aos grandes centros urbanos internacionais -----	151
4.3.2.1. A <i>swinging London</i> dos anos 70 -----	154
4.3.2.2. Nova Iorque fora de horas -----	157
4.3.2.3. Amesterdão, uma segunda casa e um ponto de viragem -----	163
4.4. O Portugal que Variações habitou: a mentalidade reinante e o seu contrário -----	168
4.4.1. O PREC. e o PCC -----	168
4.4.2. Censura no Portugal pós 25 de abril -----	171
4.5. A <i>Movida</i> Lisboaeta dos anos 80 -----	181
4.5.1. A geração intelectual lisboeta dos anos 80 entre o Frágil e o Dramático de Cascais -----	181
4.5.2. Orgulhosamente acompanhados -----	184
4.5.3. A exuberância enquanto valor estético: o início da indústria da moda e do estilismo em Portugal -----	188
4.6. A paisagem sonora dos anos 80 em Portugal -----	196
4.6.1. <i>Dj's</i> e Radialistas, arautos da mudança na paisagem sonora Portuguesa ---	196
4.6.2. Espetáculos de <i>pop-rock</i> num país acabado de sair de 40 anos de ditadura e 300 de censura oficial -----	203
<b>Cap. 5. A Evolução Performativa -----</b>	<b>212</b>
5.1. António autor-intérprete mimo e romeiro -----	213
5.2. António autor-intérprete <i>hippie</i> e Amaliano -----	215
5.3. António autor-intérprete <i>prog-rocker, glam rocker e punk</i> -----	219

5.4. António autor-intérprete, um pós- <i>punk</i> imerso no <i>boom</i> do <i>rock</i> Português -----	225
<b>Cap. 6. Variações e a Problemática da Identidade Nacional -----</b>	<b>232</b>
6.1. O paradigma da portugalidade na música <i>pop-rock</i> Portuguesa -----	233
6.2. Miguel Esteves Cardoso e António Variações: duas faces, um só rosto -----	237
6.3. O seu grupo de pertença musical -----	242
<b>Cap. 7. Considerações Finais -----</b>	<b>244</b>
7.1. Que tipo de artista foi António Variações? -----	245
7.1.1. Ecletismo e uma grande atenção à realidade -----	247
7.1.2. Um “cantor-espetáculo” -----	248
7.2. Um artista do seu tempo num país entre dois tempos -----	249
<b>Epígrafe final -----</b>	<b>254</b>
Cronologia -----	255
Bibliografia -----	276
Discografia -----	287
Videocinematografia -----	288
Redegrafia -----	290
<b>Anexo I. Coletânea Lírica de António Variações -----</b>	<b>291</b>
Índice -----	292
Introdução -----	295
Escrever a Eternidade: A Arte Holística de António Variações -----	295
<b>1 - Trabalhos de Variações editados em vida -----</b>	<b>298</b>
<b>Fase A: Fase performista e pós-<i>punk</i> 1981 -----</b>	<b>299</b>

<b>Single Imaginário</b> .....	299
Toma o Comprimido .....	300
Não me Consumas .....	303
<b>Fase B: Manifesto Artístico-Identitário</b> .....	306
<b>1.ª Obra, maxi-single, 1982</b> .....	306
Estou Além .....	307
Povo que Lavas no Rio .....	310
<b>Fase C: O transcendente popular em modulação <i>pop-rock</i></b> .....	312
<b>1.º LP, <i>Anjo da Guarda</i>, 1983</b> .....	312
... O Corpo é que Paga .....	313
Visões-Ficções (Nostradamus) .....	316
Quando fala Um Português ... ..	318
Sempre Ausente .....	319
Linha-Vida .....	322
É P'rá Amanhã... ..	324
Onda-Morna .....	326
Anjinho da Guarda .....	328
Voz-Amália-de-Nós .....	330
<b>Fase D: Fase Memorialista e Fusionista</b> .....	332
<b>2.º LP, <i>Dar &amp; Receber</i>, 1984</b> .....	332
Perdi a Memória .....	333
Canção de Engate .....	335

Canção -----	337
Dar e Receber -----	338
Quem Feio ama... -----	340
...Que Pena seres Vigarista -----	341
Olhei p´ra Trás -----	343
Erva Daninha alastrar -----	345
Deolinda de Jesus -----	348
Minha Cara sem Fronteiras -----	350
<b>2 - O Legado pós-morte de António Variações -----</b>	<b>352</b>
<b><i>LP de Lena D´Água, Tu Aqui, 1989 -----</i></b>	<b>353</b>
Tu Aqui -----	354
A Teia -----	356
Adeus -----	357
Já Não sou Quem era -----	360
A Culpa é da Vontade -----	362
<b><i>LP do projeto Humanos, Humanos, 2004 -----</i></b>	<b>364</b>
Quero é Viver -----	365
Muda de Vida -----	367
Na Lama -----	368
Maria Albertina -----	370
Rugas -----	371
Gelado de Verão -----	372



Amor de Conserva -----	374
<b>LP dos O´QueStrada, <i>AtlanticBeat mad´ in Portugal</i>, 2014 -----</b>	<b>375</b>
Parei na Madrugada -----	376
<b>LP de Telmo Pires, <i>Ser Fado</i>, 2016 -----</b>	<b>377</b>
Ao Passar por Braga Abaixo -----	378
<b>3 – Algumas canções do acervo de António Variações -----</b>	<b>380</b>
Guerra Nuclear (ao Deus da Vida) -----	381
Rudy-Ruby -----	383
Give me a Little Time -----	389
<b>Anexo II. Antologia de Entrevistas a António Variações -----</b>	<b>390</b>
<b>Índice -----</b>	<b>391</b>
<b>Transcrição das entrevistas -----</b>	<b>393</b>
<b>1981 -----</b>	<b>394</b>
Entrevista ao <i>Meia de Rock</i> -----	395
(20 de dezembro)	
<b>1982 -----</b>	<b>399</b>
Entrevista a Rui Leitão: “António (cabeleireiro) faz ondas na música” -----	400
(5 de junho)	
Entrevista ao <i>Tempo</i> : “António Variações: «É preciso fugir à monotonia»” -----	405
(17 de junho)	
Entrevista a Manuela Gonzaga: “A <i>TV Top</i> almoçou com António Variações: «A tesoura ganha para a música»” -----	410
(21 de junho)	

<b>1983</b> .....	415
Entrevista ao Globo: “António Variações: «Já tive várias profissões, mas o meu escape é a música»” .....	416
(21 de março)	
Entrevista a Pedro Duarte: “Cantor, barbeiro, Anjo da Guarda; António Variações: o dever da diferença” .....	421
(30 de março)	
Entrevista a Edite Martins Carvalho: “António Variações: «Quero ser um músico popular»” .....	430
(14 de abril)	
Entrevista a Rui Monteiro: “ O Direito à Diferença” .....	436
(6 de maio)	
Entrevista a Inês Pedrosa: “Cantor e barbeiro: Variações sobre um António” .....	443
(2 de junho)	
Entrevista a Manuela Gonzaga: “António Variações: de soldado a general” .....	449
(18 de julho)	
Entrevista a Cláudia Baptista: “A infância desconhecida do cantor exótico” .....	454
(20 de julho)	
Entrevista à revista <i>Coquete</i> : “António Variações: «Não sou oportunista»” .....	460
(27 de outubro)	
<b>Anexo III. Entrevistas a Pessoas Próximas de António Variações</b> .....	464
<b>Índice</b> .....	465
<b>Agradecimentos</b> .....	466

<b>Introdução Breve</b> -----	467
<b>Transcrição das entrevistas</b> -----	468
Entrevista ao ator Fernando Heitor -----	469
Entrevista ao apresentador Júlio Isidro -----	478
Entrevista ao músico e <i>designer</i> Luís Carlos Amaro -----	487
Entrevista à <i>manager</i> Teresa Couto Pinto -----	494
Entrevista ao músico Pedro Ayres Magalhães -----	497
Notas sobre conversas com o seu irmão Jaime Ribeiro -----	523

**ADVERTÊNCIA:**

*Chama-se a atenção para o facto de que os materiais respeitantes ao Acervo de António Variações, referidos nesta dissertação, se encontram protegidos por Direitos de Autor, e não poderão, de modo algum, ser reproduzidos, nem daqui retirados. Quem abusivamente os reproduzir arrisca-se a sofrer as devidas consequências legais.*

*Agradeço ao Dr. Jaime Ribeiro a permissão para os utilizar, no âmbito desta dissertação.*

*O autor da dissertação António Antes de Variações: o Percorso Inicial do Cantor,*

*Aveiro, 30 de outubro de 2018*

*Ass.:*

## **INTRODUÇÃO: EM BUSCA DO ANTÓNIO VARIAÇÕES QUE NÃO CONHECEMOS**

### **Objetivos desta dissertação**

António Variações é uma figura maior da História da Música Moderna Portuguesa e da nossa cultura. Embora a maioria de nós tenha a sensação de que foi mais tempo, a sua fulgurante carreira durou somente dois anos, de 1982 a 1984. Provavelmente, foi o artista mais marcante do pós 25 de Abril. A sua obra lírico-musical continua hoje a ser celebrada das mais diversas formas. No cinema e no teatro, nos inúmeros artigos que continuam a ser escritos sobre ele, e nas homenagens feitas pelos músicos das novíssimas gerações, como Samuel Úria, Linda Martini, Deolinda, Gisela João e Janeiro. Todos eles têm ido beber à sua obra e, num ou noutro momento, assumiram-se como devedores do seu trabalho. Mas também as suas ideias sobre a identidade nacional, e o seu pensamento crítico, continuam hoje a ser pertinentes. António Variações não perdeu atualidade: continua a ser relevante na contemporaneidade.

Uma das razões para isso é, sem dúvida, o facto de continuarmos a não compreendê-lo. Ontem como hoje, ele permanece, em grande medida, um mistério para nós. Ainda para mais, se tivermos em conta que, passados quase quarenta anos do seu desaparecimento, não surgiu, entre nós, nenhum outro criador que se lhe assemelhe. Artistas como Pedro Abrunhosa, Paulo Bragança e B-Fachada partilham com ele muitos traços, mas Variações continua a ser um caso único e irrepetível.

Porque é que ele é um caso singular na História da nossa cultura? Uma das razões para isso é o facto de ter aparecido já como um artista maduro, com uma obra inteira, estruturalmente forte, dum grande coerência estética, o que é algo muito pouco usual para quem está a começar. Note-se que ele começou a gravar relativamente tarde; tinha 37 anos quando lançou o seu primeiro trabalho.

Portanto, donde é que veio essa inteireza, como é que ele chegou àquele universo multimédia com que se apresentou logo no primeiro trabalho? Parece-me que só há um

modo de perceber isso: estudando o seu percurso para trás, observando as experiências musicais e artísticas que encetou antes, percebendo os seus passos em falso e as correntes estéticas que foi abraçando, delimitando bem as que descartou e as que desenvolveu. Ele só adotou o epíteto “Variações” quando editou a sua obra debutante, o *maxi* “Estou Além/Povo que Lavas no Rio”; antes apresentava-se simplesmente como “António, autor-intérprete” – é este que esta dissertação se propõe estudar, dilucidando esse seu percurso artístico antecedente. Antes de sabermos quem foi António Variações, precisamos de saber quem foi ele antes de o ser. São estas as premissas para este estudo.

Chamo, no entanto, a atenção para o seguinte. Antes de proceder a essa prospeção, relativa ao António antes de se tornar António Variações, tornou-se necessário averiguar alguns aspetos posteriores. A certa altura do meu trabalho de investigação, deparei-me com dois enormes obstáculos: o discurso à volta de Variações e o anacronismo com que, muitas vezes, se tem olhado para ele. Sem desmontar e desconstruir estas duas barreiras seria impossível analisar com clareza o percurso do cantor. Assim, quer estudando um certo tipo de discurso mitificador que se tem propalado, ao longo do tempo, em relação a ele, quer cotejando as suas ideias sobre a identidade nacional com as dos seus pares coetâneos, tentei esclarecer estes aspetos. Seria, aliás, impraticável estudar o percurso inicial do cantor, sem antes se proceder a este processo de desambiguação, pois, António autor-intérprete e António Variações estão umbilicalmente interligados.

## **Fontes Primárias**

Pude consultar o acervo de António Variações, que está ao cuidado do seu irmão, o Dr. Jaime Ribeiro, advogado. Aquando do *Variações sobre António: um colóquio em torno de António Variações*, realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em dezembro de 2017, combinei com ele uma possível ida a Lisboa para estudar e registar o acervo. Ele foi duma grande gentileza e permitiu-me ficar no espaço do seu escritório, onde o referido material está guardado, num compartimento à parte.

Ao chegar lá, com a exceção de algumas fotografias ordenadas, deparei-me com todos os materiais misturados e desorganizados. Os primeiros dias foram dedicados a separá-los por temáticas e a organizá-los; só depois os registei.

Dado a parte visual e plástica estar já, na sua grande maioria, fotografada no catálogo do leilão das peças de Variações, optei por registar os outros itens: fotografias, dactiloscritos das letras-poemas, recortes de jornais guardados pelo cantor, recordações de viagens, parte da sua discografia pessoal, cartas, etc.

Assinale-se que o acervo está incompleto, pois, faltam as peças entretanto vendidas no mencionado leilão, em 2009, caso das cassetes onde Variações gravava as suas canções ou a cabeça de manequim que aparece na capa de *Anjo da Guarda* e que pertence agora ao ator Júlio César, que a comprou. Além disso, os outros irmãos também guardaram alguns pertences de Variações. Portanto, encontrei documentos utilíssimos, mas faltaram outros.

Foi-me também facultada, por Jaime Ribeiro, a transcrição do conteúdo das cassetes pessoais de Variações, feita por Nuno Galopim, aquando do projeto Humanos, contendo, para lá de canções inéditas, obras musicais de outros autores que Variações gravou e programas radiofónicos gravados por ele.

Em suma, foi muito importante poder consultar e estudar o acervo. Muitas questões foram elucidadas e outras novas surgiram.

A partir de determinada altura, apercebi-me que muitas questões só poderiam ser verdadeiramente respondidas se interrogasse quem lidou de perto com Variações. Assim, resolvi fazer algumas entrevistas seletivas. Elas revelaram-se fundamentais e trouxeram muitos dados novos.

Por exemplo, a entrevista ao ator e amigo de Variações, Fernando Heitor, permitiu conhecer o Variações jovem, na casa dos vinte, perceber os seus interesses e o que queria nessa altura. Ou a entrevista a Luís Carlos Amaro, atualmente *designer* gráfico ligado à música *rock*, que foi baixista de Variações no ano imediatamente anterior ao lançamento do seu primeiro disco, que ajudou a desvendar a faceta, pouco conhecida, de Variações apreciador de música *rock* vanguardista e pós-*punk*.

Esta dissertação pretende estudar Variações integrado no seu tempo e perceber o melhor possível onde é que ele se enquadrava. Nesse sentido, consultei, por sugestão do meu orientador, no Depósito Legal da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, vários jornais da época, com destaque para o *Sete*, a *Música & Som*, o *Jornal de Letras* e algumas revistas do mundo artístico como a *TV-Top* e a *Coquete*. O meu orientador facultou-me também a sua coleção de jornais. Nesta coleção, coincidentemente, encontrei um número do *JL* que Variações guardara, e que consta do seu acervo.

A pesquisa no Depósito Legal foi fundamental para perceber o papel da geração de músicos a que pertence Variações nas transformações do Portugal pós 25 de Abril. Pude também aceder às entrevistas dele, dessa época, e às dos seus pares. Consegui, através destas consultas, traçar um retrato epocal fulcral para se perceber onde realmente estava e o que é que fazia mover “António autor-intérprete”.

Para uma melhor arrumação de ideias, constarão nos anexos somente os materiais referidos diretamente na dissertação e não os outros. Por uma questão de honestidade intelectual, pareceu-me ser esta a forma mais correta de dar a conhecer os materiais recolhidos.

## **Fontes secundárias**

A bibliografia em torno de António Variações é ainda muito escassa.

Existem alguns trabalhos esparsos interessantes, como um artigo de Tiago Monteiro e outro de Paula Guerra.

Paulo Pepe, Professor na Universidade de Birmingham, dedicou a sua tese de doutoramento, intitulada *Do Pop ao Teatro de Rua*, ao estudo da vertente *queerizante* de António Variações e do artista de rua espanhol José Pérez Ocaña, ambos artistas *gays*, e o seu papel na luta pelos direitos dos homossexuais na Península Ibérica, em correlação com a ditadura salazarista e franquista.

Parece-me uma tese bem estruturada e perceptível. Contém uma análise da condição dos homossexuais em Portugal e Espanha. Está a par das teorias de género na qual se baseia, articulando-as de modo pertinente com as obras dos dois artistas em questão.

Existem nela alguns erros que deveriam ser corrigidos. Por exemplo, Pepe dedica várias páginas à análise crítica dum teledisco e faz várias deduções hermenêuticas a partir daí, quando, na verdade, esse teledisco não é o original feito com *Variações*; é muito posterior. É uma montagem que inclui imagens de outros telediscos de *Variações* e onde foram incorporadas imagens de bailarinos a dançar.<sup>1</sup> Pepe trata este videoclipe adulterado como se tivesse sido feito em 1983. Faz as seguintes afirmações: “(...) surgem dançarinos masculinos embora tal pudesse não ser bem visto culturalmente, já que a sociedade Portuguesa tinha acabado de sair há pouco tempo da ditadura salazarista. (...) esta *performance* do dançarino subverte a masculinidade portuguesa (...) rompe com os valores tradicionais e culturais da sociedade portuguesa desta altura”.<sup>2</sup> Mas qual altura, se as imagens dos bailarinos foram já inseridas no século XXI?

A certa altura, o autor refere que: “em 1981 António *Variações* lançou o seu primeiro álbum”.<sup>3</sup> Tal é falso. O primeiro trabalho, um *maxi-single* foi editado em 1982 e o seu primeiro álbum em 1983. Terá sido uma gralha?

Por vezes, Pepe faz postulações discutíveis. Por exemplo, ele interpreta toda a obra no âmbito da questão *queer* e da homossexualidade de *Variações*, o que me parece redutor e esquece outras dimensões da obra do cantautor. Seja como for, e ainda que possa

---

<sup>1</sup> Paulo Pepe (2017). *Do Pop ao Teatro de Rua: Revoluções Ibéricas de Género em António Variações e José Pérez Ocaña*. Lisboa: Chiado Editora, p.173 et. seq.. O teledisco adulterado que Pepe refere está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PIOrHickUwM>

E existe outro, igualmente não original, disponível em:

[www.youtube.com/watch?v=R8DrXK8WS4k](https://www.youtube.com/watch?v=R8DrXK8WS4k)

<sup>2</sup> Paulo Pepe (2017). *Do Pop ao Teatro de Rua: Revoluções Ibéricas de Género em António Variações e José Pérez Ocaña*. Lisboa: Chiado Editora, pp.173-174.

<sup>3</sup> Paulo Pepe (2017). *Do Pop ao Teatro de Rua: Revoluções Ibéricas de Género em António Variações e José Pérez Ocaña*. Lisboa: Chiado Editora, p. 193.



discordar dele, Pepe faz as suas propostas com seriedade e com conhecimento de causa, sobretudo, no que concerne às questões de género. A sua leitura, a esse nível, foi proveitosa.

Foi feita uma coletânea lírica das letras-poemas de *Variações*, intitulada, *Muda de Vida*, editada pela Relógio d'Água em 2006, que enferma de alguns males assinaláveis.

Não se fez a confrontação entre as letras-poemas que aparecem transcritas nos encartes dos discos e as palavras que ele realmente canta nas gravações, deixando de fora algumas variações e adendas que ele fazia ao gravar. Além disso, juntaram-se as letras todas editadas após a sua morte num único capítulo, sem se fazer a mínima referência à sua proveniência e à sua datação. Essas letras-poemas foram usadas por Lena d'Água e pelos Humanos, mas tal não está detalhado, nem sequer referido. Estranha-se muito que esta seja uma recolha sem autoria, pois, não aparece o nome de ninguém. Seja ele quem for, julgo que fez um trabalho incompleto. Assim sendo, pareceu-me útil fazer eu mesmo uma coletânea onde, tanto quanto possível, tento colmatar as falhas apontadas, e introduzo algumas letras-poemas recolhidas no acervo sonoro de *Variações*. Esta coletânea faz parte dos anexos.

Existe uma biografia sobre a vida de *Variações*, *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*, da autoria de Manuela Gonzaga. Existem duas versões desta biografia: uma lançada em 2006 e outra, lançada por outra editora, a Bertrand, em 2018. É uma obra interessante e aconselhável, mas que tem alguns pontos menos positivos.

Numa biografia, seria de esperar que os capítulos fossem bem ordenados e que seguissem uma ordem cronológica, do princípio para ao fim, mas tal nem sempre sucede. A autora, num capítulo em que supostamente deveria tratar dum determinado tema, passa de repente, para outro que se passou anos atrás ou à frente. Estas derivas são constantes e prejudicam muito a leitura e a perceção cronológica da vida de *Variações*.

Alguns capítulos parecem ser feitos da mistura de pedaços de vários. Por exemplo, o que se intitula “Dar Dar Dar e Receber”, ao contrário do que o título parece indicar, não trata da feitura do segundo *LP* de *Variações*. Nele, temos, pelo contrário, páginas sobre o primeiro *LP*, *Anjo da Guarda*, a seguir refere o Bairro Alto e, logo depois, uma exposição, desta passa para os espetáculos de verão do cantor, para a casa do cantor, que já fora

referida em capítulos anteriores, depois temo-lo na infância. No início do capítulo n.º 9, fala-se do êxito de *Anjo da Guarda*, e, imediatamente a seguir, na hospitalização e morte do cantor. Na página 271 estamos em pleno funeral do cantor, mas, logo depois, já o temos novamente vivo a gravar *Dar & Receber* com os Heróis do Mar.<sup>4</sup>

Há, por vezes, saltos cronológicos inusitados. Por exemplo, na página 268, *Anjo da Guarda* está nos topes (verão de 1983), duas páginas adiante, já temos *Variações*, antes de ser entubado, a dizer as suas últimas palavras (junho de 1984), isto quando ainda faltam muitas páginas para o final do livro. Também a primeira vez em que *Variações* se apresenta ao vivo, em vez de ser a primeira a ser descrita no texto é a última. A autora diz-nos: “Podemos situar então na apresentação pública de António neste espaço e neste tempo? Não, de novo”. E faz, de seguida, uma série de injustificadas analepses, para nos voltar a dizer: “Mas também ainda não foi aqui que tudo começou. Foi muito antes”.<sup>5</sup>

Também há um ou outro erro factual. Por exemplo, a autora situa a histórica passagem de António *Variações* pelo *Passeio dos Alegres* em fevereiro de 1981, o que não é verdade.

Um dos pontos mais positivos, desta obra, são os depoimentos que Gonzaga recolheu de pessoas próximas de *Variações*. Seria, no meu entender, muito aconselhável, a sua publicação, na íntegra, num volume à parte.

Existe também uma outra obra de teor biográfico da autoria de Paulo Marques, intitulada *António Variações: um Homem Além do seu Tempo: 1944-1984*. Lisboa: A.M. Pereira Editora, que, com a exclusão dum pouco relevante perfil astrológico de *Variações*, nada acrescenta à obra de Gonzaga.

Ainda a nível biográfico, existe um excelente, e muito aconselhável, documentário, que segue os protocolos da História Oral, da autoria de Maria João Rocha, intitulado *Variações*. O rigor desta autora, deteta-se, logo no início, em que nos mostra o depoimento de várias pessoas que privaram com *Variações*, dando, cada uma delas, testemunhos

---

<sup>4</sup> Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 251 et. seq..

<sup>5</sup> Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 196 et. seq..

completamente diferentes e até contraditórios entre si – deste modo, ela confronta-nos imediatamente com a personalidade multifacetada de *Variações* e as reações antitéticas que ele causou.

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra organizou, em 2017, um seminal e arrojado colóquio em torno da sua obra, *Variações sobre António*, coordenado pelo Professor Osvaldo Manuel Silvestre. Este encontro ocorreu já com o trabalho de investigação para esta dissertação iniciado. Participei e assisti a várias comunicações e aos respetivos debates finais, o que foi utilíssimo para o meu estudo. Por exemplo, conheci lá os trabalhos de Paula Guerra e Joana Mota, que são por mim citados no texto da dissertação.

### **Metodologia usada**

O cruzamento da informação contido nas várias fontes foi o recurso que se revelou mais útil. Só assim consegui extrair conhecimento válido e elucidativo em muitos pontos que, no princípio, me pareciam obscuros.

Por exemplo, só cruzando fontes foi possível traçar fidedignamente o percurso de *Variações* até chegar à sua aparição n' *O Passeio dos Alegres*. No documentário *A Arte Elétrica em Portugal (RTP). Episódio 4: O Boom do Rock* toma-se conhecimento que quem encaminhou *Variações* para Júlio Isidro foi Luís Filipe Barros, a quem ele tinha mostrado anteriormente o seu trabalho. Barros não se entusiasmou com que escutou na gravação de *Variações* e sugeriu-lhe que ele fosse falar com um colega seu da rádio, Júlio Isidro. Este convidou-o para ir atuar primeiro no programa radiofónico *A Febre de Sábado de Manhã* e depois no seu programa televisivo. A data exata da ida de *Variações* ao programa televisivo, não foi em fevereiro de 1981 como erroneamente tem difundido a biografia de Gonzaga e os inúmeros artigos que nela se baseiam, mas sim em maio, e está referido no livro de Júlio Isidro, *O Programa Segue Dentro de Momentos: Autobiografia*. Percebeu-se que, também opostamente ao que tem sido veiculado, a ida ao *Passeio dos Alegres* não espoletou pressa nenhuma na editora Valentim de Carvalho em gravar

Variações. Ele gravou, nas suas cassetes, o programa radiofónico *Meia de Rock*, no qual, em entrevista, se queixa, dizendo que a editora o deveria ter gravado depois da passagem na televisão, o que não aconteceu. Além disso, também opostamente ao que Gonzaga afirma, a ida ao *Meia de Rock* é posterior, e não anterior, à ida ao *Passeio dos Alegres*. Estes dados surgem na referida entrevista gravada por Variações, transcrita por Nuno Galopim, e foram plenamente confirmados na entrevista que fiz a Luís Carlos Amaro.

Este género de percurso hermenêutico, ligando dados e fontes de proveniência diversa foi uma constante ao longo da dissertação e funcionou a outros níveis. Uma das estratégias adotadas, no sentido de melhor perceber o enquadramento temporal de “António autor-intérprete” foi, estudar bibliografia correlata aos outros músicos *pop-rock* dessa época e assinalar as invariantes entre os seus relatos. Percebeu-se o muito que Variações partilhava com eles e também as suas diferenças em relação a estes *compagons de route*. Não me pareceu útil, nem sequer desejável, debruçar-me sobre algumas questões de índole teórica, como por exemplo, aferir se o *boom* do *rock* português existiu ou não...

Em suma, o cruzamento de informação e estudos comparativos foram as ferramentas por excelência com as quais se trataram os diversos materiais obtidos na fase de pesquisa.

### **Sinopse da dissertação nos seus vários capítulos**

No primeiro capítulo temos uma breve biografia que servirá de mapa indicativo para o resto da dissertação. Tanto quanto possível, pretende-se que esteja factual e cronologicamente o mais próximo possível do que realmente se passou. Note-se que, para o estudo da sua obra artística, a inexatidão factual ou a troca de datas tem consequências sérias no posterior trabalho interpretativo. E, por isso, apesar de não ser esse o objetivo primordial desta dissertação, era importante ter uma resenha biográfica minimamente fíável para que depois não se caísse em erros hermenêuticos evitáveis.

O segundo capítulo intitula-se “Preconceitos e Mitificação”. Nele analiso a retórica que tem sido produzida ao longo do tempo sobre o cantor. Raramente uma figura da

cultura portuguesa foi alvo de discursos tão contraditórios. As invariáveis discursivas que assinalo dizem certamente muito mais sobre aspetos sociológicos do país do que sobre ele. Nele se projetaram muitas ideias mitificadoras.

Estes dois capítulos iniciais pretendem, de algum modo, chamar a atenção para alguns aspetos, factuais e discursivos, que podem ser impeditivos duma análise clara, despreconceituosa e sem ideias pré-concebidas à sua obra e ao seu percurso.

No terceiro capítulo traço um breve perfil psicológico de Variações enquanto criador, intérprete e compositor de canções, salientando alguns dos seus traços caraterológicos mais marcantes enquanto artista e autor. Intitula-se “Personalidade Artística”.

No quarto capítulo, enquadr-o no seu tempo e na sua geografia pessoal. É usual dizer-se que ele foi alguém à frente do seu tempo sem se verificar se, de facto, foi assim. Aqui pretendo fazer o oposto: entender o tempo em que ele viveu, nas suas várias componentes (artísticas, políticas e sociológicas) e tentar perceber onde é que ele se situou nos vários momentos históricos. Podemos então observar, neste capítulo, Variações antes de o ser.

Assim, o que ele viu, escutou, assistiu, visitou, enfim, vivenciou, é da maior relevância para se perceber como é que ele apareceu, mais tarde, perante o grande público e como foi o seu crescimento enquanto criador, ainda longe das luzes da ribalta. Nesse sentido, este quarto capítulo, intitulado “Aprendiz de Cantautor Pop-Rock”, mapeia as influências e o seu percurso artístico de 1944, ano do seu nascimento, até 1981, ano da plenitude do *boom* do *rock* cantado em Português.

O quinto capítulo, intitulado “A Evolução Performativa”, complementa o anterior e faz a síntese do percurso artístico de Variações antes de publicar o seu primeiro trabalho em 1982. Assinalam-se as correntes estéticas que abraçou e as que descartou, explicando porquê. Segue-se a sua evolução como *performer*, como compositor e como *frontman* das bandas *rock* que o acompanharam. O António que surge aqui é assaz diferente da imagem do Variações folclorista e fadista, que ficou cristalizada no tempo; mas sem este, cujo retrato aqui pretendo traçar, o outro, o que deu a conhecer o seu trabalho ao grande público, seria sempre, no meu entender, incompreensível. Pretender fazê-lo de outro modo,

seria como tentar conhecer alguém somente a partir dos 37 anos, que foi a idade com que ele publicou o seu primeiro trabalho. Antes de “António Variações” houve um António Joaquim Rodrigues Ribeiro e depois um “António autor-intérprete”. São estes dois últimos o objeto de estudo primordial desta dissertação de mestrado, embora me debruce também sobre a fase mais mediática do cantor, pois, está ligada às anteriores. Há vasos comunicantes entre António Autor-Intérprete e António Variações, e eles são, tanto quanto possível, assinalados ao longo da dissertação.

No sexto capítulo trato das questões da identidade nacional, no contexto da *pop-rock* português. Dado elas serem afluídas, num ou noutro momento da dissertação, pareceu-me útil sistematizar alguns factos, e, desse modo, contribuir para o enquadramento de Variações nessa questão.

O último capítulo corresponde às “Considerações finais”. Nele assinalo algumas ideias nodais deste trabalho.

Não considero, de modo nenhum, esta dissertação como acabada nem estática. Muitas dúvidas e muito estudo subsistem ainda por fazer. Pretendo, por isso, continuar a tratar e a atualizar as matérias, aqui tratadas, em trabalhos futuros.

*Aqueles que detêm o poder escrevem a história,*

*Aqueles que a sofrem compõem as canções*

Frank Harte, etnomusicólogo

## **Cap. 1. BIOGRAFIA SUMÁRIA**



## **1.1. A Infância**

### **1.1.1. Os pais**

António Joaquim Rodrigues Ribeiro nasceu a 3 de dezembro, às 6 da manhã, de 1944, no lugar do Pilar, freguesia de Fiscal, conselho de Amares, distrito de Braga – o seu nome é o mesmo que o do seu avô materno, mestre canteiro.<sup>6</sup>

É o quinto filho de Deolinda de Jesus e Jaime Ribeiro. Os seus pais são pequenos lavradores por quem ele nutrirá sempre uma grande admiração e amor. O seu último disco ser-lhes-á dedicado. São pequenos lavradores e ambos muito ligados à igreja. A mãe ia à missa e comungava diariamente. O seu pai, de igual modo, era um acérrimo defensor da Igreja Católica Apostólica Romana. Transmitiam aos filhos os valores deste seu catolicismo. Era usual os filhos rezarem o terço em conjunto antes de adormecerem. A mãe chegou a comprar uma escultura da Santa Ana com a qual fez procissões, que depois ofereceu à igreja de Fiscal. A par deste ambiente, coexistia uma atmosfera de fundo pagão com histórias de espíritos, possessões e lobisomens. O pai de António Variações, Jaime, terá assistido uma rapariga possuída por um espírito, tendo-a ajudado.

### **1.1.2. Vivências Infantis**

Aos dois anos, em 1946, António, foi assolado por uma doença de difícil diagnóstico que lhe fez cair as sobrancelhas, o cabelo e as pestanas. As injeções receitadas pelo médico aparentemente não surtiram efeito. As mezinhas dumã senhora habilidosa parecem curá-lo. Irá, adulto, anualmente, acompanhar a mãe a cumprir a promessa que fez para que ele se curasse à romaria de Santa Luzia, padroeira dos olhos.

Começou a falar cedo. Aos três anos, dado não ser hábito usá-las, exigiu ter cuecas. Será sempre alguém para quem a higiene pessoal era importante. Lavava os dentes, num

---

<sup>6</sup> No seu bilhete de identidade a data de nascimento é diferente (3 de janeiro de 1945), pois, foi registada desse modo. Porém, a sua data de nascimento verdadeira é a assinalada supra. Cf. Anexo n.º 4, pp. 21-22.

tempo e espaço, onde isso não era hábito comum. Mais tarde em Lisboa, castigou o seu irmão Luiz por este se ter deitado sem lavar os pés.

António é descrito como uma criança feliz e teimosa. Ajuda a contragosto nos trabalhos do campo, que não apreciava. Terá feito a quarta classe e frequentado a catequese.

Desde muito cedo, manifestou o desejo de cantar. Passava o tempo a ouvir a rádio e a treinar em frente ao espelho, replicando as canções que escutava. Mais crescido, começou a compor. Por influência dos ranchos de jornaleiros que via passar, escreveu uma letra e melodia dentro desse género de música.<sup>7</sup>

Os irmãos antes dele eram os seguintes: João Manuel; José António (Zeca); Maria de Lurdes e Delfim. Depois dele nasceram: uma bebé nada-morta, depois, Maria Amélia, Jaime José, Luiz José, Maria de Fátima, Carolino Manuel, que morreu com um ano de idade, e finalmente Carolino Alberto (é marceneiro, ainda mora em Fiscal). Apesar de haver algumas pegadas e lutas, naturais entre irmãos, Variações realçará sempre que teve uma infância livre e feliz na qual existia uma salutar convivência entre os irmãos.

### **1.1.3. A presença da música em ambiente familiar**

A família vivia na Vivenda Maria Amélia no Lugar do Monte, onde tinham um pomar, uma adega e um terraço onde se juntavam amiúde para cantar e dançar. Eram uma família muito musical e festiva. Era usual frequentarem as várias romarias existentes naquela região minhota ao longo do ano como, por exemplo, São Bento da Porta de Fora. O pai tocava cavaquinho, concertina e harmónica. Habitualmente, a família reunia-se sob a égide da música, dançando, cantando, ou mesmo fazendo alguns teatros. Quando era altura do Festival da Canção, cantavam as músicas que tinham ouvido na Casa do Povo, onde havia televisão, fazendo simulações familiares do festival. Variações, por regra, cantava as canções mais difíceis.

---

<sup>7</sup> Os ranchos de jornaleiros eram um grupo de pessoas que recebiam ao dia (à jorna) e que trabalhavam nas fainas agrícolas: nas vindimas, mondas, apanha de azeitonas, etc. Enquanto desempenhavam as suas tarefas, cantavam.

## 1.2. Mudança para Lisboa

Após a conclusão da escola primária, por decisão paterna, vai, menino e moço, trabalhar para Caldelas, que ficava a poucos quilómetros de Fiscal, como aprendiz de marceneiro. Não gosta e tem muito medo do regresso a casa, noite dentro, pelos pinhais. Recorde-se que não havia luz elétrica a iluminar o caminho. Seja por isso, seja também por ter vontade de conhecer outras realidades e achar o ambiente quiçá um pouco opressivo, sonha ir para Lisboa. Após algumas tarefas e a sua não adaptação ao emprego em Caldelas, o seu pai acaba por ceder. Com doze anos, Variações, parte rumo a Lisboa.<sup>8</sup>

Chegou em janeiro de 1957. Foi morar para o bairro da Graça, na Rua do Vale de Santo António, num quarto alugado e trabalhou, por esta altura, como marçano. Terão sido uns primos a ajudá-lo nesta sua chegada a Lisboa. No início, segundo relatou, teve algumas dificuldades de adaptação, por causa do sotaque, de vir da província, mas muito rapidamente fez sua esta cidade, que ele amava, acima de todas as outras. O seu patrão deixava-o ter o rádio ligado na mercearia. Variações ouvia-o constantemente.

Teve vários empregos: balconista, vendedor ao domicílio (para o qual dizia não ter jeito nenhum) e empregado de escritório. Travou amizades e começou a frequentar o teatro e o cinema de que era um grande apaixonado. Chegava a ir para o parque Mayer pedir autógrafos aos artistas.

Com 19 anos, fica com o seu irmão Luiz, de 11 anos, ao seu cuidado, em julho de 1964. Por esta altura, é empregado de escritório numa cooperativa. O irmão Luiz lembra-se dele a cantar na casa de banho deste local de trabalho, já com canções da sua lavra, depois da hora de expediente.<sup>9</sup> Entretanto, o jovem António terá ido estudar contabilidade. Aprendeu também a escrever à máquina. Este conhecimento permitiu-lhe datilografar as

---

<sup>8</sup> Na biografia da sua autoria, Gonzaga, numa versão diz que ele partiu com 12 anos, noutra com onze. Parece que o facto de ele fazer anos em dezembro causa alguma confusão. No entanto, sobre este tópico não restam grandes dúvidas, pois, ele próprio afirmou que partiu para Lisboa com doze anos (Cf. Cláudia (1983). “A infância desconhecida do cantor exótico. António Variações: «O meu êxito é uma vingança»”. *Sete*, 20 de julho, p. 12.).

<sup>9</sup> Este testemunho de Luiz Ribeiro surge na biografia de Gonzaga (Cf. Gonzaga (2018) p. 80). Ora se não há dúvidas de que Variações sempre cantou, é difícil verificar a completa veracidade destas afirmações. É possível que já existissem algumas composições incipientes. Note-se que a assunção de Variações enquanto *songwriter* foi lenta e houve todo um processo evolutivo.

suas letras. Tinha amigos com quem ia ao cinema e a espetáculos de música, um deles era bancário numa agência do Banco Espírito Santo, na Graça.

### 1.3. Na Guerra Colonial

A 1 de junho de 1966, com 21 anos, foi incorporado no Regimento de Infantaria em Braga. A instrução terminou a 10 de dezembro. António detestou que lhe cortassem o cabelo e tinha repugnância por fardas. Sempre que podia ia a casa comer e tomar banho. Na Escola de Cabos, tirou a especialidade de Operador Cripto. Depois foi para Angola.

Segundo conta a família, devido a uma cunha congeminada pelo seu irmão Delfim, que tinha boas relações com quem estava no comando, conseguiu ser mobilizado para zonas relativamente livres de perigo onde não existia disputa bélica acesa. Esteve, assim, em vários locais do território angolano: em Sá da Bandeira, em Vila Roçadas (atual Xangonga), Pereira D’Eça (atual Ondijiva) e Luanda. Gostou muito de estar nesta última.

Ele, que era avesso a práticas religiosas, ali, chegou a dar catequese a meninos africanos a pedido dum padre missionário. O seu irmão Delfim conta que, em Cacondo, António formou um conjunto musical com outros militares, que chegaram a apresentar-se no Estádio dos Coqueiros, em Luanda, onde terão ganho o primeiro lugar dum concurso de talentos. Não se sabem mais pormenores acerca deste projeto musical.

No final de 1969, com 25 anos, regressou a Portugal. A mãe e a irmã Lurdes, que o acompanhou em vários momentos significativos da sua vida, foram esperá-lo ao Cais de Alcântara. A mãe ofereceu uma vela do tamanho de Variações a Santo António do Pilar como paga da promessa de ele ter aportado são e salvo da guerra.

Sobre este período da sua vida no Ultramar, disse em entrevista, de modo inequívoco: “Foi um tempo perdido – e eu não o perdoo a ninguém – aquele que passei na tropa”.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Citado por Inês Pedrosa (1983). “Cantor e barbeiro: Variações sobre um António”. O Jornal, nº. 432, 2 de junho. In *Muda de Vida: As Letras de António Variações*, p. 95.

#### 1.4. Estadia em Londres

Entre 1970 e 1976, viveu na Parede e Algarve, onde trabalhou em barbearias e cabeleireiros. Fez também várias viagens: Nova Iorque, Roma e Florença, Amesterdão, Marrocos, Tunísia, etc. É um verdadeiro trota-mundos.

Em 1971, com 27 anos, partiu para Londres, onde ficou cerca de um ano. Tem lá a sua irmã Amélia e o seu irmão José, que tem um salão de cabeleireiro, o José's Hairdresser, em Beacosfield. Aqui terá começado o seu interesse pela profissão de barbeiro. Na capital inglesa, trabalhou num colégio de ensino privado onde fez limpezas e servia chá às professoras. Inscreveu-se num curso de inglês.

Em entrevista disse que não explorou bem Londres, pois, era ainda muito provinciano e imaturo. No entanto, a sua irmã Amélia que residia em Londres, na zona de Buckingham, relata que ele passeava imenso e que queria ver tudo. Contraditoriamente, o cantor afirmou que conheceu Londres, “desde o museu até à discoteca”, e disse que assistiu *in loco* ao final do movimento *hippie*. Mas não se terá integrado nas comunidades locais, tal como sucedeu noutros locais como Amesterdão e Nova Iorque. Regressou a Portugal em 1972.

#### 1.5. Fernando Ataíde, o seu primeiro grande amor

António Variações dedicava-se ao culto do corpo, praticava exercício e tinha muito cuidado com a alimentação. Interessou-se pelo movimento *hippie* com o qual sentia uma grande afinidade. Assim, numa época em que o *yoga* não estava difundido entre nós, ele começou a praticá-lo. Foi visto, muitas vezes, a fazer *asanas*, as posições características desta modalidade oriental, na Praia da Caparica, onde era frequentador assíduo.

Esta praia era um local frequentado pelos homossexuais para encontros de cariz sexual. Terá sido lá que ele, com 26 anos, encetou uma das suas mais importantes relações

---

amorosas, com Fernando Ataíde, conhecido cabeleireiro no panorama lisboeta. Esta relação terá durado cerca de seis anos, entre 1970 e 1976, sendo reatada, noutros moldes, em 1981.

Era uma relação de cumplicidade, mas tempestuosa. Variações foi ajudante de Ataíde no famoso salão lisboeta Ayer e terá vivido na sua casa. Mesmo após o término desta atribulada relação nunca se perderam completamente de vista. Aliás, frequentavam os mesmos meios.

Pormenor curioso: quando viviam juntos, Variações fazia questão de ter a sua coleção de discos separada da de Fernando Ataíde. Este virá também, mais tarde, a ser uma figura relevante na noite lisboeta e causou escândalo na comunidade *gay* lisboeta quando se apaixonou e foi viver com uma mulher, a então esteticista Rosa Maria Borges de Sousa.

Ataíde foi muito importante para uma assunção saudável da homossexualidade de Variações. Fizeram várias viagens juntos, entre elas, uma à Itália, em 1973.

## **1.6. Amizade com o ator e encenador Fernando Heitor**

Variações conheceu, em 1971, Fernando Heitor com quem travou uma profícua e muito enriquecedora amizade. Andariam ambos nos vinte e cinco, vinte e seis anos.

Fernando Heitor, recém-formado na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa, estava a dar os primeiros passos na sua carreira de ator e encenador. Fez, por esta altura, parte da companhia de teatro *Os Cómicos*, da qual fizeram parte Ricardo Pais, Maria Amélia Mata e João Piconé, e participou também na criação do Teatro de Pesquisa da Comuna.

Era habitual irem ambos ao teatro e ao cinema. Por exemplo, eram frequentadores habituais do teatro de revista, no Parque Mayer:

Eu estava em início de carreira. Tinha acabado de me estrear na Comuna e ainda estava a frequentar a Escola Superior de Teatro e Cinema. Pois nós víamos tudo da altura. A revista era muito importante. Era um teatro de resistência. Aquilo era muito engraçado. Havia duas sessões e a segunda sessão nunca começava antes das duas da manhã e acabava aí pelas seis ou sete da manhã. As figuras eram a Ivone Silva, a Aida Baptista, o José Viana, etc. E fui com o António a várias peças de revista. (...) Ele gostava muito da arte de representar.

11

Variações assistiu à estreia de Heitor na peça *As Cuecas da Vida Heróica da Burguesia*, de Carl Sternheim, que foi a primeira encenação de Ricardo Pais em Portugal, em 1974, logo após este cursar encenação no Drama Center em Londres. Variações viu também outra peça onde entrou Heitor, em 1972, a *Para onde Is*, baseado em dois autos de Gil Vicente: *Auto da Alma* e *Auto da Barca do Inferno*, a primeira peça do Teatro da Comuna.

Heitor e Variações trocavam muitas impressões acerca de cinema e teatro, temáticas de interesse comum. Variações queria conhecer as técnicas de representação. Por seu lado, Heitor indagava junto dele sobre as técnicas respiratórias do *yoga*.

Frequentavam com o grupo de amigos onde estavam inseridos quer a Praia da Costa da Caparica, quer restaurantes, quer clubes noturnos onde se passava música. Falavam também sobre Amália Rodrigues por quem eram ambos apaixonados. Fernando Heitor, por essa altura, também se dedicava à escrita poética. Dialogavam muito sobre poesia e Variações ter-lhe-á pedido emprestados alguns livros de poesia, em especial os de poetas cantados por Amália, como Alexandre O'Neill e David Mourão Ferreira.

Variações concorreu a um Festival da Canção, em 1972, na freguesia de Nossa Senhora de Fátima, ao qual Fernando Heitor estava ligado. Terá sido com uma balada, com a particularidade de ser um poema de Fernando Heitor, musicado por Variações. No júri estava a atriz Cármen Dolores. Variações arrecadou o primeiro lugar. Teria 28 anos. Fernando Heitor conta-nos o sucedido:

---

<sup>11</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 472.

Para aí em 1972, salve o erro, hoje já não sou católico, mas por essa altura ainda era, e estive durante muitos anos ligado à paróquia de Nossa Senhora de Fátima e organizava lá muita coisa: grupo de teatro, um festival da canção, reuniões de jovens, etc. (...) Ele gostava muito de cantar e eu tinha a mania que sabia escrever poemas. Assim, dei-lhe várias coisas para ele musicar. Não tenho nenhuma delas. Concorremos com uma canção que ele foi cantar e ganhou o tal festival. (...) Nessa altura, ele já compunha. Essa canção e mais algumas faziam parte duma cassette que ele entregou à Valentim de Carvalho. (...) Não, não eram fado. Talvez baladas. Julgo que essa canção começava com os versos “trago vinho fresco a correr-me nas veias”.<sup>12</sup>

Fernando Heitor e Variações mantiveram uma amizade próxima durante vários anos. A convivência quase diária entre ambos começou a esbater-se um pouco após a viagem de Variações à Holanda.

### **1.7. Amesterdão: um ponto de viragem**

Variações viajou sempre muito, era um *globetrotter*, não só para Londres, mas também para Itália, Tunísia, Nova Iorque onde foi várias vezes, etc. No entanto, talvez a viagem, a todos os títulos, mais marcante para ele, terá sido a Amesterdão, em 1974. Já era um homem maduro; tinha 29 ou 30 anos.

Terá lá vivido cerca de seis meses e, depois dessa estadia mais prolongada, ia frequentemente lá. Era uma segunda casa para ele. Esta viagem foi, assim, um verdadeiro momento *turning point*.

Muitos testemunhos relatam que veio modificado desta viagem. Era também já mais maduro e teria uma relação mais apaziguada com a sua homossexualidade, o que lhe permitiu integrar-se perfeitamente no permissivo ambiente urbano holandês. Ficou lá, intermitentemente, cerca de ano e meio, regressando definitivamente a Portugal em 1976.

---

<sup>12</sup> Cf. Anexo n.º 3, pp. 470- 471.



Tirou na capital holandesa um precioso curso de barbeiro onde aprendeu a cortar cabelo a ambos os sexos. Numa carta ao seu irmão Luiz, diz que lá assistiu a um espetáculo de Amália. De facto, Amália deu um recital em Amesterdão em 1975. Nesta cidade, Variações travou conhecimento com aquele que foi a sua segunda relação mais longa e importante, o ator holandês Jelle Balder, com quem chegou a viver. Balder veio amiúde a Lisboa, vivendo durante algumas temporadas com o cantor Português. Por sua vez, este ia muitas vezes à Holanda para estar com este seu companheiro.

Variações cruzou-se com alguns portugueses em Amesterdão. Por exemplo, com José Salvador, do grupo MDA, com quem trocou impressões acerca da possibilidade de mudança de regime em Portugal. Este testemunhou que Variações estava integrado no meio *gay* holandês.<sup>13</sup> O amigo de Variações, Carlos António Neves, referiu que o movimento *hippie* era muito visível em Amesterdão e que Variações era sensível a esta estética. Lúcio Carvalho, outro homossexual trota-mundos, confidenciou a alguns amigos as possíveis experiências com alucinogénios de Variações, hipótese ainda por confirmar.

Esta cidade era pródiga em locais de concertos míticos, como o célebre Paradiso, por onde passavam algumas das estrelas mundiais de então, como David Bowie. Era uma urbe com uma grande tolerância relativamente aos costumes. A descriminalização da homossexualidade datava do início do século XIX. Variações frequentou os *leather bars* e outros locais de liberdade sexual absoluta.

---

<sup>13</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 125.

## **1.8. Ascensão no meio barbeiro elitista lisboeta**

### **1.8.1. No salão cabeleireiro unissexo Isabel Queiroz do Vale**

António, após as passagens por cabeleireiros na Parede e Algarve, e pelo aprendizado no Ayer, iniciou, em 1976, com 32 anos, uma ascendente carreira enquanto barbeiro e cabeleireiro.

Nesse ano, foi trabalhar para o famoso salão Isabel Queiroz do Vale, situado no centro Comercial Imaviz, que foi o primeiro salão unissexo, inaugurado em maio deste ano. Estava aberto das 9 horas até às 24. Havia muita curiosidade por parte das pessoas por um salão deste tipo. Variações começou a ser um cabeleireiro muito requerido. A sua indumentária extravagante e o rigor perfeccionista que punha no corte de cabelos davam nas vistas.

Ele encarava a sua profissão como tendo uma forte vertente artística. Havia pessoas que ficavam lá fora a espreitar. Alguns testemunhos dizem que vê-lo cortar cabelos era uma espécie de *happening*. Figuras do meio artístico como Rosa Lobato Faria, Carlos Quintas ou João Perry eram seus clientes. Assim, começou a ter fama enquanto cabeleireiro.

Ele dizia que não se considerava cabeleireiro, mas sim barbeiro, pois, interessava-lhe o corte, não o penteado. Muitas vezes, penteava e secava os cabelos com as próprias mãos. Por vezes, os colegas pediam-lhe para cantar e ele cantava invariavelmente reportório de Amália Rodrigues.

### **1.8.2. Do Baeta até à sua própria barbearia: Pró Menino e Prá Menina**

Em 1978, deixou o Salão Isabel Queiroz do Vale e foi trabalhar para o salão de cabeleireiro Baeta, nome dado por ele, que significa barbeiro em linguagem coloquial, situado no Centro Comercial Alvalade.

No ano seguinte, em 1979, abriu, com 35 anos, a sua própria barbearia, na Rua São José, Nº. 70. Matilde Abreu era sua empregada e amiga. Era uma barbearia unissexo e, por isso mesmo, chamava-se Pró Menino e Prá Menina.

Este espaço tinha sido uma antiga barbearia que ele recuperou, redecorando-a ao seu gosto. Havia coleções de vestidos e guarda-chuvas, a cabeça de manequim que mais tarde surgiu na capa de *Anjo da Guarda*, etc. Dada a sua excentricidade, no início, não foi muito bem recebido pela vizinhança. Com o decorrer do tempo e devido à sua cortesia no trato com as pessoas passou a ser aceite e acarinhado. Não cobrava exatamente o mesmo a todas as pessoas. Se, porventura, pessoas mais humildes iam lá, ele baixava os preços.

### **1.8.3. Barbeiro-*Happenings* no Frágil e nos Alunos de Apolo**

Organizada por Carlos Barroco, em 6 de janeiro de 1979, comemoraram-se os 25 anos do *Rock'n'Roll* nos Alunos de Apolo. Esta festa ficou muito célebre pelas seguintes razões: foi o último concerto dos míticos Os Faíscas e a estreia dos Xutos & Pontapés, numa atuação muito célere, ainda com Zé Leonel como vocalista. António Variações foi convidado para estar presente enquanto barbeiro. Numa espécie de *happening*, levou uma cadeira de barbeiro e o respetivo material e cortou cabelos à *rock'n'roll* a quem quisesse.

A 15 de junho de 1982, foi inaugurado, no Bairro Alto, um dos mais importantes espaços noturnos da capital lisboeta, pela mão do empreendedor Manuel Reis, o mítico Frágil. Mais tarde, também Rodrigo Leão será sócio deste espaço. O escultor Pedro Cabrita Reis fará uma marcante intervenção na decoração. Foi um ponto de encontro por excelência da *movida* lisboeta dos anos 80. Jornalistas, escritores, músicos, atores e realizadores passaram por lá. Miguel Esteves Cardoso, Al Berto, Rui Reininho, Clara Ferreira Alves, Eduardo Prado Coelho, João Botelho, entre tantos outros, eram *habitués* do Frágil, bem como o próprio Variações. Ele esteve presente como barbeiro, cortando cabelos, vestido às mil e uma noites, com um chapéu árabe. O seu colega barbeiro José António Neves também lá esteve em funções semelhantes.

## 1.9. Assinatura do Contrato com a editora Emi-Valentim de Carvalho

Em 1976, pela mão de Maria Elisa Domingues, que veio a ser diretora da RTP, Variações levou uma cassete à Valentim de Carvalho. É natural que estivesse contida nela a canção, com letra de Fernando Heitor, com que ele vencera o Festival da Canção da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima. A jornalista apresentou-o ao A & R da editora,<sup>14</sup> Mário Martins, dizendo-lhe “Este é o António, o meu cabeleireiro. E ele canta.” O A & R relata que, dessa primeira vez em que o cantor foi à editora, não o contratou, apesar de ter gostado da voz, pois, ele ainda não tinha reportório próprio que justificasse um contrato. Decorrido algum tempo, agora pela mão do ator Carlos Quintas, amigo de Variações, voltou a tentar, mas apresentando já composições próprias. Mário Martins resolveu, desta segunda vez, contratá-lo. O contrato foi assinado em 22 de junho de 1977. António tinha já 33 anos:<sup>15</sup>

Mário Martins, funcionário da Valentim de Carvalho com um currículo ligado às carreiras de nomes como Frei Hermano da Câmara, Carlos Paião, José Cid e, sobretudo, Marco Paulo, recorda como António Joaquim Ribeiro lhe chegou às mãos, (...) «a [então atriz de teatro, depois jornalista] Maria Elisa, que eu conhecia através da Maria Germano Dias, do Conservatório Nacional, apareceu-me lá um dia na Valentim de Carvalho com o António, que ainda não se chamava Variações, apresenta-mo e diz «aqui tens o meu cabeleireiro, ele canta». Ouvi-o, penso que ele me levou uma cassete, e eu disse "sim senhor, vamos trabalhar juntos", mas depois veio a dificuldade, que era recorrente, de lhe arranjar reportório», conta o antigo funcionário da Valentim de Carvalho. Mário Martins explica que António não revelou imediatamente que também escrevia canções «ele era muito reservado» e ficou a aguardar que o reportório aparecesse. «O tempo foi correndo, terá decorrido um ano, e o António voltou a aparecer-me nos escritórios pela mão do ator e

---

<sup>14</sup> O A & R numa editora é aquele que tem a seu cargo a gestão dos Artistas e Reportório.

<sup>15</sup> Cf. Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.), aos 9, 57 m.. Esta é a data correta do contrato com a Valentim de Carvalho e não como tem sido propagado, com base na biografia de Variações de Manuela Gonzaga, em 1978. Em qualquer artigo que se leia sobre Variações, aparece sempre a datação errada. Por exemplo, em: Rui Miguel (2009). “30 anos da morte de António Variações: a sua maior obra foi ele mesmo”. *Blitz*, n.º. 41, novembro. E em muitos, muitos outros.

cantor Carlos Quintas», recorda o editor. «Foi nessa altura que assinámos o contrato que já estava acordado desde o ano anterior». <sup>16</sup>

Na sequência desta assinatura António foi para estúdio e, sob a orientação do maestro Jorge Machado, foram gravadas quatro canções dentro dum registo para-folclórico, próximo da música ligeira, com uma particularidade assinalável: duas delas eram da autoria de Variações: “Deolinda de Jesus”, dedicada à sua mãe, e “Voz-Amália-de-Nós”, sobre a sua diva de eleição. Mais tarde, estas duas canções viriam a ser regravadas e, cada uma delas, encerraria os seus dois *LP*. Mas, por esta altura, nem Variações, nem Mário Martins, gostaram do resultado final:

O antigo executivo admite que naquela altura não foi imediatamente óbvio o rumo que se deveria imprimir à carreira de António. «Achei que havia ali umas semelhanças de timbre com o Frei Hermano da Câmara, qualquer coisa que me remetia para o folclore e decidi assim trabalhar com o maestro Jorge Machado, com quem fazia muitos trabalhos na época, um homem competentíssimo». (...) António gravou «quatro números», de acordo com Mário Martins, incluindo duas canções da sua própria lavra: o que viria a ser «Voz Amália de Nós» e «Deolinda de Jesus», duas canções que, curiosamente, fechariam mais tarde os alinhamentos dos dois álbuns de António Variações. O disco, no entanto, não chegou a sair.

<sup>17</sup>

Assim, gorada esta tentativa, a editora não voltou a contactá-lo mais. Para grande desespero do artista, a editora só voltaria a pegar efetivamente nele em 1982. Ficou, portanto, quatro anos longos em *stand-by*, vendo artistas, que assinaram contrato, muito depois dele, editarem os seus trabalhos. Em 1980, iniciou-se o *boom* do *rock* cantado em Português e foram inúmeros os artistas a gravar. Pressentindo a apetência do público e

---

<sup>16</sup> Citado por Rui Miguel Abreu “A história secreta de António Variações”. *Blitz*, n.º. 96, julho. Chama-se a atenção de que neste artigo a datação da assinatura do contrato não está correta. Parece que o autor se baseou na biografia de Gonzaga e não indagou junto de Mário Martins, partindo do pressuposto que 1978 era o ano correto.

<sup>17</sup> Rui Miguel Abreu “A história secreta de António Variações”. *Blitz*, n.º. 96, julho.

querendo fazer lucro, houve uma corrida das editoras para gravarem novos artistas que se inserissem dentro do género, muitas vezes, sem grande critério. Mas, ante este panorama, António não ficou de braços cruzados.

### **1.10. Estreia ao vivo num espaço próprio para concertos: o Scarllaty Club**

Variações estreou-se, em 1977, no Scarllaty Club, teria, portanto, 33 anos, com um espetáculo seu, já com algumas das marcas autorais com que viria a ser conhecido.<sup>18</sup>

Este local era um clube *gay friendly*, cujo dono era Carlos Ferreira, conhecido no mundo do travestismo, que começou a estar em voga por esta altura, como Guida Scarllaty. Variações estava, por esta altura, integrado na comunidade homossexual lisboeta. De algum modo, os seus espetáculos iniciais foram em estabelecimentos correlacionados com o mundo *gay*.

Estes clubes, por causa dos espetáculos que tinham, por estarem abertos noite dentro, por terem palcos e espaços para a dança e por serem permissivos ante as opções sexuais de cada um, eram frequentados por uma clientela muito heterogénea. Para além da típica boémia lisboeta, o meio artístico e político frequentava também estes espaços. Vários jornais davam notícia do que se ia passando neste clube. Por exemplo, Fernando Assis Pacheco escreveu sobre ele no *Sete*.

Além disso os espetáculos transformistas tinham sucesso junto do público e da crítica. Em 1976, o espetáculo encenado no Scarllaty Club, *Goodbye Chicago*, foi galardoado com o Prémio da Casa da Imprensa para melhor espetáculo. Também o

---

<sup>18</sup> Esta questão, no meu entender, ainda está em aberto. Gonzaga, baseando-se no depoimento de Carlos Ferreira (Guida Scarllaty), postula que Variações se estreou no Scarllaty Club (Gonzaga (2018). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Bertrand Editora, pp. 147-148.). Ora, na entrevista ao programa radiofónico *Meia de Rock*, o próprio Variações disse *ipsis verbis* que a sua estreia foi no Trumps (Cf. Anexo n.º 2, p. 397). Não me parece que Carlos Ferreira minta, até porque encontramos outros testemunhos que coadjuvam o seu testemunho. Mas então porque é que Variações não falou neste clube e sim no Trumps? Consideraria que só se estreou a sério no Trumps, e o que fizera anteriormente apenas como meras experiências? Além disso, recordemos que já tinha atuado no Festival da Canção de Nossa Senhora de Fátima e, talvez, na tropa. Portanto, no futuro, estas *nuances* devem ser devidamente equacionadas.

fotógrafo de celebridades, Abel Dias, que registou fotograficamente a *movida* lisboeta dos anos 80, era cliente, bem como o cronista social Carlos Castro.

Nesta estreia, num espaço desta natureza, Variações, já depois das suas viagens a Londres e Amesterdão, apresentou-se vestido com um pijama às flores com ursinhos estampados, com a barba colorida e cantou “Toma o Comprimido”, que nessa altura se intitulava “Comprimidos e Apertados”. Entretanto, ele já não vive com Fernando Ataíde, que, contrariamente ao cantor, era comedido no visual.

### **1.11. Participação cinematográfica no filme *O Bobo*, de José Álvaro Morais**

António Variações, sob sugestão de Fernando Heitor, que, apesar de já não o ver com a mesma regularidade, continua seu amigo e seu cliente na barbearia, fez um *cameo* no filme *O Bobo*, do malogrado realizador José Álvaro Morais, rodado em 1978. O cantor tinha 34 anos. Aparece numa forma física esplendorosa.

Na pequena cena onde participa, Variações, já com o género de visual com que viria a ser conhecido, veste uma jaqueta de toureiro, tem pulseira e anéis, barba colorida, uma camisola preta cavada, corta o cabelo ao personagem interpretado por Heitor, o protagonista deste filme.

A sua voz foi posteriormente dobrada pelo próprio realizador. Este deu-lhe instruções para dizer o que quisesse. Ele então tentou fazer Heitor rir-se, dizendo-lhe que lhe iria fazer um corte à Brigitte Bardot. Este filme, no entanto, só veio a ser estreado em 1987. Foi um sucesso a nível europeu, arrecadando o prémio da crítica em Locarno. O filme centra-se nas temáticas da portugalidade. Um encenador e ator, interpretado por Heitor, vê-se a braços com uma encenação do texto *O Bobo* de Alexandre Herculano. Luís Miguel Cintra e Paula Guedes também entraram no filme. É a única participação de Variações no cinema, cujo resultado final não chegou a ver. Fernando Heitor explica-nos como decorreu esse *cameo*:

N' *O Bobo* ele foi contratado como ator e entra numa cena. O filme relata uma companhia de teatro da qual a minha personagem é diretor e que quer pôr em cena *O Bobo*, só que há problemas económicos, etc. E António aparece para me cortar o cabelo para a personagem, o bobo. A voz dele foi dobrada. O cinema era muito diferente do que é hoje. Não tínhamos um guião completo do filme quando começámos. Muitas vezes íamos para o *plateau* e o realizador ainda não tinha o texto. E lembro-me que quando o António me foi cortar o cabelo, a indicação que o realizador lhe deu foi esta: “Fala do que quiseres”. E o António, enquanto me cortava o cabelo, esteve a falar-me da Jane Fonda e da Brigitte Bardot e uma série de disparates, e eu com uma imensa vontade de rir do que ele dizia, e ele sempre sem se desmanchar. Depois a voz dele foi dobrada pelo próprio realizador.<sup>19</sup>

### 1.12. Fotografias e audição para os Corpo Diplomático

Após a extinção da seminal banda *punk* Os Faíscas, Pedro Ayres Magalhães e Paulo Pedro Gonçalves decidem fundar, em 1979, um novo grupo com outras premissas musicais. Não tiveram sucesso de público e só lançaram um álbum, *Música Moderna*. Com ele marcaram indelevelmente a música moderna Portuguesa. Das cinzas deste grupo surgiram depois os muito mais bem-sucedidos Heróis do Mar.

Os Corpo Diplomático fizeram audições para vocalista. Apareceram nove pessoas, duas mulheres e sete homens. Um deles era António Variações, que conhecia alguns dos elementos do grupo da noite boémia lisboeta que todos frequentavam. Não foi aceite, pois, consideraram-no pouco versátil, como testemunha Pedro Ayres Magalhães:

Foi uma altura difícil e o António Sérgio, depois do final dos Faíscas, continuou a apoiar-nos. Nós começamos então o Corpo Diplomático e começamos à procura dum cantor. Nos Faíscas quem cantava era eu e Paulo Pedro Gonçalves, que não éramos propriamente cantores, éramos instrumentistas, e havia a necessidade dum cantor de raiz. Durante um ano trabalhámos nas canções e depois começámos à procura dum cantor, e nas audições aparece o Variações. Mas já o conhecíamos daqui de Lisboa. (...) um clube, na Rua Infante

---

<sup>19</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 471.



Santo, que se chamava Zodiáco. Era numa cave e lá tocavam bandas *freaks*, ligadas aos *hippies* (...) E conhecemos o Variações nesse clube. Ele tinha vindo da Holanda, era barbeiro e tinha um cabeleireiro unissexo, que ficava na Rua de São José, uma transversal da Avenida da Liberdade. Ele tinha aquela barbearia, mas tinha empregados; não estava sempre lá. Era um tipo boémio. Aparecia à noite, vestia-se de forma bizarra, um sapato de cada cor, dançava. Fazia parte duma comunidade lisboeta. (...) Depois foi às audições do Corpo Diplomático, mas ele não tinha educação musical. Portanto, ele cantava as músicas que sabia; as outras não conseguia aprender. Era pouco versátil. (...) deu para perceber que ele era pouco maleável e que seria difícil aprender as nossas músicas. Portanto, ele não ficou (...) <sup>20</sup>

Ainda assim, aquando do lançamento do respetivo disco, os elementos do grupo foram à barbearia de António Variações, Pró Menino e Prá Menina, para que ele lhes tratasse dos cabelos e fizeram lá a única sessão de fotografias do grupo. Estas foram tiradas na barbearia do cantor, e o artista e fotógrafo Paulo Nozolino utilizou-as na contracapa do disco. Além disso, serviram também para divulgar a imagem dos músicos na imprensa. <sup>21</sup>

### **1.13. Atuações ao vivo: do Trumps ao Rock Rendez Vous**

A 11 de dezembro de 1980, foi inaugurado, na Rua da Imprensa Nacional n.º 104, o Trumps, um famoso clube noturno *gay friendly*. Era um dos espaços frequentados pela *movida* lisboeta dos anos 80.

Entre os fundadores e gerentes, estavam os colegas de profissão e amigos de Variações, Vitor Hugo e Jó, e o companheiro, com quem manteve uma relação amorosa intermitente ao longo de sete anos, o já mencionado Fernando Ataíde. A companheira deste último, Rosa Maria Borges de Sousa, também amiga do cantor, foi uma das figuras marcantes neste espaço.

---

<sup>20</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 499.

<sup>21</sup> Cf. Anexo n.º 4, pp. 9-10.

Lá eram organizadas festas temáticas onde as pessoas se deviam vestir de acordo com o tema escolhido: as noites brancas, amarelas, as noites de tema livre em que cada um deveria trajar o mais arrojado que a imaginação permitisse, etc. O estilista Pedro Lata, primo dos elementos dos A Jovem Guarda, era uma dessas excêntricas figuras. Vestia-se, por exemplo, de saia e plumas.

Variações apresentou-se ao vivo, por diversas vezes, neste espaço. O seu primeiro concerto foi um espetáculo *rock*, experimental e bastante barulhento. A vizinhança reclamou por causa do ruído. Mais tarde, ele incluiu elementos de teatro e *performance* nestas suas apresentações, que ilustravam visualmente as suas canções, por esta altura, muito adstritas ao *rock* progressivo. Eram canções muito longas, com vários momentos de progressão musical, características desse género. O também excêntrico Rodolfo/Rodolfa e Dino eram alguns dos elementos que o secundavam em palco, performando. Em 18 de março de 1981, apresentou-se neste espaço, com o nome artístico de *António, Autor-Intérprete com o grupo Kamikaze e amigos*.

No acervo material do cantor, podemos encontrar a *set-list* desse espetáculo, na qual constam, entre outras, as seguintes canções: “Canção de Engate”, “Sempre ausente” – ainda com o título provisório “Que solidão é essa?” –, as duas canções que apresentou, passados dois meses, no *Passeio dos Alegres*, “Não me consumas” e “Toma o Comprimido”, “A Teia” (que veio a ser gravada pelos Humanos), e outras. Repare-se como ele tinha, por esta altura – em 1981, portanto, antes de ter gravado o seu primeiro disco – canções que viriam a ser registadas em todos os seus trabalhos. Aliás, no seu acervo foi possível encontrar uma lista, escrita por si, com as canções da sua autoria, e percebe-se que, antes de gravar, já tinha composto praticamente todos os temas que depois gravou.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Cf. Luís Trindade; Sofia P. Trindade (2009). *Catálogo do leilão do espólio de António Variações*. Lisboa: Live Auctions, p.16, item n.º 18.

No mesmo ano, os António & Variações atuaram no Rock Rendez Vous. Pita apresentou o cantor: “Com vocês: António”.<sup>23</sup> Um jornal anunciava a atuação de António e dos seus Variações nestes termos:

António & Variações é o nome do agrupamento recém-formado que irá atuar amanhã no Rock Rendez Vous. António, nome conhecido na capital pela sua atividade como cabeleireiro, resolveu dedicar-se à música e estreou-se nessa atividade, numa exibição, na *boîte* Trumps, realizada há bem pouco tempo. Faz-se acompanhar nos seus espetáculos por uma banda de rock e apresenta temas de que ele próprio é o autor. A maioria das canções é coreografada, sendo este espetáculo simultaneamente uma experiência no campo visual. Após a exibição no Rock Rendez Vous, António & Variações estarão presentes no programa radiofónico, *Febre de Sábado de Manhã*, a realizar na aula magna no próximo dia 11 de abril e posteriormente no programa da RTP, *Passeio dos Alegres*, onde apresentará três dos seus temas.<sup>24</sup>

É possível que António Variações, que tinha, por esta altura, 36 anos, tenha tocado também no Hot Club, mas tal não está confirmado.

A questão dos grupos que secundaram Variações por esta altura é de difícil determinação. Primeiro, parece que foi acompanhado pelos Variações Vivas. Do seu acervo consta um anúncio de jornal onde vemos anunciadas três datas no Rock Rendez Vous com este grupo (não aparece o ano nem o mês, somente os dias: 19, 20 e 22). Depois, parece que os Variações Vivas se transformaram em António & Variações. No entanto, ele deu um concerto no Trumps, em março de 81, como já referimos, como António autor-intérprete acompanhado pelos Kamikaze. Mas em maio, no *Passeio dos Alegres*, aparece novamente como António & Variações. Já agora, ele só viria a assumir o nome António

---

<sup>23</sup> Pode-se escutar em: (2006). *A História de António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. (LP) Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho, faixa n.º 2.

<sup>24</sup> Cf. Anexo n.º 4, pp. 11-12. Esta notícia consta do Acervo do artista, tendo sido recortada por ele. No entanto, não tem a data nem se consegue identificar o jornal. Talvez o concerto tenha sido por volta de janeiro, fevereiro de 81.

Variações, aquando da edição do seu disco de estreia, por sugestão de David Ferreira, que lhe sugeriu que soaria melhor António Variações do que António & Variações.<sup>25</sup>

## **1.14. O percurso até chegar à atuação no marcante *Passeio dos Alegres***

### **1.14.1. O papel mediador de Luís Filipe Barros**

O cantor entregou uma cassete, com canções da sua lavra, a Luís Filipe Barros, apresentador do *Rock em Stock*, um dos programas de rádio mais importantes da música moderna portuguesa de então. Este, que tinha alguma relação de amizade com o cantor, não gostou muito do que ouviu, mas, ainda assim, aconselhou-o a procurar ajuda num colega seu, que trabalhava na mesma estação, que talvez estivesse mais recetivo ao timbre muito particular de Variações: Júlio Isidro.<sup>26</sup>

Variações seguiu o proverbial conselho, entregando uma maquete com duas músicas a este último, depois de ter falado com ele num restaurante. O apresentador não ficou impressionado com a voz, no entanto, a originalidade e a singularidade das canções, “Comprimidos e Apertados” e “Não me Consumas”, cativaram-no. Viu nele um moderno cantautor. Por essa razão, convidou-o, sem hesitação, a participar nos seus programas:

Não estava na presença dum grande intérprete, no sentido da grande voz, pelo contrário. Mas estava na presença de alguém que trazia uma mensagem dum grande originalidade, nomeadamente nas palavras, porque a “Toma o Comprimido” tinha um contexto, mas a

---

<sup>25</sup> Cf. Anexo nº 4, p. 13.

<sup>26</sup> Cf. Pedro Clérigo; Leandro Ferreira (2015). *A Arte Elétrica em Portugal (RTP). Episódio 4: O Boom do Rock*. O próprio Luís Filipe Barros conta este episódio, aos 4, 38m. Há uma pequena incongruência entre o que Barros relata e o que Isidro, no seu livro *O Programa Segue Dentro de Momentos*, narra. Barros diz que Variações lhe levou uma cassete com as suas canções. Isidro, por seu turno, diz que Variações ainda não tinha nada seu gravado e que teria sido ele a sugerir que o cantor gravasse uma cassete. Será que Variações não quis mostrar a Isidro a bobine que levava, com maus resultados, a Barros e tenha preferido gravar outro registo com melhor qualidade? Note-se: só isso explica que ele não tivesse dado a bobine a Isidro para ele a ouvir, dado que, ainda para mais sendo um homem da rádio, Isidro teria certamente um aparelho leitor de bobines. Na obra de Isidro, ele conta que perguntou a Variações se ele teria já alguma coisa gravada e ele terá dito que não (Cf. Júlio (2016). *O Programa Segue Dentro de Momentos: Autobiografia*. Lisboa: Marcador, p. 242).

outra era também contra as drogas. Portanto, achei que as palavras eram muito interessantes e que estávamos na presença de um compositor (...) E depois porque sempre tive a percepção que era preciso dar oportunidade a quem trazia coisas novas, mesmo que fossem discutíveis e discutidas – e foram muito.<sup>27</sup>

#### **1.14.2. Atuação no célebre programa de rádio *A Febre de Sábado de Manhã***

António com o seu grupo, portanto António & Variações (deve ler-se António e Variações), atuou, em 11 de abril, na Aula Magna, no programa radiofónico da autoria de Júlio Isidro, *A Febre de Sábado de Manhã*.

Neste programa os músicos tocavam ao vivo e estas atuações eram transmitidas em direto pela Rádio Comercial. Tinha um imenso sucesso e foi um espaço mediático importante para os projetos musicais do *boom* se darem a conhecer a uma vasta audiência. Chegou a realizar-se um espetáculo, igualmente transmitido em direto na rádio, com uma atuação histórica dos Fischer-Z, no Estádio de Alvalade, em 1981, no qual participaram também os portugueses Mário Mata e Adelaide Ferreira.

#### **1.14.3. Atuação performática no *Passeio dos Alegres***

Atuação histórica de António & Variações no célebre programa televisivo, da autoria de Júlio Isidro, *O Passeio dos Alegres*, no dia 3 de maio de 1981.<sup>28</sup> O cantautor interpretou dois temas “Não Me Consumas” e “Comprimidos e Apertados”.

---

<sup>27</sup> Cf. Anexo n.º 3, pp. 479 - 480.

<sup>28</sup> Manuela Gonzaga, na sua biografia, incluindo a mais recente versão de 2018, tem veiculado a informação errada de que o cantor atuou no programa de Isidro em fevereiro de 1981 (Cf. Manuela Gonzaga (2018). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Bertrand Editora, p. 177). Mas o próprio Júlio Isidro, que tem em arquivo pessoal um registo minuciosos de todos os seus programas, revela a data correta no seu livro, *O Programa Segue Dentro de Momentos* (cf. p. 246). Note-se que esta é uma data fundadora no percurso do cantor, e só com a sua datação correta se percebe a sua evolução nesse importante ano de 1981. Talvez a imprecisão de Gonzaga se deva ao facto de não ter entrevistado o apresentador para a sua biografia. Este erro factual tem-se perpetuado, pois, muitos artigos baseiam-se no livro da jornalista.

Baseado no espetáculo de música encenada que tinha vindo a apresentar no Truumps, António levou ao programa de Júlio Isidro uma das *performances* que fez bastante furor e fez com que ele fosse falado pelo país inteiro nos dias seguintes.<sup>29</sup>

Enquanto cantava “Comprimidos e Apertados”, um dos *performers*, Dino, atirava *smarties*, pequenos chocolates redondos, simulando comprimidos, para o público. Este último estava vestido de comprimido. Num artefacto a imitar um comprimido, que trazia agregado, a si podia ler-se: “Para Dormir-Para Acordar”. Em “Não Me Consumas”, outro *performer* estava em frente a uma cómoda mexendo em perfumes, vestido com um fato vermelho. António, que levou vestidas umas calças largas, com padrão aos quadrados verdes e uma camisola preta, o cabelo louro, a barba pintada e o seu característico brinco na orelha esquerda, ia cantando e interagindo com o *performer*.

Os músicos que, por essa altura o acompanhavam, estavam todos com uma camisola vermelha. Os Variações eram: Saguim na bateria, José António na guitarra, no José Vítor no baixo elétrico, e nas teclas Leitão.<sup>30</sup>

## **1.15. O Meia de Rock e os músicos da futura A Jovem Guarda**

### **1.15.1. Final dos António & Variações e aproximação de António a músicos mais jovens**

Estranhamente ou não, após a passagem pel’*O Passeio dos Alegres*, os António & Variações foram extintos. Não se sabe exatamente a razão, mas uma coisa é evidente: o cantor estava, neste momento, mais interessado nas sonoridades do *rock* independente,

---

<sup>29</sup> A atuação de Variações no programa de Júlio Isidro foi, sem dúvida marcante, mas, tanto quanto pude aferir, não teve eco na imprensa. Consultei, no Depósito Legal da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, as edições de três jornais diários (*Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã*) dos sete dias seguintes. Não encontrei nenhuma referência à atuação do cantautor na televisão. Portanto, parece que foi importante, sobretudo, o “passa palavra”. António conta que foi abordado na rua por diversas pessoas, nos dias seguintes, a propósito da sua atuação.

<sup>30</sup> Esta informação é veiculada por Pedro Gaboleiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ov2NIS0-Ius>

advindas sobretudo de Manchester, do que no *rock* progressivo, que caracterizava a sonoridade dos António & Variações.

Nesse sentido, dois músicos jovens, dois irmãos, Vasco Amaro e Luís Carlos Amaro, responderam a um apelo que o cantor fez, através do programa radiofónico *Meia de Rock*, onde ele dizia estar à procura de músicos. Depois de terem conversado com ele começaram a ensaiar juntos:

Eu conheci o António Variações no seu cabeleireiro, que ficava na Rua de São José. Em 1980, 81, ou seja antes do lançamento dele do primeiro *single*, eu tinha ouvido num programa da Rádio Renascença, do António Duarte e do Rui Pêgo, chamado *Meia de Rock*, que, tal como o *Som da Frente* da Rádio Comercial, passava música moderna, e, numa dessas emissões foi anunciado que o António andava à procura de elementos para formar uma banda. Eu já tinha ouvido falar do António, que, nessa altura ainda não se chamava Variações, porque eu tinha um primo que o conhecia, o Pedro Lata, que trabalhou no Trumps, era estilista, trabalhou com a Ana Salazar. Ele estava envolvido nesse meio e conhecia o António, e já me tinha falado dele. Eu era novo, tinha para aí uns dezassete anos, e costumava tocar em casa com o meu irmão, de forma amadora, e acabámos por ir falar com o António ao cabeleireiro; ao Baeta, julgo eu.<sup>31</sup>

Ainda se tentou a junção destes jovens músicos com um outro músico mais ligado ao *rock* sinfónico, com alguns ensaios infrutíferos em conjunto, mas, devido a incompatibilidade estética, tal não resultou bem. Variações optou por descartar essoutro músico mais velho e ligado ao *prog-rock*, fazendo-se acompanhar, a partir daí, pelos irmãos Amaro, inexperientes ainda, mas que tinham as referências musicais que interessavam, nessa altura, ao cantor: Joy Division, Roxy Music, Velvet Underground, etc. Luís Carlos Amaro, o baixista, refere isso mesmo:

---

<sup>31</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 488.

(...) Os nossos gostos musicais convergiam. Ele e nós gostávamos dos Roxy Music, dos Velvet Underground, dos Joy Division, enfim, as coisas que estavam a aparecer naquela altura, e também algumas referências dos anos 70. Gostávamos das mesmas ondas musicais, havia uma partilha de interesses.<sup>32</sup>

Aliás, Variações, na única vez em que falou publicamente de referências anglo-saxónicas, foi ao encontro do género de música e dos autores referidos por Amaro:

A propósito de música fora-de-portas, inquirim-se influências – indirectas – mais plausíveis. A resposta é longa, surge a conta-gotas como que tentando rever num curto lapso a discografia mais utilizada: “Beatles, Rolling Stones, Lou Reed, David Bowie, Roxy Music, Talking Heads, Gang of Four, Joy Division, New Order e Orchestral Manoeuvres in the Dark, entre outras.”<sup>33</sup>

As conversas do cantor com estes músicos, com a exceção de uma vez terem falado acerca de Amália, incidiam em torno destas sonoridades, que os três apreciavam. Em nenhum momento se falou de folclore ou fado:

**- Ele alguma vez vos falou daquela questão do “Entre Nova Iorque e a Sé de Braga”, ou seja alguma vez falou do seu gosto mais popular e fadístico?**

- Que eu me lembre não. As nossas conversas eram mais sobre as bandas que quer ele, quer nós, gostávamos. Lembro-me de ele uma vez ter falado da Amália e deu para perceber a forma como ele a venerava. Mas de resto, é como digo, falávamos da música moderna que todos gostávamos. Não me lembro de referências ao Minho, por exemplo.<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 488.

<sup>33</sup> Cf. S/A (1982). “António Variações: É preciso fugir à monotonia”. *O Tempo*, 17 de junho, p. VIII.

<sup>34</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 490.



Variações parecia plenamente satisfeito com as propostas sonoras que os jovens faziam para as canções que ele cantava e compunha.

### **1.15.2. Participação no programa radiofónico *Meia de Rock***

Ao contrário do que tem sido considerado um dado certo, por exemplo, na biografia de Gonzaga,<sup>35</sup> a participação de Variações no *Meia de Rock*, programa radiofónico da Rádio Renascença, não ocorreu antes da sua participação no *Passeio dos Alegres*, mas sim depois, em 20 de dezembro de 1981. Tal não é, de modo nenhum um facto despiciendo, pois, a ser assim, a participação de Variações no *Passeio dos Alegres*, afinal, esteve longe de ser tão determinante quanto se tem julgado até agora.

Aliás, Ricardo Camacho relata que, imediatamente a seguir à participação de Variações no programa de Júlio Isidro, foi falar, entusiasmado, com Francisco Vasconcelos, diretor da Valentim, propondo-lhe contratarem aquele artista, ao que este respondeu que ele já pertencia à editora. Mas só em 1982 é que o gravariam. Portanto, imediatamente a seguir ao *Passeio dos Alegres*, ninguém da editora Valentim de Carvalho, ou doutra, contactou Variações. O *Passeio dos Alegres* foi logicamente muito importante no percurso de Variações, pois, deu-lhe imensa visibilidade mediática, mas, repito, não terá sido fulcral para que ele conseguisse gravar, que era, nessa altura, o seu grande objetivo. Ele tinha imaginado que depois da sua atuação nesse programa seria contactado para gravar as músicas aí apresentadas, que ele imaginava com um *single*: “Toma o Comprimido” no lado A, e “Não me Consumas” no lado B. Tal não sucedeu. Atuou em maio e a editora só o contactou no final do ano; e falta ainda apurar se a carta do irmão teve ou não a ver com esse contacto. Ao ser entrevistado no *Meia de Rock* ele foi perentório:

---

<sup>35</sup> Manuela Gonzaga (2018). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Bertrand Editora, p. 178.

É uma grande maldade a “Toma o Comprimido” não ter sido lançada na altura. (...) E acho que a Valentim poderia ter lançado um *single* depois de eu ter aparecido na televisão. Houve imensas reações. Eu passava na rua e as pessoas tinham reações giras, e acredito que tivesse sido, não digo um sucesso, mas ia ser bem aceite. Tinha sido o meu lançamento (...).<sup>36</sup>

Este programa radiofónico gravou duas canções suas “Anjinho da Guarda” e “É P’rá Amanhã”, esta em versão *reggae*, que depois transmitiu com assinalável sucesso. Esta entrevista foi feita no apartamento do Variações. Os músicos que o acompanharam foram Luís Carlos Amaro no baixo, o seu irmão, Vasco Amaro, na guitarra elétrica, e Sérgio na bateria, todos com cerca de 17 e 18 anos. Eram muito mais jovens do que Variações, que tinha 37 anos. Mais tarde, estes músicos, inseridos no movimento da Música Moderna Portuguesa, formaram uma banda, A Jovem Guarda, que teve sucesso dentro desse movimento, gravando discos pela prestigiada e histórica editora independente Ama Romanta, de João Peste.<sup>37</sup> A única vez em que tocaram ao vivo com Variações, com quem vinham ensaiando na sua casa, há já alguns meses, foi precisamente no *Meia de Rock*.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> Cf. Anexo n.º 2, pp. 396-397. Esta entrevista foi gravada pelo próprio António em cassete e consta do seu acervo sonoro, transcrito por Nuno Galopim. A data que lá está é 20 de dezembro de 81, como se poderá ver no Anexo n.º 2, pp. 395-398.

<sup>37</sup> A Jovem Guarda tocava música instrumental, salientando-se a guitarra de Vasco Amaro, influenciada pelo pós-*punk* e por bandas como os Durutti Column. Integrou-se no Movimento da Música Moderna Portuguesa, que ocorreu a partir de 1984 até à década de 90, onde pontificaram bandas de estética e ação independentes como os Mão Morta, Pop Del Arte, etc. Na bibliografia final, está disponível uma ligação para a audição de alguns temas seus. Luís Carlos Amaro continua ligado à música na qualidade de *designer*, sendo da sua autoria algumas capas de discos de, por exemplo: A Naifa, Xutos & Pontapés e Peste & Sida, entre outros.

<sup>38</sup> Luís Carlos Amaro não tem a certeza absoluta se ainda tem algum registo sonoro dessas gravações. De todo o modo, essas gravações estão guardadas no acervo sonoro de Variações, e um breve trecho pode ser escutado em: (2006). *A História de António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. (LP) Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho, faixa n.º 16.

## **1.16. Finalmente a tão desejada edição do seu primeiro trabalho**

### **1.16.1. Início das sessões de gravação do seu disco debutante: o papel desbloqueador de Nuno Rodrigues**

Finalmente, em 1982, iniciaram-se as gravações do seu *maxi* debutante.

Nuno Rodrigues, o novo A & R da Valentim de Carvalho e músico da Banda do Casaco, desbloqueou a situação de Variações na editora. Ouviu as gravações, dentro do âmbito do para-folclorismo, feitas por Mário Martins e o maestro Jorge Machado, e achou que o caminho de Variações seria dentro do *rock* e da música moderna e começou a trabalhar nesse sentido. Foi assistir a alguns ensaios de António, com Luís Carlos Amaro, Vasco Amaro e Sérgio, na casa do cantor. Ele diz que foi lá duas vezes por semana. Luís Carlos Amaro recorda-se apenas de uma ou duas. Seja como for, a certa altura estes jovens músicos foram afastados e substituídos por músicos da confiança de Nuno Rodrigues, relacionados com a Banda do Casaco e com a Salada de Frutas.

As gravações iniciaram-se e, apesar de afastados, Variações convidou os jovens músicos a assistirem a algumas sessões de gravações. Eles gostaram do que ouviram e disseram-lho, o que o deixou bastante contente.

### **1.16.2. O contexto real duma frase que veio a tornar-se famosa, “Entre Braga e Nova Iorque”, e a ação preponderante de Ricardo Camacho**

Contudo, as sessões de gravação nem sempre correram de feição. O produtor era Nuno Rodrigues, mas Variações, a determinada altura, exigiu a presença de Ricardo Camacho, que foi, durante um breve período, funcionário da Valentim de Carvalho e tinha sido o produtor de dois discos cuja sonoridade Variações apreciava bastante: *Foram Cardos*, *Foram Prosas*, de Manuela Moura Guedes, e *Alhur*, de Né Ladeiras.

Aquando da gravação de “Povo Que Lavas no Rio”, António manifestou a sua insatisfação ante os resultados obtidos pelos músicos. Ricardo Camacho pediu aos músicos que saíssem e falou a sós com o cantor, tentando perceber porque é que ele não estava a gostar da sonoridade obtida. Este ter-lhe-á dito então a famosa frase, que veio a ser ligeiramente deturpada e usada de modo descontextualizado, afirmando que pretendia um som algures “Entre Nova Iorque e a Sé de Braga” (não ao contrário e omitindo a Sé, como erradamente se tem veiculado “Entre Braga e Nova Iorque”).

Ricardo Camacho, apesar da sua influência na gravação das canções, não ficou até ao final das sessões nem o seu nome surge nos créditos finais do disco, o que é, de facto, estranho. Posteriormente, em entrevista, manifestou algum desacordo relativamente à sonoridade final das gravações.

### **1.16.3. Lançamento do *maxi* estreante com as canções “Estou Além/Povo que Lavas no Rio”.**

A editora terá recebido uma carta do irmão de Variações, Jaime Ribeiro, na qualidade de advogado, pressionando-a a cumprir o contrato que assinou com o artista. Nuno Rodrigues manifestou sempre desagrado face a esta situação, dizendo que Variações nunca se colou à atitude do irmão. Opostamente, Jaime Ribeiro diz que o fez a pedido de Variações, que estaria farto de esperar que o editassem.

Seja como for, no final de maio, início de junho, de 1982, foi finalmente lançado o seu trabalho debutante, o *maxi* com “Estou Além” no lado A e “Povo que Lavas no Rio” no lado B. Foi gravado um teledisco na Praia da Costa da Caparica que causou alguma celeuma pelo carácter sexual implícito. Nele, Variações tem várias mãos, de ambos os sexos, que o tentam tocar e, numa das cenas, rebola-se sensualmente nas areias da praia. Este teledisco passou com êxito no programa *ViváMusica*. Variações viu o seu trabalho editado, tinha ele 37 anos a caminho dos 38. Como já referi, David Ferreira, administrador da Emi-Valentim de Carvalho, sugeriu que em vez de ser António & Variações, o cantor se apresentasse como António Variações, o que veio a acontecer.

A sua versão de “Povo Que Lavas no Rio” foi polémica e gerou anticorpos. No entanto, “Estou Além” tornou-se presença assídua nas rádios e chegou ao Top, ocupando posições de relevância. Entrou para o *Top Nacional*, na semana de lançamento, diretamente para o 20.º lugar, mas rapidamente ascendeu à terceira posição. O cantor começou a ser solicitado para vários espetáculos. A crítica especializada esteve longe da unanimidade face a esta obra estreante. O bem considerado Trindade Santos, crítico musical em vários jornais, nomeadamente, no *JL*, *Expresso*, etc., profundo conhecedor de música, e não apenas *pop*, mas também fado e música erudita – esteve, por exemplo, ligado ao arranque da carreira de Camané –, dando voz ao que uma parte do público pensava (incluindo a própria Amália), reagiu de modo visceral:

Este *maxi-single* que inclui um tema tornado famoso por Amália Rodrigues (“Povo que lavas no rio”) ameaça tornar-se um sério candidato ao prémio de mau gosto do ano. Mas apoia-se numa fórmula bem concebida, que consiste na utilização de um discreto suporte harmónico (sintetizado) sobre o qual a voz debita a sua parte. A instrumentalização suporta-se. A voz é que não. No entanto, há que reconhecer que nada disto é importante, pois um insistente trabalho promocional não tardará a instalar este soluço nos topes, de onde não sairá senão no fim de verão.<sup>39</sup>

## **1.17. Algumas reações de desagrado do público face a Variações**

### **1.17. 1. Participação inglória na Grande Noite do Fado**

A 19 de março de 1982, segundo testemunho de Carlos Ferreira, que atuou, enquanto Guida Scarllaty, num espetáculo onde também esteve presente, enquanto cabeça de cartaz, Amália Rodrigues, na Grande Noite do Fado, no Coliseu dos Recreios, Variações atreveu-se a cantar a sua versão de “Povo Que Lavas no Rio”. Foi

---

<sup>39</sup> Trindade Santos (1982). “Crítica musical”. *TV Top*, nº. 65, 31 de maio a 6 de junho, p. 52.

monumentalmente vaiado e pateado.<sup>40</sup> Num dos jornais da época, num artigo intitulado “Amália há só uma”, salientava-se o regresso de Amália e não se mencionava sequer Variações:

Na Grande Noite do Fado (...) Amália foi a rainha. À sua chegada, choveram palmas e sorrisos: as crianças foram erguidas aos ombros; os polícias de serviço serviram-se da farda para se chegarem mais à frente; os vendedores de gelados arrumaram as caixas; até nos bastidores se fez silêncio. Ela cantou o “Fadinho Serrano”, depois o “Povo que Lavas no Rio”, e alguém ao meu lado dizia “Lindo! Lindo!”. (...) Hermínia teve idêntico acolhimento. António Mourão fez cantar toda a gente. A Vasco Rafael, Esmeralda Amoedo e a quase todos os outros – tantos que não há espaço para os enumerar – pediram bis. Mas não foi só fado. Também os travestis de Guida Scarlatty e Lydia Barloff foram calorosamente aplaudidos. (...) as interpretações das Doce, Carlos Paião, Simone, Maria Armada, Suzy Paula, etc., entusiasmaram.<sup>41</sup>

Variações estaria a finalizar o seu disco de estreia. Não era ainda uma figura conhecida. O testemunho de Guida Scarlatty é o seguinte:

Assisti a uma das maiores pateadas numa atuação do Variações no Coliseu, quando ele foi cantar o “Povo que Lavas no Rio” na Grande Noite do Fado. Lembro-me daquela tremenda pateada e daquele público tão tradicional que vai à Grande Noite do Fado. (...) Foram impiedosos, a pateada foi monumental, e nós ficámos realmente assustados. Ele? Na maior. Continuou a cantar como se nada acontecesse, as pessoas a patearem, a gritar, a insultarem, e ele continuou a cantar até ao fim como se nada tivesse acontecido. Foi genialmente corajoso.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> Esta versão aparece na biografia de Gonzaga e parece-nos crível, pois, Guida Scarlatty esteve, de facto, presente nesse espetáculo. Variações estava a cerca de dois meses de editar o seu disco de estreia. Seria interessante confrontar este vívido testemunho de Carlos Ferreira com outros.

<sup>41</sup> M. G. S. (1982). “Amália só há uma”. *Diário Popular*, 20 de março.

<sup>42</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2018). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Bertrand Editora, p. 146.

Ainda assim, o cantautor não se deixou afetar por esta violenta rejeição por parte do tradicional público do fado e levou a sua atuação até ao fim. Pela calma e segurança, impressionou quem o viu. A este propósito, um dos traços de carácter que Júlio Isidro releva no cantautor é a sua segurança e (aparente) indiferença às reações sanguíneas que, porventura, poderia suscitar:

(...) tenho a sensação de que ele era duma segurança extrema. É o que aparentava. (...) Teria as suas angústias como todos os criadores têm, mas, tivesse ou não angústias, tivesse ou não inseguranças, sempre fez aquilo que quis fazer. E isso já é suficientemente importante para eu poder dizer que nisso ele era seguro. «Dizem mal, dizem bem, dizem que vou vestido à palhaço, que eu desafino, mas eu faço estas canções, não faço outras».<sup>43</sup>

Guida Scarlatty, entre outros, foi elogiada/o pela imprensa, e Amália, por esta altura envolta em alguma polémica correlacionada com o PREC, causou furor, transformando esta atuação numa vitória contra quem não a queria a atuar em Portugal. Terá ela visto aqui Variações? Não sabemos, sabemos, isso sim, como veremos adiante, que não gostou nada da versão da sua canção feita por ele.

### **1.17.2. Apupos e pedras na Feira Popular**

No início de junho de 1982, na sequência do lançamento do seu *maxi* debutante nos finais de maio, Variações atuou na Feira Popular, fazendo a primeira parte dos UHF. Dado o seu aspeto exuberante e a sua voz aguda, foi apupado e apedrejado por uma parte considerável do público. Estavam lá cerca de 5000 pessoas.

António Manuel Ribeiro, vocalista dos UHF, dirigiu-se ao público, em defesa de António, dizendo que ele era alguém que estava a tentar fazer coisas novas na música em Portugal e que devia, por isso, ser admirado e respeitado. Um jornal da época dá conta do

---

<sup>43</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 484.

episódio e recolhe a impressão do próprio Variações, que disse ter-se sentido como se estivesse num ringue:

Na quinta-feira passada, mais de cinco mil jovens estiveram na Feira Popular de Lisboa para ver precisamente António e os UHF. Devido ao seu modo avançado de se vestir e também por cantar em *playback* instrumental, António foi mal recebido inicialmente pelo público, que, no entanto, acabou por compreendê-lo. “Senti-me mais num ringue do que num palco. Mas acho que valeu a pena, pois são sempre experiências necessárias”. Logo depois do António e Variações, surgiram os UHF. Através do seu líder, António Manuel Ribeiro, a atitude do público foi muito criticada: “António é uma das poucas pessoas neste País que tenta fazer alguma coisa de novo na música portuguesa. Ele precisa de apoio, pois está a tentar formar uma banda e é coerente e corajoso”.<sup>44</sup>

António Manuel Ribeiro guarda memórias muito vivas desse dia:

Nessa noite de maio de 82, perante uma plateia heterogénea onde os fãs dos UHF se misturavam com os maduros da noite que controlavam as raparigas certas. (...) António Variações subiu sozinho ao palco para cantar (...) Chegaram-se à frente alguns marialvas, sorridentes, com desdém e vontade de gozar a imagem singular do cantor. Como os chistes eram abafados pela música (...) resolveram juntar às graçolas o envio de pedrinhas da gravilha que cobria o terreno (...) Primeiro uma, depois outra, e logo uma saraivada para provocar e captar a sua atenção. (...) Foi aí que o meu estômago não aguentou (...) subi ao palco, acerquei-me do microfone e barafustei contra a atitude dos maduros, explodi em discurso sobre a novidade que o António representava e a importância dos novos caminhos da música portuguesa.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> Cf. Anexo n.º 2, p. 403.

<sup>45</sup> António Manuel Ribeiro (2014). *Por Detrás do Pano: 35 Histórias contadas na Rádio & Outras Confissões*. Lisboa: Chiado Editora, p. 147-149. Neste mesmo texto testemunhal, o líder dos UHF conta que Luís Filipe Barros lhe terá dado a ouvir a cassette que Variações entregou ao radialista, nessa época a produzir o primeiro LP dos UHF, *À Flor da Pele*. Conta também que viu Variações, no Frágil, e que este não bebia, recusando o copo de *Whisky*, que lhe oferecera. O cantor localiza as ocorrências em maio de 82, mas é mais provável terem sido em junho, tal como é relatado em: Rui Leitão (1982). “António cabeleireiro faz ondas na música”. *Tal & Qual*, 5 de junho, p.10.



### 1.17.3. Reação áspera, pouco cordial, de Amália Rodrigues perante Variações

O histórico espetáculo de Amália Rodrigues na Aula Magna em 1983 foi recebido de modo entusiástico pela imprensa da época. Com o significativo título “Doutora do fado canta na reitoria”, o jornal *Sete* anunciava, assim, o concerto:

Vai ser uma autêntica lição de bem cantar dada por essa doutora do fado chamada Amália Rodrigues. Em verdade se diga, que nunca o local onde se realiza um concerto teve um nome tão apropriado para a apresentação de uma artista. A Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa é a sala mais que certa para receber Amália Rodrigues no próximo dia 26. Acompanhada por Fontes Rocha (guitarra), Carlos Gonçalves (guitarra), Jorge Fernando (viola) e Joel Silva (baixo). Amália fará uma retrospectiva de alguns dos seus maiores êxitos. A primeira parte do concerto será assegurada por António Variações. A organização do espetáculo coube a um grupo de alunos da Faculdade de Direito de Lisboa, que assim assinala o fim do ano letivo.<sup>46</sup>

Espectáculo histórico, portanto, a 26 de maio de 1983, na Aula Magna da Universidade de Lisboa, no qual Variações atuou na 1.<sup>a</sup> Parte de Amália. Foi acompanhado por Né Ladeiras, como convidada especial, em alguns temas, e pela banda Vírus.<sup>47</sup>

Também participou Rosa Lobato Faria, na sua qualidade de *diseur* de poesia, que declamou poemas do LP Amaliano *Com Que Voz*. A apresentação do espetáculo esteve a cargo do radialista da Rádio Comercial José Lá Féria. No *flyer* do espetáculo, onde constava o programa, junto a uma fotografia sua, Variações escreveu uma quadra existencialista, apresentando-se a si mesmo nos seguintes termos:

---

<sup>46</sup> S/A (1983). “Doutora do fado canta na reitoria”. *Sete*, n.º 259, 25 a 31 de maio, p. 6.

<sup>47</sup> Porque é que Variações não se fez acompanhar pela sua banda dessa altura, Os Anjos? E quem eram os elementos destoutra banda? Francisco Simas era um deles (Cf. Maria João (1996). *Variações*. (Doc., aos 17, 38 m.). A banda que acompanhou Variações foi considerada não estar à altura da tarefa, sobretudo, após uma atuação de má memória numa festa do jornal *Sete*. Pedro Ayres Magalhães chamou a atenção para este ponto (cf. Anexo n.º 3, p. 502).

Olhar vago não quer dizer disponível.

Porque me achas diferente, se eu não te acho vulgar?

Eu sei o que quero, mas esqueço-me muitas vezes.

Prefiro ser uma surpresa a ser uma certeza.<sup>48</sup>

Relativamente a este espetáculo há uma questão ainda por apurar na sua completude. Na biografia de Manuela Gonzaga, segundo os testemunhos que recolheu, postula-se que este espetáculo era para ser apenas de Variações, e ele é que teria dito que só atuaria, num lugar tão simbólico, se Amália também atuasse. Ela era a sua diva e seria certamente uma honra para ele participar num concerto com ela. No entanto, Jaime Ribeiro, o seu irmão advogado, disse-me em conversa informal que nunca tinha ouvido falar disso. Para ele, se assim fosse, teria sido Amália a fazer a 1.ª Parte e Variações o cabeça de cartaz. Disse-me também que nunca vira Variações tão nervoso como neste espetáculo. No meio destas duas versões, é difícil averiguar a verdade dos factos. Se fosse como Gonzaga postula, estaria a organização disponível para pagar a mais um artista, ainda para mais sendo esse outro cantor a diva fadista? Por outro lado, a favor da tese veiculada por Gonzaga, parece estar o facto de Amália pertencer à mesma editora de Variações, o que facilitaria em muito a conjugação de esforços.

Seja como for, assinale-se aqui o essencial: era um espetáculo de grande importância para Variações, mas a sua adorada Amália, segundo testemunhos próximos, ao ver o cantor, e como a sua versão de “Povo Que Lavas no Rio” não tinha sido do seu agrado, foi muito antipática, dizendo “Estou aqui, mas não sei, não conheço e nunca vi este senhor que veio aqui cantar comigo”.<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> Cf. Anexo n.º 4, pp. 15-16. Esta pequena quadra, na verdade, contém todo um programa estético. Pode ser analisado com atenção em estudos futuros.

<sup>49</sup> Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, pp. 259 et. seq.. É Francisco Vasconcelos, executivo da Valentim de Carvalho, quem relata os factos citados.

No final do espetáculo, talvez arrependida, emendou a mão e foi ter com ele, cumprimentou-o e escreveu-lhe uma dedicatória, gabando-lhe a beleza física: “Ao António Variações, tão bonito que até parece estrangeiro”. Depois, pediu-lhe um anel que ele usava, feito a partir de uma colher, mas como era uma recordação amorosa, com grande significado para si, o artista não cedeu ao pedido da diva. Portanto, no final do espetáculo, Amália foi mais cordial. E, na morte do cantor, manifestou o seu sentido pesar.

A crítica musical Manuela Paraíso escreveu, assim, sobre a atuação de Variações nesse dia:

Porquê a presença e participação de António Variações num concerto de Amália? Porquê a colocação de uma música nova como suporte do eterno fado (o de Amália)? No fundo, a associação não poderia ser mais lógica: a música de António Variações é genuinamente portuguesa, com nítidas referências ao folclore de diversas regiões do país. Portugal não é uma palavra estéril e abstrata para António, e, acima de tudo, tem como significado o nome Amália. A atuação de António Variações representou, também ela, uma forte homenagem à nossa Voz. Ouvir os discos de António e presenciar uma atuação sua são coisas absolutamente independentes, se bem que não indissociáveis. Em estúdio, ele agrada-nos pela invulgaridade e harmonia do seu timbre vocal, pela reunião acertada de bons instrumentistas, com um nível global homogéneo e positivo. Em palco, eficaz pela sua capacidade de criar ambientes sonoros sob o aspeto visual, António Variações canta, não só com a boca, mas também com as mãos, com os olhos, com o corpo todo e especialmente com a alma. Essa expressividade concentra as atenções gerais sobre si, desviando-as da presença já apagada e deslavada da banda que acompanha o cantor. Esse é, quanto a mim, um dos pontos a rever relativamente às atuações de António Variações – edificar uma banda composta por músicos que se situem à altura dele. Surpreendente e deliciosa foi também a presença de Né Ladeiras no palco, interpretando temas conjuntamente com António Variações, deslumbrando-nos com a sua voz bela e fluida. Foram as pequenas peças de “Anjo da Guarda”, encabeçadas pelos temas mais divulgados na rádio, e finalizados com a melhor opção possível: “Voz-Amália-de-nós”. O contributo estava dado. (...)<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> Manuela Paraíso (1983). “Zoom: texto crítico sobre o concerto de António Variações e Amália Rodrigues na Aula Magna”. *Música & Som.*, n.º 83, agosto, p. 9.

Sobre a atuação de Amália, o texto quase que deixa de ser um texto crítico e passa a ser um exercício poético encomiástico:

O seu canto rasgado e sentido, hoje mais do que nunca, penetra-nos a pele e instala-se no nosso ser sob a forma de arrepio. Aquela voz tão cheia de mágoa e emoção (...) Simultaneamente chama rubra e cinzas semeadas pelo vento (...) “Mouraria”, “Povo que lavas no rio” (...) Vim-me embora com a voz da Deusa bailando-me nos ouvidos e a sua imagem fluindo nos meus olhos. Amália, voz e mulher, não envelhece nem morrerá jamais porque os entes divinos são eternos.

Assinale-se que Manuela Paraíso pertence ao restrito grupo de críticos que, no início, foi sensível à proposta estética de *Variações* e não o criticou negativamente.<sup>51</sup> Mas sobre Amália, a jornalista já tinha escrito antes em tons inefáveis. Numa análise de teor crítico, sobre uma antologia de Amália, intitulada *Fado*, que antecedeu o concerto na aula magna e o *come back* de Amália, escreveu assim:

O regresso do mito. O mito a cantar as canções da sua juventude, a provocar a saudade a uns, a nostalgia a outros, o prazer da descoberta a mais alguns. Amália – mito ou mulher – por qual das duas opta? Penso que pelas duas. Simultaneamente. Nem poderia ser doutro modo. Mulher, por ser viva, presenta, visível; mito, por ser saudade, voz que se ouve distante; distância que se sente próxima – nome que é um símbolo. Este disco é uma forma de regressar ao passado e daí a sua atualidade. Está dentro do espírito da época. Porque a década é de passado para os Portugueses porque presentemente, outra coisa não é possível.

52

---

<sup>51</sup> A relação da crítica da época com o trabalho do cantor é uma questão relevantíssima, fundacional. No entanto, dado estarmos aqui a tratar do percurso de *Variações* antes de editar qualquer trabalho será aqui apenas a florada, ficando análises mais incisivas para estudos posteriores. Entre os que apreciaram positivamente o seu trabalho estão, entre outros, Rui Monteiro, António Duarte e Manuela Paraíso.

<sup>52</sup> Manuela Paraíso (1983a). “Crítica a *Fado*, de Amália Rodrigues”. *Música & Som*, n.º 79, fevereiro, p. 43.

Quanto a Variações, neste mesmo ano, a 14 de novembro, a par de Alberto João Jardim e Nicolau Bryner, entre outros, foi considerado um dos mais mal vestidos. Ao júri dessa desprestigante atribuição, respondeu em entrevista, dizendo “sabem lá eles o que é bem vestir”.<sup>53</sup>

#### **1.17.4. Um exemplo contrastante: a elogiada presença do cantor na exposição *Depois do Modernismo***

Ocorreu uma exposição multidisciplinar *Depois do Modernismo*, a 7 de janeiro de 1983, na Sociedade Nacional de Belas Artes. Foi uma exposição importante, pois, de algum modo, marcou a entrada do pós-modernismo artístico em Portugal. Uma geração de artistas plásticos e críticos de arte, que darão cartas nos anos seguintes, estava presente.

Foi, assim, uma espécie de manifesto artístico geracional. Além disso, propunha a interdisciplinaridade. Estiveram presentes com as suas propostas artísticas arquitetos, encenadores, pintores, estilistas, etc. Entre eles, Julião Sarmento, Leonel Moura, Alexandre Melo e Ricardo Pais.

António Variações foi convidado para a festa de inauguração da exposição e a sua presença, perfeitamente enquadrada no espírito desta mostra artística, marcou-a indelevelmente. Apareceu com um visual pós-humano, com uma rede de arame à laia de camisola com correntes e fechaduras atracadas a si.

Leonel Moura, um dos organizadores, elogiou a sua presença, referindo-o como exemplo do espírito pós-moderno que a exposição pretendia passar.

---

<sup>53</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 18.

## 1.18. Lançamento do seu primeiro LP e respetivo sucesso massivo junto do público

### 1.18.1. *Anjo da Guarda*: um disco repleto de hits

Em março de 1983, com 38 anos, foi editado o seu primeiro LP, o seu trabalho com mais êxito junto do grande de público, *Anjo da Guarda*.

Este trabalho tem na contracapa uma dedicatória a Amália. Foi produzido por Moz Carrapa, ex-Salada de Frutas, e teve a participação de dois elementos dos GNR: Vítor Rua, guitarrista, e Tóli, baterista. Dele foi retirado o *single* “É P’rá Amanhã...”. Mas outras canções, como “... O Corpo é Que Paga”, também andavam no ouvido das pessoas.

O cantor, através deste álbum, firmou-se plenamente no mercado nacional musical. Participou em vários programas televisivos e fez muitos espetáculos. Atuava, ou em *play-back* ou com a sua banda Os Anjos, constituída por Dudas na guitarra, Carlos Barbosa no baixo, Mário Rui nas teclas e Pércles no saxofone. A crítica Manuela Paraíso saudava assim, na revista *Música & Som*, o novo trabalho de Variações, classificando-o com três semínimas, correspondentes a “muito interessante”, entre quatro possíveis:

Pode afirmar-se, com toda a segurança, que António Variações ocupou, quando da edição do seu primeiro registo ("Estou Além/Povo Que Lavas No Rio"), há cerca de um ano, um lugar definido dentro do meio musical português, destacando-se da mediania pelo seu timbre vocal invulgar. É precisamente a própria voz o elemento mais representativo da sua expressão musical, como um verdadeiro instrumento característico e imaginativo, capaz de despertar diversas reacções – possivelmente todas, excepto a indiferença. Um disco de António Variações jamais passaria despercebido embora a responsabilidade não caiba realmente aos temas, aos instrumentistas ou à produção do trabalho. O factor diferença é dado pela capacidade interpretativa, explorada de uma forma originalíssima, que António evidencia uma vez mais, neste seu segundo trabalho de estúdio. Marcado por uma homogeneidade demasiado óbvia, a nível de composição (da qual salienta uma certa limitação), "Anjo da Guarda" oferece, em contrapartida, um leque imaginativo de letras interessantes e bem estruturadas, entre as quais gostaria de referir "Sempre Ausente", "Onda-Morna", "Visões-Ficções (Nostradamus)" e "Quando fala um Português", além dos

já conhecidos "Estou Além", "...O Corpo é que Paga" e "É P'ra Amanhã...". Denunciando um sabor tipicamente português, principalmente nos temas já referidos "É P'ra Amanhã", "O Corpo é que Paga" e também em "Voz-Amália-De-Nós", homenagem a Amália Rodrigues, a quem é dedicado o álbum. "Anjo da Guarda" é um disco agradável, saboroso e expressivo, apesar da qualidade das músicas não corresponder, na minha opinião, ao nível global do trabalho. Aguardemos o próximo.<sup>54</sup>

Nessa revista de referência, este trabalho foi classificado, segundo o sistema de atribuição de estrelas, como: “péssimo” por um crítico; “razoável” por três críticos; e por “muito interessante” por dois críticos, nos quais se incluía Manuela Paraíso. Hoje, passado o teste do tempo, é considerado unanimemente, pela crítica especializada, um dos discos mais importantes de sempre da música portuguesa.<sup>55</sup>

### **1.18.2. Os seus agentes, José Ferreira de Melo e Teresa Couto Pinto, e o seu papel em fases distintas na carreira do cantor**

Em 1983, o seu amigo José Ferreira de Melo tornou-se seu *manager*. Entre 13 de março e 15 de outubro desse ano, angariou-lhe cerca de 45 espetáculos. Acompanhou-o em muitos desse espetáculos.

Por esta altura, era um artista requerido e acarinhado por uma grande parte do público. Era assediado por fãs em todo o lado. No verão de 1983, Variações teve uma intensa agenda de espetáculos por todo o país. Partilhou palcos, entre outros, com Lena d'Água e Marco Paulo.

Variação atuou numa festa do *Sete* e a sua atuação, com o grupo que o acompanhava, não terá sido das melhores. É possível que este facto tenha pesado na mudança de agente que se seguiu.

---

<sup>54</sup> Manuela Paraíso (1983). “Análise crítica a *Anjo da Guarda*”. *Música & Som*, n.º 82, junho-julho, p. 40.

<sup>55</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 20.

Assim, no final do ano, o cantor desvinculou-se de José Ferreira de Melo. A sua amiga da boémia lisboeta, Teresa Couto Pinto, que o coadjuvou nas suas encenações fotográficas, tornou-se então sua agente. Ela afirmou que foi sua *manager* um ano e meio, o que não parece, de todo, bater certo com os factos citados atrás. De todo o modo, é descrita como uma *manager* competente, que veio dar outro alento a Variações. Acompanhou-o e apoiou-o em diversas situações, incluindo na sua hospitalização.

### **1.19. Feitura da sua derradeira obra: *Dar & Receber***

Entre 6 e 25 de fevereiro de 1984, foi gravado o seu segundo e derradeiro *LP* de originais, *Dar & Receber*. António tinha 39 anos.

O cantor estava muito entusiasmado para este novo trabalho. Os músicos foram escolhidos por si. Vira os Heróis do Mar atuarem no Baile das Camélias, em Sintra, e, no final, convidou Pedro Ayres Magalhães para produzir o seu próximo disco, o que este fará com o teclista da banda, Carlos Maria Trindade. Ayres Magalhães, mentor dos Heróis do Mar, tem memórias muito nítidas deste episódio:

Portanto, em 1982, gravámos o “Amor”, depois em janeiro, fevereiro de 1983, gravámos o segundo álbum, “Mãe”. E eu lembro-me de estarmos a apresentar músicas desse álbum, com as roupas dos Heróis do Mar, em Sintra, no Baile das Camélias, que é típico de Sintra, e o Variações apareceu no concerto. E ele estava lá na plateia e ninguém o largava. Toda a gente lhe queria mexer e tocar na barba e puxavam-lhe a roupa e ele ria-se. Ele adorava aquilo, e eu fiquei impressionadíssimo porque nós éramos todos um bocadinho *snoobs*, revolucionários, politizados, *blasé*, um bocadinho agressivos, ativistas, e foi a primeira vez que eu vi uma pessoa que, por natureza, é popular, que adora ser artista, que dá autógrafos a toda a gente. Mulheres, homens e crianças, ninguém o largava. E nós a tocarmos e aquilo a passar-se à nossa frente e nunca mais acabava. Acabámos de tocar e continuou tudo atrás do Variações. Fiquei impressionado com o carinho que ele tinha. Era uma pessoa narcísica, gostava que gostassem dele. E era simpático, era dado. E ele veio ver o concerto para falar comigo para fazer o disco dele, pois, tinha ficado muito impressionado connosco, com as



roupas, a música, etc. E falou-se nessa hipótese e combinou-se falar nisso à Valentim de Carvalho.<sup>56</sup>

Foi um disco eclético. O som dançável e atual, à época, dos Heróis do Mar forneceu uma excelente base sonora para a voz, melodias e palavras de Variações. O músico cabo-verdiano Paulino Vieira participou, desde o início, na feitura do disco. Fontes Rocha, músico de Amália Rodrigues, participou com a sua guitarra portuguesa em algumas canções, bem como Eugénia Lima, no acordeão.

No entanto, na fase final das gravações, devido ao que se suponha ser uma gripe, Variações já não participou.

## **1.20. Doença devastadora e inusitada: a morte na flor da idade**

### **1.20.1. Última aparição televisiva, cancelamento de espetáculos e hospitalização**

António, devido a uma tosse intensa que não passava, viu-se obrigado a cancelar vários espetáculos. Em abril participou num programa de Júlio Isidro, *A Festa Continua*, que decorreu no Algarve. O cantor afirmou não estar bem da voz e, por isso, não apresentou nenhuma das novas canções. Levava vestido um pijama, estampado com ursinhos, e um urso de peluche na mão.

Na viagem de volta para Lisboa, acompanhado pela sua agente Teresa Couto Pinto, vinha com bastante febre. Ficou depois alguns dias ao cuidado de Fernando Ataíde. Como não melhorou, Ataíde chamou a família do cantor para cuidar dele.

A 18 de maio deu entrada no Hospital Pulido Valente, na CUF. Foi-lhe diagnosticada uma broncopneumonia bilateral grave. Ficou entregue aos cuidados do Dr. Yglésias de Oliveira e, passado uma semana, foi transferido para o Hospital da Cruz Vermelha, onde foi tratado pela Dr.<sup>a</sup> Cristina Câmara.

---

<sup>56</sup> Cf. Anexo n.º 3, pp. 501-502.

A sua irmã Lurdes e a sua *manager* Teresa Couto Pinto ficaram com ele, prestando-lhe cuidados e dando-lhe apoio. Nunca melhorou. Emagreceu cerca de 30 a 40 quilos em pouco tempo. Nos últimos dias de vida, teve de ser entubado.

### 1.20.2. O Canto do Cisne

A editora Valentim de Carvalho adiou o lançamento de *Dar & Receber*, pois, esperava que o cantor melhorasse para que ele promovesse e apresentasse o disco. Entretanto, Variações, exasperado, disse à sua *manager* que a editora estava mas é à espera que ele morresse para só então lançar o disco e fazer, deste modo, mais dinheiro. Teresa Couto Pinto transmitiu isso mesmo ao administrador da Valentim de Carvalho, David Ferreira, que deu ordens imediatas de lançamento do disco, que saiu, assim, em maio.

Pedro Ayres Magalhães e Carlos Maria Trindade, os produtores do disco, foram mostrá-lo a Variações no hospital. A visita foi profundamente comovente. Só então é que eles se deram conta do grave estado de saúde do cantor. Ele ficou muito contente por o disco ter sido lançado, por ter podido vê-lo e ainda chegou a escutar na rádio algumas canções, segundo conta a sua irmã Lurdes. O músico dos Heróis do Mar relata, deste modo, esses tempos trágicos:

Ele estava impecável, fazia culturismo e era vegetariano, enfim, transbordava energia. Quando chegou a vez de gravar as vozes, passámos lá bastante tempo, e ele cantou tudo, e, às tantas, ficou constipado, ficou doente, com tosse. Já tinha gravado as vozes todas, (...) Depois ele desapareceu. Nós começámos a misturar o disco. (...) O Variações ficou doente e nunca mais apareceu. Um mês depois, estava no Hospital da CUF. Começaram-nos a dizer que ele estava doente e era grave, era uma bronquite... Portanto, demos graças a Deus por termos conseguido gravar as canções. Depois fomos mostrar-lhe o disco ao hospital e foi um choque vê-lo assim. Ele morreu dois ou três dias depois. O que eu escrevi no texto da contracapa é inteiramente verdade. Ele era muito boa pessoa.<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 507.

## 1.21. Exéquias e especulação

Como nenhum tratamento surtiu efeito, António Variações acabou por falecer. Foi declarado morto às 6 da manhã do dia 13 de junho, dia de Santo António e data de nascimento de Fernando Pessoa, a quem o seu último disco foi dedicado. O insigne cantautor tinha somente 39 anos.

No dia 14, a pedido da família, realizou-se a autópsia, e, logo depois, o corpo do cantor foi para a Basílica da Estrela, em câmara ardente. Por ordem médica, a urna estava selada. Muitos populares, mas também algumas figuras públicas como Pita e Pedro Ayres Magalhães, estiveram presentes no último adeus ao cantor.<sup>58</sup> O cançonetista Fernando Pereira, que mais tarde realizou um espetáculo em torno da obra do malogrado cantautor, no livro de presenças no funeral, deixou as seguintes sentidas palavras: “Perdemos um grande artista e um colega extraordinário. Todos ficamos mais pobres. Saudades António. Ass. Fernando Pereira.”<sup>59</sup> O corpo de Variações seguiu depois para Fiscal, em Amares, no dia 15, a sua região natal, onde ficou sepultado.

Durante estes dias, vários jornais, entre eles o *Expresso*, o *Diário de Notícias* e o *Correio da Manhã*, especularam à volta da causa da sua morte, adiantando a hipótese de ele ter morrido de Sida, à época um verdadeiro flagelo, ainda, erradamente associada aos homossexuais.

O *Correio da Manhã*, um dia após a morte do bardo, no canto direito da sua primeira página, ao lado duma fotografia do cantor, anunciou o trágico acontecimento com um título desrespeitoso: “Variações surpreendeu-nos: morreu”.<sup>60</sup> Durante estes dias, principalmente nos jornais diários, mas não só, pouco se realçou a enorme perda para a música e cultura portuguesas que fora o seu desaparecimento, preferindo-se, ao invés, especular à volta das causas da sua morte. A sua autópsia foi seguida quase ao minuto pelos jornais.

---

<sup>58</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 22.

<sup>59</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 24.

<sup>60</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 27-28.

Joana Mota, que fez um estudo sobre a cobertura mediática da morte de figuras públicas portuguesas, traz-nos alguns dados pertinentes. Diz-nos, por exemplo, que: “Os casos que não tiveram qualquer mensagem de condolências publicada nos jornais analisados por parte das principais figuras políticas do país dizem respeito às mortes de Angélico Vieira, António Variações, José Megre, Pavão e Vítor Baptista”.<sup>61</sup> E, de facto, em relação a Variações parece ter sido assim. A presidência da República da época (Ramalho Eanes) fez-se apenas representar nas exéquias, como se poderá verificar na respetiva lista de presenças e condolências.<sup>62</sup> Note-se que o funeral de Variações foi dos mais pesados e o que mais adesão popular teve nessa década. As ruas em redor da Basílica da Estrela estavam apinhadas de populares. Em seguida, Mota constata que a cobertura mediática foi menor em comparação com outras figuras:

O ruído que afeta a noticiabilidade revela-se também no carácter excêntrico de António Variações e, na altura, da doença que o matou. De facto, a morte de António Variações foi um dos acontecimentos analisados com menos destaque nos jornais, apesar de gozar já de algum reconhecimento na sua vida pública e artística. Neste caso, seria de esperar que a morte de um jovem cantor desse que falar, sobretudo por ter falecido de uma doença ainda desconhecida. Paradoxalmente, parece-nos que talvez seja essa uma das justificações para o menor grau de atenção mediática que António Variações obteve. O músico foi uma das primeiras vítimas conhecidas de Sida, em Portugal e, face à estranheza e à complexidade que a doença ainda causava na altura, em alguns casos estigmatizada socialmente, talvez os jornais tivessem optado por secundarizar o falecimento de António Variações. A acrescentar a este facto, também a irreverência de António Variações e a estranheza que a sua imagem causava poderão também justificar o afastamento que os jornais assumiram aquando da sua morte. No caso de António Variações, o *Correio da Manhã* foi o único jornal que usou a palavra Sida, mas em forma de interrogação: “a pneumonia surge como a hipótese mais consistente para justificar a morte de Variações, embora se avenge também a

---

<sup>61</sup> Joana Margarida Martins (2017). “A cobertura da morte de figuras públicas na imprensa Portuguesa”. *Estudos em Comunicação*, n.º 25, vol. 1, dezembro 2017, p. 204.

<sup>62</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 25.

probabilidade de o cantor minhoto ter sido vítima de um invulgar síndrome pulmonar. A SIDA?” [sic] (*Correio da Manhã*, 1984).<sup>63</sup>

Convém aqui assinalar alguns aspetos. O estudo de Mota cingiu-se aos jornais diários. Outros jornais não diários usaram a palavra SIDA e interessaram-se pela morte do icónico cantor. Outro pormenor não despiciendo: ela afirma que Variações morreu de SIDA. Qual é a fonte donde retira tal conclusão? Pode provar aquilo que diz? Se não o pode fazer, deveria, talvez, reformular o discurso.<sup>64</sup> De todo o modo, parece-me muito relevante a sua conclusão de que os jornais diários não deram a atenção que seria de esperar ao desaparecimento do cantor.

O semanário *Expresso*, em 16 de junho, continha uma reportagem sobre este assunto, usando a palavra SIDA:

A hipótese do cançonetista António Variações, falecido na manhã de quarta feira, ter sido vitimado pela SIDA (...) não foi ainda confirmada pelos médicos, embora existam suspeitas de que tal tenha acontecido. «Gerou-se a ideia de que a simples autópsia poderia dissipar todas as dúvidas, o que não é correto», afirmou ao *Expresso* o diretor do Instituto de Medicina Legal, que autopsiou o artista. Segundo este clínico, os poucos conhecimentos que ainda hoje existem sobre a SIDA, «principalmente em Portugal», tornam difícil um diagnóstico categórico, que ainda por cima «é mais fácil de fazer em vida do doente». «É verdade que o estado de debilidade física a que o artista chegou e a sintomatologia apresentada durante o internamento são muito idênticos aos casos de SIDA», acrescentou José Sombrieros que, no entanto, afirma não se poder ter «uma certeza total». Dada a sua inexperiência em situações deste género - «foi o primeiro caso que me apareceu onde se levanta a suspeita de SIDA», – o diretor do Instituto de Medicina Legal contactou vários especialistas estrangeiros com conhecimentos mais profundos sobre este assunto. «Foi

---

<sup>63</sup> Joana Margarida Martins (2017). “A cobertura da morte de figuras públicas na imprensa Portuguesa”. *Estudos em Comunicação*, nº. 25, vol. 1, dezembro 2017, p. 216.

<sup>64</sup> A questão da morte ou não por causa da SIDA em relação a Variações é complexa e exige prudência e estudo adequado.

através deles que fiquei a saber que a autópsia nunca poderia ser conclusiva e que mesmo os exames mais complexos já requeridos não serão conclusivos». <sup>65</sup>

Os jornais ligadas às artes e às letras, de circulação semanal, como o *Sete* e o *JL*, contrariaram esta tendência especulativa e fizeram balanços muito positivos da obra que Variações deixava para trás, reconhecendo o seu valor e a falta que ele fazia à cultura Portuguesa.

António Duarte, radialista e crítico, na edição da semana correspondente ao falecimento do cantor, assinava no *JL* um texto crítico e de homenagem, com um título encomiástico que remetia para a poética camoniana, “António Variações: curta a fama, grande o engenho”. E afirmava o seguinte: “Com a morte de António Variações desaparece o mais original, mais autêntico e mais popular artista *pop* Português”. E prosseguia, depois, no merecido elogio póstumo:

Possuidor da voz mais original da música portuguesa, compositor e letrista de mérito (musicalmente intuitivo), criador de um visual fora de comum, dançarino elegante, artista de bom gosto (por vezes, algo *naif*). António aglutinava todas estas facetas num só projeto: Variações. (...) Desapareceu o maior artista *pop* dos anos 80. Dificilmente alguém voltará a trilhar o seu caminho. <sup>66</sup>

---

<sup>65</sup> S/A (1984). “António Variações vítima de Sida?”. *Expresso*, 16 de junho, pp. 1-24 et. seq. Acrescente-se que o médico José Sombrieros, entretanto, faleceu.

<sup>66</sup> António Duarte (1984). “António Variações: curta a fama, grande o engenho”. *Jornal de Letras*, n.º 102, de 19 a 25 de junho, p. 21.

## **Cap. 2. PRECONCEITOS E MITIFICAÇÃO**

## 2.1. Alguns mitos e preconceitos em torno de António Variações

Um dos aspetos mais relevantes de que me dei conta no trabalho de investigação para esta dissertação é o modo como a perceção que temos de António Variações está assente em bases muito pouco sólidas. Fala-se dele como se se tivesse um conhecimento profundo da sua obra e recorrem-se a frases feitas como se fossem verdades inquestionáveis.

Variações tornou-se um mito, funcionando como alguém em quem, ao longo do tempo, se foram projetando modos de entender Portugal, identidades várias, que raramente coincidiram com a figura real e com factos verificáveis, e que dizem muito, mas muito mais, acerca de nós próprios, os portugueses, do que dele. Tem-se usado a sua figura muito mais para que ele pudesse servir como garante de certas ideias do que das dele próprio. O que ele afirmou tem sido, por vezes, replicado de modo descontextualizado e adulterado. Contudo, como aponta Osvaldo Silvestre: “o percurso biográfico de Variações parece pressupor uma demanda (...) sem ceder a qualquer ilusão de encontro de um «encontro com a alma portuguesa»”.<sup>67</sup>

Ele tem servido de caução a muitas ideias que não eram as suas. De algum modo, através dele pretendeu-se exorcizar um passado incómodo para nos podermos projetar num futuro e num lugar do qual, a maioria dos portugueses, e não ele, estiveram sempre ausentes.

Parece subsistir uma imagem cristalizada de Variações, a imagem, claro, que nos convém, longe do que ele foi. E ele foi muitos.

Ora, este António mitológico, que serve para fingir que podemos fazer facilmente as pazes com os quarenta anos de salazarismo, os trezentos anos de censura quase ininterrupta, e que podemos ser saloios e vanguardistas ao mesmo tempo, que o atavismo e

---

<sup>67</sup> Osvaldo Manuel Silvestre (2017). “Discurso lido na abertura do colóquio «Variações sobre António. Um colóquio em torno de António Variações», na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a 7 de dezembro de 2017”.



a beatice podem andar, sem choque e sem atrito, ao lado do vanguardismo artístico, não resiste a uma simples e descomplexada análise do discurso acerca dele. Existe uma tendência para que uma parte significativa dos portugueses, por razões identitárias, se queira confundir com ele. É bom termos isto presente: pelas suas vivências, conhecimentos, carácter e obra, ele podia mover-se com à vontade quer nas correntes internacionais vanguardistas, quer no âmbito da cultura popular portuguesa, mas nós não. O que serviu para ele, não serve para nós, a grande maioria dos portugueses. As suas vivências não são as nossas. Além de que ele tinha uma abertura de espírito e uma criatividade raríssimas. Quem de nós se sente verdadeiramente em casa ante os arranha-céus de Nova Iorque e simultaneamente no meio das montanhas minhotas?

## **2.2. Mitos Pessoais**

### **2.2.1. O mito de que Variações era uma figura consensual, adorada por todos**

A partir de determinada altura, começou a propalar-se a ideia de que António Variações foi uma figura consensual e transversal a várias camadas da população, contra a qual nunca houve preconceitos e que foi sempre muito bem aceite por todos os portugueses, na sua grande maioria. Gonzaga, a autora da única biografia até à data do cantor, em 2006, não cessa de frisar isso:

(...) da parte de Portugal, quase em peso, António Variações foi um dos raríssimos casos de amor coletivo. Era um maior denominador comum que atravessava todas as declinações sociais e todas as classes etárias, de um extremo a outro, para congregar à sua volta o afeto incondicional de quantos o conheciam, ouviam a sua voz e se prendiam à sua música.<sup>68</sup>

Numa entrevista, em 2018, continua a afiançar-nos que Variações:

---

<sup>68</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 10.

Foi uma paixão coletiva, de Portugal inteiro. Quando morreu, tive uma crise de choro (...) Não fui só eu, foi o país. Ele tocava-nos. Escrevo no livro que ele foi o embaixador telúrico das nossas raízes mais arcaicas. Foi embaixador do genuíno, do autêntico, das cores estridentes. A própria voz. Nunca mais conheci ninguém assim.<sup>69</sup>

Na morte do artista, as pessoas ficaram perplexas, e o seu último trabalho foi desprezado por elas. Portanto, falar em choro coletivo não me parece o mais correto. No entanto, Gonzaga relata que enquanto estava no seu leito de morte *Variações* teve “notícias do aplauso unânime com que é recebido” o seu último trabalho,<sup>70</sup> sem reparar que ela própria, algumas páginas adiante, cita David Ferreira, o homem forte da Valentim de Carvalho, que é perentório: “O último disco não vendeu bem e não foi um sucesso”.<sup>71</sup> E, na entrevista, citada supra, Gonzaga contradiz toda essa edénica unanimidade, reclamada por ela, ao dizer: “O programa do Júlio Isidro deu-lhe holofotes, mas ele não ganhou aplauso unânime. Mesmo no meio *gay*, não era unânime (...) Tinha anticorpos no próprio Ayer, o salão de cabeleireiro onde trabalhou. Não era uma pessoa de consensos”.<sup>72</sup> David Ferreira também acha que *Variações* foi consensual: “O António foi compreendido em vida e foi mesmo aceite de braços abertos!”<sup>73</sup>

No entanto, há quem tenha opiniões divergentes. A irmã de *Variações*, Lurdes, a propósito da passagem do cantor pelo *Passeio dos Alegres*, relata-nos o seguinte:

---

<sup>69</sup> Citada por Bruno Horta (2018). “Manuela Gonzaga: «Era impossível não amar António Variações».” *Observador*, 12 de junho.

<sup>70</sup> Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 270.

<sup>71</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 308.

<sup>72</sup> Citada por Bruno Horta (2018). “Manuela Gonzaga: «Era impossível não amar António Variações».” *Observador*, 12 de junho.

<sup>73</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 308.

Até era uma música bonita, só que deram-no como maluco. Todos. Até os outros cantores. Até as editoras. E disseram que ele não ia a lado nenhum porque era maluco. Aquilo era fora de vulgar. Daí ficou muito magoado e muito ofendido, mas continuou a fazer as suas letras.<sup>74</sup>

Na época, o crítico e jornalista Rui Monteiro iniciou um artigo, falando da incompreensão de que Variações era alvo, em 1983, por altura dos seus maiores sucessos:

O «maluco» como alguns preferem chamar-lhe, é para outros o «visionário» - que, por estar à frente do seu tempo, apanha com os tomates podres da incompreensão dos seus contemporâneos. E não é por embirração nem mania de escrevente, mas «despercebido» é que António Variações não passa, num País que se espanta mal vê uma diferença do senso comum com a mesma facilidade com que produz anedotas sobre as figuras e os acontecimentos públicos, e se passeia pela crise a consumir avidamente como se fosse uma profissão de fé.<sup>75</sup>

Quando montou a sua barbearia, Pró Menino e Prá Menina, o cantor, devido à sua exuberância, não foi propriamente bem aceite pela vizinhança:

Bem, quando eu vim para aqui, há uns sete anos, esta gente não gostava muito de mim, nem gostavam nada de me ver por aqui, porque achavam que eu era de outro mundo, e faziam-me, assim, um certo boicote. Entretanto, as pessoas começaram a aceitar-me melhor, e agora, com a história das cantigas, já sou da casa.<sup>76</sup>

---

<sup>74</sup> Citada por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 211.

<sup>75</sup> Rui Monteiro (1983). “O Direito à Diferença”. *Mais*, nº. 56., 6 maio de 1983, p. 36.

<sup>76</sup> Citado por Manuela Gonzaga (1983). “António Variações de soldado a General”. *Diário de Notícias*, Suplemento, 18 de julho, pp. 17-18.

O seu aspeto, a forma como se vestia, provocava reações adversas nas pessoas. Note-se, passear assim nas ruas de Lisboa e Portugal, não seria o mesmo que andar em Nova Iorque ou Amesterdão. Em 1983, disse “Há quinze anos que faço virar os públicos pescoços portugueses. Divido as pessoas, que abriam alas quando eu passava, com a minha maneira de estar na vida”.<sup>77</sup>

Já figura pública, com discos lançados, teve muita dificuldade em atuar em certos locais, pois, algumas pessoas começavam a assobiá-lo e a insultá-lo; isso aconteceu em mais do que uma ocasião. E, assinale-se, perante públicos diferenciados. Em 1982, foi fortemente apupado numa festa popular no Alentejo<sup>78</sup> e foi vilipendiado, por estudantes que passaram toda a sua atuação a chamar-lhe nomes, na Queima das Fitas de Coimbra, em 1983.<sup>79</sup>

Na sua terra natal, houve também oposições à sua pessoa. Apesar de moderar um pouco a sua forma de vestir quando lá ia, não se eximiu de ser criticado. O seu irmão mais novo, Carolino, relembra que se sentia mal perante a indumentária de António: “Não é uma questão de vergonha, mas saber que toda a gente o criticava, deixava-me incomodado”. A certa altura, Variações disponibilizou-se a atuar na sua terra natal, Fiscal, sem cobrar nada por isso. Um grupo de pessoas ficaram agradadas com a ideia, outras nem por isso: “Houve também aqueles críticos que o mandaram cantar para outro lado”.<sup>80</sup>

Claro, que a sua indumentária era um modo de ele assumir a sua homossexualidade e a sua diferença. Num país, onde a assunção e a frontalidade de convicções não é a regra, tal não foi bem entendido. Aceitava-se a homossexualidade desde que escondida e recatada. E lidava-se mal com quem lutava à luz do dia pela sua liberdade de ser. O cantor conta-nos o que passou:

---

<sup>77</sup> Citado por Rui Monteiro (1983). “O Direito à Diferença”. *Mais*, nº. 56, 6 maio de 1983, p. 36.

<sup>78</sup> Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, pp. 261-262.

<sup>79</sup> S/A (2006). “Uma ave rara no paraíso”. *CM, Domingo (suplemento)*. 16 de março.

<sup>80</sup> S/A (2006). “Uma ave rara no paraíso”. *CM, Domingo (suplemento)*. 16 de março.

Venho de uma altura em que me chamavam todos os nomes, as pessoas abriam alas para me verem passar e, ou me achavam piada ou massacravam-me com comentários. Sentia-me perfeitamente só, ao ponto de não ter amigos, porque se recusavam a estar ao pé de mim. No entanto, nunca abdiquei de ser quem sou (...).<sup>81</sup>

Mesmo a sua relação com a crítica não foi pacífica. Pessoas como Pedro Caldeira Cabral ou o crítico musical do *JL*, Trindade Santos, e outros periódicos manifestaram o seu desagrado. O que espanta nessas críticas não é propriamente o juízo crítico desfavorável, que esse tinham todo o direito a ele, mas sim o tom acintoso, inusual: “(...) nem uma novena de bons propósitos me fará suster o gesto que o infernal uivar de António provoca, alvorotando os meus ouvidos abusados: desligá-lo imediatamente e sem remorsos”.<sup>82</sup>

Portanto, *Variações* não foi consensual; foi controverso e o facto de ter tido sucesso e de ter conseguido cativar um público alargado para a sua música, não obsta a esse facto. Gostar das canções não significa que se goste necessariamente dos seus autores. Há muitos artistas com um enorme sucesso que foram polémicos, muito longe da unanimidade. Michael Jackson, John Lennon e Freddie Mercury são alguns deles, ou, entre nós, por razões diferentes, Amália Rodrigues, José Afonso, Pedro Abrunhosa, Jorge Palma ou, mais recentemente, Salvador Sobral. Todos estes artistas tiveram carreiras recheadas de sucesso, mas também de críticas ferozes e dissabores vários. Sobre *Variações*, Júlio Isidro põe a questão nestes termos, que me parecem bem ponderados:

Ele não foi bem aceite. Não vale a pena dizer que foi, porque não foi. Também não foi isso que me preocupou. E foi ele que ganhou depois o público, mas aí o papel já não foi meu. (...) Os portugueses têm uma grande tendência para reagirem, são reacionários, nesse sentido, de reagirem à mudança ou à originalidade (...) Eu acho que ele nunca deixou de ser excêntrico e as pessoas nunca deixaram de achar que ele era excêntrico. Começaram é a fazer uma coisa; é que as pessoas repetem refrães, o povo repete refrães. E ele, mais do que

---

<sup>81</sup> Citado por Rui Monteiro (1983). “O Direito à Diferença”. *Mais*, nº. 56., 6 maio de 1983, p. 37.

<sup>82</sup> Trindade Santos (1982a) “*Variações sobre Variações*”. *TV Top*, nº. 68, 21 a 27 de junho, p. 7.

refrões, tinha *slogans*: os refrões dele eram *slogans*, “É p’ra Amanhã”, etc. Até nisso ele teve essa percepção. Foi a malta nova, sem dúvida nenhuma, que foi capaz de o aceitar. (...) E, portanto, eu creio que até esse enquadramento exótico, até do seu comportamento, das suas opções sociais, criaram uma mística à volta dele.<sup>83</sup>

Ricardo Camacho, que ajudou a produzir o seu primeiro *maxi*, concorda com essa perspetiva:

Na altura havia muita gente à procura de coisas novas e o António correspondia. Portanto, aceitação unânime? De maneira nenhuma. Ele foi controverso. Desde o início até ao fim. Não creio que tenha procurado a controvérsia, também não creio que se tenha importado muito com isso. Ele limitava-se a ser ele.<sup>84</sup>

A esse respeito, o seu irmão Carolino também não tem grandes dúvidas: “Se ele hoje fosse vivo, seria uma pessoa polémica e controversa.”<sup>85</sup> Há um ponto relevante a ter em consideração. A relação do grande público com a figura do cantautor não foi sempre a mesma. A forma de relacionamento em 1984, após a sua morte, ou nos anos 90, ou no novo século, não é certamente a mesma e atravessou várias *nuances*. Agora há um facto iniludível: ele foi controverso e não foi aceite com normalidade por uma parte significativa do público. Foi, sem dúvida, alguém muito discutido e discutível no seu tempo e que tinha os holofotes completamente virados para si. Era uma figura invulgar, a vários níveis, entre nós.

Claro que pensar que alguém assim, tão original e vanguardista, tão livre nos seus comportamentos, ser recebido por Portugal em peso de “braços abertos” seria muito bom, pois, elevaria imenso o nosso ego de portugueses. Se aprovássemos uma figura assim, sem

---

<sup>83</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 481.

<sup>84</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006) *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 268.

<sup>85</sup> Citado por S/A (2006). “Uma ave rara no paraíso”. *CM, Domingo (suplemento)*. 16 de março.

demonstramos preconceito nenhum, isso faria também de nós, os portugueses, modernos e avançados. É pena que, de facto, não tenha sido assim que as coisas se passaram.

### **2.2.2. O mito de que Variações era inculto e um quase analfabeto**

Quando dá jeito, sobretudo em questões que digam respeito à portugalidade, Variações surge como uma espécie de vanguardista com raízes na cultura popular portuguesa, quando não dá, sublinha-se a sua falta de educação académica. Veicula-se que ele era quase analfabeto, ou pouco mais, apenas com a instrução primária completa, enfim, um barbeiro, um provinciano. Não se sabe donde partiu isto, mas a maioria das pessoas julga que, de facto, era essa a escolaridade de Variações.

O seu irmão Luiz julga, embora sem uma certeza absoluta, que Variações concluiu o 5.º ano comercial, estudando à noite na Voz do Operário.<sup>86</sup> A irmã Amélia refere factos similares.<sup>87</sup> Manuela Gonzaga veicula esta versão na sua biografia do cantor, dizendo que lhe “parece” que o cantor tirara o diploma do Curso Comercial, correspondente ao ensino secundário.<sup>88</sup> Outro irmão, Jaime Ribeiro, porém, apresenta uma versão bastante diferente: “Como ele veio cedo para Lisboa, começou a cultivar outros gostos, outras formas de estar e atitudes. O António só tinha a 4.ª classe, mas era um *self-made man*. Apenas tinha a instrução primária.”<sup>89</sup> Em conversa informal, este advogado, confirmou-nos estes dados. António teria apenas instrução primária e um curso de tipografia. À falta de documentação comprovativa, é impossível averiguar qual das duas visões é a correta.

Ao contrário do que comumente se julga, exerceu outras profissões, para além de barbeiro. Foi, durante algum tempo e com bastante sucesso, empregado de escritório, numa cooperativa, encarregue da parte da contabilidade, profissão para a qual deveria ter tido instrução adequada. Ele próprio diz que deixou esta profissão por ser aborrecida para ele.

---

<sup>86</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, pp. 82-83.

<sup>87</sup> Vd. Maria João (1996). *Variações*. (Doc.), aos 43, 40 m..

<sup>88</sup> Cf. Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 83.

<sup>89</sup> Citado por Miguel Francisco Cadete (2004). “Quem raio era António Variações?”. *Público*, 9 de julho.

Enquanto soldado, tirou a especialidade de escriturário, e depois frequentou a Escola de Cabos, em Braga, onde se tornou Operador Criptógrafo, a 15 de abril de 1967.<sup>90</sup> Claro que há um desnível dele em relação a muitos dos protagonistas do *boom*, na sua maioria, com frequência universitária.<sup>91</sup> Mas esse desnível tem sido sublinhado, de modo exagerado, tal como a sua falta de formação musical em moldes clássicos.

Mas, pergunto se, por exemplo, já alguém se interessou por saber qual o grau de instrução de John Lennon ou de David Bowie? Ou, no caso português, de Sérgio Godinho ou de Jorge Palma ou de Rui Veloso? Estou certo que muito pouca gente saberá. Porquê? Porque isso não é relevante para apreciar a sua arte. Então, por que é que em relação a Variações parece haver uma atitude diferente? De modo, deliberado ou não, parece que se tenta, assim, de algum modo, diminuí-lo.

Amália Rodrigues frequentou a escola somente até aos doze anos, mas nunca vi ninguém salientar isso. Fernando Pessoa limitou-se a acabar o ensino secundário e a ir, duas ou três vezes, apreciar a paisagem na Faculdade de Letras de Lisboa. Alguns dos nossos artistas de maior projeção internacional, Amália, Pessoa e Saramago não possuíam formação académica (recorde-se as críticas pouco elegantes, feitas em tempos, de Vasco Pulido Valente a Saramago, chamando-lhe “O Doutor Saramago”), o que não quer dizer que fossem incultos, muito pelo contrário – o mesmo sucede com Variações.

Foi um cantautor *pop-rock* com uma cultura bastante acima da média. Era um homem viajado, lido e bastante vivido. Como muitos outros criadores, a rigidez duma educação em moldes clássicos certamente não lhe serviria. Os seus horizontes eram bem mais amplos e pessoais. Escreveu as letras das suas canções e compôs as melodias para elas, o que não deixa de ser absolutamente espantoso para quem não teve formação musical nem nenhum curso superior, o que só o puro talento explica. Isto, na verdade, nunca lhe foi perdoado por determinadas classes intelectuais.

A própria arte de Variações, eminentemente aberta e vanguardista, à época, apresentava-se contra os ditames mais estáticos e fechados do que muitos artistas estavam

---

<sup>90</sup> Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 100.

<sup>91</sup> Por exemplo, Carlos Tê é licenciado em Filosofia, Ricardo Camacho em Medicina, Tim, vocalista dos Xutos & Pontapés, em Agronomia, Rui Reininho em Cinema (sonoplastia), Adolfo Luxúria Canibal em Direito, Lena d'Água estudou Sociologia e foi professora, Pedro Ayres Magalhães estudou Psicologia, etc.



a fazer. Neste contexto, o testemunho do artista plástico Leonel Moura, sobre a presença de Variações na exposição *Depois do Modernismo*, em janeiro de 1983, é particularmente significativo: “Este tipo não está inserido no nosso movimento, mas é muito mais avançado e radical do que toda esta gente que se diz muito avançada e muito de vanguarda”. Mas, imediatamente a seguir, ele não resiste, a minorizar Variações quando remata, dizendo: “E, provavelmente sem o saber, era realmente o artista pós-moderno por excelência”. O que é que o leva a pensar que o cantor não o sabia? <sup>92</sup> De modo similar, Adolfo Luxúria Canibal, vocalista e letrista dos bracarenses Mão Morta, elogia o modernismo de Variações, dizendo que Variações era “revolucionário, mas muito, muito cosmopolita”, sem, no entanto, deixar de afirmar que o cantor era: “um bocado parolo”. <sup>93</sup>

Júlio Isidro diz que: “Ele era um homem da província e isso notava-se perfeitamente. Ele era um minhoto.” <sup>94</sup> Depois, postula que o que Variações escrevia fugia ao que se considerava o bom gosto na arte da escrita:

Porque até a forma como ele escrevia não podia ser mais simples. Até mesmo na própria escrita aquilo saía complicado porque provavelmente ele não era muito ágil nas palavras. Há muitas coisas nas letras dele, que se falássemos também dum poeta tradicional, diria que estão desenquadradas, não têm quadratura. <sup>95</sup>

Note-se como é contraditória a análise feita por Isidro. Por um lado, a escrita é simples, mas também é complicada! Afinal, em que ficamos? Ora, um pouco mais à frente, emenda ligeiramente a mão, mas sem alterar substancialmente o raciocínio:

---

<sup>92</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 221.

<sup>93</sup> Adolfo Luxúria (seleção e prólogo) (2016). *Revista de Imprensa: os Mão Morta na Narrativa Mediática (1985-2015)*. Lisboa: Abysmo, p. 127.

<sup>94</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 479.

<sup>95</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 482.

Repare, quer dizer, da mesma maneira que meto no mesmo compartimento em termos musicais o António Variações ou um clássico qualquer, que ele, hoje em dia, também já é um clássico por razões óbvias, também em termos poéticos sou igualmente aberto, sou suficientemente aberto. Quer dizer, aquilo que ele escrevia era poesia, para mim, muito boa. O que eu comecei por dizer antes é que, sob o ponto de vista clássico e de exame meramente académico, “O que é isto?”, pois está tudo fora do alinhamento.<sup>96</sup>

Ora, se há uma coisa evidente nas letras-poemas de Variações é a sua riqueza literária e a amálgama de universos convocados para a sua escrita. A mim, que embora não me considero um especialista e muito menos isento de juízos errados, acho-as excelentes, riquíssimas de conteúdo, cheias de engenho e arte, com estruturas bem perceptíveis, nada desenquadradas, portanto. E, pelos vistos, não estou só nesta minha avaliação. Carlos Maria Trindade faz a seguinte avaliação sobre a arte lírica do cantor: “Com uma força de síntese e uma estética de palavras enormes. Era quase perfeito”.<sup>97</sup>

Evidentemente que não está aqui em causa o muito que Júlio Isidro fez pela carreira de Variações, mas, na verdade, os seus comentários, como outros, por exemplo, os de Manuela Gonzaga, que chega a admitir que, no início, sentiu preconceito em relação a Variações,<sup>98</sup> ilustram um facto muito simples. Variações foi vítima de preconceito. Também José Saramago sofreu provações similares. Disso nos dá conta numa carta a Eduardo Lourenço onde afirmou:

Tu não sabes o que é ter vindo donde eu vim, não sabes o que é ter tido de aguentar os desdêns e os sorrisos condescendentes dos que já estavam instalados quando apareci, não sabes o que é ser obrigado a valer duas vezes para chegar a ser reconhecido uma vez só. (...) Eu sou o serralheiro mecânico que quis ser escritor e conseguiu sê-lo. Não te esqueças

---

<sup>96</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 484.

<sup>97</sup> Citado por Ana Soromenho (2006). “Nota biográfica: um meteoro musical”. In António Variações, *Muda de Vida*. Lisboa: Relógio d’Água, p. 23.

<sup>98</sup> Citada por Bruno Horta (2018). “Manuela Gonzaga: «Era impossível não amar António Variações».” *Observador*, 12 de junho.

disto nunca. (...) O nó cego da minha relação com os intelectuais portugueses é aqui que está, querido Eduardo.<sup>99</sup>

## 2.3. Mitos identitários

### 2.3.1. O mito de que o lugar mais importante para Variações era o seu Minho natal

António Variações nunca renegou as suas origens rurais. Pelo contrário, assumiu-as e integrou-as no todo da sua obra. Ele estimava imenso a sua terra natal. Veja-se o que, a esse propósito, disse: “Eu gosto muito do Minho, talvez por ter nascido lá”.<sup>100</sup>

Mas o seu lado internacionalista tem sido alvo dum apagamento intencional e tem-se omitido o facto de que ele era, sobretudo, um homem da cidade e da cidade grande. Foi aí que escolheu viver, era nesse espaço que se sentia bem e donde nunca quis sair. Portanto, o Minho foi para ele um local de partida, de visita, nunca de chegada, nunca um local onde ele pudesse crescer enquanto artista e homem. Isto parece-me evidente, mas veja-se o que ele mesmo dizia, a esse propósito: “Comecei a cantar no Minho. Depois, viajei para Londres, Amesterdão. Enriqueci espiritual e fisicamente.”<sup>101</sup>

Variações saiu com doze anos da sua terra natal, Fiscal, em Amares, não por vontade dos pais, mas, sublinhe-se, por vontade própria. Batalhou contra o pai que o queria por lá, até conseguir, depois de muita insistência, o que desejava: ir para Lisboa. Já naquela altura, em plena infância, os horizontes daquelas paragens pareciam curtos demais para as aspirações de quem queria calcorrear o mundo e era tão ávido de novidade e abertura.

---

<sup>99</sup> José Saramago (2018). “Cadernos para «fixar a passagem do tempo»” (carta inédita dirigida a Eduardo Lourenço). *JL*, n.º 1252, de 26 de setembro a 9 de outubro, p.18. [1994]

<sup>100</sup> Citado por Rui Monteiro (1983). “O Direito à Diferença”. *Mais*, n.º 56, 6 maio de 1983, p. 36.

<sup>101</sup> Citado por Edite Martins Carvalho (1983). “Quero ser um Músico Popular”. *O País*, 14 de março, p. VIII.

Interrogado sobre a sua Braga natal, ele foi bem claro: “É uma cidade de passagem”.<sup>102</sup> Ia lá no Natal e na Páscoa, mas não queria viver lá.

A sua mãe comungava diariamente e o seu pai era um acérrimo defensor da Igreja. Devido a uma educação católica excessiva, ainda hoje alguns dos seus irmãos lidam muito mal com a consabida homossexualidade de Variações que, apesar do muito amor que lhe nutrem, não aceitam muito bem. Carolino, o irmão mais novo, diz: “Custa-me a acreditar que ele morreu de Sida. Ele era uma pessoa muito limpa para ter morrido disso. A homossexualidade está a alastrar. Irrita-me, sou contra, não vou andar a persegui-los nem a bater-lhes.” A irmã Lurdes afirma que lhe conheceu namorada, dizendo que: “A Lena d’Água andou com ele. Foi amante dele”. A mesma irmã diz: “A família tinha vergonha dele. Informaram-nos que ele era homossexual e todos se afastaram”.<sup>103</sup> Jaime Ribeiro, o irmão mais instruído, não se libertou deste rigorismo de origem religiosa, pois, foi educado num seminário.

O aspeto de Variações e a forma como se vestia também não eram bem encarados pela vizinhança em Fiscal. Carolino diz que se sentia mal ao ver o irmão “vestido daquela maneira”. Um vizinho não identificado da família disse acerca de Variações o seguinte: “Quando saiu daqui até parece que tinha medo do diabo. Depois de se formar pensava que era alguém, cheio de manias, excêntrico, extravagante e ridículo”.<sup>104</sup> Jaime Ribeiro, em conversa pessoal, contou-me que, depois da morte de Variações, algumas pessoas não o queriam enterrado no cemitério local com medo que ele contaminasse os outros!<sup>105</sup>

Os média e quem se tem debruçado sobre Variações têm salientado a importância do Minho natal para Variações e fazem muito bem. Relevam o verde, as romarias, a pureza dos montes nortenhos, etc. E tudo isso é verdade, mas é bom não esquecer o outro lado da questão: um lugar de mentalidade muito fechada, parado no tempo, e isto inevitavelmente tem as suas consequências. Carolino recorda-se que, durante muito tempo, viviam completamente isolados na aldeia, não iam sequer à cidade, ou seja, Braga, que era a urbe

---

<sup>102</sup> Citado por Pedro Duarte (1983). “Cantor, barbeiro, «anjo da guarda»; António Variações: o dever da diferença”. *Sete*, 30 de março, p. 4.

<sup>103</sup> Citados por S/A (2006). “Uma ave rara no paraíso”. *CM, Domingo (suplemento)*. 16 de março.

<sup>104</sup> Citados por S/A (2006). “Uma ave rara no paraíso”. *CM, Domingo (suplemento)*. 16 de março.

<sup>105</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 526.

mais próxima.<sup>106</sup> Alguém com a personalidade, e até mesmo a extravagância no vestir de Variações, nunca se poderia sentir bem a viver num local como era Fiscal.

Não esqueçamos que se Variações era um minhoto assumido, era igualmente um cidadão do mundo. Em agosto viajava sempre para fora. Havia dois locais a que regressava amiúde, onde se sentia em casa: Amesterdão e Nova Iorque. A sua empregada e amiga Matilde Abreu conta-nos: “Ele gostou imenso de Nova Iorque. Dizia que aquilo era um mundo à parte disto tudo e que tinham sido as férias mais loucas da vida dele”.<sup>107</sup>

Mas, na sua geografia pessoal, Lisboa era o seu espaço de eleição: adorava a capital. O seu irmão Jaime Ribeiro afiança: “O meu irmão adorava Lisboa. Lisboa era a menina dos olhos dele. Portanto, era um minhoto lisboeta. Nunca se esqueceu das suas raízes, era muito fiel às suas raízes, mas era um lisboeta por excelência”.<sup>108</sup> Ele próprio disse que Lisboa, a seguir à sua mãe e a Amália, era o que mais importava para si: “Lisboa está depois da minha mãe, e de Amália. Vim para cá com 12 anos e Lisboa tem sido minha amiga”.<sup>109</sup> Não nos podemos esquecer que Variações viveu 12 anos em Amares, mas, em Lisboa viveu 27 anos, que correspondem à puberdade, adolescência, idade adulta jovem e idade adulta madura.

A sua irmã Lurdes, que o acompanhou no leito de morte, revela que: “Ele não descansa em paz enquanto eu não levar o caixão para Lisboa, para o cemitério dos Prazeres, onde ele me disse, antes de morrer, que queria ficar”.<sup>110</sup> Jaime Ribeiro, por seu lado, em conversa privada, contrariou a versão da irmã, dizendo que Variações não poderia ter dito tal coisa, pois, não sabia que ia morrer, além disso, era à mãe que cabia decidir onde é que o corpo do insigne cantor seria enterrado.

---

<sup>106</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 263.

<sup>107</sup> Citado por Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.), aos 34, 9 m..

<sup>108</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 68.

<sup>109</sup> Citado por Pedro Duarte (1983). “Cantor, barbeiro, «anjo da guarda»; António Variações: o dever da diferença”. *Sete*, 30 de março, p. 4.

<sup>110</sup> Citada por S/A (2006). “Uma ave rara no paraíso”. *CM, Domingo (suplemento)*. 16 de março.

Seja qual for a versão que esteja mais afim com a verdade, o que importa aqui salientar é que o facto de os seus restos mortais estarem depositados em Fiscal contribuiu muito para propagar o mito de Variações apenas enquanto homem do “Entre Braga”, enquanto “provinciano”.

### **2.3.2. Prospecção à célebre frase que Variações não proferiu: “Entre Braga e Nova Iorque”**

A famosa frase “Entre Braga e Nova Iorque” é uma questão importante, pois, representa em si mesma a paradoxal conciliação dum Portugal ruralista, neogarrettiano, com lastro atrás, mas advindo, em grande medida, do Estado Novo, com um além-fronteiras moderno e intelectualmente desenxovalhado.

Esta frase emblemática entrou no jargão da crítica nacional e passou a funcionar como um sinónimo identitário, não só do próprio Variações, mas de Portugal. *Grosso modo*, qualquer português conhece esta frase e a identifica com a figura de Variações e com uma certa ideia de Portugal. Mas, na verdade, tanto quanto pude averiguar, António Variações nunca a disse. Nas entrevistas a que tive acesso, em nenhuma o vi fazer tal afirmação. Fala sobre o folclore, sobre o Minho, sobre a cultura tradicional portuguesa, sobre Amália, mas nunca encontrei essa frase.

Ele proferiu algo parecido. Aquando da gravação da sua iconoclasta versão de “Povo que lavas no rio”, no início, ele não estava a gostar dos resultados. No intuito de encaminhar os músicos para a direção pretendida, Ricardo Camacho pediu para estar a sós com Variações e, nesse momento, perguntou-lhe que *tipo de sonoridade* é que ele queria para aquela versão. Este respondeu-lhe que queria um som “Entre Nova Iorque e a Sé de Braga”. Foi esta a frase que Variações proferiu e não a que, erradamente, ficou na memória coletiva: “Entre Braga e Nova Iorque”.<sup>111</sup>

---

<sup>111</sup> Citado por Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.), aos 14, 46 m..

Foi assim que Camacho, que era um músico, um intelectual rigoroso, e um investigador de craveira internacional, na área da medicina, sempre testemunhou este acontecimento. No muito bem conseguido documentário de Maria da Rocha, rodado em 1997, o produtor afirma que a frase que Variações lhe disse foi “Entre Nova Iorque e a Sé de Braga”. E, já em 2006, em depoimento dado a Manuela Gonzaga disse *ipsis verbis* a mesma coisa.<sup>112</sup>

Embora similares, a frase que Variações realmente disse e a que foi propalada tem sentidos diferentes e tem implicações diversas na interpretação da sua obra. Uma coisa é estar, é ter uma identidade, “Entre Braga e Nova Iorque”; outra coisa diferente seria ter uma identidade “Entre Nova Iorque e a Sé de Braga”. Na frase que Variações realmente disse é o lado mais moderno e internacionalista que se salienta, que aparece à frente e, só depois, vem a referência à religiosidade fechada e rigorista, associada ao ruralismo estadonoviano da “Sé de Braga”. Uma coisa é alguém chamar-se António Variações, outra coisa é chamar-se Variações António. Além disso, dizer “Braga” e dizer “Sé de Braga” são coisas distintas. “Sé de Braga” remete mais para o Estado Novo e para uma Igreja católica fechada e tradicionalista.

Outro ponto importante: nessa frase em específico, Variações referia-se a um tipo de som, não a uma identidade, seja ela artística ou nacional. Camacho perguntara-lhe que “tipo de som” é que ele queria para a sua versão de “Povo que Lavas no Rio”, e ele respondeu “Qualquer coisa entre Nova Iorque e a Sé de Braga”. Os média e a consequente propagação na memória coletiva da frase é que a simplificaram e transformaram, alterando o seu sentido e a ordem dos seus elementos, descontextualizando-a.

É muito difícil localizar o ponto de partida dessa adulteração. Encontramos uma referência a “Entre o Minho e Nova Iorque”, numa entrevista a Variações, logo em 1983, aquando do lançamento do seu primeiro *LP*, na qual, no texto introdutório, o jornalista, Pedro Rolo Duarte, escrevia: “Ele é o António Variações: cantor, barbeiro, quase personagem. Entre o Minho e Nova Iorque, com Lisboa e Amália no peito e um «Anjo da

---

<sup>112</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006) *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 208.

Guarda» no qual não acredita porque não precisa”.<sup>113</sup> Por seu lado, já em 1996, Rui Monteiro dizia o mesmo: “(...) aquela frase que Variações dizia «entre o Minho e Nova Iorque»” (sublinhado meu). Parece que, só depois, “Minho” foi substituído por “Braga”.

Assim, a frase truncada tornou-se uma espécie de *meme* perpetuado pelos jornalistas e por uma série de agentes culturais. Por exemplo, a coletânea musical da obra de Variações, lançada em 2006, pela editora Emi-Valentim de Carvalho, tem como título *A História de António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. E a biografia de Manuela Gonzaga, relançada em 2018, segue o mesmo caminho, e intitula-se *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Miguel Francisco Cadete segue a mesma via: “Quando António Variações lançou a célebre tirada em que assume fazer uma música «entre Braga e Nova Iorque»”.<sup>114</sup> Muitos mais exemplos podíamos dar.

O erro está tão entranhado que as pessoas citam mal. Veja-se o que escreveu a jornalista Maria João Caetano: “Foi durante as gravações deste disco que Variações disse a frase emblemática que dá nome ao livro de Manuela Gonzaga. Quando o produtor lhe perguntou: «António, queres que isto soe como?». Ele respondeu: «entre Nova Iorque e a Sé de Braga».”. Ora assim sendo, o livro de Gonzaga deveria intitular-se *Entre Nova Iorque e a Sé de Braga* e não, como, de facto é, *Entre Braga e Nova Iorque*.

Esta inexatidão tornou-se tão comum e vulgar que passou a ser entendida com um dado adquirido, como um facto inquestionável. Nem a academia escapou. A docente e investigadora Paula Guerra, num artigo sobre Variações, às tantas, citando uma fonte, da qual não refere o número de página, diz:

Localizada temporalmente, efetiva-se como imperiosa a tarefa de situar António no universo das representações subjacentes ao campo artístico musical português – como e

---

<sup>113</sup> Pedro Duarte (1983). “Cantor, barbeiro, «anjo da guarda»; António Variações: o dever da diferença”. *Sete*, 30 de março, p. 4.

<sup>114</sup> Miguel Francisco Cadete (2004). “Quem raio era António Variações?”. *Público*, 9 de julho.



onde se situa neste âmbito António Variações? «Música situada algures entre Braga e Nova Iorque». A definição é do próprio António Variações (Gonzaga, 2006) <sup>115</sup>

Mais adiante, referindo-se à frase supra, persiste: “Por seu turno, incontornável e relevante é o que Variações representa na cena portuguesa dos anos 1980, sintetizado na frase do próprio artista já enunciada, na qual situa esteticamente a sua música: «Uma coisa entre Braga e Nova Iorque».” <sup>116</sup> Portanto, Paula Guerra afirma que Variações disse essa frase, “entre Braga e Nova Iorque”, pois, leu-a na biografia de Gonzaga. Apesar do equívoco de Paula Guerra, nós julgamos que será esta a passagem de Gonzaga a que ela se refere:

Ao mesmo tempo, aos críticos é servido um problema insolúvel: como enquadrar num género musical este estilo musical que Variações pretendia ilustrar como “algo entre Braga e Nova Iorque” e que reunia folclore, *rock*, *pop*, fado, servido por uma voz, também ela, impossível de classificar? <sup>117</sup>

Noutra página, Gonzaga cita David Ferreira que diz: “(...) o modelo musical que António tem perfeitamente definido na cabeça, mas não sabe como aplicar. Aquele som que ele define como “algo entre Braga e Nova Iorque”. <sup>118</sup> Como se vê, em ambas, apesar da colocação de aspas na frase, nem Gonzaga, nem David Ferreira, citam nenhuma fonte.

Repare-se: a truncagem da frase sugere alguém ligado a uma identidade ruralista, saloio, que se aventura na geografia mental nova-iorquina. Mas o sentido da frase que Variações realmente disse é oposto: o sujeito dessa frase é alguém internacionalista, cosmopolita, que, no entanto, não renega as suas origens rurais e as integra nesse seu internacionalismo identitário e artístico. A frase truncada sugere o percurso oposto.

---

<sup>115</sup> Paula Guerra (2017). “António e as Variações Identitárias da Cultura Portuguesa Contemporânea”. *Ciências Sociais Unisinos, Setembro-dezembro 2017*, p. 509.

<sup>116</sup> Paula Guerra (2017). “António e as Variações Identitárias da Cultura Portuguesa Contemporânea”. *Ciências Sociais Unisinos, Setembro-dezembro 2017*, p. 511.

<sup>117</sup> Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 216.

<sup>118</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p.204.

Este equívoco estendeu-se também à sua própria obra. E o que deveremos interrogar nela é o seguinte: primeiro, se nela existem elementos que possamos considerar portugueses; segundo, se esses elementos estão ou não integrados num todo maior e qual é ele? E se chegarmos à conclusão que sim, perceberemos que esse todo maior é a música *pop-rock* de índole anglófona. Recorde-se que *Variações*, quando tentou singrar no mundo da música não fundou nenhum grupo folclórico, nem foi tentar ser aceite a cantar numa casa de fado, antes montou uma banda *rock*.

Por vezes, postula-se que a sua música era *pop-rock*, e as letras eram ligadas à cultura popular portuguesa. Não concordo inteiramente com esta dedução, no entanto, ela parece-me mais afim com a sua obra. Rui Monteiro diz:

Eu acho que ele foi o primeiro artista *pop* moderno em Portugal (...) Ao mesmo tempo que ele fazia uma música de raízes e influências profundamente modernas, enquanto que ele fazia uma música «nova-iorquina», se quisermos usar essa terminologia, as letras eram «minhotas», no sentido mais popular do termo. E ele conseguiu relacionar estes dois mundos, de certo modo incompatíveis.<sup>119</sup>

A primeira vez em que uma questão com alguma similitude se colocou terá sido numa entrevista, dada por *Variações*, no programa *Meia de Rock*, antes de ter gravado o seu primeiro trabalho, em dezembro de 1981. À pergunta do entrevistador sobre se a sua forma de cantar teria alguma influência da música tradicional Portuguesa, ele respondeu o seguinte:

Acho que sim. Sou minhoto, sou do Norte e isso é possível, embora tenha saído de lá bastante novo. Depois andei pelo estrangeiro, inclusive, e tenho uma vivência cidadina

---

<sup>119</sup> Citado por Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.), aos 18, 17 m.. Embora concorde em grande parte com Rui Monteiro, pois, o que parece sobressair, de facto, na música de *Variações* é a sua modernidade e proximidade com os universos anglo-saxónicos e nas suas letras as referências à cultura popular, visíveis, por exemplo, no intertexto dos provérbios, na verdade, a sua obra afigura-se um pouco mais complexa. A música contém elementos ligados à cultura popular portuguesa e as letras também apontam para universos referenciais modernos e, se quisermos, pós-modernos.

bastante longa. De qualquer modo, acho que conservei muito de minhoto. Acho-me uma mistura de Minho e Nova Iorque.<sup>120</sup>

Vale a pena analisar este trecho. Note-se que ele naturalmente admite a influência minhota, dizendo que “é possível”, mas alude logo ao seu lado urbano e internacionalista, não deixa que o encaixem apenas na música e cultura tradicional portuguesa. O entrevistador fala nisso e ele assume que sim, mas contrapõe de *motu proprio* o habitar na cidade, as viagens e Nova Iorque. De todo o modo, e embora sendo noutra contexto, é a única vez em que o Minho surge, numa frase proferida por ele, à frente de Nova Iorque. Outro pormenor importante: a menção a “mistura”. Note-se que estar “entre o Minho e Nova Iorque” e ser “uma mistura” são conceitos diversos. Mistura implica movimento e fusão entre os elementos. Estar “entre” é mais abstrato e inefável.

A transcrição desta entrevista, feita por Nuno Galopim, é inédita, e julgo que pouquíssimas pessoas terão tido acesso a ela. Nas outras, de muito maior divulgação, não encontrei termos semelhantes a “Minho e Nova Iorque”. Julgo, portanto, que a truncagem se baseia no que Ricardo Camacho relatou ou simplesmente por iniciativa própria dos jornalistas.

### **2.3.3. O rasurar de “Nova Iorque” e o enaltecer de “Braga”**

*(o carregar nas tintas da portugalidade e fingir que o internacionalismo não existe nele)*

121

Entendo que se tem projetado uma imagem simplista e distorcida do que verdadeiramente foi António Variações enquanto artista. Sobre ele tem sido veiculado um discurso contraditório e ambíguo.

---

<sup>120</sup> Cf. Anexo n.º 2, p. 396-397.

<sup>121</sup> Confesso alguma relutância em utilizar o vago termo “portugalidade” por ser impreciso e altamente questionável. Ele surge, nesta dissertação, apenas como mero indicativo e não mais do que isso.

Tal como já assinalai, salienta-se nele, quase sempre, o seu lado rural e talvez alegadamente provinciano, de minhoto, tentando com esta operação retórica, de algum modo, demonstrar que o lado mais atávico, ruralista, da identidade portuguesa, apesar do seu fechamento e falta de conhecimento, pode, não só dialogar, taco a taco, com as correntes mais vanguardistas do mundo anglo-saxónico, mas também absorvê-las, o que é algo muito discutível e quiçá inviável. Em relação a isto, nunca se fez uma pergunta essencial: afinal, qual é a quota-parte de internacionalismo e de elementos portugueses que existem na obra de *Variações* e que relações estabelecem entre si? Tem-se aproveitado o que ele disse para um discurso de autocomplacência em relação à portugalidade. Por exemplo, nunca se salientaram as críticas acutilantes que ele fez a alguns aspetos do nosso país, perfeitamente visíveis em canções como “Que Pena seres Vigarista” e “Quando Fala um Português”.

Rosmaninho cita, a propósito das obras da artista plástica Joana Vasconcelos, a seguinte frase lapidar, proferida por Francisco José Viegas, que, segundo este, têm: “a marca identitária e tradicional de Portugal ao mesmo tempo que expressam uma modernidade assombrosa”. Esta afirmação podia aplicar-se a *Variações*. Mas, quer em relação à artista plástica, quer em relação *Variações*, algumas perguntas muito simples devem ser feitas:

- 1- Onde é que podemos encontrar, na sua obra, elementos concretos que estejam ligados à cultura tradicional portuguesa e relacionados com o internacionalismo?
- 2- Estamos em presença dum artista vanguardista que recorre a elementos tradicionais ou, ao invés, estamos em face dum artista tradicional português que recorre a elementos vanguardistas? Será isso possível? Será, por exemplo, viável que um artesão ou um músico folclórico incorporem na sua arte elementos, por exemplo, de Glenn Branca, do cubismo e do *rock* anglo-saxónico? <sup>122</sup>
- 3- Porque é que na frase de José Viegas, tal como na “Entre Braga e Nova Iorque”, Portugal aparece primeiro e só depois a modernidade internacionalista?

---

<sup>122</sup> Apenas uma pequena chamada de atenção para que possamos refletir melhor. Por exemplo, Picasso pôde acercar-se da arte primitiva e incorporá-la nas suas obras, mas um pintor primitivo ou *naif* nunca poderia, até por questões técnicas, fazer o oposto. Claro que há, por exemplo, artesãos como Rosa Ramalho e Franklin Vilas Boas que contêm modernidade nos seus trabalhos. De todo o modo, pergunto o seguinte: será que a questão que perpassa subterraneamente seja a de que certa *intelligentsia* nacional se recuse a ver em *Variações* um “Picasso”, um vanguardista? Este é que é o ponto.

Enfim, é para dilucidar este género de questões que esta dissertação pretende contribuir. Antes de mais, convirá analisar o contributo do próprio *Variações*.

No pós-revolução dos cravos, numa altura em que uma boa parte das classes intelectuais e artísticas tentavam rasurar todos os vínculos com o passado recente do Estado Novo, afirmando que tudo o que tinha essa marca rural, ancestral, ou simplesmente nacionalista era “foleira” e má, sem qualidade artística, foi, sem dúvida, pedagógico e da maior importância que alguém vanguardista e moderno como *Variações*, tenha feito o panegírico da cultura popular portuguesa e tenha, num tempo em que isso era mal visto, gravado uma versão dum canção amaliana. A esse propósito, recorde-se que Amália Rodrigues foi completamente posta de lado por certos setores de esquerda, adstritos à revolução. Acrescente-se que muitos destes elementos estavam à frente dos meios de comunicação da época. José Jorge Letria, um dos cantores de intervenção, hoje diretor da Sociedade Portuguesa de Autores, não nos deixa dúvidas:

(...) a Amália, do meu ponto de vista, é uma mulher que estava perfeitamente consciente do que era o regime. Ela não serve apenas o país, serve o regime. Teve um grande impacto no estrangeiro e divulgou Portugal como ninguém, com aquela voz de ouro, maravilhosa, agora, ela tinha consciência que havia uma ditadura, tinha consciência do regime que servia. Não digo que o servisse dum forma militante, mas também nunca disse nada contra. A verdade é que podia ter dito e nunca disse.<sup>123</sup>

Até a genial obra épica de Camões, com assinaláveis exceções como Eduardo Lourenço, António José Saraiva e Jorge de Sena, era encarada, por essa altura, com algum repúdio.

Contudo, estes elementos não tinham desaparecido por artes mágicas com o 25 de Abril. Na verdade, continuavam omnipresentes numa grande parte da sociedade portuguesa. Eram mais do que uma herança dos tempos do Estado Novo; o seu lastro vinha

---

<sup>123</sup> Citado por Eduardo M. Raposo (2014). *Cantores de Abril*. 2.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Colibri, p.127.

de trás e não desapareceria facilmente, nem tal seria desejável.<sup>124</sup> Talvez devessem, isso sim, ser reconfigurados, reintegrados na nova realidade. Uma significativa parte do país continuava a gostar de fado e folclore e a exaltar-se com o hino e com a história da expansão marítima.

Variações e alguns outros, como os Heróis do Mar, intuíram isso e procuraram unificar estes elementos culturais, ligados ao isolacionismo português, integrando-os nas correntes estéticas internacionais coetâneas. O pós-modernismo artístico coexistia assim e enriquecia-se com elementos, se quisermos, nacionalistas.<sup>125</sup> Relembre-se, por exemplo, as apresentações ao vivo dos Heróis do Mar.

O problema é que não é isso que perpassa, ao longo do tempo, no discurso sobre aquilo que ele preconizou. O que se tem salientado e o modo como isso tem sido feito pouco tem a ver com essa criativa e coexistente proposta original do cantor e de alguns dos seus pares. Acentua-se sempre a presença do lado português e apaga-se, quase por completo, o seu lado internacionalista: o “Minho” ergue-se, e “Nova Iorque”, quando muito, é um mero apêndice. A tal ponto que, muitas vezes, mais parece que se está a falar dum rancho folclórico, dum fadista, do que daquilo que verdadeiramente ele foi: um artista *pop-rock*, que prezava, e muito, a cultura popular e a História do seu país, mas que era, antes de tudo o mais, repito, um artista *pop-rock*. Ele nunca gravou nenhum disco de fado nem de música tradicional. Nem sequer gravou nenhum fado nem música folclórica *tout court*. Gravou, isso sim, canções com esses elementos presentes; o que é algo bem diferente.

---

<sup>124</sup> Sobre esta questão, vd. Nuno Rosmaninho (2014). *Identidade Artística Portuguesa I: A Deriva Nacional da Arte, Séculos XIX-XX*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Exemplar policopiado, pp. 35-47 et. seq. Nelas, o autor demonstra que a criação duma arte nacional (ou nacionalista, se quisermos) remonta ao início do século XIX, destacando o papel de autores como Almeida Garrett e Alexandre Herculano. Rosmaninho assevera que esse fervor nacionalista acalmou durante os anos 80 e 90 do século XX. Ora, se isso é verdade, nos campos de estudo preferenciais do autor, mormente as artes plásticas, a historiografia e a música de índole erudita, não o é no campo da música *pop-rock* produzida em Portugal. Durante o *boom* do *rock* cantado em português, as questões da identidade nacional eram prementes e estavam na ordem do dia.

<sup>125</sup> O termo pós-modernismo é aqui utilizado somente como mera indicação e não mais do que isso. Como sabemos, ele tem sido alvo de uma intensa revisão crítica que o considera, não só ultrapassado, mas, em muitos sentidos, falho de substância. Hoje considera-se mais exato e profícuo o “pós-colonialismo”. Sobre as críticas ao pós-modernismo, vejam-se as obras de Roger Scruton, ou, por exemplo, Noam Chomsky (1995). “Pós-modernismo?”. Trad. Henrique Napoleão Alves. *Universo Racionalista*; e Edmilson Costa (2013). “Uma crítica à ideologia pós-modernista”. *GGN-O Jornal de todos os Brasis*, 2 de junho.

Esta ânsia de ver “portugalidade” na sua obra, por vezes, tolda o juízo dos mais insuspeitos. David Ferreira, diretor da editora que gravou *Variações*, sobre a célebre canção do cantor, com o seu poderoso e conhecido estribilho “Só estou bem aonde não estou”, diz algo de que discordo totalmente: “A «Estou Além» é uma chula. Ou um vira.” Na mesma estranha linha de pensamento, António Emiliano, músico e produtor musical de Lena d’Água, sobre a canção “Anjinho da Guarda” diz: “É uma marcha”.<sup>126</sup> Por seu lado, Júlio Isidro não tem dúvidas em afirmar que na canção “Toma o Comprimido”, considerada por Rui Pêgo e António Duarte como uma música *punk*: “havia ali a mensagem duma música moderna muito, mas muito inspirada em raízes de música portuguesa”. Logo a seguir, o apresentador refere que uma das razões dessas raízes Portuguesas seria a “pronúncia dele (...) particularmente pela sonoridade da própria voz porque ele era um homem da província e isso notava-se perfeitamente. Ele era um minhoto.”<sup>127</sup>

Este ilógico pensamento projetivo tem andado a par e passo com um imenso preconceito, sobretudo da parte duma classe letrada e intelectual. À laia de exemplo, veja-se o que disse Pedro Caldeira Cabral, eminente músico de formação clássica, sobre ele, em 1984:

Bom, o António *Variações*. Aqui é um caso ainda mais dramático porque falo de uma pessoa que já morreu. Na minha opinião, ele nunca chegou a nascer em relação à música; sim, musicalmente nunca chegou a nascer: Os problemas principais talvez sejam a

---

<sup>126</sup> Citados por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 201 e p. 310, respetivamente. Aconselho vivamente a audição das referida canções de *Variações* e, em seguida, que se escute uma chula, um vira e uma marcha para que o leitor julgue por si mesmo. Deixo aqui uma ligação para uma chula minhota: <https://www.youtube.com/watch?v=zZwK-RwuqPM> E a ligação para “Estou Além”: [https://www.youtube.com/watch?v=B\\_Ij425SMcA](https://www.youtube.com/watch?v=B_Ij425SMcA) Para uma marcha: <https://www.youtube.com/watch?v=JgFTBSa92xw> E para “Anjinho da Guarda”: <https://www.youtube.com/watch?v=zQE9bW-axq0> E para “Toma o comprimido”, aos 7, 40 m: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/variacoes>

<sup>127</sup> Cf. Anexo nº. 3, p. 479.

superficialidade de todo o seu trabalho, e aquela necessidade de afirmação pelo absurdo, pelo esdrúxulo, enfim, é dramática toda a história deste tipo.<sup>128</sup>

Recentemente, em 2018, o credenciado jornalista e escritor Paulo Moura respondeu a um inquérito do seguinte modo:

**Um exemplo de beleza?**

Schubert.

**Um exemplo de elegância?**

Bach.

**Um exemplo de fealdade?**

António Variações.<sup>129</sup>

Perante isto, só se pode concluir que o atavismo, ao contrário do que seria de supor, não toca as classes mais humildes, mas as mais cultas; facto para o qual, já no século XIX, Eça de Queiroz chamava a atenção. Este género de críticas ao cantor, feito por alguém com a craveira de Pedro Caldeira Cabral e Paulo Moura, não difere muito no seu conteúdo das que, ainda hoje em pleno século XXI, pululam na rede:

porquê não recordar pessoas que fizeram este país, por exemplo prof,agostinho da silva entre muitos, dr medico evaristo sousa gago „porquê este tipo que nada de bom deixou

---

<sup>128</sup> Citado por Nuno Infante do Carmo (1984). “Conversa com gira-discos: Pedro Caldeira Cabral”. *Música & Som*, n.º 97, novembro, p. 20.

<sup>129</sup> Citado por S/A (2018). “Sindicância: Paulo Moura”. *Ler*, verão, n.º 150, p. 128.



senão ser o primeiro « gay » quando morreu este nome ainda era desconhecido.. será que foi importante este tipo???

A própria Manuela Gonzaga, autora da única biografia, até agora, sobre o cantor, ao recordar quando, em 1982, o seu diretor a mandou fazer uma entrevista a Variações, ficou bastante desagradada, pois, assume que tinha preconceitos em relação ao cantor:

Uma vez, o nosso diretor, o Artur Ramos Duarte, pediu-me para ir entrevistar o António Variações. A minha primeira reação foi achar que não tinha interesse nenhum. Pensei: «Vou detestar falar com um cabeleireiro que canta Amália». Todos somos preconceituosos, por isso é que, muitas vezes, entendo a raiz do preconceito.<sup>130</sup>

Claro que, ao contrário do que diz Gonzaga, não somos todos preconceituosos, mas é verdade que a mentalidade reinante no Portugal de então seria, sem dúvida, essa. Variações, desde o início, teve bem a noção disso. Sobre a sua adaptação a Lisboa, declarou:

Fiquei apavorado, senti-me perdido... Por cá tive grandes dificuldades, tive muitos complexos por vir da província, por não ter instrução, por ter sotaque... e às vezes perguntava-me por que razão não havia de ser como os outros lá na aldeia: casar, ter filhos, ir à missa do domingo. Adaptei-me o melhor que pude. Não queria de maneira nenhuma voltar à aldeia. E saíu-me caro fugir a essa herança, porque comecei a dar-me com pessoas de outro nível cultural, para quem eu era motivo de riso e de anedota ... Hoje o meu êxito é uma vingança!<sup>131</sup>

---

<sup>130</sup> Este comentário, feito por alguém que se identifica como António Guerreiro (não confundir com o crítico e articulista homónimo), transcrito conforme o original, encontra-se no fundo da página da seguinte morada eletrónica:

<https://www.dn.pt/artes/interior/entre-braga-e-nova-iorque-relembrar-variacoes-9443615.html>

<sup>131</sup> Citada por Bruno Horta (2018). “Manuela Gonzaga: «Era impossível não amar António Variações». *Observador*, 12 de junho.

<sup>132</sup> Citado por Cláudia Baptista (1983). “A infância desconhecida do cantor exótico. António Variações: «O meu êxito é uma vingança»”. *Sete*, 20 de julho, p. 12.

Por isso, soube sempre qual era o público que queria atingir e aperfeiçoou a sua arte de molde a consegui-lo. Nunca quis tocar apenas para um público informado e elitista, pois, isso seria redutor e estes não o aceitariam bem, e ele sabia-o. Tinha consciência de que seria alvo do preconceito duma certa elite intelectual, que não apreciava o facto de alguém sem formação académica, vindo do remoto Minho, e ainda para mais sendo homossexual, tenha ganho tanta notoriedade.

De igual modo, ele também não se dirigiu apenas ao público mais desinformado e provinciano, pois estes não o entenderiam completamente e eram também preconceituosos, sobretudo na questão sexual. Tentou ser abrangente e ganhar vários públicos. Por um lado, os jovens do pós 25 de Abril, com os quais tinha muita similitude de pensamento e até de convivência pessoal, e, por outro, as camadas populares.

## **2.4. Mitos musicais**

### **2.4.1. O mito de que Variações desafinava e era um desenquadrado musical**

Outro dos factos, postos a circular, sintoma evidente de preconceito, diz respeito à falta de conhecimentos musicais de António Variações. Em grande medida, é o mesmo que dizer que Bob Dylan é duro de ouvido ou que Paul McCartney e Bruce Springsteen são maus músicos por não terem formação musical e não saberem ler pautas.

Afirma-se que Variações era semitonado, ou seja, não completamente afinado, ligeiramente fora do tom. Júlio Isidro diz: “porque há muitas coisas em que ele está, para não ir mais longe, semitonado”.<sup>133</sup> Por vezes, afirma-se mesmo que ele era um desafinado. David Ferreira, diretor da Valentim de Carvalho, afirmou: “O António era semitonado. Resumindo, muito afinado não era”.<sup>134</sup> Vítor Rua, o guitarrista que trabalhou com ele em *Anjo da Guarda* e que é um músico com créditos musicais acima de qualquer suspeita,

---

<sup>133</sup> Cf. Anexo n.º 3, p.484.

<sup>134</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 309.

relata o seguinte sobre as cassetes que Variações entregou aos músicos para que estes pudessem apreender e trabalhar as suas canções:

(...) fomos para estúdio com o único material que eram umas cassetes, e um órgão, um *casio*, com uma caixa de ritmos, uma coisa muito foleira, e ele a cantar por cima. As coisas estavam fora de tom (...) Depois as notas não estavam certas, ele não estava no tom da música que estávamos a ouvir, era tudo muito estranho e, acima de tudo, era muito difícil apanhar a melodia que nos queria transmitir assim. (...) De repente estamos a ver uma pessoa exoticamente vestida, a fazer jeitos e trejeitos absolutamente estranhos, a cantar um tipo de música absolutamente inqualificável, a fazer melodias e a desafinar (...).<sup>135</sup>

Contudo, ao ouvir quer as canções gravadas, quer as referidas maquetes, quer os seus discos, em nenhuma vez podemos dizer que ele está desafinado – e isto num tempo, note-se, em que não se podia recorrer ao *auto-tune*.<sup>136</sup>

Opostamente, Nuno Galopim diz: “As gravações, algumas, são muito deficientes, mas a voz dele é uma coisa espantosa. Mesmo a cantar sozinho *a cappella*, não sai fora do tom”. Ou seja, não desafina, pois, sair fora do tom é desafinar. E Galopim reparou num pormenor importante. É muito mais difícil cantar afinado quando se canta sozinho, sem o amparo harmónico de nenhum instrumento, do que quando se canta acompanhado com instrumentação.<sup>137</sup>

A este propósito, talvez valha a pena atentar no testemunho do experiente engenheiro de som Pedro Vasconcelos, que fez parte da equipa técnica que gravou o primeiro longa duração do cantor, *Anjo da Guarda*: “O António tinha afinação”.<sup>138</sup>

---

<sup>135</sup> Citado por Manuela por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, pp. 246-245.

<sup>136</sup> O *auto-tune* é um dispositivo tecnológico que é aplicado às *performances* vocais que, para além de produzir vários efeitos, permite corrigir imperfeições vocais, como a desafinação.

<sup>137</sup> Citado por Manuela por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 319.

<sup>138</sup> Citado por Maria João Rocha (1996). *A Vida de António Variações*. (Doc.), aos 22,30 m..

Idêntica opinião manifesta o engenheiro de som, Tó Pinheiro da Silva: “ Não é correto dizer-se que ele não era afinado”.<sup>139</sup>

O único senão que Pedro Vasconcelos lhe aponta era alguma falta de noção de tempo; não de ritmo, que em música é um conceito diferente. Daqui até “desafinado” e “semitonado”, julgo que vai um passo de gigante.<sup>140</sup>

Ao chegar a estúdio, cabia aos músicos que o acompanhavam encontrar a harmonia correta, a sequência de acordes adequados, que casassem na perfeição com as melodias vocais criadas por Variações. Se porventura, as harmonias estivessem incorretas e parecesse que Variações estaria a cantar, por exemplo, meio-tom acima, a culpa não seria dele, mas dos músicos que estariam a tocar mal, não apanhando o tom correto do cantor: os desafinados seriam eles.

Já agora, Chico Buarque, Lou Reed, José Afonso ou Tom Waits, entre outros (ouçam-se alguns dos seus trabalhos ao vivo) têm na sua obra momentos de imperfeição vocal e de desafinação. Não me recordo de alguém ter, alguma vez, salientado isso. Aliás, é possível que, uma ou outra vez, Variações não tenha estado perfeito, originando alguma falha menor, como acontece com quase todos os músicos.

Júlio Isidro, sem identificar, referiu que um músico com formação musical clássica, não sabemos se um maestro ou outra figura similar, lhe disse que Variações era “um desenquadrado musical”:

Eu lembro-me de ter ouvido, passado pouco tempo, um músico, daqueles que escrevem música, dizer que ele era um “desenquadrado musical”. Nunca mais me esqueci dessa expressão.

**- Quem era esse músico?**

Não vou identificar... Era desenquadrado porque realmente quando iam fazer as orquestrações das músicas dele aquilo não tinha quadratura, aquilo não se encaixava nos

---

<sup>139</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 279.

<sup>140</sup> Citado por Maria João Rocha (1996). *A Vida de António Variações*. (Doc.), aos 22,30 m.

trâmites habituais duma composição: a determinada altura tinha mais compassos do que tinha noutra parte, etc. Mas não era isso, quer dizer, aliás, toda a gente tem direito a compor música duma outra maneira. E, portanto, até nesse aspeto ele, no meio musical, deve ter sido olhado apenas como algo de excêntrico.<sup>141</sup>

Resta saber como e de que modo. De facto, não encontro nada disso, pelo contrário, vejo alguém com um extraordinário talento para compor melodias memoráveis e letras com um riquíssimo conteúdo, quer à superfície, quer subtextualmente. Não tinha formação musical no sentido clássico do termo, como, aliás, sucede com muitos músicos do universo *pop-rock*, mas isso não o impediu de deixar uma obra musical da maior profundidade e de ter aberto vias estéticas até então inexploradas entre nós. Nuno Galopim afirma: “A sua música é aparentemente simples, mas aquilo é altamente complexo, sofisticado, requintado”.<sup>142</sup> Na verdade, um autor que compõe e escreve “Canção de Engate” ou “Estou além” não é um “desenquadrado musical”; é um génio. E um génio com as origens sociais e com as opções comportamentais e sexuais de Variações nunca poderia ser bem aceite por determinadas camadas intelectuais portuguesas.

Sempre houve, portanto, um enorme preconceito em relação a ele; preconceito de classe e de género – não quer dizer que tal tenha sucedido sempre de modo consciente e deliberado; por vezes, esse preconceito manifesta-se de modo inconsciente, lado a lado, com o irreprimível desejo de ver portugalidade em tudo. Variações estava fora da norma e isso era, a vários níveis, muito difícil de aceitar, mesmo por quem fosse um pouco mais aberto. O ser “provinciano”, não ter formação académica, o ser *gay* e o nunca o esconder não o terão favorecido e ter-lhe-ão tornado o percurso mais espinhoso. Aliás, a sua obra tem a marca duma grande solidão e da incompreensão.

---

<sup>141</sup> Cf. Anexo n.º 3, pp. 480-481.

<sup>142</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 320.

#### 2.4.2. O mito de que Variações tinha uma voz fraca e o mito oposto

Outro dos aspetos que esteve sempre na origem de alguns mal-entendidos e que se enquadra no que tenho vindo analisar foi o peculiar timbre vocal de Variações. Também aqui encontramos perspectivas antitéticas.

São múltiplos os testemunhos a afiançarem a pouca qualidade da sua voz. Júlio Isidro salienta a faceta criativa de Variações enquanto cantautor, mas diz que ele não tinha uma grande voz: “Não estava na presença dum grande intérprete, no sentido da grande voz, pelo contrário.”<sup>143</sup> Luís Filipe Barros, um famoso radialista à época, autor do icónico programa radiofónico *Rock em Stock*, relata que quando Variações lhe mostrou uma maquete com músicas da sua autoria, ele disse “não gostei nada daquilo”.<sup>144</sup> Zé Nabo, baixista da Salada de Frutas e da Banda Sonora de Rui Veloso, elogia os seus dotes interpretativos, mas diz: “Ele não era um grande músico nem era especialmente um grande cantor”.<sup>145</sup> Na mesma senda, Carlos Ferreira, conhecido como Guida Scarllaty, refere: “E ele apareceu-me (...) com aquele fiozinho de voz que ele tinha”.<sup>146</sup>

Em sentido inverso, o seu irmão Jaime Ribeiro afirma que ele tinha uma voz poderosa, que se ouvia a quilómetros de distância: “Inundava o nosso quintal a cantar fados da Amália. As pessoas já sabiam que estava lá o António, porque a voz dele repercutia-se pelo vale”.<sup>147</sup> Acrescenta que a voz de Variações se ouvia ao longe por ser aguda (ora a capacidade de projetar a voz pouco tem a ver com razões tímbricas, mas sim

---

<sup>143</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 479.

<sup>144</sup> Citado por Pedro Clérigo; Leandro Ferreira (2015) *A Arte Elétrica em Portugal: Episódio 4: O Boom do Rock, aos 5,20 m..*

<sup>145</sup> Citado por Pedro Clérigo; Leandro Ferreira (2015) *A Arte Elétrica em Portugal: Episódio 4: O Boom do Rock, aos 5, 30 m..*

<sup>146</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 155.

<sup>147</sup> Citado por Catarina Fonseca (2017). “António Variações «inundava o quintal com fados», lembra o irmão”. *Jornal de Notícias*, 7 de dezembro.

com a caixa de ressonância natural do cantor: o volume da voz e o timbre são características distintas).<sup>148</sup>

Carolino, outro dos seus irmãos, relata algo semelhante, quando ele vinha de férias a Fiscal: “As pessoas sabiam que ele cá estava porque ele cantava no quintal: «O teu irmão está cá, já o ouvi cantar». Largava a voz, soltava-a, expandia-a e ouvia-se em todo o lado. Até na Casa dos Castros de Carrazede, que fica a mais de dois quilómetros”.<sup>149</sup> Estas últimas descrições contrastam obviamente com a debilidade e fragilidades referidas antes.

Os músicos que trabalharam com ele no primeiro disco referem a sua capacidade de projeção da voz: “(...) ele projetava-a mesmo, como se o microfone não existisse”.<sup>150</sup>

Talvez esta capacidade projetiva da voz tenha a ver com o facto de o cantor se ter habituado a cantar em espaços abertos, o que obriga a que se aprenda a fazer com que a voz, dada a falta de amplificação elétrica, chegue o mais longe possível. Claro que, para que tal seja possível, é condição *sine qua non* que o cantor possua efetivas capacidades naturais como, por exemplo, uns pulmões que possam funcionar como uma verdadeira caixa-de-ressonância. O cantor Vitorino, já por diversas vezes, referiu que desenvolveu a sua voz ao cantar em serenatas e no canto alentejano em grupo, pois, assim, sem microfone, a voz tinha de se projetar para ser devidamente ouvida.

Claro que uma excelente capacidade de projeção não significa que essa voz se oiça a dois quilómetros de distância, nem pouco mais ou menos; isso, talvez nem sequer um Luciano Pavarotti o conseguisse.

Portanto, temos quem diga que ele tinha uma voz sofrível e quem afirme o contrário. Para lançar alguma luz sobre os dois tipos de testemunhos, entre o “fiozinho de voz” e o canto “que se ouvia a mais de dois quilómetros” basta fazer algo muito simples, mas também muito esclarecedor: ouvir os seus discos. Não é algo muito rebuscado, mas é muito eficaz. Escuta-se um trabalho de Bob Dylan ou de Sérgio Godinho e conclui-se que tecnicamente são vozes limitadas. Ouve-se Robert Plant ou Adelaide Ferreira e percebe-se

---

<sup>148</sup> Citado por Jorge Marmelo (2009). “Variações da família de António”. *Público*, 1 de novembro.

<sup>149</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006) *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p.264.

<sup>150</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006) *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 243.

que são vozes poderosas, plenas de recursos. Assim sendo, ouçamos os discos de Variações. A voz que escutamos é fraca e débil ou fantástica e poderosa? Talvez nem uma coisa nem outra. Parece-me que ambas as partes, em sentidos diferentes, pecam por manifesto exagero. O que se ouve nas gravações é alguém com uma boa voz, afinado, que canta bem e tem um timbre agudo, inusual à época nos cantores masculinos. Possui uma das caraterísticas mais importantes num cantor: ouve-se e sabemos logo que é ele. Distingue-se das outras, não é estereotipada e é muito expressiva. Recorre a vibratos, melismas e glissandos.<sup>151</sup>

O que mais sobressaía era o seu timbre efeminado que certamente causava repugnância aos ouvidos puritanos. Um homem com voz de mulher não era bem visto. Passar daí para a afirmação de que tinha uma voz fraca, tentando, consciente ou inconscientemente, diminuí-lo, foi apenas um passo que tem muito que ver com o tempo histórico em que ele surgiu e com a mentalidade de então. Também Boy George, vocalista dos Culture Club ou Jimmy Somerville, vocalista dos The Communards, ambos homossexuais assumidos, foram alvos de comentários depreciativos acerca da sua voz.

O efeito de estranhamento perante este tipo de vozes hoje esbateu-se bastante. Sobretudo no final dos anos 90, início do novo século, a nível internacional, vários cantores com caraterísticas similares começaram a impor-se no mercado discográfico internacional, casos de Jeff Buckley, Anthony, etc. Hoje em dia, pela sua beleza intrínseca, estas vozes são apreciadas sem grande ou nenhuns pruridos, e são até muito procuradas, como é o caso de Salvador Sobral e Filipe Sambado.

Foi preciso muita coragem da parte de Variações para se atrever a cantar com uma voz assim, capaz de ferir os gostos do Portugal mais tradicionalista e conservador. Era o instrumento ideal para a revolução de comportamentos e de estética que ele preconizava. Ele sabia bem o que significava cantar com a sua voz. As críticas nunca o demoveram.

---

<sup>151</sup> No vibrato, o cantor faz vibrar a voz, cantando alternadamente entre duas notas. No glissando, o cantor sobe e desce rapidamente através de várias notas. Os melismas são improvisações musicais em torno de melodias arabizantes, geralmente em torno da escala cromática. Estas três caraterísticas estão presentes, por exemplo, em Amália Rodrigues, em algum canto alentejano e na maioria dos cantores de flamenco.



Segundo testemunha o fotógrafo social Abel Dias, Variações convictamente dizia que: “Eles não querem que eu cante, mas eu hei de cantar, eu hei de cantar”.<sup>152</sup>

### **2.4.3. O mito de que a forma de compor de Variações era demasiado estranha, o que impediu de ter sido gravado mais cedo**

Variações compunha as suas canções, cantando-as. A sua voz era, por isso, o seu instrumento de composição. Este método de compor, recorrendo apenas à voz, não é nenhuma idiossincrasia de Variações. Ozzy Osbourne, Morrissey, Matt Berninger, Michael Stipe, etc., são alguns dos *singer-songwriters* que não tocam nenhum instrumento: para compor usam, como ele, a voz. O caso mais singular talvez seja o de Michael Jackson que compunha com a voz, não apenas a melodia principal da canção, mas igualmente as linhas musicais que cada instrumento deveria tocar e que ele cantava; compunha, portanto, igualmente os arranjos com a voz.<sup>153</sup> Se escutarmos uma das gravações do acervo sonoro de Variações, percebemos que ele trauteia um *riff* de guitarra.<sup>154</sup> Aliás, Pedro Ayres Magalhães revelou que Variações também tinha melodias que imaginava para os instrumentos e que as cantava com “lálálás” e outras onomatopeias, cabendo depois aos músicos transpô-las para os respetivos instrumentos:

Mas houve um momento em que eu tive que decifrar as canções do Variações e perceber o que é que ele queria porque ele também tinha partes instrumentais imaginadas, que ele cantava. Por exemplo, na “Erva Daninha”, há uma parte tocada em teclas que era assim: lá, lá, lá, ri, lá, ri, lá (trauteia). E ele cantava isto; tinha uma introdução imaginada para a canção e eu tinha de criar uma cadência harmónica para essa parte. As canções dele eram

---

<sup>152</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 195.

<sup>153</sup> Lucy Jones (2014). “The incredible way Michael Jackson wrote music”. *NME* (New Musical Express), 2 de abril.

<sup>154</sup> Cf. Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.), aos 3, 20 m..

baseadas na letra, onde ele caprichava, depois inventava uma melodia para a letra, um tempo para a melodia, enfim, o que aparece no disco foi ele que ele fez. A parte harmónica e os ritmos é que não.<sup>155</sup>

A famosa cantora brasileira Vanessa da Mata, que é uma das mais requisitadas compositoras do seu país, escreve os seus temas apenas com voz. Mas também José Afonso, que tocava guitarra de modo muito limitado, compunha a maioria dos seus temas cantando para um gravador que o acompanhava sempre.

Contudo, tal facto é apresentado em relação a *Variações* como algo insólito e raro e também como desculpa para que não tivesse sido gravado mais cedo. Nesse sentido, Nuno Rodrigues, A & R da Valentim de Carvalho e produtor do primeiro trabalho de *Variações*, diz: “Começo a trabalhar com ele, mas o António *Variações* cria-me uma dificuldade tremenda como produtor e A & R porque tinha as melodias na cabeça, sabia as letras, mas não sabia tocar nenhum instrumento.”<sup>156</sup> David Ferreira, diretor da editora referida, apresenta o mesmo argumento: “O António apresenta o *handicap* de não tocar. A sua progressão estava bastante limitada”.<sup>157</sup> Perante isto, devemos ponderar o seguinte: e então em relação ao José Afonso nunca se pôs esse problema? Porquê? Nem em relação a Amália, já que ela também escrevia letras e não sabia música? O problema seria *Variações* não saber tocar ou, ao invés, a indústria musical portuguesa ser incipiente e a mentalidade dos seus elementos ser preconceituosa? É que, pelos vistos, um Michael Jackson, ou um Morrissey, por exemplo, nunca conseguiriam gravar cá, pois, teriam esse enorme “*handicap*” de não saberem música nem saberem tocar nenhum instrumento...

Outro pormenor não despiciendo: porque é que quando ele gravou os primeiros trabalhos para-folclóricos, que nunca veriam a luz do dia e seriam rejeitados, estes problemas não se puseram? Repare-se: Mário Martins, após tê-lo contratado, levou-o para

---

<sup>155</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 506. A parte a que Magalhães se refere é a introdução instrumental da canção em causa.

<sup>156</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 205.

<sup>157</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 203.

estúdio e pô-lo a gravar com o arranjador Jorge Machado. Isto é que se deve fazer e é o que se faz quando o autor-cantor não sabe tocar: arranja-se quem o faça por ele. Por exemplo, nos discos de Michael Jackson ele não toca em nenhum. A editora organizou sempre equipas competentes para o ajudar a viabilizar as suas composições.

Nas maquetes que deixou, algumas das quais é possível ouvir no *LP A História de António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*, nunca o ouvimos desafinado. Na maquete caseira de “Quero é Viver” ouvimo-lo tocar as teclas dum *casio-tone*, acompanhando-se sempre dentro da tonalidade. Ele faz uma sequência harmónica, que gira em torno de quatro acordes maiores (DóM-SolM-FáM-MiM), e toca uma pequena melodia, que serve de contraponto à melodia vocal.<sup>158</sup> O que demonstra também que, ainda de forma incipiente, ele tocava teclas (tal como de forma imperfeita, tocavam José Afonso e Michael Jackson). Penso que ele, a certa altura, teria pensado em aprender a tocar guitarra, pois, guardou anúncios de jornal, que pude ver no seu acervo, onde se publicitavam aulas de guitarra.<sup>159</sup> Teve, já depois da edição dos seus primeiros trabalhos, aulas de voz. Em entrevista afirmou que não se podia aprender a cantar, pois isso era um dom que nasce com a pessoa, mas que se podia aprender a aperfeiçoar e a controlar a respiração durante o canto.<sup>160</sup>

Francisco Vasconcelos, diretor da Valentim, é perentório: “Ele é que nos abriu portas. Foi um dom para muita gente conhecê-lo”.<sup>161</sup> O engenheiro de som Pedro Vasconcelos testemunha que *Variações* tinha sempre uma importante palavra a dizer sobre as opções musicais propostas pelos músicos. Segundo ele, as sugestões de *Variações* eram sempre boas e eram sempre aceites como válidas pelos músicos. Ele diz que *Variações* lhes ensinou muito, pois, procedia contra regras estabelecidas entre músicos, e, ao contrário do

---

<sup>158</sup> Ouça-se: António Variações (2006). *A História de António Variações: entre Braga e Nova Iorque*. (LP) Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho, faixa n.º 23 (CD2).

<sup>159</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 65.

<sup>160</sup> Citado por Inês Pedrosa (1983). “Cantor e barbeiro: Variações sobre um António”. *O Jornal*, n.º 432, 2 de junho. In *Muda de Vida: As Letras de António Variações*, p. 93.

<sup>161</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 248.

que eles, à partida, esperariam, o resultado era excelente.<sup>162</sup> Lena d'Água refere a complexidade musical que encontrou nas canções, na altura inéditas:

Quando tirei o esqueleto das cinco músicas escolhidas, contei os compassos e as voltas: havia dezassete compassos e mais quatro, e, depois, dezassete outra vez. Aquilo tinha uma lógica incrível. Não era à toa. Musicalmente, se calhar, só encontramos isto na música contemporânea ou no *jazz*, que fazem misturas de compassos.<sup>163</sup>

Nuno Galopim ajuíza a obra de António de modo similar, relevando a sua complexidade e sofisticação: “A sua música é aparentemente simples, mas aquilo é altamente complexo, sofisticado, requintado, porque ele não ouvia só a Amália e o José Afonso. Ele ouvia o David Bowie e gostava imenso. E ia ao teatro. E era viajado.”<sup>164</sup>

#### **2.4.4. O mito de que *Variações* não poderia ter sido gravado antes**

Uma das questões a averiguar é a de saber porque é que *Variações* não foi gravado e editado antes.

Ele tinha sido contratado pela Emi-Valentim de Carvalho, em 1977. Mas só viu o seu trabalho editado em 1982, dois anos decorridos já sobre o *boom* do *rock* cantado em Português. Assinou contrato com a editora antes de Rui Veloso, mas este gravou, com estrondoso sucesso, antes.

Como sabemos, houve uma tentativa gorada em que se experimentou gravar *Variações* sob a orientação do produtor de Marco Paulo, Mário Martins, e com a direção

---

<sup>162</sup> Citado por Maria João Rocha (1996). *A Vida de António Variações*. (Doc.), aos 27, 37 m..

<sup>163</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 311.

<sup>164</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 320.

musical do maestro Jorge Machado, que deixou, quer o produtor, quer Variações pouco satisfeitos com o resultado. Tentou-se que fosse música para-folclórica, e isso não se coadunou com o perfil de Variações, cantautor *pop-rock*. Mário Martins pensava de maneira oposta, pois, dado o timbre vocal do cantor, pretendia-se gravar algo próximo do folclore, queria fazer-se dele um segundo Frei Hermano da Câmara.<sup>165</sup>

Depois desta tentativa, Variações foi posto na prateleira pela editora durante alguns anos, situação com a qual não se conformou. Mesmo depois das suas passagens meteóricas pela *Febre de Sábado de Manhã* e pelo *Passeio dos Alegres*, em maio de 1981, a editora não o gravou. Ricardo Camacho conta que, depois de o ver a atuar no programa de Júlio Isidro, foi ter com um dos homens fortes da Valentim de Carvalho, Francisco Vasconcelos, aconselhando-o a contratarem o cantor que ele tinha visto na televisão. Vasconcelos ter-lhe-á respondido que ele já era um artista contratado da editora.<sup>166</sup> No entanto, as gravações não se iniciaram logo, e os temas apresentados por ele nos programas de Júlio Isidro, “Toma o Comprimido” e “ Não me Consumas”, nunca foram lançados em vida do cantor, em *single*, tal como ele pretendia.

Variações queixou-se disto mesmo em entrevista ao programa de rádio *Meia de Rock* no final do mesmo ano:

É uma grande maldade a “Toma o Comprimido” não ter sido lançada na altura. Tenho bastante anseio em voltar a tocá-la. (...) já atuei no Rock Rendez Vouz e numa discoteca que se chama Trumps. (...) E fiz aquele circuito do *Passeio dos Alegres* e da *Febre de Sábado de Manhã*... E acho que a Valentim poderia ter lançado um *single* depois de eu ter aparecido na televisão. Houve imensas reações. Eu passava na rua e as pessoas tinham reações giras, e acredito que tivesse sido, não digo um sucesso, mas ia ser bem aceite. Tinha sido o meu lançamento e a Valentim de Carvalho tinha feito dinheiro, tenho a certeza.<sup>167</sup>

---

<sup>165</sup> Citado por Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.), aos 5, 30 m..

<sup>166</sup> Citado por Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.), aos 9, 33 m..

<sup>167</sup> Cf. Anexo n.º 2, pp. 396-397.

Na mesma entrevista, adianta que tinha a promessa da editora encetar finalmente o processo de gravações no início do ano seguinte, ou seja 1982, o que, de facto, veio a suceder.<sup>168</sup> Em 1983, depois do êxito do seu *LP* debutante, *Anjo da Guarda*, o tom de ressentimento contra a editora mantém-se. Sobre a gravação do seu primeiro trabalho, diz:

E eu até sei que à partida a editora não apostava nada, aquilo foi mais para me calar, porque já tinha passado tanto tempo, e chegou uma altura que tinham de me fazer um disco, mas naquela base de «vamos ver se este deixa de chatear, cumprimos a nossa obrigação e é mais um disco que a gente faz».<sup>169</sup>

Em 1981, houve algumas mudanças no seio da Valentim de Carvalho. Mário Martins manteve-se como A & R, mas ficou com os artistas mais relacionados com a música popular e ligeira, e Nuno Rodrigues, mentor da Banda do Casaco, foi promovido, ficando a ser A & R dos artistas de música moderna. Esta mexida na editora foi um dos fatores que espoletou o início das gravações com Variações.

De facto, as coisas só se alteraram com a entrada em cena de Nuno Rodrigues. Este, espantado por terem tentado gravar para-folclore com um cantor com um aspeto tão moderno e extravagante como Variações, decidiu pegar nele para gravarem um disco *pop-rock*, dizendo-lhe que ele “decididamente não é um homem da música ligeira”.<sup>170</sup>

Variações, já cansado e desesperado, terá pedido ao seu irmão advogado, Jaime Ribeiro, segundo o próprio alega, para pressionar a editora a cumprir o contrato. Assim o fez. Escreveu uma carta lembrando a editora do contrato que tinham assinado com o cantor. Esta, segundo este irmão jurista, teria sido enviada em 1980, e, segundo afirma,

---

<sup>168</sup> Cf. Anexo n.º 2, p. 452.

<sup>169</sup> Citado por Manuela Gonzaga (1983). “António Variações de soldado a General”. *Diário de Notícias*, Suplemento, 18 de julho, pp. 16-18.

<sup>170</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 205.

surtiu efeito, pois, “passado pouco tempo ele foi chamado pela editora para começar os ensaios com vista à gravação”.<sup>171</sup>

Entretanto, o trabalho preliminar para a gravação do disco já tinha começado e Nuno Rodrigues nunca aceitou bem a carta, que achou injusta. Diz que “O António nunca se colou a isso (à carta do irmão)”.<sup>172</sup> Ora, Jaime Ribeiro afirma que terá sido o próprio Variações a pedir-lhe para o fazer, representando-o. O cantor tinha já 37 anos. Em 1982, lançou finalmente o seu primeiro trabalho. Mas subsiste a questão: teria sido possível gravar António Variações antes ou não?

David Ferreira, figura proeminente da Emi-Valentim de Carvalho, que teve um papel muito positivo na carreira de Variações, diz que não, pois, ele não sabia música e faltava um abanão na indústria musical que permitisse uma outra abertura de horizontes. Essa revolução, segundo este diretor da Valentim, foi protagonizada por Rui Veloso.<sup>173</sup> Esta observação faz algum sentido, pois, de facto, os músicos mais indicados para coadjuvarem Variações nas gravações deviam ser, tal como veio a suceder, adstritos à música *pop-rock* portuguesa. Eram os que tinham uma estética e uma linguagem musical mais próxima da que Variações idealizava. Mas há alguns dados a ter em consideração. Antes de Rui Veloso, já havia músicos a gravar *pop-rock* como os Aqui d’el Rock, os UHF com o seu primeiríssimo trabalho, em 1979, “O Jorge Morreu”, os Arte & Ofício, os Corpo Diplomático, etc. Além disso, entre o lançamento do “Chico Fininho” de Rui Veloso, em 1980, e o primeiro trabalho de Variações, em 1982, passam dois anos. Julgo que Variações poderia perfeitamente ter sido gravado – sobretudo, tendo em conta que nunca se gravaram tantos trabalhos de músicos portugueses como naquela altura. Em suma, a principal

---

<sup>171</sup> Citado por Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.). Aos 9, 50 m.. Em relação à carta há alguma discrepância de datas e não se percebe, na sua completude, o processo todo. A carta foi enviada antes de começar o processo de gravações com Nuno Rodrigues ou depois? Na biografia de Gonzaga, Nuno Rodrigues parece dizer que foi quando ele já teria começado a trabalhar com Variações, assistindo aos ensaios. Jaime Ribeiro parece apontar para uma data anterior, 1980, 1981. No documentário de Maria João Rocha, o advogado diz que guardou uma cópia da carta. Eu pedi-lhe uma e ele disse-me que já não a tinha.

<sup>172</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 206.

<sup>173</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, pp. 203-204.

justificação para não o terem gravado antes é a de que não sabiam muito bem em que género deviam encaixá-lo encaixar nem o que fazer com ele.

No meio disto tudo, há algo que causa alguma estranheza: porque é que não lhe perguntaram o que é que ele, António Variações, queria fazer, que tipo de música queria gravar? Note-se que, se as pessoas da editora não sabiam o que é que ele deveria gravar, ele próprio parecia saber muito bem. Mais tarde, sobre o facto de a editora o ter deixado “pendurado” tanto tempo, disse: “Há cerca de seis anos, tentei gravar através de uma editora. Houve um desencontro muito grande”.<sup>174</sup>

Aliás, já há muito que estava a apresentar espetáculos em Lisboa com canções de sua lavra, acompanhado por uma banda de quatro elementos: baixo, bateria, guitarra e teclas. Tinha, nesses mesmos moldes, aparecido no grande ecrã, com uma estética musical já perfeitamente definida. Tinha, portanto, experiência de trabalhar com instrumentistas no sentido de os ajudar a concretizarem as suas composições. Se não soubesse exatamente o que gravar e de que modo, tinha, pelo menos, ideias já muito sólidas acerca disso. Aquando da gravação do primeiro trabalho, Ricardo Camacho elucida-nos:

A primeira impressão que tive dele em estúdio foi duma pessoa que estava um pouco ao sabor dos acontecimentos, que ia um pouco atrás do que o produtor quisesse, que estava ali para cantar e fazer o que lhe mandavam. Essa impressão desfez-se rapidamente ao longo da gravação. Apesar dessa reserva e dessa timidez, o António era uma pessoa que sabia perfeitamente quando as coisas não estavam a ir por onde ele queria. Ele impôs-se, com alguma facilidade, devo dizer, ao produtor da altura (Nuno Rodrigues).<sup>175</sup>

Agora perguntar-se-á: e se tivesse gravado antes, os resultados seriam os mesmos? Dada a excelência das composições de Variações, seriam sempre resultados com qualidade, até porque ele já tinha em carteira quase todas as canções que veio a gravar

---

<sup>174</sup> Citado por S/A (1983). “António Variações: Já tive várias profissões, mas o meu escape é a música”. *O Globo*, 21 de março, p. 24.

<sup>175</sup> Citado por Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.). Aos 13, 10 m..



depois. Se escutarmos “Toma o Comprimido”, que foi lançado *post mortem*, ou a muito interessante versão *reggae* de “É prá Amanhã”, tocada pelos futuros A jovem Guarda, percebemos que são canções que seriam bem aceites, caso tivessem sido lançadas.<sup>176</sup>

Mas quanto a esta questão, entendo que dificilmente os resultados seriam tão bons como acabaram por ser. Duas razões explicam porquê.

A primeira é que ele estava em processo de evolução e maturação artística e mudava repentinamente de ideias estéticas com grande facilidade. Por exemplo, se o tivessem gravado três, quatro anos antes, a sonoridade teria sido próxima do *rock-progressivo*, com uma duração longuíssima e solos enormes. Se fosse antes ainda, ele estava a compor em Inglês. Era eclético e num artista desta natureza o tempo tem muita importância. Note-se, por exemplo, que a sonoridade e a estética apresentadas no seu *maxi* estreante diferem bastante das canções que tocou no *Passeio dos Alegres*, e, no entanto, entre uma e outra obra, não tinha decorrido assim tanto tempo quanto isso.

A segunda, e nada despicienda razão, é a de que ele acabou por ter ao seu dispor a elite do *rock* português da época. Daí que todos os seus três discos tenham resultado tão bem, e o potencial das suas canções tenha sido maximizado. Músicos dos Salada de Fruta, Trovante, Sétima Legião, GNR e Heróis do Mar ajudaram a concretizar a sua visão estético-musical com brilhantismo. Perante os resultados musicais finais, o momento acabou, afinal, por ser o certo e a editora, de algum modo, redimiou-se da incompreensível espera, disponibilizando-lhe os melhores meios humanos e técnicos para que ele efetivasse a sua visão singular.

---

<sup>176</sup> Ouça-se: António Variações (2006). *A História de António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. (LP) Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho, faixas nº. 1 e 16.

### **Cap. 3. PERSONALIDADE ARTÍSTICA**

### 3.1. Uma identidade artística múltipla: experimentar todos os estilos musicais

Definir a personalidade artística de António Variações é, à partida, uma tarefa condenada ao mais previsível dos fracassos. Isto porque tentar definir alguém que deixou bem claro que não se queria definir, e que fez desse lugar de indefinição o ponto de partida para todo o seu trabalho artístico só pode logicamente ser uma tarefa impossível. Veja-se o que, sobre isto, ele disse:

Quem quiser que me arrume, porque eu não o sei fazer nem estou interessado nisso (...) Prefiro ser uma surpresa a ser uma certeza. Quando as pessoas chegam a um ponto em que dizem: «esta é a minha linha, é isto que eu quero», estão a pensar já na reforma, na morte. Eu não sei o que quero, quero sempre muitas coisas.<sup>177</sup>

Em decorrência, a sua obra é, desde o início, porosa. Daí que, por exemplo, grande parte das suas canções se situem, ora entre o *pop* mais descartável e trauteável, ora entre o experimentalismo *underground*. Ou que a sua imagem se situe entre a masculinidade, visível nos músculos salientes e nas correntes de aço que exibia, e a feminilidade da roupa de cores garridas e peças de vestuário de mulher que usava. A sua obra está sempre “entre” qualquer coisa. Foi construída, desde o seu início em público, como uma obra aberta, furtando-se às etiquetas, a qualquer enquadramento categórico.

Este estar “entre” poderá parecer abstrato, mas, na verdade, não o era. Dizia-se de Prince que uma ideia entusiasmante para ele num determinado dia, passado uma semana era considerava velha e ultrapassada.<sup>178</sup> Variações tinha uma atitude semelhante.

---

<sup>177</sup> Inês Pedrosa (1983). “Cantor e barbeiro: Variações sobre um António”. O Jornal, nº. 432, 2 de junho. In *Muda de Vida: As Letras de António Variações*, p. 92.

<sup>178</sup> Graeme Thompson (2018). “Prince: «There was just so much music in him»”. *Uncut*, agosto, p.58.

Podemos, numa determinada fase, perceber qual era o estilo que mais sobressaía nele, mas detetamos, em simultâneo, elementos que apontam para outra estética. Por exemplo, na sua fase *prog-rock* adivinha-se já o *punk* e o *pós-punk*. Depois, note-se, era alguém que personalizava tudo o que absorvia, donde encontramos componentes, por vezes, antitéticos coexistentes no seu trabalho, de modo natural.

Assim, não houve somente um António Variações, mas sim vários, e, amiúde, contraditórios entre si, e cada um desses já em demanda do seguinte. Era como uma cobra constantemente a mudar de pele, mas, de cada vez que o fazia, essa epiderme surgia já em cores diferentes. Ele próprio dizia: “Sou contra a especialização na música e gostaria de tentar todos os caminhos em que sinta poder fazer algo de positivo”.<sup>179</sup> Daí que o epíteto Variações lhe assentasse na perfeição. Ele explicou porquê: “Variações é uma palavra portuguesa que me soa bem e se revela suficientemente elástica para variar, fugir à monotonia, experimentar todas as áreas musicais em que possa fazer algo positivo”.<sup>180</sup> O que, de algum modo, nos remete para um entendimento pessoano da arte. A este propósito, recordemos o célebre verso de Álvaro de Campos: “Sentir tudo de todas as maneiras”. Que, no caso de Variações, poderia ser entendido como: ser tudo de todas as maneiras possíveis.<sup>181</sup>

### 3.2. Vocação precoce para a vida artística e para a criação musical

Se atentarmos no seu percurso, salta à vista que, desde a mais tenra idade, ele procurou tornar-se, e para isso trabalhou incansavelmente, numa estrela da música. E quis ser não apenas cantor, mas também cantautor; ou como ele próprio se auto designava: “autor-intérprete”.<sup>182</sup> António Joaquim Rodrigues Ribeiro andou, portanto, constantemente no enalço de António Variações.

---

<sup>179</sup> Citado por S/A (1982). “António Variações: É preciso fugir à monotonia”. *O Tempo*, 17 de junho, p. VIII.

<sup>180</sup> Citado por S/A (1982). “António Variações: É preciso fugir à monotonia”. *O Tempo*, 17 de junho, p. VIII.

<sup>181</sup> Este verso pessoano pode ser encontrado em: <http://arquivopessoa.net/textos/821>

<sup>182</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 29.

Para esta vocação, que estava no topo das suas prioridades, contribuíram inúmeros fatores. Um ambiente familiar onde a música era uma linguagem partilhada e havia saraus quotidianos em redor dela. Também a ida às romarias terá sido importante. Ou, depois, já em Lisboa, o contacto com a cultura *pop-rock* e o teatro. Mas estas condicionantes não explicam tudo.

O insondável mistério de António Variações é que desde sempre quis ser cantor, quase se diria que nasceu destinado a tal. Nunca se imaginou a fazer outra coisa que não fosse a cantar. Quando foi acusado de se aproveitar da música para singrar como cabeleireiro, ele explicou que era ao contrário. Tinha ido para a arte de ser barbeiro para se aproximar do universo da música e recusou propostas interessantes, ao nível profissional, em prol da, na altura, longínqua carreira de cantautor:

Estou na barbearia que, para além de ser o meu meio de subsistência, é um espaço que eu gosto, e onde vivo rodeado de amigos, os meus clientes de há anos. (...) Há quem diga, maldosamente, «aí está um tipo que lançou um disco para arranjar clientes lá para o salão». Acontece que eu tinha e tenho clientes mais do que suficientes para manter a barbearia a funcionar com lucro, e viver bem. (...) Além disso o tempo cada vez vai ser menos, porque, de facto, a música é a minha meta. A minha vocação. <sup>183</sup>

Imaginava-se estrela. Uma das suas canções tocadas ao vivo por ele em inglês, intitula-se “Everybody is a Star”. <sup>184</sup> Cantava desde criança. Como ele próprio relatou: “Já em miúdo apanhei muitas vergonhas por ser apanhado em frente ao espelho a trautear umas canções”. <sup>185</sup> Numa altura em que tal não era usual, ele não só queria cantar, mas queria cantar as suas próprias canções.

---

<sup>183</sup> Citado por Manuela Gonzaga (1982). “TV Top almoçou com António Variações: A tesoura ganha para a música”. *TV Top*, nº. 68, de 21 a 27 de junho, p. 17.

<sup>184</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 63.

<sup>185</sup> Citado por Belo da Fonseca (1982). “Variações sobre uma tesourada. António, barbeiro e músico. «Sou um folclorista apanhado para o Rock»”. *A Capital*, 23 de junho, p. 35.

António Variações não quis ser somente um cantor, mas um cantautor. O seu percurso foi sempre feito no sentido de se tornar um exímio *song-writer*. O irmão Luiz, que ficou durante algum tempo ao seu cuidado, relata que o ouvia cantar canções compostas por si quando o cantor tinha 19 anos.<sup>186</sup> Fernando Heitor, de quem ele musicou um poema, acerca do facto de Variações compor melodias, afiança que: “Nessa altura, ele já compunha. (...) Sabe, o desejo dele de cantar era superior a tudo e a todos. As músicas que ele compunha... aquilo era muito natural nele.”<sup>187</sup>

Tal desejo era invulgar e queria dizer algo que deve ser assinalado: António Variações, desde cedo, intuiu que tinha coisas e ideias próprias para transmitir. Muitas vezes não foi levado a sério, mas ele sempre se levou a sério. Por isso, na infância, cantava ao espelho, ou, mais tarde, cantava para o gravador de cassetes, registando assim as suas composições originais.

Desde muito cedo também, é um *poser*. Tem autorretratos fotográficos desde, pelo menos, a puberdade. São encenados, artísticos, como se já soubesse que viria a ser uma figura artística.

António Variações, o genial autor-intérprete de canções como “Visões-Ficções (Nostradamus)” ou “Perdi a Memória”, não surgiu de repente. Na verdade, foi um incansável trabalhador, que tudo fez para conseguir chegar aonde chegou. E nunca cedeu um milímetro que fosse na sua visão artística. Onde alguns viam somente choque e exibicionismo ele via outras coisas: liberdade e abertura de mentalidades. E tinha, nesse sentido, o bem mais precioso para oferecer: letras-poemas de grande qualidade literária, melodias memoráveis, enfim, o mais importante de tudo: grandes canções. E voz para lhes dar corpo.

---

<sup>186</sup> Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 86.

<sup>187</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 471-472.

### 3.3. Irrefreável vontade de vencer

Se hoje é inegável a importância da sua obra para a cultura e para a história da música moderna portuguesa, isso parecia, à época, por uma série de razões, algumas delas analisadas no capítulo n.º 2, impensável; para muitos, quase mesmo anedótico.

Durante muito, muito tempo, o único a acreditar no seu talento e na real possibilidade do seu trabalho poder fazer sucesso junto do público foi ele mesmo. Ninguém parecia acreditar que a música tão peculiar que ele apresentava pudesse ser do agrado do grande público. Outra pessoa no seu lugar teria certamente desistido.

Variações publicou o seu primeiro trabalho discográfico somente aos 37 anos de idade, idade mais do que tardia para iniciar uma carreira na indústria discográfica do *pop-rock*, na qual, na sua grande maioria, os artistas são jovens, na casa dos vinte, trinta e poucos, no máximo. A idade de Variações comparada com a dos seus pares do *boom do rock* cantado em português é maior. A média de idades de artistas como os Heróis do Mar ou dos GNR e Sétima Legião, e isto referindo aqueles com quem trabalhou diretamente, situava-se na casa dos vinte, ele, inversamente, aproximava-se dos 40.

Mas, contra ventos e marés, nunca desistiu. Quando as circunstâncias não lhe pareciam oferecer outra alternativa a não ser a desistência, ele não deixava de tentar lutar pelo seu lugar no panorama artístico português e parecia não ligar às opiniões dos outros. Note-se que mesmo algumas pessoas mais próximas não acreditavam na sua possibilidade de vingar no meio artístico. Fernando Heitor diz que ele manifestava essa vontade: “num meio em que não o levaram muito a sério.”<sup>188</sup>

Era extraordinariamente determinado. Abel Dias, fotógrafo da vida social de então, conta que, numa festa, Variações viera trajado com tinta vermelha a imitar sangue e com ligaduras. Quando lhe perguntou se era uma roupa de guerra, o cantor, sorrindo, respondeu que sim, que se devia aos tiros que as pessoas lhe davam, referindo-se a quem não o apreciava.

---

<sup>188</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 472.

Antes de conseguir gravar o primeiro disco já tinha tido oportunidade de divulgar parte do seu trabalho ao vivo e, muitas vezes, as críticas não eram as mais favoráveis. Quando muito, achavam-lhe alguma graça, mas não o levavam a sério artisticamente. Era demasiado exuberante. E a sua voz, que era efeminada e com técnicas de canto advindas das audições de Amália Rodrigues, causava estranheza. Dada a particularidade do timbre, não era considerada sequer uma voz adequada para cantar. O seu trabalho era literalmente gozado. Ele estava plenamente consciente do modo como era percecionado nessa altura. Abel Dias recorda que: “Na época eram muitos os que o troçavam e não gostavam do que ele cantava, da forma como o fazia, de tudo. Nessa época, o António já cantava e dançava em público, mas era uma espécie de palhaço de serviço”.<sup>189</sup>

Este género de críticas não terminou com a chegada do sucesso. Júlio Isidro é perentório em afirmar que *Variações* continuou a ser uma figura controversa.<sup>190</sup> A sua identidade artística firmava-se numa forma de comunicar com o público que primava por uma exteriorização e um colorido que caía mal ao cinzento português, que o 25 de Abril de 1974 não conseguira debelar, pois, a revolução das mentalidades continuava por fazer.

A editora, embora tenha assinado contrato com ele, nada de espantar numa época em que o *rock* cantado em Português era para as editoras uma verdadeira galinha dos ovos de ouro, deixou-o, depois, em banho-maria, o que, se o fez, por um lado, desesperar, por outro, fê-lo procurar outras vias de divulgação do seu trabalho. Foi aí que começaram as suas apresentações no Trumps e Rock Rendez Vous e as suas marcantes passagens n`*O Passeio dos Alegres* e no *Meia de Rock*.

A sua resiliência continuou sempre a ser testada até aos limites ao longo da sua carreira. Aquando da edição do inaugural *maxi-single*, uma parte da crítica especializada, como já vimos no capítulo anterior, foi demolidora.

---

<sup>189</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 195.

<sup>190</sup> Cf. Anexo n.º 3, pp. 480-481.



Em certa medida, ele talvez já esperasse reações deste tipo. Os anos de espera e críticas negativas tornaram-no ainda mais resiliente às críticas negativas. Houve sempre incompreensão em torno do seu trabalho.

Quando foi cantar a sua versão iconoclasta, uma espécie de manifesto identitário em forma musical *pop-rock*, do hino amaliano “Povo que Lavas no Rio”, foi assobiado e houve uma monumental pateada, como já demos conta nos capítulos precedentes. Completou a sua *performance* como se nada daquilo fosse consigo. Mas, mais uma vez, o seu denodo artístico e pessoal sobressai.

Esta sua proverbial resiliência adviria também da certeza íntima que tinha de que a sua proposta estética era interessante, forte e contemporânea, e que, por isso mesmo, mais tarde ou mais cedo, acabaria por vingar. Ele tinha-a aprimorado e testado, ao longo dos anos, nos mais adversos ambientes. Assim, quando surgiu finalmente perante o grande público, era já um intérprete eficaz, um *front-man* seguro e um autor com uma mão cheia de canções capazes de veicular a sua visão artística. Era artisticamente ambicioso e nunca baixou os braços perante as contrariedades. Quando lhe perguntaram quem era o António Variações, falando na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, ele disse que o António Variações “Gosta de pôr as pessoas a cantar, gostava de não ser só um espectador. E tem vontade de ficar na História, nem que seja na história de uma parede de casa de banho.”<sup>191</sup> Noutra entrevista, voltou a frisar o seu desejo de escrever o seu nome na História: “Sim, sim, gostaria de ficar, já não digo numa história, mas numa historiazinha... – isto sem pretensão nenhuma.”<sup>192</sup> E conseguiu! Para além do evidente talento, tinha uma força de vontade férrea, e nunca esmoreceu face às contrariedades. Assinale-se que poucos artistas, no nosso país, se terão deparado com tantos obstáculos e mal-entendidos como ele.

---

<sup>191</sup> Citado por Pedro Duarte (1983). “Cantor, barbeiro, «anjo da guarda»; António Variações: o dever da diferença”. *Sete*, 30 de março, p. 4.

<sup>192</sup> Citado por Inês Pedrosa (1983). “Cantor e barbeiro: Variações sobre um António”. *O Jornal*, nº. 432, 2 de junho. In *Muda de Vida: As Letras de António Variações*, p. 96.

### 3.4. Um artista multimédia e um ator *pop*

Outro aspeto marcante, e que está intimamente ligado à resiliência anteriormente mencionada, é o facto de ele aparecer com uma visão estética fortíssima e muito original. Aliás, quando lhe mencionavam a sua idiossincrática forma de vestir, ele fazia questão de dizer que isso nada tinha a ver com moda, mas sim com questões estéticas: “Visto-me assim, diferente e colorido porque me sinto bem. No entanto, nunca me preocupei com a moda. Preocupo-me sim, com a estética.”<sup>193</sup> A roupa, tal como outros elementos, como os vídeos ou a dança, serviam para transmitir ideias estéticas, para fortalecer o conteúdo das canções. Era, portanto, mais do que um mero cantor: era um artista multimédia, um ator *pop*. Neste aspeto, ele distinguia-se da grande maioria dos seus pares portugueses de então.

Os jovens músicos do pós 25 de Abril pugnavam por ter uma voz ativa e crítica na situação do país de então. E, na sua grande maioria, iam buscar o seu norte-sonoro ao pós-*punk* e à *new wave*, ou, como foi o caso de Rui Veloso e da Banda Sonora, ao território musical do *blues*. Lutavam pelo direito a empunharem guitarras elétricas e a cantarem a realidade do país em língua portuguesa, ainda que usando linguagens musicais próprias do mundo cultural anglófono. De um modo geral, e com algumas exceções como os Heróis do Mar, que usavam elementos teatrais nas suas atuações, apostavam numa imagem de espontaneidade e genuinidade.

Ora, ao contrário do que à partida possa parecer, António Variações era tudo menos espontâneo. As suas criações estavam eivadas de drama e *glamour* no qual o artificial desempenhava um importante papel. À semelhança de alguns dos seus heróis musicais, como Amália Rodrigues, Peter Gabriel e David Bowie, a sua arte musical era de teor eminentemente dramático. Por isso, existiu toda uma construção detalhadamente aprimorada no decorrer desse longo tempo até ser publicado o seu primeiro trabalho.

Assim, quando finalmente apareceu com um disco editado, este era já um trabalho maduro e perfeitamente delineado. António Variações não surgiu apenas com canções, mas

---

<sup>193</sup> Citado por Edite Martins (1983). “Quero ser um Músico Popular”. *O País*, 14 de março, p. VIII.

também com ideias, com um visual próprio e com um discurso coerente. Tinha um pensamento crítico sobre o país, sobre o mundo, sobre a música portuguesa, sobre os costumes, e também sobre si mesmo; sabia perfeitamente ao que vinha e aonde é que queria chegar. Ricardo Camacho coloca esta questão nestes termos:

Para mim um músico que sabe tocar aluga-se à hora. Deem-me um indivíduo que não saiba tocar um instrumento, nem nunca tenha visto nenhum. Se me trazer uma canção, umas palavras, uma letra, não preciso de mais nada. O resto dos músicos arranja-se. A ideia não. O António não era um músico: tinha ideias. (...) Havia muita gente à procura de coisas novas e o António correspondia.<sup>194</sup>

Tinha um *modus operandi* original. As roupas exuberantes, as *performances*, quase *happenings*, e as próprias canções eram os meios por excelência através dos quais dava a conhecer o seu pensamento. Teve tempo antes, arte e naturalmente também engenho, para pensar tudo ao pormenor. Quando irrompeu no panorama musical português surgiu como um artista já feito, inteiro. O radialista e crítico António Duarte observou com pertinência:

(...) era uma figura estranhíssima, com aquela maneira de dançar, de vestir. E a atitude, que já a tinha toda. As roupas eram as que ele desenhava e mandava fazer. Os cabelos, os penteados era ele que os fazia em frente ao espelho. A figura já estava toda construída. É realmente um grande artista porque ninguém o fabricou, nasceu de dentro. Quando vai gravar um vídeo clip, quando se apresenta na televisão, já leva, não só a estrutura, mas também a superestrutura.<sup>195</sup>

---

<sup>194</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2018). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Bertrand Editora, p. 257-258.

<sup>195</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 190.

Uma palavra muito referida quer no seu trabalho, quer nas suas entrevistas, é a palavra visão. Ou seja, aquele que vê, o que imagina. Carlos Maria Trindade, teclista dos Heróis do Mar e produtor do segundo trabalho de Variações, diz que: “Ele gostava de mergulhar no mundo da fantasia porque era uma pessoa com muita imaginação”.<sup>196</sup>

Portanto, Variações era alguém que tinha uma visão artística e a sua vida foi uma doação completa a essa visão. E direcionou todo o seu percurso nesse sentido. Desde a sua saída de Amares aos 11 anos, passando pela sua profissão de barbeiro, enfim, tudo o que fez teve sempre como motivo impulsionador o enriquecimento desse projeto visionário, que seria depois materializada nos espetáculos e nas canções. Ele era uma esponja, absorvia tudo em seu redor. Foi para isso, que, por exemplo, as suas viagens contínuas serviram: para enriquecer o seu universo estético.

Há um fator da maior importância a reter: ele próprio se entregou e veiculou nessa visão. Quis que o público o amasse como ele se apresentava, como ele se mostrava. E nisso não estava disposto a fazer concessões. Teria o reconhecimento do público sendo como era, com as suas contradições e as suas indefinições, e confrontando-o com isso:

Isso é verdade. Tento chamar a atenção de quem está a assistir aos meus espetáculos para determinados problemas que ainda hoje nos afectam. Sei o que sou. Sou um homem assumido que sabe o que quer. Tento desmitificar determinados preconceitos. Penso que o consigo. (...) A minha intenção é essa: provocar. Quero que as pessoas digam qualquer coisa. Que tenham atitudes, sejam elas boas ou más. Em suma, pretendo fazer «mexer» as pessoas. Se as pessoas não se mostrassem «tocadas» para mim seria tremendamente frustrante – não estava a conseguir nada do que pretendia.<sup>197</sup>

Repare-se que nunca precisou de verbalizar a sua condição de homossexual, pois, nos seus elementos estéticos ela era deixada sem falsos pudores à vista de todos. A sua

---

<sup>196</sup> Citada por Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.), aos 1, 01 m..

<sup>197</sup> Citado por S/A (1983). “António Variações: «Não sou oportunista»”. *Coquete*, n.º. 21, de 27 de outubro a 2 de novembro, p. 2.

ambiguidade, enquanto linha estética, surge de corpo inteiro na sua obra e o artificial servia, na verdade, para mostrar a verdade. António Variações era uma ficção, sem dúvida, mas que representava a realidade do seu autor. Daí o ser um ator *pop* e usar todos os meios disponíveis para o seu *acting*.

### 3.5. Exigente e rigoroso

O rigor e a exigência eram nele traços de carácter fundamentais. Existem múltiplos testemunhos sobre estas características. Rosa Maria Borges, sua amiga e gerente do Trumps, diz que ele: “Era um homem muito exigente”.<sup>198</sup> Teresa Couto Pinto, a sua segunda *manager*, confirma: “O António tinha uma personalidade muito forte”.<sup>199</sup> Quando as/os clientes se sentavam, era ele quem decidia que corte e que penteado lhes iria fazer. Elas poderiam dizer que queriam o cabelo desta ou daquela maneira e ele respondia-lhes que ele é que sabia o que fazer, não elas/eles: “Uma pessoa dizia-lhe «quero isto ou aquilo» e ele respondia «não quer nada, quem decide sou eu». Alguém avisava que estava com pressa e ele respondia «se está com pressa vá-se embora».”<sup>200</sup>

Tinha, portanto, uma personalidade exigente e perfeccionista e isso revela-se nas pequenas coisas. Ao ir passar as festividades na sua terra natal, incitava as outras pessoas a limpar tudo e a deixar a casa materna a brilhar. Isto mesmo nos é confirmado pela sua irmã Lurdes: “O António ia à terra e punha toda a gente em sentido, a limpar, a arrumar. (...) e obrigava os irmãos a varrer os terreiros, a varrer isto e aquilo. Em Lisboa, deu uma lambada ao Luiz, uma vez em que o encontrou com as unhas sujas, e tirou-o da cama para lavar os pés.”<sup>201</sup>

---

<sup>198</sup> Citada por Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.), aos 0, 51 m..

<sup>199</sup> Citada por Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.), aos 1, 34 m..

<sup>200</sup> Rosa Lobato Faria citada por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 138.

<sup>201</sup> Citada por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 67

Claro que, na sua arte musical, estas características sobressaem. Tudo aquilo que nos parece espalhafatoso e extravagante era planeado e escolhido com minúcia. Ao fazer fotografias para uma entrevista, o repórter relata que Variações demorou imenso tempo a escolher as roupas com as quais se vestiu para essa sessão fotográfica.<sup>202</sup> Macedo, numa frase, traça este credível retrato dele; ele era: “ao mesmo tempo a exatidão e o exagero”.<sup>203</sup>

Os músicos que com ele trabalharam confirmam isto mesmo. Apesar de não ter formação musical, António não só não se coibia de dar a sua opinião, como também tinha bastante presente a sonoridade que pretendia para as suas canções. E só se dava por satisfeito quando os músicos conseguiam concretizar o figurino sonoro que ele tinha em mente. Pedro Vasconcelos, engenheiro de som de *Anjo da Guarda*, relembra: “As interferências dele eram todas boas: quando ele pedia para pôr mais vozes nos refrães, quando pedia certos ambientes sonoros, etc.”<sup>204</sup> António Pinheiro da Silva, engenheiro de som no segundo *LP, Dar & Receber*, testemunha de modo similar: “Ele era intrinsecamente fiel às suas próprias ideias. Sabia exatamente como queria que soasse. Se ia no sentido do que ele gostava, ficava entusiasmado, senão, ele dizia «não é isto que pretendo».”<sup>205</sup>

Ele trabalhou sempre imenso no sentido de se tornar um melhor autor e intérprete. Pedro Ayres Magalhães diz que ele investia muito nas letras-poemas.<sup>206</sup> Aliás, a simplicidade formal delas é aparente e enganadora. Eram trabalhadas e retrabalhadas ao pormenor. A escolha duma palavra implicava um minucioso labor. Podemos verificar isto mesmo, num dos seus manuscritos, no qual escreveu uma longa lista com cerca de quarenta palavras, antes de optar por uma delas para a canção “Rudy/Ruby”. Entre elas:

---

<sup>202</sup> Cláudia Baptista (1983). “A infância desconhecida do cantor exótico. António Variações: «O meu êxito é uma vingança»”. *Sete*, 20 de julho, p. 12.

<sup>203</sup> António Macedo (1984). “Variações em torno de António”. *Mais*, n.º. 115, 22 de junho, p. 55.

<sup>204</sup> Citada por Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.), aos 27, 24 m..

<sup>205</sup> Citada por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 279.

<sup>206</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 506.

Aliciante

Doravante

Caminhante

Ignorante

Elegante

Falante

Inquietante

Gracejante<sup>207</sup>

António Pinheiro da Silva, engenheiro de som em *Dar & Receber*, testemunha o seguinte:

E embora fosse um choque estético ter de lidar com ele (...) ao aprender a respeitá-lo nas suas convicções estéticas, e ao irmos ao seu encontro, então aí começava-se a gostar dele como músico. Sendo que *Variações* escreve verdadeiros poemas utilizando uma linguagem extremamente acessível. (...) Tudo o que escreve está cheio de profundidade, os temas e a poesia são de superior qualidade (...) Portanto, a par da estranheza, havia uma admiração muito grande e uma convicção que nos contagiava.<sup>208</sup>

Uma das imagens de marca de *Variações*, enquanto barbeiro, era que, muitas vezes, secava os cabelos com as próprias mãos, ao mesmo tempo que os penteava com os dedos, como se estivesse a esculpir. Isto também ele fez no seu trabalho musical.

---

<sup>207</sup> Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.), aos 20, 02 m..

<sup>208</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 236.

### 3.6. Uma entrega total à sua obra

O modo como Variações se entregava às suas canções foi testemunhado pelos músicos com quem trabalhou.

No primeiro trabalho de longa duração, *Anjo da Guarda*, em que participaram elementos do grupo GNR, o guitarrista Vítor Rua e o baterista Tóli César Machado, o modo intenso com que Variações cantava, não refreando nunca este ímpeto, apesar da repetição dos *takes*, foi motivo de estupefação para todos. Veja-se o que, a este propósito, diz Vítor Rua:

(...) em estúdio, quando ouvia «está a gravar», o António transformava-se, alterava-se, modificava-se, e a pessoa tímida que existia dez segundos antes, desaparecia um segundo depois. (...) era uma característica dele. Cantava sempre a dar o máximo, como se estivesse a cantar para cem mil pessoas. (...) Não havia meio-termo: a *performance*, a atitude e até a maneira de colocar a voz.<sup>209</sup>

Quiçá ainda mais significativa foi a sua entrega à interpretação das canções, aquando da gravação do derradeiro LP, *Dar & Receber*, secundado por músicos dos Heróis do Mar. Mau grado a doença que já o tinha atingido e que o condicionava fisicamente, limitando-o, a sua entrega continuou a ser intensa e total. Como refere Pedro Ayres Magalhães, ele gostava de estar presente em todas as fases das gravações, mesmo quando não tinha de cantar. Segundo o engenheiro de som, António Pinheiro da Silva, apesar de já se manifestarem alguns sintomas, como tosse e falta de força, quando os outros intervenientes demonstravam cansaço, Variações continuava disponível para continuar a trabalhar:

---

<sup>209</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, pp. 245-246.



Mas acima de tudo, acho que ele tinha a consciência daquilo que queria fazer e era um monstro de vontade. Mesmo nessa altura em que já estava doente, sem nós sabermos quanto e até que ponto, ele era capaz de estar uma noite inteira aos pulos, a gravar e a repetir as canções. Nós, eu e o Pedro Ayres, dizíamos-lhe, já de manhã «por hoje chega, António». E vínhamos embora aos tombos. Ele não. Estava pronto para repetir ainda mais.

210

### 3.7. Discreto e bondoso

Várias pessoas referem o contraste entre a exuberância no seu trajar e a quase timidez no trato pessoal. Júlio Isidro diz que:

Eu nunca fui íntimo dele, a não ser sob o ponto de vista profissional, mas os nossos contactos pessoais sempre me revelaram uma pessoa curiosamente num contraste extraordinário entre o *low profile* e a grande exibição, o grande exibicionismo exterior. Mas ele vestia-se daquela maneira e estava ao nosso lado como se estivesse de fato cinzento e gravata às riscas. Era com uma grande naturalidade que ele assumia a excentricidade porque tinha uma estética.<sup>211</sup>

Luís Carlos Amaro ficou com uma impressão similar:

Ele era cabeleireiro, mas ele gostava da música. E gostava da música duma forma completa. Ou seja, não apenas a música em si, mas também associada ao comportamento e

---

<sup>210</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, pp. 279.

<sup>211</sup> Cf. Anexo n.º 3, pp. 481-482.

à roupa e à excentricidade e, às vezes, à própria provocação. O que era muito curioso porque quando se falava com ele parecia normal, não tinha ares de vedeta.<sup>212</sup>

As pessoas que trabalharam com ele destacam a sua bondade e facilidade que tinham no trato pessoal com ele. Tóli César Machado, que participou enquanto baterista e produtor no *LP Anjo da Guarda*, assevera que Variações: “Era um tipo super acessível e muito boa pessoa”.<sup>213</sup> Igualmente, nas entrevistas que fiz, os entrevistados, antes de tudo o resto, ressaltam a bondade e a educação de Variações de um modo que me pareceu genuíno. Luís Carlos Amaro afirmou: “Pareceu-me sempre uma boa pessoa. De bom trato, simpático.”<sup>214</sup> Fernando Heitor, que o conheceu numa fase anterior, pensa do mesmo modo, e, no decorrer da entrevista, deu-me a sensação que tinha imensas saudades de Variações enquanto seu amigo, enquanto alguém em quem se podia confiar inteiramente: “A primeira coisa que prendia no António é que ele era muito boa pessoa. Ele era uma pessoa extraordinária, era educadíssimo. Não fazia uma desfeita a ninguém, era incapaz de fazer uma maldade a alguém. Foi isto que me fez ser amigo dele.”<sup>215</sup> Também Pedro Ayres Magalhães, que trabalhou com ele já muito perto do final da sua vida, assevera:

Ele era muito boa pessoa. Era mais velho que eu e não tinha intimidade com ele, mas ele era tão boa pessoa e tão interessado... Era uma pessoa aberta! Hoje em dia não há muitas pessoas assim (...) E realmente ele era uma pessoa aberta, generosa e também modesta. Tinha muito respeito por nós. E ouvia o nosso trabalho no estúdio e ficava todo contente de ver o nosso empenho. Era muito estimulante a presença dele. Os artistas são muito caprichosos; fazem umas caras, mandam umas ondas, ou metem-se no que não sabem. Não era o caso dele. Era uma pessoa inteligente e afetuosa.<sup>216</sup>

---

<sup>212</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 493.

<sup>213</sup> Citado por Maria João (1996). *Variações*. (Doc.), aos 1,30 m..

<sup>214</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 493.

<sup>215</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 473.

<sup>216</sup> Cf. Anexo n.º 3, pp. 507-508.

Era, portanto, uma pessoa bondosa, o que, por ser qualidade rara, deve ser devidamente relevado, ainda para mais nesse mundo de fogueira das vaidades fátuas que é o mundo artístico. Perante os testemunhos referidos, não seria descabido dizer dele aquilo que Eça de Queiroz disse de Antero de Quental, aquando do seu passamento: “um génio que era um santo”.

## **2.8. Uma breve palavra sobre o fogo e António Variações**

Curiosamente, o lume marcou a vida de Variações em vários momentos, assinalando a feitura das suas obras musicais e também a sua partida.

Quando estava a gravar o primeiro longa duração, arderam os armazéns pertencentes à família de Vítor Rua, músico que fazia parte dessas gravações, facto que acabou por dar origem ao acompanhamento sonoro para a canção “Visões-Ficções (Nostradamus)”. E na gravação de *Dar & Receber* ardeu, por sua vez, a casa do músico e produtor Pedro Ayres Magalhães, que este partilhava com o escritor e articulista Miguel Esteves Cardoso, impedindo-o de, durante algum tempo, acompanhar os trabalhos em estúdio, sendo, por isso, secundado por Carlos Maria Trindade.

Por último, na sua morte, foram queimados, por precaução médica, a cama do hospital onde esteve e a ambulância que o transportou. Diz-se também que nos ginásios que frequentava também tiveram lugar algumas queimadas.

Escusado será dizer que o fogo maior e mais resplandecente se encontra na sua obra.

## **Cap. 4. APRENDIZ DE CANTAUTOR *POP-ROCK***

#### 4.1. António Variações *deleter* e a sua insaciável curiosidade

O percurso artístico de Variações é impossível de compreender sem se perceber quatro componentes. O primeiro é que desde muito cedo ele manifestou um irreprimível desejo de ser cantor. Tal teve consequências no seu percurso de vida.

Ainda criança imaginava-se em palco a cantar à frente das pessoas. A sua irmã Amélia conta que:

Ele desde muito miúdo já dizia que queria ser músico. Cantava as cantigas que ouvia na rádio e outras que inventava ele próprio. (...) As pessoas passavam por ali em cima, ouviam cantar e eram assim: “Ó Jaime tens um filho que canta tão bem”. Ele já tinha o dom. Já nasceu com ele. Ele já era diferente. Eu acho que ele sempre foi diferente de nós todos. Ele vinha de férias e não gostava que ninguém o perturbasse. Depois, mais tarde, é que a gente viu que era a escrever as letras para as canções.<sup>217</sup>

Ele aprendeu a cantar de modo autodidata, o que teve vantagens e desvantagens. Por um lado, não aprendeu teoria musical, que lhe teria sido útil, mas, por outro, teve mais liberdade e pôde dar asas à sua imaginação. Era uma criança que treinava em frente ao espelho (algo que curiosamente se aprende a fazer nas escolas de música). Ou seja, sempre se viu, como ele afirmou, como cantor. Fazia dos sítios onde estava um espaço de atuação. Ele dizia que a rua ou o cortar cabelos eram palcos nos quais ele atuava: “É natural que eu faça uma certa encenação, mas eu sempre sonhei com a música e o espetáculo e, por falta doutro, fiz da rua o meu palco”.<sup>218</sup> Nunca teve a mais pequena dúvida de que era cantor que havia de ser. Ele via-se assim e estava convicto de que, mais cedo ou mais tarde, os outros também o veriam desse modo. Isto é profundamente marcante por algo muito

---

<sup>217</sup> Citada por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 46.

<sup>218</sup> Citado por Rui Monteiro (1983). “O Direito à Diferença”. *Mais*, nº. 56., 6 maio de 1983, p. 36.

evidente: desde criança que se auto-ficcionou. Só assim se percebe, por exemplo, porque é que, desde muito jovem, se fazia fotografar de modo artístico, encenado. Assim, a sua vida foi ela própria alvo dum pensamento estético e matéria que ele usou, moldou, trabalhando-a constantemente em função de quem imaginava ser.

Em suma, ao tomar contacto com a música António Joaquim Rodrigues Ribeiro começou a construir-se enquanto *persona*. Não é, portanto, por acaso que muitas das pessoas que conviveram com ele, algumas muito próximas, dizem que nunca o conheceram verdadeiramente, que ele tinha um lado secreto, resguardado. A sua irmã Amélia é perentória: “A gente, a bem dizer, nunca o conheceu.”<sup>219</sup> António Variações, a entidade ficcional, e António Joaquim Rodrigues Ribeiro sempre se confundiram, misturaram, num ecoante jogo de espelhos. Muitas pessoas dizem que ele no trato pessoal era o contrário do que o seu aspeto construído, exuberante, fazia supor. Era o oposto do excesso: era calmo, tímido, delicado e falava baixo.

Fernando Heitor que, durante um certo período, conviveu com ele quase diariamente, por seu turno, descreve-o assim: “Ele queria cantar, viver e ser feliz *tout court*! Não pedia muito mais à vida.”<sup>220</sup> Acrescentemos nós a essa certa descrição: ele queria cantar contra tudo e contra todos, se preciso fosse e tudo fez para isso. Antes de todos os outros, ele sempre se viu, sempre se imaginou, e, mais importante que isso, sempre trabalhou, para ser uma estrela da música.

O segundo componente do seu percurso que devemos considerar é que, em estrita relação com essa inelutável vocação, desde muito cedo também, ele intuiu que para ser bem-sucedido, teria de aprender o máximo sobre música e outras artes correlatas e absorver tudo o que fosse possível de incorporar no seu próprio trabalho. Vítor Rua, guitarrista dos GNR e depois dos minimalistas-repetitivos Telectu, que trabalhou com ele o

---

<sup>219</sup> Citada por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 55.

<sup>220</sup> Cf. Anexo nº. 3, p. 474.

seu primeiro LP, *Anjo da Guarda*, conta o seguinte acerca do convívio que Variações teve com ele e com o musicólogo Jorge Lima Barreto:<sup>221</sup>

Quando ia lá a casa ficava muito calado enquanto o Jorge Lima Barreto nos mostrava música e falava sobre música. Ele era uma esponja, não conhecia música electrónica de Stockhausen ou Xenakis, mas quando ouvia, gostava e isso ficava-lhe estampado no rosto. Gostava muito de *jazz*. Lembro-me dele maravilhado com as coisas que lhe mostrávamos.

222

Portanto, sempre procurou aprender o mais que pôde em tudo o que o rodeava. O que viu, escutou e vivenciou foi sempre com o intuito de o poder transplantar para a sua arte, para o seu estetocosmos. Havia nele uma insaciável curiosidade de conhecer tudo. Das coisas que o poderiam ajudar e enriquecer musical e culturalmente muito poucas lhe escaparam. Ele estava completamente a par do que mais atual e relevante se estava a produzir no seu tempo em termos de música, cinema, teatro, moda, etc. Não era, como é usual dizer-se, alguém à frente do seu tempo, como veremos, mas sim uma pessoa que estava por dentro do que de mais avançado se fazia na sua época. Era, de facto, uma verdadeira “esponja”, como o eram outros artistas coevos como David Bowie, Peter Gabriel ou Prince.

Em terceiro lugar, ele era eclético por natureza. Era capaz de apreciar Andy Warhol e os The Velvet Underground e, de igual modo, a louça de Bordalo Pinheiro e um fadista como Vasco Rafael ou um cantor popularucho como Marco Paulo. Chegaram a perguntar-lhe se ele se importaria de fazer um dueto com este último cantor. Respondeu que teria todo o prazer em fazê-lo. Esta amplitude de gostos, incongruente noutra pessoa, nele era muito natural. No seu acervo sonoro podemos encontrar desde The Beatles, Pink Floyd da fase inicial com Syd Barret, Stranglers, Human League, Lena d'Água e música erudita, a

---

<sup>221</sup> Jorge Lima Barreto foi um abalizado musicólogo, docente de estética e cultura na Escola Superior de Belas Artes do Porto. Era licenciado em História da Arte e o seu posterior doutoramento incidiu sobre a relação da música com os média. Notabilizou-se enquanto instrumentista e criador na Anar Band, onde pontificava também Rui Reininho na guitarra, e nos Telectu, com Vítor Rua. Faleceu em 2011.

<sup>222</sup> Citado por Miguel Francisco Cadete (2004). “Quem raio era António Variações?”. *Público*, 9 de julho.

cantata “Carmina Burana”, por exemplo.<sup>223</sup> As suas vivências e conhecimentos facilitavam-lhe a compreensão e a proximidade com universos estéticos antitéticos. Ressalvando a música brasileira, de que, com a exceção de Ney Matogrosso, não seria grande apreciador, Teresa Couto Pinto diz que ele gostava de tudo. Ele mesmo só excluía o *disco sound*:<sup>224</sup>

Integro-me em todos os géneros musicais. Lamento a dificuldade que as pessoas têm em me arrumar em algum género musical. Penso que isto se deve ao facto de ouvir todo o tipo de música. Desde o flamenco ao folclore, passando pelo fado, *rock*, *blues*. Só não oiço *disco*, pois penso que é uma música extremamente artificial. De pose.<sup>225</sup>

Este seu entendimento estético inclusivo era muito raro no Portugal de então, onde havia espartilhos estéticos de índole diversa, muitas vezes derivados de questões políticas e geracionais, que teremos oportunidade de analisar mais adiante.

Note-se que esta sua faceta, esta omnivoridade estética, é muito mais reveladora do que à primeira vista poderá parecer. Pedro Ayres Magalhães compara-o a figuras coetâneas do *pop-rock* internacional, como Laurie Anderson e David Byrne, dizendo:<sup>226</sup>

---

<sup>223</sup> Cf. Anexo n.º 4, pp. 45-56. Assinale-se que Miguel Esteves Cardoso, em maio de 82, numa coluna crítica, no *O Jornal*, onde escrevia sobre *pop-rock*, fez um estarecido encómio a Carmina Burana, comparando-a com os Joy Division. O traço comum que o articulista procurava na música que escutava era uma certa solenidade, aquilo que ele designava por “dignidade de expressão”. A bitola pela qual media qualitativamente os projetos musicais eram, sem a menor dívida, os Joy Division, que tinha na mais alta consideração. Eis algumas linhas desse texto, intitulado “Música clássica para ignorantes”: “Melhor sobretudo para fãs dos Joy Division, é *Carmina Burana* (...) Gravidade! Espiritualidade! Se os Joy Division tivessem nascido no século XIII seria isto que fariam para quebrar os claustros do convento”.

<sup>224</sup> Esta questão é discutível. Há vários pormenores que não deveremos esquecer. Ele frequentava discotecas e era apreciador de música de dança, na qual se inclui o disco. Mais tarde, sobretudo no derradeiro *LP*, esta influência será bem notória. Veja-se, a este propósito o testemunho de Pedro Ayres Magalhães. Por outro lado, ele diz que não aprecia o *disco sound* por causa da pose: será que ele também não tinha, até de modo bem deliberado, uma pose? Nesta entrevista, ele quer nitidamente afirmar-se como alguém genuíno, verdadeiro.

<sup>225</sup> Citado por Edite Martins Carvalho (1983). “Quero ser um Músico Popular”. *O País*, 14 de março, p. VIII.

<sup>226</sup> Laurie Anderson é uma *performer* estadunidense, que une música a *performances* de cariz teatral experimentalista. As suas apresentações podem demorar várias horas. Recorre a música e elementos multimédia. Costuma lançar álbuns com a produção sonora dessas apresentações. Foi graduada *magnum com laude* em História da Arte e depois licenciou-se também em Escultura. Organizou um concerto para



Nós estamos a falar do final da década de setenta. Ele era como um *performer*, que era uma coisa que havia na época. A Laurie Anderson é um exemplo do que ele gostava de fazer; essa linha norte-americana do sujeito bizarro, do chocante, como também o David Byrne nos Talking Heads. É o *crooner*. E o António gostava de fazer isso; de se vestir de certa maneira, de chocar, o humor, a provocação de teor sexual, a questão do género, enfim, tudo isso era a bagagem dele... a alegria, o *disco*, ele gostava imenso de dançar. Tinha essa cultura do *disco*, do final dos anos setenta, de Amesterdão e Nova Iorque. Queria ser um *deleter*. Mudava de onda, de ideias, todas as semanas. Fazia um fato para um espetáculo, ia tocar a outro sítio fazia outro fato, e a música mudava também.<sup>227</sup>

De facto, *Variações*, de *motu proprio*, estava em sintonia filosófica com os músicos referidos, pois, tal como eles, mudava de ideias artísticas muito facilmente. Era, como o baixista dos Heróis do Mar refere, um *deleter*: alguém que, de dum dia para o outro, apaga o que está para trás, e facilmente muda de repertório, de estilo musical e de visual. Nele, o mais importante era a total abertura, a porosidade da sua arte; era essa a sua trave-mestra. Isto impelia-o a estar o mais possível a par do que de mais relevante se ia fazendo, em termos do *pop-rock*, nos principais centros de irradiação mundial.

A sua obra musical recebeu influxos das principais correntes musicais então em voga. Enquanto *deleter* e performista, ele estava vinculado ao seu tempo. E, como todos os outros artistas deste tipo, a procura das contradições e dos paradoxos fazia parte do seu programa estético, o que é algo de grande arrojo artístico. Não há, por isso, um, mas vários *Variações*. Nunca foi um artista cristalizado, pois era contra qualquer tipo de cristalização. Dizia que não tinha um estilo definido, tinha vários: “Sou contra a especialização na

---

automóveis, fez instalações a três dimensões e dedicou um espetáculo às cem palavras mais usadas na língua Inglesa. É viúva de Lou Reed. David Byrne foi o líder e principal criador da banda Talking Heads. Tem uma prolífera carreira a solo. Interessa-se por sonoridades do mundo, por viagens de bicicleta e é também fotógrafo. As suas colaborações experimentalistas com Brian Eno são um dos pontos luminosos da música *pop-rock*.

<sup>227</sup> Cf. Anexo n.º 3., p. 501.

música e gostaria de tentar todos os caminhos em que sinta poder fazer algo de positivo.”

228

Vejamos um exemplo concreto disso. Apesar da sua bem-sucedida passagem pel’*O Passeio dos Alegres*, ele cortou, de seguida, com o *prog-rock*, desvinculando-se dos músicos que, até aí, o acompanhavam e procurou músicos mais novos.

O quarto aspeto que quero assinalar é o lado de reflexão que havia nele, o seu lado intelectual. Por exemplo, ao lermos a dedicatória a Amália do seu primeiro *LP*, *Anjo da Guarda*, quando ele refere a palavra “identidade”, percebemos que só a poderia ter utilizado, estando a par das ferozes discussões sobre a temática identitárias que estavam então na ordem do dia, e tendo uma opinião bem definida sobre esse *topos*.

Ele era, é bom não o esquecer, alguém que refletia imenso sobre o seu trabalho, e por isso, este tinha uma forte componente conceptual. Era um intelectual, tal como o eram os artistas deste tipo. Por diversas vezes referiu, como já tive ocasião de assinalar, que se preocupava, não com moda, mas com “estética”. Na verdade, pouco nele parece ser fruto do acaso ou da mera espontaneidade. A sua indumentária, por exemplo, foi uma construção. Repito, António Variações foi uma autoficção.

Mas como é que ele se preparou, com que materiais esteve em contacto que o tenham influenciado ao longo da sua vida? É essa rede de influências que pretendo, de modo sucinto, mapear nos pontos seguintes. Quero assinalar as redes de influência no seu percurso antes d’*O Passeio dos Alegres* e antes de se apresentar como Variações, para que possamos perceber melhor a laboriosa construção da sua *persona* artística.

---

<sup>228</sup> Citado por S/A (1982). “António Variações: «É preciso fugir à monotonia»”. *O Tempo (O Tempo Juvenil)*, 17 de junho, p. VIII.

## 4.2. O consumo cultural de Variações: livros de poesia, teatro, cinema, colecionismo, jornais e revistas

Dado não ter formação académica, não raras vezes, olha-se para a obra de Variações com alguma sobrançeria intelectual sem se perceber que, se havia alguém que estava muito atento a tudo o que se passava no mundo da arte e do espetáculo, e que depois aproveitava isso para fazer uma reflexão sobre o seu próprio trabalho, era ele. No que concerne à música e ao mundo do espetáculo, estava sempre atualizado. Nada parecia escapar do seu radar estético. As suas entrevistas aos jornais da época são esclarecidas e coerentes. O que diz é quase sempre pertinente, especialmente se tivermos em atenção o que estava em causa nesse tempo.

Não me parece que fosse um literato no sentido clássico do termo, nem que fosse um devorador de livros, isto, sobretudo, em relação a livros de prosa como romances e ensaios.<sup>229</sup> Parece-me, no entanto, evidente que estava a par de algumas das narrativas em voga, como, por exemplo, do universo contístico de Jorge Luís Borges. O *Aleph*, do autor argentino, foi publicado logo em 1976, pela Editorial Estampa, numa coleção, intitulada Ficções. Ora, uma das canções do cantor tinha o seguinte título, que também remete para as *Profecias* do vidente francês, que estava também em foco, na altura: “Visões-Ficções (Nostradamus)”. Mas Variações era, sobretudo, um leitor interessado e assíduo de poesia portuguesa.

O seu primeiro contacto terá sido com os poetas que Amália cantava: Camões, Pedro Homem de Mello, Alexandre O’Neill, Ary dos Santos, Manuel Alegre, etc. O ator e encenador, seu amigo nos primeiros anos da década de 70, Fernando Heitor, conta que, devido ao interesse que ele mostrava, lhe emprestou várias obras destes poetas:

(...) lembro-me que ele lia muita poesia portuguesa e que me pediu alguns livros emprestados. (...) lembro-me de eu lhe ter dado obras do David Mourão Ferreira e do

---

<sup>229</sup> Ao estudar o seu acervo material, deparei-me somente com um livro sobrançeria: *A Capa e Outras Histórias*, da autoria de Manuel Cândido, subsidiado pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, dado à estampa em junho de 1981. Cf. Anexo n.º 4, p. 55.

O'Neill, um bocadinho por via da Amália. Mas isso ele também lá estava a chegar sozinho, a descobrir a poesia. Eu não tive, aliás nenhuma importância nisso, a não ser a importância que os amigos têm para os amigos.<sup>230</sup>

O seu gosto pela poesia continuou nos anos seguintes. Em entrevista, a junho de 1983, já após o lançamento do seu *LP* debutante, diz-nos que: “Há quem me aconselhe a cantar poetas, e eu gosto muito de poesia”; coisa que veio a fazer no trabalho seguinte ao musicar um poema de Fernando Pessoa.<sup>231</sup>

Aliás, ele estava a par da obra de Fernando Pessoa, possivelmente através das clássicas edições da Ítaca. O seu irmão Jaime Ribeiro, falando comigo, disse que viu obras de Pessoa na casa de Variações. A questão pessoana, na altura, estava interligada com as questões identitárias. Assinale-se que Pessoa era questionado em muitos artigos da época. No *JL*, era comum vários articulistas debruçarem-se sobre a ligação do poeta dos heterónimos ao nacionalismo e ao Estado Novo. Quando Variações escolheu incluir um poema de Pessoa num trabalho seu, fê-lo com pleno conhecimento de causa, pois, era habitual ler esse e outros jornais.

Muito antes de se tornar uma figura conhecida, Variações já era um leitor voraz de jornais e revistas. Recortava e guardava os artigos que mais lhe interessavam. Lia o *Sete* e o *JL*, mas também revistas relacionadas com a televisão e o mundo do espetáculo como a *TV-Top*, a *Mais*, dirigida por Carlos Cruz, e a *Crónica Feminina*, que ele colecionava. No seu acervo material encontramos vários artigos recortados, por exemplo, de discussões acerca do fado no *JL*.<sup>232</sup>

Era também um apaixonado por cinema. Colecionava enormes cartazes de filmes e apreciava o cinema clássico e a sua estética. “Tínhamos em comum o gosto pelo teatro e cinema, se calhar, mais do que o grupo de amigos a que pertencíamos. E falávamos muito

---

<sup>230</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 475.

<sup>231</sup> Citado por Inês Pedrosa (1983). “Cantor e barbeiro: Variações sobre um António”. O Jornal, n.º. 432, 2 de junho. In *Muda de Vida: As Letras de António Variações*, p. 92.

<sup>232</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 30-31.

disso.”, conta Fernando Heitor.<sup>233</sup> Note-se que o único desacordo que o cantor teve com Luís Carlos Amaro, músico da futura A Jovem Guarda, que tocou com ele, foi acerca de Marylin Monroe. Variações apreciava-a, e deveria gostar dos atores e filmes norte-americanos dos anos 50 e 60:

Havia alguma iconografia que para ele fazia sentido: coisas como a Marylin ou o Marlon Brando. Aliás, a única vez que eu tenho memória de ter tido uma “discussão” com ele foi em relação à Marylin. Lembro-me de ter comentado que não achava a Marylin uma grande atriz e ele ter ficado chocado com o meu comentário. E disse que ela era fantástica. Ele tinha essas referências do cinema clássico, o que, na verdade, fazia todo o sentido nele, pois jogava com o *Kitsch*. Eram referências também muito plásticas, icónicas.<sup>234</sup>

Quando Variações chegou a Lisboa começou a frequentar os cinemas lisboetas como o Cineteatro Capitólio, o Monumental e o Éden. O seu irmão Luiz diz que ele, por volta dos seus 19, 20 anos, tinha dois amigos com quem “ia ao cinema, ia ao teatro, ia ver coisas de música”.<sup>235</sup> Como sabemos, Variações chegou a fazer um *cameo* no filme *O Bobo*, que o seu amigo Fernando Heitor protagonizou.

Variações era um espetador regular de teatro. A sua irmã Lurdes recorda que, numa das vezes em que veio ter com ele a Lisboa, ele a levou a ver uma peça de Teatro de Revista, protagonizado por Ivone Silva.<sup>236</sup> Este género de peças tinha componentes humorísticas e momentos musicais. Fernando Heitor afirma que :

A revista era muito importante. Era um teatro de resistência. Aquilo era muito engraçado. Havia duas sessões e a segunda sessão nunca começava antes das duas da manhã e acabava

---

<sup>233</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 476.

<sup>234</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 492.

<sup>235</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 85.

<sup>236</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 72.

aí pelas seis ou sete da manhã. As figuras eram a Ivone Silva, a Aida Baptista, o José Viana, etc. E fui com o António a várias peças de revista.<sup>237</sup>

Era um género teatral que, através de *sketches* cómicos e duma aparente leveza, fazia crítica e sátira social. Uma parte da obra de *Variações* tem um forte pendor satírico.

O cantor estava também a par do que de mais vanguardista se estava a produzir, por essa altura, no teatro português. Companhias como a Cornucópia ou a Comuna, da qual fez parte o seu amigo Fernando Heitor, estavam a dar os seus primeiros passos em Portugal. *Variações* assistiu, em 1972, à primeira peça do Teatro da Comuna, *Para onde is?*, inspirada em peças de Gil Vicente, e, mais tarde, em 1974, à primeira peça encenada por Ricardo Pais, depois de este ter terminado o seu curso de encenação em Londres, *As Cuecas da Vida Heroica da Burguesia*. Também Filipe La Féria, que cursou igualmente encenação em Londres, longe da estética popularucha que hoje lhe conhecemos, era um dos mais arrojados e comentados encenadores que primava por levar à cena obras iconoclastas de Pier Paolo Pasolini e Jean Genet. *Variações* ouviu falar dele de certeza e é possível que tenha assistido a algumas representações. Gonzaga diz que ele “ia ao teatro, ao D.<sup>a</sup> Maria II, ver peças clássicas”.<sup>238</sup>

Como vemos, o cantautor tinha um apreço muito especial pelas artes performativas e parecia estar ao corrente de tudo o que de mais atual e relevante estava a ser feito no seu tempo. Rui Monteiro relata que:

Ele teve sempre uma paixão pelos artistas. Uma vez, contou-me que, quando era miúdo e tinha vindo para Lisboa, uma das coisas com que ele se entretinha, até porque não tinha muito dinheiro e não podia entrar nos espetáculos, era ir para o Parque Mayer e cravar autógrafos a tudo o que era artista que lhe aparecesse pela frente”<sup>239</sup>

---

<sup>237</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 472.

<sup>238</sup> Citada por Rui Miguel Abreu (2014). “A história secreta de António Variações”. *Blitz*, n.º. 96, Julho, p. 46.

<sup>239</sup> Citado por Maria João Rocha (1996). *A Vida de António Variações*. (Doc.), aos 2,52 m..

O colecionismo era outra das atividades de teor cultural à qual Variações se dedicava e era um traço marcante da sua personalidade. Bonecas, louça de Bordalo Pinheiro, guarda-chuvas coloridos, bijuteria variada, espelhos, caixinhas de madeira, pequenas esculturas de artesanato, latinhas, postais, *posters* de índole diversa, peças de mobiliário, moedas, selos, bonequinhos de barro, instrumentos musicais portáteis como flautas e pífaros, peças de vestuário como chapéus, vestidos, óculos, cintos, cigarreiras, etc. Era normal, às 6 da manhã, ainda de noite, ele já estar na Feira da Ladra em busca destes itens. Costuma-se relevar o lado kitsch deste seu interesse, o que é inegável, mas este seu gosto vai um pouco para lá disso. Existem nas suas coleções *art deco*, arte nova e, sobretudo, um gosto pela arte popular e por uma estética algo saudosista e cinematográfica, que remete para a Hollywood dos anos de ouro. Depois, claro, a sua predileção pela cor. Note-se que é também por essa altura que se começaram a valorizar este género de objetos. A prova disso é que surgiram antiquários e várias lojas que vendiam objetos artesanais e étnicos. Este empreendedorismo conecta-se com o espírito da *movida* lisboeta. Manuel Reis, criador do Frágil, abriu a famosa Loja da Atalaia, que vendia peças artesanais de todo o mundo e simultaneamente financiou jovens *designers* portugueses a criarem peças novas dentro deste espírito.<sup>240</sup> A futura segunda *manager* de Variações trabalhou, durante bastante tempo, numa loja de artesanato. Esta estética propagou-se, em pouco tempo, a todo o país. A Variações, claro, este género de artefactos serviam-lhe para construir o seu universo imagético. Muitos deles fizeram parte das capas dos seus trabalhos. A sua barbearia e a sua casa estavam decoradas com eles. Numa entrevista, quando a jornalista reparou numa coleção de caixas de lata do princípio do século, expostas numa estante da sua casa, ele disse o seguinte: “Há cinco, seis anos, as pessoas agradeciam o favor que eu lhes fazia em lhes levar das lojas estas coisas. Agora tudo isto tem imensa procura.”<sup>241</sup>

---

<sup>240</sup> Joana Stichinini Vilela; Nick Mrozowsky; Pedro Fernandes, Pedro (2016). *LX 80: Lisboa entra Numa Nova Era*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, pp. 56-57.

<sup>241</sup> Manuela Gonzaga (1982). “TV Top almoçou com António Variações: A tesoura ganha para a música”. *TV Top*, nº. 68, de 21 a 27 de junho, p.16.

### 4.3. Os passos em volta de António Variações: os Lugares

#### 4.3.1. A terra natal: romarias e folclore

Se é verdade que, por um lado, Variações nada tinha a ver com a mentalidade conservadora, estadonoviana e beata da sua terra natal, por outro, ele valorizava bastante as manifestações de cultura popular, oriundas de lá.

O seu pai tocava vários instrumentos, entre eles cavaquinho e concertina. Acerca dele e da sua própria vocação musical, Variações disse “Herdei tudo do meu pai. Ele era um músico amador. Tocava cavaquinho e acordeão. Comecei a cantar no Minho. Depois, viajei para Londres e Amesterdão. Enriqueci espiritual e fisicamente”.<sup>242</sup>

A sua família tinha por hábito cantar e dançar em conjunto. Como já referi, viam na Casa do Povo de Fiscal o Festival da Canção que depois tentavam mimetizar, canção a canção, no seu lar. O padre Joaquim Gomes da Costa, que privou com a família, descreve-a assim:

Era gente bem formada, tinha nível, aquela cultura popular, falava muito bem, com muita alegria. Ao lado deles não ficava ninguém triste. Quando iam para uma romaria todos queriam ir com eles (...) “Vamos ao São Bento que o Jaime e a Deolinda também vão”. O Pai, um homem profundamente religioso, ai de quem lhe dissesse mal de alguma coisa da Igreja! Muito alegre, cantava e tocava uma série de instrumentos. A mãe era de comunhão diária! Ai, e tinha muita piada... Depois tinha o dom da imitação, imitava qualquer pessoa com uma facilidade extraordinária.<sup>243</sup>

---

<sup>242</sup> Citado por Edite Martins Carvalho (1983). “Quero ser um Músico Popular”. *O País*, 14 de março, p. VIII.

<sup>243</sup> Citado por Manuela Gonzaga, *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, 2006, p. 34.



O cantor teve também contacto com os trabalhadores do campo, os jornaleiros. O seu irmão Jaime Ribeiro diz que ele terá composto uma canção do género das que estes cantavam:

Recordo-o também, quando ele já tinha vinte e tal anos, numa dessas férias, a compor uma canção relacionada com a aldeia. Lembro-me da letra. (...) Este é um quadro muito próprio da nossa aldeia, pois, próximo da nossa casa existia uma quinta para a qual se dirigiam ranchos de jornaleiros que passavam muito cedo, cantando enquanto se dirigiam para o trabalho. Isto é um paradoxo porque hoje vivemos num mundo de tristeza em que as pessoas têm tudo mas andam sempre cabisbaixas.<sup>244</sup>

A letra referida é a seguinte:

Todas as manhãs bem antes do sol

Na montanha despontar,

Era acordado pelos camponeses

Que passavam a cantar,

Sempre a mesma animação

E eu sentia então

Uma vontade louca de os acompanhar<sup>245</sup>

---

<sup>244</sup> Citado por Miguel Francisco Cadete (2004). “Quem raio era António Variações?”. *Público*, 9 de julho.

<sup>245</sup> Citado por Manuela Gonzaga, *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, 2006, p. 20.

A família deslocava-se amiúde às romarias, que naquela zona são muitas e preenchem o calendário litúrgico, como, por exemplo, a famosa São Bento da Porta Aberta. Variações venceu sempre que as apreciava muito. Numa das suas fotografias, podemos vê-lo, ainda muito jovem, a deslocar-se para lá, na companhia do seu pai Jaime. Em entrevista disse: “A minha vida em Braga consistia em ir à escola, à catequese, e auxiliar em pequenos trabalhos na quinta. Lembro-me que detestava arranjar a erva para os nossos coelhos. Gostava era de ir às romarias ver o folclore. Suponho que nessa altura comecei a despertar para a música”.<sup>246</sup>

Fernando Lopes-Graça sobre a importância das romarias no folclore português explica-nos:

Vem depois, em Agosto e Setembro, terminadas as mais importantes fainas agrícolas, o tempo das romarias em que moços e moças, velhos e velhas, escorreitos e aleijadinhos, se encaminham, por montes e vales, às vezes durante léguas e léguas, ao santuário da sua devoção, em grande concurso de povo, que, feitas as preces, cumpridas as promessas ou dados os louvores ao orago, se liberta numa alegria rútila e saudável, de cuidados e canseiras, folgando, mercadejando, comendo e amando em toda a simplicidade de espírito e sem qualquer ideia de ofensa aos lugares sagrados.<sup>247</sup>

Ora, também a cor, visível na profusão garrida dos trajes típicos, elemento predominante nestas festas, é um dos elementos que não terá deixado o cantautor indiferente, bem como a noção da música enquanto celebração, misturada com o sagrado, que ele transportou para o seu estetocosmos.

O Minho natal de Variações é uma zona de grande riqueza a nível da cultura popular. Sardinha chama-nos a atenção para, não só algumas tradições ancestrais

---

<sup>246</sup> Citado por Cláudia Baptista (1983). “A infância desconhecida do cantor exótico. António Variações: «O meu êxito é uma vingança»”. *Sete*, 20 de julho, p. 12.

<sup>247</sup> Fernando Lopes Graça (1973). *A Canção Popular Portuguesa*. Lisboa: Publicações Europa-América. P. 35

ritualísticas, como a carnavalesca “Queima do Home”, na qual ciclistas desempenham um importante papel ritual no transporte do “home”, mas também para a extraordinária riqueza do canto a várias vozes, polifónico portanto:

Os cantos minhotos em coro e a várias vozes eram entoados de forma espontânea pelo povo do campo durante certos trabalhos agrícolas em momentos da sua vida que juntavam maior número de pessoas (...) Eram momentos de grande aglomeração coletiva, de que são exemplo marcantes: as «esfolhadas», em setembro, à noite, sob os «cobertos»; as vindimas em setembro e outubro; as sachadas do milho, em julho; as cortadas e malhadas do centeio, em junho e Julho; as ripadas e espadelas do linho em Maio; as fiadas de linho, nos serões de inverno (...).<sup>248</sup>

Por diversas vezes, Variações mencionou o folclore como referência.<sup>249</sup> E, de facto, embora haja outras influências assaz relevantes, esse é um elemento importante a ter em consideração na sua obra. Vejamos a sua letra poema “Anjinho da Guarda”, cujas primeiras estrofes versam assim:

Eu tenho um anjo  
Anjo da guarda  
Que me protege de noite e de dia  
Eu não o vejo  
Eu não o ouço  
Mas sinto sempre a sua companhia

---

<sup>248</sup> José Alberto Sardinha (2002). *Braga na Tradição Musical: A Rusga de S. Vicente*. (Livro e CD). Vila Verde: Tradisom Editora Discográfica, pp. 73-74.

<sup>249</sup> Por exemplo, tal é referido em Belo da Fonseca (1982). “Variações sobre uma tesourada. António, barbeiro e músico. «Sou um folclorista apanhado para o Rock»”. *A Capital*, 23 de junho, p. 35.

Eu tenho um guarda que é um anjo

Que me protege de noite e de dia

A toda a hora e em todo o lado

Posso contar com a sua vigia <sup>250</sup>

Ao compararmos com uma oração, recolhida pelo etnólogo Adolfo Coelho, no Minho natal de Variações, percebemos ser ela o intertexto da letra supra:

Anjo da minha Guarda,

Semelhança do Senhor,

Que de Deus fostes criado

Para meu guardador

Peço-vos, anjo bendito,

Pela graça e poder

Que do laço do demónio

Me ajudeis a defender <sup>251</sup>

Resta, no entanto, tentar perceber a que tipo de folclore é que ele teve realmente acesso. Terá sido um folclore genuíno, similar ao que Giacometti e Armando Leça recolheram, ou terá sido a chamada “contrafação folclórica”, iniciada pelo Estado Novo sob os auspícios de António Ferro, onde abundavam os ranchos em detrimento dos cantos

---

<sup>250</sup> Cf. Anexo n.º 1, p. 328.

<sup>251</sup> Recolhida por Adolfo Coelho (1993). *Obra Etnográfica: Festas, Costumes e Outros Materiais para Uma Etnologia de Portugal*. Vol. I. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 46.

de trabalho e religiosos, para a qual Fernando Lopes Graça chamou, em tempos, a atenção?<sup>252</sup> Neste sentido, Osvaldo Manuel Silvestre, na sua comunicação no *Colóquio Variações em Torno de António*, interrogou-se acerca da genuinidade folclórica num tempo em que, por exemplo, os conjuntos com guitarras elétricas começaram a atuar em manifestações populares no interior do país.<sup>253</sup>

Creio que Variações escutou ambos: uma mistura do folclore ainda genuíno e a sua adulteração. Por um lado, ouviu os cantos de trabalho dos jornaleiros e as cantigas que o seu pai interpretava, por outro, nas romarias, teria certamente escutado os tradicionais músicos ambulantes, mas também ranchos e os chamados grupos de baile, muitos já com instrumentos elétricos, que começaram a surgir por essa altura. A canção variaciana “Que Pena Seres Vigarista” é devedora desta influência folclórica ou, se quisermos, para-folclórica. E a canção, que deixou inédita “Ao Passar por Braga Abaixo”, e que chegou a entoar numa entrevista quando lhe perguntaram por essa cidade, é inspirada nas melodias ouvidas na infância em terras amarenses, e dá conta da importância da escuta musical no Minho natal: “Ao passar por Braga abaixo/Ouvi cantar e parei/Era uma moda tão linda/Queria cantá-la e não sei”.<sup>254</sup> Pedro Ayres Magalhães faz a seguinte analogia em relação a Variações, entroncando-o na tradição de versejar a cantar, do cantar à desgarrada:

(...) o Variações é como se fosse um artista popular... Imagine, lá para o norte, aquelas Festas da Senhora da Agonia. Há aqueles tambores, e depois vêm-se pessoas a passar que vêm daqueles ranchos das aldeias, com cavaquinhos, acordeões, a tocarem as suas canções, e podemos perguntar: quem é que fez aquelas canções? Quem escreveu a letra? Lá debaixo duma árvore estão lá alguns com um acordeão a cantarem à desgarrada. E nós perguntamos: quem escreveu as melodias e as letras? Ora, umas são antigas, outras

---

<sup>252</sup> Vd. o capítulo, intitulado “Folclore autêntico e contrafação folclórica”, pp. 21-37, na obra citada supra.

<sup>253</sup> Em relação aos ranchos folclóricos, que foram uma criação do Estado Novo, Rosmaninho chama-nos a atenção para a estranheza de estes incorporarem instrumentos avessos ao folclore Português, como saxofone, banjo e trompete. Cf. Nuno Rosmaninho. (2009). *Património e Identidade: Aspectos da Reinvenção de Portugal nos Séculos XIX e XX (relatório)*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Exemplar policopiado, p.81.

<sup>254</sup> Cf. Anexo n.º 1, pp. 378-379.

escreveu-as a própria pessoa que está a cantar. É uma pessoa que verseja. (...) O Variações inventa letras, fala em versos.<sup>255</sup>

Em adenda, também não podemos esquecer que Amália cantou muitos temas do reportório folclórico: “Campinos do Ribatejo”, “Lá Porque Tens Cinco Pedras”, “Caracóis”, etc. Segundo Fernando Heitor, Variações tinha um disco da diva, no qual ela cantava folclore e marchas de Lisboa, pelo que estoutro género de canção popular também foi fruído por ele.<sup>256</sup>

#### **4.3.2. Variações, um trota-mundos na geração do *interrail* e das viagens frequentes aos grandes centros urbanos internacionais**

Variações foi um trota-mundos. As suas viagens foram fundacionais na sua formação intelectual. Ele tinha a perfeita noção de que eram uma forma de alargar horizontes e de estar em contacto direto com o que de mais pertinente se ia produzindo artisticamente. Sobre a sua adaptação a Lisboa e à importância das viagens, afirmou o seguinte:

Por cá tive grandes dificuldades, tive muitos complexos por vir da província, por não ter instrução, por ter sotaque... às vezes, perguntava-me por que razão não havia de ser como os outros lá na aldeia: casar, ter filhos, ir à missa do domingo. Adaptei-me o melhor que pude. Não queria de maneira nenhuma voltar à aldeia. E saiu-me caro fugir a essa herança porque comecei a dar-me com pessoas de outro nível cultural, para quem eu era motivo de

---

<sup>255</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 514.

<sup>256</sup> Amália Rodrigues (1969). *Marchas de Lisboa*. (LP). Lisboa: EMI- Valentim de Carvalho. A este propósito, vale a pena ler Nuno Rosmaninho (2009). *Património e Identidade: Aspectos da Reinvenção de Portugal nos Séculos XIX e XX (relatório)*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Exemplar policopiado, p. 84. O autor esclarece que as marchas populares (tal como os ranchos) não possuem um lastro efetivo com a tradição folclórica. São, antes de mais, uma invenção do cineasta estadonoviano Leitão de Barros.

riso e de anedota... Hoje o meu êxito é uma vingança! Eu fartei-me de viajar e esses amigos levam uma vida chatíssima.<sup>257</sup>

A este propósito, Júlio Isidro diz que ele “era um homem de cultura do mundo”.<sup>258</sup> Osvaldo Manuel Silvestre, por seu lado, pondera o seguinte: “António, que foi ver o mundo pela Europa, pela América e por onde calhava, regressando sempre português, e, contudo, cada vez mais cidadão do mundo”.<sup>259</sup> Assinale-se que muitos dos que vieram a protagonizar a sedimentação duma verdadeira indústria de música moderna, viável em Portugal, foram buscar inspiração e conhecimentos às viagens que empreenderam. Manuela Moura Guedes, à época uma cantora relevante, e Rui Reininho, por exemplo, viveram em Londres. Zé Pedro, o carismático elemento dos Xutos & Pontapés, refere um festival *punk* ao qual assistiu, que foi fundamental para alargar a sua visão musical e cultural e gerou nele o desejo de ter uma banda, em moldes similares às que viu lá, em Portugal:<sup>260</sup>

O *punk* veio ter comigo em 77 quando eu fiz o *inter-rail* e acabei por estar num festival *punk*, em Mont-de-Marsan, numa pequena aldeia no norte de França, junto à fronteira com a Espanha e que realmente me mudou; daí ter vindo de lá e ter enfiado um alfinete na boca, ter ido ao Pavilhão do Belenenses, à festa da *Música & Som*, que era a revista que consumíamos na altura que nos dava acesso ao que se estava a passar lá fora, e ter

---

<sup>257</sup> Citado por Cláudia Baptista (1983). “A infância desconhecida do cantor exótico. António Variações: «O meu êxito é uma vingança». *Sete*, 20 de julho, p. 12.

<sup>258</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 482.

<sup>259</sup> Osvaldo Manuel Silvestre (2017). “Discurso lido na abertura do colóquio «Variações sobre António. Um colóquio em torno de António Variações», na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a 7 de dezembro de 2017”.

<sup>260</sup> Nesse festival atuaram nomes de primeira linha do movimento *punk*, como os Ingleses The Clash e os The Damned. Também Lou Reed atuou lá. Houve alguma violência com *cocktails* Molotov, pois, estavam entre a assistência alguns ativistas. Zé Pedro, nessa mesma viagem, esteve também em Londres e Alemanha e assistiu em Barcelona a concertos de Carlos Santana e Paco de Lúcia, que não o cativaram tanto. Este episódio é relatado em Ana Cristina Ferrão (1991). *Conta-me Histórias: Xutos & Pontapés*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 20-21. Há uma discrepância de datas. No livro de Ferrão a viagem ocorre em 1978 e no documentário de Clérigo e Ferreira, o guitarrista refere o ano de 1977.

conhecido o Pedro Ayres e os Faíscas e ter-me ligado a eles de corpo e alma, enfim, a querer fazer qualquer coisa pela música.<sup>261</sup>

Por essa altura, em meados dos anos 70, ou não havia bandas *rock* em Portugal seguindo esses ditames, ou, as que havia, como o Quarteto 1111 ou os Tantra, seguiam outros modelos estéticos já em desuso nas comunidades internacionais. O *inter-rail*, uma longa e pouco dispendiosa viagem de comboio por toda a Europa, era uma salutar prática corrente entre os jovens do pós 25 de Abril. Muitos deles queriam depois transplantar o que tinham vivenciado para Portugal. O sociólogo António Barreto traça o retrato do país, dizendo que Portugal “ainda é um país atrasado, pobre e desigual, mas muito menos do que há trinta ou quarenta anos. Em pouco tempo ajustámos contas com o passado: liquidámos a ditadura, pusemos fim ao império e virámo-nos para a Europa”.<sup>262</sup> Esta viragem foi importantíssima para a geração de Variações. Viajava-se com frequência para as capitais europeias. Havia uma grande sede de conhecer as outras sociedades e, depois, no regresso, as comparações eram inevitáveis.

Seria muito profícuo saber com um grau de certeza seguro o que viu em concreto Variações nas suas viagens, mas tal é impossível, pois, pelo que me foi dado a ver, no seu acervo, é pouco o que resta: alguns cartões de pensões onde esteve, um ou outro postal, e nada mais. Existem fotografias que nos permitem tirar algumas ilações; perceber que países visitou. Abundam, por exemplo, fotografias em Itália. Há algumas referentes à sua passagem por Londres e às suas viagens a Nova Iorque. Não podemos esquecer também que ele foi um, se assim quisermos, turista, mas também um emigrante, embora sempre tenha dito que emigrou mais por curiosidade do que por necessidade. Nunca esteve a viver fora de Portugal mais de um ano, mas voltava muitas vezes a alguns desses sítios, entre eles Amesterdão, Nova Iorque e também Tunísia, sítios aos quais regressava amiúde e que foram uma segunda casa para si.

---

<sup>261</sup> Vd. Pedro Clérigo e Leandro Ferreira (2015) *A Arte Elétrica em Portugal (RTP). Episódio 5: Música Moderna*.

<sup>262</sup> Vd. Joana Pontes; (realizadora); António Barreto (autoria) (2007). *Portugal, um Retrato Social*. (RTP). Episódio n.º 7, aos 2,55 m..



#### 4.3.2.1. A *swinging London* dos anos 70<sup>263</sup>

Sabemos que Variações esteve emigrado em Londres, em 1971, e viveu lá durante um ano. Trabalhou num colégio particular, fazendo pequenos trabalhos. O seu irmão José tinha lá uma barbearia, a José's Hairdresser, onde ele, por vezes, ia ajudar, e a sua irmã Amélia, que era funcionária dum hospital, ajudando as enfermeiras, também vivia na capital londrina. Fazia longas caminhadas com ele: “Então, nos dias de folga íamos passear para Londres. A gente ia de manhã cedo e vínhamos de noite. Víamos tudo. Pronto, ele gostava de ver tudo. Ele já era diferente, na maneira de vestir e tudo.”<sup>264</sup>

O cantor afirmou que a capital inglesa foi para ele: “Uma página da minha vivência que lamento não ter explorado melhor. Mesmo assim, ainda guardo a imagem da agonia dos *hippies* e do nascimento da geração seguinte”.<sup>265</sup> Terá, portanto, assistido ao despontar do *glam rock* e, talvez, ao início do movimento *punk*. António José Almeida, baterista dos Tantra e dos Heróis do Mar, diz que Londres era “o centro dos centros”.<sup>266</sup>

Foi precisamente por essa altura que as questões de género começaram a ser tratadas, de modo artístico e ativista, na música. Era a época dos Roxy Music e dos T-Rex de Marc Bolan, com o seu ar efeminado e as suas plumas e longos caracóis. Bowie lançou, em 1970, *The Man Who Sold The World*, aparecendo com trajas e pose feminina na capa.

267

---

<sup>263</sup> O termo *swinging London* foi cunhado pela jornalista e editora da *Vogue* Diana Vreeland para designar a efervescência cultural de Londres, na segunda metade dos anos sessenta, com a eclosão do *pop-rock*, com os Beatles e os Rolling Stones à cabeça. Também o cinema, a moda, o teatro, as artes plásticas estavam em plena expansão na capital inglesa, que era considerada uma cidade *avant-garde*.

Eu uso o termo, aplicando-o ao início dos anos 70, pois Londres continuava a manter algumas destas características; continuava a ser um epicentro artístico e cultural.

<sup>264</sup> Citada por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 118.

<sup>265</sup> Citado por Pedro Duarte (1983). “Cantor, barbeiro, «anjo da guarda»; António Variações: o dever da diferença”. *Sete*, 30 de março, p. 4.

<sup>266</sup> Citado por Lia Pereira (2017). “Como os Heróis do Mar ajudaram a construir um Portugal novo”. *Blitz*, 5 de março.

<sup>267</sup> Todas as referências discográficas, assinaladas ao longo do texto desta dissertação, consideradas significativas, estão devidamente referenciadas na Discografia Final.

O ambiente musical de Londres tinha ainda como pano de fundo as réstias da *swinging London* dos anos sessenta. Os The Beatles tinham terminado, mas os seus elementos lançavam memoráveis trabalhos a solo, como *Imagine* de John Lennon, em 1971. Os Rolling Stones, por seu turno, estavam pujantes com *Sticky Fingers*, publicado em abril do mesmo ano, com a sua famosa capa, concebida por Andy Warhol, contendo um fecho *zip* dumas calças masculinas. A sua canção *Wild Horses* liderava os topos. Os Genesis lançavam o progressivo e conceptual *Nursery Crime*. Os concertos no London Marquee, no Hammersmith Odeon, ou em Hyde Park, tinham, agora, um ritmo regular e um imenso público fiel.

Por outro lado, o *disco-sound* europeu, muito por mão de Giorgio Moroder, estava na berra nos clubes de dança. Variações, como sabemos, adorava dançar e gostava muito desse género de música.

Por esta altura também, o cinema inglês emancipou-se e assistiu-se à eclosão do cinema realista inglês. Ken Russel, Sam Pecking e Stanley Kubrick criavam obras históricas e iniciava-se o cinema *free* documentarista. A arte conceptual inglesa atingia o seu zénite. Artistas plásticos como Kieth Arnatt e Vitor Burgin interrogavam os limites da arte e davam predominância ao lado interventivo, ancorado no real. As ideias conceptuais sobrepunham-se, assim, à pura fruição estética. A arte tornava-se política e, já desde os anos sessenta, não cabia na tela. As *performances* e instalações ganhavam preponderância sobre formatos mais tradicionais.

Uma instalação plástica dum artista norte-americano, Robert Morris, intitulada *Bodyspacemotion*, exposta na Duveen Galleries, que deu lugar, mais tarde, à Tate Galery, foi visitada por milhares de pessoas, sobretudo jovens, precisamente em 1971, e causou brado mediático. Os visitantes eram convidados a interagir com as esculturas, constituídas por cilindros, rampas, paredes íngremes para escalar, etc. Os visitantes não se fizeram de rogados e tornaram a exposição num verdadeiro recreio para adultos, causando problemas de segurança. Havia filas e filas à espera de entrarem.<sup>268</sup> Também pintores iconoclastas, como Francis Bacon e Lucien Freud, dominavam o panorama das artes visuais londrino.

---

<sup>268</sup> Charlotte Higgins (2009). “Tate modern’s Turbine Hall recreates a 1971 art sensation”. *The Guardian*, 6 de abril., passim.

Como sabemos, Variações, em relação a Londres, afirmou que visitou e viu muita coisa – e a sua irmã Amélia, que vivia lá, e passeou muito com ele, confirma. Mas também disse que não a explorou devidamente. Ora são duas afirmações aparentemente contraditórias. Na verdade, ele não se integrou completamente no ambiente londrino como o fez em Amesterdão, e era esse o seu ponto de comparação, mas, sem dúvida, terá feito os possíveis para usufruir o mais possível do que a cidade tinha para lhe oferecer. É o que podemos inferir da seguinte afirmação: “Fiz a exploração da capital inglesa do museu à discoteca, do sol ao nevoeiro”.<sup>269</sup>

Rui Reininho, vocalista dos GNR, que esteve a viver lá, em Camden, sensivelmente pela mesma altura, retrata a Londres de então assim:

Começo a ouvir falar Inglês à minha volta e pensei que tinha finalmente chegado à fonte. Uma cidade completamente *pop*, cheia de cor. Comecei a contactar com as comunidades do *squatting* de Camden Town, onde andava mais, por causa da música neoexperimental, pelos sítios onde surgiu o Brian Eno e aquela gente mais *trendy*, o Soho, Piccadelly Line. Dois anos depois da primeira visita, estava à porta do Hammersmith, onde ia tocar o David Bowie. Não tinha dinheiro para o bilhete, mas estava ali para ver todos aqueles Ziggy Stardust, toda aquela *beautiful people* de cabelo cor de laranja, centenas e centenas de pessoas, estava lá só para observar aquilo.<sup>270</sup>

---

<sup>269</sup> Citado por S/A (1982). “António Variações: É preciso fugir à monotonia”. *O Tempo*, 17 de junho, p. VIII.

<sup>270</sup> Citado por Hugo Torres (2016). *GNR: Onde nem a Beladona Cresce*. Porto: Porto Editora, p. 32. Brian Eno fez parte dos Roxy Music e, depois, tornou-se um dos mais famosos e requisitados produtores musicais. Produziu alguns dos trabalhos mais arrojados de, por exemplo, David Bowie, Talking Heads e U2. Recentemente aceitou produzir o disco *Altar* da banda portuguesa The Gift. Criou aquilo que designa por um método aleatório de criação musical, e leva os artistas a experimentarem métodos de criação inabituais. É também um reconhecido artista plástico. Aconselho vivamente a consulta do *facebook* e *instagram* deste produtor. O Ziggy Stardust, a que Reininho faz referência, era uma personagem andrógina criada por Bowie.

#### 4.3.2.2. Nova Iorque fora de horas

Tem-se preferido acentuar o lado minhoto de Variações, mas, na verdade, ele não deixou dúvidas nenhuma acerca da importância da capital estadunidense para si, dado que afirmou: “Nova Iorque é o pescoço esticado, o espírito incendiado, os olhos vivos e brilhantes. É o meu segundo mundo.”<sup>271</sup> Por isso, viajava regularmente para lá onde frequentava locais adstritos ao mundo *gay* nova-iorquino de então.

Existia, no final dos anos 70/primórdios dos 80, na comunidade *gay*, uma corrente estética que acentuava os elementos viris: músculos, fardas de polícia, bonés militares e capacetes da construção civil, roupas de cabedal, correntes, fatos de marinheiro ou da construção civil, etc. Era o que se designava por estética Macho/Clone Gay:

Much of the gay repertoire of the seventies and eighties drew upon two traditional arenas for the forging of (straight) masculine identity: work and sports. Jeans, short hair, boots are practical gear for men’s work (by the same token, there was even for a crazed moment the wearing of construction worker’s hard hats at discos): muscles are a product of both work and sport, something (real) men have.<sup>272</sup>

Assistiu-se, assim, a um verdadeiro *turning point* no mundo *gay*. Se antes se assumia a feminilidade, agora, exibiam-se elementos viris, falocêntricos.

The clone was, in many ways, the manliest of men. He had a gymn defined body; after hours of rigorous body building, his physique rippled with bulging muscles, looking more

---

<sup>271</sup> Pedro Duarte (1983). “Cantor, barbeiro, «anjo da guarda»; António Variações: o dever da diferença”. *Sete*, 30 de março, p. 4.

<sup>272</sup> Richard Dyer (2002). *The Culture of Queers*. Londres: Routledge, pp. 67-68.

like competitive body than hairdressers or florists. He kept his hair short and had a thick moustache or closed cropped beard.<sup>273</sup>

A arte e a música em particular serviam como modo de assunção sexual. Lembremos, por exemplo, os Village People com a sua canção “Y.M.C.A”, de 1978, que se tornou um hino do *coming out* dos homossexuais à escala global. No teledisco vemos: Alex Brifley vestido de militar, Glen Hughes de motoqueiro, Randy Jones de *cowboy*, Felipe Rose de índio, Victor Willis de polícia e o amigo de Freddie Mercury, David Hodo, a quem o cantor dos Queen foi buscar parte do seu visual dos anos 80, de trabalhador da construção civil.<sup>274</sup>

Este movimento libertário teve em Greenwich Village o seu principal centro de irradiação. Começou a surgir uma plêiade de clubes para homossexuais, nos quais havia cacifos onde os seus frequentadores guardavam as suas *daily clothes* e se vestiam depois com uma indumentária à base de cabedal, correntes, chapéus, etc. Em alguns deles existia o *dark room*, geralmente localizado na cave, onde as pessoas se relacionavam sexualmente sem se conhecerem e sem se verem. As barbas e os bigodes começaram a estar na moda, bem como o culto do corpo; daí também o uso de camisolas de alças e calças justas.

Alguns dos mais famosos eram o The Saint, The Spike, The Anvil e o The Mineshaft, cujo logótipo era a figura dum homem com bigode, boné de polícia, camisola de alças, exibindo os músculos. Muitos destes clubes foram violentamente encerrados pelas autoridades aquando da proliferação da Sida, na segunda metade dos anos 80. Um dos fatores que levou a que esta comunidade adotasse uma indumentária máscula deveu-se também ao facto de serem perseguidos pelos homofóbicos e pelas autoridades oficiais, sendo, por vezes, espancados. Era uma forma de assustarem quem os pretendesse maltratar.

Esta imagética, originária de Nova Iorque, expandiu-se, num curto espaço de tempo, para o mundo inteiro. Um dos *habitués* destes clubes era Freddie Mercury. Passou

---

<sup>273</sup> Martin P. Levine (1998) *Gay Macho: The Life and Death of the Homosexual Clone*. Nova Iorque: New York University Press, p. 7.

<sup>274</sup> Village People (1978). “Y. M.C.A.” (teledisco).

duma imagem *glam*, provocatoriamente feminina, cultivada durante os anos 70, para uma imagem Macho/Clone Gay, nos anos 80: bigode, cabelo curto, calças justas, camisolas de alça, exibição dos músculos, etc. O trabalho mais significativo dos Queen dos anos 80, intitula-se *The Works*, que era o nome dum famoso clube *gay* nova-iorquino, desta altura.

A banda desenhada *Tom of Finland*, na qual as relações entre homossexuais, advindas deste submundo, eram retratadas de forma direta e com imagens explícitas teve um enorme impacto internacional. Até no mundo *heavy metal* esta estética marcou forte presença, por exemplo, na indumentária do vocalista dos Judas Priest, Rob Halford.

Robert Mapplethorpe, insigne fotógrafo nova-iorquino documentou profusamente este mundo nova-iorquino, fotografando usuários desses locais. É muito possível que Variações tenha tomado contacto com a obra dele tão em voga na época. Um facto é inegável: Variações frequentava esses espaços de encontros sadomasoquistas, os famosos *leather bars*, onde as pessoas se encontravam sexualmente com desconhecidos nos famosos quartos escuros e usou vários desses elementos visuais, como correntes, adereços metálicos e cabedais, na sua indumentária. Veja-se, por exemplo, a imagem onde o vemos fardado de polícia, com um laço ao pescoço e cassetete na mão, e coteje-se com a imagética desta estética *gay* viril.<sup>275</sup> Também nas suas letras, esta influência é detetável, como veremos em capítulos subsequentes.<sup>276</sup> O seu amigo e colega barbeiro, António José Neves, refere: “os bares de Nova Iorque onde ele adorava ir. Ele adorava esses meios debochados com ar decadente. Ele vivia aquilo”.<sup>277</sup>

Após um período em que se percebe a influência do movimento *hippie*, pois, vemo-lo de longos cabelos encaracolados e calças à boca-de-sino, ele passa a vestir-se muito de acordo com a linha estética do Macho/clone *gay*. Ele fazia parte desta comunidade *gay*

---

<sup>275</sup> Cf. Maria João (1996). *Variações*. (Doc.). Aos 23, 11 m..

<sup>276</sup> Algumas das referências aqui aludidas, quer relativamente ao fotógrafo nova-iorquino, quer ao *punk* norte-americano, defluem da excelente obra autobiográfica assinada por Patti Smith, na qual ela relata o seu percurso e o do seu namorado de então, Robert Mapplethorpe, em busca de sucesso e afirmação artística na Nova Iorque de então. O mundo literário, musical, artístico nova-iorquino é por ela descrito dum modo vívido e fiável. A obra é: Patti Smith (2011). *Apenas Miúdos/Just Kids*. Trad. de Jorge Pereirinha Pires. Lisboa: Quetzal Editores.

<sup>277</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 164

internacional na qual se movia com à vontade e da qual partilhava muitos dos seus valores hedonistas e do seu encómio das relações sexuais livres. Segundo Levine, o *gay* macho “(...) lived the fast life. He partied hard, taking recreational drugs, dancing in discos until dawn, having hot sex with strangers”.<sup>278</sup> E, em grande medida, foi este o estilo de vida que o cantautor viveu. Júlio Isidro diz que ele “era um homem que estava, que vivia na *fast lane* e a prova disso é que morreu por causa da *fast lane*”.<sup>279</sup>

Não nos podemos esquecer também dum pormenor importantíssimo relativamente à sua homossexualidade: ela era uma forma muito particular de perceber o mundo e esta comunidade *gay* teve sempre a capacidade de transformar as suas questões em factos culturais muito relevantes. Neste sentido, a homossexualidade é:

A creative energy reflecting a consciousness that is different from the mainstream; a heightened awareness of certain human complications of feeling that spring from the fact of social oppression; in short, a perception of the world which is colored, shared, directed and defined by the fact of one's gayness.<sup>280</sup>

Na *big apple*, também a *pop-art* continuava relevante com Andy Warhol, Roy Lichtenstein e Tom Wesselman à cabeça. E os seus princípios propagavam-se a outras artes, nomeadamente à música *pop-rock*. Warhol, há não muito tempo apadrinhara os The Velvet Underground. A Fábrica de Warhol e seus sucedâneos estava ainda plenamente ativa. É altamente provável que o cantor português tivesse visto exposições destes artistas, pois, o processo de serialização a que submeteu artigos da louça portuguesa e outros itens, bem como as colagens que fez com figuras do cinema clássico, similares ao que Warhol fizera com imagens de Elvis e Marilyn Monroe, demonstram que tinha conhecimento destas técnicas e do pensamento estético adjacente a elas.

---

<sup>278</sup> Martin P. Levine (1998) *Gay Macho: The Life and Death of the Homosexual Clone*. Nova Iorque: New York University Press, pp. 7-8.

<sup>279</sup> Citado em Anexo n.º 3, p. 481.

<sup>280</sup> Jack Babuscio (1993). “Camp and the gay sensibility”. In *Camp Ground: Style and Homosexuality*. Bergman, David (ed.). Amherst: University of Massachusetts Press, p. 91.

Ao nível da música moderna devemos assinalar a chegada da estética *glam* ao mundo artístico nova-iorquino. Lou Reed assumiu a sua bissexualidade, por alturas de *Transformer*, em 1972, maquilhando-se e tornando pública a sua relação com a/o bonita/o transsexual Rachel, que retratou em várias canções. Se escutarmos a sua canção “Walk on The Wild Side” temos em escorço, uma descrição deste ambiente nova-iorquino de então: drogas, travestis, transsexuais e artistas, todos juntos, noite dentro, num caminho hedonista e boémio:

Holly came from Miami, FLA

Hitch-hiked her way across the USA

Plucked her eyebrows on the way

Shaved her legs and then he was a she

She says: Hey, babe

Take a walk on the wild side

Candy came from out on the Island

In the backroom, she was everybody's darlin

But she never lost her head

Even when she was giving head

She says: Hey, babe

Take a walk on the wild side

And the colored girls go doo do doo doo doo (...)

New York City's the place where they said: Hey, babe



Take a walk on the wild side <sup>281</sup>

O *punk* norte-americano, menos restrito sonoramente e muito mais comprometido com os pensamentos vanguardistas do que com reivindicações de feição anarquista como era o caso do inglês, estava em plena ebulição, tendo o CBGB como epicentro. Patti Smith insuflava a grande literatura, via Rimbaud, nessa sonoridade. E, nessa mesma sala de concertos nova-iorquina, David Byrne, capitaneando os Talking Heads, encarnava personagens em palco e escrevia sobre as mudanças sociais pelas quais a América passava. Os Television inspiravam-se em Steve Reich e nos Velvet Underground e os Suicide incorporavam sintetizadores no seu som caótico. Sobre o CBGB e o seu mítico dono, Patti Smith escreve: “Era o sítio ideal para fazermos soar o clarim. Era um clube na rua dos oprimidos que atraía uma estranha raça, gente que acolhia os artistas ainda não celebrados. A única coisa que o Hilly Krystal exigia a quem lá fosse tocar era que fossem novos”. <sup>282</sup> Paulo Pedro Gonçalves, guitarrista dos Heróis do Mar, esteve em Nova Iorque, em 1980, e assistiu a vários concertos:

No primeiro disco eu andava a ouvir imenso Louge Lizards e James White e aquele *punk jazzy*, muitas das minhas guitarras eram baseadas nisso. Eu tinha estado em Nova Iorque antes do verão dos Heróis do Mar e tinha visto os Ramones, Mink DeVille, o James White. Vinha com essas ideias na cabeça (...) <sup>283</sup>

É impensável supor que Variações, sendo um visitante assíduo da cidade que nunca dorme, não tenha assistido a nenhum concerto dos nomes elencados, ou que nunca tenha trazido de lá discos. Esta cidade tinha também clubes de dança que marcaram essa época.

---

<sup>281</sup> Faixa nº 5 do Lado A de: Lou Reed (1972) *Transformer*. (LP). RCA.

<sup>282</sup> Patti Smith (2011). *Apenas Miúdos/Just Kids*. Trad. de Jorge Pereirinha Pires. Lisboa: Quetzal Editores., p. 294. [2010]

<sup>283</sup> Lia Pereira (2017). “Como os Heróis do Mar ajudaram a construir um Portugal novo”. Blitz, 5 de março.

Ele terá usufruído de todo este rico ambiente sociocultural. Viajava com frequência para lá e travou amizades com os seus habitantes. Podemos vê-lo numa fotografia no final da década de 70, posando com um amigo autóctone, que, tal como ele, pelo visual, parece inserir-se na estética *gay* viril, mencionada antes.<sup>284</sup>

#### 4.3.2.3. Amesterdão, uma segunda casa e um ponto de viragem

Amesterdão foi uma cidade da maior importância para Variações. Viveu lá cerca de um ano, em 1974. Tirou um curso de barbeiro e trabalhou depois num cabeleireiro misto. Ao regressar a Lisboa veio mudado; vestia-se agora de modo ainda mais excêntrico. Teresa Couto Pinto, que foi a sua segunda *manager*, diz que para Variações “ir à Holanda era uma experiência mística”.<sup>285</sup> Nova Iorque e Amesterdão, aliás, eram cidades a que voltava com frequência.

Esta grande metrópole holandesa sempre foi, em termos de costumes, muito avançada. As drogas leves e a prostituição estavam já, por essa altura, legalizadas. Havia um grande *melting pot* e uma grande aceitação e prática de todo o tipo de opções sexuais. O Vondel Park era um sítio de encontros sexuais. O *red district* era uma zona onde eram e são permitidas todas as liberdades. Era uma cidade multiétnica com grande abertura perante os estrangeiros. Ele ter-se-á sentido muito à vontade para poder, num espaço urbano assim, ser ele próprio. A esse propósito afirmou: “Amesterdão é uma cidade de acesso fácil à saúde e à doença, ao vício e à virtude. Foi uma prisão aberta por mim. Explorei bem Amesterdão”.<sup>286</sup>

---

<sup>284</sup> Vd. Trindade, Luís; Trindade, Sofia P. (2009). *Catálogo do leilão do espólio de António Variações*. Lisboa: Live Auctions, item n.º. 69.2.

<sup>285</sup> Citada por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 127.

<sup>286</sup> Pedro Duarte (1983). “Cantor, barbeiro, «anjo da guarda»; António Variações: o dever da diferença”. *Sete*, 30 de março, p. 4.

O segundo companheiro de Variações, Jelle Balder, era um ator holandês integrado no mundo artístico de Amesterdão. Participou na versão alemã do famoso musical *Jesus Christ Superstar*, onde interpretou o papel de Velho Homem. Existia uma grande identificação entre os dois. Ele ia muitas vezes a Amesterdão e o seu companheiro Holandês ficava em Lisboa, na casa do cantor, durante largas temporadas.

Era uma cidade repleta de atividades culturais. Variações terá certamente usufruído desta oferta. Os grupos de teatro e música faziam apresentações na rua. Era usual os jovens encontrarem-se para conviverem no espaço público, sentando-se nos passeios e praças. O movimento *hippie* ainda tinha muitos seguidores. O amor livre e o psicadelismo eram, por isso, praticados e isso via-se ao passear pela cidade. Adolfo Lúxuria Canibal, o advogado e vocalista dos Mão Morta, tem a seguinte opinião:

A primeira vez que fui a essa cidade não me impressionei: achei Amesterdão uma cidade demasiado *freak*. Mas, com as repetições das minhas visitas, passei a gostar muito por causa daquela atmosfera de feira de atrocidades. Amesterdão parecia uma daquelas cidades de ficção científica, uma daquelas comunidades intergalácticas de divertimentos onde tudo é possível e onde tudo parece um grande circo com um toque medieval.<sup>287</sup>

O cantautor minhoto gostava de visitar museus. Ora, Amesterdão tem cerca de cinquenta museus. Entre eles: o Museu Van Gogh, um célebre espaço de arte moderna e contemporânea, o Museu Stedelijk, o maior museu de arte da Holanda, o Museu Rijks, mas também museu de malas, pianolas, ou museus sobre sexo e erotismo.

Existiam também inúmeras salas de concerto, espalhadas pela cidade, como, por exemplo, o famoso Paradiso, uma antiga igreja recuperada. Variações, num dos postais enviados ao seu irmão Luiz, relatou que assistiu a um recital de Amália.<sup>288</sup> Mas é mais do que provável que tenha estado presente noutros. Ressalte-se que Amesterdão era uma

---

<sup>287</sup> Adolfo Luxúria Canibal (seleção e prólogo) (2016). *Revista de Imprensa: os Mão Morta na Narrativa Mediática (1985-2015)*. Lisboa: Aysmo, p. 67.

<sup>288</sup> Citado por Manuela Gonzaga( 2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 121.

cidade de passagem quase obrigatória para os grandes nomes da música *pop-rock* de então. Lou Reed atuou no Paradiso em 6 e 7 de abril de 77, e em 19 de maio de 1974 no Hetconcertgebouw. Nesta última sala, os Roxy Music deram um concerto no ano anterior, em 1973, a 26 de maio.

O Paradiso, o Melkweg, o Mazzo, e, mais tarde, o Roxy Club, para além dos espetáculos ao vivo, eram espaços de dança e de libertinagem. Drogas como os *poppers*, que tinham efeitos sobre a libido, eram consumidas avidamente pela comunidade *gay*. Por vezes, esta droga, que atuava sendo inalada, era aspergida sobre a multidão, misturada com o gelo seco das máquinas de fumo. Nestas discotecas havia também intervenções artísticas multidisciplinares e arrojadas: *performances*, instalações plásticas, teatro, declamações, travestismo, *strip-tease*, etc. Eram espaços de performismo.<sup>289</sup>

Havia, claro, uma grande tolerância sexual. Era normal haver pessoas nuas, dum ou doutro sexo, por vezes em pleno ato sexual, nas pistas de dança. Travestis e transsexuais eram frequentadores assíduos destes espaços. Algumas das vedetas do mundo *pop-rock*, quando estavam em Amesterdão, como os U2 ou os Depeche Mode, iam a estes clubes. Eram locais *gay and drugs friendly*, mas abertos a pessoas de todas as proveniências e opções sexuais.<sup>290</sup>

Variações ter-se-á cruzado esporadicamente com José Salvador, outro Português a viver lá, que testemunha o seguinte: “Ele estava muito na cena *gay*, mas eu não tinha afinidades com esse meio. Lembro-me também que em Portugal a revolução estava a começar e falámos na esperança, que ambos tínhamos, de que as coisas mudassem e o país se tornasse um lugar onde valesse a pena viver”.<sup>291</sup>

Lúcio Carvalho, outro *gay* trota-mundos, que esteve em Amesterdão na mesma altura que Variações, disse a Fernando Heitor que viu o cantor ter lá experiências com

---

<sup>289</sup> Aron Friedman (2014). “Amsterdam most legendary clubs”. *Thump*. 14 de outubro, passim.

<sup>290</sup> Segundo Russel Shorto, o liberalismo e a permissividade de costumes de Amesterdão prende-se com as suas raízes históricas e com o facto de ser uma cidade atravessada por canais, onde a sociedade teve de lutar pela sua independência. Se se quiser aprofundar este *topos*, poder-se-á ler o livro do já citado autor: *Amsterdam: A History of World's Most Liberal City* (2003). Nova Iorque: Penguin Random House Copmanies.

<sup>291</sup> Manuela Gonzaga. (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 125.

alucinogénios. Tal é impossível de comprovar. De todo o modo, não seria nada de estranhar que alguém aberto a novas experiências, sensível à transcendência e à contracultura *hippie*, tivesse experienciado a viagem alucinatória que as drogas, que Timothy Leary advogava como forma de expansão da consciência, proporcionavam.<sup>292</sup> Estranho, sim, seria o facto de que ele, inserido no meio artístico e *gay* holandês, se mantivesse completamente à parte do uso recreativo de drogas que era, e é, uma atividade corrente na capital holandesa e nestes meios onde Variações se movia. Teresa Couto Pinto afirmou, como já vimos, que para Variações: “ir à Holanda era uma experiência mística”.

<sup>293</sup> No mesmo sentido, Fernando Heitor põe esta questão nos seguintes termos:

Eu sei que na Holanda ele experimentou tudo e mais alguma coisa. Agora, se foi um ácido, se foi ter ido para a cama com dez pessoas ao mesmo tempo, não sei... Sei que experimentou a vida que não era a vida que se vivia em Portugal, e isso foi um grande abanão nele. E, de certo modo, não o transformou porque ele já era assim, mas que lhe abriu muitas janelas, se quisermos.<sup>294</sup>

É inegável que nos ambientes onde se movia, quer lá, quer em Lisboa, era usual o consumo de drogas. Fernando Ataíde, seu companheiro durante muitos anos, por exemplo, consumia haxixe. O seu amigo Fernando Heitor também. Teresa Couto Pinto, em entrevista, referiu que consumia a mesma substância. Variações nunca se manifestou sendo contra, nem afastou ninguém por as usar. É muito possível que as tivesse consumido ocasionalmente, o que, atenção, não faria dele, de modo nenhum, um *junkie*, nem colidiria com a sua filosofia de *mens sana in corpore sano*. Faria dele apenas uma pessoa da sua época e dos espaços que frequentava. Carlos Ferreira, mais conhecido pelo seu nome

---

<sup>292</sup> O LSD fazia parte da contracultura dos anos 60. O líder dos *space rockers* Hawkwind, Dave Brock, na edição de agosto de 2018, da revista de música *Uncut*, diz que o seu uso mudou a forma dos Beatles e de Jimi Hendrix escreverem música. Depois acrescentou: “Britain was leading the way, culturally, in the late 60’s, and a lot of that was due to LSD”. Diga-se, a este propósito, que na época, este ácido não era encarado como uma droga, mas sim como uma forma de expansão de consciência.

<sup>293</sup> Manuela Gonzaga. (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 127.

<sup>294</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 477.

artístico, Guida Scarllaty, deu o seguinte testemunho ambíguo: “O António, nunca o vi disparatar, e penso que não tocava em drogas. Mas tinha uns amigos que andavam sempre nos «cheirinhos» e outras coisas que tais. Foi por isso que não estimei mais as suas atuações no Scarllaty”.<sup>295</sup>

Rui Reininho conta que não apreciava haxixe, mas teve experiências com alucinogénios na Bélgica. Após a ingestão destas substâncias, provavelmente LSD, ia com os outros companheiros de viagem para o museus de arte apreciar obras de Bosch e Botticelli. Acerca das suas viagens à Holanda, diz-nos que:

Amesterdão, Groningen, as cidades holandesas eram para mim o paradigma da liberdade. Uma terra de pais liberais. A polícia não era repressiva. Fumava-se nas ruas, nos cafés. (...) diversidade não faltava. Vi teatro balinês, teatro do absurdo, li Artaud, assisti a artes performativas, fui ao Paradiso. Houve uma altura em que apareci no Porto todo vestido de negro, quase sem falar, após uma estadia numa casa de góticos à séria (...) Tomavam psilocibina, catos mexicanos, viam assombrações.<sup>296</sup>

Variações esteve também noutros países. Em Angola, na guerra colonial, e fez muitas outras viagens recreativas: à Alemanha, à Itália, que visitou com Fernando Ataíde, a Java, Marrocos ou à Tunísia onde também ia frequentemente. Disse ao seu irmão Jaime Ribeiro que terá sido neste país que apanhou a doença que acabou por se revelar fatal.<sup>297</sup> Ao seu colega José António Neves contou que teria sido em Java.<sup>298</sup> Rosa Maria, sua amiga, que conviveu com ele, em especial, no Trumps, espaço do qual era uma das gerentes, diz que “Ele viajou muito; conheceu quase o mundo inteiro”.<sup>299</sup> Naturalmente,

---

<sup>295</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006) *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 158.

<sup>296</sup> Citado por Hugo Torres (2016). *GNR: Onde nem a Beladona Cresce*. Porto: Porto Editora, p.30-31.

<sup>297</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 525.

<sup>298</sup> Citada por Maria João Rocha (1996). *A Vida de António Variações*. (Doc.), aos 47, 29 m..

<sup>299</sup> Citada por Maria João Rocha (1996). *A Vida de António Variações*. (Doc.), aos 17.32 m..

fazia amigos e criava relações com as pessoas desses locais, ligadas às artes e à comunidade *gay* internacional.

#### **4.4. O Portugal que Variações habitou: a mentalidade reinante e o seu contrário**

##### **4.4.1. O PREC e o PCC**

A seguir à revolução de abril, o país entrou numa fase de grande instabilidade, designada por PREC, sigla para Processo Revolucionário Em Curso. Nunca Portugal, no seu todo, estivera tão imerso em questões políticas.

Os partidos e ideologias proliferavam e, em consequência, os conflitos dentro da sociedade, muito dividida, por essa altura, faziam-se sentir em catadupa. O país parecia estar partido a meio. Havia quem preconizasse que Portugal deveria ser um país comunista, e, do outro lado da barricada, eram muitos os que se opunham veementemente a isso.<sup>300</sup>

Os ecos deste impasse luso fizeram-se sentir no resto do mundo a vários níveis. A antiga União Soviética e os Estados Unidos da América envolveram-se, através de apoios às fações que lhes interessavam. Em agosto de 1975, na capa da famosa revista *Times*, apareceram caricaturas de Vasco Gonçalves, Costa Gomes e Otelo Saraiva de Carvalho, enquadrados por uma foice amarela, sob fundo vermelho, com o seguinte título: “Red Threat in Portugal”.<sup>301</sup>

Fundaram-se um sem número de partidos, sobretudo de esquerda: PRT, MRPP, PRP-BR, LUAR, FDU, PSCD, MDP-CDE, etc. Havia também movimentos revolucionários que advogavam a revolução através das armas, ou seja, com atos terroristas. Alguns de feição maoísta-leninistas, como, por exemplo, as FP-25 de Abril, lideradas por Otelo Saraiva de Carvalho, um dos capitães de abril, e as Brigadas Revolucionárias, onde pontificava a médica Isabel do Carmo e Carlos Antunes. Outros

---

<sup>300</sup> José Miguel Sardica (2011). *O Século XX Português*. Alfragide: Texto Editores, pp. 127-133.

<sup>301</sup> *Times Magazine* (1975) 11 de agosto. A famosa revista continha também no seu interior um artigo intitulado: “Portugal: western’s Europe first communist country?”.

movimentos terroristas estavam ligados à direita, como o MDL, adstrito ao general Spínola, então em exílio no Brasil, e o ELP, do qual faziam parte ex-membros da PIDE (a polícia política do Estado Novo).<sup>302</sup> A luta esquerda-direita também se fazia por meios extremos. Gallagher informa-nos que “Two underground movements, the Portuguese Liberation Army (ELP) and The Democratic Movement for The Liberation of Portugal (MDLP) helped to orchestrate much of the violence, but a lot of it was also quite spontaneous”.<sup>303</sup>

O Partido Comunista Português foi alvo de inúmeros atentados nas suas sedes. Houve vários mortos, em ambos os lados envolvidos. Duas pessoas morreram, em 1976, num atentado à embaixada de Cuba em Lisboa. No mesmo ano, no centro de trabalhos do PCP morreu uma pessoa. Álvaro Cunhal teve de ser escoltado quando fez uma visita a Alcobaça, em agosto de 1975, dado ter havido uma tentativa de apedrejamento. Houve também uma polémica com o arcebispo de Braga, Francisco Maria da Silva, que fora acusado de levar divisas portuguesas aquando duma viagem para o Brasil. O clérigo ripostou, fazendo saber aos fiéis, na praça central de Braga, a 10 de agosto do mesmo ano, que o comunismo era contra Deus e anticatólico, o que desencadeou a raiva nos populares que logo depois incendiaram a sede desse partido na sua cidade.<sup>304</sup>

As FP-25, nos anos 80, fizeram várias vítimas, por exemplo, nos assaltos a bancos que fizeram ou nos atentados contra administradores de empresas que estavam em conflito com os trabalhadores. Portanto, as questões subjacentes ao PREC e ao Verão Quente de 1975, não acabaram no 25 de novembro de 1975, data em que houve uma tentativa de golpe de estado falhada, por parte de militares ligados à esquerda revolucionária, que eram apoiados pelo PCP e pela UDP. Foram neutralizados por um grupo de militares liderados pelo General Ramalho Eanes. Assim, a ala mais moderada, representada pelo Grupo dos Nove, acabou por prevalecer. Entrou-se, depois, na PCC, o designado Processo

---

<sup>302</sup> Miguel Carvalho (2017). *Quando Portugal Ardeu Histórias e Segredos da Violência Política no pós-25 de Abril*. Lisboa: Oficina do Livro, passim.

<sup>303</sup> Tom Gallagher (1983). *Portugal: a Twentieth-Century Interpretation*. Manchester: Manchester University Press, p. 218.

<sup>304</sup> Tom Gallagher (1983). *Portugal: a Twentieth-Century Interpretation*. Manchester: Manchester University Press, pp-219-222.



Constitucional em Curso. O problema é que muitas destas questões continuaram nos anos seguintes a manifestar-se de várias formas, por vezes, violentamente.

Era também inegável que havia um significativo número de pessoas saudosistas do Estado Novo. Eram frequentes as manifestações de extrema-direita e de nostálgicos desses tempos. A 10 de junho de 1978, houve uma manifestação de teor fascista, organizada pela Comissão Para o Dia de Portugal, que clamava contra a perda das ex-colónias, que terminou com a morte dum contramanifestante, membro da UDP, pela polícia que interveio no local. Dez anos depois, o agente da PSP responsável pelos disparos foi absolvido por falta de provas. Também no Porto se registaram, pela mesma altura, confrontos similares. O funeral do jovem morto foi acompanhado por milhares de pessoas.

305

Sintomático desta divisão no seio da sociedade Portuguesa foi o rocambolesco caso da cabeça de Salazar. A efígie de Salazar, que estava na terra natal do ditador, Santa Comba Dão, tinha sido decapitada aquando da revolução, por militares. Em 4 de fevereiro de 1978, um grupo repôs a cabeça ao ditador, que, nessa madrugada voltou a ser retirada. Houve manifestações populares a favor da estátua no dia seguinte. Interveio a GNR; a multidão apedrejou as autoridades e um tiro perdido atingiu uma mulher que assistia a tudo da sua varanda. A cabeça do ditador só teve finalmente sossego quando o autodenominado Grupo de Resistentes Antifascistas de Santa Comba Dão fez explodir completamente a escultura no dia 16 desse mês. Aliás, organizações extremistas, quer de direita, quer de esquerda, continuam a existir hoje.<sup>306</sup>

Recorde-se, aliás, que Salazar foi considerado no concurso televisivo *Os Grandes Portugueses*, já em 2007, o maior português de sempre, seguido de longe por Álvaro Cunhal, o que espelha bem o lastro temporal destes conflitos na sociedade portuguesa.

Em suma, Portugal, no dealbar do Estado Novo e plena instauração dum regime democrático, vivia uma época de grande instabilidade e mudança.

---

<sup>305</sup> Paulo Silveira e Sousa; António J. Ramalho; Octávio Gameiro (coords.) (2016). *Cronologias do Portugal Contemporâneo: 1970-1979*. Lisboa: Círculo de Leitores, p.503.

<sup>306</sup> Paulo Silveira e Sousa; António J. Ramalho; Octávio Gameiro (coords.) (2016). *Cronologias do Portugal Contemporâneo: 1970-1979*. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 525-526.

#### 4.4.2. Censura no Portugal pós 25 de abril

Sensivelmente a partir de 1976, o país entrou num ciclo de eleições democráticas e começou a aproximar-se da União Europeia. No entanto, nos anos imediatamente a seguir à revolução, nos finais dos anos 70 e década de 80, o clima politicamente exacerbado manteve-se visível em vários setores da sociedade. Além disso, uma grande camada da sociedade portuguesa, embora já não completamente afeta ao Estado Novo, continuou a ter uma mentalidade antiprogressista. E, em certos aspetos, os movimentos de esquerda, mostravam-se tão ou mais retrógrados que os conservadores simpatizantes da direita.

A seguir à revolução, existiu, de facto, uma censura de esquerda, que a geração do pós 25 de Abril, portanto, a geração que fez *o boom do rock*, sentiu na pele e contra a qual teve de lutar com todas as forças. A verdade é que a revolução de 74 não transformou Portugal, por um passe de magia, num país aberto e tolerante. O atavismo continuou muito presente, muitas vezes, em carne viva na sociedade portuguesa. A este propósito, são imensos os exemplos que poderiam ser dados. Vejamos apenas alguns.

Em junho de 1974, dois meses depois da revolução, para assinalar o primeiro Dia de Portugal após a queda de Marcello Caetano, um grupo de ilustres artistas juntou-se para fazer um mural coletivo, na Galeria de Arte Moderna em Belém. Entre eles, João Abel Manta, o surrealista Vespeira, a pintora Menez, Nikias Skapinakis, etc. Havia também espetáculos musicais a acompanhar o evento com a participação da pianista Maria João Pires e do maestro Fernando Lopes Graça. Sem uma explicação plausível, a RTP, que estava a transmitir o acontecimento em direto, resolveu interrompê-lo de repente, supõe-se que por ter sido posto ao Tejo um caixão com a letra S (de Salazar) dentro. Júlio Pomar, alterou imediatamente a sua parte no mural e escreveu lá o seguinte: “A Censura existe”.

<sup>307</sup> Em 1977, nas Caldas da Rainha, ocorreram comportamentos similares. O monumento

---

<sup>307</sup> Joana Stichinini Vilela; Nick Mrozowski; Pedro Fernandes (2017). *LX 70: Lisboa, do Sonho à Realidade*. 2ª. ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote, pp.148-149.

em homenagem ao 16 de março de 1974, criado pelo grupo artístico Acre, exposto no mercado do peixe, foi destruído por anónimos.<sup>308</sup>

Júlio Isidro relata que houve pessoas, provavelmente soldados ligados ao MFA, a partir discos: “Vivíamos num tempo histórico em que muitos senhores, ou alguns senhores, entraram pelas portas da emissora nacional e partiram os discos de fado porque o fado era reacionário”. Eram, portanto, considerados reacionários o fado e o *rock*. A guitarra elétrica e a guitarra portuguesa estavam na mira da esquerda ideológica.<sup>309</sup>

Em 13 de janeiro de 1975, o MLM, o Movimento de Libertação da Mulher, encabeçado pela ativista e poeta Maria Teresa Horta, decidiu fazer uma manifestação no Parque Eduardo Sétimo, assinalando o Ano Internacional da Mulher. Era intenção deste malogrado grupo de ativistas queimarem o que consideravam ser símbolos da opressão machista de que eram alvo: o código civil, revistas de pornografia, tachos e painéis, etc. Ao chegarem lá, foram rodeadas por centenas de homens que violentamente impediram a manifestação, agredindo-as, a elas, e aos filhos que muitas levavam consigo. Ouviam-se vozes a dizer “Dispam-nas que elas já vão ver como é”. Havia homens com crachás do PS, PPD, PCP, MRPP, etc. O conceituado jornalista Adelino Gomes afirmou que, nesse dia, sentiu, pela primeira vez na vida, vergonha de ser homem.<sup>310</sup>

Os homens tinham ocorrido em massa não para apoiar as mulheres, mas sim para as insultar, despir, apalpar e humilhar enquanto gritavam: “mulheres só na cama”, “mulheres em casa a cozinhar”. (...) Segundo Teresa Horta, os partidos de esquerda, que naquele período eram muitos, não se cansaram de acusar as feministas: “Éramos umas feministas loucas que estavam a fugir da luta do povo, da luta colectiva, estávamos a fugir da esquerda, éramos umas burguesas a aproximar da direita... aquilo que nós estávamos a fazer era a divisão da classe operária. O que é uma coisa aterradora, porque aquilo (MLM) era um movimento realmente de esquerda, porque os movimentos feministas têm que estar

---

<sup>308</sup> Paulo Silveira e Silva Sousa; António J. Ramalho; Octávio Gameiro (coords) (2016). *Cronologias do Portugal Contemporâneo: 1970-1979*. Lisboa: Círculo de Leitores, p.485.

<sup>309</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 483.

<sup>310</sup> Cristina Pena (2008). *A Revolução das Feministas Portuguesas: 1972-1975: Do Processo das Três Marias à Formação do MLP*. Lisboa: Universidade Aberta. (Dissertação de Mestrado em Estudos sobre As Mulheres), pp. 101-108.

sempre ligados à classe operária, aos movimentos operários e aos movimentos anti-racistas, sempre!”<sup>311</sup>

No dia 21 de julho de 1974, reuniu-se no Pavilhão dos Desportos de Lisboa o Movimento Nacional Pró-Divórcio que lutava pela alteração da Concordata entre a Santa Sé e o Estado Português. Em 1975 essa alteração, de facto sucedeu, e a Lei do Divórcio foi promulgada em maio desse mesmo ano, podendo as pessoas a partir dali divorciarem-se com alguma liberdade. No entanto, nas eleições de 1979, o então candidato Francisco Sá Carneiro foi vilipendiado e viu o seu nome na lama por manter uma relação em união de facto, aliás assumida por ambos, com a editora da Dom Quixote, Snu Abecassis. Mário Soares, que, por maioria de razões, deveria ser o primeiro a guardar recato, criticou-o, tentando tirar dividendos políticos de tal facto. A mulher do então Presidente da República, Manuela Ramalho Eanes recusou-se a aparecer numa cerimónia onde Snu estaria presente. A própria mulher do líder do PPD não lhe facilitou nunca os termos do divórcio.<sup>312</sup>

Ficou famosa a discussão no parlamento, acerca da despenalização do aborto, em março de 1982, proposta pela então comunista Zita Seabra, com uma intervenção derrisória de Natália Correia a propósito do comentário de um deputado do CDS, João Morgado, que preconizava o ato sexual apenas para procriação. Se calhar não estava sozinho nas suas convicções pois o projeto lei não passou. Natália Correia foi, aliás, a única pessoa do PSD a votar a favor. Na verdade, a interrupção voluntária da gravidez só foi legalizada, por referendo, no século XXI, em 2007, o que atesta a lenta evolução portuguesa, neste tema.

313

---

<sup>311</sup> Cristina Pena (2008). *A Revolução das Feministas Portuguesas: 1972-1975: Do Processo das Três Marias à Formação do MLP*. Lisboa: Universidade Aberta. (Dissertação de Mestrado em Estudos sobre As Mulheres), pp. 103-104.

<sup>312</sup> Joana Stichinini Vilela; Nick Mrozowski; Pedro Fernandes (2017). *LX 70: Lisboa, do Sonho à Realidade*. 2ª. ed.. Lisboa: Publicações Dom Quixote, pp.216-217. Vd. também a reportagem televisiva “Sá Carneiro e Snu abecassis viveram uma história de amor e coragem”. Disponível em: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/politica/sa-carneiro-e-snu-abecassis-viveram-uma-historia-de-amor-e-coragem/5aad547d0cf248c46ec49148>

<sup>313</sup> Paulo Silveira e Silva Sousa; António J. Ramalho; Octávio Gameiro (coords) (2016). *Cronologias do Portugal Contemporâneo: 1980-1989*. Lisboa: Círculo de Leitores, p.127.

Se Salazar, através do seu ministro da propaganda, António Ferro, incentivou os ranchos folclóricos, também a Festa do Avante, nas suas bem-sucedidas estreias, na FIL em 1976 e no Hipódromo do Jamor no ano seguinte, para além da presença de cantores adstritos à resistência antifascista como Adriano Correia de Oliveira, José Jorge Letria, Fernando Tordo e Paulo de Carvalho, não dispensou nunca a pitoresca presença de ranchos folclóricos.

Oliveira Salazar não permitiu a entrada da Coca-Cola em Portugal, <sup>314</sup> por ser um símbolo duma sociedade moderna, algo que ele abominava e que o disse, com todas as letras, ao diretor da empresa, A. Makinsky, responsável pela comercialização da Coca-Cola na Europa:

(...) sempre me opus à sua aparição no mercado português. Trata-se daquilo a que eu poderia chamar «a nossa paisagem moral». Portugal é um país conservador, paternalista e – Deus seja louvado - «atrasado», termo que eu considero mais lisonjeiro do que pejorativo. O senhor arrisca-se a introduzir aquilo que eu detesto acima de tudo, ou seja, o modernismo e a famosa «efficiency». Estremeço perante a ideia dos vossos camiões a percorrer, a toda a velocidade, as ruas das nossas velhas cidades, acelerando, à mediada que passam, o ritmo dos nossos hábitos seculares. <sup>315</sup>

Amália, por seu turno, e ao contrário de Pessoa, tê-la-ia provado no estrangeiro, mas não a apreciou. Estranho (ou não) é que, depois do 25 de abril, a entrada da Coca-Cola continuou a ser bloqueada, agora, porque simbolizava o capitalismo hegemónico norte-americano. Assim, este refrigerante só entrou em Portugal, três anos depois da revolução, em 4 de julho de 1977, após intensas negociações que envolveram o Ministério da Saúde e a Secretária de Estado da Indústria. <sup>316</sup>

---

<sup>314</sup> Em Portugal continental, pois, nas colónias, este refrigerante era vendido e consumido livremente.

<sup>315</sup> Citado por Nuno Rosmaninho (2009). *Património e Identidade: Aspectos da Reinvenção de Portugal nos Séculos XIX e XX (relatório)*. Universidade de Aveiro. (exemplar policopiado), pp. 79-80.

<sup>316</sup> Paulo Silveira e Silva Sousa; António J. Ramalho; Octávio Gameiro (coords) (2016). *Cronologias do Portugal Contemporâneo: 1970-1789*. Lisboa: Círculo de Leitores, p.477.

Por razões de índole semelhante, havia um boicote ao uso de guitarras elétricas. Estes instrumentos, para além de serem considerados um produto de luxo, pelo que tinham de pagar um dispendioso imposto adicional, não eram vistos com bons olhos. O então baixista e letrista dos Heróis do Mar, numa entrevista em que se queixa da censura feita recentemente por alguns média aos Madredeus, sobre o pós 25 de Abril, explica:

(...) estávamos num tempo em que até a guitarra elétrica era reacionária, ou um amplificador Fender, porque era americano, tinha um gajo a dar-lhe pontapés porque não era português. Ao contrário do que as pessoas pensam hoje, discutia-se à boca cheia o futuro de Portugal por quem nunca tinha saído de Lisboa.<sup>317</sup>

A geração do *boom* teve nos cantores de intervenção e na sua ideologia um dos obstáculos a transpor. Os cantores advindos dos movimentos de resistência ao Estado Novo eram a favor de espetáculos grátis ou com um *cachet* baixo e advogavam meios parcos e acústicos nas atuações.

As canções de intervenção eram feitas para educar o povo, para, utilizando uma linguagem da época, “instruir politicamente o proletariado”. A canção era servil e subsidiária da ideologia. Ora, a geração musical na qual Variações se integrava, propunha, não só o oposto disto, bem como, contra a influência da canção de protesto brasileira ou dos cantores da *chanson* francesa, preconizava antes modelos musicais advindos dos universos não marxistas, portanto, democráticos e anglo-saxónicos. Pedro Ayres Magalhães explicita:

Havia uma vontade de mudar as coisas porque o ambiente era contra a guitarra elétrica. Repare: o ambiente em Portugal, nessa altura, era contra a guitarra elétrica, os

---

<sup>317</sup> Citado por João Céu e Silva (2015). “Pedro Ayres Magalhães: «Só passam na rádio duas músicas dos Madredeus. É uma censura terrível””. *Diário de Notícias*, 24 de agosto.

amplificadores, contra a Coca-Cola porque era um símbolo do imperialismo. A ideia destas pessoas era tocar apenas com uma viola acústica, com o mínimo de recursos.<sup>318</sup>

Refere também que essa geração não encarava bem os jovens músicos do pós 25 de abril: “Os músicos que há agora são os mesmos que havia nessa altura: o Fernando Tordo, o Carlos do Carmo, o José Mário Branco, o Sérgio Godinho, etc., e *menina não entra*, compreende?... Era o Paulo de Carvalho, o Carlos Mendes, o Tozé Brito, etc. Era como o Clube do Bolinha!”<sup>319</sup>

Talvez o único músico adstrito à canção de intervenção que fez a ponte com esta geração foi Sérgio Godinho, não só porque, para lá de Brel e de Caetano Veloso, tinha igualmente muitas referências anglófonas, como os The Beatles e Bob Dylan, mas, sobretudo, porque soube interagir, rodear-se sempre de músicos mais jovens do que ele, correlacionados com a moderna música portuguesa.<sup>320</sup>

Para este clima de censura pós 25 de Abril, contribuiu o facto de muitas das pessoas à frente dos média serem simpatizantes de partidos de esquerda, nomeadamente do PCP.

O escritor José Saramago, por exemplo, em abril de 1975, esteve por detrás do saneamento de vinte colegas seus do *Diário de Notícias* que pretendiam fazer um jornalismo independente. Mas este não foi caso único. Também houve saneamentos naquele que era o jornal mais vendido de então, *O século*, e foi criado um Comité de Vigilância para impor uma linha editorial próxima do PCP.

Neste contexto, os Heróis do Mar, devido às temáticas relacionadas com a expansão marítima portuguesa e a literatura clássica nacional presentes nas suas canções, e à correspondente indumentária usada por eles, foram acusados de serem fascistas, pelo

---

<sup>318</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 499.

<sup>319</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 498. O clube do Bolinha refere-se a um grupo de meninos numa famosa banda desenhada dos anos 80, A Mónica, que não permitiam a entrada de meninas. Mónica fazia sempre por furar estas regras. A metáfora que Pedro Ayres Magalhães usa é evidente.

<sup>320</sup> É o caso dos Clã, com quem fez o disco, *Afinidades*, em 2001, ou de Nuno Rafael, seu diretor artístico e principal colaborador desde há muitos anos, advindo do movimento *punk*, tendo feito parte dos Peste & Sida e dos Vómito. Este músico foi, junto com Hélder Gonçalves, um dos arranjadores do projeto Humanos, que trabalhou canções inéditas de Variações.

jornalista e crítico musical, António Duarte, no jornal *Sete*, em novembro de 1981. Nesse artigo, o articulista escreveu que a imagética usada pelo grupo “é objetivamente fascista”. O que leva a perguntarmo-nos se, porventura, os coetâneos neorromânticos Duran Duran, Adam and The Ants ou os Spandau Ballet também seriam adeptos da Mocidade Portuguesa e apaniguados do Estado Novo?!...<sup>321</sup>

As canções dos UHF, por causa de versos como “Na tua cama/fui de rapaz até homem”, foram censuradas por algumas rádios. A canção “Na Tua Cama” chegou a ser retirada do ar já depois de ter ocupado o lugar n.º 1 dessa rádio, desaparecendo misteriosamente do *airplay*.<sup>322</sup>

O tema “Avé Maria” dos Xutos & Pontapés, que questionava, de modo não ofensivo, as aparições de Fátima, foi proibido na Rádio Renascença, em 1982. E, no novo século, uma outra canção do mesmo grupo, “Sem Eira nem Beira”, de 2009, que se referia ao primeiro-ministro José Sócrates, foi alvo duma censura encapotada. Segundo o grupo, apesar de a canção ter um assinalável sucesso na *internet*, grande parte das rádios não a passou.<sup>323</sup>

Nuno Krus Abecassis, quando era Presidente da Câmara de Lisboa, em 1985, disse que se o filme de Jean Luc Godard, *Je Vous Salue Marie*, que recriava livremente o tema da Imaculada Conceção, fosse exibido na Cinemateca, ele entraria para “escaqueirar tudo” pois, “com a Nossa Senhora não se brinca”. Posteriormente, organizou uma manifestação contra a exibição do filme.<sup>324</sup>

Em junho de 1987, sob a vigência dum governo de direita, liderado por Cavaco, Silva, Herman José foi suspenso por unanimidade pelo Conselho de Gerência da RTP

---

<sup>321</sup> António Duarte (1981). “Heróis do Mar, uma banda fascista?”. *Sete*, n.º.180, de 18 a 24 de novembro, pp-20-21.

<sup>322</sup> O líder dos UHF refere várias canções censuradas, mas não identifica as estações de rádio em questão. António Manuel Ribeiro (2014). *Por Detrás do Pano: 35 Histórias contadas na Rádio & Outras Confissões*. Lisboa: Chiado Editora, pp. 81-83.

<sup>323</sup> Ana Cristina Ferrão (1991). *Conta-me Histórias: Xutos & Pontapés*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 58-63. E também: Alexandra Carita (2009). “Música anti-Sócrates dos Xutos varrida da Rádio”. *Expresso*.

<sup>324</sup> Afonso Cortez (2016) “Quando o cinema incomodava... Parte I: *Eu Vos Saúdo Maria*”. *Esc:ala : Revista Eletrónica de Estudos e Práticas Interartes*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.



devido a um *sketch* cómico em torno da Rainha Santa Isabel. Portanto, quer a esquerda, quer a direita, espelhando a sociedade de então, mostravam-se altamente conservadoras e com uma forte vocação censória.

Saramago, que censurara os seus colegas jornalistas do *Diário de Notícias*, acabaria por ser vítima de processo censório em 1998. O então subsecretário de Estado da Cultura, António Sousa Lara, impediu a obra do futuro nobel, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de participar no importante Prémio Literário Europeu, por esta, segundo ele, não representar o património religioso português.

Relativamente à condição homossexual, este ambiente fechado com vocação inquisitorial, que temos estado a descrever, era muito similar. Simbolicamente, a 13 de maio de 1974, foi publicado, no *Diário de Notícias* e no *Diário de Lisboa*, o Manifesto Liberdade para as Minorias Sexuais, escrito pelo Movimento de Acção Homossexual Revolucionário. Em resposta, Galvão de Melo, membro da Junta de Salvação Nacional, foi à RTP dizer que “O 25 de abril não foi feito para os homossexuais e as prostitutas reivindicarem”.<sup>325</sup>

Se Galvão de Melo estava relacionado com uma ala mais à direita da Junta de Salvação Nacional, também é verdade que a esquerda, nesta matéria e noutras relacionadas com os costumes, estava em perfeita sintonia com os seus adversários políticos. António Fernando Cascais, investigador da História dos Movimentos LGBT em Portugal, diz que: “Galvão de Melo representava a ala direita do Movimento que foi contestado pela esquerda. Era a voz da reação. Mas a ala esquerda tinha um discurso político dominante avesso aos direitos GLBT”.<sup>326</sup> Exemplo disto, foi o documento elaborado, durante o PREC, por um trabalhador da RTP filiado no Partido Comunista que, por pertencerem à direita e dois deles por serem homossexuais, exigia o saneamento de 52 colegas.<sup>327</sup>

---

<sup>325</sup> Rui Oliveira Marques (2017). *T: Histórias da Noite Gay de Lisboa*. Lisboa: Alêtheia Editores/Ideia-Fixa, pp.15-16.

<sup>326</sup> Citado por Rui Oliveira Marques (2017). *T: Histórias da Noite Gay de Lisboa*. Lisboa: Alêtheia Editores/ Ideia-Fixa, p. 16.

<sup>327</sup> Citado por Rui Oliveira Marques (2017). *T: Histórias da Noite Gay de Lisboa*. Lisboa: Alêtheia Editores/ Ideia-Fixa, p. 16.

Na verdade, só decorridos 8 anos após a Revolução dos Cravos, em 1982, é que a homossexualidade foi despenalizada. Ainda assim, numa portaria onde se elencavam as inaptidões para o serviço militar continuou a ser apontada a homossexualidade como uma das razões para a exclusão.

Os movimentos associativos GLBT só se tornaram viáveis nos anos 90, onde, entre outros, surgiram: a ILGA-Portugal, em 1995, a Opus Gay, em 1997, e o Clube Safo, em 1996. Por esta mesma altura, em 1996, teve lugar a primeira edição do Festival de Cinema Gay e Lésbico de Lisboa. Contudo, no pós 25 de abril, todas as tentativas de criar um movimento associativo coeso redundaram em fracasso. O Coletivo de Homossexuais Revolucionário (CHOR) nasceu em 1980 e terminou em 1984; o mesmo percurso teve o Movimento Homossexual de Ação Revolucionária (MHAR). Na verdade, só após o trágico aparecimento da Sida é que movimentos GLGBT se implantaram verdadeiramente em Portugal. De modo incisivo, Cascais traça assim o retrato da relação do pós 25 de Abril com a questão *queer* e homossexual:

Do mesmo modo, a participação nas actividades políticas oposicionistas de pessoas, inclusive figuras públicas, declarada ou reconhecidamente homossexuais, que as houve, de maneira alguma significava que a agenda genericamente antifascista, anticolonialista e, nos sectores marcadamente marxistas, anticapitalista, fosse suficientemente aberta para admitir, nem sequer no seio da sua “questão cultural”, qualquer veleidade de emancipação homossexual. Com efeito, a esquerda portuguesa passou em grande medida ao lado das transformações culturais que ocorriam nos outros países nas décadas de 1960 e 1970, que foram fundamentais para o processo de renovação das esquerdas europeias. (...) As primeiras manifestações de um movimento homossexual embrionário são fruto da iniciativa de escassas pessoas individuais, que se identificam decididamente com a(s) esquerda(s), mas dissociadas das organizações partidárias e sindicais em cujo interior as identidades e as reivindicações dos homossexuais não encontram qualquer receptividade nem, conseqüentemente, possibilidade de expressão. (...) As esquerdas conservaram em larga medida características arcaizantes moldadas no decurso de uma longa oposição a um regime ditatorial cuja acção se pautava, ela própria, pela manutenção programática do quadro de atraso estrutural do país e do seu papel de intermediação, enquanto potência

colonial, no âmbito das relações mundiais. A esquerda partidária e sindical, sobretudo comunista, dotada de uma estrutura organizada que lhe permite implantar-se de imediato e adquirir uma ampla influência, define-se em função do ruralismo tradicional e do industrialismo do século XIX e é herdeira directa da cultura neo-realista que, como logo o notou Eduardo Lourenço (1978), veicula uma imagem populista idealizante do povo português que prolonga e chega a reforçar, mas não subverte, o nacionalismo do Estado Novo.<sup>328</sup>

Em suma, foi este o país no qual Variações, artista vanguardista, fez o seu custoso percurso de vida pessoal e encetou a sua carreira artística, e, também por isso, foi sempre uma figura não consensual. E ele era o primeiro a ter consciência disso. Não foi por acaso que afirmou:

Tento chamar a atenção de quem está a assistir aos meus espetáculos para determinados problemas que ainda hoje nos afetam. Sei o que sou. Sou um homem assumido que sabe o que quer. Tento desmistificar determinados preconceitos. (...) mexer com as pessoas, fazê-las pensar, alargar as suas vias de vida, fazê-las reflectir, ajudá-las a libertarem-se de coisas ridículas, mesquinhas, fachadas idiotas e tirar-lhes uma máscara que não é possível manter nos tempos que correm.<sup>329</sup>

---

<sup>328</sup> António Fernando Cascais (2009). “Diferentes como só nós: o associativismo GLBT em três andamentos”. In *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 76, dezembro, p. 110 et. seq..

<sup>329</sup> S/A (1983). “António Variações: «Não sou oportunista»”. *Coquete*, n.º. 21, de 27 de outubro a 2 de novembro, p.2.

#### 4.5. A *Movida* Lisboeta dos anos 80<sup>330</sup>

##### 4.5.1. A Geração intelectual lisboeta dos anos 80 entre o Frágil e o Dramático de Cascais

Mau grado a extremada politização da vida social e o atavismo reinante em muitos setores da sociedade portuguesa havia igualmente muita esperança numa efetiva mudança do país que o aproximasse do nível de vida económico, mas também intelectual, dos países mais desenvolvidos. As pessoas que estavam na casa dos vinte, trinta, muitos deles estudantes universitários ou artistas, académicos e jornalistas em início de carreira, aquando da revolução, estavam seriamente empenhadas numa mudança de costumes e da moral e, simultaneamente, estavam decididas a afirmarem-se nos seus campos profissionais, tentando tornar-se uma alternativa viável às gerações imediatamente anteriores, cujos valores lhes pareciam ultrapassados. Era urgente a mudança da paisagem estética, intelectual e moral do país.

Assim, os novos escritores pretendiam ir contra as propostas estéticas do neorrealismo, tão em voga apenas uns anos antes. Na verdade, da geração anterior só os que souberam fazer a transição para os novos valores estéticos, abandonando a cartilha neorrealista, como Virgílio Ferreira e José Cardoso Pires, puderam continuar a sua carreira com sucesso no pós 25 de Abril. Editoras como a &etc. ou a Fenda solidificaram-se por esta altura, fazendo a divulgação de obras antagónicas aos modelos literários anteriores. Autores como Al Berto, João Miguel Fernandes Jorge, Alberto Pimenta, Manuel Silva Ramos e Pedro Paixão optavam pela experimentação e pelo alargamento dos territórios literários.

Nos jornais, a crónica tornou-se um género amplamente lido e comentado. Para lá da preponderância da esquerda nas lides jornalísticas, surgiram novos cronistas sem medo de se afirmarem não alinhados com as correntes marxistas-leninistas, maioritárias por essa altura, como Miguel Esteves Cardoso, Paulo Portas e Vasco Pulido Valente. A breve

---

<sup>330</sup> A expressão “movida” designava originariamente o movimento boémio e artístico de Madrid do final dos anos 70 e anos 80, onde pontificavam nomes como os cineastas Pedro Almodóvar e Fernando Trueba e os grupos de *rock* Radio Futura e os Kaka de Luxo. Dados os evidentes paralelismos, a expressão tem sido transposta para a realidade intelectual e artística lisboeta dos anos 80.

trecho, foram fundados novos jornais próximos da direita intelectual: o *Semanário*, fundado em 1983 por Marcelo Rebelo de Sousa e Daniel Proença de Carvalho, o *Independente*, em 1988 por Paulo Portas e Miguel Esteves Cardoso e a *Revista Kapa*, já em 1990, com Pedro Rolo Duarte e Miguel Esteves Cardoso, uma vez mais, ao leme.<sup>331</sup>

Curiosamente, no cinema não parecia haver nenhuma divisão geracional assinalável. Realizadores como João Botelho ou João Mário Grilo assumiam-se como devedores da geração imediatamente anterior, não poupando elogios a antecessores como Manuel de Oliveira ou Paulo Rocha. Também o conceituado produtor Paulo Branco iniciou a sua profícua atividade na década de 80.

Como já vimos, os jovens músicos do *boom* pugnavam por valores antagónicos aos da geração dos cantores de intervenção e do nacional cançonetista. O cantor Carlos Mendes, afeto a este último subgénero, relata-nos a sua experiência:

Julgo que me tentaram afastar por razões políticas. Desde a década de 70 até 1982 fui militante do Partido Comunista... E também terá tido a ver com uma política estratégica das editoras que, nos anos 80, quiseram acabar com a música que se fazia em Portugal nos anos 70, a chamada «música de combate». Quiseram boicotar e destruir o passado para apostar naquilo que ficaria conhecido como *rock* português. (...) Mas esse corte foi transversal em tudo o que se fazia em Portugal, da literatura à pintura, a tudo o que era nosso.<sup>332</sup>

Para a juventude artístico-intelectual dos anos 80 lisboetas, que atuava em várias frentes, o panorama português era, em grande medida, desolador, passadista e considerado atrasado. Eram jovens habituados a conhecer as capitais anglo-saxónicas, seja, como já vimos, através do interrail ou de outros meios.

---

<sup>331</sup> Cf. Kapa (Blogue) e Ricardo Marchi (coord.) (2016). *As Direitas na Democracia Portuguesa: Origens, Percursos, Mudanças e Novos Desafios*. Lisboa: Texto Editores, passim.

<sup>332</sup> Citado por Anabela Pereira Fernandes (2018). “Eu gosto é desta vida de artista”. *Nova Gente*, nº.2175, semana de 17 a 23 de maio, p.72.

Ricardo Pais, futuro diretor do Teatro Nacional São João, como já vimos, licenciou-se em Londres em encenação, no Drama Centre, Reininho viveu também um período de tempo assinalável nessa cidade. O poeta Al Berto viveu em Bruxelas, Jorge Palma em Paris e Dinamarca. O insigne radialista António Sérgio ia frequentemente a Londres, donde trazia muitos discos. Ana Silva também viajou muito para Londres, acabando por viver lá e fazer parte das seminais The RainCoats, uma relevante banda Inglesa do pós-*punk*, considerada pioneira e uma referência para as *riot girrls* que surgiram depois, nos anos 90.<sup>333</sup> Midus, a vocalista e baixista dos *one hit wonders* Roquivários, criadores de “Cristina”, fez um percurso paralelo, tornando-se, em Inglaterra, uma conceituada música, requisitada para tocar com nomes como Melanie C, Anne Clark ou Tanita Tikaram. Paulo Pedro Gonçalves, guitarrista dos Corpo Diplomático e Heróis do Mar, viajava amiúde para Nova Iorque – hoje vive em Londres, onde tem um reputado *atelier* de roupa, Pavement, que já criou roupa para filmes e para músicos como os Blur e David Bowie.

Lisboa continuava a ser uma cidade fechada, cujos espaços de convívio social pouco tinham mudado com a revolução. Havia poucas discotecas e as que havia não passavam a música que esta geração queria ouvir. A *new wave* e o *punk* eram praticamente desconhecidos entre nós. A rádio seguia o mesmo marasmo estético. “Não havia discos do Springsteen. O disco dos Sex Pistols chega cá mais tarde”, informa Rui Pregal da Cunha, vocalista dos Heróis do Mar.<sup>334</sup> O seu *compagnon de route*, Pedro Ayres Magalhães, complementa: “Há uma revolução musical do mundo inteiro, mas aqui tudo isto era chinês, nem passava ainda na Rádio. Passava o Génesis, os Dire Straits, o Peter Gabriel, os Pink Floyd e mais nada. Nem Santana nem Jimi Hendrix! Só mesmo o Top.”<sup>335</sup>

Mas, mesmo a outros níveis, havia muito em falta. Não havia muitos espaços condignos para apresentar obras de arte contemporâneas, por exemplo. Os jovens não tinham lojas de roupa sintonizadas com os seus gostos. Como testemunha o já citado

---

<sup>333</sup> As *riot girls* é uma expressão que designa uma série de grupos de *rock* de sonoridade áspera, em especial dos anos 90, constituídos por mulheres, como as L7, as Breeders e as Hole, que começaram a escrever dum ponto de vista feminino mais direto e cru, trazendo as questões feministas e de género para o mundo da música *rock*. De certo modo, foram o contraponto feminino do *grunge*.

<sup>334</sup> Citado por João Bonifácio (2011). “A história deificá-los-á”. *Público* (suplemento *Ípsilon*), 23 de novembro.

<sup>335</sup> Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 131.

Pregal da Cunha, no artigo assinado por João Bonifácio, “este era um país onde todos vestiam de igual”. No mesmo sentido, interrogado acerca do que era moda para ele, Variações disse: “Como farda nacional, detesto. Como arte, gosto”.<sup>336</sup> Também espaços de repasto condigno, que servissem comida portuguesa com a dignidade que ela merecia eram escassos, e a cozinha de origem étnica era praticamente inexistente. Havia alguns sítios onde se podia saborear comida Africana e nada mais.

E, note-se que, em relação ao que tenho estado a assinalar, estamos a falar da capital: agora, imagine-se o panorama no resto do país.

#### **4.5.2. Orgulhosamente acompanhados**

Querer, de algum modo, uniformizar a geração de artistas e intelectuais dos anos 80 é obviamente uma falácia e devo chamar a atenção para ela. Por exemplo, as crónicas de Miguel Esteves Cardoso não eram similares às de Pedro Rolo Duarte nem às de Miguel Sousa Tavares, nem a sonoridade dos UHF era semelhante à de Rui Veloso ou dos Táxi. Mas essa será também uma característica geracional: o elogio da diferença e da diversidade.

Apesar das muitas divergências estéticas e ideológicas, havia, sem dúvida, traços em comum. Era uma geração que achava que tinha o direito a exprimir-se de modo completamente livre e a construir um país moderno, culto, em sintonia com o resto do mundo ocidental:

Todas as pessoas que viveram essa época tentando criar alguma coisa, de certo modo, as pessoas que hoje estão na origem da indústria, que hoje estão a dirigir a indústria discográfica ou do espetáculo, que são hoje artistas afirmados, são tudo pessoas que nasceram comercialmente e artisticamente nessa época. Todas elas tinham esse sentimento «nós estamos aqui, mas não pertencemos a isto. E se pertencemos é preciso fazer alguma

---

<sup>336</sup> Citado por Pedro Duarte (1983). “Cantor, barbeiro, «anjo da guarda»; António Variações: o dever da diferença”. *Sete*, 30 de março, p. 4.

coisa para transformar isto, esta estupidez e esta vida medíocre que se vive em Lisboa e se vive em Portugal». <sup>337</sup>

À semelhança das discotecas de Madrid, do Studio 24 em Nova Iorque ou do Blitz em Londres, foram sendo criados espaços de agregação social, bares e espaços de dança, onde todos estes intervenientes se podiam encontrar para conviver. Assim nasceu a designada *Movida Lisboeta dos Anos 80*, da qual António Variações foi, não só um dos mais destacados elementos, bem como um dos seus mais eternos epítomes. O seu epicentro localizava-se principalmente no Bairro Alto, sobre o qual, o cantor disse: “O Bairro Alto é o bairro mais real, mais divertido e mais livre de Lisboa”. <sup>338</sup> Luís Pedro Nunes retrata assim estes espaços:

O Trump's, ali ao Príncipe Real (...) começou por ser o primeiro local onde era possível fugir ao pesadão Portugal do pós 25 de Abril. Nem era *gay* nem hetero. Era tolerante e espampanante. E, ao contrário do que podem vender as crónicas sociais, a sociedade portuguesa dos anos 80 não primava pela aceitação de novas ideias. A roupa da Maçã, loja de Ana Salazar, na Rua do Carmo, não era propriamente consensual; os "vanguardistas" tipo londrino acabavam insultados na rua (sim, passear no Chiado era melhor ser a passo largo), os "neorromânticos" esses ui...(...) A 500 metros, a multidão amontoava-se perante a porta do Frágil! (...) O Frágil «criou» o Bairro Alto. O Frágil e o Pap'Açorda. <sup>339</sup>

Mas a *movida* propagou-se também a outros locais, como o Cais do Sodré, onde estava a discoteca Jamaica, e, no início dos anos 90, Mónica Calle fez espetáculos semanais em que, sem roupa, num vetusto armazém, declamava poesia de Rimbaud.

Estas discotecas tinham como características serem espaços de alternativa ao conservadorismo reinante. À noite, uma plêiade de artistas e intelectuais das mais diversas

---

<sup>337</sup> Citado por Maria João Rocha (1996). *A Vida de António Variações*. (Doc.), aos 11, 48 m..

<sup>338</sup> Citado por Pedro Duarte (1983). “Cantor, barbeiro, «anjo da guarda»; António Variações: o dever da diferença”. *Sete*, 30 de março, p. 4.

<sup>339</sup> Luís Pedro Nunes (2018). “A nossa movida”. *Expresso*, 25 de março.



áreas juntavam-se ali para conviverem, beberem, dançarem e trocarem ideias. Entre eles, e para citar apenas alguns: Eduardo Prado Coelho, Al Berto, Clara Ferreira Alves, Augusto M. Seabra, Rui Monteiro, Pedro Cabrita Reis, Alexandre Melo, Edgar Pêra, Rita Blanco, Ana Bola, Miguel Esteves Cardoso, Zé Pedro, Pedro Ayres Magalhães, Rodrigo Leão, etc. Também Rui Reininho, dos GNR, ou Adolfo Luxúria Canibal, dos Mão Morta, eram frequentadores destes clubes noturnos, até porque ambos estudavam, por esta altura, em Lisboa, Cinema e Direito respetivamente, integrando-se no espírito da *movida*. A estilista Eduarda Abondanza descreve, as pessoas desse movimento, deste modo:

Todo esse movimento que aconteceu no início dos anos 80 foi uma coisa geracional. Havia um grupo de gente de várias idades, que abrangia todas as artes, movimentava-se numa trajetória alternativa e afirmava-se na tentativa de encontrar um espaço comum. Parecia que tudo poderia ser começado. A cultura contemporânea estava por fazer, e nós tínhamos tudo para renovar. Todos queriam fazer coisas novas, todos queriam ser estrelas.<sup>340</sup>

Os frequentadores eram convidados amiúde a intervir nestes espaços com a sua arte. Por exemplo, Pedro Cabrita Reis, em 1985, pintou e interveio na decoração do Frágil.<sup>341</sup> Variações chegou a cortar cabelos num barbeiro-*happening* no Frágil, vestindo-se de modo oriental, com um chapéu turco.

Todas estas casas eram extremamente seletivas na entrada dos clientes. Ou eram gente do meio artístico e/ou tinham de se destacar pelo arrojo da sua indumentária. Por outro lado, havia uma grande permissividade de costumes. Pessoas de todas as opções sexuais eram, não só plenamente aceites, mas também muito bem-vindas. Ocorriam, por vezes, cenas de intimidade a que ninguém ligava grande coisa, encarando-as com perfeita normalidade. Eram, portanto, também espaços de sedução. Carlos Mendonça, o primeiro

---

<sup>340</sup> Ana Soromenho (2013). “Quando a noite explodiu na cidade”. Expresso, 23 de novembro.

<sup>341</sup> Manuel Graça Dias; João Pinharanda (1985). “Frágil, sob camadas de tinta”. *Arquitetura Portuguesa* nº. 4, ano I, 5ª série, passim.

gerente do Trumps, conta que só teve de intervir uma única vez quando duas mulheres estavam estendidas no chão em pleno ato sexual; de resto, não ligava ao que se passava.<sup>342</sup>

Havia figuras emblemáticas, verdadeiros empreendedores, na criação desta *movida*. Por exemplo, o empresário Manuel Reis, fundador do celeberrimo Frágil e antiquário, que encomendava peças de *design* originais aos artistas recém-saídos das Belas-Artes, dono também do restaurante Papa-Açorda, famoso pela decoração e pela comida tipicamente portuguesa, onde Variações tinha conta aberta.<sup>343</sup> Ou o manequim afro-português conhecido como Zé da Guiné, que trabalhou em vários destes locais.<sup>344</sup> Enfim, numa sociedade onde ainda vigorava o cinzentismo esta geração de criadores e empreendedores encontrava-se nestes espaços de fruição, cor e liberdade. A canção intitulada “Frágil” de Jorge Palma, ou a “Baum” dos Ena-Pá 2000 ou mesmo a “Canção de Engate” descrevem estes ambientes nas letras-poemas. Outra canção de Variações, “Dar e Receber” é usada no sítio na rede dedicado à memória do Frágil, como uma espécie de hino desse espaço e dessas vivências:<sup>345</sup>

Dar, dar,

Dar e receber

Dar, dar

Dar e receber

Devia ser a nossa forma de viver

Dar, dar,

Dar e receber

---

<sup>342</sup> Citado por Rui Oliveira (2017). *T: Histórias da Noite Gay de Lisboa*. Lisboa: Alêtheia Editores/Ideia-Fixa, p. 21.

<sup>343</sup> Joana Stichinini Vilela; Nick Mrozowsky; Pedro Fernandes (2016). *LX 80: Lisboa entra Numa Nova Era*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, pp. 60-63.

<sup>344</sup> Raquel Carrilho (2012). “Zé da Guiné: o homem que fazia acontecer”.

<sup>345</sup> Manuel Reis; Catarina Portas, Tiago Manaia. *Frágil*. (sítio na rede).

Dar, dar,

Dar e receber

Fazer a troca sem ganhar nem perder (...)

Trocar o corpo

Trocar a voz

Trocar o canto

Para não cantarmos sós<sup>346</sup>

Em suma, António Variações estava longe de estar isolado na sua demanda. A sua única diferença em relação a esta geração seria certamente a sua falta de formação académica, que ele compensava com a sua imaginação criadora, estando sempre atentíssimo, a par de tudo o que de mais atual se ia fazendo na música e noutras áreas artísticas. Além disso, as suas opções sexuais eram completamente aceites dentro da *movida* (era apenas um entre outros), o que seria também importante para ele.

#### **4.5.3. A exuberância enquanto valor estético: o início da indústria da moda e do estilismo em Portugal**

Do modo significativo, António Variações dizia sobre moda o seguinte: “A moda é uma arte que deixa de o ser quando se generaliza a toda a gente. A forma como me visto não é estudada. Visto-me consoante a inspiração do momento”.<sup>347</sup> E ele estava longe de ser a única pessoa a vestir-se de modo exuberante na Lisboa de então.

---

<sup>346</sup> Cf. Anexo n.º 1, p. 338.

<sup>347</sup> Citado por Cláudia Baptista (1983). “A infância desconhecida do cantor exótico. António Variações: «O meu êxito é uma vingança»”. *Sete*, 20 de julho, p. 12.

Fazia parte integrante da afirmação diferenciadora da juventude e da *movida lisboeta* o uso de roupa pouco convencional. Esta era encarada como tendo um valor estético e identitário em contraste com o resto da sociedade que se vestia uniformemente. Aliás, Variações disse várias vezes que não se preocupava com moda, mas sim com questões de estética. Ou seja interessava-lhe o estilismo, mas no sentido diferenciador, individualizante. Ele assistiu a desfiles de moda. Helena Vasconcelos explicita o espírito da época, o culto da extravagância:

Na amálgama de gente, a individualidade era de rigor. Não importava o que cada um era, mas sim como aparecia, reaparecia e se mostrava, na manifestação do hedonismo mais puro numa cidade que, até então, escondia o prazer e o excesso, falsificava o desejo e a alegria (...) o mais feroz elitismo construía-se na democratização selvagem da criatividade.

348

A indumentária, portanto, era apenas um dos componentes duma nova forma de estar. Optava-se por peças de vestuário extravagantes para marcar a diferença, ou seja como um modo de subjetivação, de afirmação individual. E nisto, o cantor não estava, de todo, sozinho. Rui Pregal da Cunha foi abordado no Trumps para ser vocalista dos Heróis do Mar, devido ao seu visual. Ele misturava elementos adstritos ao *punk*, como coleiras e pulseiras de aço, com roupa clássica que remetia para o vestuário usado séculos atrás, como casacos à século XVIII. Se Variações chegou a andar de cajado na mão pela rua, Pregal da Cunha foi visto com uma espada.<sup>349</sup>

Rui Reininho descreve assim a roupa que usava na época e a reação que isso causava nos transeuntes que com ele se cruzavam:

---

<sup>348</sup> Citada por Joana Stichinini Vilela; Nick; Mrozowsk; Pedro Fernandes, (2016). *LX 80: Lisboa entra Numa Nova Era*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 63.

<sup>349</sup> Rui Miguel Abreu (2016). “Heróis do Mar: uma lenda por contar”. *Blitz*, 16 de janeiro.

(...) vim com Klompen, socas holandesas e meias de lã, com umas calças cor-de-rosa que tinha trazido de Roma e um casaco de peles. Eu a descer a Baixa do Porto assim vestido e os meus pais a morrerem de desgosto. Vinham as bocas: «Calças cor-de-rosa!? Parece uma mulher! Larilas!». Quando os anarquistas iam à praia também era uma festa, um *show*. Ninguém usava calções na cidade e nós apanhávamos o elétrico para a Foz, o 18, já equipados, de bermudas e toalha, o Lima Barreto com o seu cofió turco, alguns de nós de brinco na orelha. Passávamos em Santa Catarina e o pessoal todo a bater palmas, como se fosse uma *performance*. No elétrico púnhamos a cabeça de fora e acenávamos às pessoas: «São estrangeiros de certeza».<sup>350</sup>

Zé Leonel, o primeiro vocalista dos Xutos & Pontapés e depois dos Ex-Votos, por seu turno, causava estupefação em Lisboa. Para além de usar um alfinete espetado na mão, segundo Gui, vinha para a rua vestido com “um pijama lindo, azul-bebé brilhante com um friso branco, com aquelas coisinhas estilo dos cortinados na gola e de botas da tropa”.<sup>351</sup>

O decorador e estilista Pedro Lata, personagem marcante da noite lisboeta, por vezes, vestia-se de fraldas e dançava exuberantemente em cima de mesas. Ele fez o seu estágio com Ana Salazar e era um dos *front-men* da discoteca, fundada em 1988, Alcântara-Mar. Era primo dos irmãos Amaro, que tocaram, a dada altura, com Variações. Luís Carlos Amaro, acerca do modo de vestir de Variações refere que:

Havia algum sentido de choque na forma como se vestia. Nesse aspeto, ele destacava-se, tal como outras pessoas que andavam por Lisboa por essa altura. Pessoas que acabavam por frequentar os mesmos sítios: o Frágil, o Trumps, etc. Havia ali um grupo de pessoas assim. Por exemplo, o Rubi, que até era amigo dele. E o António fazia parte desse universo.<sup>352</sup>

---

<sup>350</sup> Citado por Hugo Torres (2016). *GNR: Onde nem a Beladona Cresce*. Porto: Porto Editora, pp. 30-31.

<sup>351</sup> Citado por Ana Cristina Ferrão (1991). *Conta-me Histórias: Xutos & Pontapés*. Lisboa: Assírio & Alvim, p. 83.

<sup>352</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 492.

Também Rudolfo/Rudolfa, mencionado na página anterior, era um famoso personagem lisboeta dessa época, que chegou a fazer parte, enquanto *performer*, do grupo que acompanhava Variações ao vivo, era absolutamente excessivo no modo como se apresentava. Ora se vestia misturando peças de fato masculino com camisas de senhora cor-de-rosa, ora conjugava aberrantes cores como o roxo, o vermelho e o laranja. Quando ele/ela passava, o trânsito costumava parar espantado ante tal invulgar figura. Variações compôs uma significativa canção, intitulada “Rudy-Ruby”, ainda inédita, sobre ele/ela:

Rudy-Rubi

Tem muito de Norma Jean

E muito de Josephine

Ó Rudy-Rubi

Ouves falar e pensas que é de ti

Ouves chamar, pensas que é por ti

(...)

Passas espampanante

Subindo o Chiado

Muito provocante

(...)

Passas estonteante

De cintura fina

De cor contrastante

A pedir a sina

Passas delirante

De pala na mão

(...)

Ó Rudy-Rubi,

Amante de todos os espelhos,

Onde é que tu comesas a ver-te ao espelho?<sup>353</sup>

Diga-se que, embora esta fosse uma tendência transversal aos elementos da *movida* e a uma assinalável parte de pessoas do *boom* do *rock* Português, ela era, em pessoas como Rudolfo/Rudolfia, José Castelo Branco, conhecido, nessa altura, como Tatiana Romanov, ou o próprio Variações, uma forma de assumirem a sua homossexualidade e de saírem do armário. Veja-se, a este propósito, o que nos relata Fernando Heitor, acerca de Variações:

Ele sempre esteve à vontade com a sua homossexualidade. Era à frente de toda a gente; estava muito à vontade com isso. Era-lhe indiferente o que as pessoas pensassem. Ele não era nada efeminado. Claro, depois assumiu um guarda-roupa e pintou a barba às cores, décadas antes das pessoas o começarem a fazer. Havia amigos dele que achavam que as pessoas deviam ser mais comedidas. Mas ele não. Estava completamente nas tintas para o que os outros pensavam.<sup>354</sup>

Este modo provocador de vestir está intimamente relacionado com os espaços de diversão já anteriormente referidos. À semelhança do Blitz em Londres e do Studio 24 em Nova Iorque, o Trumps, o Frágil, ou, um pouco mais tarde, o Âncantara-Mar, organizavam festas em que instigavam os clientes a usarem a imaginação e a vestirem-se de modo pouco discreto. As festas cor-de-rosa, amarelas ou de tema livre, organizadas no Trumps e no Frágil, atraíam sempre muita gente que se vestia do modo mais estranho possível. Um dos

---

<sup>353</sup> Cf. Anexo n.º 1, pp. 383-388.

<sup>354</sup> Vd. Anexo n.º 3, p. 474.

elementos comuns predominantes era o recurso à cor. Variações dizia que “As bem garridas e flamejantes são as preferidas”.<sup>355</sup>

Costumava haver muitas restrições à entrada nestes espaços de diversão noturna. Um dos critérios mais importantes para se conseguir entrar era, claro, a indumentária. A seleção feita à clientela implicava que quem se vestisse de modo casual, normal, não entrava de certeza. Se é famoso o episódio em que Mick Jagger foi impedido de entrar no Blitz, em Londres, por se apresentar com uns meros *jeans* e camisa branca, em Portugal contam-se histórias de barragem à entrada de Ayrton Sena e Robert DeNiro nestes espaços lisboetas, devido a estarem vestidos de modo casual. Como diziam os empreendedores da noite lisboeta: para entrar era preciso ser uma ave rara.<sup>356</sup>

Por outro lado, havia um enorme desejo por parte da juventude de usar peças de roupa como as que usavam as pessoas em Londres, Paris ou Nova Iorque. Não havia sequer lojas de roupa cá que tivessem esse género de roupa; uns simples e modernos jeans eram difíceis de adquirir. “Também não havia lojas de roupa em Lisboa, nem boutiques nem nada... Havia só a Claudine Battesti, que tinha uma *boutique* chamada Delfieu, na Praça do Chile, que trazia roupa de França” conta-nos Pedro Ayres Magalhães.<sup>357</sup>

Ana Salazar era outra das figuras extravagantes da *movida* lisboeta. Vestia-se com roupa que trazia de Londres e Paris. Estava muito atenta aos estilistas internacionais dessa época, muitos deles intimamente ligados ao universo da música como Vivianne Westwood e Jeff Banks. Muitas pessoas, em Lisboa, ao vê-la, queriam saber onde é que podiam adquirir roupa como a sua.

Assim, ela decidiu abrir, em 1972, a famosa loja de roupa, A Maçã, nome que homenageava a Apple dos The Beatles. Foi um sucesso estrondoso. Ela importava peças de vestuário de Londres. Havia filas enormes à porta. Eram seus clientes Manuel Reis, dono do Frágil, o futuro estilista Filipe Faísca e o artista plástico Julião Sarmento, entre tantos

---

<sup>355</sup> Citado por Pedro Duarte (1983). “Cantor, barbeiro, «anjo da guarda»; António Variações: o dever da diferença”. *Sete*, 30 de março, p. 4.

<sup>356</sup> Raquel Carrilho (2013). “Hernâni Miguel: «As pessoas à noite tiram a máscara». *Sol*, 1 de dezembro.

<sup>357</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 499.



outros. Devido ao êxito, abriu outras Foi ela que forneceu o guarda-roupa dos Corpo Diplomático, de Pedro Ayres Magalhães e Carlos Maria Trindade.<sup>358</sup>

Em plenos anos 80, começou a desenhar a sua própria linha de roupa, tornando-se estilista, igualmente com grande sucesso. Fez desfiles bem-sucedidos em Londres e Paris onde abriu várias lojas suas. O ator Ricardo Carriço era um dos seus modelos. Ela recorda-se de ver Variações a assistir a um dos seus primeiros desfiles em Lisboa:

Os anos 80 foram os anos das pessoas estarem sempre em pose. Sobretudo estes núcleos de pessoas ligadas à música, às artes, à moda. As pessoas começaram a assumir-se com mais facilidade e até faziam gala em ser diferentes. Foi realmente, não só para mim, mas como dizem os meus amigos críticos de arte, pintores, escultores, etc., uma época de ouro. (...) Os meus primeiros desfiles foram no Coliseu e na Estufa Fria. (...) Às vezes, não havia grande diferença entre a *passerelle* e o público porque as pessoas vestiam-se extraordinariamente para ir ao desfile. Uma vez apareceu o António Variações praticamente despido, mas com ligaduras atadas ao corpo, pintado de vermelho como se fosse sangue. A imaginação que era preciso ter para causar sensação!<sup>359</sup>

Também Manuela Gonçalves, que estudou *design* na Saint's Martin's School of Art em Londres, após o inusitado sucesso numa loja em moldes algo semelhantes à A Maçã na qual o *stock* foi esgotado rapidamente, arriscou criar roupa com a sua assinatura. As suas peças de alta costura eram únicas, não replicando nunca o mesmo modelo. Foi apoiada por Manuel Reis do Frágil e a sua Loja Branca saldou-se por um grande êxito. Artistas estrangeiras, como Catherine Deneuve, eram suas clientes.

Como se depreende, a *movida* lisboeta esteve também vinculada ao arranque do estilismo com assinatura portuguesa. Para além dos já referidos, surgiram muitos outros autores de moda. Lopes Alves diz: “Foi um bocado a movida de Lisboa. O Filipe Faísca, a Teresa Seabra, o Zé da Guiné, o Pedro Lata, etc.” As Manobras de Maio ou o Moda

---

<sup>358</sup> José Carlos de Oliveira (2017). *Ana Salazar: Traço de Mulher*. (Doc.)

<sup>359</sup> Citada por Rui Oliveira Marques (2017). *T: Histórias da Noite Gay de Lisboa*. Lisboa: Alêtheia Editores/Ideia-Fixa, p. 31.

Lisboa, que trouxeram os desfiles de moda para a rua e se tornaram centrais nesta indústria, tiveram a sua origem neste tempo e nestes espaços.<sup>360</sup>

A imprensa da época dava conta desta nova realidade. A *TV Top*, em novembro de 1982, fazia a cobertura dum desfile de Ana Salazar. O significativo título da reportagem repescava uma frase do maio de 68: “A imaginação ao poder”.<sup>361</sup>

Os cantores de intervenção usavam uma roupa casual, leve, que não se distinguisse da vestida por um qualquer operário fabril. Os nacionais cançonetistas, por seu turno, vestiam-se invariavelmente de fato. Mas os músicos das novas gerações, dos Heróis do Mar aos Da Vinci, interessavam-se muito pelas novas correntes de moda e procuravam integrá-las, tal como Variações o fez, no seu trabalho. Paulo Pedro Gonçalves, guitarrista dos Heróis do Mar trabalhava em moda.

A roupa era um importante elemento a ter em consideração na estética dos projetos musicais, a começar pelo *punk*, que, se virmos bem, era tudo menos casual. Recorde-se que os Sex Pistol estavam associados ao seu agente Malcom Maclaren, que tinha uma famosa loja de roupa em Londres com a sua companheira, a estilista Vivianne Westwood. O célebre alfinete-de-ama *punk*, usado nas orelhas ou nos lábios, foi uma criação dela. A indumentária *punk* foi uma criação de estilistas.

---

<sup>360</sup> Citado por Joana Stichinini Vilela; Nick; Mrozowski; Pedro Fernandes, (2016). *LX 80: Lisboa entra Numa Nova Era*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 164.

<sup>361</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 32.

## 4.6. A Paisagem sonora dos anos 80 em Portugal

### 4.6. 1. *Dj's* e radialistas, arautos da mudança na paisagem sonora portuguesa

Rui Pregal da Cunha relembra o cenário musical passadista de então: “Em 1980 não havia nada. Havia dois canais de televisão e quatro estações de rádio. Mesmo as pessoas que passavam o verão no estrangeiro tinham de estar aqui os restantes nove meses, sem saber o que se estava a passar lá fora.”<sup>362</sup> Oliveira Marques explica que:

As duas ou três discotecas de Lisboa continuavam a passar o rock dos anos 70. (...) *Punk* era coisa que não tinha entrado nos meios da noite. Lisboa estava estacionada nos anos 70 como se não tivesse havido o *punk* e não estivesse a aparecer a *new wave* ou o *electro-pop*. Um ou outro local no Bairro Alto quebrava a regra.<sup>363</sup>

A exceção eram os locais frequentados pela *movida*. Na Jamaica, no Cais do Sodré, no Frágil, no Bairro Alto, no Trumps, na Rua da Imprensa Nacional, por exemplo, podia-se ouvir e dançar ao som de música *up-dated* que não passava nem na rádio nem na televisão portuguesas. Os músicos do *punk*, como os Clash; do *kraut-rock* como os Can e os Kraftwerk; do *glam-rock*, como os Roxy Music e Bowie, eram presença sonora assídua nestes lugares.

Os *Dj's* destes clubes de dança tiveram um papel importante na divulgação de sonoridades novas, fazendo um contraponto importante à estética musical desatualizada dos média. Fernando Nabais, *Dj* do Souk, João Vaz, hoje radialista na Rádio Comercial, no Trumps ou Leonaldo de Almeida, conhecido como Nanau, formado em Belas-Artes, no Frágil, que passava música pós-*punk*, mas também podia terminar a noite com música

---

<sup>362</sup> Citado por Rui Oliveira Marques (2017). *T: Histórias da Noite Gay de Lisboa*. Lisboa: Alêtheia Editores/Ideia-Fixa, p. 29.

<sup>363</sup> Citado por Rui Oliveira Marques (2017). *T: Histórias da Noite Gay de Lisboa*. Lisboa: Alêtheia Editores/Ideia-Fixa, p. 29.

erudita, como Vivaldi ou Mozart, eram alguns dos nomes que marcaram pela diferença o que se ouvia na noite lisboeta. Rui Pregal da Cunha, um dos clientes assíduos do Trumps chegou a ser convidado para passar discos.

A dança, portanto, era também um dos elementos destes espaços noturnos. O cineasta Edgar Pêra recorda que “Todos iam dançar todas as noites. Isso era visto como uma militância”.<sup>364</sup> O radialista e jornalista musical António Duarte recorda-se de ver um exótico Variações a dançar no Finalmente Clube.<sup>365</sup>

Os discos eram trazidos por alguém que ia a Londres, podendo ser também encomendados numa ou noutra loja de discos que os importava, como era o caso de Pedro Lata e Hernâni Miguel que vendiam discos trazidos de Londres, da loja Pianíssimo em Algés, ou, alguns anos mais tarde, da Carbono e da Bimotor, sendo depois disseminados através de gravação em cassetes ou nos programas de autor que estavam sintonizados com a estética musical da *movida*. Zé Pedro importava discos da COB Records.<sup>366</sup> Era usual levarem-se esses vinis para as saídas noturnas. Rui Pregal da Cunha conta que “Como era complicado arranjar discos, levavam-se discos debaixo do braço para emprestar ao *DJ*”.<sup>367</sup>

Entretanto, começa a acontecer na rádio uma mudança que vai no mesmo sentido. Surgiram programas que iam ao encontro dos gostos e anseios desta geração. Os fatores desta mudança radiofónica eram geracionalmente próximos dos elementos da *movida*. À época, a rádio tinha uma enorme preponderância. Existiam toques de programas radiofónicos organizados em revistas com grande poder de difusão, como a *TV- Top*, que atestam a vitalidade desse meio de comunicação. Neles, podemos observar alguns dos programas autorais de que falaremos a seguir.

---

<sup>364</sup> Citado por João Bonifácio (2011). “A história deificá-los-á”. *Público (suplemento Ípsilon)*, 23 de novembro.

<sup>365</sup> Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 190.

<sup>366</sup> Ana Cristina (1991). *Conta-me Histórias: Xutos & Pontapés*. Lisboa: Assírio & Alvim, p. 20.

<sup>367</sup> Citado por João Bonifácio (2011). “A história deificá-los-á”. *Público (suplemento Ípsilon)*, 23 de novembro.

Assim, tal como para muitos dos seus companheiros geracionais, as ondas de éter desempenharam um importante papel na formação estético-musical de Variações. O rádio foi, desde a sua infância no Minho, um companheiro sempre presente. A sua mãe, Deolinda de Jesus, dizia que ele estava constantemente a ouvir música, na televisão e na rádio. Aquando da sua chegada a Lisboa, com doze anos, o dono da mercearia onde ele trabalhava, dado ele ser um bom funcionário, deixou-o, a seu pedido, ter o rádio ligado, enquanto trabalhava.<sup>368</sup> Teria, portanto, escutado, em tenra idade o nacional cançonetismo, protagonizado por nomes como Simone de Oliveira e Madalena Iglésias, e o fado amaliano, que dominavam as estações de rádio durante a vigência do Estado Novo. Mas também a *chanson* francesa e o início do ié-ié. Já adulto, era hábito ter rádio na sua barbearia. Aliás, até no hospital, no leito de morte, segundo o testemunho da sua irmã Lurdes, Variações não dispensou a companhia dos programas radiofónicos.<sup>369</sup>

O importante a salientar é que havia, em co-relação com todo o contexto estético e epocal já enunciado relativamente à *movida* lisboeta dos anos 80, uma revolução a acontecer na rádio portuguesa de então e Variações estava perfeitamente a par dela. Seguiu-a com toda a atenção. Não eram, portanto, propriamente programas de folclore ou fado que ele escutava, mas sim os que divulgavam, entre nós, as modernas correntes estéticas do *pop-rock* de matriz anglo-saxónica. A prova é que quando lhe perguntaram quais os músicos estrangeiros que apreciava, os nomes que ele avançou estavam em perfeita sintonia com o seu tempo:

A propósito de música fora-de-portas, inquiram-se influências – indirectas – mais plausíveis. A resposta é longa, surge a conta-gotas como que tentando rever num curto lapso a discografia mais utilizada: «Beatles, Rolling Stones, Lou Read, David Bowie, Roxy Music, Talking Heads, Gang of Four, Joy Division, New Order e Orchestral Manoeuvres in the Dark, entre outras.»<sup>370</sup>

---

<sup>368</sup> Vd. Júlio Isidro (1992). *Entrevista com a mãe e irmão de António Variações*.

<sup>369</sup> Citada por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora, p. 270.

<sup>370</sup> Citado em S/A (1982). “António Variações: É preciso fugir à monotonia”. *O Tempo*, 17 de junho, p. VIII.

Luís Filipe Barros, um dos nomes dessa revolução, era o autor e locutor dum dos mais importantes programas desse época, o *Rock em Stock*, que começou a ser transmitido em 1979, nas tardes da Rádio Comercial, que divulgava o que de mais atual se ia fazendo mundo fora, sobretudo nas sonoridades do *rock* mais duro. O radialista inspirara-se na Rádio Caroline de Londres e, ao mesmo tempo, publicitava as bandas do *boom* do *rock* português. Foi também amigo e cliente de *Variações*. Como devemos estar recordados, foi a ele que o cantor primeiro mostrou o seu trabalho. Este radialista, por sua vez, ter-lhe-á indicado Júlio Isidro. Passaram pelo programa de Barros vedetas internacionais como Peter Gabriel ou os Devo, provocando filas de pessoas à espera para os ver, à frente das instalações da rádio.

Também o *Meia de Rock*, na Rádio Renascença, apresentado por António Duarte e Rui Pêgo, foi um programa central nesta mutação radiofónica. Divulgava música dentro do mesmo cariz, estando mais voltado para o *punk* e a *new wave*, e, como o próprio título indica, pelas sonoridades *rock*, dum modo geral. A certa altura, convidaram *Variações* para atuar em direto. Tinham ouvido “Toma o Comprimido” e tinham achado a música muito influenciada pela estética *punk*.<sup>371</sup>

O *TNT-Todos no Top*, difundido por Jorge Pêgo, iniciado em fevereiro de 1981 na Rádio Comercial, era fundamental para aferir as preferências dos ouvintes e por estar ligado ao programa de música televisivo *ViváMúsica*. Os ouvintes votavam nas suas canções preferidas. No acervo material de *Variações* existem alguns recortes com o *top* deste programa, que, pelos vistos, ele seguia assiduamente.<sup>372</sup>

Jaime Fernandes, por seu turno, apresentava o *Dois Pontos* na Rádio Comercial onde dava a conhecer músicas da América como os *Blues* e o *Country*. Na sua passagem para a Rádio Renascença criou o célebre *Oceano Pacífico*.

---

<sup>371</sup> Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 188.

<sup>372</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 33.

Por seu lado, Júlio Isidro conduzia um dos programas com mais impacto em termos de audiência: o *Febre de Sábado de Manhã*. Era transmitido em direto do exterior. Vários grupos e projetos musicais atuavam, ao longo de três horas matinais, no sábado. Foi um programa importante para o *boom* do *rock*, pois, quase todos os novos projetos musicais portugueses de então, desde os Heróis do Mar a Variações, de Lena d'Água aos portuenses Jafumega, entre tantos outros, atuaram lá.

Muitos dos grupos internacionais que vinham tocar a Portugal marcavam também a sua presença no *Febre de Sábado de Manhã*. Chegou a ser realizado um megaconcerto, em maio de 1981, ao qual que assistiram 40 mil pessoas no Estádio José de Alvalade, onde, além de músicos portugueses como os Tantra e Adelaide Ferreira, atuaram os Ficher-Z, na altura, uma banda inglesa com muito sucesso devido ao *hit* “Marliese”. Com 10 mil pessoas na assistência, realizou-se outro programa, em 1982, no mesmo local com participações do Grupo de Baile e dos Táxi.

Devido à sua influência na formação dos gostos de toda uma geração, António Sérgio foi o mais importante destes radialistas.<sup>373</sup> Esteve na origem de vários programas pioneiros no nosso país. Em primeiro lugar, o *Rotação*, programa seminal na Rádio Renascença; depois o *Rolls Rock*. Em 1982, iniciou o mítico *Som da Frente*, que começou nas tardes da Rádio Comercial e depois teve vários horários, que era religiosamente aguardado por um considerável número de jovens ouvintes. Alguns dos aforismos criados por Sérgio para o programa, como “Música para uma imensa minoria”, ou o “O direito à diferença”, extravasaram o universo radiofónico e tornaram-se uma espécie de motes geracionais.

Sérgio assistia a concertos quer cá, quer no estrangeiro, e aproveitava todas as viagens para trazer o maior número de discos possível. Difundia uma sonoridade alternativa, muito ligada às editoras independentes do Reino Unido, como a Factory ou a Rough Trade, e às sonoridades pós-*punk*. Chamaram-lhe, por isso, o John Peel Português, radialista britânico, que, além de gostos musicais similares, tinha esse papel no Reino

---

<sup>373</sup> O seu nome deve-se à admiração que o seu pai tinha pelo pensador e ensaísta Português homónimo, que para o homenagear batizou o seu filho com um nome igual.

Unido.<sup>374</sup> Em 1977, Sérgio editou, em conjunto com Joaquim Lopes e Zhe Guevara, clandestinamente o disco *Punk Rock 77/New Wave 77*, que continha bandas seminais destes movimentos musicais como os Sex Pistols, os Generation X, The Jam, etc.<sup>375</sup>

Algumas bandas, como os U2, os The Cure ou Bruce Springsteen, ou os portugueses Xutos & Pontapés, Dead Combo e Mão Morta passaram nos seus programas muito antes de se tornarem conhecidos entre as massas. Foi também pioneiro ao lançar um dos primeiros programas dedicados ao *heavy metal*, o *Lança-Chamas*.

Para lá da inimitável e peculiar voz cava, Sérgio destacava-se pelo seu bom gosto e pelo seu apurado sentido crítico. Escrevia artigos de opinião no jornal *Sete* e noutras publicações. Esteve brevemente ligado ao meio editorial, à Rádio Nova e à Rotação. Ajudou bandas em início de carreira como os Xutos & Pontapés ou os Faíscas.<sup>376</sup> Tinha acesso, muitas vezes, em primeira mão às novidades editoriais anglo-saxónicas. Para lá das viagens constantes que fazia às capitais europeias, o músico Rui Castro, sediado em Londres, fundador da Warm Records, enviava-lhe com regularidade os trabalhos discográficos recentes mais relevantes.

António Variações tinha pleno conhecimento do universo estético que Sérgio divulgava. Trocava amiúde impressões sobre essas bandas com os futuros membros de A Jovem Guarda, que tocaram com ele durante um breve período.

A maioria destes radialistas começara o seu percurso profissional nas rádios das ex-colónias. Jaime Fernandes trabalhou na Rádio Clube de Moçambique, Rui Pêgo na Rádio Eclésia em Luanda. Alguns deles assumiram também a função de produtores. Luís Filipe Barros co-produziu o primeiro álbum dos UHF, *À Flor da Pele*, e António Sérgio produziu

---

<sup>374</sup> John Peel foi um célebre radialista inglês da Radio One da BBC, que teve um papel pioneiro de difusão de bandas *punk*, *pós-punk* e *new wave*. Assinale-se que a maioria destes grupos gravava em editoras independentes, por isso, tinham ao seu dispor poucos recursos. E, por isso, era fundamental, passar as suas músicas em meios de comunicação de grande alcance, à sobrevivência dos grupos e dessas paupérrimas editoras. Sérgio teve entre nós um papel similar. Atualmente, decorre um projeto que porá ao dispor de todos, na rede, a infindável discografia de Peel e todo o seu restante arquivo.

<sup>375</sup> Afonso Cortez (2017). *Corta-e-Cola: Discos e Histórias do Punk em Portugal*. Lisboa: Associação Chili com Carne/Thisco, pp. 34-38. O disco referido é considerado por muitas pessoas o primeiro disco *punk* a ser editado em Portugal. Dado que muitos exemplares foram destruídos, por ser uma edição pirata, hoje é um dos discos mais procurados pelos colecionadores, sendo vendido por quantias exorbitantes.

<sup>376</sup> Vd. Eduardo Morais (2014). *Uivo*. (documentário sobre o radialista António Sérgio), *passim*.



o primeiro disco dos Xutos & Pontapés. Sobre esta experiência, Zé Pedro testemunha que “Ele foi um companheiro de estúdio «brutal». Ele tinha um bom gosto e uma sensibilidade enorme para a música e uns ouvidos excepcionais”.<sup>377</sup>

Esta criatividade, defluente da abolição da censura oficial e do regime democrático que então se vivia, desembocou na proliferação de rádios piratas ao longo da década de 80, que reconfiguraram o nosso universo radiofónico.

Como já referi, António Variações estava atentíssimo a toda esta nova realidade radiofónica lusa; basta escutar a sua obra sem preconceitos e com alguma atenção para perceber isso. Assim sendo, não espanta que no seu acervo sonoro, composto pelas digitalizações das famosas cassetes que gravava, encontremos também várias emissões destes programas gravados por si. Por exemplo: o já referido *Rock em Stock* da autoria de Luís Filipe Barros, está registado em emissões apresentadas por este e por Ana Bola, que durante algum tempo esteve ao leme do programa; o *Dois Pontos* de Jaime Fernandes, o *Meia de Rock* e o *TNT-Todos no Top*, apresentados por Jorge Pêgo. Nestas gravações pessoais do cantor podemos ouvir desde os Pink Floyd aos The Who e aos The Beatles, até aos grupos pós-*punk* e neorromânticos Young Marble Giants, Stranglers, Human League, passando pelos portugueses Lena d’Água e a Banda Atlântida e Seilásseeé. Nuno Galopim, que procedeu à transcrição deste acervo, testemunha: “

(...) havia também algumas gravações de rádio, onde se notavam alguns dos seus gostos particulares. Beatles, muito, e Bowie. Portugueses: Amália, José Afonso. Havia também uma gravação de canto gregoriano, à qual ele chamava Música Gregoriana, e aquele programa *Meia de Rock*, de 1981 (...).<sup>378</sup>

---

<sup>377</sup> Vd. Eduardo Morais (2014). *Uivo*. (documentário sobre o radialista António Sérgio), aos 24, 35 m..

<sup>378</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 318.

Em suma, era este o eclético universo sonoro radiofónico usufruído por António Variações.<sup>379</sup>

#### **4.6.2. Espetáculos de *pop-rock* num país acabado de sair de 40 anos de ditadura e 300 de censura oficial**

Ainda que muito longe da realidade dos nossos dias, passo a passo, começou a haver concertos de bandas estrangeiras, mormente anglo-saxónicas, no nosso país, sobretudo no pós revolução. Mas, durante a vigência do Estado Novo, na Primavera Marcelista, realizaram-se por cá alguns espetáculos dignos de registo. Sublinhe-se que estes concertos eram verdadeiras romarias para os jovens, pois, eram raros.

Por exemplo, os Procul Harum, banda ligada ao *prog-rock* então em voga, que tinha tido um grande êxito com a canção “A Whiter Shade of Pale”, atuaram em 1973 no Pavilhão Dramático de Cascais, chegando atrasados devido ao voo. O concerto começou às 2 da manhã. É muito possível que Variações estivesse lá, pois, um dos discos da coleção pessoal de Variações é precisamente a obra conceptual da autoria desse grupo, intitulada *Grand Hotel*.<sup>380</sup>

Um dos marcos históricos foi aquele que é considerado o primeiro festival *pop-rock* no nosso território, o Festival de Vilar de Mouros, cuja primeira edição, dedicada ao *rock*, ocorreu em 1971. Nela atuaram, entre outros, os portugueses Quarteto 1111, Psico, e os Sindikato de Jorge Palma. As vedetas estrangeiras eram Elton John e os Manfred Mann’s Earth Band. Estes eram uma banda com bases no R & B, a que depois adicionaram inovações tecnológicas, caso dos sintetizadores. Gravaram canções de compositores conhecidos, como Bob Dylan e Bruce Springsteen, a que davam uma roupagem sonora mais trabalhada e instrumentalmente enriquecida. Na discografia pessoal de Variações, não

---

<sup>379</sup> Cf. Anexo n.º. 4, p. 45-56.

<sup>380</sup> Cf. Anexo n.º. 4, p. 36.

por acaso, consta um disco desta banda, intitulado *Nightingales & Bombers*, de 1975.<sup>381</sup> Carlos Tê, um dos nossos mais destacados poetas-letristas, conhecido, entre outras coisas, pela sua parceria com Rui Veloso, também era um fã desta banda: “A música era um selo de identificação entre nós. Naquela época o Rui ouvia muito Manfred Mann`s Earth Band e terá sido este grupo o nosso primeiro elo de ligação”.<sup>382</sup>

No rescaldo da revolução, em 6 e 7 de março de 1975, realizou-se um concerto histórico no qual, de algum modo, se celebrou a nova realidade sociopolítica portuguesa. Os Génesis, epítomes do *prog-rock*, atuaram para um Pavilhão do Dramático de Cascais completamente a abarrotar, trazendo até nós a sua magistral obra conceptual, o álbum duplo *The Lamb Lies Down on Broadway*. Peter Gabriel era o vocalista e teatralizava as canções, usando máscaras e fatos através das quais encarnava diversas personagens. Havia projeções em telas e um jogo de luzes avançado para a época.<sup>383</sup>

Vários músicos da geração do *boom* assistiram maravilhados a esse concerto; a maioria deles foi aos dois dias. Entre eles, Zé Pedro, Jorge Palma, o baixista Zé Nabo da Salada de Frutas e da Banda Sonora, o Rui Veloso, então muito jovem, veio do Porto para ver Peter Gabriel, na altura, um dos seus heróis musicais, Pedro Ayres Magalhães, etc. Lena d`Água conta que foi “Do outro mundo! Foi um banho de sonho. Aquilo tudo enorme ... era o som, era o Peter Gabriel, eram os músicos... foi um batismo fantástico, inesquecível”. Jorge Palma conta que, no segundo dia, “Aquilo cheirava demasiado a liberdade”, provavelmente referindo-se ao cheiro a erva fumada, e, por isso, havia Chaimites à volta do pavilhão prontas a intervir.<sup>384</sup>

Foi talvez o concerto mais importante dessa época e sinalizou uma viragem importante no país. Mesmo músicos ligados ao *punk*, portanto, avessos a este género de sonoridade, como o líder dos Aqui d`el Rock, Óscar Martins, marcaram presença. Não sabemos se Variações esteve nesse espetáculo tão marcante para aquela geração; é muito

---

<sup>381</sup> Cf. Anexo nº. 4, p. 35.

<sup>382</sup> Citado por Ana Mesquita (2006). *Rui Veloso: os Vês pelos Bês*. Lisboa: Prime Books, p. 93.

<sup>383</sup> Vd. Genesis (1975) *Live in Cascais*. 6 de março. A gravação áudio, provavelmente pirata, encontra-se disponível no *youtube*. Vale a pena ler também os respetivos comentários, pois, muitos deles, são testemunhos de quem assistiu a essas históricas apresentações.

<sup>384</sup> Citados por Pedro Clérigo; Leandro Ferreira (2015) *A Arte Elétrica em Portugal (RTP). Episódio 2: Progressivo vs Punk*; aos 7, 34 m..

provável que sim. Seja como for, é inequívoca, como veremos nos pontos seguintes, a ligação do cantor ao *prog-rock*.

O *rock* progressivo, ou sinfónico, caracteriza-se por uma sonoridade complexa. As canções são extensas, com variações musicais, mudanças de tempo e tonalidade, partes lentas e, de seguida, movimentos musicais *up-tempo*, tentando assim gerar dinâmicas tensas, com solos longos. Recorria-se a instrumentos fora do eixo base guitarra-baixo-bateria: sintetizadores, *theremins*, *mellotrons*, pianos, órgãos Farfisa e Hamond, violinos e outros instrumentos de cordas, incluindo, muitas vezes, orquestras inteiras. Procedia-se também a experiências sonoras com fitas ou sons do quotidiano ou explorando sintetizadores polifónico, como o célebre *Mini-Moog*. Simultaneamente, ao nível lírico, os álbuns eram pensados como um todo. Continham uma forte componente ficcional e *story-telling*.

Os espetáculos primavam por uma encenação cuidada na qual as canções eram teatralizadas e os elementos visuais, desde as luzes até à indumentária dos músicos, se revestiam da maior importância. Bandas como os Pink Floyd (embora estes tivessem também uma forte ligação ao psicadelismo), os Jethro Tull, os Yes, os Moody Blues, os King Crimson, os Van Der Graaf Generator e os Génesis eram os arautos deste subgénero musical.<sup>385</sup>

A pouco e pouco, começou a haver mais concertos de vedetas internacionais em Portugal. Dois dos locais mais utilizados eram o Pavilhão Dramático de Cascais e o Pavilhão Infante Sagres no Porto. Sobre o histórico local próximo de Lisboa, depois de relatar algumas peripécias, como, por exemplo, conflitos, após os espetáculos, entre os jovens e elementos dos COPCON e da PSP, que vigiavam os concertos, Cadete faz o seguinte balanço do icónico edifício, que albergou o último concerto em 1998 e foi demolido em 2005:

O Pavilhão do Dramático tinha passado a ser uma escola de *rock* em Portugal. Para os músicos obviamente, mas também para o público, que ali tomava contacto com novas

---

<sup>385</sup> Kevin Holm-Hudson (2002). *Progressive Rock Reconsidered*. Nova Iorque: Routledge, p. 3.

formas de espetáculo e entretenimento, nas quais se incluíam as viagens de comboio da linha de Cascais. Não vale a pena esconder: tratava-se, para todos, da primeira vez. O profissionalismo, inclusivamente para os promotores de espetáculos, só viria depois.<sup>386</sup>

Alguns músicos portugueses começaram a ser convidados para fazer a primeira parte desses concertos. Rui Veloso abriu para os *new wavers* The Police, a 2 de setembro de 1980, no Estádio do Restelo. No mesmo ano, os UHF tocaram na abertura do espetáculo dos Ramones, em Cascais, nos dias 23 e 24 de setembro.

Lou Reed então na sua fase *glam-rock*, em que se maquilhava e assumia a sua bissexualidade, deu outro concerto marcante dessa época no Dramático, em 22 de junho de 1980, atuando para 8000 pessoas. Tocou cerca de três horas, sendo chamado por diversas vezes ao palco pelo público. Ricardo Camacho estava entre a assistência, relatando depois que, apesar dos enganos dos músicos, tinha sido o melhor concerto a que assistira. Na única vez em que Variações referiu influências musicais estrangeiras, o músico norte-americano era um dos nomes apontados.<sup>387</sup>

O *glam-rock*, que também recorria à teatralização e que tinha uma componente de *coming out* muito forte, de assunção duma sexualidade alternativa, estava certamente entre os consumos musicais de Variações. Os Roxy Music, acerca dos quais Variações trocava impressões com os músicos da A Jovem Guarda, lançaram, em 1973, *For Your Pleasure*, uma das obras maiores deste estilo, e Lou Reed, um ano antes, editou *Transformer*, produzido por David Bowie. Este *LP* continha o hino de identidades sexuais alternativas *Walk on The Wild Side*. Nele, como vimos anteriormente, são descritas as aventuras e desventuras de pessoas transgénero. As *performances* musicais de Variações não escondiam a sua homossexualidade; muito pelo contrário, mostravam-na.

Também músicos relacionados com a *new wave* e o neorromantismo passaram por cá, caso dos Duran Duran e de Lene Lovich, cujo modo de projetar a voz evidencia algumas similaridades com Variações. Ele estava perfeitamente ao corrente de todas estas

---

<sup>386</sup> Miguel Francisco Cadete (2014a). “Pavilhão Dramático de Cascais: do tempo em que os bilhetes eram baratos”. *Blitz*, n.º 101, novembro, pp. 88-89.

<sup>387</sup> Cf. Anexo n.º 2, p. 408.

estéticas musicais e ia experimentando elementos delas nas suas atuações e nas suas canções. Teresa Couto Pinto diz que foi com ele a muitos concertos, entre eles, o de Nina Hagen.<sup>388</sup> Os jornais e revistas da época, relacionadas com as artes e a música, como a *Música & Som* e o *Sete*, mas não só, eram pródigos em fazer a cobertura destes espetáculos, na altura, uma novidade em Portugal. Por exemplo, o *Sete* de 2 a 8 de março de 1983, fez uma entusiástica reportagem sobre a vinda dos pós-punks Durutti Column ao nosso país, falando deles como uma “pequena maravilha” e dizendo que produziam uma sonoridade terapêutica.<sup>389</sup> A *TV Top*, de agosto e setembro de 1982, noticiava os concertos dos King Crimson e, na página ao lado, o dos Roxy Music (os Heróis do Mar fizeram a primeira parte deste último), destacando o seu caráter dançante.<sup>390</sup>

Por outro lado, por esta mesma altura, final dos anos 70 e início dos anos 80, o *rock* criado por músicos portugueses começava a ultrapassar obstáculos e a afirmar-se. Ainda durante a vigência do Estado Novo, tinha havido assinaláveis antecedentes, com os Quarteto1111 e a Filarmónica Fraude a destacarem-se.<sup>391</sup> Ambos os projetos escreviam canções em Português com uma forte ligação à nossa Literatura. Os Quarteto 1111 musicaram textos de Gil Vicente, e a Filarmónica lançou um trabalho, *Epopéia*, inspirado n’*Os Lusíadas*. Estes grupos produziam uma sonoridade tangente ao *prog-rock*.<sup>392</sup>

No entanto, foi no início dos anos 80 que o cantar *pop-rock* na nossa língua mãe se tornou um fenómeno, ganhando uma dimensão nacional massiva.

O *punk* chegava ao país e muitas bandas inspiradas neste ideário anarquista começaram a surgir, entre elas, os Faíscas ou os Aqui D’el Rock, que chegaram a gravar um *single*, em 1978, “Há que Violentar o Sistema/Quero Tudo”. Findos Os Faíscas, os seus músicos criaram os Corpo Diplomático que gravaram um icónico *LP*, em 1979, cujo título

---

<sup>388</sup> Cf. Anexo. n.º 3, p. 496.

<sup>389</sup> Cf. Anexo n.º. 4, p. 37-38.

<sup>390</sup> Cf. Anexo n.º 4, pp. 39-41.

<sup>391</sup> Sobre os Filarmónica Fraude, Cf. Rui Miguel Abreu (2013) *E Tudo Acabou em 69: Filarmónica Fraude*. Lisboa: Guerra e Paz.

<sup>392</sup> Pedro Clérigo; Leandro Ferreira (2015) *A Arte Elétrica em Portugal (RTP). Episódio 2: Progressivo vs Punk*. E Jaime Fernandes (2011) *Estranha Forma de Vida: Episódio 14: Psicadelismo, Hard Rock, anos 60/70*. RTP Produções, passim.

era bastante programático: *Música Moderna*.<sup>393</sup> Mas o verdadeiro arranque deu-se, em 1980, com o *single* de Rui Veloso e a Banda Sonora, “Chico Fininho/Saiu Para a Rua”, e com “Cavalos de Corrida/Palavras” dos almadenses UHF, em outubro do mesmo ano.<sup>394</sup>

Depois do inesperado êxito destes dois *singles*, houve um grande investimento das editoras e uma plêiade de bandas gravaram e editaram discos num curto espaço de tempo. Muitas tiveram uma carreira efémera, como o Grupo de Baile ou os CTT; outros, como o já referido Rui Veloso, ou Lena d’Água, tiveram uma carreira mais duradoira. É esta a época designada por *boom* do *rock* cantado em Português, que vai de 1980 até, mais ou menos, 1984, ano da morte de Variações. Depois, de 1984 até aos anos noventa, há uma segunda fase designada por Movimento da Música Moderna Portuguesa.<sup>395</sup>

Esta explosão de música de feição elétrica criada em Portugal prendia-se com dois aspetos. Por um lado, um desejo de diferenciação em relação aos valores da geração anterior, muito politizada e pouco dada ao *punk* e ao *glam-rock*, não interessada nos “imperialismos” culturais advindos do binómio Londres-Nova Iorque. Havia, por isso, a necessidade de criar um espaço dentro da indústria musical para os músicos jovens, que

---

<sup>393</sup> Afonso Cortez (2017). *Corta-e-Cola: Discos e Histórias do Punk em Portugal*. Lisboa: Associação Chili com Carne/Thisco, pp. 27-31.

<sup>394</sup> No livro indicado supra, na p. 47 e et. seq., Cortez dedica-se a dizer que o *boom* do *rock* foi uma fraude, que não existiu, que se deveu a uma greve de músicos profissionais, o que levou a que as editoras gravassem os grupos do dito *boom*, etc. Ele postula uma “Fraude do *rock* Português”, fazendo vista grossa àquilo que são dados factuais. Vários projetos e bandas gravaram, no início dos anos 80, com estéticas diversas, mas com duas características mais do que evidentes: som moderno, com referências à música anglo-saxónica, e letras cantadas em português. Estes projetos tiveram uma grande difusão e adesão do público. Muitos desses músicos continuam hoje ativos e com um papel de destaque. Pergunto: terão, porventura, sido inventados esses discos que as pessoas compraram? Rui Veloso, Rui Reininho e Pedro Ayres Magalhães estarão, quase há quarenta anos a enganar as pessoas? Parece-me, no mínimo, estranho que se conteste algo tão factual e evidente. Claro que as razões de Cortez são sobretudo ideológicas e de gosto. Ele denuncia-se quando, por interposta pessoa, diz que a música do *boom* do *rock* é uma “caquinha” feita por indivíduos bem comportados. É a sua opinião e tem todo o direito a ela, tal como, quem achar que - com as exceções dos excelentes discos de estreia dos Xutos & Pontapés, dos Corpo Diplomático (estes dois estão, aliás, longe de serem *punks tout court*), e dos trabalhos dos Peste & Sida, Censurados e dos X-Acto -, a maioria dos discos *punk* feitos em Portugal não se distinguem minimamente uns dos outros, também tem. Falta-lhes personalidade e ideias próprias. Recorrem todos ao ritmo binário na bateria, aos mesmos *riffs* simplórios, às mesmas letras literariamente pobres, tentando chamar a atenção com um ou outro palavrão, com que tentam disfarçar as ideias inanes e superficiais dos seus autores. Seria interessante fazer um inquérito e perceber quantos deles, afinal, é que leram realmente os autores anarquistas, cujos chavões tanto gostam de repetir acriticamente.

<sup>395</sup> Vd. Pedro Clérigo; Leandro Ferreira (2015) *A Arte Elétrica em Portugal (RTP). Episódio 3 e 4: O Boom do Rock*.

não estavam empenhados na luta pela liberdade, mas antes em lutar pela plena fruição desta e em testar os limites da abertura que o 25 de abril trouxe.

Por outro lado, estes jovens músicos queriam provar ser capazes de fazer *rock* com a mesma qualidade com que os músicos anglo-saxónicos o faziam, mas - e este é um ponto relevante - cantando em português. Existia uma ideia generalizada, sobretudo entre as gerações anteriores, de que não era possível fazer *pop-rock* em língua portuguesa por ser uma língua, à partida, difícil, pouco musical, cheia de consoantes pouco maleáveis e vogais fechadas. A geração do *boom* estava comprometida com o oposto. Pretendiam fomentar uma sonoridade baseada nos sons do *rock* internacional, e, concomitantemente, escreverem letras em português que versassem sobre as realidades portuguesas e as questionassem. Daí que muitas pessoas lhe chamassem *rock* português:

Eles fizeram o motim do *rock* cantado em português. Na recessão do canto-livre pós-revolucionário, Portugal descobriu que os sons do rock podiam ser cantados na língua cá da terra. Entra-se nos anos 80 e, com eles, rebentam dezenas de bandas num mercado discográfico em que valia tudo. (...) De repente, o *rock' n'roll* falava de figuras às quais os portugueses eram familiares. Aqui e além viam-se "chico fininhos" a subir as ruas de muitas cidades do país, de um momento para o outro dava-se conta de inúmeras "rapariguinhas do *shopping*" a deambular pelos corredores dos grandes espaços comerciais portugueses. O *rock* começava a falar de nós, das nossas coisas, das pessoas com que nos cruzávamos todos os dias.<sup>396</sup>

Eram escassos os sítios onde estes novos projetos musicais podiam apresentar-se ao vivo. Sítios pensados de raiz para concertos dos jovens músicos portugueses contavam-se pelos dedos da mão: o Rock Rendez Vous, em Lisboa, e, um pouco depois, o Luís Armastrondo e o Aniki Bobó no Porto, e pouco mais. No espaço lisboeta, tocaram, em início de carreira projetos tão díspares como: UHF, GNR, Xutos & Pontapés, Rui Veloso, Ocaso Épico, Heróis do Mar, etc., e nomes estrangeiros como Julian Cope e os Teardrop Explodes. António e os seus Variações tocaram lá, antes de ele editar qualquer trabalho, e

---

<sup>396</sup> Dulce Furtado (1999). "Os pioneiros do *rock* português". *Público*. 15 de novembro.



voltou novamente a atuar, já depois do sucesso do *LP Anjo da Guarda*, acompanhado, dessa vez, pelos seus Anjos, onde tocava o ex-guitarrista dos Xutos & Pontapés, Francis, e o baixista Carlos Barbosa. Rui Miguel Abreu caracteriza assim este espaço lisboeta:

(...) a ideia de clube de *rock*, que o RRV foi provavelmente pioneiro a reclamar. Até aí, o circuito rock nacional passava por espaços de sociedades recreativas (...) e por palcos improvisados num país que, nos alvares de 80, ainda celebrava a chegada de eletricidade a algumas localidades. O RRV era a sério: tinha um sistema de som JBL a 4 vias e uma política de divisão de bilheteira com as bandas que era justa numa época em que *rock* e *cachets* ainda eram duas palavras que raramente surgiam associadas.<sup>397</sup>

Mas, no resto do território nacional, o panorama era completamente desolador. A rede de salas e teatros que hoje existe, e que se instalou, em grande parte, sob a vigência do ministro da cultura Manuel Maria Carrilho, na segunda metade dos anos 90 do século XX, estava longe sequer de ter começado. Assim, os músicos encontraram um país não preparado, a nível de infraestruturas e mentalidade, para concertos de *pop-rock*.

São-nos relatados episódios caricatos, mas assaz significativos, do estado do país a esse nível. Muitas vezes, nem microfones havia; Lara Li teve de dar um concerto cantando para um megafone. Rui Veloso diz que, muitas vezes, o palco tinha postes mesmo em frente, tendo ele e seus músicos que atuar assim. Não era raro o palco ser em cima dum trator. António Manuel Ribeiro, líder dos UHF, relata o seguinte episódio:

Aconteceu-nos de tudo (...) Desde o camião com terra que nos trouxeram nos arredores de Lisboa, quando pedimos «terra no palco», um termo técnico que significa fio de ligação à terra no palco. Gelámos em setembro quando ouvimos o responsável da festa, uma hora

---

<sup>397</sup> Rui Miguel Abreu (2017). “Ao vivo no Rock Rendez Vous: 1980-1990”. *Blitz: História do rock* (edição especial), outubro, p.48.

depois, perguntar onde podia «descarregar a terra». Quase chorámos de tão incrédulo parecer.<sup>398</sup>

Por seu turno, os Heróis do Mar ao saírem de Lisboa contam que a bateria elétrica que levavam nunca funcionava, pois, não havia corrente elétrica disponível suficiente. Rui Pregal da Cunha recorda-se que em certos sítios, quando os Heróis do Mar entravam em palco com as suas vestes e com uma cruz iluminada, a assistência ficava muito quieta o concerto todo e com o queixo descaído, sem sequer bater palmas.

Este era, portanto, o panorama com que os jovens músicos se deparavam no Portugal de então. Variações, quando teve sucesso e começou a tocar por este país fora, deparou-se com este cenário. Algumas vezes, ia sem a sua banda, os Anjos, atuando em *playback*, cobrando, assim, um *cachet* menor.<sup>399</sup>

Em suma, como pudemos observar ao longo de todo este capítulo, algumas das características que se têm atribuído a António Variações, ao contrário do que se tem propalado, não são apenas pertença sua, pois, são, em grande medida, geracionais. Se ele foi, sem dúvida, o epítome de algumas delas, estava longe de ser o único, como são os casos evidentes das suas viagens ao estrangeiro e da sua exuberância no trajar. Além disso, estes e outros aspetos geracionais, salientados neste capítulo, estão fortemente relacionados com os contextos sociopolíticos da sociedade portuguesa do pós 25 de Abril e as muitas mudanças e confrontos sociais e de mentalidade que emergiram na altura, e só se podem verdadeiramente compreender assim enquadrados. Querer perceber Variações fora do seu tempo e da sua geografia pessoal redundaria numa imagem necessariamente distorcida e mitificada.

Em decorrência do exposto neste capítulo, veremos, em seguida, o modo como ele foi evoluindo como *performer* no período antes de publicar o seu primeiro trabalho, e como é que ele foi absorvendo as influências musicais e artísticas do seu tempo e de que forma é que elas se manifestaram no seu próprio trabalho e na sua evolução artística.

---

<sup>398</sup> António Manuel Ribeiro (2014). *Por Detrás do Pano: 35 Histórias contadas na Rádio & Outras Confissões*. Lisboa: Chiado Editora, 129-131.

<sup>399</sup> Vd. Pedro Clérigo; Leandro Ferreira (2015) *A Arte Elétrica em Portugal (RTP) Episódio 4: O Boom do Rock*, aos 15, 18 m. et. seq..

## **Cap. 5. A EVOLUÇÃO PERFORMATIVA**

## 5.1. António Autor-Intérprete mimo e romeiro <sup>400</sup>

Como sabemos, Variações começou a cantar na infância. Era fortíssimo o seu anseio de vir a ser cantor. Em Fiscal, escondia-se, ora treinando em frente ao espelho, ora isolando-se no bosque perto da casa dos pais, soltando a sua voz e a sua imaginação.

Imitava o que ouvia o seu pai cantar e o que presenciava nas romarias, o que escutava na telefonia e o que via na televisão. A sua mãe testemunha que ele “Era muito divertido, gostava muito de cantar pelo quintal fora. Todas as cantigas que se cantavam na televisão, ele sabia-as. Depois as pessoas perguntavam «quem é aquele seu filho que canta tão bem lá no quintal?... eu ia a passar e até parei para ouvir.»”. <sup>401</sup>

Estávamos numa das épocas áureas do fado e do nacional cançonetismo. E despontavam também os cantores de intervenção, pelos quais ele tinha grande admiração. Mais tarde, disse que considerava José Afonso o cantor e compositor português mais relevante, colocando-o no mesmo patamar de Amália.

A família fazia saraus de música onde cada um tinha um papel: uns dançavam, outros cantavam, outros batiam com paus marcando o ritmo, o seu pai Jaime tocava, ora cavaquinho, ora concertina. O irmão Jaime Ribeiro aprendeu a tocar estes instrumentos com o pai. Variações costumava ficar com a tarefa de cantar as canções mais difíceis e também fazia imitações. Como vimos anteriormente, depois de verem o Festival da Canção na Casa do Povo, onde havia televisão, faziam imitações em casa, teatralizando-o, como recorda o seu irmão mais novo Carolino:

O António era muito engraçado e muitas vezes punha-se a imitar as pessoas de Lisboa, a maneira de falar e tudo e fazíamos uma espécie de teatro. (...) E passávamos uns serões muito animados. Íamos ver o Festival da Canção ao pé da antiga escola de Fiscal, na Casa do Povo, que tinha televisão, e depois imitávamos na nossa casa, aqui no terraço, à noite, o festival da Canção. (...) O António é que cantava sempre a canção mais difícil. Tínhamos

---

<sup>400</sup> Dado este ser um capítulo de síntese, surgem aqui alguns factos já referidos anteriormente, mas agora enquadrados noutra perspectiva.

<sup>401</sup> Vd. Júlio Isidro (1992). *Entrevista com a mãe e irmão de António Variações*, aos 0, 30 m..

um ambiente muito bom. O meu pai tocava o cavaquinho, o meu irmão Jaime também, e a gaita-de-beiços, o adufe... e todos cantavam.<sup>402</sup>

Os pais eram conhecidos na povoação por duas facetas. Uma, era gostarem de festas. Variações acompanhava-os o mais que podia, pois, adorava romarias: “Lembro-me de que detestava arranjar a erva para os nossos coelhos... Gostava era de ir às romarias, ver o folclore. Suponho que nessa altura comecei a despertar para a música. O meu pai, embora agricultor, tocava muito bem acordeão e cavaquinho”.<sup>403</sup> A outra faceta era serem muito ligados à igreja. Os filhos iam com eles às missas - a mãe, Deolinda, ia diariamente à missa - e rezavam todos em conjunto o terço, antes de se deitarem. Esta ambiência festiva e simultaneamente religiosa, uma mistura de cristianismo e paganismo, ficar-lhe-á inculcada no espírito e será sublimada na sua obra futura.

A família também fazia pantomimadas cómicas. A sua mãe tinha o dom da imitação. Todos se riam quando ela imitava derrisoriamente alguém. Variações herdou este gosto; quando ia de férias à aldeia imitava os tiques das senhoras lisboetas. Começaram, portanto, aqui, dois traços que lhe ficaram para toda a vida: o ser melómano, o não passar sem usufruir diariamente de música; e a paixão pelas artes performativas, com destaque para a arte de representação.

Começou também aqui o seu gosto pelo autorretrato fotográfico. Desde tenríssima idade, que as suas fotografias não são meros registos: são artísticas, encenadas por si. Ele figura sempre como uma personagem, inventada por si.

---

<sup>402</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 172.

<sup>403</sup> Citado por Cláudia (1983). “A infância desconhecida do cantor exótico. António Variações: «O meu êxito é uma vingança»”. *Sete*, 20 de julho, p. 12.

## 5.2. António Autor-Intérprete *hippie* e *amaliano*

A sua forte ligação à música e ao mundo do espetáculo não esmoreceu em Lisboa, pelo contrário, acentuou-se e encontrou os estímulos que precisava.

Dado ser trabalhador, o seu patrão, como já referimos, não se importava que ele ouvisse rádio enquanto trabalhava como marçano; ouvia-a diariamente. Nesta altura, final dos anos 50, início dos anos 60, a rádio que se ouvia era muito diferente da dos anos 80. Fernando Heitor esclarece-nos:

Lembro-me que, aí por volta de 71, eu estava muito influenciado pelos autores franceses: a Slyvie Vartan, o Adamo, a Juliette Greco, Léo Ferré, Barbara Brodi, etc. Depois passei uma fase com a MBP: o Chico Buarque, o Gilberto Gil, entre outros. E é provável que o António os escutasse, ou que estivesse a par deles, sobretudo o Chico, pois eram muito populares cá. Desde os anos 60 que a música brasileira da altura passava muito na rádio, inclusive naqueles programas mais populares que as donas de casa ouviam. O Henrique Mendes era um grande entusiasta da MBP. Foi através dum programa, chamado *Clube das Donas de Casa*, que eu fiquei a conhecer bem a Elis Regina, o Caetano Veloso, o Vinícius e o Tom Jobim, etc. É natural que tenhamos trocado impressões sobre estas coisas. E já estava a começar a invasão da música anglo-saxónica: os Stones, os Beatles, os Doors e tudo isso.<sup>404</sup>

O mundo dos artistas, e o *glamour* do estrelato atraíam-no sobremaneira. Quando ainda não ganhava o suficiente para assistir a espetáculos, ia ao Parque Mayer, epicentro geográfico da revista, ver os artistas e pedir-lhes autógrafos. Mais tarde, tornou-se um *habitué* do teatro de revista. Na casa dos seus vinte anos, sempre que as suas irmãs o vinham visitar, levava-as a assistir a este tipo de espetáculos, onde se salientavam nomes como Ivone Silva, Eugénio Salvador, José Viana, etc. Alguma da imagética *Kitsch* que adotou, deriva certamente daqui.

---

<sup>404</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 476.

Igualmente por esta altura, começou outro dos gostos de Variações: o cinema. Tornou-se rapidamente um cinéfilo. Colecionava os antigos e enormes cartazes de cinema, alguns deles, verdadeiras obras-primas, pintados à mão.<sup>405</sup> A cinematografia dos anos 50 e 60, que coincidiu com a sua adolescência e início da juventude é o seu período de eleição da história do cinema.

Entre os vinte e os trinta, manifestam-se duas paixões que o acompanhariam para a vida toda: as viagens e Amália. Aprende a cantar o repertório de Amália. O seu irmão Jaime Ribeiro recorda-se dele, com vinte e poucos, quando ia de férias à terra natal, a cantar temas da fadista. Para além dos discos dela que comprava, iniciou uma coleção de fotografias da diva (não recortes de jornal, mas sim fotografias). Chegou a adquirir algumas autografadas. Heitor relembra que:

Ele queria conhecê-la. Pessoas que até teriam hipóteses de os apresentar achavam que aquilo era um disparate. Ele adorava a voz dela. A Amália sempre foi muito polémica e sempre dividiu opiniões. Havia aqueles que achavam que ela devia cantar Camões, outros que pensavam que ela não podia cantá-lo, havia os que achavam que ela não deveria cantar marchas populares, outros precisamente o oposto, enfim. O António gostava de todas estas facetas; gostava de tudo. Gostava da voz dela como intérprete.<sup>406</sup>

A partir dos seus 25 anos, António é um verdadeiro *hippie*. É um apaixonado pelos Beatles. No seu acervo sonoro, podemos encontrar várias canções deste grupo, gravadas nas suas cassetes.<sup>407</sup> Numa entrevista, disse: “Claro que existe muita música comercial que

---

<sup>405</sup> Vd. Luís Trindade; Trindade, Sofia P. (2009). *Catálogo do leilão do espólio de António Variações*. Lisboa: Live Auctions. p. 66-71.

<sup>406</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 473.

<sup>407</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 44 e p. 49.

não tem qualidade. Mas a prova do contrário é o fenómeno Beatles, que fizeram uma música eterna”.<sup>408</sup>

Provavelmente influenciado por eles, começou a interessar-se pela espiritualidade oriental, e iniciou a prática de ioga. A forma como se vestia nesta altura inseria-se nesse movimento da contracultura. Começou a usar o cabelo comprido com caracóis salientes, deixou crescer a barba, vestia-se com roupa colorida, fazendo lembrar o psicadelismo, com cores garridas e suaves, vermelhos e castanhos, usava calças de sino, e colares e anéis étnicos. Era um dos muitos jovens *hippies* que coloriam as ruas de Lisboa. Cultivava também muito o corpo: era visto na praia a correr, a nadar e a fazer exercícios de ioga.

Tinha um grupo de amigos ligados às artes e aos salões de cabeleireiro. Iam passear até à praia, jantavam fora, assistiam a peças de teatro, namoravam, discutiam política, fumavam erva, viajavam para o estrangeiro e esperavam que o país mudasse. Dele faziam parte os atores Carlos Quintas, Fernando Heitor e os cabeleireiros Vítor Hugo e o namorado de Variações, Fernando Ataíde, entre outros. Variações tinha aspirações de vir a singrar no mundo da música. Alguns destes amigos levavam esta sua vocação a sério, outros não. Sobre este conjunto de pessoas, Heitor revela-nos que:

Nos meios que frequentávamos havia uma grande sofreguidão de novidade. Aliás, com o marcelismo, estávamos todos convencidos de que iria haver uma mudança drástica, só não sabíamos quando, mas sentíamos todos que estava para breve. Mas não estávamos engajados politicamente. Não éramos filiados em nenhum partido.<sup>409</sup>

Variações, tal como muitos dos seus pares do *boom*, começou por, num processo de mimese, escrever canções em inglês. No seu acervo sonoro podemos encontrar alguns exemplos destas suas primeiras experiências composicionais em língua inglesa. Escreveu uma canção intitulada “Give me a Little Time”:

---

<sup>408</sup> Citado por Edite Martins Carvalho (1983). “Quero ser um Músico Popular”. *O País*, 14 de março, p. VIII.

<sup>409</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 477.



I know

I can stay with you all the time

You know

I can not ask for all your time

You are the sensation

You are the combination

You want to be seen

and show

You are so pretty

You are too pretty

You are the match for me

I know, I'll be there as you can

Give me a little time

Oh, just a little time

Oh, from your time <sup>410</sup>

É notória a influência dos Beatles em algum do seu repertório futuro. A escolha de tonalidades maiores e a aposta em ambiências *pop* e melodias fáceis de fixar pelo público, demonstram que ele apreendeu bem a lição da banda inglesa. Mas teria também já o desejo

---

<sup>410</sup> Cf. Anexo n.º 1, p. 389.

de escrever letras em português, daí o ter começado, como já referi, a ler com grande assiduidade poesia portuguesa.

Por esta altura, na primeira metade da década de 70, era um homossexual assumido e vivia bem com isso, sem se esconder. Vivia com o cabeleireiro Fernando Ataíde, mas fazia questão de ter a sua coleção de discos separada da dele.

Em 1974, emigrou para Amesterdão e mergulhou na subcultura holandesa. Lá contactou com a face mais libertária e psicadélica do movimento *hippie*, e tirou um curso de cabeleireiro unissexo. Foi, sobretudo, a partir daqui que começou a usar o género de indumentária pela qual ficou conhecido. O seu corpo e o que usava refletiam as suas vivências e os sítios por onde passou. O seu amigo, o falecido artista plástico e galerista, Carlos Barroco, disse que:

Amesterdão era e é um sítio muito especial, com muitas referências ao movimento *hippie*, que ali foi muito forte, e que tocava muito o António, em termos estéticos. Era o colorido da roupa, do espetáculo de rua, da praça, dos canais. Por isso, ao contrário do que lhe aconteceu em Londres, o tempo que o António passou na Holanda, deve ter sido muito divertido.<sup>411</sup>

### **5.3. António Autor-Intérprete *prog-rocker*, *glam rocker* e *punk***

Variações sente o tempo passar sem gravar. Resolveu então tomar medidas e, segundo o espírito *punk do-it-yourself*, começou a procurar músicos. Pôs anúncios no jornal *Sete* e alguns terão respondido. Rosa Maria Borges, uma das gerentes do Trumps, refere que: “O que o levou a pedir-me para fazer os espetáculos lá, foi, na realidade, o facto

---

<sup>411</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 123.

de nunca lhe terem dado uma resposta da editora. E ele queria muito demonstrar que sabia cantar”.<sup>412</sup>

Nesta fase a que agora me reporto, encontramos várias diferenças significativas em relação à anterior. Uma delas é a completa assunção da sua faceta de compositor. Apresenta-se agora como: “António, autor-intérprete”. Foram vários os músicos que o acompanharam e foram mudando ao longo do tempo. Muitas vezes, ensaiavam na sua barbearia.

António, por volta dos trinta anos, foi muito influenciado pelo *prog-rock*, como se depreende, aliás, da sua discografia pessoal, e os músicos que o acompanhavam também parecem sê-lo. Como podemos observar num dos alinhamentos escritos para os seus concertos, as canções são longuíssimas, experimentais, algumas com cerca de 8 minutos ou mais, tal como era característico do *prog-rock*.<sup>413</sup> As letras, por esta altura, também são extensas, como se vê, por exemplo, em “Rudy-Ruby”. António montou então um espetáculo, nos moldes do *rock* progressivo, que apresentou em vários espaços de Lisboa, que, entretanto, começaram a surgir. Fernando Heitor recorda-se de ter assistido a esses concertos-*happenings*:

Ele depois começou a cantar num espaço onde hoje é o Trumps. Aquilo era um restaurante e tinha uma cave onde faziam alguns espetáculos *underground* onde ele começou a aparecer a cantar. E depois também no Rock Rendez Vous. Ele tinha umas canções muito bonitas, enormes com 7 e 9 minutos, cantadas em Português. (...) Era muito diferente das coisas que ele gravou. Eram coisas muito mais experimentais. Eram canções muito longas.

414

---

<sup>412</sup> Citada por Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.), aos 6, 30 m..

<sup>413</sup> Vd. Luís Trindade; Trindade, Sofia P. (2009). *Catálogo do leilão do espólio de António Variações*.

Lisboa: Live Auctions. p. 26, item 34-2.

<sup>414</sup> Cf. Anexo n.º 3, pp.471-474.

Desde o início, Variações concebeu os seus espetáculos com uma forte componente teatral; e ela foi-se desenvolvendo organicamente, de atuação para atuação. Os primeiros concertos são considerados barulhentos e sem grande interesse para quem assiste. Depois tornam-se concertos mais profissionais, mais competentes. Ele veste-se de acordo com as próprias temáticas das canções, usando várias roupas, insere diapositivos, projetados num pano branco, acompanhado pela banda, os Variações Vivas. Ele dizia, a este propósito:

Tentei por todos os meios vir para a música e o grande passo que eu dei foi um espetáculo que eu montei em Lisboa com uma parte cénica, com muito teatro à mistura, e com as canções. Foi chegar a uma altura e não poder esperar mais porque o tempo estava a passar e as coisas não aconteciam e eu tive de me decidir a fazer qualquer coisa”.<sup>415</sup>

Por esta altura, despontaram dois movimentos musicais internacionais muito influentes: o *glam rock*, que irá fazer a transição do *prog* para o *punk*, e este último. Os espetáculos de Variações evoluem, entretanto, nesse sentido.

Tal como o *prog-rock*, o *glam rock* também teatraliza as canções, mas com propósitos substancialmente diferentes. Enquanto o *prog-rock* pretende, de algum modo, transportar o ouvinte para o reino da fantasia, para universos psicadélicos, através de álbuns conceptuais, o *glam rock*, por seu lado, produz igualmente narrativas musicais, mas de sinal distópico e com uma componente política e libertária fortíssima. No *glam rock* os cantores usam roupas femininas e as suas histórias aparentemente fantasiosas, na verdade, ancoram-se na realidade. Lutam pelo direito à diferença e insistem nas questões de género.

Por exemplo, no LP dos *prog-rockers* Genesis, *The Lamb Lies Down on Broadway*, editado em 1974, existe uma personagem, Rael, um porto-riquenho que fala com anjos e que acordou, sem saber muito bem como, na *Broadway*. Ao invés, no disco *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and The Spiders from Mars*, de David Bowie, dado a lume em 1972, a personagem principal é um messias extraterrestre de aspeto andrógino, que veste minissaias e sapatos altos, que vem anunciar o fim do mundo e que postula o *coming out*

---

<sup>415</sup> Citado por Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.), aos 6, 18 m..

aos jovens homossexuais e lésbicas, através das suas canções. Em 1972, Bowie anunciou, em entrevista, que era *gay*, num tempo em que isso não era nada comum e em que era preciso coragem para o fazer.

Variações, como jovem artista homossexual, identificou-se com o *glam*. Aliás, já em Londres, se apercebera da intenção libertária, mas com os pés bem fincados na realidade sociopolítica da época, que o *glam rock* representava. O movimento *hippie* era agora considerado uma utopia comunitária falhada. O *glam rock*, ao contrário, era ferozmente individualista e exigia o direito de cada um ser e viver como muito bem entendesse, sem esqueletos escondidos no armário. Bowie, aliás é uma figura fundamental para se perceber o universo variaciano. Na minha opinião, o artista mais influente para Variações foi ele, tanto ou mais do que Amália. Ele próprio não terá, quanto a isso, deixado subsistirem muitas dúvidas, pois, afirmou, em março de 1983: “David Bowie é uma das figuras do século. Uma fonte de inspiração para mim.”<sup>416</sup>

Para lá de *slides* e jogos de luzes, ainda muito dentro da estética do *prog-rock*, António e os seus Variações incorporaram, agora, nos espetáculos atos performativos confrontacionais e sociologicamente pertinentes. Por iniciativa de Variações, Rudolfo/Rudolfa apresentou-se com eles na qualidade de *performer*. Este conhecido e extravagante homossexual da noite lisboeta surgia em palco, maquilhado, os lábios pintados, e usando saias e vestidos femininos, vermelhos e cor de rosa. Também Variações começou a acrescentar à sua indumentária de estética *gay* macho/clone elementos femininos como pulseiras, saias, vestidos, etc. Além de Rudolfo/Rudolfa, também Dino e outra pessoa, que não conseguimos identificar, atuam ao lado de António & Variações, teatralizando as canções. Tocaram ao vivo, no espaço de transformismo Scarlatty Clube, no Trumps e no Rock Rendez Vous. Estas temáticas adstritas ao *glam*, aparecem também nas suas letras, como é o caso de “Rudy/Ruby” em que ele descreve a passagem do *gay* Rudolfo/Rudolfa pelas ruas de Lisboa, ante o pasmo dos transeuntes.

---

<sup>416</sup> Pedro Duarte (1983). “Cantor, barbeiro, «anjo da guarda»; António Variações: o dever da diferença”. *Sete*, 30 de março, p. 4.

Pedro Ayres Magalhães, baixista e letrista dos Corpo Diplomático e Heróis do Mar, já assistira aos espetáculos que Variações andava a dar com o grupo de músicos e *performers* que o acompanhava:

Eu vi-o atuar uma vez no Trumps, em 1979 ou 1980. Ele apareceu no Júlio Isidro com essa banda. Ele gravou umas músicas com essa banda (...), o “Toma o Comprimido”, e foi um amigo nosso, o Dino, que apareceu vestido de comprimido no programa do Júlio Isidro. Tinha essa música e mais outras com essa banda, que eram uns amigos dele, e com quem ele fazia umas *performances* e tocava sempre que podia. Os concertos dele eram como se fossem um *happening*. Era como se fosse uma instalação cultural, uma *happening-pop*. Aquilo veio do final dos anos sessenta, setenta. Ele figurava como *performer*, como performista.<sup>417</sup>

Variações usava também a sua profissão de barbeiro como um ato artístico. Realizou aquilo que designo por barbeiro-*happenings* no Frágil e numa festa comemorativa do nascimento do *rock n’roll* nos Alunos de Apolo. Levou cadeiras de barbeiro antigas, vestiu-se à oriental e cortou os cabelos de quem lá estava, integrando-se, desse modo, nessas celebrações. Sobre isto ele dizia que: “Ser barbeiro serviu para explorar a minha fantasia. Foi a descoberta de um mundo novo, a descoberta de mim próprio”.<sup>418</sup> António é, agora, um dos mais destacados elementos da *Movida* Lisboa dos Anos 80.

Continua a assistir a peças de teatro, a ler revistas e jornais, a ouvir programas de rádio e a assistir a concertos, sobretudo, dos artistas internacionais que, entretanto, começaram a atuar no nosso país. Os seus gostos são, em tudo isto, muito ecléticos. Tanto ouve Nina Hagen, como Amália, Kraftwerk, como Vasco Rafael, tanto lê o *JL* como a revista *Maria*, tanto assiste a teatro experimental como teatro de revista: é ávido de tudo.

---

<sup>417</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 500.

<sup>418</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, p. 167.

Com o advento do *punk* e com os seus ecos a chegaram cá – relembremos os Aqui d'el Rock e os Faíscas – o *prog-rock* é posto de lado e considerado petulante e ultrapassado. O *punk* postulava música simples, rápida, que qualquer pessoa fosse capaz de tocar, sem dificuldades técnicas, e rebelava-se contra os longos, e difíceis de executar, devaneios musicais dos *prog rockers*. Variações estava alerta perante estas mudanças de direção no mundo *pop-rock*, e se havia alguém com verdadeiro horror a ser datado era ele. Portanto, começou a identificar-se com as críticas que se faziam ao *prog-rock* e mudou de direção. O seu irmão Jaime Ribeiro, no colóquio sobre Variações, realizado na Faculdade de Letras de Coimbra, em 2017, disse que ele tinha “a doença da originalidade” e que esta se manifestava em tudo. Ele próprio afirmou: “Já a minha fralda era diferente, eu sempre fui uma pessoa que atraía as atenções”.<sup>419</sup>

Em 1981, deu o seu trabalho a conhecer a Júlio Isidro e foi convidado a participar no *Febre de Sábado de Manhã* e no *Passeio dos Alegres*. O que apresentou foi um momento teatral extraído do espetáculo-*performance* que vinha a apresentar já há algum tempo na cidade e que tenho vindo a referir.

Foi um momento histórico por várias razões. Uma delas foi o facto de ter sido o primeiro momento em televisão em que alguém assumiu, através do modo como ele e os seus *performers* se apresentavam, de forma tão exuberante e frontal, a sua homossexualidade. No entanto, havia uma diferença assinalável nesta apresentação comparativamente com aos espetáculos anteriores dele, na cidade de Lisboa: a estrutura sonora. As canções apresentadas, “Toma o Comprimido” e “Não Me Consumas”, não eram longas nem musicalmente complexas; já não denotavam a influência do *prog-rock*. Eram mais curtas e eficazes, muito mais sintonizadas com as propostas do *punk* do que com outra qualquer corrente musical. O radialista e crítico António Duarte observou o seguinte:

Foi o Luís Vitta, que era cliente da barbearia, que chegou com uma cassete (...) e como estávamos na fase do *punk*, achei que era *punk* português. A música era “Toma o comprimido”. E tanto a letra como a música, que era muito simples, duas ou três notas,

---

<sup>419</sup> Citado por Inês Pedrosa (1983). “Cantor e barbeiro: Variações sobre um António”. O Jornal, nº. 432, 2 de junho. In *Muda de Vida: As Letras de António Variações*, p. 91.

eram muito próprias desse tipo de cultura, muito embora o António não fosse *punk* (...) Mas a sonoridade lembrava um pouco essa corrente e achávamos piada.<sup>420</sup>

Mas os músicos, que o tinham acompanhado na sua fase *prog-rock*, entre eles Saguim, Leitão e José António, não eram os mais apropriados para fornecerem a base musical que António agora pretendia. Assim, apesar do sucesso televisivo, logo a seguir, os António & Variações acabaram.

#### **5.4. António Autor-Intérprete, um pós-*punk* imerso no boom do rock português**

Na verdade, a mediática passagem pelo *Passeio dos Alegres* captou-o em plena transição estética.

Ele pretendia ter gravado nessa altura. Queria que as duas canções apresentadas fossem um *single*, para o qual previa sucesso. O lado A seria “Toma o Comprimido”. Conhecia a reação calorosa do público a esta canção. Na *set-list* dum dos seus concertos ela aparece repetida no *encore*, era, portanto, nessa altura, a sua canção com mais apelo para o público.<sup>421</sup> Mas, ao contrário do que ele previa, a editora não o contactou. Ele próprio se queixará disso, sete meses depois, numa entrevista ao *Meia de Rock*.

Entretanto, surgiram dois movimentos musicais muito relevantes que o fizeram repensar a sua estratégia e o seu pensamento estético.

Por um lado, explodiu com grande força o boom do rock português e havia, nessa altura, uma grande apetência do público para a música moderna, cantada na língua materna. Procurava-se criar canções relativamente curtas com refrões orelhudos e letras com raízes na sociologia. Nas letras do boom a personagem principal e omnipresente é Portugal. Nelas são retratadas as realidades e as problemáticas de então. Por exemplo, o despontar do consumismo surge em canções como “Chiclete” dos Táxi, de quem Variações

---

<sup>420</sup> Citado por Manuela Gonzaga (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora, pp. 188-189.

<sup>421</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 42.



tinha um exemplar do seu primeiro trabalho; a competição e a ganância, em canções como “Cavalos de Corrida”, dos UHF; a crítica aos processos massificadores, por exemplo em “Olhó Robot” de Lena d’Água e da Salada de Frutas. Também os novos tipos urbanos do pós 25 de Abril eram figuras que pululavam este novo cancionário português de feição elétrica: desde o *freak* toxicómano na “Chico Fininho” até ao suburbano “Rapaz Caleidoscópico” dos UHF, passando pelo “Ás dos *Flippers*” dos Táxi, etc.

Assim, por esta altura, antes de gravar o seu primeiro trabalho, Variações incorporou estas temáticas no seu trabalho. Os novos tipos sociais aparecem representados, por exemplo, na sua canção “Rudy/Rubi”, e o consumismo e a problemática da droga são aflorados em “Não Me Consumas”.

Mas aparecem também outras preocupações geracionais no seu trabalho, como a questão, então na ordem do dia, do problema nuclear que era uma ameaça muito séria, devido ao clima de guerra fria que se vivia. Este assunto era recorrente nos média da época. O cinema também abordava a questão. O filme *The Day After*, que retratava o mundo depois duma guerra nuclear, teve um grande impacto. A revista *Mais*, dirigida por Carlos Cruz, no seu n.º 89, de dezembro de 1983, trazia na capa a foto duma explosão nuclear, encabeçada pelo título “Nós já vimos *The Day After*”, e, no seu interior, dedicava várias páginas a debater o filme e a questão nuclear. Chegando a dizer, “Somos nós. Estamos todos ali”, referindo-se ao apocalipse atómico, retratado no filme. A música *pop-rock* não era alheia a esta preocupação. No plano internacional, destacou-se a canção “Enola Gay”, dos *Orchestral Manuevres in The Dark*, que descrevia o avião que lançou a bomba atómica em Hiroxima e a canção de Sting “Russians”, que tratava do tópico da guerra fria. No plano nacional, ouvia-se “Hiroxima, meu amor” dos Da Vinci e “Nuclear não, obrigado!” de Lena d’Água. Imbuído desse espírito, Variações escreveu a canção, ainda inédita, intitulada “Guerra Nuclear (Ao Deus da Vida) ”:

Já esqueceram o cantar e o sorriso

Já não são homens de boa vontade

A loucura está a vencer o juízo

O ódio, a amizade

Estão-se a despir de toda a humanidade

Vou protestar, denunciar

Vou alertar

Querem fazer a guerra nuclear

Vou protestar, denunciar

Estou-me a alarmar

Que culpa tenho eu se eles se querem suicidar?

O tratado de paz foi rasgado

Já começaram a fazer ameaças

O poder já está descontrolado

Estão-se a embriagar de bombas

E os dedos já querem apertar ...

Vou protestar

Estou-me a alarmar

Vou implorar

Ao deus da vida para os neutralizar

Vou-me queixar

Estou-me a alarmar

Vou suplicar

Por outro lado, no início dos anos 80, eclodiu o movimento *pós-punk*, muito por via das editoras inglesas independentes, nomeadamente a Factory, com base em Manchester. Este subgénero musical, aproveitou as portas abertas pelo *punk* para criar música altamente personalizada e com um grande sentido de risco estético e irradiou muito rapidamente do epicentro inglês para o resto do mundo. O som melancólico, experimentalista, cru e etéreo de bandas, como os Joy Division, os Teardrop Explodes, os Echo and The Bunnymen ou os The Fall, mudou a paisagem sonora e foi o som predominante nos anos 80. Em Portugal, teria dois incansáveis divulgadores: o radialista António Sérgio – aliás, esta sonoridade, devido ao nome do seu seminal programa de rádio, ficou também conhecida como “Som da Frente” – e Miguel Esteves Cardoso, pois, este presenciou *in loco* o nascimento do movimento, dado que se encontrava, no olho do furacão, em Manchester, a fazer o seu doutoramento em Filosofia Política.

Portanto, após a ida ao *Passeio dos Alegres*, e o final dos António & Variações, o cantor anunciou, no programa *Meia de Rock*, que procurava novos músicos. É provável que vários músicos se tenham oferecido, pois, António, devido às aparições mediáticas era agora uma figura conhecida, mas ele escolheu dois músicos jovens, com 17 e 18 anos, os irmãos Amaro.

Estes eram musicalmente inexperientes, mas estavam perfeitamente sintonizados com o *pós-punk*, com o *Som da Frente*. Quando foram ter com ele à sua barbearia oferecendo-se para tocar com ele, falaram dos seus gostos musicais e encontraram em António gostos musicais semelhantes aos seus:

(...) falámos com ele e houve uma uniformidade de interesses. (...) Bem, o António gostou do contacto connosco e da troca de impressões e convidou-nos para ir a um ensaio. (...) As nossas conversas eram mais sobre as bandas que quer ele, quer nós gostávamos. Lembro-

---

<sup>422</sup> Cf. Anexo n.1, pp. 381-382.

me dele uma vez ter falado da Amália e deu para perceber a forma como ele a venerava. Mas de resto, é como digo, falávamos da música moderna que todos gostávamos.<sup>423</sup>

António ainda tinha consigo um músico, um teclista, adstrito ao *prog rock*. Tentou-se um ensaio conjunto com os três músicos, mas este não gostou da abordagem sonora pós-*punk* dos novos músicos e disse-o a Variações, que, por esta altura, não tinha a menor dúvida do caminho a seguir. Separou-se desse músico e começou a trabalhar com os irmãos Amaro.

Eles eram Vasco Amaro na guitarra elétrica, Luís Carlos Amaro no baixo e, depois, trouxeram consigo um baterista e adicionaram, a pedido de António, teclas à sua paleta sonora. Ensaíram durante alguns meses no apartamento de Variações. Note-se que as canções de Variações, antes de chegarem à forma musical final, que escutamos nos seus discos, foram experimentadas em vários tipos de arranjos e estéticas. Isto demonstra a labilidade do seu trabalho musical, mas indica também como o seu caminho, enquanto autor, foi feito amiúde por tentativa e erro, enformado sempre por um pensamento crítico constante.

No final desse ano, estes músicos acompanharam Variações, com os arranjos concebidos por si para as canções dele, no programa *Meia de Rock*. Tocaram duas músicas: “É p’rá amanhã” e “Anjinho da Guarda”. Pode-se ouvir um extrato da versão *ska-reggae* que fizeram para “É p’rá amanhã” em *A História de António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*, na faixa n.º 16. Luís Carlos Amaro recorda essa passagem assim:

(..) tocámos com ele no tal programa de rádio, o *Meia de Rock*, do António Duarte e do Rui Pêgo. Eles apoiaram-no bastante. E nós gravámos, salvo o erro, o “Anjo da Guarda”, o “É P’rá Amanhã” e julgo que o “O corpo é que paga”. O programa quis fazer a gravação de um dos ensaios e então foram lá à casa dele e gravaram; fizeram uma transmissão em direto lá da casa do António. Gravaram três ou quatro temas que nós estávamos a ensaiar com ele.

---

<sup>423</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 488- 490.

Portanto, essa foi a única vez em que tocámos fora do âmbito dos ensaios que fazíamos com ele.<sup>424</sup>

Nos últimos meses desse ano, a editora Valentim de Carvalho, com a mudança de A & R, interessou-se finalmente por Variações. Nuno Rodrigues, o novo A & R, terá ido assistir a um ou dois ensaios destes músicos com Variações. Nuno Rodrigues afirma que não teve confiança musical suficiente neles. Pode ser verdade, mas também é possível que Nuno Rodrigues, que produziu o primeiro trabalho de Variações, simplesmente preferisse trabalhar com músicos que já conhecesse, e assim foi. Participaram no *maxi* estreante de Variações os músicos da Banda do Casaco e da Salada de Frutas sobejamente conhecidos do A & R.

Estes músicos, pertencentes a uma geração musical ligeiramente anterior, ainda influenciados pelo *rock* sinfónico, tiveram, no início, bastantes dificuldades em perceber as ideias de Variações. Este exigiu a presença de Ricardo Camacho, um jovem produtor a para da nova música oriunda de Manchester, que o cantautor. Foi ele quem ajudou a que se percebesse o que é que Variações pretendia. No entanto, não surge nos créditos como produtor. David Ferreira, diretor, à época, da Valentim de Carvalho, no entanto, afirma, de modo perentório, que ele foi “uma peça importantíssima na carreira do António Variações”.<sup>425</sup>

Os jovens músicos referidos atrás, apesar de dispensados por Nuno Rodrigues, continuaram a ter boas relações pessoais com Variações:

Ele disse-nos que a Valentim ia gravar um *single* com ele, mas ia gravar com outros músicos. Nós também tínhamos consciência de que o patamar onde nós estávamos e o patamar a que ele aspirava era algo que provavelmente nós não conseguiríamos acompanhar. Para nós ir para a Valentim de Carvalho gravar um *single* era um sonho, para

---

<sup>424</sup> Cf. Anexo n.º 3, p.489. Na verdade, os temas gravados foram “Anjinho da Guarda” e “É p’rá amanhã”. António gravou este programa e esta gravação consta do seu acervo Sonoro. Cf. Anexo n.º 4, pp. 57-60.

<sup>425</sup> Citado por Rui Miguel Abreu (2018) “Ricardo Camacho: (1954-2018): o discreto arquiteto da modernidade pop Portuguesa dos anos 80”. *Blitz*, julho.

ele era uma realidade que estava ali ao virar da esquina. Era algo pelo qual ele lutava há anos. Portanto, houve um sentimento contraditório. Por um lado, muito contentes por ele finalmente iniciar uma carreira, por outro, pena de não ter sido conosco. Mas, na altura, tínhamos consciência que tínhamos que evoluir enquanto músicos. Estávamos a começar, tínhamos dezassete anos! (...) Ele ainda nos convidou para irmos ver como é que as coisas estavam a correr. E nós fomos ali ao estúdio, em Paço de Arcos, e lembro-me de estarmos a ouvir o “Estou Além”, que ele estava a gravar, e, de repente, ouviu-se uma som de saxofone, e depois em conversa comentamos isso como algo de muito positivo, que era uma maravilha. Dissemos-lhe que fazia lembrar o Andy Mackey dos Roxy Music, que eram uma das nossas referências. E ele ficou todo contente.<sup>426</sup>

Os irmãos Amaro formaram, depois, um muito competente e esclarecido projeto de música instrumental: A Jovem Guarda. Gravaram na segunda metade da década de 80 alguns dos seus trabalhos, na prestigiada editora portuguesa independente Ama Romanta.

Enquanto Variações esteve com eles, e durante todo o percurso que traçamos aqui, não lhe conhecemos nenhuma das referências ao folclore, ao fado e à portugalidade que veio a fazer mais tarde, logo no ano seguinte, em 1982, aquando da edição do seu *maxi*, “Estou Além/”Povo que lavas no rio”.

António Variações, como veio a ser conhecido a partir de março de 82, foi sempre um artista irrequieto e em constante demanda, nunca ficou demasiado tempo preso a uma estética musical. Envolto nestas sonoridades e universos pós-*punk* e *new wave* estaria certamente já com o seu espírito a pensar noutra coisa, noutro universo estético diferente. Na verdade, por estranho que possa parecer, Manchester e o pós *punk* haveriam de conduzi-lo, a breve trecho, ao Minho e à Lisboa do fado, como veremos no capítulo seguinte.

Sublinhe-se, no entanto, que essoutro António não existiria sem este que temos estudado nesta dissertação. Aliás, só a partir deste é que o poderemos verdadeiramente entender. É do António *hippie*, amaliano, *prog rocker*, performista e *glamer*, é do António pós-*punk*, fascinado pelo *Som da Frente*, que surgirá, como veremos no capítulo seguinte, aquele que se tornou mais conhecido e ficou gravado na memória coletiva.

---

<sup>426</sup> Cf. Anexo n.º 3, p. 491.

## **Cap. 6. VARIAÇÕES E A PROBLEMÁTICA DA IDENTIDADE NACIONAL**

## 6.2. O paradigma da portugalidade na música *pop-rock* Portuguesa

Ao publicar os seus primeiros trabalhos, Variações começou a propalar a ideia de que a sua obra devia mais ao fado e ao folclore do que ao *rock*, e que o seu trabalho pretendia fundir a música tradicional portuguesa e o fado com o *pop* de origem anglófona:

Gosto muito de *Rock* mas acho que não tem nada a ver com a nossa cultura. Defendo a primazia para a música realmente nossa e gostaria de me ver incluído no grupo dos que a difundem e aperfeiçoam. (...) Se assim for – e parece-me que talvez seja – é bom sintoma. É sinal de que as pessoas estão a ficar com um gosto mais apurado – porque o caminho da verdade e da afirmação do que é nosso torna-se sempre preferível à importação gratuita do mau-gosto estrangeiro.<sup>427</sup>

A partir do lançamento da sua marcante versão do fado amaliano “Povo que Lavas no Rio” ele surgiu com este discurso, e depois aprofundou-o mais ao incorporar os adágios populares nas suas canções,<sup>428</sup> e ao acrescentar alguns elementos, ainda que esparsos, da música folclórica no seu trabalho, obtendo assim um êxito massivo. Ficámos com a ideia de que tudo isto teve origem somente nele e que ele foi o único a propor este género de fusão. Ora tal está longe do que realmente se passou. Na verdade, só poderemos entender esta questão enquadrada no tempo em que ela foi suscitada.

Ele foi, na minha opinião, quem melhor deu corpo a essas ideias fusionistas e as soube levar ao grande público numa forma eficaz, mas não foi o único nem o primeiro a pensar desse modo, propondo a inserção de elementos da portugalidade na moderna música portuguesa que se fazia na época.

---

<sup>427</sup> Citado por S/A (1982). “António Variações: É preciso fugir à monotonia”. *O Tempo*, 17 de junho, p. VIII.

<sup>428</sup> Alguns autores como Arnaldo Saraiva, Tomás Lourenço e João Manuel Ribeiro têm estudado a recriação literária dos adágios populares. Na verdade, o tratamento que Variações dá a estas formas literárias populares enquadra-se nas categorias propostas pelos autores mencionados: anti-provérbios, provérbios do avesso e improvérbios. Sobre esta questão remeto também para o texto introdutório do Anexo n.1 desta dissertação.



Quando eclodiu o *boom* do *rock* português, em 1980, e as editoras começaram a apostar em música feita por jovens, isso gerou as mais acesas discussões em torno da identidade nacional, aquilo a que muitos chamavam a “portugalidade”, conceito vago e abstrato, mas que foi discutido até à exaustão.

Havia quem considerasse que o *rock* era uma música regional de raiz anglo-saxónica e, por isso, os projetos musicais portugueses do *boom*, na sua grande maioria, segundo estes críticos, limitavam-se a copiar os modelos musicais estrangeiros, deixando-se colonizar culturalmente pelo imperialismo hegemónico inglês e norte-americano. Os UHF, os Táxi, o Grupo de Baile, os Jafumega, entre outros, eram acusados de pouca originalidade e de fazerem uma música que não era, de todo, portuguesa, mas decalcada do que vinha lá de fora. Em 1981, no semanário *O Jornal*, Miguel Esteves Cardoso escrevia desprimorosamente sobre o *rock* português, cotejando-o com os Trovante:

Quando voltei a Portugal, reparei que haviam criado um monstro na minha ausência. (...) tratava-se dum monstro especialmente maçador. Maçava porque era Rock, e mais maçava por ser português. (...) Enquanto que teria o bastante de vergonha na cara para poupar a um amigo europeu a tudo o que tem saído com o rótulo de Rock Português, ofereceria os Trovante com orgulho, sem preâmbulos apologéticos, sem complexos de inferioridade. (...) As pessoas têm visto o Rock Português como um fenómeno quase meramente palavroso – julgam-se as canções pelas letras e fecham-se os olhos à confrangedora escassez de nobreza e invenção musicais. (...) Os Trovante têm música (...) e não perdem por isso nacionalidade. Muito mais do que isso: recuperam-na. (...) Afinal, o que é pena é que ainda haja Rock Português.<sup>429</sup>

Mas Miguel Esteves Cardoso não era o único a pensar deste modo. O *Sete* publicou uma entrevista e um artigo, assinado por Belino Costa, a quem, não por acaso, Esteves Cardoso dedicou o artigo citado supra, por onde perpassam as mesmas questões e é veiculado um pensamento semelhante. No interior, os Trovante defendem-se da acusação

---

<sup>429</sup> Miguel Esteves Cardoso (2003). *Escrítica Pop: Um quarto da Quarta Década do rock: 1980-1982*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp.321-323.

de estarem ao serviço do PCP, suscitada pelo facto de vários elementos do grupo fazerem parte da Juventude Comunista, dizendo que estavam “Comprometidos apenas com a cultura Portuguesa”.<sup>430</sup>

O clima extremado em torno da identidade nacional na música moderna portuguesa era de tal ordem que, por exemplo, os Da Vinci que faziam um *synth-pop*, inspirado em bandas neorromânticas como os Duran Duran, os Depeche Mode e os Humam Legue, face às acusações de não portugalidade e de vendidos ao estrangeiro, com o intuito de acabarem com mal entendidos, tiveram necessidade de dizer numa entrevista: "A nível espiritual somos muito portugueses, e este álbum espelha-o bem." Na capa, o significativo título da entrevista era: “Da Vinci: «Somos muito Portugueses»”.<sup>431</sup>

Os Salada de Fruta, que devido ao uso de *delay* na sonoridade da guitarra e ao uso de acordes de 9.<sup>a</sup> tinham sido acusados de copiar os The Police, propõem, em 1981, um caminho que, na verdade, é similar ao que, em 1982, Variações apontará. Defendem que o “Rock deve defender a cultura Portuguesa”:

O *rock* assenta normalmente na instrumentação elétrica mais ou menos agressiva. Guitarra elétrica, bateria descascada forte e feio... Não é essa propriamente a nossa intenção. Não é pôr o amplificador no 10, fazer um grande cagaçal e cilindrar o povo todo à força que nos interessa. Interessa-nos somar na nossa música sons não importados, que tenham a ver com a nossa terra. É bom que se utilizem instrumentos portugueses.<sup>432</sup>

Mesmo Ana da Silva, que vivia em Londres e fazia parte das Raincoats, uma insigne banda pós-*punk*, em entrevista ao *Sete*, não deixou de dizer o que pensava sobre o *rock* de fatura portuguesa:

---

<sup>430</sup> Belino Costa (1981). “Trovante é alternativa ao rock Português”. *Sete*, n.º 164, de 29 de julho a 4 de agosto, pp. 14-15.

<sup>431</sup> Citados por S/A (1983). “Da Vinci: «Somos muito portugueses»”. *Coquete*, n.º 7, de 21 a 27 de julho, p. 3.

<sup>432</sup> Citados por S/A (1981) “Grupo explica receita: Salada de Rock com fruta Portuguesa”. *Sete*, n.º 184, de 16 a 21 de dezembro, pp. 18-19.

Ainda não ouvi o suficiente para emitir uma opinião sobre o chamado rock português. Acho, no entanto, que os músicos e grupos deveriam esquecer a palavra rock e fazer música como lhes desse na cabeça. Devem explorar a música de uma maneira diferente e não fazer os Spandau Ballet ou os Joy Division à portuguesa.<sup>433</sup>

Face a este género de pensamento, muitos dos jovens projetos lusos de *rock* procuraram descolar-se da aura de copiadoreos do *rock* inglês e norte-americano.

Rui Veloso, que costumava ser poupado a este género de críticas, talvez tenha sido o mais lúcido, pois, disse algo, que a esta distância nos parece uma evidência, mas que na altura, face ao exacerbar da questão da portugalidade, não caiu nada bem:

(...) nós somos todos um pouco estrangeirados. Um músico de *jazz* português, por exemplo, é inevitavelmente um estrangeirado, mas mesmo os que fazem música popular portuguesa não conseguem escapar a influências estrangeiras. Até o Marco Paulo tem influências estrangeiras.<sup>434</sup>

Portanto, o que, a partir de 1982, Variações veio propor deve ser visto como uma tomada de posição no contexto desta ampla discussão mediática que existia à época e não noutra. Ao extrapolar-se, como muitas vezes se tem feito de modo desavisado, o seu pensamento para outros espaços históricos portugueses, tentando inseri-lo, à força, no âmbito noutras discussões, perde-se o seu sentido original.

### **6.3. Miguel Esteves Cardoso e António Variações: duas faces, um só rosto**

---

<sup>433</sup> Citada por António Duarte (1982). “Ana da Silva: portuguesa dá cartas no rock britânico: «Músicos portugueses devem esquecer a palavra rock»”. *Sete*, n.º 187, de 6 a 12 de janeiro, p.2.

<sup>434</sup> Citado por Belino Costa (1983). “Rui Veloso: «Somos todos estrangeirados»”. *Sete*, n.º 287, de 7 a 13 de dezembro, pp. 16-17.

Em relação ao consabido amor de *Variações por Amália*, esta é também uma questão que deve ser vista com a devida precaução. Não que se duvide aqui do seu genuíno amor pela fadista. No seu acervo, encontram-se algumas comoventes frases que escreveu que não deixam margem para dúvidas sobre a sua admiração por ela.<sup>435</sup> Mas isso deve ser visto no contexto das discussões estético-identitárias para as quais tenho estado a chamar a atenção. Só a partir deste enquadramento é que a sua paixão amaliana faz pleno sentido. Antes de ele a trazer para o seio destas discussões, já Miguel Esteves Cardoso tinha escrito vários artigos elogiando-a. Num programa de rádio, em 1981, este crítico dissera sobre ela o seguinte:

A voz de Amália Rodrigues é como o ato físico do amor. (...) sendo universal, é propriamente a voz de Portugal aberta a todas as terras e todos os mares. Aqui a indefinível sensibilidade dum povo é rigorosamente definida na sua confusão amorosa (...) A voz de Amália Rodrigues, como os arroubos que desprevenidamente apanhamos, não tem sítio nem espaço fixo. (...) Fado, saudade, poesia, destino, ermo – que sabor incompleto nos fica na boca, lembrada ainda duma inteireza larga e avassaladora. Afinal, classificar a voz de Amália é a mesma coisa que arquivar uma alma ou pôr um coração em ordem alfabética...

436

Num raciocínio paralelo ao som “Entre Nova Iorque e a Sé de Braga” variaciano, o jovem articulista fazia, através de Amália, propostas semelhantes:

Há algo que une os Specials, Bruce Springsteen, Lou Reed, os Pretenders, Peter Gabriel e Amália Rodrigues para além da qualidade: é o serem capazes de marcarem um espaço distinto onde a manada depois acorre e se instala, sem que os limites que impuseram aos

---

<sup>435</sup> Cf. Anexo n.º 4, pp. 43-44. Ele manuscreeu o seguinte sobre Amália: “Todos nós temos voz na sua voz. Todos os cantores têm Amália na voz; e eu também quis ter a sua voz na minha voz. Bem haja sempre!”.

<sup>436</sup> Miguel Esteves Cardoso (1981). “A voz de Amália Rodrigues e o silêncio”. In *Escrítica Pop: Um quarto da Quarta Década do rock: 1980-1982*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 76-79 [Programa Café-Concerto, Rádio Comercial, 9 de setembro].

outros os limitem ou constranjam. E, dentre os nomes que citei, é à Amália Rodrigues que esta afirmação com mais conforto se aplica. (...) Aos Specials e à Amália Rodrigues não compete só isso. (...) a Amália tem um parentesco igual com o Rock e com o Fado, naquilo que ambos os géneros têm de essencial e precioso: a sensação de nudez, o desrespeito pela ortodoxia, a carga imediata de raiva ou furor (...) no dia em que se puder falar dos Specials e da Amália no mesmo sopro (...) a Música terá levado a melhor sobre a moda e a mania e estabelecer-se-á o saudável ecletismo artístico (...).<sup>437</sup>

Coincidentemente, Esteves Cardoso escreveu um texto encomiástica sobre um *LP* de Amália, *Gostava de Ser Quem Era*, de 1980, que ele levou consigo para escutar em Manchester, que Variações também tinha na sua coleção particular, e que,<sup>438</sup> tal como o articulista, deveria ter apreciado bastante, pois, o intertexto da sua canção “Já Não Sou Quem Era”, dada a conhecer pelo projeto Humanos, denota a sua influência.<sup>439</sup> Sobre este trabalho da diva, o jovem crítico, mais uma vez comparando a fadista com um grupo de música anglófona, os The Jam, escreveu o seguinte:

Este bocado de Inglaterra, esta casa, nesta sala, este coração ferve com a Amália Rodrigues. (...) *Gostava de Ser Quem Era* monopoliza este gira-discos. *Sound Affects* monopoliza os outros. (...) sob o peso dum coração atestado de Portugal e apenas apetece repetir, vezes sem conta, sempre com o mesmo deslumbre.<sup>440</sup>

Havia, portanto, uma conjunto de críticos e jornalistas que pugnavam pela inclusão de elementos da cultura portuguesa nas novas sonoridades *rock* lusas. Neste grupo, que

---

<sup>437</sup> Miguel Esteves Cardoso (1980). “A mal e a bem: Amália e bem ... o Ska”. In *Escrítica Pop: Um quarto da Quarta Década do rock: 1980-1982*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 73-75. [*O Jornal*, 22 de agosto]. Para Esteves Cardoso faz todo o sentido comparar o grupo de Reggea e Ska, os Specials, como fado de Amália. Mas nós podemos e devemos interrogarmo-nos se, de facto, assim é.

<sup>438</sup> Cf. Anexo n.º 4, p. 62.

<sup>439</sup> Humanos (2004). *Humanos*. Emi-Valentim de Carvalho, faixa n.º 10.

<sup>440</sup> Miguel Esteves Cardoso (1980b). “Onde o Som afeta, ataca e infecta”. In *Escrítica Pop: Um quarto da Quarta Década do rock: 1980-1982*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 206-207. [Sete, 3 de dezembro] p. 206.

escreviam em várias publicações, e faziam, alguns deles, também programas de rádio, incluíam-se, por exemplo, Belino Costa, Rui Monteiro e António Duarte.

No entanto, o ideólogo mais destacado da questão da identidade nacional na música moderna portuguesa, que tinha a vantagem de ter estado a viver no epicentro do pós-*punk* via Factory, em Manchester, foi, sem dúvida, Miguel Esteves Cardoso. Por um lado, foi um dos grandes divulgadores do pós-*punk* e do som advindo de Manchester, do qual era um grande apaixonado, por outro, foi um feroz defensor da inclusão da portugalidade na música moderna portuguesa. Aliás, estas duas coisas estavam para ele umbilicalmente conectadas. Esta junção, aparentemente antitética, para ele parecia ser uma evidência. Tal como *Variações*, postulava para a música portuguesa a fusão da modernidade, trazida pelas correntes pós-*punk*, misturada com componentes portugueses, daí a sua arreigada e intransigente defesa de Amália Rodrigues.

A certa altura, Miguel Esteves Cardoso respondeu a um dos mais ferozes críticos de *Variações*, o temível Trindade Santos, que, nesse dirimir de argumentos, escreveu:

Numa breve mas incisiva nota no penúltimo número de semanário *O Jornal*, Miguel Esteves Cardoso entrega-se à defesa apaixonada de António e do seu *maxi-single*, notado pela versão eletrificada de “Povo que lavas no rio”, o imortal sucesso de Amália. É bem possível que António tenha ascendido ao grau de fundador da ordem *pop* com esta sua pérola, constituindo-se, assim, como mortífera arma na guerrilha já declarada ao esclerótico e imbecilizante *rock* da mesma nacionalidade. Tudo isso será de pesar maduramente pelas supremas instâncias críticas da lusa melomania. Devo, porém, confessar que nem uma novena de bons propósitos me fará suster o gesto que o infernal uivar de António provoca, alvorotando os meus ouvidos abusados: desligá-lo imediatamente e sem remorsos.<sup>441</sup>

Evidentemente, Miguel Esteves Cardoso, desde a primeira hora, um apoiante do projeto estético de *Variações*:

---

<sup>441</sup> Trindade Santos: (1982a) “*Variações sobre Variações*”. *TV Top*, nº. 78, 21 a 27 de junho, p. 7.

Devo aqui tomar, ao lado do meu colega Rui Monteiro, a defesa da causa de António Variações e do seu *maxi-single* “Estou além/Povo que lavas no rio”, contra o ataque da honorável oposição, liderada por Nuno Infante do Carmo. Porque António Variações é uma das primeiras vitórias do *pop* português contra o *Rock* português. É caráter e personalidade contra o padrão «identitik» dos nossos praticantes musicais. Porque António Variações é português, sem alarde ou vergonha de sê-lo. É a dignidade e respeitosa vassalagem à grande canção de Amália, que recria com ternura e alma, num recado corajoso e urgentíssimo à nossa música popular. Porque António Variações é uma injeção cavalari de originalidade na veia cava do macaco de imitação que soltaram da jaula para que fizesse e «yé-yé». É a diferença e a nascença de outro som. Que ele varie e avarie durante o tempo que ele quiser e nós precisarmos! <sup>442</sup>

Assinale-se que tal apoio não é de estranhar, pois, havia, entre os dois, uma grande coincidência de pontos de vista. A este propósito, Ricardo Camacho, que foi um dos produtores do primeiro *maxi* de Variações e a quem ele disse, como já referimos, que queria uma sonoridade “Entre Nova Iorque e a Sé de Braga”, numa das últimas entrevistas que concedeu, revelou dados fundamentais:

Em 1982, **António Variações** estava pronto para gravar a sua versão de *Povo que lavas no rio*. Em estúdio, Variações queria soar como os Joy Division após ler um texto de **Miguel Esteves Cardoso** que identificava os pontos comuns entre o fado e a música da banda de Manchester. «O António tinha esse texto com ele, recortado do *Se7e*, tanto quanto me lembro, e perguntou-me se eu podia fazer o “*Povo que Lavas no Rio*” soar da maneira que o Miguel descrevia. E foi assim que aquela versão nasceu», explicou ao *Observador* o produtor **Ricardo Camacho**, também radialista e teclista dos Sétima Legião. <sup>443</sup>

---

<sup>442</sup> Miguel Esteves Cardoso (1982). “Para realmente Variar: António”. *O Jornal*, n.º 380, de 4 a 9 de junho, p. 37.

<sup>443</sup> João Cândido Silva (ed.) (2015). “*Closer*: um disco que mudou Portugal”. *Observador*, 6 de agosto.

Embora tenha escrito no *Sete* uma ou outra vez, parece-nos que o artigo a que Camacho se refere terá sido publicado n' *O Jornal*, onde Miguel Esteves Cardoso escreveu semanalmente durante um longo período de tempo. Variações não ficava com as capas dos jornais, sendo, por vezes, impossível identificar a proveniência dos inúmeros recortes que guardava. Creio que o artigo que ele mostrou a Camacho, onde Esteves Cardoso refere Amália e os Joy Division, e encontra na música destes características normalmente associadas ao fado, como a melancolia e o sentido trágico da vida, é o artigo intitulado “Joy Division, a divisão e a visão da tristeza”, do qual transcrevo este excerto:

*Closer* é um trabalho vigorosamente diferente daquilo a que costumamos chamar Rock. Para já, é um álbum desvergonhadamente triste. Se a tristeza paga dívidas com um Leonard Cohen ou uma Amália Rodrigues, no *Rock* não dá nem para alpista. (...) Os Joy Division são impecavelmente trágicos – desde os textos resignados e suavemente desiludidos, até à «morrinha» da sua música. Quase que poderíamos dizer - doem... *Closer* é limpidamente belo – tem a transparência silenciosa da solidão (...) é o momento em que nos damos fé duma tristeza insolúvel, e da futilidade de a combater. (...) O fascínio dos Joy Division é, então, a observação duma emoção melancólica, pouco espetacular, mas genuína. Mesmo nas faixas mais enérgicas (e, mais feias) nunca deixa de sussurrar e de se fazer sentir. (sublinhado meu) <sup>444</sup>

#### 6.4. O seu grupo de pertença musical

---

<sup>444</sup> Miguel Esteves Cardoso (1980a). “Joy Division, a divisão e a visão da tristeza”. In *Escrítica Pop: Um quarto da Quarta Década do rock: 1980-1982*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 107-109. [O *Jornal*, 11 de novembro].



Os GNR, depois da entrada de Reininho, fugiram de todos os modelos *new wave* que muitas bandas tentavam mimetizar e criaram uma sonoridade experimental e personalizada. Sobre o seu primeiro *LP*, *Independança*, Esteves Cardoso escreveu que:

Um lado (o primeiro) mostra de uma penada quantos os caminhos que os GNR poderiam, à partida, escolher. Um humor. Uma proficiência. Uma imaginação. Alguma coragem. Uma irreverência de não querer saber o que se deve e deveria fazer. Mas, sobretudo, um sadio desprezo pelo ex-rock português.<sup>445</sup>

Por seu lado, os Heróis do Mar, antes de lançarem o seu primeiro *LP*, estudaram durante uma ano a História e a Literatura Portuguesas, nomeadamente as epopeias e os poetas da saudade, e imaginaram um grupo *pop-rock* que pudesse teatralizar a saudade. No teledisco do seu maior sucesso “Amor”, rodado propositadamente no Mosteiro dos Jerónimos, vemo-los prestaram homenagem a Camões no seu túmulo.<sup>446</sup> Os Salada de Frutas, como já demos conta, propunham ideias adjacentes, o tal “rock com fruta Portuguesa”. Os Sétima Legião, de que fez parte Ricardo Camacho, voltavam-se para o passado celtibero da pátria, para as paisagens do país (o Alentejo, as serras, o Tejo, o mar Atlântico, etc.) e também para a gesta marítima portuguesa. Sétima Legião era o nome da legião romana que invadiu a Lusitânia. Miguel Esteves Cardoso, além do seu papel de ideólogo instigador, escreveu letras-poemas para os Sétima Legião, Né Ladeiras e Manuela Moura Guedes. Não devemos esquecer que o seu doutoramento em Filosofia Política, em Manchester, versou sobre o integralismo lusitano, o sebastianismo e a saudade.

Alguns destes músicos uniram esforços e criaram uma editora independente, a Fundação Atlântica, inspirada na manchesteriana Factory, que pudesse colocar em prática este projeto de portugalidade comum a todos eles. Os seus fundadores foram Miguel Esteves Cardoso, Ricardo Camacho, Pedro Ayres Magalhães e Francisco Sande e Castro. Nela estrearam-se os Sétima Legião, os Delfins e Anamar.

---

<sup>445</sup> Miguel Esteves Cardoso (1982a). “GNR: mais grupo, mais rock, mais novo”. *O Jornal*, n.º 379, de 28 de maio a 3 de junho, p- 45.

<sup>446</sup> Vd. José Carlos Araújo (2012). “«Amor»: Heróis do Mar: trinta anos”. (reportagem). TVI, aos 20, 00 m..

De todos estes músicos, com quem Variações partilhava essa visão estética, foi ele o que mais eficazmente a veiculou e substantivou em canções maiores. Recorde-se a forma desastrada, quase ingénuo, com que os Heróis do Mar se apresentaram e os obstáculos que tiveram de enfrentar.

Assinale-se que Variações trabalhou com quase todos estes músicos e tal não foi obra do acaso. Foi ele quem os escolheu para participarem nas suas obras discográficas.

O seu *maxi* estreante foi feito por músicos da Banda do Casaco, que foram um dos primeiros projetos a trabalhar a música tradicional portuguesa em contexto moderno. Além disso, Variações, que se identificara com a sonoridade, onde coexistia a influência dos Joy Division e a presença dos elementos portugueses, dos trabalhos de Manuela Moura Guedes e Né Ladeiras, requisitou os serviços dos músicos que tinham trabalhado neles, os dois GNR Toli César Machado e Vítor Rua, e o produtor Ricardo Camacho. Quando pretendeu criar um disco fusionista, mais virado para as pistas de dança e para a *plastic soul*, convidou os membros dos Heróis do Mar para produzirem e tocarem no seu segundo disco, *Dar & Receber*. Portanto, trabalhou sempre com músicos que partilhavam, o seu ideário estético e a sua visão para a música portuguesa.

## **Cap. 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## 7.1. Que tipo de artista foi António Variações?

Pelas mais variadas razões, algumas das quais fui assinalando ao longo da dissertação, António Variações continua a ser alvo de muitas ideias equivocadas. Uma delas é o tipo de artista que ele é, raro aqui e em qualquer parte do mundo, e que, pela sua idiossincrasia, suscita alguma incompreensão. Para melhor percebermos esta questão, vejamos primeiro o género de criador que ele não é.

*Grosso modo*, uma grande maioria dos músicos *pop-rock* desenvolvem uma obra em sentido vertical, de aprofundamento duma determinada voz autoral. Começam a sua carreira afirmando um estilo e desenvolvem-no depois, aperfeiçoando-o, explorando os seus matizes.

Neste género de compositores *pop-rock*, que estão nos antípodas de Variações, a sua voz autoral é exatamente a mesma, desde o princípio até ao fim da carreira. Com o tempo, apenas se torna apenas mais madura e com mais recursos técnico-expressivos, mas matem-se quase inalterada em termos de substância e conteúdo. É o que sucede, por exemplo, em Bruce Springsteen, Bob Dylan ou no espectro da *pop* comercial, Madonna. Mesmo quando procedem a inflexões artísticas, estas são mais na forma do que no conteúdo e, passado algum tempo, eles regressam aos figurinos estéticos em que se sentem verdadeiramente confortáveis. Assim aconteceu com a fase elétrica de Dylan, com os álbuns acústicos de Springsteen, com os álbuns eletrónicos dos U2: são tudo fases passageiras. Entre nós, músicos deste género são: José Afonso, Jorge Palma, Xutos & Pontapés e Pedro Abrunhosa. A inclusão de elementos étnicos nos arranjos de José Afonso, por exemplo, não alterou substancialmente o seu estilo; enriqueceu-o, mas a forma de escrever canções manteve-se quase inalterada. O mesmo sucedeu quando, no álbum *Dizer Não de Vez*, os Xutos & Pontapés incorporaram elementos de *rap* e de *funk* nas suas músicas, ou quando Pedro Abrunhosa substituiu os ritmados e dançantes Bandemónio pelos bem mais *rock* e menos arrojados Comité Caviar, que hoje o acompanham. Portanto, este é o género de artista que Variações definitivamente não é, nem nunca quis ser.

Contudo, há outro tipo de artistas, bem mais raros, cujo escopo autoral é diametralmente oposto aos referidos supra. A nível internacional, os Beatles e Prince

pertencem a este segundo naipe, mas o epítome deste segundo género de artistas é, sem dúvida, David Bowie (não é por acaso que ele foi para Variações uma fonte de inspiração tão ou mais importante do que Amália). Noutra área artística, o pintor conterrâneo do cantor minhoto, Amadeu de Souza Cardoso, inclui-se também neste conjunto, pois nunca se fixou num só estilo pictórico. Pelo contrário, queria experimentar todos. Aliás, há muitas analogias possíveis entre a sua obra plástica e a de Variações.

São artistas que se definem pela sua não definição. Ao contrário dos elencados na página anterior, a sua obra tende a ser horizontal e a abarcar o maior género de música e estilos possíveis. São muito originais, mas não do modo em que nós estamos habituados a pensar a originalidade. Ou seja, alimentam-se de tudo o que os rodeia, estão atentíssimos ao que se vai passando no mundo artístico e têm uma grande capacidade de detetar atempadamente correntes estéticas no momento em que estas estão praticamente a nascer. Vão buscar elementos a culturas *underground*, a estéticas emergentes, porque percebem a capacidade de elas se expandirem e poderem chegar a um público mais vasto, e incorporam-nas, de modo personalizado, no seu próprio trabalho.

São autores artisticamente antropófagos e têm uma notável capacidade de imergirem em outras esferas para lá da música e relacionarem entre si estéticas que ninguém, à partida, suporia poderem ser relacionáveis. Detetam vasos comunicantes entre elementos antitéticos: o seu olhar é abrangente, plural e certo. Isto sucedeu quando David Bowie percebeu, antes de todos, que os espetáculos *underground* das *drag queens* e dos travestis, no submundo noturno londrino, tinham um grande potencial *pop* e transpôs essa estética, trazendo-a para as luzes da ribalta do *pop-rock*. Ou quando inseriu a pintura japonesa e a arte da mímica no seu próprio universo imagético.

Ainda que a sua carreira tenha sido curta, o mesmo se passa em relação a Variações, que é indubitavelmente um cantautor deste tipo. Por exemplo, quando viu que os elementos *kitsch* da cultura popular portuguesa, como a louça de Bordalo Pinheiro ou as imagens religiosas de postais e quadros estilizados, podiam ser semioticamente potenciadas se os enquadrasse no seu universo musical. Ou quando percebeu que os adágios populares deviam ser musicados e poderiam ser, com ganhos estéticos, integrados nos refrões das suas canções. A sua obra é arraigadamente eclética.

Quando se afirma que estes criadores estão à frente do tempo, isso não é, em termos objetivos, verdade. Eles serão, isso sim, dos poucos a estarem completamente a par do seu próprio tempo. Percebem, antes de todos os outros, a capacidade de expansão que certos factos e movimentos, a que mais ninguém dá atenção, têm. Usam-nos e misturam-nos com outros componentes, e o resultado final dá-nos a sensação duma grande novidade. Contudo, é uma originalidade de teor contemporâneo, que se alimenta de tudo o que lhe parece passível de enriquecer o seu próprio conteúdo. O *pastiche*, a paródia, a justaposição e a colagem são, por isso, os seus estilemas e processos preferenciais. Daí que, por exemplo, tenhamos a sensação de que Bowie foi o primeiro a vestir-se de mulher e a criar todo um universo estético com base nisso, mas não foi: foi o que soube recriar esses universos na altura certa, quando tal era relevante sociologicamente, dando-lhe a melhor forma artística possível. Ou que Variações foi o único a usar elementos da cultura popular no *pop*, ou que só ele tinha ligações pessoais, o que, como já explanei em capítulos anteriores, não é verdade.

### **7.1.1. Ecletismo e uma grande atenção à realidade**

Estes autores mudam de estilo com frequência. Neles a mutação célere é sinal de coerência. São *deleters*; dum dia para o outro apagam o que fizeram antes e fazem algo completamente diferente. António chamou amiúde a atenção para este aspeto. Vejamos como ele explica o uso do seu sobrenome artístico:

Variações é uma palavra portuguesa que me soa bem e se revela suficientemente elástica para variar, fugir à monotonia, experimentar todas as áreas musicais em que possa fazer algo positivo. (...) Sou contra a especialização na música e gostaria de tentar todos os caminhos em que sinta poder fazer algo de positivo.<sup>447</sup>

---

<sup>447</sup> Citado por S/A (1982). “António Variações: É preciso fugir à monotonia”. *O Tempo*, 17 de junho, p. VIII.

São artistas que pegam em vários elementos que já existem, justapõem-nos, trabalham-nos e o resultado final é algo novo. Foi o que sucedeu, por exemplo, quando Variações criou refrões beatlescos, com melodias fáceis de decorar, juntando-lhes as palavras dos adágios populares, e pediu aos seus músicos que criassem *riffs*, bem elétricos, que fizesse lembrar o malhão, e depois imprimiu desconstrucionismo à letra, fazendo dos provérbios, na verdade, anti-provérbios. O resultado final disto tudo foram canções como “... O corpo é que paga” ou “É p’rá amanhã...”. Ou, para dar mais um exemplo, quando apresentou a letra-poema de “Visões-Ficções (Nostradamus)” aos músicos e lhes disse que pretendia sons eletrónicos estranhos e queria “sentir a terra a tremer”.<sup>448</sup>

Repare-se que este género de artistas tem a capacidade de ler o mundo, de perceber o valor estético das coisas antes de todos os outros – dá a sensação que estão, de facto, à frente do seu tempo, mas não estão: são, isso sim, grandes observadores da realidade, e, claro, grandes criadores. Antes de as louças portuguesas e as pequenas peças de artesanato se tornarem moda e começarem a fazer parte da decoração de muitos lares portugueses (veja-se, por exemplo, o sucesso de Rosa Ramalho, nos anos 80) já Variações as colecionava e usou-as, depois, na imagética dos seus discos.

### 7.1.2. Um “cantor-espetáculo”

Variações foi um artista multimédia, aquilo a que ele próprio chamava um “cantor-espetáculo”,<sup>449</sup> daí o seu interesse por outras artes, como o teatro, a decoração, o cinema, a dança, moda, etc.

Por exemplo, ele chamou a atenção que o que lhe interessava e preocupava eram questões de “estética” e foi assim que ele enquadrou a sua forma de vestir: como um objeto estético em correlação com a sua música.

---

<sup>448</sup> Em Maria João Rocha (1996). *Variações*. (Doc.). “Estou além” aos 10, 40 m.; “Povo que Lavas noRrio” aos 27, 30 m..

<sup>449</sup> Citado por Cláudia Baptista (1983). “A infância desconhecida do cantor exótico. António Variações: «O meu êxito é uma vingança»”. *Sete*, 20 de julho, p. 12.

Assim, se reparamos nas suas apresentações, percebemos que a roupa é um elemento ilustrador dos temas que está a cantar. Por exemplo, a única vez em que se vestiu todo de branco foi quando cantou “Povo que lavas no rio”, simbolizando respeito. Ao invés, transmitiu a inquietude em “Estou além”, usando peças típicas do visual nova-iorquino *gay* macho/clone: camisola amarela cavada, pulseiras *punk* de cabedal e calças da tropa. Com a dança a mesma coisa: calmo e introspectivo em “Povo que Lavas no Rio”, e agitado, apelando à libido, em “Estou além”.<sup>450</sup> Ele dava, aliás, muita importância à encenação corporal do seu trabalho:

Vai sendo cada vez mais difícil a um cantor estático, isto é, quem não gesticula, cativar as audiências. Penso que a palavra está estafada e que uma actuação deve ser um espectáculo, sem que esta concepção implique um juízo depreciativo para o cantor. A Amália, por exemplo, está a movimentar-se e a gesticular mais. Talvez tenha descoberto que também isso é necessário.<sup>451</sup>

## 7.2. Um artista do seu tempo num país entre dois tempos

E nunca mais apareceu um cantor como ele em Portugal, pelo menos com todas estas características tão vincadas e concomitantes.

Viveu e construiu a sua carreira num tempo muito particular. Nessa altura, havia uma parte da população portuguesa, nomeadamente a geração do pós 25 de abril, que acreditava na possibilidade de Portugal se tornar um país ao nível dos países desenvolvidos da Europa. Mas a mentalidade reinante da grande maioria dos compatriotas, ainda em muitos aspetos atávica, haveria de, em grande medida, prevalecer. Por isso, ele não foi consensual, nem poderia sê-lo.

---

<sup>450</sup> Vd. Maria João Rocha(1996).*Variações*. (Doc.). “Estou além” aos 10, 40 m.; “Povo que Lavas no Rio” aos 13, 26 m..

<sup>451</sup> Citado por Cláudia Baptista (1983). “A infância desconhecida do cantor exótico. António Variações: «O meu êxito é uma vingança»”. *Sete*, 20 de julho, p. 12.



Hoje, há em Portugal 8% da população que não sabe ler nem escrever e somente 18% concluíram formação superior.<sup>452</sup> Os índices médios de leitura europeus situam-se acima dos 60%, com a Suécia, a Finlândia e o Reino Unido nos lugares cimeiros. Espanha tem um índice médio de 47%, a Grécia 45%, Portugal continua em último com 32%, o que é deveras significativo.<sup>453</sup> Portugal é o nono entre 34 países europeus no consumo de álcool, estando entre os primeiros no número de acidentes devido ao consumo excessivo de álcool, sendo o segundo país com maior número de mortes causadas por acidentes de viação.<sup>454</sup>

A vedeta internacional Madonna disse, em 2018, que Portugal é o país dos três efes salazaristas: Fado, Futebol e Fátima.<sup>455</sup> Claro que é apenas uma opinião, ainda assim devíamos refletir nela e perceber até que ponto carece ou não de fundamentação.

O número de jornais diários e programas televisivos, quase simultâneos nos nossos canais de televisão, dedicados ao futebol, é avassalador e não dá espaço a outras temáticas. Por exemplo, os programas consagrados às artes ou à política são minoritários e relegados para horários tardios. O fado vive hoje a sua época áurea, pois nunca houve tantos fadistas a terem tanto sucesso, o que em si é algo positivo. O problema é que, com a exceção da música pimba, outros géneros musicais deixaram de ter visibilidade no espaço mediático: é como se nada mais existisse para além do fado e do pimba. O número de peregrinos que se dirigem anualmente ao Santuário de Fátima continua a crescer exponencialmente. Perante estes dados, será que a cantora norte-americana não tem razão? A verdade é que ela fez essa afirmação com um sentido positivo, mas nós podemos perguntar: será a preponderância dos três efes um dado assim tão positivo, será sinal de progresso efetivo?

Podemos evidentemente ser modernos e, ao mesmo tempo, amarmos as nossas raízes. Podemos. O que não me parece que possamos é ser atávicos e esclarecidos ao

---

<sup>452</sup> Pordata (2017). *Retrato de Portugal: 2017*. Lisboa: Fundação Manuel dos Santos, p.22.

<sup>453</sup> Expresso (2018). “Como lê este país”. (S/A) *Expresso*.

<sup>454</sup> Alberto Pereira da Silva (2018) “O consumo de álcool em Portugal”. *Departamento de Saúde e Temperança*.

<sup>455</sup> Citada por S/A (2018) “Madonna diz que «Portugal é governado pelos três éfes: fado futebol e fado» e compara o país com Cuba”. *Blitz*, 3 de agosto.

mesmo tempo. António Variações podia, de facto, mover-se com à vontade “Entre Nova Iorque e a Sé de Braga”; mas duvido muito que a maioria de nós, os seus compatriotas, possa fazer o mesmo, com a leveza e abertura de espírito com que ele o fazia. Aliás, ele teve um pensamento crítico sobre a pátria, mas nisso não se fala. Leia-se o que ele, a este propósito, disse:

**“Portugal é um espaço onde temos tudo para nos sentirmos bem. Se isso não acontece a culpa é das pessoas que têm sido muito ingratas com o País. Muitas vezes é preciso sair de cá, sentir a saudade, para gostar de Portugal” (...)** **“Eu gosto muito do Minho, talvez por ter nascido lá, mas dói-me ver as casas dos emigrantes que nunca são acabadas. (...) Depois passamos a vida a remendar, a começar pelos governos. Gastam-se fortunas em empreendimentos que depois não servem para nada. Mas Portugal é óptimo” (...)** Falámos de uma canção: “Quando Fala um Português”. (...) **“É uma crítica, e uma atitude de reflexão sobre tiques portugueses, em que eu também sou englobado. Não gosto de julgar. Moralista nunca serei. (...) O que eu queria era transmitir a incompetência portuguesa para o diálogo, para a entreaajuda, porque nós somos muito egoístas”.** <sup>456</sup>

Ontem como hoje, nisto e noutras coisas, a obra e o pensamento de Variações continua pertinente. Ele não estava à frente do seu tempo. Como temos visto, ele estava perfeitamente a par de tudo o que de mais atual se ia produzindo no mundo. Portugal é que, no seu todo, estava atrasado.

A morte do cantor simbolizou também o fim de uma época e do sonho de toda uma geração criadora do pós 25 de Abril. Muitos dos seus pares do *boom* prosseguiram com carreiras artísticas assinaláveis, bem como os seus *compagnons de route* da *movida* tornaram-se, em vários campos, figuras relevantes da cultura portuguesa contemporânea. Mas há um facto inegável. A ideia generosa de um Portugal aberto, honesto, competente e moderno, sem vergonha das suas raízes e da sua história, mas também virado para fora,

---

<sup>456</sup> Citado por Rui Monteiro (1983). “O Direito à Diferença”. *Mais*, nº. 56., 6 maio de 1983, pp. 36-37.

que, de algum modo, era transversal a toda esta geração, morreu simbolicamente ao mesmo tempo que Variações, o seu mais carismático arauto. A esperança anunciada pela Revolução de Abril dum país ao mesmo nível cultural e socioeconómico dos outros países europeus teve ali, na morte de Variações, o seu trágico final anunciado.

O abalizado sociólogo António Barreto traça factualmente o retrato do Portugal contemporâneo, dos anos 90 até aos dias de hoje, deste modo:

Na vida pública, a corrupção, trazida pela liberdade, pelo dinheiro fácil, pelos novos-ricos, pelas grandes empresas e pela política partidária ou pessoal, é agora uma realidade pesada, ainda por cima reconhecida e denunciada pela imprensa livre. (...) Vivemos muito melhor do que há vinte, trinta ou quarenta anos.(...) Mas, sendo embora diferentes, vivendo em sociedade radicalmente diversa daquela que conhecemos, continuamos pequenos, pobres e periféricos. E, sobretudo incultos, que é uma forma de pobreza. (...) Todos aspiramos ao melhor, ao que conhecemos dos países mais ricos e desenvolvidos do mundo. Todavia, somos, na Europa, o que mais longe estamos de poder satisfazer tais aspirações.<sup>457</sup>

Algumas páginas adiante, Barreto enumera algumas das razões para o nosso consabido atraso:

O nosso Estado democrático, tão pesado, mas ao mesmo tempo tão frágil, refém de interesses particulares, nomeadamente partidários, parece conviver mal com a liberdade. (...) Fizemos a democracia, mas não somos capazes de organizar a justiça. Alargamos a educação, mas ainda não soubemos dar uma boa instrução. (...) A sociedade e o Estado são ainda excessivamente centralizados. As desigualdades sociais persistem além do aceitável. A injustiça é perene. A falta de justiça também. O favor ainda vence vezes de mais o mérito. O endividamento de todos, país, Estado, empresas e famílias é excessivo e hipoteca

---

<sup>457</sup> António Barreto (2017). *De Portugal para a Europa: Ensaios*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, pp. 102-103, et seq..

a próxima geração. A nossa pertença à União Europeia não é claramente discutida e não provoca um pensamento sério sobre o nosso futuro como nacionalidade independente.<sup>458</sup>

Apesar das muitas transformações positivas, a verdade é que continuamos hoje um país atrasado – basta comparar-nos com outras nações de dimensão similar, como a Suíça, a Finlândia ou a Holanda – que tem a grande sorte de ter alguns génios, como Variações e Pessoa e outros, que nos dão a honra e a alegria de nascer entre nós. Indicam-nos o caminho, mas nós, enquanto coletivo, nunca fomos por lá.

António Variações foi e pagou o preço.

---

<sup>458</sup> António Barreto (2017). *De Portugal para a Europa: Ensaios*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, pp. 248-254, et seq..

*Don't turn away in silence.*

*Your confusion*

*My illusion*

*Worn like a mask of self-hate*

*Confronts and then dies.*

*People like you find it easy,*

*Naked to see,*

*Walking on air,*

*Hunting by the rivers*

*Through the streets,*

*Every corner abandoned too soon*

*Set down with due care.*

*Don't walk away in silence.*

*Don't walk away.*

Ian Curtis/ Joy Division

## **Cronologia**

**1944: Nascimento** – António Joaquim Rodrigues Ribeiro nasceu a 3 de dezembro, às 6 da manhã, de 1944, no lugar do Pilar, freguesia de Fiscal, conselho de Amares, distrito de Braga – o seu nome é o mesmo do seu avô materno, mestre canteiro.

**1944-1957: Infância em Fiscal** – É o quinto filho de Deolinda de Jesus e Jaime Ribeiro. Os seus pais são pequenos lavradores por quem ele nutrirá sempre uma grande admiração e amor. O seu último disco ser-lhes-á dedicado. São muito ligados à igreja. São beatos. A mãe ia à missa e comungava diariamente. O seu pai, de igual modo, era um acérrimo defensor da Igreja Católica Apostólica Romana. Ambos transmitiam aos filhos os valores deste seu catolicismo. Era usual os filhos rezarem o terço em conjunto antes de adormecerem. A mãe chegou a comprar uma escultura da Santa Ana com a qual fez procissões, que depois ofereceu à igreja de Fiscal. A par deste ambiente, coexistia uma atmosfera de fundo pagão onde eram usuais histórias de espíritos, possessões e lobisomens. O pai de António Variações, Jaime, terá presenciado uma rapariga possuída por um espírito e tê-la-á ajudado.

**1946: Estranha Doença Infantil** – Aos dois anos e meio, António, foi assolado por uma doença de difícil diagnóstico que lhe fez cair as sobrancelhas, o cabelo e as pestanas. As injeções receitadas pelo médico aparentemente não surtiram efeito. As mezinhas duma senhora habilidosa parecem curá-lo. Irá, adulto, anualmente à romaria de Santa Luzia acompanhar a mãe a cumprir a promessa que fez para que ele se curasse.

**1947: Vivências Juvenis** – Começou a falar cedo. Aos três anos exigiu umas cuecas. Será sempre alguém para quem a higiene pessoal era importante. Lavava os dentes, num tempo e espaço, onde isso não era hábito comum. Mais tarde, em Lisboa, castigou o seu irmão Luiz por este se ter deitado sem lavar os pés.

António é descrito como uma criança feliz e teimosa. Ajuda a contragosto nos trabalhos do campo, que não apreciava. Faz a quarta classe e frequenta a catequese. Desde muito cedo, manifestou o desejo de cantar. Passa o tempo a ouvir a rádio e treina em frente ao espelho, replicando as canções que escuta. Mais crescido, começa a compor. Por influência dos

ranchos de jornaleiros que vê passar escreve uma letra e melodia dentro desse género de música.

Nasceram antes dele os irmãos: João Manuel, José António (Zeca), Maria de Lurdes e Delfim. Depois dele nasceram: uma bebé nada-morta, Maria Amélia, Jaime José, Luíz José, Maria de Fátima, Carolino Manuel, que morreu com um ano de idade, e finalmente Carolino Alberto (é marceneiro, ainda mora em Fiscal). Apesar de haver algumas pegas e lutas, naturais entre irmãos, Variações realçará sempre que teve uma infância livre e feliz na qual existia uma salutar convivência entre os irmãos. A família vive na Vivenda Maria Amélia no Lugar do Monte, onde têm um pomar, uma adega e um terraço onde se juntam com frequência para cantar e dançar. São uma família muito musical e festiva. Era usual frequentarem as várias romarias existentes naquela região minhota ao longo do ano como, por exemplo, São Bento da Porta de Fora. O pai tocava cavaquinho, concertina e harmónica. Era habitual a família reunir-se sob a égide da música, dançando, cantando, ou mesmo fazendo alguns teatros em ambiente familiar. Quando era altura do Festival da Canção cantavam as músicas que tinham ouvido na Casa do Povo, onde havia televisão, fazendo simulações familiares do festival. Variações, por regra, cantava as canções mais difíceis.

**1957: Chegada a Lisboa** – Após a conclusão da escola primária, por decisão paterna vai, menino e moço, trabalhar para Caldelas, a poucos quilómetros de Fiscal, como aprendiz de marceneiro. Não gosta e tem muito medo do regresso a casa, noite dentro, pelos pinhais. Recorde-se que não havia luz eléctrica a iluminar o caminho. Seja por isso, seja também por ter vontade de conhecer outras realidades, e achar o ambiente um pouco opressivo, sonha ir para Lisboa. Após algumas tarefas e a sua não adaptação ao emprego em Caldelas, o seu pai cede. Com doze anos, Variações parte rumo a Lisboa.

Chega em janeiro de 1957, vai morar no bairro da Graça, na Rua do Vale de Santo António num quarto alugado e trabalha como marçano. Terão sido uns primos a ajudá-lo nesta chegada a Lisboa. No início, segundo relatou, teve algumas dificuldades de adaptação, por causa do sotaque, de vir da província, mas muito rapidamente fez sua esta cidade, que ele amava, acima de todas as outras. O seu patrão deixava-o ter o rádio ligado na mercearia. Variações ouvia-o constantemente.

Teve vários empregos: balconista, vendedor ao domicílio e empregado de escritório. Fez amigos, começou a frequentar o teatro e o cinema, dos quais era um grande apaixonado. Chegava a ir para o Parque Mayer pedir autógrafos aos atores.

**1961:** *Início da Guerra Colonial.*

**1964: Jovem Adulto** – António tem 19 anos e fica com o seu irmão Luíz, de 11 anos, ao seu cuidado em julho desse mesmo ano. Por esta altura, ele é empregado de escritório numa cooperativa. O irmão Luiz lembra-se dele a cantar na casa de banho deste local de trabalho, já com canções da sua lavra, depois da hora de expediente. Entretanto, o jovem António terá ido estudar Contabilidade. Aprendeu também a escrever à máquina. Este conhecimento permitiu-lhe datilografar as suas letras. Tinha amigos com quem ia ao cinema e a espetáculos de música, um deles era bancário numa agência do Banco Espírito Santo, na Graça.

**1966: Na Guerra Colonial** – A 1 de junho deste ano foi incorporado no Regimento de Infantaria em Braga. A instrução terminou a 10 de dezembro. António detestou que lhe cortassem o cabelo e tinha uma repugnância por fardas. Sempre que podia ia a casa comer e tomar banho. Na Escola de Cabos tirou a especialidade de Operador Cripto. Foi depois para Angola. Segundo conta a família, devido a uma cunha arranjada pelo seu irmão Delfim, conseguiu ser mobilizado para zonas relativamente livres de perigo onde não existia disputa bélica acesa. Esteve em vários locais do território angolano: em Sá da Bandeira, em Vila Roçadas (atual Xangonga), Pereira D'Eça (atual Ondijiva) e Luanda, onde gostou de estar. Ele, que era avesso a práticas religiosas, ali, chegou a dar catequese a meninos africanos a pedido de um padre missionário. O seu irmão Delfim conta que, em Cacondo, António formou um conjunto musical com outros militares, que se apresentaram no Estádio dos Coqueiros, em Luanda, onde terão ganho o primeiro lugar dum concurso de talentos. Não se sabem mais pormenores acerca deste projeto musical.

**1968:** *Marcelo Caetano ascende ao poder. O país vive a falaciosa Primavera Marcelista.*

**1969: Regresso da Guerra Colonial** – A mãe e a irmã Lurdes, que o acompanhou em vários momentos significativos da sua vida, foram esperá-lo ao Cais de Alcântara. A mãe ofereceu uma vela do tamanho de Variações a Santo António do Pilar. Sobre este período,



no Ultramar, dirá, de modo inequívoco: “foi um tempo perdido – e eu não o perdoou a ninguém – aquele que passei na tropa”.

**1970:** *Pretendeu-se fazer uma espécie de Woodstock à Portuguesa no parque dos Salesianos no Estoril, o Festival Monstro de Pop-Music. Estava programado que tocassem vários cantores de intervenção e uma banda estrangeira, à época, com bastante sucesso, os Wallace Collection. O concerto foi proibido em cima da hora. Os jovens presentes revoltaram-se, partindo cadeiras e causando agitação. A polícia de choque interveio, e soltou os cães, que perseguiram os jovens através das ruas do Estoril.*

**1970-1976: Estádias e Viagens** – Durante este período terá vivido na Parede e Algarve, onde trabalhou em barbearias e cabeleireiros. Fez também várias viagens: Nova Iorque, Roma e Florença, Amesterdão, Marrocos, Tunísia, etc. É um verdadeiro trota-mundos.

**1971: Um Ano em Londres** – Parte para Londres, onde ficará cerca de um ano. Tem lá a sua irmã Amélia e o seu irmão José, que é dono de um salão de cabeleireiro, o José’s Hairdresser, em Beacosfield. Aqui terá começado o seu interesse pela profissão de barbeiro. Na capital inglesa, trabalhou num colégio de ensino privado onde fez limpezas, e serviu chás às professoras. Inscreveu-se num curso de Inglês. Em entrevista disse que não explorou bem Londres. No entanto, a sua irmã Amélia que residia em Londres, na zona de Buckingham, relata que ele passeava imenso e que queria ver tudo. Contraditoriamente, terá afirmado que conheceu Londres, “desde o museu até à discoteca” e disse que assistiu *in loco* ao final do movimento *hippie*.

**1971:** *Realiza-se, em 7 e 8 de agosto, o Festival Vilar de Mouros, o primeiro desse género a ter lugar em Portugal. Estiveram presentes Elton John, os Manfred Mann e os portugueses Quarteto 1011, entre outros.*

**1972: Regresso** – Regressa a Portugal.

**1973:** *Os Procol Harum tocam no Pavilhão Dramático de Cascais em 24 e 25 de fevereiro. O concerto do primeiro dia só teve início às duas da manhã devido a um atraso no avião que transportava os músicos.*

**1970-1976: Relação com Fernando Ataíde** – António Variações dedica-se ao culto do corpo, pratica exercício, toma cuidado com a alimentação. Interessa-se pelo movimento *hippie* com o qual sente afinidade. Numa altura em que o ioga não estava difundido entre nós, ele começa a praticá-lo. É visto, muitas vezes, a fazer *asanas*, as posturas características desta modalidade oriental, na Praia da Caparica, da qual ele era assíduo frequentador. Esta praia era um local utilizado pelos homossexuais da época para encontros de cariz sexual. Terá sido lá que ele encetou um dos seus mais importantes casos amorosos, com Fernando Ataíde, conhecido cabeleireiro no panorama lisboeta. Esta relacionamento terá durado cerca de seis anos. Era uma relação de cumplicidade, mas tempestuosa. Variações foi ajudante de Ataíde no famoso salão lisboeta Ayer e terá vivido com ele na casa deste último. Mesmo após o término desta atribulada paixão nunca se perderão completamente de vista. Aliás, frequentavam os mesmos meios. Pormenor curioso: quando viviam juntos, Variações fazia questão de ter a sua coleção de discos separada da de Fernando Ataíde. Este virá também, mais tarde, a ser uma figura relevante na noite lisboeta e causou escândalo na comunidade *gay* lisboeta quando se apaixonou e foi viver com uma mulher, a então esteticista Rosa Maria Borges. Ataíde foi muito importante para uma assunção saudável da homossexualidade de Variações. Fizeram várias viagens juntos, entre elas, uma à Itália.

**1972:** *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and The Spiders From Mars*, de David Bowie, torna-se um êxito à escala mundial e marca o rumo do Glam Rock.

**1971-1972: Início da amizade com o ator Fernando Heitor** – Através de Ataíde e das suas outras amizades no mundo dos cabeleireiros e das artes, Variações conhece Fernando Heitor com quem travou uma profícua e muito enriquecedora amizade. Fernando Heitor, recém-formado na Escola Superior de Teatro e Cinema, estava a dar os primeiros passos na sua carreira de ator e encenador. Fez, por esta altura, parte da companhia de teatro Os Cómicos, na qual estavam integrados Ricardo Pais, Maria Amélia Mata, e João Piconé, e esteve na origem do Teatro de Pesquisa da Comuna. Era normal irem ambos ao teatro e ao cinema, por exemplo, eram frequentadores habituais do Teatro de Revista. Variações assistiu à estreia de Heitor na peça *As Cuecas da Vida Heroica da Burguesia*, de Carl Sternheim, que foi a primeira encenação de Ricardo Pais em Portugal, em 1974, logo após este cursar encenação no Drama Center em Londres. Variações viu também outra peça

onde entrou Heitor, a primeira peça do Teatro da Comuna, em 1972, a *Para onde Is?.*, baseado em dois autos de Gil Vicente: *Auto da Alma* e *Auto da Barca do Inferno*.

Heitor e Variações trocavam muitas impressões acerca de cinema e teatro, temáticas de interesse comum. O cantor perguntava a Heitor acerca de técnicas de representação. Por exemplo, sobre as respirações. Por seu lado, Heitor indagava junto dele sobre as técnicas respiratórias do ioga. Frequentavam com o grupo de amigos onde estavam inseridos, quer a Praia da Costa da Caparica, quer restaurantes, quer clubes noturnos onde se passava música. Dialogavam também Amália Rodrigues por quem eram ambos apaixonados. Fernando Heitor, por essa altura, também se dedicava à escrita poética. Falavam sobre poesia e Variações ter-lhe-á pedido emprestados alguns livros deste género literário, em especial os de poetas cantados por Amália, como Alexandre O'Neill e David Mourão Ferreira. Fernando Heitor e Variações mantiveram uma amizade próxima durante vários anos. A convivência quase diária entre ambos começou a esbater-se após a viagem de Variações à Holanda.

**1972: Vitória em Festival** – Variações apresentou-se num festival da canção, na freguesia de Nossa Senhora de Fátima, ao qual Fernando Heitor estava ligado. Terá sido uma balada, com a particularidade de ser um poema de Fernando Heitor, musicado por Variações. No júri estava a atriz Cármen Dolores. Variações arrecadou o primeiro lugar.

**1973:** *Os glam-rockers Roxy Music editam o influente For Your Pleasure.*

**1974:** *Revolução dos Cravos em 25 de abril. A Junta de Salvação Nacional assume o poder. Passa-se a viver em pleno PREC (Processo Revolucionário em Curso), que durará até 1976.*

**1974:** *É publicado no Diário de Notícias e no Diário de Lisboa, simbolicamente a 13 de maio, o Manifesto Liberdade Para as Minorias Sexuais, pelo Movimento de Acção Homossexual Revolucionário.*

**1974:** *Galvão de Melo, membro da Junta de Salvação Nacional, afirma na RTP que o 25 de Abril não tinha sido feito para os homossexuais e as prostitutas reivindicarem.*

**1974: Amesterdão: um Ponto de Viragem** – Variações viajou imenso, é um verdadeiro *globetrotter*, não só para Londres, mas também Itália, Tunísia, Nova Iorque onde foi várias

vezes. No entanto, a viagem mais marcante terá sido a Amesterdão em 1974. Terá vivido na capital holandesa cerca de seis meses e, depois dessa estadia mais prolongada, voltava frequentemente lá por longos períodos. Esta estadia foi um verdadeiro momento *turning point*. Muitos testemunhos relatam que veio modificado desta viagem. Era também já mais maduro e teria uma relação mais apaziguada com a sua homossexualidade, o que lhe permitiu integrar-se perfeitamente no permissivo e aberto ambiente urbano holandês. Regressou definitivamente a Portugal em 1976. Tirou na Holanda um precioso e útil curso de barbeiro onde aprendeu a cortar cabelo a ambos os sexos. Numa carta ao seu irmão Luíz, diz que assistiu a um espetáculo de Amália. De facto, Amália deu um recital em Amesterdão em 1975. Nesta cidade, Variações travou conhecimento com aquele que foi a sua segunda relação mais longa e importante, o ator Holandês Jelle Balder, com quem chegou a viver. Balder viajava para Lisboa e ficava na casa do cantor português, bem como este ia muitas vezes à Holanda para estar com o seu companheiro. Variações cruzou-se com alguns portugueses em Amesterdão. José Salvador do grupo MDA, com quem trocou brevemente impressões acerca da possibilidade de mudança de regime em Portugal e que disse que Variações estava integrado no meio *gay* holandês. O seu amigo Carlos António Neves refere que o movimento *hippie* era muito visível em Amesterdão e que Variações era sensível a esta estética. Lúcio Carvalho, outro homossexual trota-mundos, confidenciou a alguns amigos as possíveis experiências com alucinogénios de Variações, hipótese plausível, mas ainda por confirmar. Esta cidade era pródiga em locais de concertos míticos, por exemplo, o célebre Paradiso, por onde passavam algumas das estrelas mundiais de então, como David Bowie. Era uma cidade de grande tolerância aos costumes. A descriminalização da homossexualidade datava do início do século XIX. Variações frequentou os *leather bars* e outros locais de liberdade sexual absoluta.

**1975:** *Dá-se a independência às várias ex-colónias. Há várias tentativas de golpe de estado em Portugal, quer por movimentos de esquerda, quer de direita.*

**1975:** *O Movimento de Libertação das Mulheres, em janeiro, faz uma manifestação em Lisboa. São impedidas de o fazerem livremente, pois, são cercadas por uma centena de homens.*

**1975:** *A ópera rock Hair é estreada no Teatro Monumental em 11 de fevereiro.*

**1975:** *Concerto histórico da banda inglesa de rock progressivo Génesis, em 6 e 7 de março, no Pavilhão Dramático de Cascais. Peter Gabriel era o vocalista. O espetáculo era inspirado no seu LP duplo de teor conceptual The Lamb Lies Down on Broadway. Eram, à época, considerados por muitos a melhor banda do mundo. A componente visual do concerto era muito forte.*

**1976:** *O General Ramalho Eanes torna-se presidente. Eleições a 26 de abril. O Partido Socialista é o vencedor com 35% dos votos. O primeiro governo constitucional, chefiado por Mário Soares, toma posse.*

**1976: Ascendente e Bem-Sucedida Carreira de Barbeiro** – António, após as passagens por cabeleireiros na Parede e Algarve, e pelo aprendizado no Ayer, começa nesta altura uma ascendente carreira enquanto barbeiro e cabeleireiro. Neste ano, vai trabalhar no famoso Salão Isabel Queiroz do Vale, situado no Centro Comercial Imaviz, que foi o primeiro salão unissexo em Portugal, inaugurado em maio desse ano. Estava aberto das 9 horas até às 24. Um salão deste tipo suscitava muita curiosidade às pessoas. Variações começou a ser um cabeleireiro requerido. A sua indumentária e o rigor que punha no corte de cabelos deram nas vistas. Ele encarava a sua profissão como algo de artístico. Havia pessoas que ficava cá fora a espreitar. Alguns testemunhos dizem que era uma espécie de *happening*. Figuras do meio artístico, como Rosa Lobato Faria, Maria Elisa Domingues ou João Perry são suas clientes. Começa a ter fama enquanto cabeleireiro. Ele dizia que não se considerava cabeleireiro, mas sim barbeiro, pois, interessava-lhe o corte, não o penteado. Muitas vezes, penteava e secava os cabelos com as próprias mãos. Por vezes, os colegas pediam-lhe para cantar e ele cantava invariavelmente reportório de Amália Rodrigues.

**1977:** *Os Sex Pistols dão o pontapé de saída do Punk com o seu LP Never Mind The Bollocks, Here's The Sex Pistols.*

**1977: Contrato Discográfico** – Em 1976, pela mão de Maria Elisa Domingues, que era, na altura, diretora da RTP, Variações levou uma cassete à Valentim de Carvalho. É natural que estivesse contida nela a canção, com letra de Fernando Heitor, com que ele vencera o Festival da Canção da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima. A jornalista apresentou-o ao A & R da editora, Mário Martins, dizendo-lhe “Este é o António, o meu cabeleireiro. E ele canta”. O A & R relata que, dessa primeira vez em que Variações foi à editora, não o

contratou, apesar de ter gostado da voz, pois, segundo ele, o cantor ainda não tinha reportório próprio que justificasse um contrato. Decorrido algum tempo, agora pela mão do ator Carlos Quintas, amigo do cantor, voltou a tentar, mas apresentando agora composições próprias. Mário Martins resolveu então contratá-lo. O contrato foi assinado em 22 de junho de 1977. António tinha já 33 anos. Na sequência desta assinatura, António foi para estúdio e, sob a orientação do maestro Jorge Machado, foram gravadas quatro canções num registo para-folclórico, próximo da música ligeira, com uma particularidade assinalável; duas delas eram da autoria de Variações: “Deolinda de Jesus”, dedicada à sua mãe, e “Voz-Amália-de-nós”, sobre a sua diva de eleição. Mais tarde, estas duas canções viriam a ser regravadas e, cada uma delas, encerraria os seus dois *LP*. Mas, por esta altura, nem Variações nem Mário Martins gostaram do resultado final. Assim, gorada esta tentativa, a editora não o voltou a contactar. Para grande desespero do artista, a Valentim de Carvalho não mais o contactou até 1982. Em 1980, inicia-se o *boom* do *rock* cantado em Português e são inúmeros os artistas a gravarem. Pressentindo a apetência do público e querendo fazer lucro, houve uma corrida das companhias discográficas para gravarem novos artistas que se inserissem dentro do género, muitas vezes, sem grande critério. Mas, ante este panorama, António não ficará de braços cruzados.

**1977: Estreia num espaço próprio para concertos: O Scarllaty Club** – Estreia-se, com um espetáculo seu, já com algumas das marcas autorais com que viria a ser conhecido, no Scarllaty Club. Este era um clube *gay friendly*, cujo dono era Carlos Ferreira, conhecido no mundo do travestismo como Guida Scarllaty. Variações está, por esta altura, integrado na comunidade homossexual lisboeta. De algum modo, os seus espetáculos iniciais foram em estabelecimentos correlacionados com o mundo *gay*. Por causa dos espetáculos que tinham, por estarem abertos noite dentro, por terem palcos e espaços para a dança e por serem permissivos ante as opções sexuais de cada um, estes clubes tinham uma clientela heterogénea. Para além da típica boémia lisboeta, o meio artístico e político também os frequentava. Vários jornais davam notícia do que se ia passando no Scarllaty Club. Por exemplo, Fernando Assis Pacheco escreveu sobre ele no *Sete*. Além disso os espetáculos transformistas tinham sucesso junto do público e da crítica. Em 1976, o espetáculo encenado no Scarllaty Cub, *Goodbye Chicago*, foi galardoado com Prémio da Casa da Imprensa para melhor espetáculo. Também o fotógrafo de celebridades, Abel Dias, que registou a *movida* lisboeta dos anos 80, era cliente, bem como o cronista social Carlos

Castro. Nesta estreia, Variações, já depois das suas viagens a Londres e Amesterdão, apresentou-se vestido com um pijama às flores com ursinhos estampados, a barba colorida e cantou a “Toma o Comprimido”, que nessa altura se chamava “Comprimidos e Apertados”. Por esta altura, assume por completo a sua exuberância e já não vive com Fernando Ataíde, que, ao contrário de ele, era comedido no visual.

**1977:** *Os Tantra, banda Portuguesa inspirada no ideário progressivo dos Génesis lança o seu primeiro álbum Mistérios e Maravilhas. Por esta altura, dão início a uma curta, mas bem-sucedida carreira com espetáculos com um grande investimento visual e sonoro. O seu teclista era Armando Gama e o baterista, António José Almeida, irá, mais tarde, integrar os Heróis do Mar.*

**1978:** *Os Aqui d’el Rock introduzam o punk em língua Portuguesa com o single “Há que Violentar o Sistema/Quero Tudo”.*

**1978:** *Primeira intervenção do FMI em Portugal.*

**1978: Participação cinematográfica; O Bobo** – António Variações, sob sugestão de Fernando Heitor, que apesar de já não o ver com a mesma regularidade continua seu amigo e seu cliente na barbearia, faz um *cameo* no filme *O Bobo*, do malogrado realizador José Álvaro Morais. Na pequena cena onde participa, Variações, já com o género de visual com que viria a ser conhecido, corta o cabelo ao personagem interpretado por Heitor, o protagonista deste filme. A sua voz foi depois dobrada pelo próprio realizador, que lhe deu instruções para dizer o que quisesse. Ele então tentou fazer Heitor rir-se, dizendo-lhe que lhe iria fazer um corte à Brigitte Bardot. Este filme, no entanto, só veio a ser estreado em 1987. Foi um sucesso a nível europeu, arrecadando o prémio da crítica em Locarno. Centra-se nas temáticas da portugalidade. Um encenador e ator, interpretado por Heitor, vê-se a braços com uma encenação do texto *O Bobo* de Alexandre Herculano. Luís Miguel Cintra e Paula Guedes também entram nele. É a única participação de Variações no cinema.

**1978: O Baeta** – Deixa o salão Isabel Queiroz do Vale e vai trabalhar com outros colegas, que saíram desse mesmo cabeleireiro, para o salão Baeta, nome dado por si, que significa “barbeiro” em linguagem coloquial, situado no Centro Comercial Alvalade.

**1979: Barbeiro-*Happening* nos Alunos de Apolo** – Comemoração dos 25 anos do *Rock'n'Roll* nos Alunos de Apolo a 6 de janeiro, organizada por Carlos Barroco. Esta festa ficou muito célebre pelas seguintes razões: foi o último concerto dos míticos Os Faíscas, e a estreia dos Xutos & Pontapés, numa atuação muito rápida e acelerada, ainda com Zé Leonel como vocalista. António Variações foi convidado para estar presente enquanto barbeiro. Numa espécie de *happening*, levou uma cadeira de barbeiro e o respetivo material, e cortou cabelos à *rock'n'roll* a quem lhe pediu.

**1979: Abre o Pró Menino e Prá Menina** – Abre finalmente a sua própria barbearia, na Rua São José, N.º 70. Matilde Abreu é sua empregada. É uma barbearia unissexo e, por isso mesmo, chama-se Pró Menino e Prá Menina. É uma antiga barbearia que ele recupera, decorando-a ao seu gosto. Há coleções de vestidos e guarda-chuvas, a cabeça de manequim que mais tarde surgirá na capa de *Anjo da Guarda*, etc. Dada a sua excentricidade, não é muito bem recebido ao início pela vizinhança, mas com o decurso do tempo, e devido a ser cortês com as pessoas, passa a ser aceite. Não cobra exatamente o mesmo a todas as pessoas. Se, porventura, pessoas mais humildes vão lá, ele baixa-lhes os preços.

**1979: A AD vence as eleições com maioria.** *Francisco Sá Carneiro é empossado primeiro ministro em 1980.*

**1979: Os Camel, banda progressiva inglesa, tocam no Pavilhão do Belenenses, a 7 de dezembro.**

**1979: Uma das bandas mais aclamadas da altura, os Super-Tramp, tocam a 15 de novembro no Dramático de Cascais.**

**1979: Os Joy Division lançam *Unkown Pleasures*.** *Miguel Esteves Cardoso escreve entusiasmado sobre eles.*

**1979: Audição e Fotografias para os Corpo Diplomático** – Após a extinção da seminal banda *punk* Os Faíscas, Pedro Ayres Magalhães e Paulo Pedro Gonçalves decidem fundar outro grupo com novas premissas, chamado Corpo Diplomático. Não tiveram sucesso de público, mas, apenas com um único disco gravado, *Música Moderna*, marcaram indelevelmente a música Portuguesa, bem como vieram a dar origem aos, mais bem-sucedidos, Heróis do Mar. Os Corpo Diplomático fizeram audições para vocalista.



Apareceram nove pessoas, sete homens e duas mulheres. Um deles era António Variações, que conhecia alguns dos elementos da banda da noite boémia lisboeta que todos frequentavam. Não é aceite, pois é considerado pouco versátil. No entanto, um pouco depois, aquando do lançamento do respetivo disco, os elementos do grupo vão à barbearia de António Variações, Pró Menino e Prá Menina, para que ele lhes tratasse dos cabelos; fizeram lá a única sessão de fotografias do grupo. Estas fotografias na barbearia de António foram aproveitadas pelo artista e fotógrafo Paulo Nozolino para a contracapa do disco. Além disso, serviram também para divulgar a imagem dos músicos na imprensa.

**1980: Atuações no Trumps** – A 11 de dezembro de 1980, é inaugurado, na Rua da Imprensa Nacional n.º 104, o Trumps, um famoso clube noturno, *gay friendly*. Era um dos espaços frequentados pela *Movida Lisboeta dos Anos 80*. Entre os fundadores e gerentes, estão os colegas de profissão e amigos de Variações, Vítor Hugo e Jó, e o ex-companheiro Fernando Ataíde. Rosa Maria Borges de Sousa, agora companheira de Ataíde, e amiga também de Variações, foi uma das figuras marcantes neste espaço. Aqui são organizadas festas temáticas onde as pessoas devem vestir-se de acordo com o tema escolhido: as noites brancas, amarelas e as de tema livre, em que cada um deve trajar o mais arrojado que a imaginação permitir. O estilista Pedro Lata, primo dos elementos da Jovem Guarda, é uma das exuberantes figuras, trajando saia e plumas. Variações deu aqui vários espetáculos. O primeiro foi um espetáculo *rock*, experimental e bastante barulhento. A vizinhança reclamou. Mais tarde, ele incluiu elementos de teatro e *performance* nestas suas apresentações, que ilustravam visualmente as suas canções, por esta altura, devedoras do *rock* progressivo. Eram canções muito longas, com vários momentos de progressão musical, características desse género. O também excêntrico Rodolfo/Rodolfa e Dino eram alguns dos elementos que o secundavam em palco, performando.

**1980: Primeira transmissão a cores da televisão, a 7 de março.**

**1980: A neorromântica e new waver Lene Lovich atua no Dramático de Cascais na comemoração de um ano de vida do programa radiofónico Rock em Stock.**

**1980: Os Ramones tocaram no dia 24 de setembro no Dramático de Cascais.**

**1980: Os The Police atuaram no Estádio do Restelo, a 2 de setembro. A polícia intervém com uma carga policial sobre o público.**

**1980:** *Concerto histórico do mítico Lou Reed, no Pavilhão Dramático de Cascais. Teve três horas de duração e o músico foi entusiasticamente chamado ao palco por diversas vezes. Ricardo Camacho disse que foi o concerto com mais enganos que viu, mas também o melhor.*

**1980:** *Os Joy Division lançam o seu último LP, Closer. O vocalista Ian Curtis suicida-se.*

**1980:** *Os Talking Heads lançam o LP Remain in The Light, influenciado pela world music com produção de Brian Eno.*

**1980:** *Um guitarrista autodidata do Porto de 23 anos, Rui Veloso, e o seu amigo, Carlos Tê, dão o pontapé de saída do boom do rock em Português com a edição do LP Ar de Rock, que incluía o single “Chico Fininho”.*

**1980:** *O primeiro-ministro Francisco Sá Carneiro, a sua companheira Snu Abecassis e o ministro da Defesa Adelino Amaro da Costa morrem na queda de um avião em Camarate, a 4 de dezembro.*

**1981:** *O Grupo de Baile vende 99 mil cópias do single “Patchouly/ Já rockas à toa”, lançado em janeiro, atingindo o disco de ouro.*

**1981:** *Os Táxi editam o álbum homónimo onde constava o hit “Chiclete”.*

**1981:** *Lena d’Água e a Salada de Frutas lançam, com grande êxito, o single “Olha o Robot/Armagedom”.*

**1981:** *Os Heróis do Mar editam o seu polémico trabalho debutante, o LP com nome homónimo.*

**1981: No Trumps com os Kamikaze** – Em 18 de março, Variações apresenta-se no Trumps, com o nome artístico de António, Autor-Intérprete com o grupo Kamikaze e amigos.

**1981: No Rock Rendez Vouz** – Atuação dos António & Variações no Rock Rendez Vouz. O carismático Pita apresenta-o: “Com vocês: António”. É possível que António & Variações tenha tocado também no Hot Club, mas tal não está confirmado.

**1981: Contacto com Júlio Isidro** – O cantor entrega uma cassete a Luís Filipe Barros, apresentador do *Rock em Stock*, um dos programas mais importantes da música moderna Portuguesa de então. Este, que tinha alguma relação de amizade com o cantor, não gostou muito, mas, ainda assim, aconselhou-o a procurar junto de um colega seu, que trabalhava na mesma estação, que talvez estivesse mais recetivo ao timbre efeminado de Variações: Júlio Isidro. Variações seguiu o conselho, entregando uma maquete com duas músicas a este último. O apresentador não ficou impressionado com a voz, no entanto, a originalidade e a singularidade do trabalho cativaram-no; viu nele um moderno cantautor. Por essa razão, convidou-o a participar nos seus programas.

**1981: Atuação na *Febre de Sábado de Manhã*** – Atuação dos António & Variações, na Aula Magna, no programa radiofónico da autoria de Júlio Isidro *A Febre de Sábado de Manhã*, a 11 de abril. Os músicos tocavam ao vivo e estas atuações eram transmitidas em direto pela Rádio Comercial. Este programa teve um imenso sucesso de audiência. Realizou-se um espetáculo, igualmente transmitido em direto na rádio, com uma atuação histórica dos Fischer-Z no Estádio de Alvalade, no qual participaram também os portugueses Mário Mata e Adelaide Ferreira.

**1981: Atuação Performática no *Passeio dos Alegres*** – Atuação dos António & Variações no célebre programa televisivo, da autoria de Júlio Isidro, *O Passeio dos Alegres*, no dia 3 de maio. Canta dois temas “Não Me Consumas” e “Comprimidos e Apertados” (esta, mais tarde, conhecida como “Toma o Comprimido”). Baseado no espetáculo de música encenada que vinha a apresentar no Trumps, Variações fez furor com esta atuação performativa, e foi falado pelo país inteiro nos dias seguintes. Enquanto cantava a “Comprimidos e Apertados”, um dos *performers*, Dino, atirava *smarties*, pequenos chocolates redondos, simulando comprimidos, para o público. Num artefacto, em forma de comprimido, que o *performer* trazia agregado a si podia ler-se. “Para Dormir-Para Acordar”. Em “Não Me Consumas”, o *performer* está em frente a uma cómoda mexendo em perfumes, vestido com um fato vermelho. António vai cantando e interagindo com ele. Tinha vestidas umas calças largas, com padrão aos quadrados verdes, e uma camisola preta. E tinha o cabelo louro, a barba pintada e o seu característico brinco na orelha esquerda. Os músicos que, por essa altura, o acompanhavam, estavam todos com uma

camisola vermelha. Os Variações, portanto, eram: na bateria Saguim, na guitarra José António, Leitão no órgão, e José Vítor no baixo.

**1981: Extinção dos António & Variações e consequente aproximação aos futuros músicos d'A Jovem Guarda** – Após a passagem pelo *Passeio dos Alegres* os António & Variações foram extintos. O cantor está, neste momento, mais interessado nas sonoridades do *rock* independente advindas sobretudo de Manchester do que no *rock* progressivo. Nesse sentido, dois músicos jovens, dois irmãos, Vasco e Luís Carlos Amaro, respondem a um apelo que o cantor fez através do programa *Meia de Rock* onde dizia estar à procura de músicos, e começam a tocar com ele. Ainda se tenta a junção destes músicos com um outro mais ligado ao *rock* sinfónico, mas tal não resulta. Variações optou por ficar com os dois jovens músicos, inexperientes ainda, mas que tinham as referências musicais que lhe interessavam nessa altura: Joy Division, Roxy Music, Velvet Underground, etc. As conversas do cantor com estes músicos, com a exceção de uma vez terem falado acerca de Amália, giravam em torno destas sonoridades.

**1981: Participação no Meia de Rock** – Em 20 de dezembro é entrevistado por Rui Pêgo e Luís Vitta no programa radiofónico *Meia de Rock* da Rádio Renascença. António queixou-se, dizendo que a editora Emi-Valentim de Carvalho com quem tem contrato desde 1978, poderia ter aproveitado a sua passagem pelo *O Passeio dos Alegres* para lançar um *single* com as músicas que apresentou na televisão. O *Meia de Rock* gravou duas canções suas “Anjinho da Guarda” e “É P’rá Amanhã”, que depois transmitiu com sucesso. Esta entrevista foi feita no apartamento de Variações. Os músicos que o acompanham, e que tocaram nestas canções, foram Luís Carlos Amaro no baixo, Vasco Amaro na guitarra elétrica e Sérgio na bateria, todos com cerca de 17, 18 anos. São muito mais jovens do que Variações, que tinha 37 anos. Mais tarde, formaram uma banda, A Jovem Guarda, que terá sucesso dentro do Movimento da Música Moderna Portuguesa, gravando discos pela prestigiada e histórica editora independente Ama Romanta, de João Peste.

**1982: É finalmente despenalizada a homossexualidade em Portugal.**

**1982: Segunda edição do Festival Vilar de Mouros. Destacam-se os Stranglers, os U2, os A Certain Ratio, os Durutti Column, os Echo & Bunymen e os Portugueses GNR e Roxigénio.**

**1982:** *Os new-romantics Duran Duran atuaram no Dramático de Cascais.*

**1982:** *Os Heróis do Mar têm um enorme sucesso com o maxi- single “Amor”.*

**1982:** *Os GNR lançam o seu primeiro LP, o experimental Independança, com produção de Ricardo Camacho.*

**1982:** *Os Da Vinci lançam “Hiroshima (Meu Amor)”. O visual e o uso de sintetizadores segue a estética neorromântica.*

**1982: Gravações do Primeiro Trabalho** – Finalmente, iniciam-se as gravações do seu *maxi* debutante. Nuno Rodrigues, o novo A & R da Valentim de Carvalho e músico da Banda do Casaco, desbloqueia a situação de Variações na editora. Ouve as gravações, dentro do âmbito do para-folclorismo, feitas por Mário Martins e pelo maestro Jorge Machado, e acha que o caminho de Variações terá de ser dentro do *rock* e da música moderna e começa a trabalhar nesse sentido. Vai assistir aos ensaios de António com Luís Carlos Amaro, Vasco Amaro e Sérgio, na casa do cantor. Ele diz que foi lá duas vezes por semana. Luís Carlos Amaro recorda-se apenas de uma ou duas. Seja como for, a certa altura estes jovens músicos são afastados e substituídos por músicos da confiança de Nuno Rodrigues, relacionados com a Banda do Casaco e com a Salada de Frutas. As gravações iniciam-se e, apesar de afastados, Variações convidou os jovens músicos a assistirem a algumas sessões de gravações. Eles gostaram do que ouviram e disseram-lho, o que o deixou contente. Mas estas sessões nem sempre correram de feição. O produtor era Nuno Rodrigues, mas Variações, a determinada altura, exigiu a presença de Ricardo Camacho, que foi durante um breve período funcionário da Valentim de Carvalho e tinha sido o produtor de dois discos cuja sonoridade Variações apreciava: *Foram Cardos*, *Foram Prosas* de Manuela Moura Guedes e *Alhur* de Né Ladeiras. A certa altura, aquando da gravação de “Povo Que Lavas no Rio”, António manifestou a sua insatisfação ante os resultados obtidos pelos músicos. Ricardo Camacho pede aos músicos que saiam e fala a sós com o cantor, tentando perceber porque é que ele não estava a gostar. Este ter-lhe-á dito então a famosa frase que veio a ser ligeiramente deturpada e usada de modo descontextualizado, afirmando que pretendia um som algures “Entre Nova Iorque e a Sé de Braga”. Ricardo Camacho, apesar da sua influência na gravação das canções, não ficou até ao final das sessões nem o seu nome surge nos créditos finais do disco. Posteriormente em

entrevista, manifestou algum desacordo relativamente à sonoridade final das gravações. A meio das gravações, a editora terá recebido uma carta do irmão de Variações, Jaime Ribeiro, na qualidade de advogado pressionando-a a cumprir o contrato que assinou com o artista. Nuno Rodrigues manifestou sempre desagrado face a esta situação, dizendo que Variações nunca se colou à atitude do irmão. Opostamente, Jaime Ribeiro diz que o fez a pedido de Variações, que estaria farto de esperar que o editassem. Não tardou muito a que fosse lançado o trabalho debutante de Variações. David Ferreira, administrador da Emi-Valentim de Carvalho, sugere que em vez de ser António & Variações, o cantor se apresentasse como António Variações.

**1982: Participação inglória na Grande Noite do Fado** – A 19 de março, Variações, segundo testemunho de Carlos Ferreira, que atuou enquanto Guida Scarllaty com sucesso, numa noite em que também esteve, enquanto cabeça de cartaz Amália Rodrigues, na Grande Noite do Fado, no Coliseu dos Recreios, foi monumentalmente vaiado ao cantar a sua versão de “Povo que Lavas no Rio”. O cantor não se deixou afetar por esta visceral rejeição por parte do tradicional público do fado, e levou a sua atuação até ao fim. Pela calma e segurança, impressionou quem o viu. Numa noite em que apareceram e atuaram vários artistas, ele não foi sequer referido nos jornais. Guida Scarllaty foi elogiada pela imprensa, e Amália, por esta altura envolta em alguma polémica correlacionada com o PREC, causou furor, transformando esta atuação numa vitória contra quem não a queria a atuar em Portugal. Terá assistido à atuação de Variações? Não sabemos, sabemos, isso sim, que não gostou da versão da sua canção feita por Variações.

**1982: Edição do *maxi-single* “Estou Além/Povo que Lavas no Rio”** – Em finais de maio, início de junho, é finalmente lançado o seu trabalho debutante, o *maxi* com “Estou Além” no lado A e “Povo que Lavas No Rio” no lado B. Foi gravado um teledisco na Costa da Caparica que causou alguma celeuma pelo caráter sexual implícito. Nele, várias mãos, de ambos os sexos, tentam tocar em Variações, e, numa das cenas, ele rebola-se nas areias da praia. Este teledisco passou com êxito no programa *ViváMusica*.

**1982: Apupos na Feira Popular** – No início de junho de 1982, após o lançamento do seu *maxi* de estreia, Variações atua na Feira Popular, fazendo a primeira parte dos UHF, e, dado o seu aspeto exuberante e a sua voz aguda, é apupado e apedrejado por uma parte considerável do público. António Manuel Ribeiro, vocalista dos UHF, dirige-se para o

público, em defesa de António, dizendo que ele era alguém que estava a tentar fazer coisas novas em Portugal na música e que devia, por isso, ser admirado e respeitado.

**1982: Barbeiro-happening na inauguração do Frágil** – A 15 de junho foi inaugurado no Bairro Alto um dos mais importantes espaços noturnos da capital lisboeta, pela mão do empreendedor Manuel Reis: o mítico Frágil. Mais tarde, também Rodrigo Leão será sócio deste espaço. O escultor Pedro Cabrita Reis fará uma marcante intervenção na decoração. É um ponto de encontro por excelência da *Movida* Lisboa dos Anos 80. Jornalistas, escritores, músicos, atores e realizadores passam por lá. Miguel Esteves Cardoso, Al Berto, Rui Reininho, Clara Ferreira Alves, Eduardo Prado Coelho, João Botelho, etc., são *habitués* do Frágil, bem como o próprio Variações. Na inauguração está lá como barbeiro, cortando cabelos, vestido às mil e uma noites, com um chapéu árabe. O seu colega barbeiro, José António Neves, secunda-o.

**1982: Sucesso e insucesso do maxi estreante** – A sua versão de “Povo Que Lavas no Rio” é polémica e gera anticorpos, no entanto, “Estou Além” torna-se presença assídua nas rádios e chega ao *Top*, ocupando posições de relevância. O cantor começa a ser solicitado para vários espetáculos.

**1983: Governo do Bloco Central (PS/PSD).**

**1983: Segunda intervenção do FMI em Portugal.**

**1983: Armando Gama, ex-Tantra, vence o Festival da Canção com “Esta Balada que te dou”.**

**1983: Presença marcante na exposição *Depois do Modernismo*** – Exposição multidisciplinar *Depois do Modernismo* a 7 de janeiro, na Sociedade Nacional de Belas Artes. É uma mostra importante, pois, de algum modo, marca a entrada do pós-modernismo em Portugal. A geração de artistas plásticos e críticos de arte que dominará o panorama das artes plásticas, em Portugal, nos anos seguintes, está praticamente toda presente. É, assim, uma espécie de manifesto artístico geracional. Além disso, propõem a interdisciplinaridade. Estão presentes arquitetos, encenadores, pintores, estilistas, etc. Entre outros, estão presentes Julião Sarmento, Leonel Moura, Alexandre Melo e Ricardo Pais. António Variações foi convidado para a festa de inauguração e a sua presença,

perfeitamente enquadrada no espírito desta mostra artística, marcou-a indelevelmente. Apareceu com um visual pós-humano, com uma rede de arame à laia de camisola com correntes e fechaduras atracadas a si. Leonel Moura, um dos organizadores, refere-o como exemplo do espírito pós-moderno que a exposição pretendia passar.

**1983: Prémio do mal vestir** – A 14 de novembro, a par de Alberto João Jardim e Nicolau Bryner, foi considerado um dos mais mal vestidos. Ao júri dessa desprestigiante atribuição responderá em entrevista “sabem lá eles o que é bem vestir”.

**1983: O seu primeiro *manager* e os espetáculos em todo o país** – O seu amigo José Ferreira de Melo torna-se seu *manager*. Entre 13 de março e 15 de outubro deste ano, angariou-lhe cerca de 45 espetáculos. No verão tem uma intensa agenda de espetáculos por todo o país. Partilha palcos, entre outros, com Lena d’Água, Dina e Marco Paulo.

**1983: A sua segunda Agente** – No final deste ano, Variações desvincula-se de José Ferreira de Melo. A sua amiga da boémia lisboeta, Teresa Couto Pinto, que o coadjuvou nas suas encenações fotográficas, torna-se agora sua agente. António foi atuar numa festa do *Sete* e a sua atuação, com o grupo que o acompanhava não terá sido das melhores. É possível que este facto tenha pesado na mudança de agente.

**1983: O Primeiro LP, *Anjo da Guarda*** – É lançado, em março, o primeiro LP, o seu trabalho com mais êxito de público, *Anjo da Guarda*. O cantor dedicou-o a Amália. Foi produzido por Moz Carrapa, ex-Salada de Frutas, e teve a participação de dois elementos dos GNR: Vítor Rua e Tóli. É retirado o *single* “É P’rá Amanhã”. O cantor afirma-se no mercado nacional; participa em vários programas televisivos e dá muitos espetáculos. Toca, ou com *play-back*, ou com a sua banda, Os Anjos, constituída por Dudas na guitarra, Carlos Barbosa no baixo, Mário Rui nas teclas e Pércles no saxofone.

**1983: Espetáculo com Amália Rodrigues** – Espetáculo histórico a 26 de maio, na Aula Magna da Universidade de Lisboa, no qual fez a 1.<sup>a</sup> Parte de Amália. Foi acompanhado por Né Ladeiras, enquanto convidada especial, e pela banda Vírus. A fadista, segundo testemunhos próximos, ao ver o cantor, e como a sua versão de “Povo Que Lavas no Rio” não tinha sido do seu agrado, foi antipática, dizendo “Estou aqui, mas não sei, não conheço e nunca vi este senhor que veio aqui cantar comigo”. No final, talvez arrependida, foi cumprimentá-lo e escreveu-lhe uma dedicatória, gabando-lhe a beleza física. Pediu-lhe um



anel feito a partir de uma colher, mas como era uma recordação amorosa, com grande significado para si, Variações não acedeu ao pedido. Desta vez, Amália terá sido mais cordial.

**1984: Gravação do seu Derradeiro LP, *Dar & Receber*** – Entre 6 e 25 de fevereiro é gravado o seu segundo e derradeiro LP de originais, *Dar & Receber*. O cantor estava muito entusiasmado para este novo trabalho. Vira os Heróis do Mar atuar no Baile das Camélias, em Sintra, e convidou Pedro Ayres Magalhães para o produzir, o que este fará com o teclista da banda, Carlos Maria Trindade. É um disco eclético. O som dançável dos Heróis do Mar forneceu uma excelente base sonora para a voz, melodias e palavras de Variações. O músico cabo-verdiano Paulino Vieira esteve, desde o início, envolvido na feitura do disco. Fontes Rocha, músico de Amália Rodrigues, participou com a sua guitarra Portuguesa em algumas canções, bem como Eugénia Lima, no acordeão. Na fase final das gravações, devido ao que se supunha ser uma gripe, Variações já não participa.

**1984: Indícios de Doença e Cancelamento de Espetáculos** – António, devido a uma tosse intensa que não passava, vê-se obrigado a cancelar vários espetáculos. Em abril participa num programa de Júlio Isidro, *A Festa Continua*, que decorreu no Algarve. O cantor diz que não está bem da voz e, por isso, não apresentou nenhuma das novas canções. Está vestido com um pijama, estampado com ursinhos, e leva um urso de peluche na mão. Na viagem de volta para Lisboa, acompanhado por Teresa Couto Pinto, fica com bastante febre. Passa alguns dias ao cuidado de Fernando Ataíde, que depois o entregará aos cuidados da família.

**1984: Hospitalização** – Em maio dá entrada no Hospital Pulido Valente, na CUF. É-lhe diagnosticada uma broncopneumonia bilateral grave. Ficou aos cuidados do Dr. Yglésias de Oliveira, e depois foi transferido para o Hospital da Cruz Vermelha, onde foi tratado pela Dr.<sup>a</sup> Cristina Câmara. A sua irmã Lurdes e a sua *manager* Teresa Couto Pinto ficaram lá, dando-lhe assistência e apoio. Nunca melhorou. Emagreceu cerca de 40 quilos em pouco tempo. Nos últimos dias de vida, teve de ser entubado.

**1984: Lançamento de *Dar & Receber*** – A editora Valentim de Carvalho adia o lançamento de *Dar & Receber*, pois, aguarda que o cantor melhore para fazer a promoção e a apresentação do disco. Variações exaspera e diz à sua *manager* que a editora está à

espera que ele morra para lançar o disco e fazer mais dinheiro. Esta transmite isto mesmo ao administrador da Valentim de Carvalho, David Ferreira, que dá ordem imediata para lançamento do disco, que sai em maio. Pedro Ayres Magalhães e Carlos Maria Trindade, os produtores do *LP*, vão mostrá-lo a Variações no hospital. A visita é profundamente comovente. Só então é que eles se dão conta do grave estado do cantor. Ele ficou muito contente por o disco ter sido lançado e, segundo o testemunho da sua irmã Lurdes, ainda chegou a escutar na rádio algumas canções.

**1984: Morte** – António Variações foi declarado morto às 6 da manhã do dia 13 de junho, dia de Santo António e data de nascimento de Fernando Pessoa, a quem o seu último disco é dedicado. Variações tinha 39 anos.

**1984: Funeral** – Missa de Corpo Presente na Basílica da Estrela. Muitos populares, mas também algumas figuras públicas, como Fernando Pereira e Pedro Ayres Magalhães, estão presentes no último adeus ao cantor. O corpo seguirá depois para Amares, a sua região natal, onde ficou sepultado.

**1984: Especulações sobre Sida** – Nos dias seguintes, vários jornais, entre eles o *Expresso*, especulam à volta da causa da sua morte, adiantando a hipótese de ele ter morrido de Sida.

## BIBLIOGRAFIA <sup>459</sup>

ABREU, Rui Miguel (2009). “30 anos da morte de António Variações: a sua maior obra foi ele mesmo”. *Blitz*, nº. 41, novembro. Disponível em:

<https://blitz.sapo.pt/principal/update/30-anos-da-morte-de-antonio-variacoes-a-sua-maior-obra-foi-ele-mesmo=f92536>

----- (2013) *E Tudo Acabou em 69: Filarmónica Fraude*. Lisboa: Guerra e Paz.

----- (2014). “A história secreta de António Variações”. *Blitz*, nº. 96, Julho. Disponível em:

<https://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-09-10-A-historia-secreta-de-Antonio-Variacoes>

----- (2017). “Ao vivo no Rock Rendez Vous: 1980-1990”. *Blitz*: História do rock (edição especial), outubro, pp.45-51.

----- (2018) “Ricardo Camacho: (1954-2018): o discreto arquiteto da modernidade pop Portuguesa dos anos 80”. *Blitz*, julho. Disponível em:

<https://blitz.sapo.pt/principal/update/2018-07-04-Ricardo-Camacho--1954-2018--o-discreto-arquiteto-da-modernidade-pop-portuguesa-dos-anos-80>

ARAÚJO, António (2016) “A direita portuguesa contemporânea: itinerários socioculturais”. Marchi, Ricardo (coord.). *As Direitas na Democracia Portuguesa: Origens, Percursos, Mudanças e Novos Desafios*. Lisboa: Texto Editores. Disponível em:

<https://books.google.pt/books?id=myN2CwAAQBAJ&pg=PT34&lpg=PT34&dq=madredeus+um+futuro+maior&source=bl&ots=3GS6Bn0Lol&sig=Qbvzmp0Me6iXLwy6StKhaHPSwOs&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwiOiPrO56vbAhVGxRQKHc5EB-YQ6AEIZTAO#v=onepage&q=madredeus%20um%20futuro%20maior&f=false>

BABUSCIO, Jack (1993). “Camp and the gay sensibilitie”. In Bergman, David (ed.). *Camp Ground: Style and Homosexuality*. Amherst: University of Massachusetts Press. pp. 78-91.

---

<sup>459</sup> Em toda esta secção constam apenas as obras citadas ou referidas diretamente no texto da dissertação.

BAPTISTA, Cláudia (1983). “A infância desconhecida do cantor exótico. António Variações: «O meu êxito é uma vingança»”. *Sete*, 20 de julho, p. 12.

BARRETO, António (2017). *De Portugal para a Europa: Ensaios*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

BONIFÁCIO, João (2011). “A história deificá-los-á”. *Público (suplemento Ípsilon)*, 23 de novembro. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2011/11/23/culturaipsilon/noticia/a-historia-deifica-los-a--297221>

CADETE, Miguel Francisco (2004). “Quem raio era António Variações?”. *Público*, 9 de julho. Disponível em:

<http://www.sinfonias.org/mais/musica-portuguesa-anos-80/artigos/1001-quem-raio-era-antonio-variacoas>

----- (2014a). “Pavilhão Dramático de Cascais: do tempo em que os bilhetes eram baratos”. *Blitz*, n.º 101, novembro, pp. 88-89.

CAETANO, Maria João (2018). “Entre Braga e Nova Iorque: relembrar Variações”. *Diário de Notícias*, 13 de junho. Disponível em:

<https://www.dn.pt/artes/interior/entre-braga-e-nova-iorque-relembrar-variacoas-9443615.html>

CANIBAL, Adolfo Luxúria (seleção e prólogo) (2016). *Revista de Imprensa: os Mão Morta na Narrativa Mediática (1985-2015)*. Lisboa: Abysmo.

CARITA, Alexandra (2009). “Música anti-Sócrates dos Xutos varrida da Rádio”. *Expresso*. Disponível em:

<https://expresso.sapo.pt/actualidade/musica-anti-socrates-dos-xutos-varrida-da-radio=f517786#gs.yLWXomg>

CARDOSO, Miguel Esteves (1980). “A mal e a bem: Amália e bem ... o Ska”. In *Escrítica Pop: Um quarto da Quarta Década do rock: 1980-1982*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 73-75. [O Jornal, 22 de agosto]

----- (1980a). “Joy Division, a divisão e a visão da tristeza”. In *Escrítica Pop: Um quarto da Quarta Década do rock: 1980-1982*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 107-109. [O *Jornal*, 11 de novembro]

----- (1980b). “Onde o Som afeta, ataca e infecta”. In *Escrítica Pop: Um quarto da Quarta Década do rock: 1980-1982*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 206-207. [Sete, 3 de dezembro] pp. 206-207.

----- (1981). “A voz de Amália Rodrigues e o silêncio”. In *Escrítica Pop: Um quarto da Quarta Década do rock: 1980-1982*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 76-79 [Programa *Café-Concerto*, Rádio Comercial, 9 de setembro]

----- (1982). “Para realmente Variar: António”. *O Jornal*, n.º 380, de 4 a 9 de junho, p. 37.

----- (1982a). “GNR: mais grupo, mais rock, mais novo”. *O Jornal*, n.º 379, de 28 de maio a 3 de junho, p- 45.

----- (2003). *Escrítica Pop: Um quarto da Quarta Década do rock: 1980-1982*. Lisboa: Assírio & Alvim.

CARMO, Nuno Infante do (1984). “Conversa com gira-discos: Pedro Caldeira Cabral”. *Música & Som*, n.º. 97, novembro, p. 20.

CARRILHO, Raquel (2012). “Zé da Guiné: o homem que fazia acontecer”. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/afroscreen/o-homem-que-fazia-acontecer>

----- (2013). “Hernâni Miguel: «As pessoas à noite tiram a máscara»”. *Jornal Sol*, 1 de dezembro. Disponível em:

<https://sol.sapo.pt/artigo/93801/hern-ni-miguel-as-people-a-noite-tiram-a-mascara>

CARVALHO, Edite Martins (1983). “Quero ser um Músico Popular”. *O País*, 14 de março, p. VIII.

CARVALHO, Miguel (2017). *Quando Portugal Ardeu Histórias e Segredos da Violência Política no pós-25 de Abril*. Lisboa: Oficina do Livro.

CASCAIS, António Fernando (2009). “Diferentes como só nós: o associativismo GLBT em três andamentos”. In *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 76, dezembro. Disponível em:

<https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/76/RCCS76-109-126-Fernando%20Cascais.pdf>

CORTEZ, Afonso (2016). “Quando o cinema incomodava... Parte I: *Eu Vos Saúdo Maria*”. *Esc:ala: Revista Eletrónica de Estudos e Práticas Interartes*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em:

<https://escalanarede.com/2016/06/07/quando-o-cinema-incomodava-parte-i-eu-vos-saudo-maria/>

----- (2017). *Corta-e-Cola: Discos e Histórias do Punk em Portugal*. Lisboa: Associação Chili com Carne/Thisco.

COELHO, Adolfo (1993). *Obra Etnográfica: Festas, Costumes e Outros Materiais para Uma Etnologia de Portugal*. Vol. I. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

COSTA, Belino (1981). “Trovante é alternativa ao rock Português”. *Sete*, n.º 164, de 29 de julho a 4 de agosto, pp. 14-15.

----- (1983). “Rui Veloso: «Somos todos estrangeirados»”. *Sete*, n.º 287, de 7 a 13 de dezembro, pp. 16-17.

COSTA, Edmilson (2013). “Uma crítica à ideologia pós-modernista”. *GGN-O Jornal de todos os Brasis*, 2 de junho. Disponível em:

<https://jornalggcn.com.br/blog/luisnassif/uma-critica-a-ideologia-pos-modernista>

DIAS, Manuel Graça; Pinharanda, João (1985). “Frágil, sob camadas de tinta”. *Arquitetura Portuguesa n.º 4, ano I, 5ª. Série*. Disponível em:

<https://fragil.luxfragil.com/text.php?nr=21&PHPSESSID=24ba40d95033be24fe19d3d94df8eb1b>

DUARTE, António (1981). “Heróis do Mar, uma banda fascista?”. *Sete*, n.º.180, de 18 a 24 de novembro.

----- (1982). “Ana da Silva: portuguesa dá cartas no rock britânico: «Músicos portugueses devem esquecer a palavra rock»”. *Sete*, n.º 187, de 6 a 12 de janeiro, pp.2-3.

----- (1984). “António Variações: curta a fama, grande o engenho”. *Jornal de Letras*, n.º 102, de 19 a 25 de junho, p. 21.

DUARTE, Pedro (1983). “Cantor, barbeiro, «anjo da guarda; António Variações: o dever da diferença”. *Sete*, 30 de março, p. 4.

DYER, Richard (2002). *The Culture of Queers*. Londres: Routledge, pp. 67-68.

FERNANDES, Anabela Pereira (2018). “Eu gosto é desta vida de artista”. *Nova Gente*, n.º.2175, semana de 17 a 23 de maio, pp. 72-75.

FERRÃO, Ana Cristina (1991). *Conta-me Histórias: Xutos & Pontapés*. Lisboa: Assírio & Alvim.

FONSECA, Belo da (1982). “Variações sobre uma tesourada. António, barbeiro e músico. «Sou um folclorista apanhado para o Rock»”. *A Capital*, 23 de junho, p. 35.

FONSECA, Catarina (2017). “António Variações «inundava o quintal com fados», lembra o irmão”. *Jornal de Notícias*, 7 de dezembro. Disponível em:  
<https://www.jn.pt/artes/interior/antonio-variacoes-inundava-o-quintal-com-fados-lembra-irmao-8971483.html>

FRIEDMAN, Aron (2014). “Amsterdam most legendary clubs”. *Thump*. 14 de outubro. Disponível em:

[https://thump.vice.com/en\\_ca/article/mg4y3x/ade-amsterdams-most-legendary-clubs](https://thump.vice.com/en_ca/article/mg4y3x/ade-amsterdams-most-legendary-clubs)

FURTADO, Dulce (1999). “Os pioneiros do *rock* Português”. *Público*. 15 de novembro. Disponível em: <https://www.publico.pt/1999/11/15/jornal/os-pioneiros-do-rock-portugues-126502>

GALLAGHER, Tom (1983). *Portugal: a Twentieth-Century Interpretation*. Manchester: Manchester University Press.

GONZAGA, Manuela (1982). “TV Top almoçou com António Variações: A tesoura ganha para a música”. *TV Top*, nº. 78, de 21 a 27 de junho, pp. 16-17.

----- (1983). “António Variações de soldado a General”. *Diário de Notícias*, Suplemento, 18 de julho, 16-18.

----- (2006). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Âncora Editora.

----- (2018). *António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. Lisboa: Bertrand Editora.

GRAÇA, Fernando Lopes (1973). *A Canção Popular Portuguesa*. Lisboa: Publicações Europa-América.

GUERRA, Paula (2017). “António e as Variações Identitárias da Cultura Portuguesa Contemporânea”. *Ciências Sociais Unisinos, Setembro-dezembro 2017*, pp. 508-520.

Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/323864593\\_Antonio\\_e\\_as\\_Variacoes\\_identitarias\\_da\\_cultura\\_portuguesa\\_contemporanea](https://www.researchgate.net/publication/323864593_Antonio_e_as_Variacoes_identitarias_da_cultura_portuguesa_contemporanea)

HIGGINS, Charlotte (2009). “Tate modern’s Turbine Hall recreates a 1971 art sensation”. *The Guardian*, 6 de abril. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/artanddesign/2009/apr/06/tate-modern-bodyspacemotionthings-turbine-hall>

HOLM-HUDSON, Kevin (2002). *Progressive Rock Reconsidered*. Nova Iorque: Routledge.

HORTA, Bruno (2018). “Manuela Gonzaga: «Era impossível não amar António Variações».” *Observador*, 12 de junho. Disponível em:

<https://observador.pt/especiais/manuela-gonzaga-era-impossivel-nao-amar-antonio-variacoes/>

ISIDRO, Júlio (2016). *O Programa Segue Dentro de Momentos: Autobiografia*. Lisboa: Marcador.

JONES, Lucy (2014). “The incredible way Michael Jackson wrote music”. *NME(New Musical Express)*, 2 de abril. Disponível em:



<https://www.nme.com/blogs/nme-blogs/the-incredible-way-michael-jackson-wrote-music-16799>

LEITÃO, Rui (1982). “António cabeleireiro faz ondas na música”. *Tal & Qual*, 5 de junho, p.10.

LEVINE, Martin P. (1998) *Gay Macho: The Life and Death of the Homosexual Clone*. Nova Iorque: New York University Press.

MACEDO, António (1984). “Variações em torno de António”. *Mais*, nº. 115, 22 de junho, pp. 53-55.

MARCHI, Ricardo (coord.) (2016). *As Direitas na Democracia Portuguesa: Origens, Percursos, Mudanças e Novos Desafios*. Lisboa: Texto Editores.

MARMELO, Jorge (2009). “Variações da família de António”. *Público*, 1 de novembro. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2009/11/01/jornal/variacoes-da-familia-de-antonio-18079331>

MARQUES, Paulo (2008). *António Variações: um Homem Além do seu Tempo: 1944-1984*. Lisboa: A.M. Pereira Editora.

MARQUES, Rui Oliveira (2017). *T: Histórias da Noite Gay de Lisboa*. Lisboa: Alêtheia Editores/ Ideia-Fixa.

MESQUITA, Ana (2006). *Rui Veloso: os Vês pelos Bês*. Lisboa: Prime Books.

MONTEIRO, Rui (1983). “O Direito à Diferença”. *Mais*, nº. 56., 6 maio de 1983, pp. 36-37.

MOTA, Joana Margarida Martins (2017). “A cobertura da morte de figuras públicas na imprensa Portuguesa”. *Estudos em Comunicação*, nº. 25, vol. 1, dezembro 2017. Pp. 201-234.

NUNES, Luís Pedro (2018). “A nossa movida”. *Expresso*, 25 de março. Disponível em: <https://expresso.sapo.pt/cultura/2018-03-25-A-nossa-movida#gs.WF0MPsY>

PARAÍSO, Manuela (1983). “Análise crítica a *Anjo da Guarda*”. *Música & Som*, n.º 82, junho-julho, p. 40.

----- (1983a). “Crítica a *Fado*, de Amália Rodrigues”. *Música & Som*, n.º 79, fevereiro, p. 43.

----- (1983b). “Zoom: texto crítico sobre o concerto de António Variações e Amália Rodrigues na Aula Magna”. *Música & Som*, n.º 83, agosto, p. 9.

PEDROSA, Inês (1983). “Cantor e barbeiro: Variações sobre um António”. *O Jornal*, n.º 432, 2 de junho. In *Muda de Vida: As Letras de António Variações*, pp. 91-96.

PENA, Cristina (2008). *A Revolução das Feministas Portuguesas: 1972-1975: Do Processo das Três Marias à Formação do MLP*. Lisboa: Universidade Aberta. (Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres). Disponível em:  
[file:///C:/Users/K52J/Downloads/disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Cristiana.pdf](file:///C:/Users/K52J/Downloads/disserta%C3%A7%C3%A3o_Cristiana.pdf)

PEPE, Paulo (2017). *Do Pop ao Teatro de Rua: Revoluções Ibéricas de Género em António Variações e José Pérez Ocaña*. Lisboa: Chiado Editora.

PEREIRA, Lia (2017). “Como os Heróis do Mar ajudaram a construir um Portugal novo”. *Blitz*, 5 de março. Disponível em:

<https://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-03-05-Como-os-Herois-do-Mar-ajudaram-a-construir-um-Portugal-novo>

PORDATA (2017). *Retrato de Portugal: 2017*. Lisboa: Fundação Manuel dos Santos. Disponível em:

<https://www.pordata.pt/ebooks/PT2017v20170710/mobile/index.html>

RAPOSO, Eduardo M. (2014). *Cantores de Abril*. 2ª. edição. Lisboa: Colibri.

RIBEIRO, António Manuel (2014). *Por Detrás do Pano: 35 Histórias contadas na Rádio & Outras Confissões*. Lisboa: Chiado Editora.

ROSMANINHO, Nuno (2009). *Património e Identidade: Aspectos da Reinvenção de Portugal nos Séculos XIX e XX (relatório)*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Exemplar policopiado.<sup>460</sup>

----- (2014) *Identidade Artística Portuguesa I: A Deriva Nacional da Arte, Séculos XIX-XX*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Exemplar policopiado.

S., M. G. (1982). “Amália só há uma”. *Diário Popular*, 20 de março.

S/A (1981) “Grupo explica receita: Salada de Rock com fruta Portuguesa”. *Sete*, n.º 184, de 16 a 21 de dezembro, pp. 18-19

----- (1982). “António Variações: É preciso fugir à monotonia”. *O Tempo*, 17 de junho, p. VIII.

----- (1983). “António Variações: Já tive várias profissões, mas o meu escape é a música”. *O Globo*, 21 de março, p. 24.

----- (1983). “Doutora do fado canta na reitoria”. *Sete*, n.º 259, 25 a 31 de maio, p. 6.<sup>461</sup>

----- (1983). “Da Vinci: «Somos muito portugueses»”. *Coquete*, n.º 7, de 21 a 27 de julho, pp. 2-4.

----- (1983). “António Variações: «Não sou oportunista»”. *Coquete*, n.º 21, de 27 de outubro a 2 de novembro, p. 1-2.

----- (1984). “António Variações morreu de pneumonia bilateral; Corpo enterrado em Amares”. *Jornal de Notícias*, 16 de junho, p. 9.

----- (1984). “António Variações vítima de Sida?”. *Expresso*, 16 de junho, pp. 1-24 et seq..

----- (2006). “Uma ave rara no paraíso”. *CM, Domingo* (suplemento). 16 de março.  
Disponível em:

<https://www.cmjornal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/uma-ave-rara-no-paraiso>

---

<sup>460</sup> Estas obras de Nuno Rosmaninho encontram-se também na Amazon.

<sup>461</sup> Dado tratar-se aqui de Sem Autoria, pareceu-me descabido usar sinalética para distinguir datas, como, por exemplo, (1983a).

----- (2018) “Madonna diz que «Portugal é governado pelos três efes: fado futebol e fado» e compara o país com Cuba”. *Blitz*, 3 de agosto. Disponível em:

<https://blitz.sapo.pt/principal/update/2018-08-03-Madonna-diz-que-Portugal-e-governado-pelos-tres-F-Fado-Futebol-e-Fatima-e-compara-o-pais-com-Cuba>

----- (2018). “Sindicância: Paulo Moura”. *Ler*, verão, n.º 150, p.128.

SANTOS, Trindade (1982). “Crítica musical”. *TV Top*, n.º. 65, 31 de maio a 6 de junho, p. 52.

----- (1982a) “Variações sobre Variações”. *TV Top*, n.º. 78, 21 a 27 de junho, p. 7.

SARAMAGO, José (2018). “Cadernos para «fixar a passagem do tempo»” (carta inédita dirigida a Eduardo Lourenço). *JL*, n.º 1252, de 26 de setembro a 9 de outubro, p.18. [1994]

SARDICA, José Miguel (2011). *O Século XX Português*. Alfragide: Texto Editores.

SARDINHA, José Alberto (2002). *Braga na Tradição Musical: A Rusga de S. Vicente*. (Livro e CD). Vila Verde: Tradisom Editora Discográfica.

SHORTO, Russell (2013). *Amsterdam: A History of World's Most Liberal City* (2003). Nova Iorque: Penguin Random House Copmanies.

SILVA, Alberto Pereira da (2018) “O consumo de álcool em Portugal”. *Departamento de Saúde e Temperança*.

SILVA, João Cândido (ed.) (2015). “Closer: um disco que mudou Portugal”. *Observador*, 6 de agosto. Disponível em:

<https://observador.pt/especiais/closer-um-disco-que-mudou-portugal/>

SILVA, João Céu e (2015). “Pedro Ayres Magalhães: «Só passam na rádio duas músicas dos Madredeus. É uma censura terrível””. *Diário de Notícias*, 24 de agosto. Disponível em:

<https://www.dn.pt/portugal/interior/pedro-ayres-magalhaes-so-passam-na-radio-duas-musicas-dos-madredeus-e-uma-censura-terrivel-4742877.html>

SILVESTRE, Osvaldo Manuel (2017). “Discurso lido na abertura do colóquio «Variações sobre António. Um colóquio em torno de António Variações», na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a 7 de dezembro de 2017”. Disponível em:

<http://www.osvaldomanuelsilvestre.com/2017/12/08/variaco-es-sobre-antonio-um-coloquio-em-torno-de-antonio-variaco-es/#more-2290>

SMITH, Patti (2011). *Apenas Miúdos/Just Kids*. Trad. de Jorge Pereirinha Pires. Lisboa: Quetzal Editores. [2010]

SOROMENHO, Ana (2006). “Nota biográfica: um meteoro musical”. In António Variações, *Muda de Vida*. Lisboa: Relógio d’Água.<sup>462</sup>

----- (2013). “Quando a noite explodiu na cidade”. *Expresso*, 23 de novembro. Disponível em:

<https://expresso.sapo.pt/cultura/2018-03-25-Quando-a-noite-explodiu-na-cidade#gs.caWGwgg>

SOUSA, Paulo Silveira e; Ramalho, António J.; Gameiro, Octávio (coords.) (2016). *Cronologias do Portugal Contemporâneo: 1970-1979*. Lisboa: Círculo de Leitores.

----- (2016a). *Cronologias do Portugal Contemporâneo: 1980-1989*. Lisboa: Círculo de Leitores.

THOMPSON, Graeme (2018). “Prince: «There was just so much music in him»”. *Uncut*, agosto, p.58.

TORRES, Hugo (2016). *GNR: Onde nem a Beladona Cresce*. Porto: Porto Editora.

VILELA, Joana Stichinini; Mrozowsky, Nick; Fernandes, Pedro (2016). *LX 80: Lisboa entra Numa Nova Era*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

---

<sup>462</sup> O artigo referido de Ana Soromenho surge reescrito no livro citado. Originariamente, apareceu, em 18 de dezembro de 2004, no jornal *Expresso*.

----- (2017). *LX 70: Lisboa, do Sonho à Realidade*. 2ª. ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote.

## DISCOGRAFIA

BOWIE, David (1970). *The Man Who sold The World*. Mercury Records.

----- (1972) *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars*.(LP). EMI Music.

DIVISION, Joy (1980). *Closer* (LP). Factory Records.

GUARDA, A Jovem (1985). “Levante II”. In *Sons e Temas Rock Rendez Vous: 1985*.Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=CIMCFQQr3Qk>

----- (1986). “Sombra”. In *Divergências*. Lisboa: Ama Romanta. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=wELLzspTgFA> (aos 11, 35)

HEADS, Talking (1980). *Remain in The Light*. Warner Records.

HUMANOS (2004). *Humanos*. Emi-Valentim de Carvalho.

MUSIC, Roxy (1973). *For Your Pleasure*. (LP) Virgin Records

POLICE, The (1979). *Reggatta de Blanc*.(LP). A & M Records.

QUEEN, The (1984). *The Works*. Emi- Capitol.

REED, Lou (1972) *Transformer*. (LP). RCA.

RODRIGUES, Amália (1969). *Marchas de Lisboa*. (LP). Lisboa: EMI- Valentim de Carvalho.

----- (1980) *Gostava de ser quem era*. (LP). Lisboa: EMI- Valentim de Carvalho.

UNDERGROUND, The Velvet Underground (1967). *The Velvet Underground and Nico*. (LP). Verve Records.

VARIAÇÕES, António (1982) *Estou Além/Povo que Lavas no Rio*.(maxi-single) Lisboa: Emi-Valentim de Carvalho.

----- (1983). *Anjo da Guarda*.(LP). Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho.

----- (1984). *Dar & Receber*. (LP). Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho.

----- (2006). *A História de António Variações: Entre Braga e Nova Iorque*. (LP) Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho.

VÁRIOS (1994). *Variações – As Canções de António*. (LP). Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho.

----- (2013). *Voz e Guitarra. V. 2* (LP). Lisboa: Sony Music-Portugal.

## **VIDEOCINEMATOGRAFIA**

ARAÚJO, José Carlos (2012). “«Amor»: Heróis do Mar: trinta anos”. (reportagem). TVI. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=P1FToXtqBa0>

CLÉRIGO, Pedro; FERREIRA, Leandro (2015). *A Arte Elétrica em Portugal (RTP)*.

*Episódio 2: Progressivo vs Punk*. Disponível em:

<https://www.rtp.pt/play/p2094/e212455/a-arte-eletrica-em-portugal>

----- *A Arte Elétrica em Portugal (RTP)*. *Episódio 3: O Boom do Rock*. Disponível em:

<https://www.rtp.pt/play/p2094/e213347/a-arte-eletrica-em-portugal>

----- *A Arte Elétrica em Portugal (RTP)*. *Episódio 4: O Boom do Rock*. Disponível em:

<https://www.rtp.pt/play/p2094/e214241/a-arte-eletrica-em-portugal>

----- *A Arte Elétrica em Portugal (RTP). Episódio 5: Música Moderna*. Disponível em:  
<https://www.rtp.pt/play/p2094/e215107/a-arte-eletrica-em-portugal>

----- *A Arte Elétrica em Portugal (RTP). Episódio 6: A idade Adulta*. Disponível em:  
<https://www.rtp.pt/play/p2094/e215107/a-arte-eletrica-em-portugal>

FERNANDES, Jaime (2011) *Estranha Forma de Vida: Episódio 14: Psicadelismo, Hard Rock, anos 60/70*. RTP Produções. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=MYRUMHfokSM>

GENESIS (1975) *Live in Cascais*. 6 de março. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ljVIkRnrCbU>

ISIDRO, Júlio (1992). *Entrevista com a mãe e irmão de António Variações*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=zYJsvVxRLHw>.

MORAIS, Eduardo (2014). *Uivo*. (documentário sobre o radialista António Sérgio). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=cKoWIReRvtE>

PONTES, Joana (realizadora); BARRETO, António (autoria) (2007). *Portugal, um Retrato Social*. (RTP). Disponível em:

<http://www.rtp.pt/programa/episodios/tv/p20216>

----- *Portugal, um retrato Social: Episódio 7: Um País como os outros: A Formação duma Sociedade Europeia*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=pTmII3pUkFg>

PROGRAMA TELEVISIVO AGORA NÓS (s/d). *Agora Nós: Tributo a António Variações*. RTP 1: Lisboa. Disponível em:

<http://media.rtp.pt/agoranos/artigos/tributo-antonio-variacoes>

ROCHA, Maria João (1996). *Variações*. (Doc.). Disponível em:



<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/variacoes/>

OLIVEIRA, José Carlos de (2017). *Ana Salazar: Traço de Mulher*. (Doc.). Disponível em:

<https://www.rtp.pt/play/p2843/traco-de-mulher-ana-salazar>

PEOPLE, Village (1978). Y. M.C.A. (teledisco). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=CS9OO0S5w2k&gl=LU&hl=fr>

## **REDEGRAFIA**

CHOMSKY, Noam (1995). “Pós modernismo?”. Trad. Henrique Napoleão Alves.

*Universo Racionalista*. (Plataforma *on-line*) Disponível em:

<https://universoracionalista.org/noam-chomsky-contra-o-pos-modernismo/>

EXPRESSO (2018). “Como lê este país”. (S/A) *Expresso*. Disponível em:

[https://expresso.sapo.pt/multimedia/259/2017-10-26-Como-le-este-pais#gs.YeQhx\\_4](https://expresso.sapo.pt/multimedia/259/2017-10-26-Como-le-este-pais#gs.YeQhx_4)

KAPA (Blogue). Disponível em:

<https://kapa.blogspot.com/?view=magazine>

REIS; Manuel; Portas, Catarina; Manaia, Tiago (sítio na rede). *Frágil*. Disponível em:

<https://fragil.luxfragil.com/>

TIMES MAGAZINE (1975) 11 de agosto. Disponível em:

<http://content.time.com/time/covers/0,16641,19750811,00.html>

TRINDADE, Luís; Trindade, Sofia P. (2009). *Catálogo do leilão do espólio de António Variações*. Lisboa: Live Auctions. Disponível em:

[https://issuu.com/p4live/docs/p4051\\_2009\\_10\\_9\\_issu](https://issuu.com/p4live/docs/p4051_2009_10_9_issu)

Luís Carlos S. Branco (org.)

**COLETÂNEA LÍRICA DE ANTÓNIO VARIAÇÕES**

**Anexo I** à dissertação de mestrado: *António antes de Variações: o Percorso Inicial do Cantor*, de Luís Carlos S. Branco

<b>Índice</b> .....	292
Introdução .....	295
Escrever a Eternidade: A Arte Holística de António Variações .....	295
<b>1 - Trabalhos de Variações editados em vida</b> .....	298
<b>Fase A: Fase performista e pós-punk 1981</b> .....	299
<b>Single Imaginário</b> .....	299
Toma o Comprimido .....	300
Não me Consumas .....	303
<b>Fase B: Manifesto Artístico-Identitário</b> .....	306
<b>1.<sup>a</sup> Obra, maxi-single, 1982</b> .....	306
Estou Além .....	307
Povo que Lavas no Rio .....	310
<b>Fase C: O transcendente popular em modulação pop-rock</b> .....	312
<b>1.º LP, Anjo da Guarda, 1983</b> .....	312
... O Corpo é que Paga .....	313
Visões-Ficções (Nostradamus) .....	316
Quando fala Um Português ... ..	318
Sempre Ausente .....	319
Linha-Vida .....	322
É P'rá Amanhã ... ..	324
Onda-Morna .....	326

Anjinho da Guarda -----	328
Voz-Amália-de-Nós -----	330
<b>Fase D: Fase Memorialista e Fusionista -----</b>	<b>332</b>
<b>2.º LP, <i>Dar &amp; Receber</i>, 1984 -----</b>	<b>332</b>
Perdi a Memória -----	333
Canção de Engate -----	335
Canção -----	337
Dar e Receber -----	338
Quem Feio ama... -----	340
...Que Pena seres Vigarista -----	341
Olhei p´ra Trás -----	343
Erva Daninha alastrar -----	345
Deolinda de Jesus -----	348
Minha Cara sem Fronteiras -----	350
<b>2 - O Legado pós-morte de António Variações -----</b>	<b>352</b>
<b>LP de Lena D´Água, <i>Tu Aqui</i>, 1989 -----</b>	<b>353</b>
Tu Aqui -----	354
A Teia -----	356
Adeus -----	357
Já Não sou Quem era -----	360
A Culpa é da Vontade -----	362
<b>LP do projeto Humanos, <i>Humanos</i>, 2004 -----</b>	<b>364</b>

Quero é Viver -----	365
Muda de Vida -----	367
Na Lama -----	368
Maria Albertina -----	370
Rugas -----	371
Gelado de Verão -----	372
Amor de Conserva -----	374
<b><i>LP dos O'QueStrada, AtlanticBeat mad' in Portugal, 2014</i></b> -----	<b>375</b>
Parei na Madrugada -----	376
<b><i>LP de Telmo Pires, Ser Fado, 2016</i></b> -----	<b>377</b>
Ao Passar por Braga Abaixo -----	378
<b>3 – Algumas canções do acervo de António Variações</b> -----	<b>380</b>
Guerra Nuclear (ao Deus da Vida) -----	381
Rudy-Ruby -----	383
Give me a Little Time -----	389

## Introdução

### Escrever a Eternidade: A Arte Holística de António Variações

Por: Luís Carlos S. Branco

Relativamente à metodologia, as transcrições das letras-poemas foram realizadas com base na audição das canções, pois pareceu ser este o método mais afim com as reais intenções do autor. Isto permitiu esclarecer algumas incongruências existentes entre o que o cantor efetivamente canta e as letras transpostas nos encartes dos álbuns, cuja coincidência nem sempre é total. Assim, como mero exemplo, em “Estou Além” na transposição do encarte está ausente o verso “Vou continuar a procurar/o meu mundo, o meu lugar”, presente na versão cantada. Procedeu-se a múltiplos acertos deste cariz. A não ser em raríssimas ocasiões devidamente assinaladas, evitou-se na transcrição a repetição redundante de versos, típica das letras-poemas *pop-rock*.

Quanto ao conteúdo, assinale-se que António Variações está longe de ser somente, ainda que marcante, um cantor. A sua obra é holística. O resultado final, onde entram as suas melodias memoráveis e falsamente fáceis, a semiótica da sua original indumentária, os seus gestos coreográficos e a provocação dos seus vídeos musicais e das frases, quase bordões, iconoclastas que disseminou em várias entrevistas, é muito maior do que a mera soma destes vários componentes. Aliás, urge estudá-los, um por um, convocando para esse fim os respetivos ramos do saber científico. Ele era um artista multimédia, por excelência.

No entanto, a sustentar toda esta rica encenação musical que é a sua obra, está uma obra literária marcada pelo génio literário, praticamente virgem em termos de estudos académicos.

António Variações é um vulto maior da nossa cultura, cujos laços intertextuais da sua obra dialogam com Camões, Pessoa, Almada e Amadeu de Souza-Cardoso, entre outros. É impossível percebermos o papel da sua indumentária e da sua *performance* sem referirmos, por exemplo, o seu lastro com os manifestos de Almada Negreiros; lembremo-nos de quando este último pintou o seu cão de azul e, para grande escândalo dos seus concidadãos lisboetas, o levou a passear pela rua.

Por outro lado, se a tão propalada influência pessoana é bem visível na obra variaciana, não somente em termos literários, mas também em termos conceptuais onde a noção de totalidade, nomeada atrás, anda a par dum a noção heteronímica da existência e da arte *pop-rock*, a marca camoniana é também fortíssima, quase, diria eu, fundacional. A relação angustiada com o tempo e o conseqüente desconcerto com o mundo fazem parte do universo literário e filosófico de *Variações*. A este propósito, leia-se a letra-poema de “Estou Além” ou de “Perdi a Memória”, e confira-se a mescla intersticial e o diálogo com a obra lírica de Camões.

Ainda que formalmente seja intencionalmente simples e anti-barroca, a escrita de *Variações* é complexa, muitas vezes marcada pelo signo do abissal, fundindo-se nela formas clássicas e pós-modernistas. Como arguto escritor de canções que era, valorizava uma linguagem acessível a todos e daí, se calhar, uma das suas mais-valias, mas também das suas dificuldades exegéticas, pois é uma poesia enganadoramente fácil. Esta simplicidade de linguagem, porém, não faz com que a sua lírica seja facilmente interpretável, pois é composta de múltiplas camadas e de significados amiúde oximóricos e contraditórios entre si.

À guisa de exemplo, quem quiser ver em “... O Corpo é que Paga” o espelho simples e quase jocoso dum adágio popular estará no seu pleno direito, contudo, a letra-poema é bem mais ambígua do que uma leitura à superfície poderá perceber. Perpassam nela perplexidades várias, que remetem para uma relação dúbia com a dor e, ao avesso do que o título em modo de adágio popular propõe (que a cabeça tenha juízo e dome os sentidos), parece afinal fazer o panegírico do hedonismo e do mais puro sensualismo, sendo, aliás, perfeitamente detetável, por exemplo, a influência do universo fotográfico de Robert Mapplethorpe, de cujo o universo de referências *Variações* estava próximo. É possível que tenha contactado com a obra do fotógrafo aquando das suas estadas em Nova Iorque.

Portanto, quando se compara a obra de *Variações* com a do poeta popular António Aleixo está-se a laborar com base num erro, confundindo a árvore com a raiz. Falta a Aleixo a riqueza subtextual e a inteireza conceptual intrínsecas à obra variaciana.

A obra de variações tem por base uma fundura ideológica. Estranhamente, nos estudos sobre a identidade nacional o pensamento fecundo e original de Variações parece continuar ausente.

Portugal, como soi dizer-se, sempre na cauda da Europa, sempre atrasado em relação aos outros países, teve nele um paradigmático exemplo de alguém que, na verdade, não estava à frente do seu tempo, mas que, sim, estava plenamente inserido e sintonizado com seu tempo e com o seu coetâneo *Zeitgeist*, mantendo, deste modo, com a portugalidade uma relação saudável e instigadora numa abertura e inserção nas correntes artísticas e filosóficas mundiais.

A sua relação com o país e a sua relação com mundo alimentavam-se uma à outra, sendo na verdade uma e a mesma coisa. Muitos de nós continuamos muito divididos em relação a estes dois caminhos; ele, porém, nunca esteve. Amou o país e amou o mundo. Ou amou o mundo e amou o país – como quisermos; sem ordem preferencial. É isso que encontramos nas suas letras-poemas: alguém de olhos abertos, escrevendo a eternidade, abrindo caminho. Sempre ausente. E sempre presente.



*1*

*TRABALHOS DE ANTÓNIO VARIÇÕES EDITADOS EM VIDA*

*FASE A – Fase performista e pós-punk*

*Single imaginário, 1981: “Toma o Comprimido/Não me Consumas”*

*Estas canções nunca tiveram edição discográfica em vida do autor, mas foram dadas a conhecer por ele em apresentações públicas; no Trumps, no programa radiofónico Febre de Sábado de Manhã e no programa televisivo O Passeio dos Alegres, a 3 de maio de 1981, apresentado por Júlio Isidro, onde causaram furor. António Variações tinha em mente a edição dum primeiro single constituído por estas duas canções. A versão inicial da maquete com as duas canções foi finalmente disponibilizada, em 2006, no LP A História de António Variações – Entre Braga e Nova Iorque.*



## **TOMA O COMPRIMIDO** <sup>463</sup>

Você parece doente  
Ou anda com a saúde ausente  
Decerto tem a testa quente  
O mal será desse dente  
Se não passa com aguardente  
Vá à caixa e diga que é urgente  
Lá há remédio pra toda a gente

Você foi imprevidente  
Ou é muito impaciente  
Faça cara de contente  
Você vai ficar igual  
Toma já um Melhoral  
Porque é bom e não faz mal  
Além disso é legal  
Toma já um Melhoral

Toma um comprimido  
Toma um comprimido  
Toma um comprimido que isso passa  
Eu sei que é nocivo  
A isto e àquilo  
Esquece isso pelo bem que faça  
Eu sei que é nocivo  
A isto e àquilo  
Esquece isso pelo bem que faça

Você está muito pesada  
Não diga que está inchada

---

<sup>463</sup> O título inicial desta canção, segundo Júlio Isidro, era “Comprimidos e Apertados”.

Não há roupa que lhe sirva  
Não há cinta que lhe valha  
Já perdeu de todo a linha  
Está a tempo de voltar a fina  
É um milagre da medicina  
Que é o avanço da aspirina

Tome e fique confiante  
Vai ficar muito elegante  
Isto é melhor que um purgante  
Você vai emagrecer  
Cuidado, não abusar  
Mas se isso acontecer  
Tome outro pra engordar  
Cuidado não abusar  
Não pare de controlar

Toma um comprimido  
Toma um comprimido  
Toma um comprimido que isso passa  
Eu sei que é nocivo  
A isto e àquilo  
Esquece isso pelo bem que faça  
Eu sei que é nocivo  
A isto e àquilo  
Esquece isso pelo bem que faça

Tu estás tão acorrentado  
À sombra que tens ao lado  
Não consegues apagar  
As marcas desse passado  
Que teimas em recusar  
Mas a mistura da drogaria

E tens a cura para mais um dia

Descola a raiz do fundo

Ficas acima de tudo

Não sentes nada do mundo

Do mundo que te não quer

Cuidado, não abusar

Mas se isso acontecer

És mais um a flipar

Mas se tu queres acabar

Ó que tu queres é drunfar

Insiste

Toma um comprimido

Toma um comprimido que isso passa

## NÃO ME CONSUMAS

Não me consumas

Não me consumas

Não me consumas mais

Pára de me consumir

Que tu abusas

Que tu abusas

Sempre cada vez mais

Não é fácil digerir

Pára de me consumir

Porque já estou farto

De ser o olfato

Da tua laca e desse *spray*

Que é de uma marca que eu cá não sei

Ah, esses teus sais

Eu já não aguento mais

Estou enjoado do teu perfume

Esse extraído de um raro estrume

E com esse *batstick*

Não há nariz que não fique

Saturado de cheirar

Pára é de me gastar

Não me consumas

Não me consumas

Não me consumas mais

Não me consumas mais

Pára de me consumir

Que tu abusas

Que tu abusas

Sempre cada vez mais

Não é fácil digerir

Pára de me consumir

Não sou coisa nova

Para a tua moda

Não sou a trança do teu penteado

Nem o cabide do teu novo fato

Sempre gostaste de ser

A cópia do geral parecer

Não sou o espelho da tua vaidade

Nem a pastilha do teu à vontade

Não, comigo não

Não sou canal de televisão

Creme de noite, creme de dia

Um que endurece, outro que amacia

Tratas muito da fachada

Por dentro não tratas nada



*FASE B – Manifesto Artístico-Identitário*

*Maxi-single, primavera de 1982: “Estou Além/Povo que Lavas no Rio”*

---

*Maxi-Single e Single, lançados em 1982, com uma versão controversa de “Povo que Lavas no Rio” e o seu primeiro hit “Estou além”. Face às controvérsias que existiam na época sobre o fado e sobre a portugalidade, Variações tomou, através deste trabalho, uma posição, que não foi bem aceite por alguns setores do público e da crítica.*



## ESTOU ALÉM<sup>464</sup>

Não consigo dominar

Este estado de ansiedade

A pressa de chegar

P'ra não chegar tarde

Não sei de que é que eu fujo

Será desta solidão

Mas porque é que eu recuso

Quem quer dar-me a mão

Vou continuar a procurar

a quem eu me quero dar

Porque até aqui eu só:

Quero quem

Quem eu nunca vi

Porque eu só quero quem

Quem não conheci

Porque eu só quero quem

---

<sup>464</sup> Esta canção foi depois incluída no *LP Anjo da Guarda* e o seu primeiro título era “Desencontro”. Ao lado da versão datilografada, Variações escreveu o seguinte apontamento: “Sempre além para além de mim/chegar para partir/Insatisfação”.

Quem eu nunca vi

Porque eu só quero quem

Quem não conheci

Porque eu só quero quem

Quem eu nunca vi

Esta insatisfação

Não consigo compreender

Há sempre esta sensação

Que estou a perder

Tenho pressa de sair

Quero sentir ao chegar

Vontade de partir

P'ra outro lugar

Vou continuar a procurar

O meu mundo, o meu lugar

Porque até aqui eu só:

Estou bem

Aonde não estou

Porque eu só quero ir

Aonde eu não vou

Porque eu só estou bem

Aonde não estou

Tenho pressa de sair

Quero sentir ao chegar

A vontade de partir

P'ra outro lugar

Vou continuar a procurar

A minha forma, o meu lugar

Porque até aqui eu só:

Estou bem

Aonde não estou

Porque eu só quero ir

Aonde eu não vou

Porque eu só estou bem

Aonde não estou

## **POVO QUE LAVAS NO RIO** <sup>465</sup>

Povo que lavas no rio

Que talhas com o teu machado

As tábuas do meu caixão

Pode haver quem te defenda

Quem compre o teu chão sagrado

Mas a tua vida não

Fui ter à mesa redonda

Beber em malga que esconda

O beijo de mão em mão

Era o vinho que me deste

Água pura, fruto agreste

Mas a tua vida não

Aromas de urze e de lama

Dormi com eles na cama

Tive a mesma condição

Povo, povo, eu te pertença

---

<sup>465</sup> Letra de Pedro Homem de Melo e música de Joaquim Campos. Versão original interpretada por Amália Rodrigues.

Deste-me alturas de incenso

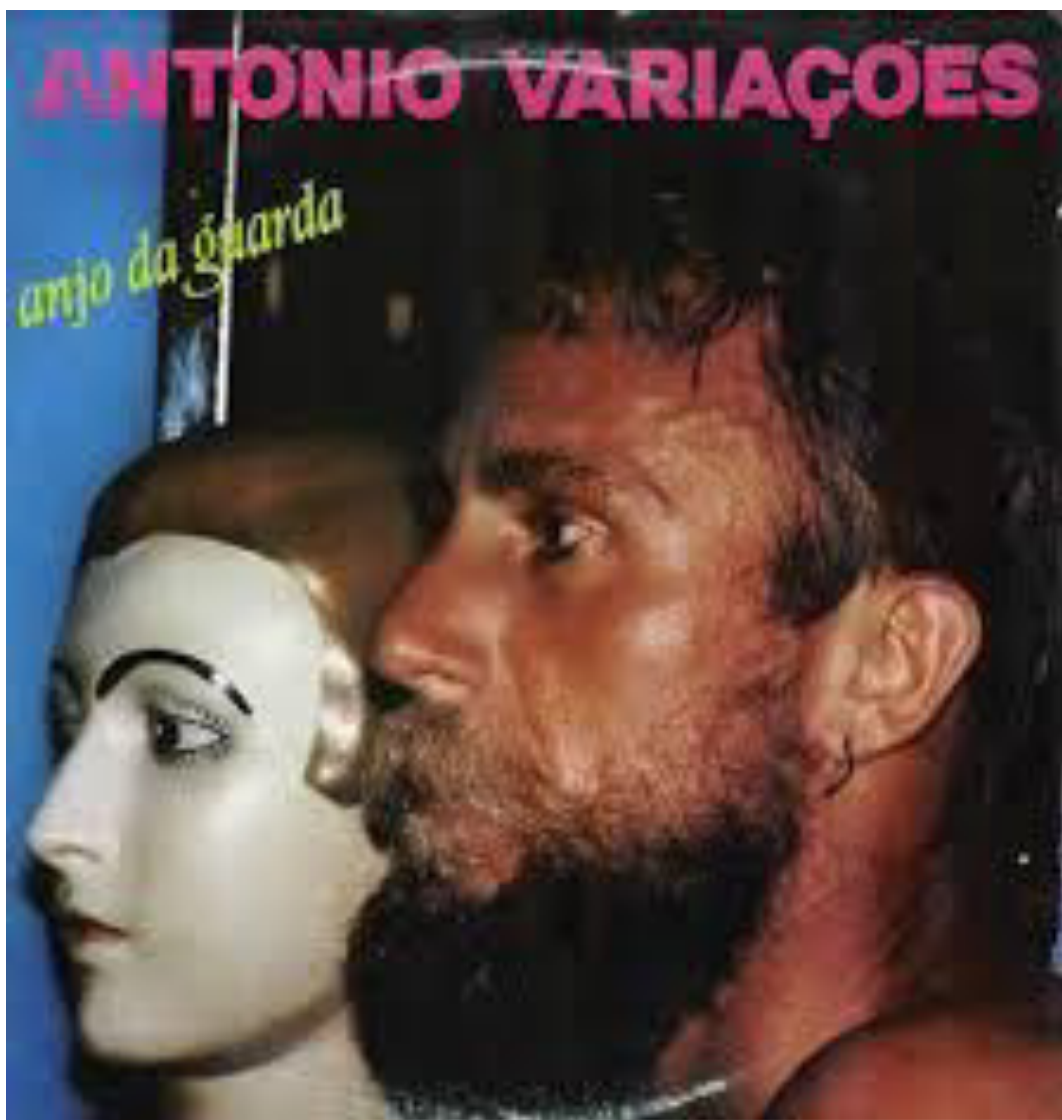
Mas a tua vida não

*FASE C: O transcendente popular em modulação pop-rock*

*Primeiro LP, março de 1983: Anjo da Guarda*

---

*Álbum constituído por dez canções da autoria de António Variações, que foi um enorme êxito. A inclusão de provérbios populares e pequenos apontamentos relacionados com a música de cariz tradicional no contexto do moderno pop-rock conseguiu cativar o grande público e arrancar elogios da massa crítica. Volta a haver uma tónica na questão da identidade nacional. A dedicatória que ele faz a Amália Rodrigues não deixa dúvidas quanto a essa questão: “À Amália que sempre me deu e fez sentir a importância duma verdadeira identidade”.*



## **... O CORPO É QUE PAGA**

Quando a cabeça não tem juízo

Quando te esforças mais do que é preciso

O corpo é que paga

O corpo é que paga

Deix'ó pagar, deix'ó pagar

Se tu estás a gostar

Quando a cabeça não se liberta

Das frustrações, inibições

Toda essa força que te aperta

O corpo é que sofre

As privações, mutilações

Quando a cabeça está convencida

De que ela é a oitava maravilha

O corpo é que sofre

O corpo é que sofre

Deix'ó sofrer, deix'ó sofrer

Se isso te dá prazer



Quando a cabeça está nessa confusão

Estás sem saber que hás de fazer

E ingeres tudo o que te vem à mão

O corpo é que fica

Fica a cair sem resistir

Quando a cabeça rola p'ró abismo

Tu não controlas esse nervosismo

A unha é que paga

A unha é que paga

Não paras de roer

Nem que esteja a doer

Quando a cabeça não tem juízo

E te consomes mais do que é preciso

O corpo é que paga

O corpo é que paga

Deix'ó pagar, deix'ó pagar

Se tu estás a gostar

Deix'ó sofrer, deix'ó sofrer

Se isso te dá prazer

Deix'ó cantar, deix'ó cantar

Se tu estás a gostar

Deix'ó deitar, deix'ó deitar

Se tu estás a gostar

Deix'ó gritar deix'ó gritar

Se te estás a libertar

## VISÕES-FICÇÕES (NOSTRADAMUS)

Já vejo o mar a crescer  
Onda gigante a varrer  
Só vejo corpos a boiar  
Vejo a cidade a ruir  
E o chão que se está a abrir  
Só oiço gente a gritar

Ai que eu estou a delirar  
O que é que eu estou a inventar?  
Não vos quis impressionar

São tudo fantasias que o cinema projetou no meu olhar  
São as velhas profecias que o vidente deixou escrito para assustar

Já vejo a vida a fugir  
Da força de resistir  
Já não consegue respirar  
Do céu eu vejo descer  
O fim em cargas a arder  
Já ouço a terra estostrar

Ai que eu estou a delirar  
O que é que eu estou a inventar?  
Não vos quis impressionar

São tudo fantasias que o cinema projetou no meu olhar  
São as velhas profecias que o vidente deixou escrito para assustar  
Não vos quis impressionar

Não vos quis impressionar, impressionar,  
Impressionar...

## QUANDO FALA UM PORTUGUÊS ...

Quando fala um português  
Falam dois ou três e se o número aumentar.  
São outros tantos a falar  
Ah! são tantos a falar

Quando fala um português  
Falam dois ou três  
Todos se querem escutar  
Ninguém espera a sua vez  
Ah! Ninguém se quer calar  
Pois que é um direito a respeitar

Mas a conversa está a aquecer  
Ai já estão a desconversar  
Já ninguém se está a entender  
Ai! já estão todos a gritar

Ai! que o insulto é de corar  
A ameaça está no ar  
E o punho está-se a fechar  
Com tendência a piorar  
E eu não paro de atçar

## SEMPRE AUSENTE <sup>466</sup>

Diz-me que solidão é essa

Que te põe a falar sozinho

Diz-me que conversa

Estás a ter contigo

Diz-me que desprezo é esse

Que não olhas p´ra quem quer que seja

Ou pensas que não existe

Ninguém que te veja

Que viagem é essa

Que te diriges em todos os sentidos

Andas em busca dos sonhos perdidos

Lá vai o maluco

Lá vai o demente

Lá vai ele a passar

Assim te chama

toda essa gente

---

<sup>466</sup> O primeiro título desta canção, tal como está em versões anteriores no seu acervo, era “Que Solidão é Essa”

Mas tu estás sempre ausente e não te conseguem alcançar

Mas tu estás sempre ausente e não te conseguem alcançar

Mas tu estás sempre ausente e não te conseguem alcançar

Diz-me que loucura é essa

Que te veste de fantasia

Diz-me que te liberta

Da vida vazia

Diz-me que distância é essa

Que levas no teu olhar

Que ânsia e que pressa

Que queres alcançar

Que viagem é essa

Que te diriges em todos os sentidos

Andas em busca dos sonhos perdidos

Lá vai o maluco

Lá vai o demente

Lá vai ele a passar

Assim te chama toda essa gente

Mas tu estás sempre ausente e não te conseguem alcançar

Mas eu estou sempre ausente e não me conseguem alcançar

Não me conseguem alcançar



## **LINHA-VIDA**

Vou perguntar ao mais vidente

Se o meu futuro será sorridente

Vou consultar quem tem visão

Se ainda vale a pena fazer tenção

Quem é capaz de me dizer

Se a manhã traz a minha força de crer

Quem é capaz de adivinhar

Se a minha fonte vai correr ou secar

Quem é capaz de me aconselhar

Se hei de estar aqui ou trocar de lugar

Quem é capaz de assegurar

Se no futuro posso respirar

Quem é capaz de me indicar

Se hei de andar depressa ou devagar

Quem é capaz de me tirar desta incerteza

Se hei de rir ou chorar

Quem é capaz de me ver na mão

Na linha-vida qual a duração

Quem é capaz de me informar

Se a linha é reta ou vai entortar

Quem é capaz de aconselhar

Se não for certa se a hei de cortar

## É P`RÁ MANHÃ...

É p'ra amanhã

Bem podias fazer hoje

Porque amanhã sei que voltas a adiar

E tu bem sabes como o tempo foge

Mas nada fazes para o agarrar

Foi mais um dia e tu nada fizeste

Um dia a mais tu pensas que não faz mal

Vem outro dia e tudo se repete

E vais deixando ficar tudo igual

É p'ra amanhã

Bem podias viver hoje

Porque amanhã quem sabe se vais cá estar

Ai tu bem sabes como a vida foge

Mesmo de quem diz que está p'ra durar

Foi mais um dia e tu nada viveste

Deixas passar os dias sempre iguais

Quando pensares no tempo que perdeste

Então tu queres mas é tarde demais

É p'ra amanhã

Deixa lá não faças hoje

Porque amanhã tudo se há de arranjar

Ai tu bem sabes que o trabalho foge

Mesmo de quem diz que quer trabalhar

Eu sei que tu andas a procurar

Esse lugar que acerte bem contigo

Do que aparece tu não consegues gostar

E do que gostas já está preenchido

## ONDA MORNA

Mergulha na minha onda

Vais ver que te sentes bem

Não é quente nem é fria

É o morno que te convém

Mergulha na minha onda

Onda de toda a maré

Não é cheia nem vazia

Onda feita p'ró teu pé

Mergulha

Atira-te

De cabeça

Mergulha na minha onda

Mergulha sem recear

Vais abaixo e vens acima

A tempo de respirar

Balança na minha onda

Sente o peso que ela tem

Não é leve nem pesada

É o peso que te convém

Mergulha

Atira-te

Desliza

Sem pensar

## **ANJINHO DA GUARDA**

Eu tenho um anjo

Anjo da guarda

Que me protege de noite e de dia

Eu não o vejo

Eu não o ouço

Mas sinto sempre a sua companhia

Eu tenho um guarda que é um anjo

Que me protege de noite e de dia

A toda a hora e em todo o lado

Posso contar com a sua vigia

Não usa a arma

Não usa a força

Usa uma luz com que ilumina a minha vida

Ele não

Não usa arma

Ele não

Não usa a força

Usa uma luz com que ilumina a minha vida



## VOZ-AMÁLIA-DE-NÓS

Fiz dos teus cabelos a minha bandeira

Fiz do teu corpo o meu estandarte

Fiz da tua alma a minha fogueira

E fiz do teu perfil as formas da arte

Dei o teu nome à minha terra

Dei o teu nome à minha arte

Dei a tua vida à Primavera

E dei a tua voz à eternidade

Todos nós

Temos Amália na voz

E temos na sua voz

A voz de todos nós

Fiz das tuas lágrimas a despedida

Dei aos teus braços a minha dança

Dei o teu sentido à minha vida

E o grito dei-o ao nascer de uma criança

As tuas mãos ao meu destino

O teu olhar ao horizonte

Dei o teu canto à marcha do meu hino

E dei a tua voz à minha fonte

Todos nós temos Amália na voz

E temos na sua voz

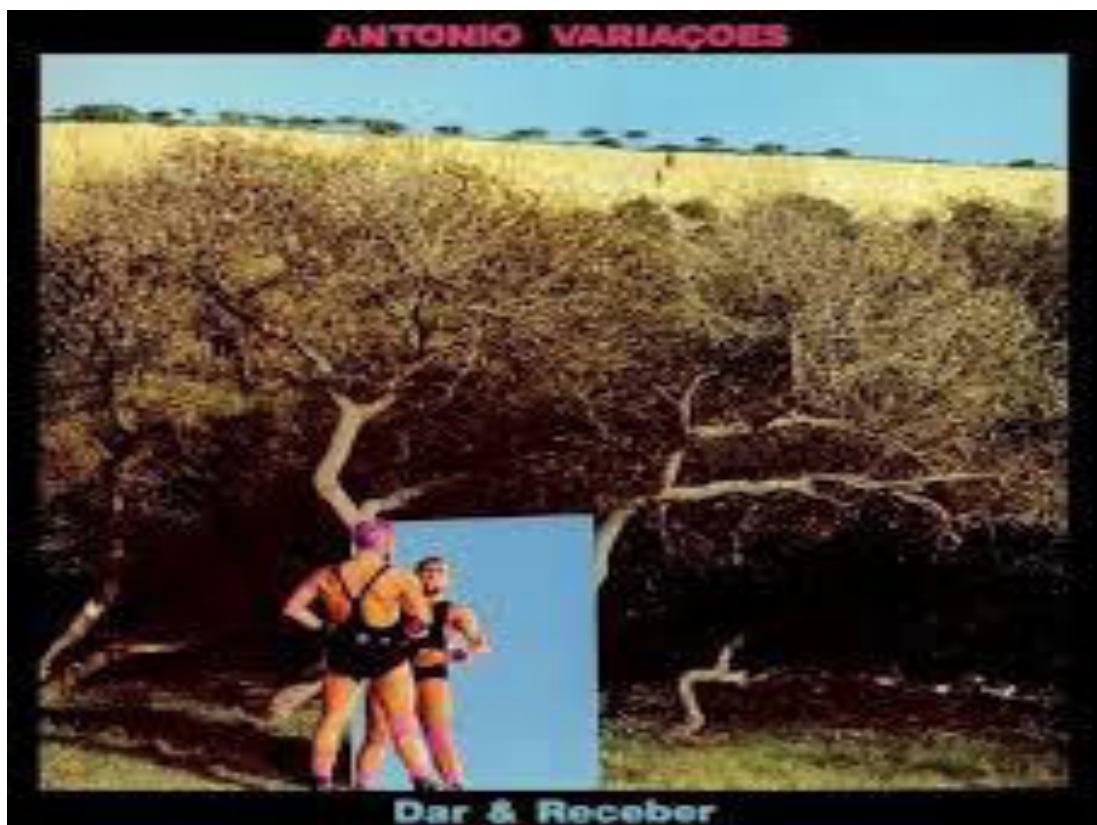
A voz de todos nós

*FASE D: Fase memorialista e fusionista*

*2º. E último LP em vida, maio de 1984: Dar & Receber*

---

*Álbum constituído por 8 canções de António Variações e uma canção com música dele sobre poema de Fernando Pessoa, intitulado “Canção”. Na reedição de 2000, foi acrescentada a canção “Minha Cara Sem Fronteira”, gravada durante as sessões de Dar & Receber, mas não incluída na edição inicial. A sonoridade é fusionista. Cada canção adopta um estilo musical diferente da anterior. As letras lidam com a memória e com as psico-geografias do eu.*



## PERDI A MEMÓRIA

Perdi a memória  
Turvou-se-me o pensamento  
Não posso contar a minha história  
Perdi a razão do tempo

Quebrou-se o espelho  
Não sei como sou  
Não sei se sou novo ou velho  
Não sei onde estou

No meu quadro eu só tenho  
Esta visão  
Tantos olhos apontados  
À minha mão

Não tem sinal nem posição  
Do bem ou mal não tem cartão  
Não trago marcas de solidão  
Nem gargalhadas na emoção

Perdi a lembrança  
Da mente risquei  
A história que não me interessa  
A história que não serei

Limpei a cabeça  
De tudo o que ela não quer  
E ao corpo fiz a promessa  
Só serve p'ró que eu quiser

Será vossa a imagem  
Que me convém  
Ao sair da desfocagem  
Não vi ninguém

Não quero ver o que enganei  
Nem quero ter o que eu já dei  
Não quero ver o que enganei  
Nem quero ter o que já dei

Limpei a cabeça  
De tudo o que ela não quer  
E ao corpo fiz a promessa  
Só serve p'ró que eu quiser

Só serve p'ró que eu quiser  
Só serve p'ró que eu quiser  
Só serve p'ró que eu quiser

Só sirvo p'ró que eu quiser

## CANÇÃO DE ENGATE <sup>467</sup>

Tu estás livre e eu estou livre

E há uma noite para passar

Porque não vamos unidos

Porque não vamos ficar

Na aventura dos sentidos

Tu estás só e eu mais só estou

Que tu tens o meu olhar

Tens a minha mão aberta

À espera de se fechar

Nessa tua mão deserta

Vem que amor não é o tempo

Nem é o tempo que o faz

Vem que amor é o momento

Em que eu me dou, em que te dás

Tu que buscas companhia

E eu que busco quem quiser

---

<sup>467</sup> Antes do título definitivo, esta canção intitulava-se: “Tu que Buscas Companhia”, e depois “Canção-Convite”.

Ser o fim desta energia

Ser um corpo de prazer

Ser o fim de mais um dia

Tu continuas à espera

Do melhor que já não vem

E a esperança foi encontrada

Antes de ti por alguém

E eu sou melhor que nada

Vem que amor não é o tempo

Nem é o tempo que o faz

Vem que amor é o momento

Em que eu me dou, em que te dás

## CANÇÃO<sup>468</sup>

Silfos ou gnomos tocam?...

Roçam nos pinheirais

Sombras e bafos leves

De ritmos musicais.

Ondulam como em voltas

De estradas não sei onde

Ou como alguém que entre árvores

Ora se mostra ou esconde.

Forma longínqua e incerta

Do que eu nunca terei...

Mal oiço, e quase choro.

Porque choro não sei.

Tão ténue melodia

Que mal sei se ela existe

Ou se é só o crepúsculo,

Os pinhais e eu estar triste.

Mas cessa, como uma brisa

Esquece a forma aos seus ais;

E agora não há mais música

Do que a dos pinheirais.

---

<sup>468</sup> “Canção” é um poema da autoria de Fernando Pessoa (a quem este álbum é dedicado), musicado por António Variações



## **DAR E RECEBER**

Dar, dar,

Dar e receber

Dar, dar

Dar e receber

Devia ser a nossa forma de viver

Dar, dar,

Dar e receber

Dar, dar,

Dar e receber

Fazer a troca sem ganhar nem perder

Dar, dar, dar, dar

Dar o direito

A toda a voz

Esse Respeito

Que queremos para nós

Dar atenção

Ao nosso chamar

Compensação

De quem o sabe escutar

Trocar, trocar

Trocar a ideia

P'ra conhecer

Essa candeia

Que queremos acender

Trocar o espaço

Trocar a dança

Trocar o gesto

Que alarga uma aliança

Trocar o corpo

Trocar a voz

Trocar o canto

P'ra não cantarmos sós

## **QUEM FEIO AMA...**

Quem feio ama  
Bonito lhe parece  
Quem bonito tem não sabe  
Se lhe pertence.  
Quem feio ama  
Gosta de ter confiança  
Porque a beleza  
Nem sempre deu muita  
Segurança.

Quem feio ama  
Tem os olhos convencidos  
E só vê beleza  
Em todos os sentidos.

Quem feio ama  
Lá tem as suas paixões  
Tem o seu segredo  
Outras compensações

Quem feio gosta  
Tem um gostar mais profundo  
Porque o que está à mostra  
Será bom mas não é tudo.

São conjeções  
Dos olhos de quem nos escolhe  
Que o ser feio ao bonito  
Depende de quem nos olhe.

## ...QUE PENA SERES VIGARISTA

Tens um globo nos pés

Que te põe a circular

Rodas-te de lés a lés

Na roleta de tentar

Rodas-te de lés a lés

Que há sempre alguém para enganar

Nos teus dedos a mexer

Pões o preço da beleza

Que é um favor da natureza

E tu andas-te a vender

Graça da mãe natureza

... Devias agradecer

Ai minha pena

Que não te posso tocar

Ai que dilema seres só regalo p'ra vista

Ai minha pena

Que não te posso alcançar

Que pena não saberes dar

Ai que pena seres vigarista

Pões convites no andar

E certezas no sorrir

Teu corpo é uma ilha

P´ra onde eu queria fugir

Cerco, prisão, armadilha

Aonde eu queria cair

Tens um globo nos pés

Fria cabeça a girar

Que pena seres como és

Perigosa forma de ser

Que pena eu saber quem és

Gostava de me perder

## **OLHEI PARA TRÁS**

Já fiz o exame da 4.<sup>a</sup> classe

Já fiz a comunhão solene

Para pensar na vida já tenho idade

Mãe, quero ir ganhar dinheiro

Pai, quero ir para a cidade

Mala nova na mão

Feita de madeira e papelão

Dentro dum fato de cotim

Que era do meu irmão Delfim

Os sapatos de lona

E o diploma das minhas habilitações

Um terço e um santinho

E o meu livrinho de todas as orações

E assim saí daí

De olhar para trás, pensamento em frente

Em frente não havia mais nada não,

Em frente não havia mais nada não

Do que o comboio, a cidade,

Um navio e um avião

Camurcina de riscada,

Um guarda-pó, a cédula e uma certidão

E para o senhor Coelho, que é merceeiro,

Vai uma carta de recomendação

Umas ceroulas de flanela

Para no frio me aquecer

E uma venerinha de Santa Teresinha

Que está benzidina

Para nos males me defender

## **ERVA DANINHA ALASTRAR**

Só eu sei que sou terra

Terra agreste por lavar

Silvestre monte maninho

Amora fruto sem tratar

Só eu sei que sou pedra

Sou pedra dura de talhar

Sou joga pedrada em aro

Calhau sem forma de engastar

A cotação é o que quiserem dar

Não tenho jeito para regatear

Também não sei se eu a quero aumentar

Porque eu não sei:

Porque eu não sei se me quero polir

Também não sei se me quero limar

Também não sei se quero fugir

Deste animal, deste animal



Também não sei se me quero polir

Também não sei se me quero limar

Também não sei se quero fugir

Deste animal que anda a procurar

Só eu sei que sou erva

Erva daninha a alastrar

Joio trovisco ameaça

das ervas doces de enjoar

Só eu sei que sou barro

Difícil de se moldar

Argila com cimento e saibro

Nem qualquer sabe trabalhar

Em moldes feitos não me sei criar

Em formas feitas podem-se quebrar

Também não sei se me quero formar

Porque eu não sei

Porque eu não sei se me quero polir

Também não sei se me quero limar

Também não sei se quero fugir

Deste animal que anda a procurar

## DEOLINDA DE JESUS

A minha mãe

É a mãe mais bonita,

Desculpem, mas é a maior,

Não admira, foi por mim escolhida

E o meu gosto é o melhor,

E esta é a canção mais feliz

Feliz eu que a posso cantar,

É o meu maior grito de vida

Foi o seu grito o meu despertar,

Canção de mãe é sorrir,

Canção de berço de embalar,

Melodia de dormir,

Mão ternura a aconchegar,

Canção de mãe é sorrir,

Gosto de ver e ouvir,

Voz imagem de sonhar,

Imagem viva lembrança,

Que faz de mim a criança,

Que gosta de recordar

A minha mãe,

É a mãe mais amiga

Certeza com que eu posso contar

E nem por isso sou a imagem que queria,

Mas sempre me soube aceitar

Razão de mãe é dizer

Mãe cuidado a aconselhar,

Os cuidados que hei de ter

As defesas a cuidar

Saudade mãe é escrever

Carta que eu vou receber

Notícia de me alegrar,

Cartas visitas encontros

Essa troca que nós somos

Este prazer de trocar

Canção de mãe é sorrir,

Gosto de ver e ouvir

A ternura de cantar

## MINHA CARA SEM FRONTEIRAS <sup>469</sup>

Se me apetece fico onde estou  
Se alguém me impede de partir eu vou  
Minha cara sem fronteiras  
Minha estrada sem ter fim  
Cores não sei de bandeira  
Bandeira é branca para ti

Se me apetece fico onde estou  
Se alguém me impede de partir eu vou  
Minha cara sem fronteiras  
Minha viagem sem ter mão  
Percorro a terra inteira  
Não sei o que é uma nação

Se me apetece fico onde estou  
Se alguém me impede de partir eu vou

Venho da terra de ninguém  
E a minha língua não tem país  
O meu nome é alguém  
E vou daqui para o lugar de além  
Meu corpo é tronco sem raiz

---

<sup>469</sup> Canção inédita, gravada durante as sessões de gravação de *Dar & Receber*, dada a conhecer na reedição deste mesmo álbum em 2000

Se me apetece fico onde estou

Se alguém me impede de partir eu vou

*O LEGADO PÓS-MORTE DE ANTÓNIO VARIAÇÕES*

*António Variações deixou várias canções inéditas, na sua maioria gravadas artesanalmente em cassetes, que outros artistas recriaram depois, em anos subsequentes.*

*LP de Lena 'Água, 1989: Tu Aqui*

---

*Inclui cinco canções inéditas de António Variações: "Tu Aqui", "A Teia", "Adeus", "Já Não sou Quem era", "A Culpa é da Vontade".*





## TU AQUI

Estava eu a pensar agora em ti

E tu aqui

Estava eu a pensar agora em ti

E tu aqui

E tu aqui, nem posso crer

Como vieste assim sem me dizer

Ai , e eu sem saber que tu ias chegar

Tenho andado tão triste a pensar

A pensar em ti

E tu aqui junto de mim

Estava eu a pensar agora em ti

E tu aqui

E tu aqui, mas que surpresa

Dá-me um abraço p'ra ter a certeza

Ai, acreditar que tu não estás ausente

Realizar o meu sonho de sempre

De ter-te aqui

E tu estás aqui junto de mim

Estava eu a pensar agora em ti

E tu aqui

E tu aqui, estou tão contente

Julgar-te longe e ver-te de repente

Ai, a emoção que eu não quero ocultar

Esta visão que eu quero prolongar

Deixa-me olhar

Tu estás aquí junto de mí

## A TEIA

Tenho maneira de te convencer

Tenho modo e jeito para te prender

Tenho maneira de te convencer

Tenho modo e jeito para te prender

Vais perder a confiança

Vais perder a segurança

Que tu tens em ti

Olha bem p'ra mim

Não podes fugir

Não podes fugir

Não vais conseguir

Não vais resistir

Começa a sorrir

Tu estás dentro da minha teia

De onde não podes fugir, não

De onde não podes fugir, não

## ADEUS <sup>470</sup>

Adeus que me vou embora

Adeus que me embora vou

Vou daqui para a minha terra

Vou daqui para a minha terra

que eu desta terra não sou

que eu desta terra não sou

Tenho minha mãe à espera

Tenho minha mãe à espera

Cansada de me esperar

Cansada de me esperar

Naquela encosta da serra

Naquela encosta da serra

---

<sup>470</sup> Esta canção na versão dos Humanos intitula-se *Adeus que me Vou Embora*. Ao invés de outras, manteve-se aqui a dupla repetição do mesmo verso, pois parece-me ser um recurso importante intrínseco à intenção do autor com evidentes consequências interpretativas.

Vamos ser dois a chorar

Vamos ser dois a chorar

À espera tenho o meu pai

À espera tenho o meu pai

Aos anos que o não vejo

Aos anos que o não vejo

O tempo que vai durar

O tempo que vai durar

O meu abraço e o meu beijo

O meu abraço e o meu beijo

Vim solteiro e vou solteiro

Vim solteiro e vou solteiro

Vou livre de corações

Vou livre de corações

Se alguém me quiser prender

Se alguém me quiser prender

Já não vou dizer que não

Já não vou dizer que não

Adeus que me vou embora

Adeus que me vou embora

Adeus que me embora vou

Adeus que me embora vou

## **JÁ NÃO SOU QUEM ERA**

Já não sou quem era

Meus sonhos não são iguais

Já não sou quem era

A hora é sincera

E eu sinto que me estou a agitar

Já não fico à espera

Já não fico à espera mais

Já não fico à espera

De ver acender

Essa luz que me quer ofuscar

Já vejo com os meus olhos

Já vejo sem me deslumbrar

Já vejo as limitações

Já vejo com os meus olhos

Já vejo sem enganar

Perdi as ilusões

Conheço as limitações

Já não sou quem era



## **A CULPA É DA VONTADE**

A culpa não, não é do sol

Se o meu corpo se queimar

A culpa não, não é do sol

Se o meu corpo se queimar

A culpa é da vontade

Que eu tenho de te abraçar

A culpa não, não é da praia

Se o meu corpo se ferir

A culpa não, não é da praia

Se o meu corpo se ferir

A culpa é da vontade

Que eu tenho de te sentir

A culpa é da vontade

Que vive dentro de mim

E só morre com a idade

Com a idade do meu fim

A culpa é da vontade

A culpa não, não é do mar

Se o meu olhar se perder

A culpa não, não é do mar

Se o meu olhar se perder

A culpa é da vontade

Que eu tenho de te ver

A culpa não, não é do vento

Se a minha voz se calar

A culpa não, não é do vento

Se a minha voz se calar

A culpa é do lamento

Que sufoca o meu cantar

A culpa é da vontade

Que vive dentro de mim

E só morre com a idade

Com a idade do meu fim

A culpa é da vontade

*LP do projeto Humanos, 2004: Humanos*

---

*Inclui versões de quatro canções já dadas a conhecer no LP de Lena D'Água Tu Aqui: “A Teia”, “Adeus”, “Já Não Sou quem Era”, “A Culpa é da Vontade”. Contém uma versão de “Não me Consumas”, dado a conhecer em 1981 por António Variações no programa Passeio dos Alegres, mas que não conhecia, até essa data, edição discográfica. E, pela primeira vez, foram dadas a conhecer as seguintes sete canções inéditas da autoria de António Variações: “Quero é Viver”, “Muda de Vida”, “Na Lama”, “Maria Albertina”, “Rugas”, “Gelado de Verão”, e “Amor de Conserva”.*



## QUERO É VIVER

Vou viver

Até quando eu não sei

Que me importa o que serei

Quero é viver

Amanhã

Espero sempre um amanhã

E acredito que será

Mais um prazer

E a vida

É sempre uma curiosidade

Que me desperta com a idade

Interessa-me o que está para vir

A vida

Em mim é sempre uma certeza

Que nasce da minha riqueza

Do meu prazer em descobrir

Encontrar, renovar,

Vou fugir ao repetir

## **MUDA DE VIDA**

Muda de vida, se tu não vives satisfeito

Muda de vida, estás sempre a tempo de mudar

Muda de vida, não deves viver contrafeito

Muda de vida, se há vida em ti a latejar

Ver-te sorrir, eu nunca te vi

E a cantar, eu nunca te ouvi

Será de ti ou pensas que tens... que ser assim?...

Olha que a vida não, não é nem deve ser

Como um castigo que tu terás que viver

Muda de vida se tu não vives satisfeito

Muda de vida, estás sempre a tempo de mudar

Muda de vida, não deves viver contrafeito

Muda de vida se há vida em ti a latejar

**NA LAMA** <sup>471</sup>

Se me quiseres conhecer

É lá contigo

Se me quiseres encontrar

Vou ter prazer em vir tomar chá

Estou no lado

Estou no sítio

Mal afamado

E estou esquisito

Se me quiseres voltar a ver

É lá contigo

Se me quiseres voltar a encontrar

Terei prazer em vir tomar chá

Estou no lado

Estou no sítio

Mal afamado

E estou esquisito

E é lá que eu vou estar

Até te escutar

---

<sup>471</sup> O significativo título original desta letra era “Na Lama... com Prazer”.

E é lá que eu vou estar

Até te escutar

Se me quiseres recordar

É lá contigo

Se me quiseres repetir

a fazer par ou mesmo a dividir

Estou no poço

Não reprimido

É bem perigoso

Mas estou comigo

E é lá que eu vou estar

Até te escutar

E é lá que eu vou estar

Até te esgotar



## MARIA ALBERTINA <sup>472</sup>

Maria Albertina deixa que eu te diga

Ah... Maria Albertina deixa que eu te diga

Esse teu nome eu sei que não é um espanto

Mas é cá da terra e tem, tem muito encanto

Esse teu nome eu sei que não é um espanto

Mas é cá da terra e tem, tem muito encanto

Maria Albertina como foste nessa

De chamar Vanessa à tua menina?

Maria Albertina como foste nessa

De chamar Vanessa à tua menina?

Que é bem cheinha e muito moreninha

Que é bem cheinha e muito moreninha

---

<sup>472</sup> O primeiro título desta letra era “Estrangeirismos” e tinha mais alguns versos que não aparecem na versão dos humanos: ”Senhor Eduardo/ estou admirado/ainda conserva a sua taverna/ai é para admirar/não ter antes um Sande Bar”

## **RUGAS**

Rugas...

Já começo a ter as primeiras rugas

Rugas...

Começam-me a nascer as primeiras rugas

Rugas de chorar

Rugas de sorrir

Rugas de cantar

Começo a franzir

Rugas de chorar

Rugas de sorrir

Rugas de cantar

Rugas de sentir

Rugas...

Rugas...

Já começo a ter as primeiras rugas

Rugas...

Começam-me a nascer algumas rugas

## **GELADO DE VERÃO**

Foste a razão da viagem de umas férias para fugir

Foste a razão da viagem de umas férias para fugir

Encontrei-te na paragem, no descer e no subir

Dei o teu nome a toda a gente e a todos te quis chamar

Dei o teu nome a toda a gente e a todos te quis chamar

Dei a tua voz ao vento e ao movimento o teu andar

Foste a frescura da minha sede

Andei contigo na minha mão

Foste a frescura da minha sede

Andei contigo na minha mão

Pintei a boca de rosa e verde

Foste o gelado do meu verão

Foste a sombra do momento, tentação a experimentar

Foste a sombra do momento, tentação a experimentar

Foste a luz do salvamento do regresso ao meu olhar

Tu foste em todas as formas um país que eu nunca vi

Tu foste em todas as formas um país que eu nunca vi

Velho sonho dos meus olhos e eu só te vi a ti

Foste a frescura da minha sede

Andei contigo na minha mão

Foste a frescura da minha sede

Andei contigo na minha mão

Pintei a boca de rosa e verde

Foste o gelado do meu verão

Teu corpo minha toalha, foste o Sol da minha cor

Teu corpo minha toalha, foste o Sol da minha cor

Foste o mar da minha praia, tu foste o meu bronzeador

Foste a frescura da minha sede

Andei contigo na minha mão

Foste a frescura da minha sede

Andei contigo na minha mão

Pintei a boca de rosa e verde

Foste o gelado do meu verão

## AMOR DE CONSERVA

Porque o nosso amor

É um amor de conserva

Que nós temos de reserva

Prós dias maus que hão de vir

Porque o nosso amor

Entrou naquela rotina

A cumprir aquela sina

Que o fez começar

Porque o nosso amor

O nosso amor

Conserva

O nosso amor

Porque o nosso amor

É uma voz que desafina

Que sabe que nunca atina

Mas que não se quer calar

*LP do grupo ÓqueStrada, 19 de maio de 2014: Atlanticbeat Mad´In Portugal*

---

*Inclui a canção inédita da autoria de António Variações “Parei na madrugada”*



## **PAREI NA MADRUGADA** <sup>473</sup>

Eu que te criei

Com todo o meu pensamento

Figura do meu olhar

Eu que te busquei

Corri o mundo

Gastei o tempo

Fiz-me maduro para te encontrar

E um dia que te encontrei

Finalmente que te encontrei

Não me deixaste gostar de ti

Eu que por ti andei escondido

Ausente de outro sentido

Que o sonho foi sempre teu

Por ti eu quis ser tudo e nada

O som que te agrada

Por ti parei na madrugada

---

<sup>473</sup> O título dado por Variações a esta canção, tal como consta do seu acervo, era “Não me Deixaste gostar de Ti”.

*LP de Telmo Pires, 19 de fevereiro de 2016: Ser Fado*

---

*Inclui a canção inédita da autoria de António Variações “Ao Passar por Braga Abaixo”.*





## AO PASSAR POR BRAGA ABAIXO <sup>474</sup>

Ao passar por Braga abaixo

Ouvi cantar e parei

Era uma moda tão linda

Queria cantá-la e não sei

Ao passar por Braga abaixo

Vi a beleza à janela

Tão linda que ainda tenho

Os meus olhos cheios dela

Ao passar por Braga abaixo

Vi passar a procissão

Nunca vi tanto silêncio

No meio da multidão

Ao passar por Braga abaixo

Vi sentada a solidão

Naquele velho sozinho

---

<sup>474</sup> Existem na letra-poema original mais algumas quadras de teor político-social, que revelam o olhar atento de Variações. Por exemplo: “Ao passar por Braga abaixo/vi a pobreza a sair/tão pobre que até fez pena/a quem lá estava a pedir”. A versão com a letra completa desta canção é bem menos elogiosa de Braga do que a versão truncada de Telmo Pires nos faz crer.

Em noite de São João

Ao passar por Braga abaixo

Ouvi cantar e parei

Era uma moda tão linda

Queria cantá-la e não sei

3

*ALGUMAS CANÇÕES DO ACERVO DE ANTÓNIO VARIAÇÕES* <sup>475</sup>

---

<sup>475</sup> Optei por transcrever aqui somente as letras citadas diretamente no texto da dissertação.

## **GUERRA NUCLEAR (AO DEUS DA VIDA)**

Já esqueceram o cantar e o sorriso

Já não são homens de boa vontade

A loucura está a vencer o juízo

O ódio, a amizade

Estão-se a despir de toda a humanidade

Vou protestar, denunciar

Vou alertar

Querem fazer a guerra nuclear

Vou protestar, denunciar

Estou-me a alarmar

Que culpa tenho eu se eles se querem suicidar?

O tratado de paz foi rasgado

Já começaram a fazer ameaças

O poder já está descontrolado

Estão-se a embriagar de bombas

E os dedos já querem apertar...

Vou protestar

Estou-me a alarmar

Vou implorar

Ao deus da vida para os neutralizar

Vou-me queixar

Estou-me a alarmar

Vou suplicar

Ao deus da vida para os neutralizar

## **RUDY-RUBI** <sup>476</sup>

Rudy-Rubi

Tem muito de Norma Jean

E muito de Josephine

Ó Rudy-Rubi

Ouves falar e pensas que é de ti

Ouves chamar, pensas que é por ti

Rudy-Rubi

Tem corpo de James Dean

Tem muito de Janis Joplin

Ó Rudy-Rubi

A inflação sobe, pensas que é por ti

Se vier a guerra pensas que é por ti

Rudy-Ruby

Não tem nada de Ho Chi Min

---

<sup>476</sup> Optei por “Rudy-Rubi” em vez de “Rubi-Rubi” (que foi como Nuno Galopim transcreveu) por ser esse o nome pelo qual era tratado a pessoa a quem a canção se refere, Rudolfo/Rudolfa ou Rudy-Rubi, um personagem carismática da noite lisboeta, que foi um dos *performers* que coadjuvou Variações em alguns espetáculos.

Tem muito de Charlie Chaplin

Ó Rudy-Rubi

Se o mundo gira pensas que é por ti

Vais de satélite ou de ovni?

Rudy-Rubi

Tens muito mais e é só para ti

E muito menos de Indira Ghandi

Ó Rudy-Rubi

Se os deuses cantam pensas que é para ti

Se eles se calam que será de ti?

Rudy-Rubi

Tem muito de Marylin

And looks like Josephine

Presta-se ao mirante

Toda a escadaria

Vejam-me o desplante

Mesmo à luz do dia

Fica delirante

Se o trânsito pára

Bem desafiante

Mostra bem a cara

Passa ao volante

Entre a multidão

Fica arrepiante

Se alguém lhe põe a mão

Anda com o amante da contradição

Ah, és viciante

A cantar no chão!

Passas espampanante

Subindo o Chiado

Muito provocante

Lambendo um gelado

E fica irritante

Com tanto arraso

E grande tratante

Daquilo que eu não faço

Com ar dominante



De Lisboa inteira

Passa de rompante

Bem à Brasileira

Fica delirante

É sorte tentar

Ah, isto é tão excitante

Aquilo encontrar!

Passas estonteante

Como quem tropeça

Na estrela brilhante

Que tem na cabeça

Fica insinuante

Todo o intervalo

Em foto tocante

À lá Greta Garbo

Passas estonteante

De cintura fina

De cor contrastante

A pedir a sina

Passa delirante

De pala na mão

Ah, é tão estafante

Esta vida de avião!

Passa elegante

A nova coleção

Muito refrescante

Num fato de verão

Fica perturbante

Com a cor do cinto

Ah, é revoltante

Eu cá não estou para isto!

Passa elegante

Busca uma prisão

Ah, é asfixiante

Ter-te a andar pelo chão!

Ó Rudy-Rubi

Olhar que insista,

Quando é que tu pões alguém na tua vista?

Ó Rudy-Rubi,

Amante de todos os espelhos,

Onde é que tu comesças a ver-te ao espelho?

Ó Rudy-Rubi,

Olha a solidão,

Mata esse espelho

E vai encher a tua em corpo alheio

## **GIVE ME A LITTLE TIME**

I know

I can stay with you all the time

You know

I can not ask for all your time

You are the sensation

You are the combination

You are want to be seen

and show

You are so pretty

You are too pretty

You are the match for me

I know, I'll be there as you can

Give me a little time

Oh, just a little time

Oh, from your time

Luís Carlos S. Branco

**ANTOLOGIA DE ENTREVISTAS A ANTÓNIO VARIAÇÕES**

(1981-1983)

**Anexo II** à dissertação de mestrado: *António antes de Variações: o Percorso Inicial do Cantor*, de Luís Carlos S. Branco

<b>Índice</b> .....	391
<b>Transcrição das entrevistas</b> .....	393
<b>1981</b> .....	394
Entrevista ao <i>Meia de Rock</i> .....	395
(20 de dezembro)	
<b>1982</b> .....	399
Entrevista a Rui Leitão: “António (cabeleireiro) faz ondas na música” .....	400
(5 de junho)	
Entrevista ao <i>Tempo</i> : “António Variações: «É preciso fugir à monotonia»” .....	405
(17 de junho)	
Entrevista a Manuela Gonzaga: “A <i>TV Top</i> almoçou com António Variações: «A tesoura ganha para a música»” .....	410
(21 de junho)	
<b>1983</b> .....	415
Entrevista ao Globo: “António Variações:«Já tive várias profissões, mas o meu escape é a música»” .....	416
(21 de março)	
Entrevista a Pedro Duarte: “Cantor, barbeiro, Anjo da Guarda; António Variações: o dever da diferença” .....	421
(30 de março)	
Entrevista a Edite Martins Carvalho: “António Variações: «Quero ser um músico popular»” .....	430
(14 de abril)	

Entrevista a Rui Monteiro: “ O Direito à Diferença” -----	436
(6 de maio)	
Entrevista a Inês Pedrosa: “Cantor e barbeiro: Variações sobre um António” -----	443
(2 de junho)	
Entrevista a Manuela Gonzaga: “António Variações: de soldado a general” -----	449
(18 de julho)	
Entrevista a Cláudia Baptista: “A infância desconhecida do cantor exótico” -----	454
(20 de julho)	
Entrevista à revista <i>Coquete</i> : “António Variações: «Não sou oportunista»” -----	460
(27 de outubro)	

## TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS A ANTÓNIO VARIAÇÕES<sup>477</sup>

---

<sup>477</sup> Todas as entrevistas, insertas neste anexo, foram recolhidas no Depósito Legal da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, com as seguintes exceções; a “Entrevista ao *Meia de Rock*”, transcrita originalmente por Nuno Galopim, e que se encontra no acervo sonoro de António Variações, ao cuidado do representante dos seus herdeiros, o Dr. Jaime Ribeiro; a “Entrevista a Manuela Gonzaga: António Variações: de soldado a general”, que foi recolhida no acervo material de António Variações, também ao cuidado do Dr. Jaime Ribeiro; e a “Entrevista a Inês Pedrosa”, reproduzida no final do livro *Muda de Vida: As Letras de António Variações*.



## **1981**

- Atuação na *Febre de Sábado de Manhã* a 11 de abril;
- Atuação no *Passeio dos Alegres* a 3 de maio;
- Atuação e entrevista ao *Meia de Rock* a 20 de dezembro;

## ENTREVISTA E ATUAÇÃO NO PROGRAMA RADIOFÓNICO *MEIA DE ROCK*

20 de Dezembro de 1981

António deu uma entrevista ao programa *Meia de Rock*, da Rádio Renascença. Os autores, Rui Pêgo e António Duarte eram entusiastas do seu trabalho. Tinha-lhes chegado às mãos uma cassette com “Toma o Comprimido”. Eles disseram que tinham gostado da sonoridade *punk* da canção. Esta entrevista foi gravada no apartamento de Variações, e ele interpretou duas canções: “Anjinho da Guarda” e “É p’rá Amanhã”, acompanhado pelos jovens que, no futuro, formariam A Jovem Guarda: Luís Carlos Amaro no baixo elétrico, Vasco Amaro na guitarra e Sérgio na bateria. Variações gravou esta entrevista, numa cassette, e ela consta do seu acervo sonoro. A respetiva transcrição foi feita pelo crítico e jornalista musical, Nuno Galopim. É um documento fundamental, pois, vem mudar completamente a perspetiva sobre algumas questões importantes no seu percurso. Tem sido comumente aceite que esta entrevista teria sido realizada antes da passagem do cantor pelo *Passeio dos Alegres*. Com esta gravação, fica provado que não. Variações foi ao *Passeio dos Alegres* em maio de 1981, e deu esta entrevista ao *Meia de Rock* em dezembro desse ano. Além disso, fica também demonstrado que, ao contrário do que se tem julgado, a passagem pelo programa de Júlio Isidro não lhe abriu as portas para a edição do seu trabalho; é o próprio Variações quem o afirma, descontente e exasperado, nesta entrevista. O seu desespero face à Emi-Valentim de Carvalho é notório. Por outro lado, é a única vez em que o encontramos, de facto, a dizer algo como “Acho-me uma mistura do Minho e Nova Iorque”.

**Palavras-Chave:** *Meia de Rock*, A jovem Guarda, desespero, Valentim de Carvalho, *Passeio dos Alegres*, Minho e Nova Iorque

## **A Entrevista com António Variações**

Este programa foi gravado por António Duarte e António Campelo. Data provável: 20 de dezembro de 1981 (é a data que consta do lado A da cassette onde Variações gravou o programa). Apresentam Rui Pêgo e Luís Vita. Rui Pêgo, a certa altura, justifica o mau som do ensaio captado. «O apartamento do António é muito pequeno».

**António começa por explicar porque é que tem um contrato com a editora há quatro anos e ainda não gravou:**

– Acho que é por ter aparecido antes de todas estas pessoas que têm aparecido ultimamente. Há pelo menos cinco anos, que quero fazer aquilo que estou a fazer hoje. Acho que sou vítima de ter nascido demasiado cedo, de um nascimento prematuro. Devia ter nascido dez anos depois. As pessoas não têm aceite a minha imagem. Agora isto começa a acontecer, mas, há cinco anos atrás, não aceitavam a minha imagem, as minhas ideias e o meu gosto.

**Sobre quem é o anjo da guarda, ele diz:**

– É o anjo que me deram quando eu era pequenino. A minha mãe é mesmo um anjo da guarda.

**Sobre “Toma o Comprimido” não ter sido editado, comenta:**

– É uma grande maldade não ter sido lançado na altura. Tenho bastante anseio em voltar a tocá-la.

**Sobre uma eventual recusa da sua parte dum proposta da editora Emi-Valentim de Carvalho para ele gravar música folclórica, diz o seguinte:**

– Não é verdade. Eu mesmo gosto imenso de música folclórica e até tenho temas de música popular. De modo que isso não é verdade.

**Sobre a sua forma de cantar. É influenciado pela música tradicional Portuguesa?**

– Acho que sim. Sou minhoto, sou do norte e isso é possível, embora tenha saído de lá bastante novo. Depois andei pelo estrangeiro, inclusive, e tenho uma vivência cidadina bastante longa. De qualquer modo, acho que conservei muito de minhoto. Acho-me uma mistura de Minho e Nova Iorque.

### **Sobre as perspetivas para o futuro:**

– Agora está mais bem encaminhado. A Valentim vai finalmente olhar para mim, no princípio do ano. Pelo menos, tenho a promessa disso. E se não for a Valentim de Carvalho tento por outra via porque há cinco anos que estou à espera. Já atuei no Rock Rendez Vous e numa discoteca que se chama Trumps. Foi aí que fiz a minha estreia, num espetáculo encenado, com muito teatro à mistura. E fiz aquele circuito, turístico, do *Passeio dos Alegres* e da *Febre de Sábado de Manhã*. E acho que a Valentim poderia ter lançado um *single*, depois de eu ter aparecido na televisão. Houve imensas reações. Eu passava na rua e as pessoas tinham reações giras, e eu acredito que poderia ter sido, não digo um sucesso, mas ia ser bem aceite. Tinha sido o meu lançamento e a Valentim de Carvalho teria feito dinheiro, tenho a certeza.

### **Qual a sua idade e sua profissão?**

– Idade, já tenho para ter juízo. A minha profissão? Eu corto cabelos, sou barbeiro. Também corto cabelos a senhoras, mas sou um barbeiro um pouco especial: fujo ao barbeiro mais tradicional. Mas, no fundo, sinto-me mais barbeiro do que cabeleireiro.

### **Como é que um barbeiro decide cantar *rock* em Português?**

– Eu, antes de ser barbeiro, queria ser músico; desde miúdo, que queria ser músico. Não é oportunismo, nem tento angariar clientes. Eu, como barbeiro, tenho imenso sucesso.

### **E, como músico de *rock*, tem tido mais clientes?**

– Tenho tido mais sucesso como barbeiro, o que é trágico, porque eu gostaria que fosse exatamente ao contrário.

No final, António fez um apelo aos ouvintes, dizendo que, ele e a sua banda, andavam à procura dum teclista.

(Esta entrevista foi gravada pelo próprio António Variações, aquando da sua difusão na rádio, e encontra-se no seu acervo sonoro. A transcrição original foi feita por Nuno Galopim.)

## **1982**

- Lançamento do *maxi-single* “Estou Além/Povo que Lavas no Rio” no final de maio;

# António (cabeleireiro) faz ondas na música

Rui Leitão

**A** CABA de surgir em Lisboa a figura mais excêntrica da música portuguesa: António Joaquim Rodrigues Ribeiro, cabeleireiro de profissão, mas mais conhecido por «António e Variações».

No final do mês passado, António lançou o seu primeiro single com dois temas: «Estou em» e o clássico de Amália Rodrigues, «Povo que Lavas no Rio». Mas António é talvez um dos casos mais raros da nossa música depois do «boom» do rock português, onde proliferaram grupos e desejos de gravarem um disco. Tendo contrato assinado com uma etiqueta discográfica quase quatro anos, António agora conseguiu colocar cá o seu primeiro trabalho, e mais de muita insistência. O resultado tornou-se um caso mais sério e impôs-se a música portuguesa, sequentemente assumida, e nada surge à toa. Primeiro, o tema «Povo que Lavas no Rio» surge numa nova versão, devido a insistência de António, que é um admirador de Amália Rodrigues: «Penso que seguí ressuscitar um tema que estava estagnado e com ele seguí chegar a uma camada de população mais larga, uma camada mais jovem que nunca ouviu falar em Amália». Para António, «Amália Rodrigues

tem sido alvo de muitas injustiças nestes últimos anos, pois ela tem passado ao lado de muitas gerações novas, o que é um erro. Ela é a voz de todos nós» - diz ele na sua simplicidade. Afirmando que não deseja, nem imitar nem copiar Amália Rodrigues, António sente-se, entretanto, muito influenciado por ela: «É a voz que mais me influenciou, não só em Portugal, como também a nível internacional».

## PALAVRA

Sobre o segundo nome que utilizava (Variações), António explica por que faz questão de mantê-lo: «É uma palavra bem portuguesa e muito musical. Tem muita elasticidade, muita variedade e é isso que eu quero na área musical. Não quero ficar escravo de determinada corrente musical e é por isso que utilizo a palavra Variações depois de António».

Quanto a uma possível semelhança com o cantor brasileiro Ney Matogrosso, ele acha que qualquer comparação é um absurdo.

Conhece Ney Matogrosso mas não está interessado em copiá-lo: «Não tenho nada a ver com ele. Pode ser uma semelhança accidental, mas nunca assumida. Creio até que sou bastante diferente».

Um pouco tímido, comparado com o meio musical existente,



onde não faltam vedetas prefabricadas pela Rádio e pelos departamentos de promoção das editoras, António e Variações surge na música portuguesa com uma simplicidade muito grande. E com coragem, uma coragem, por exemplo, que faz lembrar bastante o grupo de rock UHF. Na quinta-feira passada, mais de cinco mil jovens estiveram na Feira Popular de Lisboa, para ver precisamente António e os UHF. Devido ao seu modo avançado de se vestir e também por cantar em «play-back» instrumental, António foi mal recebido inicialmente pelo público, que, no entanto, acabou por compreendê-lo:

«Senti-me mais num ringue do que num palco. Mas acho que valeu a pena, pois são sempre experiências necessárias». Logo depois do António e Variações

surgiram os UHF. Através do seu líder, António Manuel Ribeiro, a atitude do público foi muito criticada: «António é uma das poucas pessoas neste País que tenta fazer alguma coisa de novo na música portuguesa. Ele precisa de apoio, pois está a tentar formar uma banda e é coerente e corajoso».

## PROJECTO

António, que pensa no seu próximo projecto de se apresentar ao vivo numa boite da área de Lisboa, acha que a maneira de se vestir não tem nada de excessivo, muito embora possa ser excêntrico para o meio português: «Ando da mesma maneira que há 10 anos atrás. Só que naquela época eu encontrava-me praticamente sozinho. Hoje, não. Hoje há muito mais gente que se veste como eu, eu já não me sinto sozinho e penso até que influenciei muita malta».

Pensando também um dia cantar com Amália Rodrigues. («Talvez na hora não tenha coragem»), António e Variações acha que o seu single é uma lufada de ar fresco na música portuguesa: «Não tanto no rock, pois há muitos grupos que estão a reencontrar a verdade da música portuguesa. Mas o single abriu-me novas perspectivas, uma nova abertura para aquilo que eu quero fazer, para aquilo que eu preciso fazer».

António, que nunca revela a sua idade, pois «não me lembra e não quero mentir» está muito além de muitos grupos/bandas e cantores.

**As**  
**A** adm  
 ela a  
 tarde  
 mental de  
 Orlando R  
 do Animal  
 serem «pr  
 tauromáq  
 derando a  
 crime».  
 O epi  
 der a sec  
 polémica  
 Xira uma  
 lidados to  
 Para  
 existência  
 «espectá  
 torturar a  
 Idênt  
 ções zoó  
 ram, em  
 com picá  
 Franca n  
 Reci  
 de morte  
 TVE. De  
 «T&Q» r  
 transmiti  
 A dire  
 adiantar  
 ção, já q  
 Proença  
 Os  
 a situaç  
 zoófilas.  
 Proença  
 que, atra  
 «o espe  
 da lei «  
 A te  
 velicam  
 Proença  
 mas em  
 meter it  
 Se  
 assassi  
 cos de  
 Err  
 andam  
 sempre  
 Carlos.  
 E,  
 Passo  
 qual es  
 a utiliz  
 morte?

**Como beneficiar  
 as suas faculdades  
 cognitivas?**



## ENTREVISTA A RUI LEITÃO: “ANTÓNIO (CABELEIREIRO) FAZ ONDAS NA MÚSICA”

5 de junho de 1982

É uma das primeiras entrevistas concedidas por António (senão mesmo a primeira), após a edição do seu primeiro trabalho, o *maxi-single* “Estou Além/ Povo que Lavas no Rio”. Já usa o epíteto “Variações” e explica as razões para o seu uso: a sua necessidade de fazer música variada. A sua estratégia e seu pensamento estético estão já perfeitamente delineados. Afirmar a sua originalidade, demarcando-se de quaisquer referências estrangeiras, neste caso de Ney Matogrosso, que, tal como ele, era homossexual e exuberante. Na verdade, segundo me disse a sua *ex-manager*, Teresa Couto Pinto, a música brasileira era dos poucos géneros musicais a que Variações não era sensível; no entanto, apreciava a figura de Ney Matogrosso. Nesta entrevista, demarca-se também dos grupos de *rock* português e fala da “verdade da música Portuguesa”. Neste sentido, não é de estranhar que refira a sua admiração por Amália, que, devido à sua anuência tácita com o Estado Novo, nesta altura, era alvo de múltiplos ataques. Variações coloca-se ao lado de, por exemplo, Miguel Esteves Cardoso, e tenta reabilitá-la. Também temos aqui o testemunho, na primeira pessoa, da sua passagem pela Feira Popular, onde parte do público o apedrejou. A sua resiliência e a sua capacidade de antecipação estão aqui bem patentes, quando diz que essas experiências de rejeição eram necessárias. Ele sabia perfeitamente que se ia deparar com elas. Já tinha essa experiência de trás.

**Palavras-chave:** porquê Variações, Ney Matogrosso, Amália Rodrigues, a verdade da música portuguesa, atuação na Feira Popular, UHF



## **António (cabeleireiro) faz ondas na música**

Acaba de surgir em Lisboa a figura mais excêntrica da música portuguesa: António Joaquim Rodrigues Ribeiro, cabeleireiro, de profissão, mas mais conhecido por “António e Variações”.

No final do mês passado, António lançou o seu primeiro *single* com dois temas: “Estou Além” e o clássico de Amália Rodrigues “Povo que Lavas no Rio”.

Mas António é talvez um dos casos mais raros da nossa música depois do *boom* do *rock* português, onde proliferam grupos desejosos de gravarem um disco. Tendo contrato assinado com uma etiqueta discográfica há quase quatro anos, António só agora conseguiu colocar cá fora o seu primeiro trabalho, e depois de muita insistência. Como resultado, tornou-se um dos casos mais sérios e importantes da música portuguesa, consequentemente assumida, onde nada surge à toa.

Primeiro, o tema “Povo que Lavas no Rio” surge numa nova versão, devido a insistência de António, que é um admirador de Amália Rodrigues: “Penso que consegui ressuscitar um tema que estava estagnado e com ele consegui chegar a uma camada da população mais larga, uma camada mais jovem, que nunca tinha ouvido falar em Amália”.

Para António, “Amália Rodrigues tem sido alvo de muitas injustiças nestes últimos anos, pois ela tem passado ao lado de muitas gerações novas, o que é um erro. Ela é a voz de todos nós” - diz ele na sua simplicidade.

Afirmando que não deseja, nem imitar nem copiar Amália Rodrigues, António sente-se, entretanto, muito influenciado por ela: “É a voz que mais me influenciou, não só em Portugal, como também a nível internacional”.

## PALAVRA

Sobre o segundo nome que utilizava (Variações), António explica por que faz questão de mantê-lo: “É uma palavra bem portuguesa e muito musical. Tem muita elasticidade, muita variedade e é isso que eu quero na área musical. Não quero ficar escravo de determinada corrente musical e é por isso que utilizo a palavra Variações depois de António”.

Quanto a uma possível semelhança com o cantor Ney Matogrosso, ele acha que qualquer comparação é um absurdo.

Conhece Ney Matogrosso mas não está interessado em copiá-lo: “Não tenho nada a ver com ele. Pode ser uma semelhança acidental, mas nunca assumida. Creio até que sou bastante diferente”.

Um pouco tímido, comparado com o meio musical existente, onde não faltam vedetas pré-fabricadas pela rádio e pelos departamentos de promoção das editoras, António e Variações surge na música portuguesa com uma simplicidade muito grande. E com coragem, uma coragem, por exemplo, que faz lembrar bastante o grupo de *rock* UHF.

Na quinta-feira passada, mais de cinco mil jovens estiveram na Feira Popular de Lisboa para ver precisamente António e os UHF. Devido ao seu modo avançado de se vestir e também por cantar em *playback* instrumental, António foi mal recebido inicialmente pelo público, que, no entanto, acabou por compreendê-lo.

“Senti-me mais num ringue do que num palco. Mas acho que valeu a pena, pois são sempre experiências necessárias”. Logo depois do António e Variações surgiram os UHF. Através do seu líder, António Manuel Ribeiro, a atitude do público foi muito criticada: “António é uma das poucas pessoas neste País que tenta fazer alguma coisa de novo na música portuguesa. Ele precisa de apoio, pois está a tentar formar uma banda e é coerente e corajoso”.

## PROJECTO

António, que pensa no seu próximo projecto de se apresentar ao vivo numa boíte da área de Lisboa, acha que a maneira de se vestir não tem nada de excessivo, muito embora possa ser excêntrico para o meio português: “Ando da mesma maneira que há dez anos atrás. Só que naquela época eu encontrava-me praticamente sozinho. Hoje não. Hoje há muito mais gente que se veste como eu, eu já não me sinto sozinho e penso até que influenciei muita malta”.

Pensando também um dia cantar com Amália Rodrigues (“Talvez na hora não tenha coragem”). António e Variações acha que o seu single é uma lufada de ar fresco na música portuguesa: “Não tanto no *rock*, pois há muitos grupos que estão a reencontrar a verdade da música portuguesa. Mas o *single* abriu-me novas perspectivas, uma nova abertura para aquilo que eu quero fazer, para aquilo que eu preciso fazer”.

António, que nunca revela a sua idade, pois, “não me lembro e não quero mentir” está muito além de muitos grupos/bandas e cantores.

(Rui Leitão (1982). “António cabeleireiro faz ondas na música”. *Tal & Qual*, 5 de junho, p.10.)

ANTONIO VARIÇÕES

## "É preciso fugir à monotonia"

Depois de largos anos no anonimato, eis que surge, de rompante, um novo nome para a música portuguesa: chama-se António e juntou-lhe Variações — «uma palavra portuguesa que me soa bem e se revela suficientemente elástica para variar, fugir à monotonia, experimentar todas as áreas musicais em que possa fazer algo positivo».

Tão exótico no vestir como no proceder, ele não pretende cultivar uma imagem de marca artificial — antes mostrar, em definitivo, o que é e pretende ser, o que defende para além de todas as coisas. Paz, Amizade, União e Tolerância são terminologia corrente num senhor que diz ser «tão rockero como David Bowie é fadista».

O grande trunfo de António Variações é a sua voz, radicalmente fora do comum!

Para além do mais, cultiva a versão de que, na música, quanto mais polifacetada melhor! No seu «maxi-single» de lançamento, António decidiu publicar um fado e um tema mexido, com algo de rock entre muitas outras coisas.

Sobre as vozes que actualmente desfrutam as virtudes e vicissitudes da ribalta, António Variações comenta: «Não há nenhuma que me prenda. Mas das mais recentes realço Eugénia Mello e Castro — uma voz muito agradável!» Mais longe no tempo, o destaque vai inteirinho para Amélia Rodrigues, «a voz que, a nível mundial, mais me sensibiliza».

A paixão por Amália é bem visível: este «viking» genuinamente lusitano ostenta no peito uma estrela de seis pontas com o rosto da vedeta ao centro, a par de um cinturão quase antitético que tem mais a ver com António do que com qualquer fadista. E ainda sobre Amália, o nosso interlocutor diria: «Foi ela a que mais me influenciou na forma de cantar. Têm falado de Ney Matogrosso, mesmo em Lene Lovich, mas eu discordo dessas opiniões...»

A propósito, tentamos esclarecer as razões de uma opção quase inédita: o fado em versão batida na metade do trabalho...

guesa é prática corrente em António.

«Gosto muito de 'rock' mas acho que não tem nada a ver com a nossa cultura. Defendo a primazia para a música realmente nossa e gostaria de me ver incluído no grupo dos que a difundem e aperfeiçoam». Comentam-se autores de trabalhos surgidos em 1982 — Vitorino, José Mário Branco, Pedro Barroso, Luís Cília... A pergunta era então inevitável: os álbuns recentemente editados serão presságio de um novo «boom» nas nossas hostes? «Se assim for — e parece-me que talvez seja — é bom sintoma. É sinal de que as pessoas estão a ficar com um gosto mais apurado — porque o caminho da verdade e da afirmação do que é nosso torna-se sempre preferível à importação gratuita do mau-gosto estrangeiro.»

A propósito de música fora-de-portas, inquirim-se influências — indirectas — mais plausíveis. A resposta é longa, surge a contagem como que tentando rever num curto lapso a discografia mais utilizada: «Beatles, Rolling Stones, Lou Reed, David Bowie, Roxi Music, Talking Heads, Gang of Four, Joe Division, New Order e Orchestral Manoeuvres In The Dark, entre outras.»

Na berra parece estar o «futurismo», nomeadamente entre nós: bastará observar a tabela dos discos mais procurados...



**"Sou contra a especialização em estilos musicais gostaria de tentar todos os caminhos possíveis"**

um alargar de horizontes.

«Fiz a exploração de Londres.» Perdão? «É isso mesmo! Fiz a exploração da capital inglesa do museu à discoteca, do sol ao nevoeiro. Na altura não me senti muito bem mas a culpa foi minha e não de Londres. Vivi lá um ano...

de burgo, António Variações orgulha-se de ser português e lamenta os muitos que parecem ter complexos da sua nacionalidade.

Este ex-marçano (empregado de mercearia) e ex-contabilista, que partiu de uma pequena aldeia...

VAI

ma te  
lepois  
ia de  
ntual  
cont  
nente  
eira. F  
e Ge  
foi re  
que  
ubsc  
o «  
asfrut  
lécni  
a b  
de r  
acte  
ndo  
laxa  
brat  
iza C  
-98  
uesi  
elo  
as in  
ção,  
téc  
tore

## ENTREVISTA AO *TEMPO*: “ANTÓNIO VARIAÇÕES: «É PRECISO FUGIR À MONOTONIA»”

17 de junho de 1982

Por diversas razões, é uma entrevista fundamental. É a única, que lhe conhecemos, em que refere uma série de artistas estrangeiros. Esses nomes são muito reveladores, pois, denotam as suas várias fases e influências: o retrato do António autor-intérprete, o António antes de 1982 fica mais nítido. Temos a ligação aos anos 60 e ao movimento *hippie*, quando refere os Beatles e os Rolling Stones, temos o *glam rock*, na alusão a Lou Reed, aos Roxy Music e a um dos seus heróis musicais, David Bowie, do qual aqui se tenta afastar, e fala também dos neorromânticos ao falar dos Gang of Four e dos *Orchestral Manoeuvres in the Dark*, e, por fim, do pós *punk*, ao aludir aos Joy Division. Mas, por outro lado, rejeita liminarmente qualquer influência estrangeira e demarca-se do *rock* e dos fautores deste estilo em Português. Mais uma vez, defende a “verdade da música Portuguesa” e convoca Amália Rodrigues para dar mais consistência ao seu discurso. É assim imensa a diferença entre este António e aquele que, uns meses antes, em dezembro de 1981, deu uma entrevista ao *Meia de Rock*. Nessa, não fala da “verdade da música Portuguesa”. Aqui, quando lhe perguntam por discos portugueses recentes de que tivesse gostado, ao invés de referir autores modernos e jovens, dá uma lista de uma série de cantores de intervenção, que, tal como Amália, e por razões diferentes, por esta altura, eram desconsideradas. Demonstra também a sua predileção por vozes femininas. Eugénia Melo e Castro, Né Ladeiras e Lena d’Água serão, ao longo do tempo, elogiadas por ele. Aqui, diz que escolheu “Povo que Lavas no Rio” pelo “todo” e não pelo poema; noutra entrevista dirá o contrário.

**Palavras-chave:** influências estrangeiras, David Bowie, Joy Division, cantores de intervenção, Amália Rodrigues, vozes femininas portuguesas

## **António Variações: “É preciso fugir à monotonia”**

Depois de largos anos no anonimato, eis que surge, de rompante, um novo nome para a música portuguesa: chama-se António e juntou-lhe Variações – “uma palavra portuguesa que me soa bem e se revela suficientemente elástica para variar, fugir à monotonia, experimentar todas as áreas musicais em que possa fazer algo positivo”.

Tão exótico no vestir como no proceder, ele não pretende cultivar uma imagem de marca artificial – antes mostrar, em definitivo, o que é e pretende ser, o que defende para além de todas as coisas. Paz, Amizade, União e Tolerância são terminologia corrente num senhor que diz ser “tão rockero como David Bowie é fadista”.

O grande trunfo de António Variações é a sua voz, radicalmente fora do comum!

Para além do mais, cultiva a versão de que, na música, quanto mais polifacetada melhor! No seu *maxi-single* de lançamento, António decidiu publicar um fado e um tema mexido, com algo de *rock*, entre muitas outras coisas.

Sobre as vozes que actualmente desfrutam as virtudes e vicissitudes da ribalta, António Variações comenta: “Não há nenhuma que me prenda. Mas das mais recentes realço Eugénia Melo e Castro - uma voz muito agradável”. Mais longe no tempo o destaque vai inteirinho para Amália Rodrigues, «a voz que, a nível mundial, mais me sensibiliza».

A paixão por Amália é bem visível: este “vicking” genuinamente lusitano ostenta no peito uma estrela de seis pontas com o rosto da vedeta ao centro, a par de um cinturão quase antitético que tem mais a ver com António do que com qualquer fadista. E ainda sobre Amália, o nosso interlocutor diria: “Foi ela a que mais me influenciou na forma de cantar. Têm falado de Ney Matogrosso, mesmo em Lene Lovich, mas eu discordo dessas opiniões”.

A propósito, tentamos esclarecer as razões de uma opção quase inédita: o fado na versão batida na metade do trabalho de grande formato e curta duração que lançou o António Variações no plantel da nossa cena musical. “Escolhi o tema «Povo que Lavas no

Rio», mais pelo todo do que pelo poema e, sobretudo, por ter sido um dos êxitos mais bonitos de Amália Rodrigues”.

Perceber esta resposta passa por ter em conta que o apoio à música genuinamente portuguesa é prática corrente em António.

“Gosto muito de rock mas acho que não tem nada a ver com a nossa cultura. Defendo a primazia para a música realmente nossa e gostaria de me ver incluído no grupo dos que a difundem e aperfeiçoam”. Comentam-se autores de trabalhos surgidos em 1982 – Vitorino, José Mário Branco, Pedro Barroso, Luís Cília... A pergunta era então inevitável: os álbuns recentemente editados serão presságio de um novo *boom* nas nossas hostes? “Se assim for – e parece-me que talvez seja – é bom sintoma. É sinal de que as pessoas estão a ficar com um gosto mais apurado – porque o caminho da verdade e da afirmação do que é nosso torna-se sempre preferível à importação gratuita do mau- gosto estrangeiro”.

A propósito de música fora-de-portas, inquirem-se influências – indirectas – mais plausíveis. A resposta é longa, surge a conta-gotas como que tentando rever num curto lapso a discografia mais utilizada: “Beatles, Rolling Stones, Lou Reed, David Bowie, Roxy Music, Talking Heads, Gang of Four, Joy Division, New Order e Orchestral Manoeuvres in the Dark, entre outras.”.

Na berra parece estar o futurismo, nomeadamente entre nós: bastará observar a tabela dos discos mais procurados e atender à realização, no passado recente, dos espectáculos ao vivo dos Classix Nouveaux e dos Spandau Ballet. “Essa moda é um grito sem importância e de duração limitada, como todas as modas” – diz, a propósito, António.

Urgia mudar o rumo da conversa. E falamos então de vivências no estrangeiro que tenham de certa forma contribuído para um alargar de horizontes.

“Fiz a exploração de Londres.» Perdão? “É isso mesmo! Fiz a exploração da capital inglesa do museu à discoteca, do sol ao nevoeiro. Na altura não me senti muito bem mas a culpa foi minha e não de Londres. Vivi lá um ano e mantive-me com um trabalho doméstico – desses que os portugueses têm relutância em fazer dentro de portas”.

Para além de Inglaterra, a Holanda. A experiência foi, todavia, diferente: “Iniciei-me nos penteados e ainda hoje sou cabeleireiro profissional – fui, aliás, o primeiro a instalar no nosso país um cabeleireiro para ambos os sexos.»

Apesar destas incursões fora de burgo, António Variações orgulha-se de ser português e lamenta os muitos que parecem ter complexos da sua nacionalização.

Este ex-marçano (empregado de mercearia) e ex-contabilista, que partiu de uma pequena aldeia minhota para o gigantismo da urbe, capital do jardim, assegura ter “muita coisa na gaveta, alguma dela com urgência por vias da actualidade.” Lamenta “ter começado tão tarde, houve alguma originalidade que se perdeu e algum material também.”

E a conversa termina quase em desabafo: “Sou contra a especialização na música e gostaria de tentar todos os caminhos em que sinta poder fazer algo de positivo.”

(S/A (1982). “António Variações: «É preciso fugir à monotonia»”. *O Tempo (O Tempo Juvenil)*, 17 de junho, p. VIII.)



# «A TESOURA TOP» almoçou com PARA A

## Antônio Variações

«isso é uma  
ndo se pergun-  
tar nome adop-  
tor lhe serve e  
nhece de cor?  
s. Variações?  
ão este nome.  
ntamos o tipo  
Antônio expli-  
cator a formas  
clichés» que o  
ar, definitiva-  
ira a que não

a maxi-single,  
livre e de for-  
ço que Amália  
ue Lavas no  
é agora e de  
ende o disco  
ente, e que,  
éxito, como  
ande fadista  
ma de dar a  
erações por  
tulo musical  
stam:

to à gente  
nariz, não  
rem ouvir.  
gostado de  
o Rio» na  
ntem uma  
m ouvir o  
original, o  
cutando a  
atamente.  
hum atre-



vimento da minha parte ter usado um tema que Amália imortalizou e dar-lhe este tratamento musical que dei, porque «Povo que Lavas no Rio» pela beleza do seu poema, por tudo enfim que o tornou êxito, é daquelas músicas que não se devem deixar cair no esquecimento e que podem sempre, em todas as épocas, ressurgir, seja qual for a forma musical que se adopte.

Antônio Variações persegue a música desde que se conhece, mas só agora conseguiu não só gravar como ainda tornar-se conhecido logo ao primeiro trabalho. Contou-nos que só «uma enorme timidez» o tinha impedido de ousar mais cedo, e que só há dois anos iniciou verdadeiramente as démarches necessárias à viabilização deste projecto. Assim, assinou contrato com uma editora,

gravou um disco que nunca chegaria à vinil, tentou outra vez e outra, e conseguiu acertar no 20 e ter música com «Povo que Lavas no Rio».

Paralelamente a esta vocação musical, Antônio tem uma actividade que cumpre com grande prazer: é cabeleireiro. Mas aqui ele emenda:

— Não senhor, sou barbeiro. Trabalho numa barbearia e sou barbeiro. Trato de cabelos de senhoras, sim, mas com o que me entende melhor é com a lã:

# GANHA MÚSICA»

Texto: Manuela Gonzaga  
Fotos: Jorge Jacinto

— Há cinco, seis anos, as pessoas agradeciam o favor que eu fazia em lhes levar das lojas estas coisas. Agora tudo isto tem imensa procura.

E explica-nos o seu regresso às origens:

— Eu inaugurei o salão Imaris, o Alvalade, até que decidi alistar-me daquele escravatura e regressar às origens. Regressar à barbearia. Hoje, até os barbeiros querem ser chamados cabeleireiros. Pois eu não. Estou na barbearia que, para além de ser o meu meio de subsistência, um espaço que eu gosto, e onde vivo rodeado de amigos, os meus clientes de há anos. A vida é uma roda, a gente acaba por voltar ao ponto de partida. Eu dei a volta completa, e a única saída, quando se ultrapassa tudo, é começar de novo. Há quem diga, maldosamente, «ai está um tipo que lançou um disco para arranjar clientes lá para o salão». Acontece que eu tinha e tenho clien-

tes mais do que suficientes para manter a barbearia a funcionar com lucro, e viver bem. Acontece que até nem tenho tempo para as pessoas novas que têm aparecido, só por curiosidade, para ver que tal é esse cabeleireiro que também canta. Além disso o tempo cada vez vai ser menos, porque, de facto, a música é a minha meta. A minha vocação. Espero ainda ser tão bem sucedido na música como fui nos cabelos...

Quanto ao almoço que Antônio Variações ceterou a «TV Top» temos que confessar que foi enormemente auxiliado por um amigo que estava em sua casa a passar uns dias de férias, um actor holandês que já fala razoavelmente português, e que gosta de cozinhar, ao contrário do Antônio que «detesta e não quer perceber».

Comemos o que ele convencionou chamar «Esparguete Mentira», e uma sopa de tomate perfeitamente deliciosa, cuja receita aqui deixamos.



## ENTREVISTA A MANUELA GONZAGA: “TV TOP ALMOÇO COM ANTÓNIO VARIÇÕES: «A TESOURA GANHA PARA A MÚSICA»”

21 de junho de 1982

É a primeira entrevista que a sua futura biógrafa lhe fez. Ela, segundo conta, não queria muito fazer esta entrevista, pois, não via grande interesse em Variações. Ao conhecê-lo pessoalmente, ficou rendida perante a sua amabilidade. Há pormenores interessantes. O facto de ele estar na companhia do seu namorado holandês, o ator Jelle Balder, e o interior da sua casa-museu, que Gonzaga descreve com minúcia. Ele afirma que se interessou pelo *kitsch* antes disso se tornar ser moda. Fala-se do fado e da intenção de António de mostrar aos mais novos, que o fado era uma música muito boa, não *foleira*, como na altura se dizia. Ao contrário do que afirma noutra entrevista, aqui, diz que escolheu “Povo que Lavas no Rio” por causa do poema. É uma das entrevistas em que António se recusa a dizer a sua idade, pois, sabia que tinha uma idade inusual para iniciar uma carreira musical, e ele queria certamente que os mais jovens se identificassem consigo. Assume-se músico, antes de tudo.

**Palavras-chave:** “Povo que Lavas no Rio”, casa-museu, *kitsch*, Jelle Balder, barbeiro

## **TV Top almoçou com António Variações: “A tesoura ganha para a música”**

**Não diz a idade (“isso é uma coisa que não se pergunta”), e por nome adoptou um, o que melhor lhe serve e que muita gente conhece de cor: António variações. Variações? Tem uma explicação este nome. Quando lhe perguntamos o tipo de música que faz, António explica “variada”. Tem horror a formas fixas, a rótulos e clichés que o possam vir a arrumar, definitivamente, numa prateleira a que não pertence.**

**Apareceu com um *maxi-single*, com uma adaptação livre e de forte batida a um fado que Amália consagrou: “Povo que Lavas no Rio”. Fã de Amália de agora e de sempre, António entende o disco que lançou recentemente, e que, tem tido apreciável êxito, como uma homenagem à grande fadista e ainda como uma forma de dar a conhecer às novas gerações, por via indirecta, um estilo musical que elas, *a priori*, detestam:**

– Fala-se de fado à gente nova e eles torcem o nariz, não é? Nem sequer querem ouvir. Mas depois de terem gostado de *Povo que Lavas no Rio* na minha versão, aí sentem uma grande curiosidade em ouvir o tema na sua forma original, o fado. E claro que escutando a Amália gostam imediatamente. Penso que não foi nenhum atrevimento da minha parte ter usado um tema que Amália immortalizou e dar-lhe este tratamento musical que dei, porque “Povo que Lavas no Rio” pela beleza do seu poema, por tudo, enfim, que o tornou êxito, é daquelas músicas que não se devem deixar cair no esquecimento e que podem sempre, em todas as épocas, ressurgir, seja qual for a forma musical que se adopte.

**António Variações persegue a música desde que se conhece, mas só agora conseguiu, não só gravar, como ainda tornar-se conhecido logo ao primeiro trabalho. Contou-nos que só “uma enorme timidez” o tinha impedido de ousar mais cedo, e que só há dois anos iniciou verdadeiramente as *démarches* necessárias à viabilização deste projecto. Assim, assinou contrato com uma editora, gravou um disco que nunca chegaria à vinil, tentou outra vez e outra, e conseguiu acertar no 20 e ter música com *Povo que Lavas no Rio*.**

**Paralelamente a esta vocação musical, António tem uma actividade que cumpre com grande prazer: é cabeleireiro. Mas aqui ele emenda:**

– Não senhor, sou barbeiro. Trabalho numa barbearia e sou barbeiro. Trato de cabelos de senhoras, sim, mas com o que me entendo melhor é com a tesoura. Aliás, temos um pacto: A tesoura ganha para a música. Até agora tem sido a tesoura a ganhar e a música a gastar...

**Mostra-nos a aparelhagem que tem na sala, uma sala deliciosa, decorada de forma surpreendente. Brinquedos de lata, baldinhos pintados de levar à praia daqueles que a gente tinha há 20 ou 30 anos e que já ninguém tem porque ninguém os faz... na parede há pratos de barro vidrado com comida de louça: pães e chouriços, pedaços de frango, azeitonas. Além, há postais e gravuras antigas emolduradas. Na varanda um pequeno aquário pousado num monte de barro, com ursos polares de volta, farejando o vazio. Num dos cantos da sala, uma estante serve de expositor à colecção de caixinhas de lata, algumas do princípio do século:**

– Há cinco, seis anos, as pessoas agradeciam o favor que eu lhes fazia em lhes levar das lojas estas coisas. Agora tudo isto em imensa procura.

**E explica-nos o seu regresso às origens:**

– Eu inaugurei o salão Imaviz, o Alvalade, até que decidi afastar-me daquela escravatura e regressar às origens. Regressar à barbearia. Hoje, até os barbeiros querem ser chamados cabeleireiros. Pois eu não. Estou na barbearia que, para além de ser o meu meio de subsistência, um espaço que eu gosto, e onde vivo rodeado de amigos, os meus clientes de há anos. A vida é uma roda, a gente acaba por voltar ao ponto de partida. Eu dei a volta completa, e a única saída, quando se ultrapassa tudo, é começar de novo. Há quem diga, maldosamente, “aí está um tipo que lançou um disco para arranjar clientes lá para o salão”. Acontece que eu tinha e tenho clientes mais do que suficientes para manter a barbearia a funcionar com lucro, e viver bem. Acontece que até nem tenho tempo para as pessoas novas que têm aparecido, só por curiosidade, para ver que tal é esse cabeleireiro que também canta. Além disso o tempo cada vez vai ser menos, porque, de facto, a música é a minha meta. A minha vocação. Espero ainda ser tão bem sucedido na música como fui nos cabelos...

**Quanto ao almoço que António Variações ofereceu a *TV Top*, temos que confessar que foi enormemente auxiliado por um amigo que estava em sua casa a passar uns dias de férias, um actor holandês que já fala razoavelmente português, e que gosto de cozinhar, ao contrário do António que “detesta e não quer perceber”.**

**Comemos o que ele convencionou chamar Esparguete Mentira, e uma sopa de tomate perfeitamente deliciosa, cuja receita aqui deixamos.**

Sopa de Tomate com Variações

2 tomates por pessoa

1 cebola e meia, ou uma cebola grande

1 copo de leite

2 colheres de sopa de manteiga

Sal e pimenta a gosto

Cortam-se os tomates em pedaços e cozem-se com a cebola. Quando estão cozidos deixa-se apurar até reduzir um pouco a água e faz-se um puré, ao qual se acrescenta depois o leite e a manteiga, o sal e pimenta. Querendo podem deixar-se alguns pedaços de tomate e cebola inteiros, em vez de reduzir tudo a creme.

(Manuela Gonzaga (1982). “TV Top almoçou com António Variações: A tesoura ganha para a música”. *TV Top*, nº. 68, de 21 a 27 de junho, pp. 16-17.)

**1983**

- Lançamento do LP *Anjo da Guarda* em março

# António Variações

## - Já tive várias profissões mas o meu escape é a música

**\*** É um dia chegou à capital, em busca da aventura da qual, sobretudo, é devoto. E escolheu uma profissão que o saturou. Verificou então que não poderia continuar empregado de escritório por incompatibilidade de vontade própria. E, simplesmente, deu na sua vida uma reviravolta e voltou-se para a moda. Hoje, António Variações é cabeleireiro numa lojinha original, decorada, certamente, a seu gosto ali mesmo ao pé dos Restauradores.

### E adoptei «Variações»

«O meu nome de verdade é António Joaquim Rodrigues Ribeiro. Adoptei o 'Variações' por reflectir bem aquilo que quero fazer em música. Esse nome tem uma elasticidade que me dá todo o direito de poder vaguear pelo campo musical. Posso tentar todos os tipos de música porque o nome não me limita.

Gosto de vaguear pela música. Detesto a monotonia. E saudável variar.

— Continua a gostar da sua nova profissão?

«Devo dizer que não aquele profissional genuíno que possa pensar-se. Vim para este trabalho quase acidentalmente. Já tive várias profissões como, por exemplo, trabalhar num escritório onde fazia contabilidade. E numa fase em que estava muito saturado. Virei-me para o mundo da moda, especificamente, para o mundo dos cabeleiros e foi fascinante. Eu não fazia ideia como se vivia neste campo. Mas já estou um bocadinho saturado. Agora o meu escape é a música. Apareceu em mim como uma paixão. E só aparece, agora, porque danças eu não tive oportunidade, embora há muito tempo o tenha tentado. Já em criança cantava à janela... Há cerca de seis anos, tentei gravar através de uma editora. Houve um desencanto muito grande. Agora, finalmente, apostaram em mim.

— E quem escreve as letras?

«Todo o material deste novo disco é meu. No meu primeiro 'single', uma das canções era minha. Os temas são nove e incluí-os por achá-los mais adequados.

### O meu anjo da guarda

— Anjo da Guarda, pressupõe um certo misticismo. Quer falar disso?

«Portugal é uma País de raiz católica. Ficou-nos, desde meninos, aquele mito do Anjo da Guarda que nos protege. Eu tenho e penso que muito mais gente lá-de-ter. Mas essa minha crença tanto pode ser uma crença ingéna, como simbólica



Interesse-me pelo ocultismo e por esse tipo de coisas...

como satírica. Todos sabemos que os 'guardas' não são propriamente uns anjos... Há excepções é evidente. Essa foi a imagem que ficou de criança, hoje, acredito mais em 'guarda costas'... Mas longo-me à aventura, talvez porque bem no meu subconsciente tenha ficado esse anjo bonito, protector que me dá um certo optimismo. A minha mãe falava-me muito do anjo da guarda. Talvez esteja interligado.

— Continua a ser católico?

«Sim, mas não praticante. Gosto de entrar numa igreja e faço-o com o maior respeito. As igrejas católicas são lindíssimas. São uma obra de arte e é um local de grande repouso. Não vou para me ajoelhar, mas para admirar a beleza e porque experimento lá uma calma agradável e tranquilidade.

— E sobre se acreditava na vida para além da morte?

«Vacilo para responder. Não sei ainda não descobri! Tudo me leva a crer que um dia hei-de acreditar. Mas por enquanto não sei. Estou na descoberta de coisas. Interesse-me pelo ocultismo e por esse tipo de coisas. Para falar resumo-me aqui o que tenho lido sobre o assunto. Tenho ouvido histórias de pessoas em que acredito e que me oferecem verdade. Há uma história que o meu pai me contava — e eu acreditava nele piamente — nessa história há uma reencarnação de um espírito noutra corpo. É uma história longa,

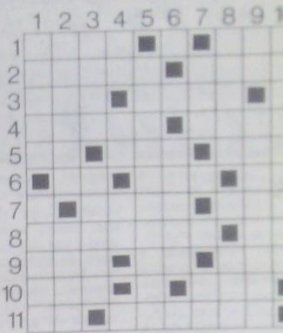
da povoação que tinha poderes para afastar os espíritos. Ninguém lá queria ir com a rapariga. Meu pai que era uma pessoa extremamente corajosa, ofereceu-se para a acompanhar e encontrar a cura para o seu mal. Foram a pé. Quando já iam a subir a serra, em certa altura a rapariga parou e de repente começou a falar numa voz de homem que o meu pai reconheceu e que era a de um tio dela que já tinha morrido há muito. Então soube-se que esse tio a tinha deserdado, e por isso não estava sossegado lá no lugar para onde teria ido. Não descansava em paz, e teve de voltar para corrigir a injustiça. E como era um espírito sem sossego, através daquele corpo, podia para fazer umas coisas, rezarem umas missas. Depois desta revelação fizeram tudo e a rapariga nunca mais teve nada. Já em pequeno estas histórias me fascinavam e amedrontavam, também. Eu tinha medo. E foi aborrecido para mim, pois até bastante tarde tinha medo de sair à noite. Aqui não tenho receios nenhuns mas ainda hoje, se vou à minha terra, me lembro dessa história e de algumas outras e quando tenho de andar por lá, sem luz eléctrica na estrada, mesmo no escuro, através do monte e da serra, tenho medo.

Quando me lembram essas histórias dos espíritos e de coisas ocultas, canto em voz alta pelo caminho para me distrair... Mas o ocultismo não é o que me interessa mais. Se assim fosse arranjaria tempo para me dedicar sobre isso. Interessava-me, isso sim, é viver. Muito tempo. O melhor que me foi possível. Queria viver muitos anos. Interessava-me a vida na terra, depois se veria. Darei o máximo, porque espero o máximo da vida. Penso que mais vale um pássaro na mão do que dois a voar, como diz o provérbio...



... a música, cantar, é o meu principal objectivo

### Palavras cruzadas



#### HORIZONTAIS:

- 1 - Caminha. Artigo definido. Ingénuo. (pop.) 2 - Regações. 3 - Fruto da azeit. Fútil. Duzentos mil. 4 - Apaga. Nome de fruto. 5 - Alteza Real. Medida agrária inglesa equivalente a 25 m². 6 - definido. Intimo. Pequeno sítio do Brasil. 7 - do Estado de São Paulo. Platina (s. q.). 8 - farsa frequentemente à rua. 9 - Despida. V. (inv). Uma d. de Sunda. 10 - Tera. Terceiro. 11 - Artigo definido sede de concelho. (Braga).

#### VERTICAIS

- 1 - Prendera. Embriguez. (Fig.) 2 - Observa. ques. 3 - Doutor. Dança popular de Elvas e Maior. 4 - Prefixo de privação. O mesmo que Vossa Alteza. 5 - Computarim. 6 - Planto de am. — Praposição. Artigo definido. Distar. 8 - Coloca posição conveniente para ser pintado ou foto. Concelho do distrito do Bié-Cuangio-Cubango. 9 - rio (s. q.). Patenteais. 10 - Doce de coco. Frago concelho de Oliveira de Azeméis. 11 - Rencor. C. traído da azeitona.

#### RESOLVEU COMPLETAMENTE...

- 11 - ANJO AZUL
- 10 - ANJO AZUL
- 9 - ANJO AZUL
- 8 - ANJO AZUL
- 7 - ANJO AZUL
- 6 - ANJO AZUL
- 5 - ANJO AZUL
- 4 - ANJO AZUL
- 3 - ANJO AZUL
- 2 - ANJO AZUL
- 1 - ANJO AZUL

#### PROVERBIO:

Anda o vinho com o azeite.

## AUTO DONA ELVIRA VENDE

- Ferrari 246 GTS — Dino 618 cond.
- Mercedes 280 SL c/hardtop
- Volvo 244 Turbo — Full extra
- Mercedes 300 D Turbo
- Buick Skylark — Full Extra
- Alfa Romeo Monte Real
- Ford Escort XR3i vel.
- Renault 12 Break
- Opel Kadett 1.3 — 3 portas
- Opel Kadett 10 S
- Fuogiol 404 Casas Aberta
- Datsun Sunny
- Fuogiol 104 2L
- Jeep Toyota c/extras
- Renault 5
- Triumph Dolom

RUA SILVA CARVALHO, 157 A-B-LISBOA  
T. 681111 - 658918

**ENTREVISTA AO GLOBO: “ANTÓNIO VARIAÇÕES: «JÁ TIVE VÁRIAS  
PROFISSÕES, MAS O MEU ESCAPE É A MÚSICA»”.**

21 de março de 1983

Fala sobre as várias profissões que teve. E aparece aqui um lado muito evidente na sua obra, mas do qual raramente falou: o misticismo. Ele reporta-se a histórias de espíritos que ouviu contar em pequeno. Temos a descrição dum Minho natal feito de sincretismo religiosos, com missas diárias e possessões, pagão e católico. Ao referir o porquê do título *Anjo da Guarda*, insiste na polivalência semântica dos seus textos: é, portanto um título religioso, mas simultaneamente satírico. Quando lhe perguntam se é católico, dá uma resposta airosa e ambígua. É, mas não praticante; gosta de ir a igrejas, por causa da arte e do ambiente de paz. Diz que se interessa pelo ocultismo, mas o seu grande amor é a vida, aqui e agora: o *carpe diem* é muito importante para ele.

**Palavras-chave:** misticismo, *Anjo da Guarda*, possessão, catolicismo



## **António Variações: «já tive várias profissões, mas o meu escape é a música»**

E um dia chegou à capital, em busca da aventura da qual, sobretudo, é devoto. E escolheu uma profissão que o saturou. Verificou então que não poderia continuar empregado de escritório por incompatibilidade de vontade própria. E, simplesmente, deu na sua vida uma reviravolta e voltou-se para a moda. Hoje, António Variações é cabeleireiro numa lojinha original, decorada, certamente, a seu gosto ali mesmo ao pé dos Restauradores.

### **E adoptei “Variações”**

– O meu nome de verdade é António Joaquim Rodrigues Ribeiro. Adoptei Variações por reflectir bem aquilo que quero fazer em música. Esse nome tem uma elasticidade que me dá todo o direito de poder vaguear pelo campo musical. Posso tentar todos os tipos de música porque o nome não me limita. Gosto de vaguear pela música. Detesto a monotonia. É saudável variar.

### **– Continua a gostar da sua nova profissão?**

– Devo dizer que não àquele profissional genuíno que possa pensar-se. Vim para este trabalho quase acidentalmente. Já tive várias profissões como, por exemplo, trabalhar num escritório onde fazia contabilidade. E numa fase em que estava muito saturado, virei-me para o mundo da moda, especificamente para o mundo dos cabelos e foi fascinante. Eu não fazia ideia como se vivia neste campo. Mas já estou um bocado saturado. Agora o meu escape é a música. Apareceu em mim como uma paixão. E só aparece, agora, porque dantes eu não tive oportunidade, embora há muito tempo o tenha tentado. Já em criancinha cantava à janela... Há cerca de seis anos, tentei gravar através de uma editora. Houve um desencontro muito grande... Agora, finalmente, apostaram em mim.

### **– E quem escreve as letras?**

– Todo o material deste novo disco é meu. No meu primeiro *single*, uma das canções era minha. Os temas são nove e incluí-os por achá-los mais adequados.

## **O meu Anjo da Guarda**

– **Anjo da Guarda pressupõe um certo misticismo. Quer falar disso?**

– Portugal é um País de raiz católica. Ficou-nos, desde meninos, aquele mito do Anjo da Guarda que nos protege. Eu tenho e penso que muito mais gente há-de ter. Mas essa minha canção tanto pode ser uma canção ingénua, como simbólica, como satírica. Todos sabemos que os “guardas” não são propriamente uns anjos... Há excepções é evidente. Essa foi a imagem que ficou de criança, hoje, acredito mais em “guarda costas”... Mas lanço-me à aventura, talvez porque bem no meu subconsciente tenha ficado esse anjo bonito, protector que me dá um certo optimismo. A minha mãe falava-me muito do Anjo da Guarda. Talvez esteja interligado.

– **Continua a ser católico?**

– Sim, mas não praticante. Gosto de entrar numa igreja e faço-o com o maior respeito. As igrejas católicas são lindíssimas. São uma obra de arte e é um local de grande repouso. Não vou para me ajoelhar, mas para admirar a beleza e porque experimento lá uma calma agradável e tranquilidade.

– **E sobre se acreditava na vida para além da morte:**

– Vacilo para responder. Não sei, ainda não descobri! Tudo me leva a crer que um dia hei-de acreditar. Mas por enquanto não sei. Estou na descoberta de coisas. Interesse-me pelo ocultismo e por esse tipo de coisas. Para falar resumo-me aqui ao que tenho lido sobre o assunto. Tenho ouvido histórias de pessoas em que acredito e que me oferecem verdade. Há uma história passada na província e presenciado pelo meu pai.

## **A alma do outro mundo**

– Havia uma pessoa – uma rapariga – que em dada altura passou a ter estranho comportamento. Despia-se na rua, provocava escândalos. No ambiente provinciano, era muito comentado. Dizia-se que havia uma velhota num monte longe da povoação que tinha

poderes para afastar os espíritos. Nem lá queria ir com a rapariga. Meu pai era uma pessoa extremamente corajosa, ofereceu-se para a acompanhar e encontrar a cura para o seu mal. Foram a pé. Quando já iam a subir a serra, em certa altura a rapariga parou e de repente começou a falar numa voz de homem que o meu pai reconheceu e que era a de um tio dela que já tinha morrido há muito. Então soube-se que esse tio a tinha deserdado e por isso não estaria sossegado lá no lugar para onde teria ido. Não descansava em paz, e teve de voltar para corrigir a injustiça. E como era um espírito sem sossego, através daquele corpo, pedia para fazerem umas coisas, rezarem umas missas. Depois desta revelação fizeram tudo e a rapariga nunca mais teve nada.

Já em pequeno estas histórias me fascinavam e amedrontavam, também. Eu tinha medo. E foi aborrecido para mim, pois até bastante tarde tinha medo de sair à noite. Aqui não tenho receios nenhuns, mas ainda hoje se vou à minha terra, me lembro dessa história e de algumas outras e quando tenho de andar por lá, sem luz eléctrica na estrada, mesmo no escuro, através do monte e da serra, tenho medo... Quando me lembram essas histórias dos espíritos e de coisas ocultas, canto em voz alta pelo caminho para me distrair... Mas o ocultismo não é o que me interessa mais. Se assim fosse arranjaria tempo para me debruçar sobre isso. Interessa-me, isso sim, é viver. Muito tempo. O melhor que me for possível. Queria viver muitos anos. Interessa-me a vida na terra, depois se verá. Darei o máximo, porque espero o máximo da vida. Penso que mais vale um pássaro na mão do que dois a voar, como diz o provérbio...

(S/A (1983). “António Variações: Já tive várias profissões, mas o meu escape é a música”. *O Globo*, 21 de março, p. 24.)

Cantor, barbeiro, "anjo da guarda"

# António Variações: o dever da diferença

Ele é diferente. Faltou assento. Ele obriga o mais calmo a reagir. Bem ou mal. Ele gosta de ser pouco assente e diferente. Em regime absoluto. Tem nos supostos e mitos do desafio, do jogo de imagina, da criação e da república simultânea. É o desafio à diferença nada aceite que acontece, mais tudo que desage.

Ele é o António Variações: cantor, barbeiro, outras personagens. Entre o Mistu e há um tempo, com Lisboa e Amália no peito a um «Anjo da Guarda» no qual não acredita porque não acredita. Paredes e abito e meio da vida, mantendo o nome António Joaquim Rodrigues Ribeiro, desenvolvido para António Variações. Uma noite deitado, no Bairro Alto «dona e está, gostoso o desafio das referências. Alheio ao jogo. E gentis...

A modesta conversa com a natureza, instrumento de trabalho para cortar de cabelo, que lhe permitiu dizer «Sou barbeiro». Entretanto, o sonho de outros cantos mais altos, sustentados, promovidos, acedidos. Até ao dia em que, embora dentro, arrage uma concessão com música para António contra o mundo. Mas quando cinco anos atrás, quando o disse, até a bem sem, tinha Amália de um lado e Lisboa que Lisboa no Rio e o «Lisboa do outro».

As agendas ordenam-se apesar desta circunstância, até ao presente. E agora, um ano depois, aí está de novo o assunto à originalidade — um «Anjo da Guarda» estranho, misterioso, provocado. António Variações, para diferença, não permite a interpretação. Como o poeta o jogo das palavras feito com o regular do «diferença» que começa assim:

— Anjo da Guarda...  
 — É um ser bonito, gostoso de mente, intelectual, católico, hoje também mais um pouco-cristão.  
 — Amália Rodrigues...  
 — Estivo a vê-la recentemente, antes e depois. É a mesma pessoa.  
 — Rock...  
 — É a música da minha geração. É o contemporâneo, é libertado e um grande peso. A Amália podia cantar rock.  
 — Fado...  
 — É Lisboa, é uma raça. Está dentro de mim porque sou português assumido.  
 — Foi Henrique de Câmara...  
 — Tem um tom de voz bonito.  
 — David Byrne...  
 — É uma das figuras do século. Uma fonte de inspiração para mim.  
 — «Quando o Coração Chora»...  
 — «Deu-te o olhar, se tu estás a gostar»...

### Do berço a Lisboa amiga

Diágnos, caminhos percorridos, o mundo do cantor.  
 — Braga...  
 — Lisboa barbeiro: «Ao pensar por Braga abatei, não cantar e cantar». É uma cidade de passagem, é o berço, a minha mãe, o «vivo» a fazer-me rir.  
 — Londres...  
 — Uma página da minha vida, que lamenta não ter

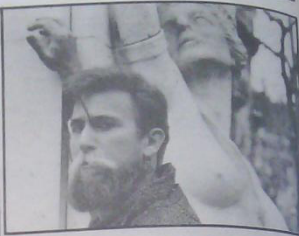


António Variações. «Gostava de ficar na história, mas que seja na história de uma parede de casa de banho...»

explorado melhor. Mesmo assim, ainda guardo a imagem de alguns dos «hippies» e do nascimento da geração seguinte.  
 — Amesterdão...  
 — É uma cidade de acesso fácil à saúde e à doença, ao vício e à virtude. Foi uma cidade aberta por mim. Espetou bem Amesterdão...  
 — Não sei ler...  
 — É o perfume estranho, o espírito incendiado, as olhos vivos e brilhantes. É o meu segundo mundo.  
 — Lisboa...  
 — Está dentro da minha mãe, e de Amália. Vim para cá com 12 anos e Lisboa tem sido minha amiga.  
 — Bairro Alto...  
 — É o bairro mais real, mais divertido e mais livre de Lisboa.  
 — O Mundo...  
 — Quem me deu conheço...

### Luz de Amália e cores garridas

(Setas que se mandam, à procura do caminho, do homem, da pessoa. Pontos cardeais da vida)  
 — Moda...  
 — Como faria nacional, dentro. Como arte, gosto.  
 — Estravagância...  
 — Para mim não existe... e se existe, está no sou a estravagância desde que me conheço.  
 — Kissch...  
 — Gosto, é mais divertido do



que o suposto bom-gosto.  
 — Cabelo...  
 — É muito importante. Abundante e bonito, desde que não faça sombra ao cérebro...  
 — Corpo...  
 — Tão importante como o espírito.  
 — Dança...  
 — Um acto de liberdade.  
 — Paço...  
 — E o fascínio e o pavor. Sempre sonhei com ele. Só agora estou a tentar subli-lo.  
 — Palmas...  
 — E bom ouví-las. O meu pai não as teve e merecias.  
 — Dia...  
 — Gosto muito porque me assumo. O dia é a verdade.  
 — Noite...  
 — É mais mentirosa. Há quem se esconda nela...  
 — Luz...  
 — É Amália.  
 — Estética...  
 — É Amália.  
 — Cores...  
 — As bem garridas e flamejantes são as preferidas.

### Vida da varanda, medo da cegueira

(Outras direcções, mais setas na procura do homem. António Variações mexe-se na cadeira e olha o repórter duma forma desafiante. O jogo assumido.)  
 — Underground...  
 — Sou eu...  
 — O Alem...  
 — Quero descobri-lo sempre.  
 — É a minha insatisfação permanente.  
 — A Morte...  
 — Que venha quando eu estiver a ejacular.  
 — O tempo...  
 — Sou mais rápido do que eis.  
 — Idade...  
 — Marginalize-me, preocupame.  
 — Amor...  
 — Sempre que damos o

melhor de nós.  
 — O sexo...  
 — A saúde, a vida. Se não pratico sexo fico neurótico.  
 — Homossexualidade...  
 — E apenas uma criação sexual. Deve ser assumida por quem pratica e respeitada por outros.  
 — Sonho...  
 — Todas as outras que eu gostava de ser.  
 — Futuro...  
 — E agora...  
 — Vida...  
 — (silêncio)... E o que eu vejo da varanda.  
 — Coragem...  
 — Não tenho.  
 — Medo...  
 — (silêncio prolongado). Medo de ficar cego, sim.  
 — A tesoura...  
 — Gosto das tesouras de jardineiro.

### Mais animal que racional

(O remate, o fim. António Variações é a diferença entre as respostas e os silêncios, entre o que diz e o que fica por dizer. Esta é a entrevista possível. E, mesmo assim, é entrevista.)  
 — O António Joaquim Rodrigues Ribeiro...  
 — É um provinciano mais animal, que racional, anarquista, paolista, curioso, insatisfeito, que sente o direito a existir porque respeita a existência dos outros.  
 — O António Variações...  
 — Gosta de pôr as pessoas a cantar, gostava de não ser só um espectador. E tem vontade de ficar na história, nem que seja na história de uma parede de casa de banho.  
 — É mais?...  
 — Mais é o que eu quero dar. Mais, mais, sempre mais.  
 Pedro Duarte (texto)  
 Inácio Ludgero (fotos)

## Ac Paco

A pintura de Picasso de França, os filmes de Buñuel viram de lá. Mesmo modo irónico um disco gravado na que Portugal desce de Lucia, nascido e o mesmo do lado de lá, fronteira alemã.

Tão perto e tão longe necessário o êxito de primário em S. Fran para que o público se despertasse para a F. Paco de Lucia, que o próximo dia 1 e 2 de Coliseu dos Recreios Lisboa. Apesar de a musical do guitarrista ser nossa vizinha e numa realidade bastante semelhante à dos campos alentejanos, necessário o vistorio sucesso norte-americano que Portugal se inte por ela.

Coisa realmente está está, mas que não se de se repetir. Por razões históricas que expliquem o antigo luso-espanhol, mas bastam para justificar inexistência de um intercâmbio cultural dois países.

Uma coisa é certa: Paco de Lucia não é descendente nenhum Filipe nem de invasor. Que seja bem-vindo à pátria lus até não tem culpa de não «exercício» de Pedros Martins, Fran etc.

### De Algeciras ao mundo

Paco de Lucia, Fr Sánchez-Gómez de próprio, nasceu a

## A NOVA MODALIDADE DE CONHECER O MUNDO

**EUROPA CENTRAL - 20/21 DIAS - 6/7 PAÍSES - 28 CIDADES**  
**ESPAÑA - FRANÇA - ITALIA - AUSTRIA - SUÍÇA - MONACO**

**DESCUBRA NOVOS PAÍSES E FAÇA NOVAS AMIZADES NO AMBIENTE LIVRE E SAUDÁVEL DOS PARQUES DE CAMPISMO**

	TOUR A - ...	TOUR B - ...
ESC.	32500,00	35000,00

**O QUE ESTÁ INCLUIDO**  
 TRANSPORTE EM AUTOPHON COM AR CONDICIONADO ALUGUEIRO DE PARQUES DE CAMPISMO DE 4 E 5 ESTRELAS, INCLUIDOS TURISTAS NAS 43 CIDADES ESPECIFICADAS E OS SERVIÇOS DE UMA GUIA OFICIAL, COMESTIVO E MONITORES.

**NOTA**  
 INDIVIDUAL PARA PESSOAS ENTRE OS 18 E OS 35 ANOS. AS CRIANÇAS PODER VIAGAR DESDE QUE ACOMPANHADAS PELOS PAIS.

**DATAS DAS PARTIDAS**  
**10 JUN - 4 - 29 JUL - 24 AGOS - 19 SET.**

**TIP TOURS** AVENIDA COSTA PIRO 91-A 2750 CASCAIS TEL. 2861540/2861519

MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS AGENTES DE VIAGENS E TURISMO E DA FEDERAÇÃO MUNDIAL DAS AGÊNCIAS DE VIAGENS, TURISMO - BRUNEL

## ENTREVISTA A PEDRO DUARTE: “CANTOR, BARBEIRO, ANJO DA GUARDA; ANTÓNIO VARIAÇÕES: O DEVER DA DIFERENÇA”

30 de março de 1983

O formato que o saudoso Pedro Rolo Duarte concebeu para esta entrevista revelou ser muito produtivo. É uma entrevista em que o entrevistador diz uma palavra e Variações tem que a definir rapidamente numa ou duas frases, e isto conduziu a resultados muito reveladores. Por exemplo, a forma como ele fala aqui de David Bowie, fora do enquadramento da problemática da identidade nacional no *pop-rock* português, permite-nos aceder ao que Bowie verdadeiramente significou para ele. O mesmo se passa em relação aos lugares. Nesta entrevista, ficamos a saber, sem margem para grandes dúvidas, que Braga era sentida por ele como um lugar de passagem, Nova Iorque como uma segunda casa e que Lisboa era o sítio mais importante para si. Diz que não explorou bem Londres. Ora, não a explorou bem, na sua perspetiva. Ele gostava de se integrar completamente nos locais onde vivia e, nesse sentido, não a terá explorado completamente. Mas, note-se que ele, segundo o testemunho da sua irmã Amélia, chegava a passear, de manhã à noite, por Londres e visitava tudo o que podia. Fala também da transcendência. A sua definição de *rock* prima pela ambiguidade e termos contraditórios. A entrevista é pejada por aquelas frases aforísticas, que ele tão bem sabia criar: desde o esperar que a morte o “apanhe a ejetar”, até à “A Amália podia cantar *rock*”. Esta última deve ser cotejada com uma proferida por um dos seus herdeiros estéticos, Paulo Bragança, que disse: “O Nick Cave podia ser fadista”.

**Palavras-chave:** respostas rápidas, lugares, Lisboa, Nova Iorque, Amesterdão, Bowie

## **António Variações: o dever da diferença**

**Ele é diferente. Ponto assente. Ele obriga o mais calmo a reagir. Bem ou mal. Ele gosta do dia porque assume a diferença. Em regime absoluto. Tem nas expressões a marca do desafio, do jogo de imagens, da atracção e da repulsa simultânea. E o direito à diferença mais sentido que assumido, mais vivido que desejado.**

**Ele é o António Variações: cantor, barbeiro, quase personagem. Entre o Minho e Nova Iorque, com Lisboa e Amália no peito e um *Anjo da Guarda* no qual não acredita porque não precisa. Perdeu a idade a meio da vida, manteve o nome António Joaquim Rodrigues Ribeiro, abreviado para António Variações. Uma noite destas, no Bairro Alto “livre e real”, aceitou o desafio das referências. Alinhou no jogo e ganhou...**

A música começou com a tesoura, instrumento de trabalho para cortar os cabelos, que lhe permitiu dizer “Sou barbeiro”. Entretanto, o sonho de outros cantos mais altos acompanhava-o, provocava-o, seduzia-o. Até ao dia em que, editora dentro, entregou “uma cassette” com músicas suas. Assinou contrato imediato. Mas esperou cinco anos até poder dizer «sou cantor». Quando o disse, alto e bom som, tinha Amália de um lado “Povo que Lavas no Rio” e o “Estou Além” do outro.

As opiniões dividiram-se apesar desta unanimidade: ele era diferente. E agora, um ano depois, ali está de novo a assumir a originalidade – um *Anjo da Guarda* estranho, misterioso, provocador.

António Variações, pela diferença, não permite a indiferença. Como o atesta o jogo das palavras feito com o repórter do *Se7e*.

Que começou assim...

**– Anjo da Guarda...**

– É um ser bonito, protector da minha infância católica. Hoje acredito mais num guarda-costas.

– **Amália Rodrigues...**

– Estou a vê-la neste momento, estou a ouvi-la... é a minha janela.

– **Rock...**

– É a música da minha geração. É o conformismo, a liberdade e um grande peso... A Amália podia cantar *rock*.

– **Fado...**

– É Lisboa, é uma raça. Está dentro de mim porque sou português assumido.

– **Frei Hermano da Câmara...**

– Tem um timbre de voz bonito.

– **David Bowie...**

– É uma das figuras do século. Uma fonte de inspiração para mim.

– **“Quando o Coração Chora”...**

– “Deix’ó chorar, se tu estás a gostar...”

## **Do berço à Lisboa amiga**

(viagens, caminhos percorridos, o mundo do cantor)

– **Braga...**

– (canta baixinho: “Ao passar por Braga abaixo, ouvi cantar e parei”). É uma cidade de passagem, é o berço da minha mãe, o *vira* a fazer-me rodar...

– **Londres...**

– Uma página da minha vivência, que lamento não ter explorado melhor. Mesmo assim, ainda guardo a imagem da agonia dos *hippies* e do nascimento da geração seguinte.

– **Amesterdão...**

– É uma cidade de acesso fácil à saúde e à doença, ao vício e à virtude. Foi uma prisão aberta para mim. Explorei bem Amesterdão...

– **Nova Iorque...**

– É o pescoço esticado, o espírito incendiado, os olhos vivos e brilhantes. É o meu segundo mundo.

– **Lisboa...**

– Está depois da minha mãe, e de Amália. Vim para cá com 12 anos e Lisboa tem sido minha amiga.

– **Bairro Alto...**

– É o bairro mais real, mais divertido e mais livre de Lisboa.

– **O Mundo...**

– Quem me dera conhecê-lo...

## **Luz de Amália e cores garridas**

(Setas que se mandam, à procura do caminho, do homem, da pessoa. Pontos cardeais da vida)

– **Moda...**

– Como farda nacional, detesto. Como arte, gosto.

– **Extravagância...**



– Para mim não existe... e se existe, então eu sou a extravagância desde que me conheço...

– **Kitsch...**

– Gosto, é mais divertido do que o suposto bom-gosto.

– **Cabelo...**

– É muito importante. Abundante e bonito, desde que não faça sombra ao cérebro...

– **Corpo...**

– Tão importante como o espírito.

– **Dança...**

– Um acto de liberdade.

– **Palco...**

– É o fascínio e o pavor. Sempre sonhei com ele. Só agora estou a tentar subi-lo.

– **Palmas...**

– É bom ouvi-las. O meu pai não as teve e mereci-as.

– **Dia...**

– Gosto muito porque me assumo. O dia é a verdade.

– **Noite...**

– É mais mentirosa. Há quem se esconda nela...

– **Luz...**

– É Amália.

– **Estética...**

– É Amália.

– **Cores...**

– As bem garridas e flamejantes são as preferidas.

## **Vida da varanda, medo da cegueira**

(Outras direcções, mais setas na procura do homem. António Variações mexe-se na cadeira e olha o repórter duma forma desafiante. O jogo assumido.)

– *Underground...*

– Sou eu.

– **O Além...**

– Quero descobri-lo sempre. É a minha satisfação permanente.

– **A Morte...**

– Que venha quando eu estiver a ejacular.

– **O tempo...**

– Sou mais rápido do que ele.

– **Idade...**

– Marginaliza-me, preocupa-me.

– **Amor...**

– Sempre que damos o melhor de nós.

– **O sexo...**

– A saúde, a vida. Se não pratico sexo fico neurótico.

– **Homossexualidade...**

– É apenas uma opção sexual. Deve ser assumida por quem pratica e respeitada pelos outros.

– **Sonho...**

– Todos os outros que eu gostava de ser.

– **Futuro...**

– É agora.

– **Vida...**

– (silêncio) ... É o que eu vejo da varanda.

– **Coragem...**

– Não tenho.

– **Medo...**

– (silêncio prolongado) ... Medo de ficar cego, sim.

– **A tesoura...**

– Gosto das tesouras de jardineiro.

## **Mais animal que racional**

(O remate, o fim. António Variações é a diferença entre as respostas e os silêncios, entre o que diz e o que fica por dizer. Esta é a entrevista possível. E, mesmo assim, é entrevista.)

– **O António Joaquim Rodrigues Ribeiro...**

– É um provinciano mais animal que racional, anarquista, pacifista, curioso, insatisfeito, que sente o direito a existir porque respeita a existência dos outros.

– **O António Variações...**

Gosta de pôr as pessoas a cantar, gostava de não ser só um espectador. E tem vontade de ficar na História, nem que seja na história de uma parede de casa de banho.

– **E mais?**

– Mais é o que eu quero dar. Mais, mais, sempre mais.

(Pedro Duarte (1983). “Cantor, barbeiro, «anjo da guarda; António Variações: o dever da diferença”. *Sete*, 30 de março, p. 4.)

o Luis de -Origens?

Nicolau Breyner — É um Sr. Arquitecto, com cinquenta e tal

em busca de uma pessoa que não encontrou até aquele momento e que vive no seu mundo real.

— Qual das duas funções se

cultural as profissões andam ela por ela. Não são necessariamente de um nível cultural superior

interessar-se pelo teatro, pelo cinema, pelas artes em geral? NB — As coisas não são uma

Além, tem que ser popular, mas é uma das características da novela.

António Variações:

# «Quero ser um músico popular»

**«ANJO DA GUARDA»** é o primeiro álbum de António Variações, que quer ser um «cantor popular», e que dedica este seu trabalho a Amália, por ser a «sua fonte de inspiração». Considerando-se como cantor e como homem um ser elástico, desinibido e livre, «lamenta a dificuldade que as pessoas têm em o arrumar em algum género musical» e pensa que isso se deve a «não ser limitado, tendo a preocupação de fazer música de vários estilos».

—o País— Porque escolheu o nome artístico de António Variações?

António Variações — Variações é uma palavra que sugere elasticidade, liberdade. E é exactamente isso que eu sou e que faço no campo da música. Aquilo que canto é heterogéneo. Não quero enveredar por um único estilo. Não sou limitado. Tenho a preocupação de fazer coisas de vários estilos.

— O seu disco é dedicado a Amália. Porque?

A.V. — A Amália é a minha fonte de inspiração. Identifico-me com ela no estilo de sonoridade, e considero-a uma cantora, uma actriz dramática que, através do canto transmite todas as emoções, todos os sentimentos, mesmo sem palavras. Ela ultrapassa a palavra. Basta-me ouvir a voz dela para ter visões.

— Em «Anjo da Guarda», a palavra é importante.

A.V. — Sim. Mas eu gosto é de cantar, e como não consigo cantar sem palavra, esforço-me para cantar aquilo que me diz qualquer coisa.

— Pretende intervir? Existe nos textos uma certa insatisfação, talvez mesmo revolta?

A.V. — É um alerta. Ponho questões. Tento advertir as pessoas para os problemas, as situações do quotidiano, antes que seja tarde de mais. Há muita gente que se mutila, não sabe tirar partido da vida. Tudo aquilo que transmito é o que está ligado a mim. Sinto o desligamento que as pessoas têm entre o corpo e o espírito. Isto, porque tenho uma grande vivência. Sou uma pessoa sem inibições e completamente assumida. A maioria das pessoas são frustradas e inibidas. É tudo isto que eu rellito no disco.

— A sua maneira de vestir tem a ver com a sua desinibição?

A.V. — Sim. Tem a ver com a minha liberdade. Visto-me assim, diferente e colorido porque me sinto bem. No entanto, nunca me preocupei com a moda. Preocupo-me sim, com a estética.

— Apesar da sua elasticidade, sente-se incluído em algum género musical?

A.V. — Integro-me em todos os géneros musicais. Lamento a dificuldade que as pessoas têm em me arrumar em algum género musical.



«Amália é a minha fonte de inspiração»

Penso que isto se deve ao facto de ouvir todo o tipo de música. Desde o fado ao folclore, passando pelo fado, rock, blues. Só não ouço «disco», pois penso que é uma música extremamente artificial. De pose. Não me transmite nada. E praticamente impossível de reproduzir ao vivo. Eu sou capaz de reproduzir a minha música em palco.

— Com a sua música, dirige-se a algum público em especial?

A.V. — Não me dirijo a eli-

tes. Quero ser um cantor popular, mas não popularucho.

— Como é que começou a cantar?

A.V. — Desde que me conheço. Herdei tudo do meu pai. Ele era um músico amador. Tocava cavaquinho e acordeão. Comecei a cantar no Minho. Depois, viajei para Londres, Amsterdão. Enriqueci espiritual e fisicamente. Sou adepto do conceito «Mente sí em corpo sí». Já em Portugal gravei uma «cassete» com músicas minhas. A editora achou original e fez um contrato.

— É um cantor que faz música comercial?

A.V. — Como quero ser um cantor popular e quero continuar na música, e as editoras não são propriamente instituições de caridade, se eu não fizer um produto vendável, corro o risco de não continuar a minha carreira.

— Pensa então que a música

comercial é compatível com a qualidade?

A.V. — Sim penso que podem ser compatíveis. Eu defendo a qualidade.

Claro que existe muita música comercial que não tem qualidade. Mas a prova do contrário são o fenómeno Beatles, que fizeram uma música eterna.

— António Variações, é cantor e barbeiro. Como concorda as duas profissões?

A.V. — Assumo-me integralmente como músico. De manhã adormecer. Toda a minha vida é secundária. É uma questão de sobrevivência, o que não quer dizer que eu não de o melhor a mim próprio.

— O que pensa da música que, neste momento, se faz no nosso país?

A.V. — O melhor. O Zeca Afonso, o Sérgio Godinho, José Mário Branco, os clássicos da música popular portuguesa estão em plena actividade. E outros nomes mais novos, como os Trovante. Numa sonoridade diferente, gosto muito do trabalho da Né Ladeiras, GNR, Lena d'Água ou da Eugénia Melo e Castro.

— Para um cantor livre, elástico, desinibido, porque é título «Anjo da Guarda»?

A.V. — No nosso país, a maioria das pessoas tem uma formação católica. O Anjo da Guarda foi-me dado a conhecer quando andava na escola. Agui respeito todas as religiões, e sou também demasiado liberto para as aceitar. Talvez o Anjo da Guarda me tenha ficado no subconsciente, e talvez seja com a ajuda dele que eu sou alegre,reiro e optimista.

E um título ingenioso mas também satírico. Quando eu era um anjo, toda a gente sabe que as guardas não são nem mais anjos. Penso que é um título que se dá para as pessoas reflectirem.

## ENTREVISTA A EDITE MARTINS CARVALHO: “ANTÓNIO VARIAÇÕES: «QUERO SER UM MÚSICO POPULAR»

14 de Abril de 1983

Esta entrevista surge no contexto do lançamento do seu primeiro trabalho, *Anjo da Guarda*. António insiste nas suas ideias acerca da portugalidade na música moderna que se fazia então. Tal como vem escrito na contra-capas, este LP, foi dedicado: “à Amália que sempre me deu e fez sentir a importância duma verdadeira identidade”. As questões identitárias subjazem no seu discurso. Note-se que, numa altura em que artistas como Rui Veloso, Táxi, UHF, Jafumega, Grupo de Baile, Xutos & Pontapés, etc., estavam na ordem do dia, Variações faz de conta que eles não existem. Releva as vozes femininas e salienta um grupo que praticava uma sonoridade nos antípodas do *rock* português, pois, inspiravam-se na música de cariz tradicional, os Trovante. Do *boom*, manifesta apreço apenas pelos GNR, que trabalharam com ele neste LP, e, por Lena d’Água, por quem tinha estima pessoal. Volta a insistir nos cantores de intervenção. Três aspetos muito importantes sobressaem nesta entrevista. O primeiro é o de que tem bem os pés na terra e, por isso, quer ser um cantor popular, com sucesso. Diz que não se dirige às elites, pois, devido a algumas críticas acintosas ao seu trabalho anterior, já percebera o antagonismo que lhe votam. O segundo é o de que chama a atenção para a duplicidade dos seus textos e da sua faceta satírica. O último aspeto é o de que, pela primeira vez, o vemos, ainda que de modo não completamente transparente, a assumir-se como homossexual. O lado libertário e subversivo da sua obra é, por ele, aqui salientado. Quer ser um cantor popular, mas que mexa com as consciências. A sua filosofia da ligação estreita entre corpo e espírito também é aqui a florada.

**Palavras-chave:** *Anjo da Guarda*, satirista, assumido, Trovante, GNR, popularidade, mudança de consciências

## **António Variações: «Quero ser um músico popular»**

*ANJO DA GUARDA* é o primeiro álbum de António Variações, que quer ser um “cantor popular”, e que dedica este seu trabalho a Amália, por ser a “sua fonte de inspiração”. Considerando-se como cantor e como homem um ser elástico, desinibido e livre, “lamenta a dificuldade que as pessoas têm em o arrumar em algum género musical” e pensa que isso se deve a “não ser limitado, tendo a preocupação de fazer música de vários estilos”.

**– Porque escolheu o nome artístico de António Variações?**

**António Variações** – Variações é uma palavra que sugere elasticidade, liberdade. E é exatamente isso que eu sou e que faço no campo da música. Aquilo que canto é heterogéneo. Não quero enveredar por um único estilo. Não sou limitado. Tenho a preocupação de fazer coisas de vários estilos.

**– O seu disco é dedicado a Amália. Porquê?**

**A.V.** – A Amália é a minha fonte de inspiração. Identifico-me com ela no estilo de sonoridade, e considero-a uma cantora, uma atriz dramática que, através do canto transmite todas as emoções, todos os sentimentos, mesmo sem palavras. Ela ultrapassa a palavra. Basta-me ouvir a voz dela para ter visões.

**– Em *Anjo da Guarda*, a palavra é importante?**

**A.V.** – Sim. Mas eu gosto de cantar, e como não consigo cantar sem palavra, esforço-me para cantar aquilo que me diz qualquer coisa.

**– Pretende intervir? Existe nos textos uma certa insatisfação, talvez mesmo revolta?**

**A.V.** – É um alerta. Ponho questões. Tento advertir as pessoas para os problemas, as situações do quotidiano, antes que seja tarde demais. Há muita gente que se mutila, não sabe tirar partido da vida. Tudo aquilo que transmito é o que está ligado a mim. Sinto o desligamento que as pessoas têm entre o corpo e o espírito. Isto, porque tenho uma grande

vivência. Sou uma pessoa sem inibições e completamente assumida. A maioria das pessoas são frustradas e inibidas. É tudo isto que eu reflito no disco.

**– A sua maneira de vestir tem a ver com a sua desinibição?**

**A.V.** – Sim. Tem a ver com a minha liberdade. Visto-me assim, diferente e colorido porque me sinto bem. No entanto, nunca me preocupei com a moda. Preocupo-me sim, com a estética.

**– Apesar da sua elasticidade, sente-se incluído em algum género musical?**

**A.V.** – Integro-me em todos os géneros musicais. Lamento a dificuldade que as pessoas têm em me arrumar em algum género musical.

Penso que isto se deve ao facto de ouvir todo o tipo de música. Desde o flamenco ao folclore, passando pelo fado, *rock*, *blues*. Só não ouço *disco*, pois penso que é uma música extremamente artificial. De pose. Não me transmite nada. É praticamente impossível de reproduzir ao vivo. Eu sou capaz de reproduzir a minha música em palco.

**– Com a sua música, dirige-se a algum público em especial?**

**A.V.** – Não me dirijo a elites. Quero ser um cantor popular, mas não popularucho.

**– Como é que começou a cantar?**

**A.V.** – Desde que me conheço. Herdei tudo do meu pai. Ele era um músico amador. Tocava cavaquinho e acordeão. Comecei a cantar no Minho. Depois, viajei para Londres, Amesterdão. Enriqueci espiritual e fisicamente. Sou adepto do conceito «Mente são em corpo são». Já em Portugal gravei uma cassette com músicas minhas. A editora achou original e fiz um contrato.

Porém, tive de tentar outras vias para me lançar. Comecei com um espectáculo numa boite. Passado pouco tempo fui à televisão, sendo a partir daí que a editora se interessou, realmente, pelo meu trabalho e gravei o single “Estou Além”.

**– Voltando ao disco, entende que segue a mesma linha do anterior?**



**A.V.** – A nível de linguagem ambos estão muito interligados. Musicalmente há sempre pontos em comum. Porém penso que divergem. Este tem músicas muito variadas.

**– É um cantor que faz música comercial?**

**A.V.** – Como quero ser um cantor popular e quero continuar na música, e as editoras não são propriamente instituições de caridade, se eu não fizer um produto vendável, corro o risco de não continuar a minha carreira.

**– Pensa então que a música comercial é compatível com a qualidade?**

**A.V.** – Sim, penso que podem ser compatíveis. Eu defendo a qualidade. Claro que existe muita música comercial que não tem qualidade. Mas a prova do contrário são o fenómeno Beatles, que fizeram uma música eterna.

**– António Variações é cantor e barbeiro. Como coordena as duas profissões?**

**A.V.** – Assumo-me integralmente como músico. Do acordar ao adormecer. Toda a outra parte é secundária. É uma questão de sobrevivência, o que não quer dizer que eu não dê o melhor de mim próprio.

**– O que pensa da música que, neste momento, se faz no nosso país?**

**A.V.** – O melhor. O Zeca Afonso, o Sérgio Godinho, José Mário Branco, os clássicos da música popular portuguesa estão em plena actividade. E outros nome mais novos, como os Trovante. Numa sonoridade diferente, gosto muito do trabalho da Né Ladeiras, GNR, Lena d'Água ou da Eugénia Melo e Castro.

**– Para um cantor livre, elástico, desinibido, porquê o título *Anjo da Guarda*?**

**A.V.** – No nosso país, a maioria das pessoas tem uma formação católica. O Anjo da Guarda foi-me dado a conhecer quando andava na escola. Agora respeito todas as religiões, e sou também demasiado liberto para as aceitar. Talvez o Anjo da Guarda me tenha ficado no subconsciente, e talvez seja com a ajuda dele que eu sou aventureiro e optimista.

É um título ingénuo mas também satírico. Quando eu digo que tenho um guarda que é um anjo, toda a gente sabe que os guardas não são nenhuns anjos. Penso que é um título que vai dar para as pessoas reflectirem.

(Edite Martins Carvalho (1983). “Quero ser um Músico Popular”. *O País*, 14 de março, p. VIII.)

# DIREITO À DIFERENÇA

«Há quinze anos que faço vir os pífios pescos portugueses. Divido as pessoas, que abriam alas quando eu passava, com a minha maneira de estar na vida. Hoje passo despercebido».

NO MINHO / CARLOS OL



O «maluco» como alguns preferem chamar-lhe, é para outros o «visionário» — que, por estar à frente do seu tempo, aponta com os tomates podres da incompreensão dos seus contemporâneos. E não é por enburação nem mania de escrevente, mas «despercebido» é que António Variações não passa, num País que se espanta mal vê uma diferença do sensuocomum com a mesma facilidade com que produz anedotas sobre as figuras e os acontecimentos públicos, e se passeia pela crise a consumir avidamente como se fosse uma profissão de fé.

Tímido no trato e no sorriso que distribui, apaixonado pelo canção e por Portugal e por si próprio, parece corresponder àquele tipo de pessoas a que raramente chega a mostrar a sua cara e para quem a vida é para fugir. Prazer e gozo, discreto e teimosia, muita.

Apassionado por Portugal, disse, mas não pensem dele, e não imaginem, um amante do ideal da pátria. É uma paixão mais profunda que qualquer ideal, mais cáutena, como a daqueles camponeses que defendem sem o apagar da terra para avallar a humidade, e choram de alegria com uma boa colheita como mordem a rinha com a destruição de uma grade. Parece ter a terra e o ar e os cheiros e as árvores e as calçadas da cidade e... na massa do sangue.

Portugal é um espaço onde temos tudo para nos sentirmos bem. Se isso não acontece é culpa e das pessoas que têm sido, muito ingratas com o País. Muitas vezes é preciso sair de cá, sentir a saudade, para gostar de Portugal! — diz

quem viajou, assentou arraiais, e voltou barbeiro, antes de cantar. «Eu gosto muito do Minho, talvez por ter nascido lá, mas dói-me ver as casas dos emigrantes que nunca são acabadas».

«É que os emigrantes têm uma vida terível, a poupar, para voltar com os pretendidos novinhos, e para se equipararem aos pátrios, aboçando o lado mais ridículo das outras culturas. Depois passamos a vida a lembrar, a começar pelos governos. Gastam-se fortunas em empreendimentos que depois não servem para nada».

Mas Portugal é o último — disse. Mas Portugal é o último — disse, há sete ou oito anos atrás houve pessoas que vieram ter comigo e me disseram ter sido eu o ponto de partida para uma estética que eles gostavam mas não eram capazes de assumir. Foi depois de abrir o cabeleireiro no Invizit, o primeiro misto que existiu em Portugal. Mas é bom, agora, saber que há cada si próprias sem estarem condicionadas por fachadas ou puritanismos».

O prazer de hoje, o prazer de ontem, o prazer de amanhã. A atitude que não provoca mas parece encenada. «É natural que faça uma certa encenação, mas eu sempre saístei com a música e o espectáculo e por falta do outro fiz da tua o meu palco. Era uma fuga à frustração de não ser músico, e uma defesa contra a frieza que me fazia esconder atrás das portas quando era mudo e havia visitas em casa».

Portugal, nós todos, tinha de voltar à conversa de onde nunca chegou a sair, em verdade se diga. Era obrigatório quando de novo parecia

termos recomeçado a preocupar-nos com o que é nosso e durante tantos anos recusados, ou esquecidos. Lá voltamos à «Quando Fala um Português». «O que eu queria era transmitir a incompetência portuguesa para o diálogo, para a entreduda, porque nós somos muito egotistas».

Mais uma vez a conversa le perdeu no entusiasmo da discussão. A páginas tantas um dia nós fomos diferentes dos outros e nos fez calcoroar mundo acrescentando garras ao grito. «As vezes penso que a alma portuguesa se está a perder. Estamos como que mudados por outras estéticas, ideias e formas de vida, e temos tendência para nos deixarmos colonizar e copiar os maus exemplos e não os bons. A vontade da independência, que começou logo no D. Afonso Henriques, o espírito aventureiro e recheado de vontade de conhecer novos mundos, era uma coisa invejável. Claro que o colonialismo era uma estupidez, porque além de não termos daí nenhum lucro, andamos a obrigá-los outros povos a falar outra língua, a ter uma religião que não era a deles e uma cultura que que não tinham nada a ver. No entanto, parece-me que nos últimos tempos está a voltar o orgulho de ser País-raca, a não recusar as origens».

O novo interesse no facto, que foi adolescentes comprarem discos de Amália como se fosse uma banda de moda, e um dos aspectos deste aparente renascer da tal alma nacional. Ou não? «O facto está a voltar a ter um grande impacto na música portuguesa. Vai ser a música do futuro e depois decairá, para desaparecer depois. É que o facto é muito

termos recomeçado a preocupar-nos com o que é nosso e durante tantos anos recusados, ou esquecidos. Lá voltamos à «Quando Fala um Português». «O que eu queria era transmitir a incompetência portuguesa para o diálogo, para a entreduda, porque nós somos muito egotistas».

Mais uma vez a conversa le perdeu no entusiasmo da discussão. A páginas tantas um dia nós fomos diferentes dos outros e nos fez calcoroar mundo acrescentando garras ao grito. «As vezes penso que a alma portuguesa se está a perder. Estamos como que mudados por outras estéticas, ideias e formas de vida, e temos tendência para nos deixarmos colonizar e copiar os maus exemplos e não os bons. A vontade da independência, que começou logo no D. Afonso Henriques, o espírito aventureiro e recheado de vontade de conhecer novos mundos, era uma coisa invejável. Claro que o colonialismo era uma estupidez, porque além de não termos daí nenhum lucro, andamos a obrigá-los outros povos a falar outra língua, a ter uma religião que não era a deles e uma cultura que que não tinham nada a ver. No entanto, parece-me que nos últimos tempos está a voltar o orgulho de ser País-raca, a não recusar as origens».

O novo interesse no facto, que foi adolescentes comprarem discos de Amália como se fosse uma banda de moda, e um dos aspectos deste aparente renascer da tal alma nacional. Ou não? «O facto está a voltar a ter um grande impacto na música portuguesa. Vai ser a música do futuro e depois decairá, para desaparecer depois. É que o facto é muito

termos recomeçado a preocupar-nos com o que é nosso e durante tantos anos recusados, ou esquecidos. Lá voltamos à «Quando Fala um Português». «O que eu queria era transmitir a incompetência portuguesa para o diálogo, para a entreduda, porque nós somos muito egotistas».

O novo interesse no facto, que foi adolescentes comprarem discos de Amália como se fosse uma banda de moda, e um dos aspectos deste aparente renascer da tal alma nacional. Ou não? «O facto está a voltar a ter um grande impacto na música portuguesa. Vai ser a música do futuro e depois decairá, para desaparecer depois. É que o facto é muito

termos recomeçado a preocupar-nos com o que é nosso e durante tantos anos recusados, ou esquecidos. Lá voltamos à «Quando Fala um Português». «O que eu queria era transmitir a incompetência portuguesa para o diálogo, para a entreduda, porque nós somos muito egotistas».

Mais uma vez a conversa le perdeu no entusiasmo da discussão. A páginas tantas um dia nós fomos diferentes dos outros e nos fez calcoroar mundo acrescentando garras ao grito. «As vezes penso que a alma portuguesa se está a perder. Estamos como que mudados por outras estéticas, ideias e formas de vida, e temos tendência para nos deixarmos colonizar e copiar os maus exemplos e não os bons. A vontade da independência, que começou logo no D. Afonso Henriques, o espírito aventureiro e recheado de vontade de conhecer novos mundos, era uma coisa invejável. Claro que o colonialismo era uma estupidez, porque além de não termos daí nenhum lucro, andamos a obrigá-los outros povos a falar outra língua, a ter uma religião que não era a deles e uma cultura que que não tinham nada a ver. No entanto, parece-me que nos últimos tempos está a voltar o orgulho de ser País-raca, a não recusar as origens».

O novo interesse no facto, que foi adolescentes comprarem discos de Amália como se fosse uma banda de moda, e um dos aspectos deste aparente renascer da tal alma nacional. Ou não? «O facto está a voltar a ter um grande impacto na música portuguesa. Vai ser a música do futuro e depois decairá, para desaparecer depois. É que o facto é muito

O novo interesse no facto, que foi adolescentes comprarem discos de Amália como se fosse uma banda de moda, e um dos aspectos deste aparente renascer da tal alma nacional. Ou não? «O facto está a voltar a ter um grande impacto na música portuguesa. Vai ser a música do futuro e depois decairá, para desaparecer depois. É que o facto é muito

O novo interesse no facto, que foi adolescentes comprarem discos de Amália como se fosse uma banda de moda, e um dos aspectos deste aparente renascer da tal alma nacional. Ou não? «O facto está a voltar a ter um grande impacto na música portuguesa. Vai ser a música do futuro e depois decairá, para desaparecer depois. É que o facto é muito

O novo interesse no facto, que foi adolescentes comprarem discos de Amália como se fosse uma banda de moda, e um dos aspectos deste aparente renascer da tal alma nacional. Ou não? «O facto está a voltar a ter um grande impacto na música portuguesa. Vai ser a música do futuro e depois decairá, para desaparecer depois. É que o facto é muito

O novo interesse no facto, que foi adolescentes comprarem discos de Amália como se fosse uma banda de moda, e um dos aspectos deste aparente renascer da tal alma nacional. Ou não? «O facto está a voltar a ter um grande impacto na música portuguesa. Vai ser a música do futuro e depois decairá, para desaparecer depois. É que o facto é muito

O novo interesse no facto, que foi adolescentes comprarem discos de Amália como se fosse uma banda de moda, e um dos aspectos deste aparente renascer da tal alma nacional. Ou não? «O facto está a voltar a ter um grande impacto na música portuguesa. Vai ser a música do futuro e depois decairá, para desaparecer depois. É que o facto é muito

O novo interesse no facto, que foi adolescentes comprarem discos de Amália como se fosse uma banda de moda, e um dos aspectos deste aparente renascer da tal alma nacional. Ou não? «O facto está a voltar a ter um grande impacto na música portuguesa. Vai ser a música do futuro e depois decairá, para desaparecer depois. É que o facto é muito

O novo interesse no facto, que foi adolescentes comprarem discos de Amália como se fosse uma banda de moda, e um dos aspectos deste aparente renascer da tal alma nacional. Ou não? «O facto está a voltar a ter um grande impacto na música portuguesa. Vai ser a música do futuro e depois decairá, para desaparecer depois. É que o facto é muito

O novo interesse no facto, que foi adolescentes comprarem discos de Amália como se fosse uma banda de moda, e um dos aspectos deste aparente renascer da tal alma nacional. Ou não? «O facto está a voltar a ter um grande impacto na música portuguesa. Vai ser a música do futuro e depois decairá, para desaparecer depois. É que o facto é muito



## ENTREVISTA A RUI MONTEIRO: “O DIREITO À DIFERENÇA”

6 de maio de 1983

É uma entrevista que deve ser destacada. Foi conduzida por Rui Monteiro, insigne crítico e jornalista musical, que seria, mais tarde, diretor do jornal musical *Blitz*, e que foi, desde a primeira hora, um dos que perceberam e apoiaram o projeto artístico de Variações. Durante a segunda metade dos anos 80 e 90, antes, portanto, da reabilitação da imagem e obra de Variações, a partir do novo século, Monteiro chamou, através de múltiplos artigos, atenção para a importância da obra de Variações e para o facto de, nessa altura, estar a cair no esquecimento. Aqui ele centra-se em duas temáticas: a diferença de Variações e o seu pensamento identitário. Neste sentido, distingue-se das outras entrevistas. O facto de não ter sido muito bem aceite pelas pessoas é salientado. Para além do pensamento encomiástico de Variações à cultura popular portuguesa, há um pensamento crítico variaciano sobre o país, e ele está, nesta entrevista, em evidência. Mas o lado de exaltação da portugalidade também surge aqui. Variações usa uma terminologia com ligações a um discurso nacionalista: “raça”, “descobrimientos”, “alma lusa”, etc. Facto muito curioso, as previsões que ele fez, em relação ao fado, vieram a tornar-se uma realidade nas décadas seguintes.

**Palavras-chave:** diferença, preconceito, exuberância, “Quando fala um Português”, portugueses egoistas, fado, alma portuguesa

## O Direito à diferença

**“Há quinze anos que faço virar os púdicos pescoços portugueses. Divido as pessoas, que abriam alas quando eu passava, com a minha maneira de estar na vida. Hoje passo despercebido”.**

O “maluco” como alguns preferem chamar-lhe, é para outros o “visionário” - que, por estar à frente do seu tempo, apanha com os tomates podres da incompreensão dos seus contemporâneos. E não é por embirração nem mania de escrevente, mas “despercebido” é que António Variações não passa, num País que se espanta mal vê uma diferença do senso comum com a mesma facilidade com que produz anedotas sobre as figuras e os acontecimentos públicos, e se passeia pela crise a consumir avidamente como se fosse uma profissão de fé.

Tímido no trato e no sorriso que distribui, apaixonado pela canção e por Portugal e por si próprio, parece corresponder àquele tipo de pessoas a que raramente chega a mostarda ao nariz e para quem a vida é para fruir. Prazer e gozo, decerto, e teimosia, muita.

Apassionado por Portugal, disse, mas não pensem dele, e não imaginem, um amante do ideal da pátria. É uma paixão mais profunda que qualquer ideal, mais cutânea: como a daqueles camponeses que definham sem o apalpar da terra para avaliar a humidade, e choram de alegria com uma boa colheita como mordem a raiva com a destruição de uma geada. Parece ter a terra (e o ar e os cheiros e as árvores e as calçadas da cidade e...) na massa do sangue.

**“Portugal é um espaço onde temos tudo para nos sentirmos bem. Se isso não acontece a culpa é das pessoas que têm sido muito ingratas com o País. Muitas vezes é preciso sair de cá, sentir a saudade, para gostar de Portugal”** - diz quem viajou, assentou arraiais, e voltou barbeiro, antes de cantar. **“Eu gosto muito do Minho, talvez por ter nascido lá, mas dói-me ver as casas dos emigrantes que nunca são acabadas”.**

**“É que os emigrantes têm uma vida terrível, a poupar, para voltarem cheios de pretensões novo-riquistas, e, para se equipararem aos patrões, absorvendo o lado mais ridículo das outras culturas. Depois passamos a vida a remendar, a começar pelos governos. Gastam-se fortunas em empreendimentos que depois não servem para nada. Mas Portugal é óptimo”** – disse, buscando às vezes as palavras certas num cuidado sincero.

Antes desta parte, naquela fase em que se pretende dar rumo à conversa e se passeia pelos assuntos agendados, falámos de uma canção: “Quando Fala um Português”. E agora, com as subtilezas do percurso da conversa, voltámos lá como se se tratasse do regresso a um assunto adiado para melhor oportunidade. **“É uma crítica, e uma atitude de reflexão sobre tiques portugueses, em que eu também sou englobado. Não gosto de julgar. Moralista nunca serei. As letras das canções podem indicar coisas que eu acho positivas, mas nunca moralidade – no sentido da moral estabelecida. O importante é compreender e não julgar”**.

O importante é compreender. **“Não gosto da ostentação do achincalhamento da figura clássica, da mesma maneira que exijo dos outros o respeito por mim. Nunca me vesti como o faço por provocação aos outros, mas como um acto de liberdade para comigo próprio, por prazer”**. Desde há quinze anos que muita coisa mudou: as pessoas e as mentalidades. No essencial o senso comum, esse, manteve-se brando e espantado, mas, hoje já não é só António Rodrigues Ribeiro quem faz virar pescoços na rua, outros se juntaram por necessidade de sentir o prazer de estar bem consigo. **“Venho de uma altura em que me chamavam todos os nomes, as pessoas abriam alas para me verem passar e, ou me achavam piada ou massacravam-me com comentários. Sentia-me perfeitamente só, ao ponto de não ter amigos, porque se recusavam a estar ao pé de mim. No entanto, nunca abdiquei de ser quem sou, e só comecei a ser recompensado por essa atitude quando há sete ou oito anos atrás houve pessoas que vieram ter comigo e me disseram ter sido eu o ponto de partida para uma estética que eles gostavam mas não eram capazes de assumir. Foi depois de abrir o cabeleireiro no Imaviz, o primeiro misto que existiu em Portugal. Mas é bom, agora, saber que há cada vez mais pessoas a aceitarem-se a si próprias sem estarem condicionadas por fachadas ou puritanismos”**.

O prazer de hoje, o prazer de ontem, o prazer de amanhã. A atitude que não provoca mas parece encenada. **“É natural que faça uma certa encenação mas eu sempre sonhei com a música e o espectáculo e por falta doutro fiz da rua o meu palco. Era uma fuga à frustração de não ser músico, e uma defesa contra a timidez que me fazia esconder atrás das portas quando era miúdo e havia visitas em casa”**.

Portugal, nós todos, tinha de voltar à conversa de onde nunca chegou a sair, em verdade se diga. Era obrigatório quando de novo parece termos recomeçado a preocupar-nos com o que é nosso e durante anos recusámos. Lá voltámos a **“Quando Fala um Português”**. **O que eu queria era transmitir a incompetência portuguesa para o diálogo, para a entreatada, porque nós somos muito egoístas»**.

Mais uma vez a conversa se perdeu no entusiasmo de discussão. A páginas tantas, um de nós falou da tal alma lusa, que se diz nos torna diferentes dos outros e nos fez calcorrear mundo, acrescentando garra ao génio. **“Às vezes, penso que a alma portuguesa se está a perder. Estamos como que invadidos por outras estéticas, ideias e formas de vida, e temos tendência para nos deixarmos colonizar ao copiarmos os maus exemplos e não os bons. A vontade da independência, que começou logo no D. Afonso Henriques, o espírito aventureiro e empreendedor dos Descobrimentos recheado de vontade de conhecer novos mundos, era uma coisa incrível. Claro que o colonialismo era uma estupidez, porque além de não termos daí nenhum lucro, andámos a obrigar outros povos a falar outra língua, a ter uma religião que não era a deles e uma cultura com que não tinham nada a ver. No entanto, parece-me que nos últimos tempos está a voltar o orgulho de ser País, raça, a não recusar as origens”**.

O novo interesse no fado, que faz adolescentes comprarem discos de Amália como se fosse uma banda da moda, é um dos aspectos deste aparente renascer da tal alma nacional. Ou não é? **“O fado está a voltar a ter um grande impacto na música portuguesa. Vai ser a música de um futuro e depois decairá, para renascer depois. É que o fado é muito sensitivo e eu acho que quando me sentir mais esgotado, menos inspirado para outras coisas, vou lá parar. Não sei se seria capaz de ser um fadista castiço, não quero, sequer, seguir a linha tradicional, mas acho que me vou interessar pela transformação do fado de uma forma natural, sem fobias adaptando-o a mim.**

**Seduz-me o ambiente das casas de fado com as velas acesas e as guitarras e as violas a tanger».**

Ir do fado aos mitos não é proeza por aí além. Vem tudo a talhe de foice, ligado a um disco chamado *Anjo da Guarda*. **“Quando era criança acreditava nos anjos da guarda. Este anjo é um ser mítico que conheci na infância, hoje não acredito nessa protecção, mas, no subconsciente, deve ter ficado qualquer coisa acerca desse protector. Sei lá se o meu optimismo e espírito de aventura não estão apoiados nesse anjo protector”.**

Antes de tudo a nossa própria força não é uma ideia abandonada, mas, as voltas das vidas, as tantas coisas sem explicação que acontecem vá lá saber-se porquê criam dúvidas, transformam opiniões estabelecidas, diminuem a crença na nossa própria força para fazer. Será destino ou o destino somos nós? **“As coisas acontecem por nós as fazermos, não há nada que me tenha demonstrado estar tudo já escrito e ser obra do destino. Não sou um céptico e é muito possível que um dia descubra o destino, mas, em princípio, acho que as pessoas são quem cria as situações. Gosto muito de atirar as culpas do que não fiz, ou fiz mal, para mim e não para os outros, ou para a fatalidade. Como somos um povo masoquista, como sofremos muitas vezes sem razão, como nos lamentamos do dia-a-dia difícil, talvez seja por isso que cremos tanto no destino”** - disse, provocando o meu espanto que o tinha por mais místico.

Engano meu, certo, mais um enganado pelas aparências dos julgamentos apressados. Um mais, não mais mas de maneira diferente, que outros que por o julgarem estrangeiro comentam em voz alta a roupa, o penteado, o ser, **“Cá, em Portugal, tive sempre o problema de parecer um turista para as pessoas. Não acreditam que sou português, mesmo quando entro num café para comprar qualquer coisa, fazem-me repetir o pedido por não acreditarem que estou a falar português”.**

António Variações é um, mais um que acredita nas suas capacidades para fazer obra limpa e sem nódoa. Aberto às influências, apaixonado pelo trabalho, o seu trabalho, consciente de ser preciso acordar coisas adormecidas. **“Como português andava deprimido com a falta de orgulho nacional e tudo o que eu puder fazer para virar as pessoas para a sua terra, eu faço”.**



(Rui Monteiro (1983). “O Direito à Diferença”. *Mais*, nº. 56., 6 maio de 1983, pp. 36-37.)

## ENTREVISTA A INÊS PEDROSA: “CANTOR E BARBEIRO: VARIAÇÕES SOBRE UM ANTÓNIO”

2 de junho de 1983

É uma entrevista *sui generis*: é uma espécie de retrato falado. A entrevistadora é a futura escritora e diretora da Casa-Museu Fernando Pessoa, Inês Pedrosa, em início de carreira, no *Jornal*, onde vários nomes, como, por exemplo, Miguel esteves Cardoso, se iniciaram no articulismo. Uma certa direita intelectual portuguesa, da qual nomes como Pedro Mexia, Pedro Marques Lopes ou Rodrigo Moita de Deus são devedores, encontrou, neste jornal, o impulso para escreverem livremente, sem condicionamentos. Nesta entrevista, a linguagem é muito cuidada e fluida. Um dos assuntos abordados é a poesia. António confessa-se leitor, mas também diz que há certo tipo de poesia que para ele é incompreensível. É a única entrevista que lhe conhecemos em que fala da sua ida para o Ultramar, e a sua posição não podia ser mais contra. Volta a referir os cantores de intervenção, nomeadamente José Afonso, que considera o melhor compositor português. Mas insiste em Amália como farol estético. A sua índole experiencialista também vem ao de cima quando diz que se fosse preso aproveitaria, do melhor modo possível, essa experiência. Fala do seu grande inimigo: o tempo. Revela a sua secreta ambição: ficar na História.

**Palavras-chave:** prisão, poesia, voz, José Afonso, barbearia, Guerra Colonial, tempo, ficar na História

## **Cantor e barbeiro: Variações sobre um António**

“Já a minha fralda era diferente, eu sempre fui uma pessoa que atraía as atenções», diz ele, entre risos, no seu vivo sotaque minhoto. Peneiras? “Não suporto gente pretenciosa”, esclarece, e a expressão que mais repete, no fim de cada afirmação, é: “isto sem pretensão nenhuma”.

António Joaquim Rodrigues Ribeiro, ou António Variações, sempre a variar, nunca avariado. Experimentar tudo: “Se eu, um dia, fosse parar a uma prisão – devo dizer-lhe que é uma experiência que eu gostava de ter – tirava partido disso.”. O que lhe deve ser difícil porque: “gosto de apresentar um ar honesto, informado e minimamente inteligente, não quero passar por idiota”.

Um primeiro esboço, a pinceladas grossas, salta do seu espelho: “O António é alguém que, essencialmente, gosta de viver e de pôr as pessoas a cantar.”

### **António, o cantor**

Ama a elasticidade, a busca – daí o cognome «Variações». *Rock*, música popular portuguesa, música electrónica, são fios cruzados na sua teia furta-cores. “Quem quiser que me arrume, porque eu não o sei fazer nem estou interessado nisso”. Os ritmos musicais (como os vitais) transbordam dos pacotes aristotélicos em que teimamos. “Prefiro ser uma surpresa a ser uma certeza. Quando as pessoas chegam a um ponto em que dizem: «esta é a minha linha, é isto que eu quero», estão a pensar já na reforma, na morte. Eu não sei o que quero, quero sempre muitas coisas.”

Não estagnem, vão mais além! “Faz-me aflição que a maioria das pessoas viva em linhas tão apertadas, e tenho a preocupação de lhes mostrar outras vias.”. António não faz canções políticas “porque isso divide”, mas tenta mexer com o público «sem escandalizar». O objectivo é chegar a todos. “Eu não tenho capacidade para satisfazer totalmente a cabeça mais intelectualizada deste País, sei disso, mas também não estou interessado em cantar

coisas tontas, toscas. Quero ser um cantor popular, não quero ser popularucho. Não faço concessões, nunca fiz a outros níveis e não as farei na música.” Abdicar de si, ceder à massificação, deixar os seus anéis, brincos, estranhas roupagens, isso é que nunca. “Visto-me para mim, arranjo-me para mim, vivo para mim, mas, acima de tudo, gosto de pessoas e quero estar no meio delas. Há quem me aconselhe a cantar poetas, e eu gosto muito de poesia, embora nem sempre a compreenda, mas não estou interessado em cantar coisas difíceis, porque quero chegar a toda a gente.” Assume-se como cantor comercial “se isso implica ter continuidade...”.

Começar foi difícil “porque aqui há uns anos as pessoas singravam se tivessem conhecimentos, e eu não os tinha. Além disso, sentia uma grande vergonha, não tinha ousadia para nada. Certo dia, pensei que, se queria fazer alguma coisa, tinha de ser eu a lutar, e fui a uma editora”. A partir daí, foi aquela batida história: a cassette que se oferece com as mãos trémulas, a angústia da espera, os sonhos explodindo na assinatura do contrato, o tempo a passar e a gravação sempre adiada... “Entrei em pânico e, então, resolvi sozinho fazer um espectáculo numa discoteca.” Era o trampolim para o palco, mas só um ano depois – seis anos após o início da luta – surgiria o primeiro disco.

Sem saber uma nota, António compõe todas as suas músicas (“Faço as melodias por um processo muito meu e, depois, trauteio-as aos músicos”). Confessa-se incapaz de compreender certa poesia (confissão que vai sendo insólita nestes – e noutros – meios), mas escreve todas as suas letras. “Por necessidade de pôr a voz a funcionar, de poder cantar coisas originais, já que não tinha ninguém que as fizesse. Mas estou aberto a compositores e autores, porque sinto que não tenho grandes capacidades... Sou essencialmente um cantor.” Que também nunca aprendeu canto. “Cantar não se aprende, pode-se é melhorar a técnica, e é isso o que eu estou agora a começar a fazer, com uma senhora excelente.”

Acredita no futuro da música popular portuguesa (“é uma das áreas mais genuínas, é para aí que teremos de nos virar, e há muita gente a fazê-lo já da melhor maneira”). Como exemplo máximo, José Afonso: “Admiro o cantor, o poeta, o músico, a pessoa em si, extremamente rica e humana. E então como criador, acho que é o nosso melhor.” Mas Amália é a paixão: “Ela é a minha identidade. Eu sei donde venho, onde pertenco via

Amália. Quando a conheci, fiquei de tal maneira inibido (aliás eu sou-o muito, mas perante ela ainda fiquei mais) que não fui capaz de dizer nada. Limitei-me a olhar...”

Pronto: soltámos a palavra mágica, abriram-se as comportas, de repente ele não tem mais de quinze anos e a fita da cassete enche-se de deslumbramento. “A Amália é uma cantora com uma dimensão tal que é muito pobre situá-la só como fadista (muito embora a maior). Se tivesse nascido na América, ela seria a melhor cantora de *blues* – tenho a certeza.” Nas vésperas de um espectáculo, ao lado do seu ídolo, na Aula Magna, repartido entre o terror e o êxtase, confidencia: “Sou extremamente acanhado e isso prejudica-me porque me tira a confiança e nas horas mais importantes e funciono sempre a metade.”

### **António, o barbeiro**

A outra metade de António: modifica as cabeças deles e delas (isto é, põe-nas à moda) ali numa esquina da Rua de S. José, verde eléctrico por fora e forrada a antiguidades por dentro. Mas bate o pé e diz que é barbeiro “por uma questão de honestidade: como cabeleireiro eu sou fraude, onde me considero melhorzinho é a cortar cabelos. Só o corte me interessa, mas como não posso deixar a pessoa sair com o cabelo molhado, seco-o como acho melhor.»

Entrou na profissão “acidentalmente”. Antecedentes, nenhuns. “A minha mãe, coitadita... acho que a senhora nunca cortou o cabelo.” Ri-se, deixando transparecer o carinho que sente ao falar dos pais. “Para eles, eu sempre fui um grande mistério, como gostavam de mim, aceitavam-me tal como eu era. A minha mãe continua a achar que eu devia cortar a barba, vestir-me de outra maneira, mas nunca me massacra com nada, e fica muito feliz quando me vê.”

Conta como aos 12 anos, terminada a escola primária, resolveu deixar a aldeia nos arredores de Braga e vir para Lisboa, seguindo o exemplo dos irmãos mais velhos (ele é o “do meio” de dez filhos de um casal de camponeses). “Tive que me valer de mim mesmo para sobreviver e fiz todo o tipo de trabalho.” Foi balconista, vendedor ao domicílio (“para

o que não tenho jeito nenhum, fui um fiasco”), tirou um curso de contabilidade e aterrou num escritório.

Voltou já com o fito de ser cabeleireiro e, após um “estágio” de seis meses observando o trabalho de profissionais, começou a praticar. “Claro que, inicialmente, as pessoas não eram mais do que cobaias, e eu dizia-lhes isso mesmo, mas, devido ao meu aspecto, elas achavam que eu era o máximo, e não acreditavam.” Cobaia a cobaia, foi aprendendo. Porém estava insatisfeito: “Aqui era tudo muito clássico, e não me apetecia agora estar a encher a cabeça de laca às pessoas, com grandes penteados estilo árvore de Natal, por isso fui para Amesterdão.”

Finalmente, estabeleceu-se aqui, onde: “Optar por um grande instituto de beleza seria o mais indicado para uma pessoa que fosse ambiciosa a nível económico e profissional, foram-me dadas todas as possibilidades para isso, já que eu tinha um nome e a casa seria bem-sucedida, não tenho espírito de comerciante, gosto de viver o dia-a-dia e optei por um sítio pequenino onde faço o que quero.” O seu horário de barbeiro é cada vez mais curto, porque a canção agarra-o cada vez mais “mas mesmo que a música comece a dar para viver (porque até aqui tem sido apenas investimento), vou conservar a barbearia, pois já ganhei amor àquela lojinha...”

### **António, o resto**

Desgosto: “Odeio que me façam perder tempo.» Define: “Perder tempo é estar com um grupo de pessoas em que não acontece nada, um convite que me fazem e depois é uma frustração, assim como foi um tempo perdido – e eu não perdoo a ninguém – aquele que passei na tropa.”

Gostos: cantar, viajar, multidões, rua. Não gosta de falar de idades, detesta festas e prendas de aniversário. “O nascer é o caminhar para a velhice, era bom que os mais novos tomassem consciência disso. A partir de uma certa altura, as pessoas são marginalizadas, assisto diariamente a essa marginalização aí nas ruas, o que está errado, porque há gente que, aos sessenta anos, é mais válida do que muitos jovens de vinte...”

Tristezas, revoltas: a morte. “Porque é que as coisas foram feitas e depois têm que ser desfeitas?”.

Crenças, não tem. Respeita-as, “desde que não haja fanatismo”. Prefere a realidade. “O que me importa é a terra, despertar tudo o que há nela. Nem sequer a lua me fascina, porque já passei a fase do romantismo: o inferno e o céu são aqui, o que vier para além da morte não me preocupa.”

Contradições: procura a eternidade: “Sim, sim, gostaria de ficar, já não digo numa história, mas numa historiazinha... – isto sem pretensão nenhuma.”

(Inês Pedrosa (1983). “Cantor e barbeiro: Variações sobre um António”. O Jornal, nº. 432, 2 de junho. In *Muda de Vida: As Letras de António Variações*, pp. 91-96.)

**A** 10 de junho de 1983, no suplemento de domingo, o DN publicava a única entrevista que Antônio Variações concedeu a este jorna. Publicada em três páginas a cores, era assinada por Manuela Gonzaga, que o começava por apresentar como a «ave rara da música portuguesa»... É uma transcrição (adaptada) de excertos dessa mesma entrevista que aqui publicamos.

† O título do seu primeiro álbum era «Anjo da Guarda» e esse é um dos temas, que, de resto, você agarra de forma algo satírica.

Claro, tem um lado satírico, porque é o que eu digo, o tema, e o nome que eu dei ao álbum (que acho o nome ideal, porque conta uma história), também é satírico. Ou seja, tem as duas faces da moeda, porque para as pessoas crentes, com a formação que eu tive, eu estou a contar uma história muito bonita, e isso é verdade, porque eu respeito as pessoas que continuam a acreditar como eu acreditei quando era miúdo. Por outro lado, dou o direito às pessoas que não são crentes, nem tiveram essa formação, de pensarem - e eu assumo isso - que estou a ser satírico.

† Você teve de deixar para trás muita coisa, ou a tal criança escondida ainda está muito inteira?

Sabe, a minha meninice, a minha educação, foi bastante feliz, dentro dos limites do que me podia ser facultado. *Erámos uma família muito grande, dez irmãos...* Para ser franco, eu não era nada bom de assoar, e é claro que os meus irmãos nunca se deram bem, de maneira que o clássico ambiente de tarefas dos mais velhos a quererem mandar nos mais novos, tudo isso havia, mas o clima era tão saudável, tão bom, mesmo com bofetada à mistura e nomes feios que chamávamos uns aos outros, mas eu acho isto normal a nível de irmãos. Agora a nível dos meus pais, eu acho que eles são o exemplo - para mim são - de um pai e de uma mãe, como um pai e uma mãe devem ser. Se eu voltasse a nascer, eu penso que...

† Voltava a escolher aqueles.

Exactamente. Não queria outros. Penso que, infelizmente, nem toda a gente pode falar desta maneira. Portanto, e como eu fui uma criança feliz, posso responder-lhe que a tal criança que eu fui ainda vive, e está muito inteira. Depois o resultado são todos es-

tretanto eu tenho imensos, sou extremamente inibido, envergonhado, ficou-me desde miúdo. Lembro-me que eu, em miúdo, era de espreitar atrás das portas. Não falava com ninguém, não vinha à sala quando apareciam desconhecidos lá em casa, e ficava a ver, a ouvir atrás das portas. Isso ficou e hoje tento ultrapassar isso, mas não é fácil, e isso ainda é mais marcante nos espectáculos ao vivo. Daí que esse visual ousado, as cores, as roupas... é capaz de ser uma defesa, o refúgio nos opostos, não é? Repare: estou sempre com medo de me esquecer das letras, e ainda por cima as letras são minhas! Também depende do público, é um facto. Sinto que se o público não está a reagir começo a pensar «mas o que é que eu estou aqui a fazer?».

† O primeiro disco correu logo muito bem.

Foi uma experiência muito gira, foi muito bem sucedido. Eram dois temas, o tema da Amália, «Povo que Lavas no Rio», que causou aí uma certa celestima, e uma coisa minha, «Estou além». E eu até sei que à partida a editora não apostava nada, aquilo foi mais para me calar porque já tinha passado tanto tempo, e chegou uma altura que tinham de me fazer um disco, mas naquela base de «vamos ver se este deixa de chatear, cumprimos a nossa obrigação e é mais um disco que a gente faz». Entretanto, a nível de vendas, o disco foi muito bem sucedido. E mesmo a nível de crítica, de um modo geral, foi muito positivo.

† Como é que reage esta malta aqui da rua? Curiosamente, é nesta altura que um bando de miúdos mete a cabeça dentro da barbearia e grita: «Viva o António Variações!»

Bem, quando eu vim para aqui, aos uns sete anos, esta gente não gostava muito de mim, nem gostavam nada de me ver por aqui, porque achavam que eu era de outro mundo, e faziam-me, assim, um certo boicote. Entretanto, as pessoas começaram a aceitar-me melhor, e agora com a história das cantigas já sou de casa. Dizem que têm muito gosto em que eu seja daqui. Adotaram-me.

† Essa sua forma de cantar azotie foi buscá-la?

A lado nenhum. Achto que é um misto de tudo aquilo que eu gosto em todos os cantores e cantoras, portanto, digamos que é um misto de todas aquelas vozes que eu tenho sempre nos ouvidos.

† É a expressão corporal? Feciballet?

Não, não fiz nada. Por acaso, agora até tenho vontade de fazer alguma coisa, não a nível de dança, qualquer coisa que me dê elasticidade. Há por aí várias pessoas ligadas ao meio do jazz que estão sempre a motar-me - e só não fui ainda porque não tenho tempo.

† É a barbearia?

Vai continuar. Vou reduzindo cada vez mais o meu horário, mas vai continuar. Tenho um certo amor a isto, e depois há pessoas a quem estou muito ligado, pessoas que eu já atendo há muito tempo, desde os centros comerciais, pessoas muito fiéis, já são amigos, e por isso mesmo, e pela causa em si, pelo estilo, não quero deixar isto. Mas note que a música está sempre em primeiro lugar.

† Nunca teve divórcio? Nem de si próprio?

Não. Embora não esteja ainda contente comigo, porque ainda continuo zangado comigo porque me sinto um bocadinho decepcionado porque sempre pensei que podia ser melhor. Isto não tem nada a ver com modestias. Nunca fui excepcional, mas sempre fui bonzinho em tudo aquilo que me metia a fazer, mas sempre a pensar «eu não sou mau nisso, consigo ser bastante bom, porque eu sou extremamente honesto». Mas penso que sou melhor a cortar um cabelo do que como cantor.





## ENTREVISTA A MANUELA GONZAGA: “ANTÓNIO VARIAÇÕES: DE SOLDADO A GENERAL”

18 de julho de 1983

No final da entrevista vêm à tona algumas das inseguranças que António tinha e que manifesta também, noutras entrevistas, por exemplo, em relação à qualidade das suas letras. Isto deve-se à sua exigência e quiçá à noção que tinha de não ter uma educação académica. De todo o modo, é um António que se assume inteiramente como músico que surge aqui. A determinada altura, refere uma das suas características: o facto de ser contraditório e de mudar de ideias com grande facilidade, e que se prende com o género de artista que é. Fala da família e salienta o papel dos pais. Refere a sua faceta satirista e demonstra como nada nele é à toa, mas antes pensado e planeado. Isso vê-se, por exemplo, quando refere que o título do seu *LP*, *Anjo da Guarda*, conta uma história. O seu lado de artista conceptual é, nestes significativos detalhes, bem visível.

**Palavras-chave:** *Anjo da Guarda*, satírico, contradição, família

## **António Variações: de soldado a general**

– **O título do seu primeiro álbum era *Anjo da Guarda* e esse é um dos trabalhos que, de resto, você agarra de forma algo satírica.**

– Claro, tem um lado satírico, porque é o que eu digo, o tema, e o nome que eu dei ao álbum (que acho o nome ideal, porque conta uma história), também é satírico. Ou seja, tem as duas faces da moeda, porque para as pessoas crentes, com a formação que eu tive, eu estou a contar uma história muito bonita, e isso é verdade, porque eu respeito as pessoas que continuam a acreditar como eu acreditei quando era miúdo. Por outro lado, dou o direito às pessoas que não são crentes, nem tiveram essa formação, de pensarem – e eu assumo isso – que estou a ser satírico.

– **Você teve de deixar para trás muita coisa, ou a tal criança escondida ainda está muito inteira?**

– Sabe a minha meninice, a minha educação, foi bastante feliz, dentro dos limites do que me podia ser facultado. Éramos uma família muito grande, dez irmãos... Para ser franco, eu não era nada bom de assoar, e é claro que os meus irmãos nunca se deram bem, de maneira que o clássico ambiente de tareias dos mais velhos a quererem mandar nos mais novos, tudo isso havia, mas o clima era tão saudável, tão bom, mesmo com bofetada à mistura e nomes feios que chamávamos uns aos outros, mas eu acho isto normal a nível de irmãos. Agora a nível dos meus pais, eu acho que eles são o exemplo – para mim são – de um pai e de uma mãe, como um pai e uma mãe devem ser. Se eu voltasse a nascer, eu penso que...

– **Voltava a escolher aqueles.**

– Exactamente. Não queria outros. Penso que, infelizmente, nem toda a gente pode falar desta maneira. Portanto, e como eu fui uma criança feliz, posso responder-lhe que a tal criança que eu fui ainda vive, e está muito inteira. Depois o resultado são todos estes contrastes de que as pessoas não estão à espera. Mas olhe, se me pedir para explicar aquilo que eu sou, não sei responder, porque dizer-lhe que sou todos os dias uma pessoa feliz não é verdade. Tenho imensos contrastes que a mim próprio me surpreendem. Por vezes sou

contraditório, mas sem encenação nem hipocrisia. Eu posso hoje fazer uma afirmação na qual estou a pôr toda a verdade e honestidade e amanhã posso estar em desacordo. Lembro-me que eu, em miúdo, era de espreitar atrás das portas. Não falava com ninguém, não vinha à sala quando apareciam desconhecidos lá em casa, e ficava a ver, a ouvir atrás das portas. Isso ficou e hoje tento ultrapassar isso, mas não é fácil, e isso ainda é mais marcante nos espectáculos ao vivo. Daí que esse visual ousado, as cores, as roupas... é capaz de ser uma defesa, o refúgio nos opostos, não é? Repare: estou sempre com medo de me esquecer das letras, e ainda por cima as letras são minhas! Também depende do público, é um facto. Sinto que se o público não está a reagir começo a pensar “mas o que é que eu estou aqui a fazer?”.

– **O primeiro disco correu logo muito bem.**

– Foi uma experiência muito gira, foi muito bem-sucedido. Eram dois temas, o tema da Amália “Povo que Lavas no Rio”, que causou aí uma certa celeuma, e uma coisa minha, “Estou Além”. E eu até sei que à partida a editora não apostava nada, aquilo foi mais para me calar, porque já tinha passado tanto tempo, e chegou uma altura que tinham de me fazer um disco, mas naquela base de “vamos ver se este deixa de chatear, cumprimos a nossa obrigação e é mais um disco que a gente faz”. Entretanto, a nível de vendas, o disco foi muito bem-sucedido. E mesmo a nível de crítica, de um modo geral, foi muito positivo.

– **Como é que reage esta malta aqui da rua? (curiosamente, é nesta altura que um bando de miúdos mete a cabeça dentro da barbearia e grita: “Viva o António Variações!”)**

– Bem, quando eu vim para aqui, há uns sete anos, esta gente não gostava muito de mim, nem gostavam nada de me ver por aqui, porque achavam que eu era de outro mundo, e faziam-me, assim, um certo boicote. Entretanto, as pessoas começaram a aceitar-me melhor, e agora com a história das cantigas já sou da casa. Dizem que têm muito gosto em que eu seja daqui. Adoptaram-me.

– **Essa sua forma de cantar aonde foi buscá-la?**

– A lado nenhum. Acho que é um misto de tudo aquilo que eu gosto em todos os cantores e cantoras, portanto, digamos que é um misto de todas aquelas vozes que eu tenho sempre nos ouvidos.

– **E a expressão corporal? Fez *ballet*?**

– Não, não fiz nada. Por acaso, agora até tenho vontade de fazer alguma coisa, não a nível de dança, qualquer coisa que me dê elasticidade. Há por aí várias pessoas ligadas ao meio do *jazz* que estão sempre a incitar-me, e só não fui ainda porque não tenho tempo.

– **E a barbearia?**

– Vai continuar. Vou reduzindo cada vez mais o meu horário de trabalho, mas vai continuar. Tenho um certo amor a isto, e depois há pessoas a quem estou muito ligado, pessoas que eu já atendo há muito tempo, desde os centros comerciais, pessoas muito fiéis, já são amigos, e por isso mesmo, e pela casa em si, pelo sítio, não queria deixar isto. Mas note que a música está sempre em primeiro lugar.

– **Nunca teve dúvidas? Nem de si próprio?**

– Não. Embora não esteja ainda contente comigo, porque ainda continuo zangado comigo porque me sinto um bocado decepcionado porque sempre pensei que podia ser melhor. Isto não tem nada a ver com modéstias. Nunca fui excepcional, mas sempre fui bonzinho em tudo aquilo que me metia a fazer, mas sempre a pensar: eu não sou mau nisto, consigo ser bastante bom porque eu sou extremamente honesto. Mas penso que sou melhor a cortar um cabelo, do que como cantor.

(Manuela Gonzaga (1983). “António Variações de soldado a General”. *Diário de Notícias*, Suplemento, 18 de julho, 16-18.)

### A infância desconhecida do cantor exótico

Ainda criança, confrontou os pais com a sua determinação de conhecer o mundo. Quarta deitar a sêrta perdida na região minhoto, onde as perspectivas de futuro desembocavam na dedicação à vida rural ou na escolha de um ofício manual, para seguir as pisadas dos irmãos à descoberta de Lisboa. Assim foi. Aos 12 anos, «desembarca» na capital esperando uma grande mala na mão e uma carta de recomendação na outra. Os primeiros tempos foram difíceis, saltando de um emprego para outro, vigiado pelos olhares que o complexavam por lhe lembrarem que era provinciano, que tinha sotaque e não era instruído. Hoje, com 38 anos, António Joaquim Rodrigues Ribeiro, de nome artístico António Variações, barbeiro e cantor, informa-nos que é actualmente o artista português que vende milhões e afirma: «O meu êxito é uma vingança».

Um ano de actividade como cantor e uma discografia preenchida com um maxi-singla «Estou Além» e «Povo Que Lavan No Rio» são os dois temas — «Anjo de Queilás» — são o currículo de António Variações, artista de voz invulgar e de guardarrua exótico, que a Televisão e a Rádio têm divulgado largamente, e se pode já considerar um caso de popularidade junto do público. O intérprete, que se lançou com um dos maiores êxitos de Amália Rodrigues, prepara-se agora para responder a uma recheada agenda de espectáculos programados para locais diversos do país.

«Quero provar que não sou apenas um cantor de estúdio, que a minha voz é a mesma que se ouve nos discos e não um artifício», diz.

#### «O 'play-back' é uma burla»

A utilização de «play-back» musical é, presentemente, um mal necessário para o cantor. Apesar de considerar este processo uma «burla» que a TV impõe, e ela é útil para promoção», António Variações tem de utilizá-la na digressão que se avizinha enquanto não reúne um grupo de instrumentistas que se identifique com o seu estilo e que possam acompanhá-lo em palco. No entanto, reconhece: «Em Portugal, é muito difícil a sobrevivência de um grupo. É claro que, acompanhado, tenho menos proveitos económicos, mas tenho o dobro do prazer. E o dinheiro, para mim, é de pouca importância.»

Barbeiro de profissão, à qual chegou há nove anos, ocasionalmente e não por se sentir vocacionado, António Variações acha apenas «uma certa graça» ao facto de cortar cabelos na sua barbearia unisexo à Rua de S. José 5a, eventualmente, alguma das suas actividades tiver de ser pretendida, será sem dúvida a de barbeiro, segundo



«A palavra está estafada. Sou um cantor-espectáculo»



«Visto-me consoante a inspiração do momento». Como se vê...

## António Variações: «O meu êxito é uma vingança»

confidência. Perante a ameaça real com que se depara qualquer artista — a de ter uma carreira efêmera, passageira — o barbeiro-cantor responde que pretende afirmar-se com um único património — a voz. Elogiada por uns, depreciada por outros, a voz de Variações é, no mínimo, invulgar. «Acima de tudo sou um cantor e gostaria que as pessoas gostassem de mim pela minha voz. Não tenho formação, nunca aprendi canto na minha vida e estou agora a começar com lições. Penso que o canto não se aprende, mas que se podem dominar as técnicas de respiração. Aliás, nem gostaria que me modificassem o timbre de voz... que estou agora a descobrir.»

#### «Cantor-Espectáculo»

Invulgar não é apenas a voz de Variações, mas também a forma como o popular artista se apresenta em palco. Recusa o adjectivo «extravagante», porque, para

ele, tudo é natural, e a desinibição cênica é o reflexo de um necessidade de libertação. Contudo, é impossível dissociar a imagem do bracarense de um certo gosto pelo exótico evidente



O mundo segundo António Variações: para a família, ele não sai a ninguém...

nas vestimentas, e das acrobacias que apelam ao erotismo e que são uma constante em palco. «Cantor-espectáculo» é como ele próprio se define. E justifica: «Vai sendo cada vez mais

difícil a um cantor estático, isto é, que não septicula, cativar as audiências. Penso que a palavra está estafada e que uma actuação deve ser um espectáculo, sem que esta concepção implique um juízo depreciativo para o cantor... A Amália, por exemplo, está a movimentar-se e a gesticular mais. Talvez tenha descoberto que também isso é necessário...»

Filho de um casal de camponeses minhotos, dos arredores de Braga, de formação católica, desde miúdo que António Variações ouvia os pais dizerem: «Não sabemos a quem é que este rapaz saiu! De uma família de dez irmãos, hoje espalhados pelo Mundo e entregues às mais diversas profissões (um barbeiro, um advogado, outro técnico de electrónica...) o nosso entrevistado confessa que sempre se rebelou contra o padrão tradicional a que os pais o queriam moldá-lo. «A minha vida em Braga consistia em ir à escola, à catequese, e auxiliar em pequenos trabalhos na quinta. Lembrome de que detestava arranjar a

erva para os nossos coelhos. Gustavo era de ir às montanhas ver o folclore. Aquilo que nessa altura considero que despertar para a música. O meu pai, embora agricultor, tocava muito bem acordeão e cavaquinho.»

A mãe, por seu turno, excluiu da sua própria família e deserdada por pretender casar com um homem de condição social inferior, (foi ela quem ensinou o meu pai a ler e a escrever) recebe sempre o filho que nunca nos acompanha com um sorriso nos lábios. De acordo com o relato de António Variações: «Tenho a sensação de que ela gostaria que eu fosse outro cantor, mas nunca me fez outro...»

#### «Fugir à herança rural»

Retomemos o percurso do jovem António Joaquim. Aos 12 anos, à chegada a Lisboa: «Fiquei apavorado, senti-me perdido... Por cá tive grandes dificuldades, tive muitos complexos por vir da província, por não ter instrução, por ter sotaque. Às vezes perguntava-me por que razão não havia de ser como os outros lá na zona: casar, ter filhos, ir à missa e domingo. Adaptei-me a mais que pude. Não queria de maneira nenhuma voltar à aldeia. E saí-me como fugi essa herança, porque não se dá-me com pessoas de outro nível cultural, para eu era motivo de riso e de anedotas... Hoje, o meu foi uma vingança! Eu larguei viajar e esses amigos levam uma vida chatíssima.»

António Variações, um «sai made man»? «Não, não sou uma vingança! Eu larguei viajar e esses amigos levam uma vida chatíssima.»

António Variações, um «sai made man»? «Não, não sou uma vingança! Eu larguei viajar e esses amigos levam uma vida chatíssima.»

Na rua, diz que é constantemente abordado estranhos, de todas as idades sempre de uma forma acolhedora e sorridente, como tem afirmado por diversas vezes, não pretendo enquadrar-me em nenhum estilo musical. Para António Variações não existem rótulos, nem restrições, mesmo em relação à música que pensávamos ser uma das suas preocupações, a julgar pelas indumentárias inspiradas em trajes que normalmente adopta.

«Mas o cantor que almeja vender melhor» no panorama musical português veste-se com delongas femininas. E a verdade para a sessão de fotos que o «Se7e» lhe propôs demonstrou-se uma nova escolha do guarda-roupa buscando a inspiração em brincos ou nas calças no par de calças curtas mais facilmente «passa por turbante...»

Cláudia Baptista Inácio Ludgero

ANO LECTIVO 1982/83  
ABERTAS AS INSCRIÇÕES  
PARA OS CURSOS DE:

## CURSOS INTENSIVOS

DESENHO TÉCNICO

## **ENTREVISTA A CLÁUDIA BAPTISTA: “A INFÂNCIA DESCONHECIDA DO CANTOR EXÓTICO”**

20 de julho de 1983

Esta entrevista centra-se sobre o facto de Variações ser um imigrante, alguém que veio do campo para a cidade, do interior rural para o litoral. A forma pouco amistosa como foi recebido pelos locais é destacada, e o preconceito contra quem imigrava da província é descrito na primeira pessoa, pois, Variações sentiu-o na pele. Aqui, como noutros depoimentos, diz que ser barbeiro é apenas uma profissão, dado que ele sempre se sentiu músico. Revela que começou a ter aulas de canto, e que o grupo que o acompanhará, os Anjos, do qual farão parte alguns músicos ilustres da nossa praça, como Francis, Dudas e Carlos Barbosa, se encontra em construção. A entrevistadora, perspicaz, apanhou-lhe a contradição quando ele refere que se veste por inspiração momentânea, mas demorou uma hora a escolher as roupas adequadas para a sessão de fotografias. Nestes pormenores se vê o artista multimédia, o, como ele se auto define, “cantor-espetáculo”. Também a sua obsessão pela originalidade fica aqui bem patente, quando refere a sua necessidade íntima de ser diferente dos outros.

**Palavras-chave:** província, preconceito, barbeiro, cantor-espetáculo,

## **A infância desconhecida do cantor exótico**

Ainda criança confrontou os pais com a sua determinação de conhecer o mundo. Queria deixar a aldeia perdida na região minhota, onde as perspectivas de futuro desembocavam na dedicação à vida rural ou na escolha de um ofício manual, para seguir as pisadas dos irmãos à descoberta de Lisboa. Assim foi. Aos 12 anos *desembarcou* na capital segurando uma grande mala numa mão e uma carta de recomendação na outra. Os primeiros tempos foram difíceis, saltitou de um emprego para outro, vigiado pelos olhares que o complexavam, por lhe lembrarem que era provinciano, que tinha sotaque e não era instruído. Hoje, com 38 anos. António Joaquim Rodrigues Ribeiro, de nome artístico António Variações, barbeiro e cantor, informa-nos que é actualmente o artista português que “vende melhor” e afirma “O meu êxito é a minha vingança.”

Um ano de actividade como cantor e uma discografia preenchida com um *maxi single* (“Estou Além” e “Povo que Lavas no Rio” são os dois temas) e um LP - *Anjo da Guarda* - são o currículo de António Variações, artista de voz invulgar e de guarda-roupa exótico, que a Televisão e a Rádio têm divulgado largamente, e se pode já considerar um caso de popularidade junto do público. O intérprete, que se lançou com um dos maiores êxitos de Amália Rodrigues, prepara-se agora para responder a uma recheada agenda de espectáculos programados para locais diversos do país. “Quero provar que não sou apenas um cantor de estúdio, que a minha voz é a mesmo que se ouve nos discos e não um artifício”, diz.

### **O *play-back* é uma burla»**

A utilização de *play-back* musical é, presentemente, um mal necessário para o cantor. Apesar de considerar este processo uma “burla que a TV impõe, e ela é útil para promoção”, António Variações terá de utilizá-lo na digressão que se avizinha enquanto não reúne um grupo de instrumentistas que se identifiquem com o seu estilo e que possam acompanhá-lo em palco. No entanto, reconhece: “Em Portugal é muito difícil a

sobrevivência de um grupo. É claro que, acompanhado, tenho menos proveitos económicos, mas tenho o dobro do prazer. E o dinheiro, para mim, é de somenos importância”.

Barbeiro de profissão, à qual chegou há nove anos, ocasionalmente e não por se sentir vocacionado, António Variações acha apenas “uma certa graça” ao facto de cortar cabelos na sua barbearia unisexo à Rua de S. José. Se, eventualmente, alguma das suas actividades tiver de ser preterida, será sem dúvida a de barbeiro, segundo confidencia. Perante a ameaça real com que se depara qualquer artista – a de ter uma carreira efémera, passageira. A voz, elogiada por uns, depreciada por outros, a voz de Variações é, no mínimo, invulgar. “Acima de tudo sou um cantor e gostaria que as pessoas gostassem de mim pela minha voz. Não tenho formação, nunca aprendi canto na minha vida e estou agora a começar com lições. Penso que o canto não se aprende, mas que se podem dominar as técnicas de respiração. Aliás, nem gostaria que me modificassem o timbre de voz... que estou agora a descobrir.”

### “Cantor-Espectáculo”

Invulgar não é apenas a voz de Variações, mas também a forma como o popular artista se apresenta em palco.

Recusa o adjectivo “extravagante”, porque, para ele, tudo é natural, e a desinibição cénica é o reflexo de uma necessidade de libertação. Contudo, é impossível dissociar a imagem do bracarense de um certo gosto pelo exótico evidente nas vestimentas, e das acrobacias que apelam ao erotismo e que são uma constante em palco. “Cantor-Espectáculo”, é como ele próprio se define. E justifica: “Vai sendo cada vez mais difícil a um cantor estático, isto é, quem não gesticula, cativar as audiências. Penso que a **palavra** está estafada e que uma actuação deve ser um espectáculo, sem que esta concepção implique um juízo depreciativo para o cantor. A Amália, por exemplo, está a movimentar-se e a gesticular mais. Talvez tenha descoberto que também isso é necessário...”



Filho de um casal de camponeses minhotos, dos arredores de Braga, de formação católica, desde miúdo que António Variações ouvia os pais dizerem: “Não sabemos a quem é que este rapaz sai!” De uma família de dez irmãos, hoje espalhados pelo mundo e entregues às mais diversas profissões (um barbeiro, um advogado, outro técnico de electrónica...) o nosso entrevistado confessa que sempre se revelou contra o padrão tradicional a que os pais o queriam moldar. “A minha vida em Braga consistia em ir à escola, à catequese, e auxiliar em pequenos trabalhos na quinta. Lembro-me de que detestava arranjar a erva para os nossos coelhos... Gostava era de ir às romarias, ver o folclore. Suponho que nessa altura comecei a despertar para a música. O meu pai, embora agricultor, tocava muito bem acordeão e cavaquinho”.

A mãe, por seu turno, excluída da sua própria família e deserdada por pretender casar com um homem de condição social inferior, (“foi ela quem ensinou o meu pai a ler e a escrever”) recebe sempre o filho, que nunca foi exemplar, com um sorriso nos lábios, de acordo com o relato de António Variações. “Tenho a sensação de que ela gostaria que eu fosse outro cantar, mas nunca me faz críticas...”

### **“Fugir à herança rural”**

Retomemos o percurso do jovem António Joaquim, aos 12 anos, à chegada a Lisboa: “Fiquei apavorado, senti-me perdido... Por cá tive grandes dificuldades, tive muitos complexos por vir da província, por não ter instrução, por ter sotaque... e, às vezes, perguntava-me por que razão não havia de ser como os outros lá na aldeia: casar, ter filhos, ir à missa do domingo. Adaptei-me o melhor que pude. Não queria de maneira nenhuma voltar à aldeia. E saíu-me caro fugir a essa herança, porque comecei a dar-me com pessoas de outro nível cultural, para quem eu era motivo de riso e de anedota... Hoje o meu êxito é uma vingança! Eu fartei-me de viajar e esses amigos levam uma vida chatíssima...”

António variações, um self-made man? “Não. Não sou um lutador, mas tenho uma grande necessidade de liberdade e de ser diferente dos outros!”

Na rua, diz que é constantemente abordado por estranhos, de todas as idades, sempre de uma forma acolhedora e sorridente. Tal como tem afirmado por diversas vezes, não pretende enquadrar-se em nenhum estilo musical. Para António Variações não existem rótulos, nem restrições, nem mesmo em relação à moda que pensávamos ser uma das suas preocupações, a julgar pelas indumentárias inspiradas em trajos orientais que normalmente adota. “A moda é uma arte que deixa de o ser quando se generaliza a toda a gente. A forma como me visto não é estudada. Visto-me consoante a inspiração do momento”.

Mas o cantor que afirma “vender melhor” no actual panorama musical português veste-se com delongas femininas. E a verdade é que para a sessão de fotografia que o *Se7e* lhe propôs, demorou-se uma hora na escolha do guarda-roupa buscando a inspiração nos brincos ou nas calças turcas que mais facilmente passariam por turbante.

(Cláudia Baptista (1983). “A infância desconhecida do cantor exótico. António Variações: «O meu êxito é uma vingança»”. *Sete*, 20 de julho, p. 12.)

# António Variações

## «Não sou oportunista»



Há já algum tempo que pretendíamos ter uma conversa com o António Variações. Falta de tempo por parte do cantor estava na base da inexistência da dita conversa. É que na época de Verão ele fez uma média de 20 concertos por mês, para além do seu serviço habitual de cabeleireiro... Agora, com o decréscimo do número de espectáculos inerente a todos os músicos, foi possível «roubar» meia-horinha ao António para sabermos das suas. Cá vamos...

— O porquê dos teus vários discos...

— Isso tem a ver directamente com o porquê de eu estar na música. E estou na música porque gosto e penso que tenho algo a transmitir às pessoas. Para mim os discos são apenas a forma de divulgação. Prefiro apresentar-me ao vivo mas, como para poder fazer espectáculos tenho de gravar discos, lá os vou fazendo. Apenas como órgão de divulgação.

— Isso pressupõe que és um bom «show-man»?

— Penso que sim. Pelo menos é isso que eu noto nas minhas apresentações ao vivo. Mais a mais porque o meu auditório compreende pessoas das mais variadas classes etárias. Nos espectáculos que realizo por este País fora, reparo que desde adolescentes a pessoas com quarenta e cinquenta anos assistem. Isso é bom...

— Não terás conquistado essa classe etária, que compreende pessoas de idades mais avançadas, por via da tua devoção assumida a Amália Rodrigues?

— Pode realmente ter con-

tribuido ma  
minha inte  
nem nunca  
Se falei tan  
quem tenha  
admiração  
discordava  
que ela se t  
parece que  
coisas foi u  
durante algu  
reconheceu  
lia tem.

— Parec  
espectácul  
gredientes  
muito usu  
País...

— Isso é  
chamar a a  
está a assis  
pectáculos p  
problemas q  
afectam. Se  
um homem a  
be o que qu  
tificar deter  
ceitos. Pensi

— Por vez  
as reacções

— A minha  
provocar. Qu  
soas digam  
Que tenham  
elas boas ou  
pretendo fa  
pessoas. Se  
se mostrasse  
ra mim seria  
frustrante —  
conseguir na  
tendia.

Agora, se  
se pretende  
xer com as p  
pensar, alarg  
de vida, fa  
ajudá-las a  
coisas ridícu  
fachadas idi  
uma máscara  
sível manter  
correm, entã

## ENTREVISTA À REVISTA COQUETE: “ANTÓNIO VARIAÇÕES: «NÃO SOU OPORTUNISTA”

27 de outubro de 1983

É uma entrevista curta, e terá sido ou a última, ou das últimas que António deu. O cantor aqui parece ter planos de lançar material antes do final de 1983, mas tal não sucedeu. Em fevereiro do ano seguinte, estaria a gravar o seu derradeiro LP, *Dar & Receber*, e, em junho de 1984, faleceria. Como já tinha decorrido algum tempo desde que ele demonstrara o seu amor amaliano, aqui essa questão é enquadrada de modo diferente. O entrevistador pergunta-lhe se o seu propalado apreço por Amália não teria sido também uma estratégia para ele conquistar uma camada do público duma geração anterior. Ele diz que não, embora tal, de facto, tivesse sucedido, e relembra que Amália tinha sido denegrada por muitas pessoas, e ele achava isso injusto e ele posicionou-se do lado dela. É a primeira vez em que a questão é posta, por ele, nestes termos, e demonstra que ele sabia bem o que estava em jogo. Também aqui se fala dos seus espetáculos dum modo mais preciso. Eram inusuais e António aproveitava para incentivar a reflexão no seu público. O seu lado intervencionista e subversivo está bem patente no que diz. O seu discurso tem similitude com a mensagem sociopolítica do *glam rock*. Há uma palavra que ele diz aqui, e que já dissera noutras entrevistas. Diz-se “assumido”, não especifica em quê, mas não é difícil de perceber a que é que ele se refere.

**Palavras-chave:** Amália, tomar partido, planos para o futuro, espetáculos provocadores, mexer nas consciências, assunção, *coming out*

## **António Variações: “Não sou oportunista”**

Há já algum tempo que pretendíamos ter uma conversa com o António Variações. Falta de tempo por parte do cantor estava na base da inexistência da dita conversa. É que na época de Verão ele fez uma média de 20 concertos por mês, para além do seu serviço habitual de cabeleireiro... Agora com o decréscimo do número de espectáculos inerente a todos os músicos, foi possível *roubar* meia-horinha ao António para sabermos das suas. Cá vamos...

– **O porquê dos teus vários discos...**

– Isso tem a ver directamente com o porquê de eu estar na música. E estou na música porque gosto e penso que tenho algo a transmitir às pessoas. Para mim os discos são apenas a forma de divulgação. Prefiro apresentar-me ao vivo, mas, como para poder fazer espectáculos tenho de gravar discos, lá os vou fazendo. Apenas como órgão de divulgação.

– **Isso pressupõe que és um bom *showman*?**

– Penso que sim. Pelo menos é isso que eu noto nas minhas apresentações ao vivo. Mais a mais porque o meu auditório compreende pessoas das mais variadas classes etárias. Nos espectáculos que realizo por este país fora, reparo que desde adolescentes a pessoas com quarenta e cinquenta anos assistem. Isso é bom...

– **Não terás conquistado essa classe etária, que compreende pessoas de idades mais avançadas, por via da tua devoção assumida a Amália Rodrigues?**

– Pode realmente ter contribuído, mas não foi essa a minha intenção. Não sou, nem nunca fui, oportunista! Se falei tanto da Amália, por quem tenho uma verdadeira admiração (!), foi porque discordava da situação em que ela se encontrava. Agora, parece que esse estado de coisas foi ultrapassado mas, durante alguns anos, ninguém reconheceu o valor que Amália tem.

– **Parece que nos teus espectáculos metes uns ingredientes que não são muito usuais no nosso País...**

– Isso é verdade. Tento chamar a atenção de quem está a assistir aos meus espectáculos para determinados problemas que ainda hoje nos afectam. Sei o que sou. Sou um homem assumido que, sabe o que quer. Tento desmitificar determinados preconceitos. Penso que o consigo.

– **Por vezes até provocas as reacções...**

– A minha intenção é essa: provocar. Quero que as pessoas digam qualquer coisa. Que tenham atitudes, sejam elas boas ou más. Em suma, pretendo fazer *mexer* as pessoas. Se as pessoas não se mostrassem *tocadas* para mim seria tremendamente frustrante – não estava a conseguir nada do que pretendia.

Agora, se realmente o que se pretende é provocar, mexer com as pessoas, fazê-las pensar, alargar as suas vias de vida, fazê-las reflectir, ajudá-las a libertarem-se de coisas ridículas, mesquinhas, fachadas idiotas e tirar-lhes uma máscara que não é possível manter nos tempos que correm, então é preciso seguir o caminho por onde eu estou a progredir...

– **Levas muito a sério a tua carreira musical?**

– Sim. Sem paranóias. Sem escravaturas. Agora entrar em caminhos difíceis e ser escravo da música é que não... Não quero entrar nesse campo de exageros e fanatismo! No dia em que achar que a música se tornou uma *barra* pesada, abandono! Detesto coisas difíceis...

– **O que tens na manga?**

– Tenho vontade de fazer qualquer coisa ainda no decorrer deste ano. Ainda não discuti com a editora mas, estou um pouco saturado dos discos que já lancei. Queria dizer qualquer coisa de novo. Para um álbum ainda é cedo mas, para um *maxi-single* ou para um *single* estamos bem a tempo. A sair será antes do Natal...

(S/A (1983). “António Variações: «Não sou oportunista»”. Coquete, nº. 21, de 27 de outubro a 2 de novembro, p. 1-2.)

Luís Carlos S. Branco

**ENTREVISTAS A PESSOAS PRÓXIMAS DE ANTÓNIO VARIAÇÕES**

**Anexo III** à dissertação de mestrado: *António antes de Variações: o Percorso Inicial do Cantor*, de Luís Carlos S. Branco

<b>Índice</b> .....	465
<b>Agradecimentos</b> .....	466
<b>Introdução Breve</b> .....	467
<b>Transcrição das entrevistas</b> .....	468
Entrevista ao ator Fernando Heitor .....	469
Entrevista ao apresentador Júlio Isidro .....	478
Entrevista ao músico e <i>designer</i> Luís Carlos Amaro .....	487
Entrevista à <i>manager</i> Teresa Couto Pinto .....	494
Entrevista ao músico Pedro Ayres Magalhães .....	497
Notas sobre conversas com o seu irmão Jaime Ribeiro .....	523



Agradeço a amabilidade de todos os que gentilmente acederam a conceder-me entrevistas.  
O meu Muito Obrigado a: Fernando Heitor, Jaime Ribeiro, Júlio Isidro, Luís Carlos Amaro, Pedro Ayres Magalhães, Teresa Couto Pinto.

## Introdução Breve

Estas entrevistas tiveram como objetivo primordial conhecer um pouco melhor o percurso de António Variações, antes de editar qualquer trabalho. Portanto, com o fito de saber quem foi António autor-intérprete, como ele próprio se autodesignava, antes de 1982. Nesse sentido, foi muito importante chegar à fala com Fernando Heitor, que conviveu quase diariamente com o cantor, desde os 27 anos do cantor até aos seus trinta e poucos, ou com Júlio Isidro. Igualmente revelador foi o testemunho de Luís Carlos Amaro, que fez parte duma banda que acompanhou o cantor numa fase crucial, depois da sua passagem pelo *Passeio dos Alegres* e antes da entrada em estúdio para gravar o primeiro trabalho. Pedro Ayres Magalhães deu também um depoimento com informação importante. Ele conheceu o cantor muito antes de ele gravar, e assistiu a alguns desses primeiros espetáculos de António autor-intérprete. Eu tinha perguntas muito específicas, relativas a factos que me pareciam carecer de informação, para fazer a todos os entrevistados. Em relação a Ayres Magalhães, por exemplo, eu pretendia saber se Variações tinha feito audições para vocalista dos Heróis do Mar ou do Corpo Diplomático, e se ele sabia da gravidade da doença que tinha, aquando da gravação de *Dar & Receber*. As outras entrevistas ajudam a completar o perfil de Variações. Foram sendo realizadas à medida que a própria pesquisa foi avançando, e consoante as interrogações hermenêuticas que foram surgindo. Tanto quanto possível, a ordem das entrevistas tenta seguir a cronologia biográfica de António autor-intérprete.

## **TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS**

## ENTREVISTA A FERNANDO HEITOR <sup>478</sup>



---

<sup>478</sup> A fotografia reporta-se à participação de António Variações no filme *O Bobo*, de José Álvaro Morais, em que ele contracena com Fernando Heitor, que gentilmente me cedeu um exemplar.

**Fernando Heitor é um conceituado ator e encenador, que fez parte da renovação do teatro e do cinema português no dealbar da revolução de abril de 1974. Foi um grande amigo de António Variações, na juventude de ambos. Ele conheceu o cantor, quando este tinha 26, 27 anos em 1971. Através de Fernando Heitor, Variações fez a primeira atuação ao vivo, em Lisboa, e participou num filme. A entrevista foi realizada presencialmente, em 12 de abril de 2018, no apartamento de Fernando Heitor, na zona de Belém em Lisboa, e começou assim:**

**– Quando é que conheceu o António Variações e em que circunstâncias?**

– Conheci o António em 1971, através de amigos comuns, e durante vários anos privei muito com ele, incluindo jantares, idas à praia, copos, enfim, coisas normais que se fazem entre amigos. Para aí em 1972, salve o erro. Hoje já não sou católico, mas por essa altura ainda era, e estive durante muitos anos ligado à paróquia de Nossa Senhora de Fátima e organizava lá muita coisa: grupo de teatro, um festival da canção, reuniões de jovens, etc. Foi muito bom para a minha formação. Discutíamos assuntos que eram tabu na época. Por exemplo: temas relacionados com o sexo, a guerra do Vietname e a Guerra Colonial. Portanto, foi através da igreja que soube melhor o que eram essas coisas todas e discuti-las

**– Alguma vez, o António manifestou a sua posição face a todas essas temáticas que refere, incluindo o Estado Novo?**

– Na altura, não. Nós vivíamos aqui muito fechados. Eramos um bocado burros e saloios, todos nós, por falta de informação. Embora depois da morte do Salazar e da sua substituição pelo Marcelo Caetano houve efetivamente uma certa abertura, e começou-se a falar um pouco mais abertamente das coisas. As pessoas tinham medo de falar. Portanto, não me lembro do António falar muito disso.

**– E a posição política do António não se recorda? Política entendida aqui num sentido abrangente.**

– Num sentido abrangente, sim! De ser contra a guerra colonial, isso éramos todos. Sobretudo com a idade que tínhamos não podíamos ser mais contra.

– **E, então, depois, no tal festival da canção?**

– Depois, no último ano em que organizei o Festival da Canção. Ele gostava muito de cantar e eu tinha a mania que sabia escrever poemas. Assim, dei-lhe várias coisas para ele musicar. Não tenho nenhuma delas. Concorremos com uma canção que ele foi cantar e ganhou o tal festival.

– **Foi ele que compôs a música para o seu poema?**

– Sim. Nessa altura, ele já compunha. Essa canção e mais algumas faziam parte duma cassete que ele entregou à Valentim de Carvalho. Foi assim que o contrataram. Ele depois começou a cantar num espaço onde hoje é o Trumps. Aquilo era um restaurante e tinha uma cave onde faziam alguns espetáculos underground onde ele começou a aparecer a cantar. E depois também no Rock Rendez Vous. Ele tinha umas canções muito bonitas, enormes com 7 e 9 minutos, cantadas em português.

– **E das canções que ele fez em parceria consigo, não se recorda do género de música que ele compôs? Seriam fado, rock...?**

– Não, não eram fado. Talvez baladas. Julgo que começava com os versos “trago vinho fresco a correr-me nas veias”.

**-Também, através de si, participou no filme *O Bobo*, de José Álvaro Morais, julgo eu ...**

– Sim. Porque nós continuamos a ser amigos e quando ele abriu a barbearia dele eu passei a ser cliente. N’*O Bobo* ele foi contratado como ator e entra numa cena. O filme relata uma companhia de teatro da qual a minha personagem é diretor e que quer pôr em cena *O Bobo*, só que há problemas económicos, etc. E António aparece para me cortar o cabelo para a personagem, o bobo. A voz dele foi dobrada. O cinema era muito diferente do que é hoje. Não tínhamos um guião completo do filme quando começámos. Muitas vezes íamos para o *plateau* e o realizador ainda não tinha o texto. E lembro-me que quando o António me foi cortar o cabelo, a indicação que o realizador lhe deu foi esta: “Fala do que quiseres”. E o António, enquanto me cortava o cabelo, esteve a falar-me da Jane Fonda e da Brigitte Bardot e uma série de disparates, e eu com uma imensa vontade de rir do que ele dizia, e ele sempre sem se desmanchar. Depois a voz dele foi dobrada pelo próprio realizador.

**– Alguma vez viajaram juntos?**

- Tenho fotografias dele numa viagem a Itália, mas não foi comigo. Íamos muito, isso sim, à Costa da Caparica.

**– Dá-me a sensação que o Fernando foi, nessa altura, uma espécie de mentor.**

– Olhe que não. E explico porquê. Sabe, o desejo dele de cantar era superior a tudo e a todos. As músicas que ele compunha... aquilo era muito natural nele. E num meio em que não o levaram muito a sério. Há muitas pessoas que tiveram uma grande intimidade com ele e não falam.

**– E teatro, recorda-se da relação dele com o teatro?**

– Eu estava em início de carreira. Tinha acabado de me estrear na Comuna e ainda estava a frequentar a Escola Superior de Teatro e Cinema. Pois nós víamos tudo da altura. A Revista era muito importante. Era um teatro de resistência. Aquilo era muito engraçado. Havia duas sessões e a segunda sessão nunca começava antes das duas da manhã e acabava aí pelas seis ou sete da manhã. As figuras eram a Ivone Silva, a Aida Baptista, o José Viana, etc. E fui com o António a várias peças de Revista. Por outro lado, estavam a surgir vários grupos de teatro: a Cornucópia, a Comuna...

**– E o António nunca o foi ver a si nas peças em que entrou na altura?**

– Foi. Na primeira que já referi, na Comuna. Chamava-se *Para onde Is?*. Era um espetáculo baseado em dois autos de Gil Vicente: *Auto da Alma* e *Auto da Barca do Inferno*. E fiz também uma peça infantil, que se chamava *Feliciano e As Batatas*. Terminei o curso em 1974. Um pouco depois, fundei uma companhia que se chamava Os Cómicos.

**– Recorda-se do António o ter ido ver representar em algumas dessas peças?**

– A primeira viu de certeza. Foi em 1974. Intitulava-se *As Cuecas da Vida Heroica da Burguesia* e foi a primeira encenação do Ricardo Pais em Portugal. O texto é de Carl Sternheim.

**– O António alguma vez mostrou desejo de ser ator?**

– Ele gostava muito da arte de representar. Mas o seu desejo de cantar era superior a tudo o resto.

– **Já agora o que é que achou da voz dele quando a ouviu pela primeira vez?**

– Gostava e gosto muito da voz dele. Sempre gostei.

– **Qual era a primeira impressão que o António causava a quem o conhecia?**

– A primeira coisa que prendia no António é que ele era muito boa pessoa. Ele era uma pessoa extraordinária, era educadíssimo. Não fazia uma desfeita a ninguém, era incapaz de fazer uma maldade a alguém. Foi isto que me fez ser amigo dele.

– **Alguma vez foram assistir a algum concerto juntos?**

– Que eu me recorde não. Até porque não havia concertos; quando muito só de música clássica. A própria Amália só deu o primeiro concerto em Portugal em 1983 ou 87...

– **Ela era considerada um bocadinho um ícone do Estado Novo?**

– Bom, quando vinha cá alguma figura política estrangeira ela era convidada para cantar para eles, nas embaixadas ou assim. E, julgo que era por isso que era considerada um ícone do regime. Eu não estou nada de acordo com essa visão. Ela aparecia às vezes na noite do fado e cantava meia dúzia de temas, mas concertos em Portugal fez três e o primeiro nos anos 80.

– **E António em relação à Amália?**

– Ele queria conhecê-la. Pessoas que até teriam hipóteses de os apresentar achavam que aquilo era um disparate. Ele adorava a voz dela. A Amália sempre foi muito polémica e sempre dividiu opiniões. Havia aqueles que achavam que ela devia cantar Camões, outros que pensavam que ela não podia cantá-lo, havia os que achavam que ela não deveria cantar marchas populares, outros precisamente o oposto, enfim. O António gostava de todas estas facetas; gostava de tudo. Gostava da voz dela como intérprete. Ele também talvez gostasse da Simone, não tenho a certeza. Ela frequentava o Ayer que pertencia ao namorado do António, o Fernando Ataíde. Ou melhor, ela era cliente do Vítor Hugo, um grande amigo



do António, que é uma das pessoas que não fala acerca do António. Por nada de especial, apenas porque isso o magoa muito. O Fernando Ataíde era como um irmão para ele.

**– Mas o António não era fadista, ou era?**

– Não, mas se formos aos discos dele, por exemplo, “Que Pena seres Vigarista” e “Quem Feio Ama”, que estão coladas no disco, aquilo é Amália. Aquilo é alguém que está a ouvir Amália e a compor ao mesmo tempo.

**– Quando o viu no Trumps e no Rock Rendez Vous o que é que achou?**

– Era muito diferente das coisas que ele gravou. Eram coisas muito mais experimentais. Eram canções muito longas.

**– Então ele tinha um lado experimentalista?**

– Tinha. Sobretudo depois de ter estado na Holanda. Aí perdi o contacto quase diário que tinha com ele. Fui aos espetáculos, encontrava-o esporadicamente, mas não já não convivia com ele no dia-a-dia.

**– Portanto, isso significa que ele na Holanda foi buscar referências? Ele teve um namorado holandês, o Jelle Balder.**

– Sim. Para ele foi descobrir o mundo. Nós vivíamos aqui prisioneiros e saloios sem sabermos nada; nem notícias tínhamos do estrangeiro. A maior parte das notícias eram cortadas.

**– Não acha que quando ele aparece com esse experimentalismo e uma imagem chocante foi também uma forma de ele assumir a homossexualidade?**

– Sim. Ele sempre esteve à vontade com a sua homossexualidade. Era à frente de toda a gente; estava muito à vontade com isso. Era-lhe indiferente o que as pessoas pensassem. Ele não era nada efeminado. Claro, depois assumiu um guarda-roupa e pintou a barba às cores, décadas antes das pessoas o começarem a fazer. Havia amigos dele que achavam que as pessoas deviam ser mais comedidas. Mas ele não. Estava completamente nas tintas para o que os outros pensavam. Ele queria cantar, viver e ser feliz *tout court*! Não pedia muito mais à vida.

– **No entanto tem aquela frase em que diz que gostaria de ficar na história, nem que fosse numa parede de casa de banho.**

– Quando ele diz isso, não me parece que fosse no sentido de ficar na história como os políticos e os estadistas. Não, era mais no sentido “Eu quero fazer coisas, eu quero cantar a minha música”- isso sim! Queria que o deixassem afirmar-se como cantor. E era também muito bom barbeiro!

– **Isso é outra das coisas que ele assume completamente. Aparece nas fotografias com as tesouras. Não sei se haveria algum preconceito de classe...**

– Então não havia! Cabeleireiros de homem não havia. E ele quando abriu não disse que era cabeleireiro, mas antes barbeiro com as clássicas cadeiras de barbeiro, as máquinas, etc.

**- Não se lembra de ele alguma vez ter falado do Fernando Pessoa?**

– Não, não me lembro. Mas lembro-me que ele lia muita poesia portuguesa e que me pediu alguns livros de poesia emprestados.

– **Quais?**

– Já não me lembro em concreto quais, mas lembro-me de eu lhe ter dado obras do David Mourão Ferreira e do O’Neill, um bocadinho por via da Amália. Mas isso ele também lá estava a chegar sozinho, a descobrir a poesia. Eu não tive, aliás nenhuma importância, a não ser a importância que os amigos têm para os amigos.

– **Ele nunca lhe perguntou como era ser ator, como é que se deveria estar em frente ao público?**

– Sim. Falámos muito sobre isso. Eu estava na Escola Superior de Teatro e Cinema e fazia muitos exercícios, por exemplo, de respiração e isso interessava-lhe. Ele, por outro lado, andava a aprender ioga e ensinava-me a mim as formas de respirar do ioga. Aliás, na época não era nada comum alguém praticar ioga. Eu lembro-me dos nossos amigos se rirem de nós na praia por estarmos a fazer exercícios de respiração. Ele ensinava-me uns, eu ensinava-lhe outros. Sim, trocávamos experiências sobre estas coisas. Éramos dois miúdos que estavam em processo de aprendizagem.

– **Ele alguma vez indagou acerca das técnicas de estar em palco?**

– Sim, não me recordo das conversas em concreto, mas sei que falávamos muito sobre esses temas. Tínhamos em comum o gosto pelo teatro e cinema, se calhar, mais do que o grupo de amigos a que pertencíamos. E falávamos muito disso. É provável que gostasse das coisas que eu também gostava na altura. Sei lá, a Laura Alves, por exemplo...

– **Lembra-se dos cantores internacionais que o António gostava?**

– Não. Lembro-me que, aí por volta de 71, eu estava muito influenciado pelos autores franceses: a Slyvie Vartan, o Adamo, a Juliette Greco, Léo Ferré, Barbara Brodi, etc. Depois passei uma fase com a MBP, o Chico Buarque, o Gilberto Gil, entre outros. E é provável que o António os escutasse, ou que estivesse a par deles, sobretudo o Chico, pois eram cá muito populares. Desde os anos 60 que a música brasileira da altura passava muito na rádio, inclusive naqueles programas mais populares que as donas de casa ouviam. O Henrique Mendes era um grande entusiasta da MBP. Foi através dum programa, chamado Clube das Donas de Casa, que eu fiquei a conhecer bem a Elis Regina, o Caetano Veloso, o Vinícius e o Tom Jobim, etc. É natural que tenhamos trocado impressões sobre estas coisas. E já estava a começar a invasão da música anglo-saxónica: os Stones, os Beatles, os Doors, e tudo isso.

– **Chegou a ver os discos pessoais dele?**

– Sim. Adorava mexer nos discos dele. Lembro-me dum disco que ele tinha da Amália que era pouco conhecido; um disco dela a cantar marchas. O António era cioso da sua coleção de discos. Quando estava a viver com o Fernando Ataíde fazia questão de ter a sua coleção separada da do Fernando.

– **Lembra-se da posição religiosa dele?**

– A única coisa que sei é que não era praticante. Não me parecia, aliás, nada angustiado. O António pareceu-me sempre muito bem resolvido.

– **Qual era a primeira impressão que o António causava?**

– Era muito simpático e gentil para toda a gente. E, embora ele próprio dissesse que não, era muito bonito! Toda a gente que convivia com ele gostava dele.

– **Acha que ele se enquadrava na mentalidade geral do país ou não?**

– Não, ele era fora, fora. Achava isto tudo, tal como isto era, com o cinzentismo, uma chatice. Nos meios que frequentávamos havia uma grande sofreguidão de novidade. Aliás, com o marcelismo, estávamos todos convencidos de que iria haver uma mudança drástica, só não sabíamos quando, mas sentíamos todos que estava para breve Mas não estávamos engajados politicamente. Não eramos filiados em nenhum partido.

– **Sabe dizer-me se ele estava mais virado para a esquerda, direita ou centro?**

– Naquela altura, pré-revolução, simpatizava com a esquerda, com a oposição ao regime. Depois, não sei.

– **Parece-me que havia nele um desejo de transcendência, não sei se estou certo...**

– Sim, sim. Um desejo grande... muito grande. E também eu não o acompanhei nas experiências com drogas, na Holanda, com os ácidos e isso tudo.

– **Como assim?**

– Nós aqui não passámos de fumar uns charrinhos.

– **Que ele também fumou?**

– Não lhe garanto. Eu fumei. E suponho que ele também.

– **Importa-se de ser mais específico?**

– Se ele não experimentou, viveu com pessoas que experimentaram, frequentou o meio, sabia o que era.

– **Mas o que é que se passou na Holanda?**

– Eu sei que na Holanda ele experimentou tudo e mais alguma coisa. Agora, se foi um ácido, se foi ter ido para a cama com dez pessoas ao mesmo tempo, não sei... Sei que experimentou a vida que não era a vida que se vivia em Portugal, e isso foi um grande abanão nele. E, de certo modo, não o transformou porque ele já era assim, mas que lhe abriu muitas janelas, se quisermos. Eu conheci um português, o Lúcio, que entretanto também faleceu, que esteve com o António na Holanda.

## **ENTREVISTA A JÚLIO ISIDRO**

**Júlio Isidro, uma das figuras históricas da televisão portuguesa, desempenhou um papel importante na carreira de Variações, pois, deu-o, pela primeira vez a conhecer ao grande público, em maio de 1981, nos programas da sua autoria, *A Febre de Sábado de Manhã* e *O Passeio dos Alegres*. Nesta altura, o cantor ainda não tinha editado nenhum trabalho e apresentava-se com o seu grupo: António & Variações (deve ler-se: António e Variações). A entrevista realizou-se, no dia 22 de junho de 2017, no Cineteatro de Estarreja, onde Júlio Isidro foi apresentar a sua autobiografia *O Programa Segue Dentro de Momentos*.**

**– Quando o António Variações lhe entregou a maquete com as canções “Toma o Comprimido” e “Não me Consumas”, e sendo ele, na altura, praticamente um desconhecido, gostaria de perguntar-lhe – sabemos que gostou das canções e daí o ter convidado para ir atuar no *Passeio dos Alegres* – mas, para além de ter gostado, o que é que achou das canções, nessa primeira audição, e em que contexto musical é que o incluía?**

– A sensação que eu tive é que não estava em contexto nenhum. O que eu achei é que havia ali uma originalidade muito grande, havia ali a mensagem duma música moderna muito, mas muito inspirada em raízes de música portuguesa, o que era uma coisa curiosa, depois porque até pela pronúncia dele...

**– Desculpe interromper, mas já nessas primeiríssimas canções encontrou nele raízes portuguesas?**

– Sim, sim, logo nessas duas primeiras. Encontrei pela sonoridade dele e particularmente pela sonoridade da própria voz porque ele era um homem da província e isso notava-se perfeitamente. Ele era um minhoto. E achei outra coisa, estávamos na presença dum cantautor que era muito mais autor do que cantor - naquela altura claramente, mas não era isso que me preocupava. Não estava na presença dum grande intérprete, no sentido da grande voz, pelo contrário. Mas estava na presença de alguém que trazia uma mensagem duma grande originalidade, nomeadamente nas palavras, porque a “Toma o Comprimido” tinha um contexto, mas a outra era também contra as drogas. Portanto, achei que as palavras eram muito interessantes e que estávamos na presença de um compositor que

ainda por cima era *naif* porque não tinha conhecimentos musicais e daí eu sentir que estava ali uma certa pureza, digamos, entre aspas, “folclórica”. Não havia ali nenhum folclore, mas havia, digamos, uma originalidade vinda da terra. Era isso. E depois porque sempre tive a percepção que era preciso dar oportunidade a quem trazia coisas novas, mesmo que fossem discutíveis e discutidas – e foram muito. Ele não foi bem aceite. Não vale a pena dizer que foi, porque não foi. Também não foi isso que me preocupou. E foi ele que ganhou depois o público, mas aí o papel já não foi meu.

**– Eu gostaria que esmiuçasse um pouco mais essa questão, pois sobre ela existem várias perspectivas. Nos dias a seguir à aparição dele quais foram as reações? Houve controvérsia, não houve? Diz que ele depois conquista o público, mas nessa altura, se calhar, houve uma reação de choque.**

– Aliás, a prova disso é que ele tinha material entregue, já há uns anos antes, na Valentim de Carvalho e estava em banho-maria. Portanto, a própria Valentim de Carvalho teria com certeza dúvidas sobre como editar “aquilo”. Quando digo “aquilo” significa dizer qualquer coisa de muito diferente. E depois também a circunstância de ele ter aparecido com uma determinada encenação. Os portugueses têm uma grande tendência para reagirem, são reacionários, nesse sentido, de reagirem à mudança ou à originalidade e muitos devem ter ficado apenas pelos *smarties*, mas aquilo era muito mais do que os *smarties*. Ele vestia-se numa forma exótica, muito mais do que qualquer cantor da época. Depois tinha uma noção de *showbusiness* diferente dos outros. Não estava ali apenas para mimar, de alguma maneira, grupos de *rock* estrangeiros: trazia uma mensagem completamente original.

**– Qual era então, no seu entender, essa mensagem?**

– A mensagem dele era a universalidade dele. Ele tinha estado por outras paragens. Ele fazia uma ponte algo estranha entre a província-província de Portugal e as capitais mundiais. Era isso que ele tinha vivido, não deixando de ser quem era na origem: um português de raiz. E é evidente que apareceu com aquela mensagem visual e uma voz estranha, completamente fora de todos os trâmites. Eu lembro-me de ter ouvido, passado pouco tempo, um músico, daqueles que escrevem música, dizer que ele era um “desenquadrado musical”. Nunca mais me esqueci dessa expressão!

**– Quem era esse músico?**

– Não vou identificar... Era desenquadrado porque realmente quando iam fazer as orquestrações das músicas dele aquilo não tinha quadratura, aquilo não se encaixava nos trâmites habituais duma composição: a determinada altura tinha mais compassos do que tinha noutra parte, etc. Mas não era isso, quer dizer, aliás, toda a gente tem direito a compor música duma outra maneira. E, portanto, até nesse aspeto ele, no meio musical, deve ter sido olhado apenas como algo de excêntrico.

– **E quando é que julga que ele terá feito o *crossover* de público?**

– Eu acho que ele nunca deixou de ser excêntrico e as pessoas nunca deixaram de achar que ele era excêntrico. Começaram é a fazer uma coisa; é que as pessoas repetem refrães, o povo repete refrães. E ele, mais do que refrães, tinha *slogans*: os refrães dele eram *slogans*, “É p’ra Amanhã”, etc. Até nisso ele teve essa perceção. Foi a malta nova, sem dúvida nenhuma, que foi capaz de o aceitar. E depois porque o seu comportamento social, embora fosse um homem extremamente discreto na forma como se conduzia, falava baixinho, era até tímido, mas era um homem que estava, que vivia na *fast lane* e a prova disso é que morreu por causa da *fast lane*. E, portanto, eu creio que até esse enquadramento exótico, até do seu comportamento, das suas opções sociais, criaram uma mística à volta dele. E a prova de que criaram uma mística à volta dele é que ele está na linha de outros nomes do *showbusiness* mundial que foram levados deste mundo cedo demais – ou, se calhar, não!, pois, se calhar, morreram no tempo certo. Estou a falar do James Dean ou da Marilyn Monroe.

– **Como é que viu a evolução dele ao longo do tempo em que pôde seguir-lhe, de perto, os passos artísticos. Notou alguma evolução ou ele aparece já definido e pouco muda?**

– Claro que há uma evolução! E há um mercado... O mercado é que o foi fazendo; “espera aí, isto resulta!”. Aquele objeto artístico, a pessoa e a música, depois o mercado percebeu que isto resulta, e, portanto, começou a ser solicitado para fazer tudo e mais alguma coisa e transformou-se em herói. Ou transformaram-no em herói. Eu nunca fui íntimo dele, a não ser sob o ponto de vista profissional, mas os nossos contactos pessoais sempre me revelaram uma pessoa curiosamente num contraste extraordinário entre o *low profile* e a grande exibição, o grande exibicionismo exterior. Mas ele vestia-se daquela maneira e estava ao nosso lado como se estivesse de fato cinzento e gravata às riscas. Era com uma



grande naturalidade que ele assumia a excentricidade porque tinha uma estética. Além de tudo o mais, há que pensar que ele tinha uma estética.

– **Na sua opinião, qual era a estética dele?**

– Eu penso que a estética dele era sobretudo um modernismo saudosista. Um modernismo de regresso ao passado. Ele era obviamente, para o nosso tempo, avançado, mas se nós fôssemos vê-lo... Ele era um homem, sob o ponto de vista visual, que se vestia, por exemplo, com muitos apontamentos de roupa tradicional portuguesa e transformava isso em modernidade. Vi-o imensas vezes de capote à alentejano.

– **Quando lhe foi entregar a maquete, com um cajado na mão...**

– Sim, mas não só, também de jaleca, de traje de toureiros, chapéu à Mazantino, ou aqueles lenços que ele usava, os coletes, etc. Tudo isso eram referências da tradição cultural portuguesa que ele utilizava como modernidade, daí eu dizer isso, que era uma modernidade feita de tradição, ou de elementos tradicionais, para ser mais correto.

– **Alguma vez, por exemplo, nas conversas de bastidores, ele falou dos gostos pessoais dele em termos de arte: livros, música, cinema, etc? À medida que tenho aprofundado o meu estudo acerca dele dá-me a sensação que ele era uma pessoa lida e culta. Não sei se estou certo ou não...**

– Não está errado. Eu penso que ele não era um homem de cultura livresca- não creio que o fosse - mas era um homem de cultura do mundo. Teria com certeza as suas preferências e os seus gostos ao nível da escrita; nunca falámos sobre isso. Porque até a forma como ele escrevia não podia ser mais simples. Até mesmo na própria escrita aquilo saía complicado porque provavelmente ele não era muito ágil nas palavras. Há muitas coisas nas letras dele, que se falássemos também dum poeta tradicional, diria que estão desenquadradas, não têm quadratura.

– **Talvez ele conhecesse muitos poetas de elevada qualidade, por exemplo, através da obra da Amália, da qual ele era profundamente conhecedor.**

– Eu ia falar-lhe desse caso. Ora bem, eu sabia que havia alguém que para ele representava tudo e mais alguma coisa porque o primeiro trabalho dele é mesmo uma homenagem à Amália e depois também a “Voz-Amália-de-Nós”.

– **Surpreendeu-o a versão que ele resolveu fazer do “Povo que Lavas no Rio”, ou foi ao encontro daquilo que o Júlio esperaria dele?**

– Não, não... Fiquei muito surpreendido, embora ele tivesse dito que gostava muito da Amália, mas primeiro aparece com o “Toma o Comprimido” e só depois aparece com uma coisa dedicada à Amália. Repare, quer dizer, da mesma maneira que meto no mesmo compartimento em termos musicais o António Variações ou um clássico qualquer que ele, hoje em dia, também já é um clássico por razões óbvias, também em termos poéticos sou igualmente aberto, sou suficientemente aberto. Quer dizer, aquilo que ele escrevia era poesia, para mim, muito boa. O que eu comecei por dizer antes é que, sob o ponto de vista clássico e de exame meramente académico, “O que é isto?”, pois está tudo fora do alinhamento. Mas felizmente nós temos grandes poetas que romperam com tudo isso, também temos direito a esse facto. Por exemplo, o “Voz-Amália-de-Nós”, na qual canta “Todos nós temos Amália na Voz”, é um grande desarrincanço, lá está, é quase um *slogan*, é quase uma frase que podia ficar num cartaz sobre a Amália.

– **Inventou os *memes* antes do tempo... Sabe-me dizer como é que ele era visto pelos colegas. Por exemplo, sabemos que, na altura, e usando até a terminologia da época, o fado era considerado “foleiro”, e ele tinha uma visão distinta desta, portanto, como é que os outros o percecionavam?**

– Como sabe, essa questão do fado ser considerado foleiro prendia-se com razões de carácter histórico. Vivíamos num tempo histórico em que muitos senhores, ou alguns senhores, entraram pelas portas dentro da Emissora Nacional e partiram os discos de fado porque o fado era reacionário. A Amália fugiu. Fugiu no sentido em que foi desprezada e até saiu. E saiu – e isto é um aparte – porque tinha contrato. Não emigrou. E depois houve fadistas que aderiram à revolução à pressa. Houve outros que já tinham alguma tradição revolucionária ou de esquerda, por exemplo, o Fernando Farinha. Portanto, gostar do fado naquela altura era considerado muito reacionário, o que era a maior injustiça para o fado. Portanto, quando aparece um fulano que trabalha o fado – porque o que ele fez não são

fados – ou, pelo menos, trabalha uma diva do fado, daquela maneira, eu não sei como é que os outros reagiram porque nós vivemos num país onde a inveja é a palavra de ordem. E, portanto, é natural que ele tenha provocado “Quem é este que é desafinado?” porque há muitas coisas em que ele está, para não ir mais longe, semi-tonado, percebe?...

– **Como, por exemplo, o Bob Dylan.**

– O que não há problema nenhum. Eu como estou na origem em Portugal do lançamento dos primeiros discos do Dylan, aquilo também me arranhava o ouvido, depois passado algum tempo o Dylan era um caso à parte e depois é que vinham os outros. No caso do António Variações é exatamente a mesma coisa: há o António Variações e depois há os outros. Nunca mais ninguém foi capaz de o imitar, daí eu dizer que ele se transformou num clássico. Não sei como é que ele se dava com os outros, mas tenho a sensação que era respeitado, ou, pelo menos, aceite. Quer dizer, “É outra coisa, não canta aquilo que a gente canta”; é evidente que, nessa altura, havia uma segmentação muito maior do que há agora ao nível dos vários géneros musicais. Agora já é vulgar vermos o concerto do “fulano de tal” que convida pessoas que não são propriamente da mesma área musical para cantarem ou colaborarem. Por razões comerciais ou não, começamos a ser muito mais democráticos.

– **Julga então que ele, pelas posições que assumia, porventura, se sentiria um pouco desconfortável?**

– Eu não sei. Mas tenho a sensação de que ele era duma segurança extrema. É o que aparentava. Não conheço nenhum estudo sobre o perfil psicológico dele. Teria as suas angústias como todos os criadores têm, mas, tivesse ou não angústias, tivesse ou não inseguranças, sempre fez aquilo que quis fazer. E isso já é suficientemente importante para eu poder dizer que nisso ele era seguro. “Dizem mal, dizem bem, dizem que vou vestido à palhaço, que eu desafino, mas eu faço estas canções, não faço outras”. Agora estarmos a fazer uma previsão, ou termos uma visão do que teria sido se ele tivesse continuado vivo!...

– **Estou a lembrar-me do que disse há pouco acerca das tais luminárias que nos costumam deixar cedo.**

– Pois, pois. Ainda bem. Assim, ficou cristalizado naquilo que de melhor nós poderíamos esperar dele. Faltam muitos álbuns, e sei, por exemplo, que há muita obra dele ainda por escutar. Não é a arca do Pessoa, mas há muita coisa inédita. Há muita coisa composta por ele diretamente para o gravador e que extravasa muito o disco dos Humanos pois tem muitos mais faixas. Mas não sei mais pormenores.

– **Acha que quando ele grava o *Dar & Receber* já tinha a noção do fim próximo ou não? E em que é que isso terá influenciado a feitura desse álbum?**

– Eu tenho a impressão de que ele tinha a percepção de que alguma coisa se iria passar na vida dele, ou seja no final da vida dele. A última atuação dele em vida é no meu programa “A Festa é Festa”, em que ele vai de pijama. Ele era para ir estreiar dois temas do *Dar & Receber*, mas não os estreou e cantou dois temas mais antigos. Aliás, ele tinha faltado ao programa quinze dias antes. O programa tinha quatro horas de duração e, a determinada altura, disseram-me, ele não vem porque está doente. E veio quinze dias depois porque era uma pessoa de palavra e apareceu e disse só que estava constipado. Portanto, eu penso que o *Dar & Receber* é, pelo menos, a percepção de que ele próprio não está bem. E ele não estreou o *Dar & Receber* no programa pela mesma razão.

– **Qual julga que era a visão dele do país, até a nível político, num sentido lato?**

– Ideologicamente, nunca o situei. Ou se quiser a ideologia, para mim, está muito para além do exercício apenas da política (e ainda bem). Eu penso que ele era sobretudo um homem que gostava muito de Portugal. E, sobretudo também, gostava de defender os valores da portugalidade – sem ser patrioteira – mas da portugalidade das nossas raízes, das nossas tradições, dos nossos valores.

– **Mas virado para o futuro?**

– Era óbvio. Porque ele tinha uma visão do mundo – hoje em dia é mais vulgar a rapaziada começar a viajar muito cedo – mas, mesmo no tempo dele, não era comum alguém ter uma visão tão internacionalista, e eu até diria ecuménica, do mundo. Portanto, eu penso que ele era um homem que gostava de Portugal e teria provavelmente um sonho para Portugal relacionado com a defesa dos nossos valores tradicionais, sem que isso represente nada de reacionarismo, muito pelo contrário. Quer dizer, pisou terras onde ninguém tinha vergonha

de ser francês ou inglês, e ele deve ter percebido que aqui em Portugal, particularmente nesse altura - e é melhor nem falar do agora - nós nos vendemos, desde o vocabulário até aos hábitos comportamentais, ao que vem lá de fora com o maior orgulho e alguma desfaçatez. Mas ele não.

– **Mas também libertário, não?**

– Sim, com uma visão obviamente libertária. Se ele hoje em dia fosse vivo provavelmente estaria presente em algumas das manifestações libertárias que, de vez em quando, se fazem cá no país. Era um homem que prezava a liberdade, e prezar a liberdade nele era prezar a liberdade criativa. Criou sempre como quis: quem queria comprar aquilo comprava, quem não quisesse não comprava – comprar não no sentido de comprar o objeto, mas a arte. E a prova disso é que estive à espera que a “comprassem” até aparecer um fulano, que se chama Júlio Isidro e que se lembrou de o pôr a aparecer na televisão.

## **ENTREVISTA A LUÍS CARLOS AMARO**

Luís Carlos Amaro e o seu irmão Vasco tocaram com Variações durante alguns meses, pouquíssimo tempo depois da passagem deste pelo *Passeio dos Alegres*, e acompanharam-no na sua passagem no programa radiofónico *Meia de Rock*, em dezembro de 1981. Depois da separação musical de António Variações, formaram o grupo de música instrumental A Jovem Guarda, associado à Ama Romanta e ao Movimento da Música Moderna Portuguesa. Atualmente, Luís Carlos Amaro é um conceituado *designer* gráfico e é o autor de algumas capas de disco de músicos portugueses, como A Naifa, Tim, Xutos & Pontapés, Peste & Sida, etc. A entrevista, que se segue, foi realizada telefonicamente em 18 de abril de 2018.

– **Em que circunstâncias é que conheceu o António Variações?**

– Eu conheci o António Variações no seu cabeleireiro, que ficava na Rua de São José. Em 1980, 81, ou seja antes do lançamento dele do primeiro *single*, eu tinha ouvido num programa da Rádio Renascença, do António Duarte e do Rui Pêgo, chamado *Meia de Rock*, que, tal como o *Som da Frente* da Rádio Comercial, passava música moderna, e, numa dessas emissões foi anunciado que o António andava à procura de elementos para formar uma banda. Eu já tinha ouvido falar do António, que, nessa altura ainda não se chamava Variações, porque eu tinha um primo que o conhecia, o Pedro Lata, que trabalhou no Trumps, era estilista, trabalhou com a Ana Salazar. Ele estava envolvido nesse meio e conhecia o António, e já me tinha falado dele. Eu era novo, tinha para aí uns dezassete anos, e costumava tocar em casa com o meu irmão, de forma amadora, e acabamos por ir falar com o António ao cabeleireiro; ao Baeta, julgo eu.

– **E falaram então com ele, recorda-se dessa conversa?**

– Sim, falámos com ele e houve uma uniformidade de interesses. Ou seja, os nossos gostos musicais convergiam. Ele e nós gostávamos dos Roxy Music, dos Velvet Underground, dos Joy Division, enfim as coisas que estavam a aparecer naquela altura, e também algumas referências dos anos 70. Gostávamos das mesmas ondas musicais, havia uma partilha de interesses.

– **E depois?**

– Bem, o António gostou do contacto connosco e da troca de impressões e convidou-nos para ir a um ensaio. Ele tinha uma pessoa, um músico que tinha a casa carregada de equipamento: órgãos, guitarras... havia ali uma parafernália de instrumentos. Não me recordo do nome dele. Sei que tivemos um ou dois ensaios com ele, e o António, claro, que já ia ensaiando com esse músico. Mas não correram muito bem!

– **Porquê?**

– Por um lado, havia dois níveis diferentes. Nós éramos amadores, estávamos a começar. Eu tinha comprado um baixo há pouco tempo. O meu irmão nem sequer tinha guitarra elétrica. Nesses ensaios, o meu irmão usou uma guitarra desse tal músico. O que aconteceu foi que esse músico não queria trabalhar connosco. Talvez porque nós fôssemos amadores e também porque ele tinha um registo musical mais ligado ao *rock* sinfónico e as nossas referências eram evidentemente outras. A verdade é que o António, talvez por se identificar mais connosco, preferiu ficar comigo e com o meu irmão em detrimento desse músico.

– **O António cantava em Português ou Inglês?**

– Pelo que eu me recordo, ele cantava sempre em português.

– **Como é que ele vos apresentava as canções?**

– Trauteava as melodias, eventualmente a acompanhar estalando os dedos para nos dar a noção de tempo e ritmo. Isto depois desses dois ensaios, pois neles, julgo que tentamos acompanhar coisas que ele já teria ensaiado com esse tal músico.

– **E a seguir?**

– O meu irmão comprou uma guitarra elétrica. E começamos a ensaiar na casa do António, que era um segundo andar na Rua Bernardim Ribeiro, perto da Judiária. E ele comprou uma bateria. E nós arranjamos um baterista. Não é que fossemos grandes músicos; não éramos. Mas estávamos muito empenhados, cheios de vontade. E, portanto, ensaiamos lá em casa dele, durante vários meses. Lembro-me, por exemplo, de tocarmos o “É p’rá Amanhã”, que tocávamos num registo *reggae*. Também o “Estou Além”, “O Povo que lavas no Rio”... Enfim, nós tocávamos os temas que ele ia criando. Ele cantava e nós



íamos acompanhando. Íamos criando o ambiente sonoro para a voz dele. E depois íamos desenvolvendo ao longo dos ensaios. Mais tarde, integramos também um órgão que comprámos.

– **Alguma vez tocaram ao vivo com ele?**

– Ao vivo nunca chegámos a tocar. Mas tocámos com ele no tal programa de rádio, o *Meia de Rock*, do António Duarte e do Rui Pêgo. Eles apoiaram-no bastante. E nós gravámos, salve o erro, o “Anjo da Guarda”, o “É P’rá Amanhã” e julgo que o “O corpo é que paga”. O programa quis fazer a gravação de um dos ensaios e então foram lá à casa dele e gravaram; fizeram uma transmissão em direto lá da casa do António. Gravaram três ou quatro temas que nós estávamos a ensaiar com ele. Portanto, essa foi a única vez em que tocámos fora do âmbito dos ensaios que fazíamos com ele.

– **Mais tarde, julgo eu, começa o Nuno Rodrigues, A & R, à época da Valentim de Carvalho, a assistir aos ensaios, certo?**

– Provavelmente... não tenho a certeza, mas é provável. Eu tenho ideia que foi lá alguém a assistir a um ou outro ensaio. Nós gravávamos os ensaios e o António também, portanto, também pode ter acontecido que alguém da editora tivesse ouvido essas cassetes. Isto, nos meses que antecederam o lançamento do primeiro *single* dele.

– **Qual é a sua memória da casa dele?**

– Era uma casa excêntrica; era o suprassumo do *kitsch*. Havia lá coisas que me pareciam do Bordalo Pinheiro e coisas desse género. Girava muito em torno desse imaginário.

– **Vocês quando tocaram com ele tinham algum nome?**

– Não. Como nunca chegamos a tocar ao vivo, nunca houve essa preocupação de batizar o que fazíamos.

– **Ele alguma vez vos falou daquela questão do “Entre Nova Iorque e a Sé de Braga”, ou seja alguma vez falou do seu gosto mais popular e fadístico?**

– Que eu me lembre não. As nossas conversas eram mais sobre as bandas que quer ele, quer nós gostávamos. Lembro-me dele uma vez ter falado da Amália e deu para perceber a

forma como ele a venerava. Mas de resto, é como digo, falávamos da música moderna que todos gostávamos. Não me lembro de referências ao Minho, por exemplo.

– **Como é que vocês souberam que ele ia gravar um *single*?**

– Ele disse-nos. Disse-nos que a Valentim ia gravar um *single* com ele, mas ia gravar com outros músicos. Nós também tínhamos consciência de que o patamar onde nós estávamos e o patamar a que ele aspirava era algo que provavelmente nós não conseguiríamos acompanhar. Para nós ir para a Valentim de Carvalho gravar um *single* era um sonho, para ele era uma realidade que estava ali ao virar da esquina. Era algo pelo qual ele lutava há anos. Portanto, houve um sentimento contraditório. Por um lado, muito contentes por ele finalmente iniciar uma carreira, por outro, pena de não ter sido connosco. Mas, na altura, tínhamos consciência que tínhamos que evoluir enquanto músicos. Estávamos a começar, tínhamos dezassete anos!

– **O que achou do resultado sonoro desse *single*? Era muito diferente do que vocês faziam com ele ou não?**

– Achei mais apurado. Houve coisas que se acrescentaram ali... Ele ainda nos convidou para irmos ver como é que as coisas estavam a correr. E nós fomos ali ao estúdio, em Paço de Arcos, e lembro-me de estarmos a ouvir o “Estou Além”, que ele estava a gravar, e, de repente, ouviu-se um som de saxofone, e depois em conversa comentamos isso como algo de muito positivo, que era uma maravilha. Dissemos-lhe que fazia lembrar o Andy Mackey dos Roxy Music, que eram uma das nossas referências. E ele ficou todo contente. Ele ali estava rodeado de músicos profissionais que criaram um ambiente sonoro que correu muito bem, que foi bastante feliz. O “Povo que Lavas no Rio” que era até um risco para a Valentim e ficou lindamente.

– **Já agora, sentiu que havia nesses temas algumas referências ao lado popular dele?**

– Sim, parece-me que, quer num tema, quer no outro, havia ali esse *mix*, essas referências a um lado mais tradicional. O “Povo que Lavas no Rio” era fado, não é? E o “Estou Além” também tinha alguns apontamentos nesse sentido. Nós quando tocamos com ele não tínhamos essas referências. Como já disse, as nossas referências eram maioritariamente estrangeiras.

– **Alguma vez chegaram a ir com ele assistir a algum concerto?**

- Não me lembro. Também é preciso ver que o António trabalhava no dia a seguir aos ensaios. Muitas vezes, depois dos ensaios íamos ao Trumps, mas o António ia para casa mais cedo que nós.

– **Ele alguma vez teve experiências com drogas?**

– Na fase em que convivemos, não. Nem sequer álcool! Era *clean*.

– **Lembra-se de terem falado de cinema?**

– Havia alguma iconografia que para ele fazia sentido: coisas como a Marilyn ou o Marlon Brando. Aliás, a única vez que eu tenho memória de ter tido uma “discussão” com ele foi em relação à Marilyn. Lembro-me de ter comentado que não achava a Marilyn uma grande atriz e ele ter ficado chocado com o meu comentário. E disse que ela era fantástica. Ele tinha essas referências do cinema clássico, o que, na verdade, fazia todo o sentido nele, pois jogava com o *kitsch*. Eram referências também muito plásticas, icónicas.

– **E a nível de religião, recorda-se da posição do António?**

– Se era religioso não era propriamente praticante. Mas não me lembro de termos falado em temas desses.

– **E a nível político entendido num sentido lato? Até a forma de se vestir não sei se não teria um lado interventivo...**

– Havia algum sentido de choque na forma como se vestia. Nesse aspeto, ele destacava-se, tal como outras pessoas que andavam por Lisboa por essa altura. Pessoas que acabavam por frequentar os mesmos sítios: o Frágil, o Trumps, etc. Havia ali um grupo de pessoas assim. Por exemplo, o Ruby, que até era amigo dele. E o António fazia parte desse universo. Agora em concreto a nível político, não me recordo.

– **Vocês voltaram a encontrar-se com ele?**

– É possível que eu tenha passado no cabeleireiro dele mais uma vez ou outra, de todo o modo, houve um afastamento natural.

– **Qual era a sua impressão pessoal do António?**

– Pareceu-me sempre uma boa pessoa. De bom trato, simpático. Também era obstinado com aquilo que queria. Ele era cabeleireiro, mas ele gostava da música. E gostava da música duma forma completa. Ou seja, não apenas a música em si, mas também associada ao comportamento e à roupa e à excentricidade e, às vezes, à própria provocação. O que era muito curioso porque quando se falava com ele parecia normal, não tinha ares de vedeta. Era um músico que também gostava de cortar cabelos e gostava de falar com as pessoas enquanto estava a cortar cabelos. Se calhar, quando começamos a tocar com ele, dados as referências comuns virem do estrangeiro, nós nunca pegámos nesse lado tradicional, e, se calhar, deveríamos tê-lo feito...

– **Mas ele alguma vez vos falou disso ou vos pediu para tocarem nesse sentido?**

– Não. Do ponto de vista dele, isso nunca nos pareceu que isso fosse essencial. Isso, porventura, estava lá presente, mas aparecia de forma natural, não era colocado de modo perentório ou “vamos fazer assim”, não... Aparecia enquadrado no que estávamos a fazer na altura.

## **ENTREVISTA A TERESA COUTO PINTO**

**Teresa Couto Pinto foi a segunda *manager* de António Variações, entre outubro de 1983 e o final da vida do cantor. Ela era uma das figuras da *movida* lisboeta; era conhecida por Teresa Punk, devido ao seu cabelo rapado e à sua indumentária. Em breve publicará uma fotobiografia do cantor. A entrevista foi realizada telefonicamente em 13 de abril de 2018.**

**– Recorda-se quais eram os gostos musicais do António?**

– O António gostava de tudo, desde o pimba até ao *punk rock*.

**– Pode dar exemplos?**

– Ele tanto gostava do Vasco Rafael, que era um cantor pimba da época, que cantava um fado popular, como gostava do David Bowie. Aliás, o António não tinha problemas nenhuns em atuar, por exemplo, com a Ana, que era uma cantora popular. Ele tanto atuava em feiras e romarias como na Aula Magna, não tinha complexos desses.

**– Já agora, sabe-me dizer se o concerto dele com a Amália era para ser apenas um concerto dele e que a ida da Amália aconteceu a pedido dele, ou foi ao contrário? É que já ouvi as duas versões.**

– Não lhe sei dizer. Não sou a pessoa mais indicada para lhe responder a isso.

**– Então em relação aos gostos musicais dele, sabe dizer-me alguns nomes que ele apreciava?**

– Já lhe disse. Mas posso acrescentar o Brian Eno, os Kraftwerk... ele também gostava muito de música de dança, do *disco sound*. Eu tenho uma canção do António, traduzida pela mão dele para Inglês.

**– E música portuguesa? Já falou no Vasco Rafael, recorda-se de outros nomes?**

– Sim. Ele apreciava a voz da Né Ladeiras e da Lena d'Água.

**– Está a dizer-me que ele gostava de tudo, desde o pimba até ao *punk*. E de que é que ele não gostava?**

– Com a exceção do Ney Matogrosso – o António achava-lhe graça – ele não gostava da música Brasileira. Não era apreciador dos nomes da MPB, de resto, acho que gostava de tudo.

– **Lembra-se de alguns concertos a que o António tenha ido assistir?**

– O António assistiu a muitos concertos, e eu foi com ele a alguns. À Nina Hagen, por exemplo, de quem ele também gostava.

– **O António experimentou drogas?**

– Eu sim! Era *punk*, fumava uns charros. Ele não: era *clean*. Repare, ele fazia piscina todos os dias...

– **Portanto, ele andava nas discotecas até às tantas, no meio de pessoas que consumiam e, no entanto...**

– Há uma coisa: o António era *gay*, completamente *gay*. Mas era assumidíssimo, não o escondia de ninguém.

– **Em relação à religião, alguma vez falaram sobre isso?**

– Ele tinha uma série de Nossas-Senhoras em casa, mas não era nada católico. Tinha os pés bem assentes sobre a terra.

– **E em relação às origens dele?**

– Ele tinha muito orgulho nas raízes dele.

## **ENTREVISTA A PEDRO AYRES MAGALHÃES**



**Entrevista realizada telefonicamente, em 18 de maio de 2018, a Pedro Ayres Magalhães, um dos mais relevantes músicos da música moderna portuguesa. Foi o mentor, compositor e letrista dos Faíscas, Corpo Diplomático, Heróis do Mar, Madreus, Resistência e Banda Cósmica. Foi um dos produtores do último LP de originais de António Variações, *Dar & Receber*, mas, como veremos, já conhecia Variações muito antes deste gravar e se tornar conhecido.**

**– Se calhar, podíamos começar pelos Corpo Diplomático...**

– Veja, sobre o disco do António Variações estamos a falar duma coisa que eu fiz há quase quarenta anos! O *Música Moderna* dos Corpo Diplomático foi feito há quarenta e um anos! Ninguém lhe ligou nenhuma. Os músicos que há agora são os mesmos que havia nessa altura: o Fernando Tordo, o Carlos do Carmo, o José Mário Branco, o Sérgio Godinho, etc., e *menina não entra*, compreende?... Era o Paulo de Carvalho, o Carlos Mendes, o Tozé Brito, etc. Era como o Clube do Bolinha! Mas enfim, o *Música Moderna* foi feito por putos, que éramos nós, mas era um disco já muito evoluído e com muito humor. Sociologicamente foi um grande achado.

**– Muito bem tocado...**

– Musicalmente era moderno, daí o título. Nós tínhamos, à época, referências contemporâneas de vanguarda. Mas o Corpo Diplomático durou apenas seis meses. O *Rock em Stock* passou o disco duas ou três vezes. Lançámos o disco, mas não o podíamos tocar. Os Faíscas tocaram mais vezes que os Corpo Diplomático. Nós conseguimos meter os Faíscas, que eram uma banda *punk*, numa agência de artistas ligeiros. O tipo gostou de nós. O António Sérgio apresentou-nos a ele. E ele fazia concertos com os artistas ligeiros da época. Havia muitas festas, sobretudo no norte, e ele lá nos arranjava concertos; em convívios e organizações de estudantes que queriam ouvir *rock*. Lá tocavam os Roxigénio, os Arte & Ofício, que para nós era música reacionária, mas, nós fazíamos a primeira parte dos concertos deles. Às vezes, não nos pagavam, mas nós queríamos divertir-nos; tínhamos dezoito anos. Gravámos na Editora A Nova; o catálogo que tinha era o Paulo de Carvalho, o Fernando Tordo, Cantar Abril e mais não sei quê... E o António Sérgio estava lá. Na altura, ele tinha o *Rotação*, na Rádio Renascença. Ele, como gostou de

nós, gravou-nos. Mas na altura, só havia os UHF, os Aqui d'el Rock e os Faíscas. E nós íamos ao programa levar-lhe as nossas maquetes. Havia uma vontade de mudar as coisas porque o ambiente era contra a guitarra elétrica. Repare: o ambiente em Portugal, nessa altura, era contra a guitarra elétrica, os amplificadores, contra a Coca-Cola porque era um símbolo do imperialismo. A ideia destas pessoas era tocar apenas com uma viola acústica, o mínimo de recursos. Também não havia fado, pois eram contra ele. Foi uma altura difícil e o António Sérgio, depois do final dos Faíscas, continuou a apoiar-nos. Nós começamos então o Corpo Diplomático e começamos à procura dum cantor. Nos Faíscas quem cantava era eu e Paulo Pedro Gonçalves, que não éramos propriamente cantores, éramos instrumentistas e havia a necessidade dum cantor de raiz. Durante um ano trabalhámos nas canções e depois começamos à procura dum cantor, e nas audições quem é que aparece?...

**– O António Variações!**

– Exatamente. Mas já conhecíamos o Variações daqui de Lisboa. Ou melhor, quem o conhecia era o Paulo Pedro Gonçalves. Eu tinha dezoito anos e ele tinha vinte e quatro e já tinha filhos. Trabalhava em roupa e em moda. Também não havia lojas de roupa em Lisboa, nem boutiques nem nada... Havia só a Claudine Battesti, que tinha uma boutique chamada Delfieu, na Praça do Chile, que trazia roupa de França. Ela tinha um clube, na Rua Infante Santo, que se chamava Zodíaco. Era numa cave e lá tocavam bandas *freaks*, ligadas aos *hippies*, que havia duas ou três: o Pedro Mestre, bandas da linha de Cascais, enfim. Os Faíscas também tocaram lá. E conhecemos o Variações nesse clube. Ele tinha vindo da Holanda, era barbeiro e tinha um cabeleireiro unissexo, que ficava na Rua de São José, uma transversal da Avenida da Liberdade. Ele tinha aquela barbearia, mas tinha empregados; não estava sempre lá. Era um tipo boémio. Aparecia à noite, vestia-se de forma bizarra, um sapato de cada cor, dançava. Fazia parte duma comunidade lisboeta. As pessoas iam ao Zodíaco, depois iam a uma festa na casa de alguém...

**– Quando diz boémio, refere-se concretamente a quê?**

– Uma pessoa que sai à noite, que é popular, que gosta de fazer amigos. Mas foi aí que o conhecemos e ele disse-nos que cantava. Depois foi às audições do Corpo Diplomático, mas ele não tinha educação musical. Portanto, ele cantava as músicas que sabia; as outras não conseguia aprender. Era pouco versátil.

– **Mas o que é que ele cantou?**

– Acho que foi uns *standards* que nós tocámos, mas deu para perceber que ele era pouco maleável e que seria difícil aprender as nossas músicas. Portanto, ele não ficou, ficou o Carlos Gonçalves. E depois lá conseguimos fazer as músicas. Havia um espírito comunitário; na altura era assim. As canções tinham de ser aprovadas por todos os elementos da banda. Não era um tipo fazer as músicas e os outros tocarem. Não era nada disso, era uma linguagem comunitária, dividida.

– **A capa do *Música Moderna* foi feita na barbearia dele ou não?**

– A capa não. A capa é do MRPP ou da Associação de Amizade com a China, enfim, qualquer coisa desse género. Nós andámos à procura de cartazes desses. A sessão de fotografias que nós fizemos, que, aliás, foi a única, é que foi feita na barbearia do António. As fotografias nossas que aparecem na contracapa foram fotografadas lá. Só que estão cortadas e sobrepostas a uma fotografia do Paulo Nozolino, que é uma criação plástica dele com um busto com gravata e um ferro; e as fotografias foram postas numa daquelas árvores de metal que são usadas para isso mesmo, para se colocar lá fotografias. Foi essa a inspiração. Mas existe uma foto em que estamos nós os seis; essa foi também na barbearia dele. Isto foi em 1979.

– **Chegou alguma vez a vê-lo tocar com alguma banda dele?**

– Ele tinha uma banda, que não era a banda dele, era uma banda de baile que tocava com ele. Eu vi-o atuar uma vez no Trumps, em 1979 ou 1980. Ele apareceu no Júlio Isidro com essa banda. Ele gravou umas músicas com essa banda de baile, o “Toma o Comprimido”, e foi um amigo nosso, o Dino, que apareceu vestido de comprimido no programa do Júlio Isidro. Tinha essa música e mais outras com essa banda, que eram uns amigos dele, e com quem ele fazia umas *performances* e tocava sempre que podia.

– **E o que é que o Pedro achou na altura?**

– Os concertos dele eram como se fossem um *happening*. Era como se fosse uma instalação cultural, uma *happening-pop*. Aquilo veio do final dos anos sessenta, setenta. Ele figurava como *performer*, como performista.

– **Não sei se o facto de os Génesis terem atuado em Cascais terá tido alguma influência nisso...**

– Mas isso foi em 1975. Eu também fui; tinha catorze anos. Nós estamos a falar do final da década de setenta. Ele era como um *performer*, que era uma coisa que havia na época. A Laurie Anderson é um exemplo do que ele gostava de fazer; essa linha norte-americana do sujeito bizarro, do chocante, como também o David Byrne nos Talking Heads. É o *crooner*. E o António gostava de fazer isso; de se vestir de certa maneira, de chocar, o humor, a provocação de teor sexual, a questão do género, enfim, tudo isso era a bagagem dele... a alegria, o *disco*, ele gostava imenso de dançar. Tinha essa cultura do disco, do final dos anos setenta, de Amesterdão e Nova Iorque. Queria ser um *deleter*. Mudava de onda, de ideias, todas as semanas. Fazia um fato para um espetáculo, ia tocar a outro sítio fazia outro, e a música. Levava aquilo muito a peito. Era um espetáculo de grupo burlesco.

– **E depois voltaram a encontrar-se quando?**

– Os Corpo Diplomático lançam o disco em 1979. No verão de 1980, demos um concerto nos Alunos de Apolo, e isto para que se perceba que ele fazia parte dum grupo de pessoas que havia na altura. Na Lisboa dessa época, a gente frequentava-se mutuamente. A roupa do Corpo Diplomático era da Ana Salazar, ela patrocinou-nos. Depois o Carlos Barroco, em 1979, organizou os 25 anos do *Rock´Roll* onde se estrearam os Xutos & Pontapés, que eram nossos amigos. E o Variações tinha lá uma cadeira de barbeiro e cortava o cabelo à *Rock´n´Roll* a quem quisesse: era um *happening* dele. Julgo que isto tenha sido em Janeiro de 1980. Depois, no final de 80, início de 1981, nós quisemos fazer outra banda, com outros arranjos. O Emanuel Ramalho, o Carlos Gonçalves, o cantor, e o Rui Freire saem porque aquilo não dava trabalho nenhum. O Carlos Maria Trindade, eu e o Paulo Pedro Gonçalves voltamos à carga, fizemos umas maquetes, já estávamos mais evoluídos e o Tozé Almeida, que era o baterista dos Tantra, ouve esse projeto e quer vir tocar connosco, o que para nós foi uma coisa fantástica. Depois este quarteto desenvolve o conceito dos Heróis do Mar e trabalha nas canções do primeiro álbum. Voltámos a fazer audições para vocalista, ouvimos muitos, até que encontrámos o Rui Pregal da Cunha. E o disco saiu em novembro de 1981. Na altura eu andava na Universidade, estava nos Heróis do Mar, fazia trinta por uma linha... Portanto, em 1982, gravámos o “Amor”, depois em janeiro, fevereiro, de 1983, gravámos o segundo álbum, “Mãe”. E eu lembro-me de estarmos a

apresentar músicas desse álbum, com as roupas dos Heróis do Mar, em Sintra, no Baile das Camélias, que é típico de Sintra, e o Variações apareceu no concerto. E ele estava lá na plateia e ninguém o largava. Toda a gente lhe queria mexer e tocar na barba e puxavam-lhe a roupa e ele ria-se. Ele adorava aquilo, e eu fiquei impressionadíssimo porque nós eramos todos um bocadinho *snoobs*, revolucionários, politizados, *blasé*, um bocadinho agressivos, ativistas, e foi a primeira vez que eu vi uma pessoa que, por natureza, é popular, que adora ser artista, que dá autógrafos a toda a gente. Mulher, homens e crianças, ninguém o largava. E nós a tocamos e aquilo a passar-se à nossa frente e nunca mais acabava. Acabámos de tocar e continuou tudo atrás do Variações. Fiquei impressionada com o carinho que ele tinha. Era uma pessoa narcísica, gostava que gostassem dele. E era simpático, era dado. E ele veio ver o concerto para falar comigo para fazer o disco dele, pois, tinha ficado muito impressionado connosco, com as roupas, a música, etc. E falou-se nessa hipótese e combinou-se falar nisto à Valentim de Carvalho. Mas eu, como disse, já o conhecia, mais ou menos, desde 79, desde o tempo dos Faíscas. Não eramos, digamos assim, da mesma esfera, mas cruzámo-nos muitas vezes; eu vi um concerto dele no Trumps. Os Heróis, nessa altura, tinham muita popularidade e ele adorava aquilo: o “Amor”, a música de dança, o *disco*... Nós tocávamos bem. E ele ficou impressionado com essa *mix* que nós fazíamos do *funk*, do *disco*, etc. Ele estava bastante entusiasmado para que eu fizesse música daquela para ele. E foi assim que começou a nossa colaboração com ele.

– **Já agora, o Pedro é citado na biografia da autoria da Manuela Gonzaga como tendo dito que o disco anterior dele, *Anjo da Guarda*, é um disco mau, com um som provinciano, confirma?**

– Eu não conheço bem esse disco... em termos profissionais, eu lembro-me de achar que os sons, os arranjos, a caixa de ritmos, enfim, pareceu-me, assim, tudo um bocado à balda. Era pobre. Não está à altura. Mesmo que queiram enquadrar a estreia do Variações num baile popular isso vem na decorrência daquela banda com que ele tocava que era uma banda de bar, com aqueles solos de sintetizador e uns ritmos manhosos e quem veio fazer isso... Quem é que veio a fazer isso afinal?

– **A produção é do Moz Carrapa da Salada de Frutas e participaram músicos dos GNR.**

– Então e o Ricardo Camacho?

– **O Camacho participou no primeiro *maxi*, mas saiu a meio. Quem acabou por produzir esse disco foi o Nuno Rodrigues e o Moz Carrapa com a participação de músicos dos Salada de Frutas.**

– O Nuno Rodrigues era o A & R da Valentim. Mas também não são as pessoas o que aqui importa. Enfim, ouviram o Variações tocar com uma banda de bar e acharam piada ... Os Salada de Frutas eram quem tinha melhores instrumentos, melhor estúdio, pelo menos aqui em Lisboa; no Porto também havia assim umas autoridades. Os Saladas de Frutas tinham um *fairlight*, um baterista inglês, o estúdio Namouche... Os Salada de Frutas não eram só os Salada de Frutas. Tocaram em quase todos os *singles* que se fizeram nessa altura, *you name it*: na Lara Li, na Gabriela Shaaf, para além de anúncios de publicidade, etc. Era uma fábrica. Foram os músicos que a editora arranjou, o Variações não os escolheu. O Nuno Rodrigues é que disse: “vamos lá fazer um disco com uns amigos meus”. Isso, mais tarde, criou problemas ao Variações porque os músicos que tocaram ao vivo com ele já não foram esses e as músicas, claro, não era tocadas exatamente da mesma maneira, nem pouco mais ou menos. Enfim, decidiram fazer um disco pimba com bons músicos. Mas não há nada a fazer. Essas canções ainda são as que o António Variações vestiu e marcaram a imagem dele, porque as canções do *Dar & Receber*, com a exceção da “Canção de Engate”, popularizada pelos Delfins, ninguém ligou nenhuma àquilo. Eu fui-lhe mostrar o disco ao leito da morte.

– **Não será tanto assim. A “Canção de Engate” é a canção portuguesa com o maior número de versões feitas por outros músicos. E o *Dar & Receber* é muito bem considerado pela massa crítica.**

– Pois! Mas não podemos comparar a popularidade e o *airplay* do *Anjo da Guarda* com o do *Dar & Receber*. E a “Canção de Engate” tocou muito, mas foi na versão dos Delfins, não a do Variações. Agora, as outras canções, a “Dar e Receber”, a “Que Pena Seres Vigarista”, a canção que ele fez para a mãe, a que se baseou num poema do Pessoa, que ele adorava, e outras, que são autênticas obras-primas de estúdio, a “Erva Daninha”, com um grande som, excelentes arranjos... mas ele nunca chegou a encarnar essas canções e nunca tiveram destaque em termos de rádio. Ficaram-se pelas primeiras músicas, o “É P’ra

Amanhã”, etc. É como o “Amor” e a “Paixão” em relação aos Heróis do Mar: as outras cinquenta são para esquecer...

– **O falecimento inesperado dele teve aí um papel muito grande, julgo eu...**

– Sim, claro! É isso que eu estou a dizer... Esses discos com os Salada de Frutas, tudo mais ou menos, com uns sons esquisitos, são aqueles tipos a quererem fazer um som tipo banda de bar.

– **E vocês? Qual foi a vossa abordagem ao material dele?**

– Nós quisemos fazer uma sonoridade daquela época, uma criação da nossa época; não era uma coisa *retro*, revivalista. Os outros discos, esses sim, são revivalistas, enquanto o *Dar & Receber* não: tem o melhor som que nós sabíamos fazer. Aliás, convidamos o Paulino Vieira – convidei eu, que o conceito do disco é meu – para termos um som luso-africano, um som luso-tropicalista, africanizado, que o António também gostava. Naquela altura, havia um clube cabo-verdiano em Lisboa, que era a Voz de Cabo Verde, havia a Lontra. Havia dois ou três clubes africanos, e havia as discotecas, o Trumps, o Rock House, e não havia mais nada! Portanto, nós, quando saíamos à noite, íamos ao Rock House, ao Trumps, à Lontra e depois à Voz de Cabo Verde. No dia a seguir a mesma coisa, em ordem inversa. Com isto quero eu dizer que gostávamos de música africana; as pessoas que queriam ser a vanguarda da música *pop* em Lisboa gostavam de música africana e tocavam-na. Nós tocávamo-la; tivemos bateristas cabo-verdianos no Corpo Diplomático.

– **E o Variações?**

– Ele também gostava e, por isso, adorou logo essa ideia. Era o mundo de Lisboa da época. Ainda hoje é, mas ainda ninguém fez... na verdade, esse disco é o disco mais mestiço que já se fez em Portugal, acho eu. Ainda ninguém fez um disco mais mestiço que o *Dar & Receber*... às vezes, cantam-se umas mornas e assim, mas isso é música Cabo-Verdiana, não é música branca. O *Dar & Receber* não: é música branca com o *input* do Paulino e com os ritmos que nós decidimos com ele, com o Paulino.

– **Qual foi verdadeiramente o papel do Paulino?**

– Ele tocou em todas as faixas. Havia dois guitarritas: o Paulo Pedro Gonçalves e ele.

– **E esse conceito de fusão foi partilhado pelo Variações?**

– Claro. Ele adorou trabalhar connosco por causa da plasticidade das músicas.

– **Como é que foi o processo musical do disco com ele?**

– Ele não sabia escrever música, mas há muitos cantores assim: tratava-se dum álbum de autor porque ele é que era o autor. Portanto, eu fui a casa dele. Ele mostrou-me os papéis com as letras das canções já feitas. Ele já tinha decidido quais eram as canções que queria pôr neste disco, que eram aquelas que ele achava que fazem mais sentido na altura. Queria pôr a da mãe, a do Fernando Pessoa... O Fernando Pessoa, aliás, na altura era tabu, não é como agora!

– **Como assim?**

– O Fernando Pessoa era logo ligado ao Estado Novo. O Fernando Pessoa só começou a ser popular quando os direitos entraram em domínio público e qualquer editor, em qualquer parte do mundo, o pôde editar. Antes disso, era um programa intelectual discutível porque só tinha editado a *Mensagem*, que era um livro patriótico, e o opúsculo dele sobre o Sidónio Pais. Por isso, era alguém ligado ao antigo regime. Mas note, o Fernando Pessoa era para nós uma das nossas referências, digamos assim, revolucionárias, especialmente a *Mensagem*, mas também outras coisas que ele escreveu. E nós debatíamos isso entre nós nos Heróis do Mar. Nós quisemos procurar uma temática para a banda, para o trabalho duma banda que inovasse e que ensinasse alguma coisa. E criamos um *pathos*, estudámos a História de Portugal; estudámos a obra de alguns historiadores, alguns episódios históricos, algumas polémicas. E o Fernando Pessoa e os poetas da saudade, o Teixeira de Pascoaes, etc., tudo isso começou, para nós, nessa altura. Por isso, quando o Variações se virou para mim e disse “Musiquei um poema do Fernando Pessoa”, para mim, que maravilha!

– **E como é que foi o processo de concretização das canções dele?**

– Como já disse, não havia partitura. Ele sentava-se ao meu lado a cantar; eu tentava perceber musicalmente o que é que ele estava a fazer. Tentava arranjar umas cadências para acompanhar a melodia dele. Gravava uma cassette. Fiz isto em todas as canções. E depois ensinei essas canções do Variações aos outros. Começamos então a ter soluções



rítmicas, de arranjos, etc. Era a maneira como trabalhávamos nos Heróis do Mar. Mas houve um momento em que eu tive que decifrar as canções do Variações e perceber o que é que ele queria porque ele também tinha partes instrumentais imaginadas, que ele cantava. Por exemplo, na “Erva Daninha”, há uma parte tocada em teclas que era assim: lá,lá, lá, ri, lá, ri, lá (trauteia). E ele cantava isto; tinha uma introdução imaginada para a canção e eu tinha de criar uma cadência harmónica para essa parte. As canções dele eram baseadas na letra, onde ele caprichava, depois inventava uma melodia para a letra, um tempo para a melodia, enfim, o que aparece no disco foi ele que fez. A parte harmónica e os ritmos é que não. Nós dávamos-lhe ideias: “Olha, esta vamos fazer género fado, aqui vamos pôr guitarra portuguesa”, que era, aliás, outro tabu. Não havia guitarra portuguesa em lado nenhum; isso era do “antigamente”. E pusemos também a Eugénia Lima, que era acordeonista.

– **Em que canções é que ela participou?**

– Foi em duas ou três, já não me recordo bem. Na “Deolinda de Jesus” foi uma delas de certeza e julgo que na “Olhar Para Trás”.

– **E o Fontes Rocha é na “Canção”...**

– ... E na “Que Pena Seres Vigarista”.

– **Tenho a sensação que as canções foram pensadas para serem diferentes entre elas, que cada uma delas tem um estilo diferente. Não sei se estou certo...**

– As canções tinham um carácter diferente porque foram feitas por ele assim e os Heróis do Mar eram um grupo muito versátil. As canções apareceram e nós encontrámos nelas um carácter diferente.

– **Mas isso foi falado também com ele ou partiu de vocês?**

– Nós fazíamos as *demos* e mostrávamos-lhas, ele gostava, depois gravávamos tudo outra vez melhor. Depois ele punha as vozes. Foi tudo rápido. Eu estava, aliás, aqui a ver... eu passei esses dias inteiros fechado no estúdio, mas, afinal, não foram muitos: de 6 a 25 de fevereiro. Em vinte dias o disco foi gravado e misturado.

– **Já agora, porque é que a “Cara Sem Fronteiras” não apareceu no alinhamento final do disco?**

– Na altura, não achamos que estivesse impecável em termos sonoros. A voz dele não estava impecável. Era o nosso alto critério. Estava rouca.

– **E há mais canções inéditas dessas sessões que tenham ficado de fora?**

– Eu acho que é só essa, mas não tenho a certeza absoluta. Já não me lembro. Eu costumo deixar sempre uma canção ou duas de fora. Mas não sei se foi esse o caso...

– **E, portanto, em relação a “Cara Sem Fronteiras” era a voz dele que não estava bem?**

– Ele estava impecável, fazia culturismo e era vegetariano, enfim, transbordava energia. Quando chegou a vez de gravar as vozes, passámos lá bastante tempo, e ele cantou tudo, e, às tantas, ficou constipado, ficou doente, com tosse. Já tinha gravado as vozes todas, mas, essa, por exemplo, ainda não tinha a voz definitiva e era suposto fazer-se outro *take* para ficar melhor. Depois ele desapareceu. Nós começámos a misturar o disco. À época, as misturas eram muito trabalhosas; ainda não havia computadores. E ele não estava lá nas misturas. Ainda aconteceu um episódio lamentável. Estava eu nas misturas, e ardeu a minha casa. Por causa disso, eu tive de pedir ao Carlos Maria Trindade para me ir substituir nas misturas. O Variações ficou doente e nunca mais apareceu. Um mês depois, estava no Hospital da CUF. Começaram-nos a dizer que ele estava doente e era grave, era uma bronquite... Portanto, demos graças a Deus por termos conseguido gravar as canções. Entretanto, eu fui para Inglaterra fazer um disco com uma banda inglesa para a Fundação Atlântica, por isso, é que a assinatura que aparece no texto da contracapa não é a minha: é alguém a fazer-se passar por mim, com o meu consentimento. O texto é meu e a ideia de assinar por baixo também é minha; só que eu não estava cá e então teve de ser outra pessoa a manuscreever o meu nome, que foi a secretária do Nuno Rodrigues!

– **Depois, foram-lhe mostrar o disco ao Hospital, não foi?**

– Sim, e foi um choque vê-lo assim. Ele morreu dois ou três dias depois. O que eu escrevi no texto da contracapa é inteiramente verdade. Ele era muito boa pessoa. Era mais velho do que eu, e eu não tinha intimidade com ele, mas ele era tão boa pessoa e tão interessado... Era uma pessoa aberta! Hoje em dia não há muitas pessoas assim... Aquilo foi uma época a que nós pertencemos. Estava tudo em jogo, tudo em aberto. E realmente

ele era uma pessoa aberta, generosa e também modesta. Tinha muito respeito por nós. E ouvia o nosso trabalho no estúdio e ficava todo contente de ver o nosso empenho. Era muito estimulante a presença dele. Os artistas são muito caprichosos; fazem umas caras, mandam umas ondas, ou metem-se no que não sabem. Não era o caso dele. Era uma pessoa inteligente e afetuosa. Ele estava genuinamente contente de estarmos ali a fazer aquele disco para ele. E isso entusiasmava-nos. Achávamos que estávamos a dar uma grande imagem dele, que estávamos a sublimar o trabalho dele. Estávamos na época do vídeo. Aqui em Lisboa ainda não havia. Era muito caro, era em 16 milímetros. Mas nós já víamos os vídeos todos das bandas da *new-wave*. Nós tínhamos muito essa ligação da música à imagem. E as letras dele têm muito esse ambiente; a imagem dele a cantar. E isso, com o falecimento dele, não se conseguiu fazer. Mas julgo que se ele tivesse protagonizado o disco, isso teria criado um grande *pathos*.

– **Mas é um disco histórico...**

– Pois será, não sei... sei que é um disco que se ouve muito pouco. Mas também há imensos discos bons que se ouvem pouco em Portugal porque isto é um país de gente rica, não é? Aqui só se gosta das grandes produções de Hollywood... Tudo o que seja mais modesto, já não se gosta, já não é tão bom! Portanto, o disco que ele protagonizou, em que fez vídeos para o *Vivá a Música*, esse tornou-se popular. É esta a minha explicação. E ainda hoje o passam. As rádios quando se lembram de passar música do Variações tem ligação a esse primeiro trabalho dele e ao nosso não têm. Eu não me estou a lamentar, isto é sociologia: o *Dar & Receber* é, de facto, menos popular.

– **Será que ele não teria a noção de que poderia morrer em breve e, por isso, apostou precisamente num disco completamente diferente?**

– Ele não tinha a mínima ideia, nem ele, nem ninguém.

– **Até porque ele optou, julgo eu, por canções que fugiam ao género das do *Anjo da Guarda*. Ele tinha músicas que deixou inéditas nessa linha: “Maria Albertina”, “Muda de Vida”, mas ele optou por escolher outras para o *Dar & Receber*...**

– Ele não está cá para explicar porquê, mas o que eu posso garantir é que a mim ele não me deu a escolher. Ele deu-me apenas aquelas dez ou onze canções porque eram aquelas que

ele queria fazer naquela época. Não era aquele disco, o disco oferecemo-lo nós, quer dizer: surpreendemo-lo. Mas ele é que escolheu as canções que queria que nós trabalhássemos. Ele gostava dos Heróis do Mar, mas não estava dentro da nossa cabeça, nem nós sabíamos que disco é que íamos fazer. O disco cresceu com o nosso empenho e a participação dele.

– **Porque é que acha que ele vos escolheu?**

– Os Heróis do Mar, nessa altura, destacavam-se das outras bandas, pelo som, pelos arranjos, pelo *look*. Cantávamos em coro, não íamos de *t-shirt* e calças de ganga para o palco. Ele percebeu perfeitamente a nossa mensagem. E, como já disse, gostava do *funk*, do *disco*, do *rock-disco-funk*, que era o que a gente fazia. E quanto à questão que levantou é altamente discutível...

– **Qual questão?**

– Quando referiu as músicas que ele deixou inéditas e que estavam em cassetes. É muito discutível porque ele não deixou nada escrito, nem teve tempo, em que dissesse: “vão lá às minhas cassetes e publiquem as músicas que estão lá”. E já cá não estava para liderar o processo. Portanto, o que fizeram depois, os Humanos, é um projeto da editora. Não se pode associar isso ao António Variações. Eu fui ouvindo aqui e ali os esforços que foram feitos para rentabilizar a carreira dum mito que é muito estimado e popular; há muito *revival* há volta dele. E como é que eles fizeram? A primeira coisa foi darem a um *DJ* para fazer remisturas. Só que a mim não me perguntaram nada, só que, claro, é ilegal, mas eu nem me estou para chatear com essas aldrabices. Foram para o estúdio, misturam o disco em que eu fui produtor, enfim, com a bateria altíssima e mais não sei o quê... para mim, o resultado é inaudível. Eles fizeram isso porque o catálogo é deles e podem fazê-lo, podiam é ter maneiras, mas não têm! E quanto às canções da caixa de sapatos é, mais ou menos, a mesma coisa. É mercado livre e, portanto, alguém se elevou à categoria de juiz e foi lá às cassetes... não sei lá que conversas tiveram para chamarem àquilo os discos dos inéditos do Variações. É a mesma coisa que virem cá as minhas sobrinhas, daqui a uns anos, e andarem a vasculhar umas cassetes e publicarem músicas que eu não editei; é altamente reprovável! É como a “Cara Sem Fronteiras”. O autor morreu, o produtor fui eu, e, agora, editam a música? Ela, na altura, não foi editada porque quem de direito achou que ela não deveria ser editada.

– **Mas esse é o ponto de vista do Pedro, que foi o produtor...**

– Eu não aprovei aquilo, e está lá o meu nome!!

– **Compreendo e dou-lhe razão. No entanto, como investigador, acho que é muito útil podermos aceder ao que está para trás para melhor compreendermos o Variações ...**

– Para isso, vá escutar o que está nas cassetes dele: isso é que está para trás. Agora, os Humanos estão para a frente... ou chegaram-se à frente (risos)!

– **Bem, voltando ao *Dar & Receber*, não houve a influência do Bowie, nomeadamente do *Let's Dance*, que foi lançado em 1983, na sonoridade do disco? Este meu raciocínio é correto ou não?**

– É um bocado exagerado porque... nós somos daquela época, não é? Gravávamos com uns certos instrumentos, tínhamos uns certos sintetizadores, tínhamos uns certos recursos de gravação que não eram iguais ao que tinha o Bowie, nem pouco mais ou menos! E, portanto, o nosso mundo era realmente o mundo daquela época. Era uma boa bateria, bem afinada, um baixo Fender, uma guitarra Gibson, um sintetizador Poli-Moon, um Jupiter 8 da Yamaha, que era o sintetizador da altura, um *clavinet* que era um cravo, um piano Fender Roahdes, congas, a caixa de ritmos era aTR-808. Tudo sons que se ouvem em discos da época, que se ouvem em discos desde 79 até 85, mais ou menos. É claro que o *Let's Dance* foi produzido pelo Nile Rodgers em Nova Iorque, quer dizer... o nosso disco não é nada parecido com esse, infelizmente! (risos). Agora que nós fazíamos música de dança, sim, procurávamos fazer. O “Dar e Receber”, o “Erva Daninha”, o “Perdi a Memória”, etc., para nós era tipo Heróis do Mar. Os Heróis do Mar eram um grupo lisboeta a tentar fazer uma música do nosso tempo, do tempo daquela altura... não é do nosso tempo em Portugal, mas da Europa inteira, e dos Estado Unidos. Aliás, nós fomos reconhecidos lá fora...

– **Eu sei. Foram considerados o melhor grupo europeu pela revista inglesa *The Face*.**

– Sim, em 82, 83, fomos reconhecidos como a melhor banda da Europa continental... com o melhor som, o melhor conceito de banda... havia os Queen em Inglaterra... e nós procurávamos isso. Por isso, encontra-se no nosso som muita coisa: os Clash, os Talking Heads, encontra-se os Devo, encontra-se o Bowie, sim, mas talvez mais o do *Heroes*. Nós

procurávamos fazer com os recursos que tínhamos o som que ouvíamos no *Darkness in The Edge of Town* do Springsteen, enfim, dos discos marcantes desse tempo. Mas também outras bandas, os Earth, Wind and Fire, os Commodores; nós adorávamos esse som.

**– E em relação à portugalidade, à questão da identidade nacional? Faça esta pergunta porque me parece que os Heróis do Mar e o Variações tinham, nesse aspeto, algo em comum.**

– Isso é um projeto de vida, é o meu projeto de vida! Começou realmente aí. Eu era muito jovem, mas nunca abandonei esse projeto de criar algo que tenha um efeito civilizacional, um olhar português sobre a música *pop* do mundo. E desse olhar português, a primeira preocupação é criar melodias em português, criar textos em português, recorrer à música do mundo português, que é o luso-tropicalismo, que é um conceito que para algumas pessoas é reacionário e imperialista, colonialista, mas, de facto,... agora chamam-lhe Lisboa Mestiça... não é a nossa influência cultural em África e no Brasil, não senhor: são as nossas origens culturais – a nossa linguagem reconhecida é mais essa do que outras. E, nesse sentido, penso que criei novidades. Que é essa a obrigação dum artista: criar novidades das possíveis e ligadas à sua comunidade, em homenagem à sua comunidade. Agora, o Variações não discutia isso; é evidente que ele era minhoto e gostava do vinho verde e das saias das minhotas e das festas populares. Nós hoje vivemos numa época em que parece que todo esse sonho se realizou. Naquela altura, não havia sequer vinho engarrafado, nem queijos, nem enchidos com origem conhecida, não havia o *marketing* das nossas coisas. E hoje, graças a Deus, uma pessoa não tem estômago para provar tudo o que há à nossa disposição e isso está certo! Esse enraizamento, esse comércio, esse *trade* dos produtos nacionais não é uma manobra narcisista ou imperialista, é o que é natural, que é dar valor ao que é nosso. E é isso que eu presumi muito cedo. Quando me pus a ombros esta tarefa, que foi de certa forma hercúlea, de viver dignamente a fazer música original, eu tinha essa imaginação e o Variações também tinha, que era de viajar com a música. Vocês não se podem esquecer, quando olharem para essa época, que é uma coisa que hoje as pessoas já não têm, mas nós, naquela altura, fruto da contracultura, do movimento *hippie*, das comunidades alternativas, do ativismo político, nós queríamos ter uma banda e não parar em cidade nenhuma. O nosso sonho era ter uma banda, fazer concertos inesquecíveis e mudar de cidade. Ter carrinhas, ter bons instrumentos e mudar de cidade, como os

Grateful Dead, como Bob Marley... todos esses tocaram menos do que eu. Eu tomei balanço e depois vi-me à rasca para parar. Mas essa ideia de viajar, e em vez de ser escravo da música anglo-saxónica, em vez de ser empregado numa indústria como algumas pessoas aqui eram, não tenho nada contra, mas eram empregados da indústria da música ligeira ou da indústria da publicidade, ou eram empregados da orquestra ligeira, como músicos eram empregados: isso era uma coisa que não me passava pela cabeça e ao Variações também não! De certa forma, o nosso sonho era ter essa vida de músicos itinerantes, mas a cantar uma música portuguesa, uma música da nossa terra, e como ela não existia tinha de se inventar...

– **Então não existia para trás música Portuguesa?**

–... Porque a nossa ideia não era tocar fado. Nessa altura, aliás, se tocasses fado não tocavas em lado nenhum porque tudo era desprezado.

– **O Pedro, a determinada altura, afirmou que o Variações era um fadista. Mantem esta afirmação?**

– Não no sentido literal da palavra, não no sentido de ser um profissional do fado, mas antes no sentido de ter uma alma fadista. E isso existe: é a alma saudosa. É o canto saudoso. Aquele canto do Variações é o canto saudoso, por isso, o grande ídolo dele era a Amália Rodrigues que ele tentava mimetizar. Sendo um homem, queria cantar como ela. Ele tinha essa alma fadista que é a de cantar com sentimento, de sentir a alma nas palavras cantadas. A alma fadista tem outra característica que é dizermos a cantar o que não conseguimos dizer por palavras em conversa.

– **É o tal Teatro da Saudade...**

– É isso. E, portanto, essa parte do enraizamento é altamente subjetiva por ser artística e por ser pessoal. No entanto, quando me perguntam é um paradoxo porque nós achávamos que era natural que assim fosse. Mas naquela época o que nos diziam – e era verdade – é que o Português era uma língua feia, difícil de ouvir. Era verdade!

– **Mas o Pedro e outros letristas da sua geração deram a volta a isso...**

– Sim, eu tentei fazer isso e consegui nos Madredeus. Consegui, em conjunto com as outras bandas portuguesas, que foi criar uma habitação à língua cantada porque os portugueses não estavam habituados a ouvir o Português a não ser no fado ou a Madalena Inglesias, na música ligeira, que depois desprezam, o Tony de Matos, etc., que têm trabalhos fantásticos, mas as pessoas desprezam, não ligam, por causa do enquadramento teatral, do teatro da música ligeira, o Teatro da Revista, o teatro da indústria discográfica pobre que Portugal teve, a televisão pobre, as pessoas, às vezes mal vestidas, os recursos pobres e a ideia que, hoje infelizmente se volta a cultivar, das pessoas serem vedetas. Há um lugar-comum do artista-vedeta, que é pobre e, na maioria das vezes, não tem contexto. Eu não tenho nada contra vedetas, mas a vedeta é a vedeta dum teatro residente. Por exemplo, em França, as vedetas da canção têm uma ecologia: têm teatros só de música ligeira, têm músicos que escrevem para elas, existe público, vão à televisão onde há programas da canção francesa. E são muitas. A Sociedade Francesa de Autores tem muitos membros, fazem semanas da canção francesa, enfim, é todo um outro planeta! E lá, ser vedeta não é sinónimo de ser pimba, ou de trabalhar pouco, ou ser medíocre porque as pessoas são honestas, trabalhadoras, são dignas do mundo da canção. E infelizmente isso não sucede aqui. As pessoas tinham mais essa vida no antigo regime do que agora, faziam aquelas *tournées* em Angola e Moçambique e viviam disso, as companhias de teatro e Revista idem. Agora não há nada disso e, portanto, é tudo um jogo de espelhos com cartazes e a capa do disco e umas entrevistazinhas. As pessoas querem-se alcandorar ao estatuto de vedeta quando têm pouco tempo de antena e são muitas! E isto acaba por resultar no culto da personalidade: falam, mas não apresentam a sua obra. Deixam de falar da obra para falar delas próprias e nós não queremos saber delas para nada, queremos é saber da obra. E há outro problema; na época das vedetas elas eram poucas, duravam dez, vinte, trinta anos, e de cada vez que entravam na televisão milhões de pessoas as viam porque só havia um canal ou dois. Quando cantavam na Emissora Nacional, como só havia uma, milhões as ouviam. Agora não é assim! Bem se pode pôr a Rádio Amália a passar uma nova fadista que ninguém ouve a Rádio Amália. Hoje ninguém se junta à mesma hora a escutar e a ver o mesmo programa. E, portanto, era para ter essa ideia que nós tínhamos esse *pathos*. Portanto, a sua pergunta é pertinente, mas em dois sentidos diferentes. Os Heróis do Mar era esse plano duma banda itinerante, de se colocar no país outro tipo de



ideias, outro tipo de espetáculo, o de se criar como algumas companhias de teatro espanholas, a Garcia Lorca: cada disco era uma encenação.

– **Vocês sentiram algum tipo de hostilidade por parte dos vossos colegas do *boom do rock* português por causa dessa portugalidade que os Heróis do Mar ostentavam nas roupas e nas bandeiras com a Flor de Liz?**

– Do *boom* do *rock*, não, mas da música popular portuguesa, da MPT, sim! Mas agora não vamos entrar em detalhes... Quanto mais eu leio e sei, mais acho um milagre como é que os Heróis ainda conseguiram gravar cinco álbuns! Como é que a gente conseguiu pugnar, rodeados que estávamos de pessoas que desejavam a nossa desgraça!?

– **Mas as pessoas do *rock* não estavam incluídas aí, nesse fação que não gostava de vocês?**

– Não. Se, porventura, se está a referir aos GNR, aos Táxi ou aos UHF, não! Eramos todos amigos. Os outros, eu não os conhecia, só conhecia estes. E os Radar Kadhafi, os Mão Morta, os Delfins, os Xutos, como digo eramos todos amigos. Eu conhecia estas pessoas, uma por uma, desde 78, quando ainda não existiam os Heróis do Mar. Eles sabiam perfeitamente como é que nós começámos. Os Faíscas tinham tocado no Porto, em Leiria, em Canas de Senhorim, em Lisboa, nas Belas Artes. E muitos deles estavam lá. O António Manuel Ribeiro dos UHF, o Reininho, o João Grande dos Táxi, os dos Aqui d'el Rock, iam assistir aos nossos concertos. Mas voltando atrás, e para acabar de responder à pergunta anterior, o Variações é como se fosse um artista popular... Imagine, lá para o norte, aquelas Festas da Senhora da Agonia. Há aqueles tambores, e depois vêm-se pessoas a passar que vêm daqueles ranchos das aldeias, com cavaquinhos, acordeões, a tocarem as suas canções, e podemos perguntar: quem é que fez aquelas canções? Quem escreveu a letra? Lá debaixo duma árvore estão lá alguns com um acordeão a cantarem à desgarrada. E nós perguntamos: quem escreveu as melodias e as letras? Ora, umas são antigas, outras escreveu-as a própria pessoa que está a cantar. É uma pessoa que verseja. Sucede o mesmo no Alentejo onde, por exemplo, há aqueles tipos que cantam sempre em redondilhas que é quem canta que inventa o que está a cantar. O Variações não é nenhum académico, ninguém lhe liga nenhuma, ele fala ali na rua dele, mas toda a gente o conhece porque ele inventa letras, fala em versos. O Variações pensa assim, e eu também: eu não sou o Mozart

nem o Chopin, mas também tenho direito a fazer canções; não sou o Schumann, nem nenhum dos que ensinam no Conservatório, sou o Pedro Aires, toco viola e faço uns poemas e quero andar de cidade em cidade a tocar as minhas músicas. E fiz letras para músicas de outros e o contrário, até criarmos repertório para o grupo que não envergonhasse ninguém. O Variações era a mesma coisa, mas em *single*. Por isso, eu especializei-me em harmonizar a vontade das pessoas, de forma a criar arranjos que as pessoas gostem, que não sejam difíceis de modo a poderem ser tocadas todos os dias, fazer partes para os músicos que eles possam tocar todas as noites sem terem câibras nos dedos, músicas que não sejam fáceis demais, nem difíceis demais, assim uma espécie de... especializei-me em fazer música à medida, como um alfaiate. Isto foi a minha arte, e a do Variações não; trazia um papel, escrevia versos, inspirados, acho eu, cheios de sugestões, de ideias populares, provérbios, enfim, a nossa cultura, que toda a gente entende. E o sonho dele era parecido com o meu, só que ele não tinha recursos musicais e então veio ter connosco para lhe emprestarmos a nossa oficina aos versos e às melodias dele para fazer um disco, porque só ele a cantar não era um disco, não é? Note-se que, na altura, nós julgávamos que ele tinha saúde e nós iríamos tocar com ele! Julgávamos isso e ele também. Era essa a ideia. Ninguém imaginava que iria acontecer aquela fatalidade... Nessa altura, não é como é agora, nós tocávamos em média cem concertos por ano. E andávamos de norte a sul, Coimbra, Guimarães, Alcácer do Sal, etc. Eu via-me à rasca para estudar porque estava sempre a sair para os concertos. Não sei como, ainda consegui fazer 36 cadeiras!... Portanto, esse tal enraizamento é muito natural: só deixa de ser natural quando as pessoas o metem em causa e obrigam a falar mais disso do que era preciso, que foi o que me aconteceu. Por exemplo, em relação aos Madredeus diziam que tínhamos uma imagem muito sóbria, estilizada, eu ficava assim “Estes tipos estão doidos.” Então eu que para evitar que as pessoas nos concertos se fixassem nas roupas e, por isso, fomos todos de fato e gravata, para o palco... a cantora veste-se como quer, mas iremos todos de cores escuras que isso facilita a iluminação. E com os Heróis do Mar e os Corpo Diplomático a mesma coisa. Naquela altura, ninguém reparou que nós fazíamos música moderna, que nem queríamos que fosse *rock* porque o *rock* tem uma origem local, pertence a uma outra cultura, e nós nem éramos da cintura industrial de Lisboa, nós éramos aqui da Avenida de Roma, não pertencíamos à juventude operária nem pretendíamos pertencer, éramos da pequena burguesia, e, portanto, não era *rock* que nós fazíamos: era uma música elétrica.

Mas ninguém nos veio perguntar porque é que cantávamos em Português ou se éramos ou não contra os textos em Inglês. Na altura, isso não suscitou a crítica do nacionalismo. Nos Heróis do Mar, sim, já suscitou, mas nós não falávamos dos Descobrimientos nem do Vasco da Gama. Não há lá nenhuma palavra a falar de Camões: aquilo é tudo inventado. Nós inspirámo-nos na época, em todas as épocas da História de Portugal. Aliás, nós tínhamos fados que julgávamos que eram fados do futuro! Mas a mensagem não passou e eu hoje sei porquê, mas isso fica para outra entrevista...

– **Mas isso interessa-me saber porque a questão política atravessa o meu estudo...**

– Bem... Foi uma armadilha política mesmo... mas eu não posso dizer mais, eu não sou espião! A única coisa que eu posso dizer é que, mais tarde, eu vim a saber, por portas e travessas, que aquele movimento de nos empurrar para a direita e para o fascismo, pessoas progressistas como nós, foi provocado por certas pessoas, em certas reuniões, em certos comités, em que decidiram tomar-nos de ponta e porque eles não achavam... por exemplo, os Trovante eram uma banda do PCP. Noutro dia estive a ler a biografia deles, que o Manuel Faria me deu, encontrei-o, ficámos amigos, e eu fiquei de boca aberta! Aquilo é do nosso tempo, os Heróis encontraram-se várias vezes em palco com os Trovante. O que ele conta no livro é que eles tinham uma célula e eram todos dirigentes da UEC, da JC. Tinham pessoas a controlá-los que viam as letras e tinham de ir tocar por militância aqui e ali, foram aos festivais da Cortina de Ferro, e eu não sabia nada disso! Mas ao ler o livro, pensei aqui é que está... quer dizer, aqueles tipos julgaram que, como os Heróis do Mar não eram do PC para serem tão organizados e terem tanta propaganda, eram uma centena de gente como eles eram! Os tipos julgaram que os Heróis do Mar, que não eram lá da tropa deles, que deviam ser de outra!!... que devíamos estar ligados aos comandos do Jaime Neves ou ao Movimento do 25 de Novembro do Ramalho Eanes, enfim, era uma história que nunca mais acabava... Nós chegávamos a dar entrevistas que eram um verdadeiro terror! Estávamos na Rádio Comercial a dar uma entrevista ao Luís Filipe Barros... porque eu disse “Isto ou vai ou racha, porque isto é uma injustiça muito grande, vocês aí na editora marquem entrevistas porque se for preciso dizer uns disparates para a nossa música passar pois vamos a isso”, e assim foi. E aconteciam cenas destas: técnicos das rádios, cabeludos, ex-combatentes, sei lá, tipos que a gente não conhecia de lado nenhum, a porem cruces suásticas nos vidros à nossa volta! Era um ambiente de cortar à

faca... como se nos fossem bater, aquilo era demais! Radicalizou-se muito e nunca nos abandonou. E o Variações foi uma pessoa fantástica porque também não ligava nenhuma a isso. Mas esse estigma, colocado nessa altura como bandarilhas num toiro ferido, nunca nos abandonou. Ainda hoje me aparecem pessoas que ou não me falam ou viram a cara por causa dessas ideias macacas. Nunca leram um livro, nem ouviram um disco, mas pronto, adiante.

– **Mas também não haveria da vossa parte um bocadinho de provocação nesse sentido?**

– Mas que género de provocação? Uma vez fomos aí à televisão do Porto e veio alguém, assim à boca pequena, dizer-nos “Olhem, nós já falámos com a comissão de trabalhadores e vocês podem vir cá tocar, mas não podem usar as braçadeiras”, “mas quais braçadeiras?”, perguntámos nós, e ele “E as bandeiras também não podem usar”. Eram as bandeiras que se usavam nas toiradas à antiga Portuguesa. Tinham uns lobos, uns castelos ou uma Flor de Liz. Bandeiras figurativas, do teatro, como se fossem cenários. E depois nós mostrávamos as bandeiras e o tipo “Ai, são essas? Essas não têm importância”.

– **Já agora, o Pedro é monárquico, certo?**

– Sim, sou monárquico, mas não sou fidalgo! Sou monárquico no sentido poético. Sou monárquico, mas não sou correligionário do Nuno da Câmara Pereira, nem pajem do rei D. Duarte. O que eu acho é que Portugal deveria ter continuado a ser uma monarquia e devia voltar a ser uma monarquia. Porque é um país que foi, mas deixou de ser... como a França, mas entre a França e Portugal há uma grande diferença.

– **Que é qual?**

– Entre a república que a França é e a república que nós nunca fomos há uma grande diferença. A diferença é que nós não somos uma república porque não temos as instituições da república, não temos funcionários públicos e a dignidade do cidadão não está mantida. A igualdade, fraternidade, não estão mantidas, não existem. A França tem uma democracia, tem milhões de pessoas, tem direita e esquerda e depois tem o estado. E o estado é feito de funcionários que não têm nada a ver com os nossos.

– **Como assim?**

– Porque não se permitem a ser desonestos. Ou porque se controlam mutuamente ou porque são bem-educados, não sei... Portanto, há uma grande diferença entre a república francesa e a nossa. E isto para dizer que ser monárquico não é ser fascista! E quem produz versos e teatro e se diz monárquico não é para ser chamado de fascista.

– **São coisas diferentes, naturalmente.**

– Eu sou monárquico como um ideal. E olhando para a História de Portugal, não vejo razões para mandarem um tiro no rei, fugirem todos, ninguém ir a tribunal e acabar a monarquia! Qualquer pessoa fica intrigada com isso... Está bem que em França foi com a guilhotina, mas aqui nunca ninguém foi condenado por dar um tiro no rei no Terreiro do Paço. Não é por isso que deveríamos ter deixado de ser uma monarquia. A monarquia caiu porque era tida como cúmplice do rei de Inglaterra, não era considerada patriótica; daí o 5 de Outubro. A monarquia estava a deixar cair os interesses portugueses, a deixar as colónias na miséria e a república ganhou porque ia recuperar o império!

– **O Pedro nunca falou com o Variações acerca de política?**

– Não.

– **Nem de literatura?**

– Havia o tal poema do Pessoa, mas, fora isso, não. Aquilo era *Rock'n'Roll*, arte e *time*. Os interesses eram outros: era ele ter uma banda, era ele fazer música de dança e fazer uma música popular. Era isso que ele queria. Passar na rádio, fazer concertos.

– **Qual era a posição do Variações face às drogas? Tem alguma ideia acerca disso?**

– Nunca me apercebi. Comigo nunca tomou drogas nenhuma. Nunca presenciei consumo nenhum, nem nunca o vi em estado que nos pudesse levar a supor isso; nem com fármacos, nem com drogas de entretenimento. Nós bebíamos vinho e ele nem sequer vinho bebia. Ele tinha muito o culto do corpo. Tinha cuidado com a saúde e fazia ginástica, fazia culturismo, tinha os músculos trabalhados.

– **Por exemplo, erva ou charros?**

– Pelo menos naquela época, não. Passei horas com ele no estúdio e posso garantir que não.

– **E em relação à homossexualidade?**

– Ele era *gay*. Não falava nisso, mas assumia-se como *gay*; não estava dentro do armário. A vida dele era secreta. Se o Luís for estudar a cultura *gay*, que vem dos anos 60 e chega a Portugal muito depois, o chamado *gay* viril, aquilo que se pode ver em certos filmes, aqueles bares só de homens, vestidos à *motard*, todos com músculos e bigodes, e até agressivos uns para os outros. O Variações, como se pode ver nas imagens dos discos, vestia-se assim, com cabedal e correntes. Ele vestia-se dessa maneira e ia para o palco assim, dizia a toda a gente que era um desses, e depois ia passar umas temporadas a Nova Iorque e para a Holanda para desanuviar. Essa vida que se faz nesses sítios é barra pesada, não é? Havia também os Frankie Goes to Hollywood, o cantor dos Queen. Era uma cultura da época. Como é que ele se comportava nesses meios?, pois não sei... À nossa frente não tomava drogas nem bebia.

– **E em relação ao aventar-se a hipótese de ele ter morrido de Sida, o que tem o Pedro a dizer sobre isso?**

– Eu nunca soube. Ele morreu e diziam que era por causa de uma pneumonia. Na altura, ouvia-se falar de Sida, mas ainda ninguém cá tinha morrido de ela. Se ele morreu disso, terá sido dos primeiros. O Ricardo Camacho, que é médico e estava nas infecto-contagiosas do Curry e Cabral, talvez me tenha dito isso, mas isso era à boca pequena. Oficialmente, ninguém falou nisso.

– **O Expresso, imediatamente a seguir à morte dele, avançou essa hipótese com o cabeçalho “António Variações morreu de Sida?”.**

– Pois, isso é à portuguesa, levantam a hipótese, mas não afirmam nem provam... o que estavam a fazer, na altura, era mancharem a imagem dele. Até porque nunca se fez uma autópsia. Na altura, especulou-se sobre isso à portuguesa. Eu fui lá ao hospital e o que me disseram é que ele tinha uma broncopneumonia, nunca pensei que ele morresse passados dois ou três dias. Portanto, na altura nunca soubemos mais do que isso. Mais tarde, perguntei ao Ricardo Camacho e ele pode-me ter dito que sim, que era, mas, na altura, nem

sabiam ver isso. Foi uma doença debilitante e ele durou dois ou três meses. Não tinham a rotina do diagnóstico da Sida.

– **Vocês ainda foram lá mostrar-lhe o disco. Qual foi a reação dele?**

– Ele riu-se, feliz por ver o disco. Mas ele estava tão, tão fraquinho. Lembro-me perfeitamente desse momento, eu disse-lhe “Ó António, tens de comer!”. Ele estava tão magro... eu nunca tinha visto ninguém tão magro! Como é que, em dois meses, alguém pode ficar assim?! Fiquei muito impressionado. Estava lá alguém a dizer que ele não comia. Ele não comia porque não conseguia. Fazia muita impressão.

– **Vocês foram mostrar-lhe o disco. Ele chegou a ouvi-lo ou não?**

– Eu nunca soube se ele o ouviu ou não. Eu só sei que fui lá levar o disco, ele estava muito debilitado, parecia que estava a morrer, e passados dois dias morreu mesmo! Acho difícil que ele tenha ouvido o disco, pois, para isso, teriam de ter um gira-discos no quarto de hospital, o que eu me parece difícil. Viu a capa e gostou, quanto ao resto, não sei! Eu e o Carlos Maria Trindade fomos lá levar-lho para ele ver que já estava finalizado, mas estávamos longe de pensar que ele estava nas últimas. Julgávamos que ele estava doente, mas que aquilo havia de passar. Estava internado com uma coisa nos pulmões. E quando cheguei lá, ele estava esquelético. Aquela pessoa, cheia de energia, que tinha estado a gravar, há duas ou três semanas, já não existia.

– **Insisto, ele não teria nenhuma suspeita do estado dele aquando das gravações? Eu faço esta pergunta porque o vosso técnico de som, o Tó Pinheiro da Silva, afiança que lhe deu a sensação que sim, pois, a determinada altura, segundo ele próprio, ele disse ao Variações “Isso fica para o próximo disco”, e o Variações olhou cabisbaixo para o chão, dizendo “Qual próximo?”.**

– O Tó Pinheiro deve ter feito confusão. Repare: nós tínhamos planos em conjunto. Não acredito que ele soubesse que ia morrer e tivesse planos para o futuro. Queríamos tocar juntos, ele e os Heróis do Mar, como já lhe disse. E ainda fazer mais uns *takes* para o disco. Aquilo começou por ser uma gripe.

– **Portanto, ele teve a gripe ainda nas gravações, certo?**

– Espere aí! Ainda bem que continuámos a falar... Nós já tínhamos gravado as músicas quase todas, as vozes, e ele começou com tosse, estava com uma gripe e foi para casa. Portanto, ele não apareceu nas misturas a ver o que é que a gente estava a fazer. Ele tinha por hábito ir ao estúdio mesmo quando não havia nada para ele gravar porque gostava de ali estar a ouvir o que é que a gente estava a fazer, de nos ver a trabalhar. Ficava maravilhado com aquilo. Portanto, deixou de lá ir porque foi curar a gripe. Depois, passado pouquíssimo tempo, já estava internado no hospital; foi uma doença galopante.

-----

**Após o término da entrevista sobre o Variações, continuou-se a conversar um pouco, por exemplo, acerca da experiência de Pedro Ayres Magalhães nos Madredeus e nos Heróis do Mar. A seguir, transcrevo esses depoimentos, que me parecem pertinentes em relação à história da música portuguesa:**

– No caso do Madredeus, eu gravei sempre os discos com muita dificuldade, com um orçamento muito pequeno, pelo menos até determinada altura. Tive sempre muitas aventuras para conseguir gravar os discos. A cada disco lançado, tocávamos cerca de 250 concertos no mundo inteiro: em 36 países, e isto cinco vezes, cinco *tournées* dessas. E isso só se faz a sério, de outro modo teria sido impossível. Na Alemanha, Itália, França, as pessoas até julgavam que os Madredeus eram um grupo de expatriados, de portugueses que viviam lá. A cada dois anos, aparecíamos com obra nova, a tocar nos grandes teatros. Pois em Portugal, eu vi-me e desejei-me para contar esta minha extraordinária aventura, inédita na História. Eu não consegui publicar uma *tournee*! E recusei-me a comprar uma página nos jornais para pôr lá isso – mas era o que me diziam para fazer! Eu, que andava a sério, com um espírito de missão, a fazer um serviço ao “miserável” povo português, aos pobrezinhos do mundo inteiro que falam Português e que não têm proteção... já viu o que está agora a acontecer na Venezuela? Um milhão e meio de portugueses e o governo, o estado português, preocupa-se alguma coisa com isso? Dá sequer mostras de ter um salvavidas para trazer de lá nem que sejam três pessoas? Um avião da força aérea, por exemplo ...Vai lá o secretário de estado e diz “Não senti as pessoas a quererem vir embora”. Pois pudera! As pessoas não têm dinheiro para comprar um bilhete de avião!! Enfim... E a



diáspora portuguesa, milhões de pessoas trabalhadoras, umas são ricas, mas a maioria são pobres, são como nós... o mundo na sua maioria é pobre... E eu pensava que estava a fazer uma coisa que interessava à cultura portuguesa, mas não conseguia publicar nada! No *Diário de Notícias*, no *JL*, no *Público*... Eu até julgava, veja a minha inocência, que se conseguisse que os Madredeus tocassem lá fora, como os portugueses da diáspora não têm mostras de cultura nenhuma, pensei que se eu conseguisse que o meu grupo tocasse no circuito nacional de teatros desses países, os portugueses que viviam lá já poderiam ir aos nossos concertos, ver um grupo português tocar num local digno. Não consegui dar cá notícia disso. Só mais tarde é que me disseram “Toda a gente sabe que os Madredeus são bem-sucedidos no estrangeiro. Isso não é notícia”!! (risos) Foi essa a barragem que eu vivi.

– Houve algumas propostas, três para ser mais preciso, para um *come-back* dos Heróis do Mar, mas eram altas trapalhadas; não eram propostas para nos servir a nós. Faltam-nos condições para isso: ter instrumentos, um espaço de ensaio e, sobretudo, estarmos rodeados de pessoas honestas. Quanto aos Heróis do Mar nos anos 80, aquilo foi uma época miraculosa; nem sei como é que a gente chegou vivos à década de 90! E hoje os Heróis do Mar passam mais na rádio do que nesses anos. Havia um muro de silêncio à volta de nós: coisas giríssimas que a gente fez não passavam. O “Supersticioso”, o “Saudade”, o “Alegria” passam mais agora do que naquela época. Passava o “Amor” e o “Paixão”. Nós fazíamos cem concertos por ano, sempre cheios de público, e não vendíamos 2000 discos. Os Táxi vendiam 200. 000 e nós vendíamos 5000 de cada álbum. Ainda hoje os discos estão aí, não ofendem ninguém, tem bom som, não têm ideias foleiras. Quando se fala num *come-back* duns Pink Floyd ou duns Eagles, tal é incomparável com o mercado português; esses grupos geram milhões e milhões de receitas. Eles decidem fazer um regresso e ainda lhes pagam. Aqui não há nada disso: não há *merchandising*, não se pagam direitos, enfim ... Foi isso que nós sentimos. A gente reuniu-se, com as guitarras, as teclas, começámos a trabalhar, não havia sandes, a editora estava interessada, mas não investia dinheiro, os produtores queriam o concerto, mas não tinham dinheiro, ninguém tinha dinheiro! Nós é que tínhamos a música, o tempo, o dinheiro, os instrumentos... eu, de cada vez que houve uma reunião dessas comprei um baixo novo: já tenho três! Portanto, boa vontade não me

faltou, mas assim que vi que estávamos a enfiar o barrete fui o primeiro a chamar a atenção dos outros elementos dos Heróis do Mar.

**NOTAS SOBRE CONVERSAS COM O IRMÃO DE VARIAÇÕES,  
JAIME RIBEIRO**

**Enquanto estive a estudar o acervo de António Variações, ao cuidado do Dr. Jaime Ribeiro, pude trocar com ele algumas impressões acerca do cantautor, que me pareceram úteis, de que aqui dou conta.**

### **Minho e Catolicismo**

– “Aqui em Lisboa não era praticante, mas lá na terra ia à missa. Havia de o ver, uma vez foi connosco fazer a visita pascal, todo aprumado, de fato preto e sapatos de verniz.”

– “Eu sei que ele rezava. Ele disse-me que rezava ao seu Anjo da Guarda.”

– “No Minho rezávamos o terço todos os dias. Quando estava calor, abriam-se as portas dos dois lados e continuava-se a rezar. Por vezes, a minha mãe estava no quarto dela, e nós respondíamos do nosso ao terço.”

### **Amália**

– “Ele começou por cantar coisas da Amália. Lembro-me dele, ainda jovem, quando vinha à terra, a cantar coisas dela, entusiasmado.”

– “O espetáculo que ele fez com a Amália, era um espetáculo dela, não dele. Ela não gostou da versão que ele fez do “Povo que Lavas no Rio”, mas depois mostrou que gostava dele”.

### **Política**

– “O António tinha um lado político, pois, tinha um grande sentido crítico, e sabia muito bem aquilo que estava mal, mas não se metia em partidos, nem coisas dessas.”

### **Literatura**

– “Lembro-me de ver na casa do António um livro do Fernando Pessoa.”

– “Ele prestava muita atenção aos textos do fado.”

## **Arte**

– “O António gostava muito de arte. Gostava muito de arte Deco, por exemplo. Ele tinha um bocado a «mania» que era artista e fotógrafo; ele fotografava tudo e mais alguma coisa.”

## **Morte e enterro**

– “Não há bases científicas para provar que ele morreu de Sida. Quer o Dr. Yglésias de Oliveira, quer a Dr. <sup>a</sup> Cristina Câmara disseram que o que ele tinha, e foi disso que ele morreu, pneumonia bilateral.”

– “Ele ia muito à Tunísia. A mim, disse-me que julgava ter sido lá que tinha apanhado a doença”

– “Que eu saiba, ele nunca disse que queria ser enterrado em Lisboa. Ele não sabia que ia morrer. Quando a minha mãe o veio ver, ele já mal tinha consciência das coisas. Além disso, a minha mãe é que decidia. O que ela dissesse, nós fazíamos, pois, ela era a mãe dele.”

– “Nós tínhamos em Fiscal um jazigo, e houve pessoas que não quiseram que ele ficasse lá,. Com medo que ele pegasse alguma coisa a alguém. Hoje já não é assim, pois, temos agora um jazigo que é só nosso, da nossa família.”